

HISTORIA

Jeans

DAS

CAMPANHAS DO URUGUAY, MATTO-GROSSO E PARAGUAY

BRAZIL

1864-1870

PRIMEIRO VOLUME - 1864 - 1865

URUGUAY

POR

E. C. JOURDAN



RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1893

V
921.04
J86
HCU

HISTORIA

INSTITUTO NACIONAL DE HISTORIA Y GEOGRAFIA

URUGUAY

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob número 2654
do ano de 1974

Glenn de Paiva
Rio - Março/55

ADVERTENCIA

Achando o Governo da Republica que uma lacuna sensivel existia na historia da guerra do Paraguay, já pela deficiencia frequente de cada exposição, já porque as descrições de varios autores, ate hoje publicadas, não se completam reciprocamente, e querendo facilitar á classe o estudo e conhecimento perfeito da nossa historia militar, para o aperfeiçoamento de uma tactica e estrategia apropriadas ás condições geographicas especiaes em que nos achamos, bem como para a formação e desenvolvimento de um espirito puramente militar, que traz o estimulo e progresso da classe, resolveu preencher essa lacuna fazendo compendiar e completar as campanhas de 1864 a 1870.

Para desempenhar essa comissão tive a honra de ser nomeado por decisão ministerial de 2 de junho do corrente anno.

Havendo assistido a toda essa longa epopéa como official de um corpo de pontoneiros e tambem como membro da comissão dos engenheiros militares, achei-me em condições de estudar os factos em sua verdadeira e simples expressão.

Durante a guerra preparei em nossos acampamentos o *allas* e o resumo historico da guerra.

Esse esboço foi publicadô em 1870, com o fim de utilidade e como homenagem aos nossos valentes patriotas do exercito e armada.

A publicação actual tem o mesmo fim ; bem como o de mostrar ao Brazil a necessidade de ter sempre em pé de guerra um exercito e armada

poderosos, para evitar a surpresa que tivemos em 1864, achando-se o paiz em um estado deploravel, de desarmamento completo.

Sem o apoio e ordem do governo eu não poderia apresentar este trabalho, cuja publicação teria de ser ainda adiada.

Ordenando a execução deste trabalho, o Sr. Marechal Floriano Peixoto e os Srs. Ministros da Guerra e da Marinha, General Francisco Antonio de Moura e Vice-Almirante Custodio José de Mello, fazem jús ao reconhecimento da nação brasileira e mórmente do exercito e da armada.

Além dos documentos encontrados nos archivos, consultei um grande numero de publicações ; entre outras as dos Srs. Antonio Pereira Pinto, do Instituto Historico do Rio, do Sr. Alfredo de Escragolle Taunay, membro da commissão dos engenheiros militares do exercito e autor da « Retirada da Laguna » ; do Sr. coronel Leite de Castro, do Sr. José Maria da Silva Paranhos, ministro plenipotenciario, do Sr. tenente-coronel Antonio de Senna Madureira, do Sr. Luiz Vieira Pereira, do Sr. coronel Francisco Manoel da Cunha Junior, quando commandante do 36º de voluntarios da patria, do Sr. capitão Pimentel, do Sr. chefe de esquadra Ignacio Joaquim da Fonseca, do Sr. capitão de fragata Meirelles, as notas do Sr. Fernand Etchebarn, as obras de Du Graty, Fisch, Thompson, Garmendia, Schneider, annotadas pelo Sr. Barão do Rio Branco e pelo Sr. T. Alves Nogueira.

Quanto á parte politica, muito coadjuvou a alta competencia e patrioticos ensinamentos do Exm. Sr. Visconde de Cabo Frio, director geral do Ministerio das Relações Exteriores.

Rio de Janeiro, outubro de 1892.

O TENENTE-CORONEL

E. C. Jourdan

Bleuo de Saiva
Rio - Maio - 1955

PRIMEIRO PERIODO

PRIMEIRA PARTE

1864-1865

Guerra entre o Brazil e a Republica Oriental do Uruguay .

Ataque e tomada da Villa do Salto .

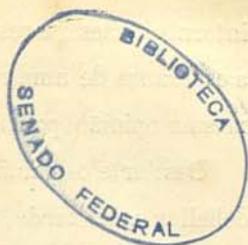
Assedio, assalto e tomada de Paysandú .

Assedio e submissão de Montevideo .

Declaração de guerra pela Republica do Paraguay ao Imperio do Brazil .

Apprehensão do paquete commercial *Marquez de Olinda*, em tempo de paz .

Convenção de paz de 20 de fevereiro de 1865, entre o Imperio do Brazil e a Republica do Uruguay .



PROLOGO

Na infancia da organização politica do Brazil a imprensa e a tribuna se mantinham em uma attitude honrosissima, conservando-se na estacada, profligando os erros da alta administração e procurando contel-a em suas legitimas fronteiras.

Pouco a pouco se foi entibiando este nobre estimulo, e actualmente não se respeitam mais os limites de cada esphera de acção, operando-se porfiadas conquistas em dominios alheios ; e, como consequencia inilludivel desta exorbitancia, a decadencia destes sãoos principios se tem feito sentir de modo prejudicial ao interesse publico.

Celebram-se convenções, debatem-se os ajustes sem sciencia e consciencia do paiz, de modo que a opinião publica é apanhada de surpresa, quando se as promulga ; e as apreciações mais ou menos erroneas, que então se fazem, tendem a enfraquecer aquelles actos, ou a prejudicar as intenções rectas e as vistas fecundas e futuras com que foram elaborados.

A politica tradicional, as intervenções do Brazil nos Estados do Prata tem sido as palavras magicas, as phrases ôcas, mas retumbantes, que se tem empregado para definir um systema que se atira como labéo ao Governo do Brazil, mas que na realidade jamais foi por elle esposado.

Entretanto esta accusação tem servido sempre de ariete de guerra, quer nas luctas politicas internas, quer nas externas ; convem, pois, salientar os factos que demonstram ser ella a mais grave injustiça que se faz ao Brazil.

Os partidos militantes, sem nenhuma orientação politica e obedecendo a instinctos apaixonados, dão o character de questões politicas ás pendencias

internacionaes ; e restolham neste campo, si divisam no correr dos debates a esperanza de uma reconstituição ministerial em que figurem homens da mesma opinião politica.

Dest'arte os partidos da opposição cream serios embaraços, que teem a debellar mais tarde, quando no poder.

Os nossos visinhos, mais astutos, aproveitam-se dos argumentos da propria imprensa e tribuna brazileiras, não só para confirmar a sua propaganda contra os intentos de absorpção que attribuem ao nosso Governo, como para corporisar e sustentar seus pretensos direitos.

No Brazil é muito commum ouvir-se da opposição exclamações exageradas e retumbantes como, por exemplo : — *Quereis resurgir a politica tradicional ; a politica odienta das annexações e da conquista, a politica da discordia por algumas pollegadas de territorio ! !*

Entretanto, si quizesse o Brazil hoje applicar aos seus visinhos a chamada politica tradicional, commetteria um anachronismo ridiculo, que só teve applicação possivel e razão de ser na época colonial.

Por sua vez esta razão de ser explica-se pelas exigencias occasionaes : Duas nações da Europa esforçavam-se em alargar os seus dominios por novos descobrimentos ; equipavam grandes expedições e despendiam á larga na empreza de devassar novos horizontes ; e portanto não é de estranhar que tentassem levar as suas balisas ao maior extremo, ou pela ambição de territorios ricos em mineraes preciosos, ou para encontrar divisas naturaes e seguras que defendessem os seus dominios.

Era a conquista em pleno desenvolvimento, é certo ; mas a conquista em territorios vagos e devolutos, que os raios da civilisação vinham allumiar.

E quaes as vantagens que della auferiu o Brazil nos tempos coloniaes ?

Firmou o seu dominio em uma grande zona de Matto Grosso, que a Hespanha disputava, valendo-se da Bulla Alexandrina e de antigos tratados.

D. Juan II reclamou contra a Bulla de Alexandre VI, firmando-se o tratado de Tordesillas a 7 de junho de 1494, e a escriptura de Saragossa a 22 de abril de 1529, mais favoraveis a Portugal.

A questão de limites continuou até á celebração do tratado de 1º de outubro de 1777, ou antes, até 1801, anno em que, sobrevindo uma guerra entre Hespanha e Portugal, cada uma destas potencias conservou, terminada a lucta, o *uti possidetis* em que se achava antes.

Esta politica plantou as quinas portuguezas nos muros de Montevideó ; porque os estadistas luzitanos comprehendiam que este era o limite natural do Brazil pelo Sul ; e quando em épocas anteriores se estabelecera a linha divisoria entre as possessões de Hespanha e de Portugal, ella tinha seu termo em Castilhos Grandes. Isto foi consequencia do tratado de 13 de janeiro de 1750.

Essa mesma politica conquistou as Missões, grande parte da provincia do Rio Grande do Sul, territorios no Pará, a posse temporaria de Cayenna e sustentou sempre com energia o limite do Brazil pelo Oyapock.

Foi ainda essa mesma politica que esfacelou o Vice-Reinado do Prata, ⁴ livrando o Brazil de maiores embaraços que dalli poderiam ter vindo e que parecem renascer agora.

Eis ahi o que foi a *politica tradicional colonial*, que era seguida com firmeza e resolução.

O contrario deu-se no tempo do Imperio, que adoptava a politica moderna das tergiversações, das tangentes, dos zig-zags e das condescendencias ; o que fez recuar o limite Sul do Brazil até o Chuy e neutralizou o territorio do Amapá, aquem do Oyapock, bem como o do Pirara, aquem dos limites com a Guyana Ingleza.

E si assim acontece, quaes são, pois, os factos que revelam o proposito, attribuido ao Governo brasileiro, de restaurar a politica tradicional colonial, relativamente aos Estados do Prata ?

Examine-se a questão com o espirito desprevenido, e para isso volva-se a uma época mais remota, a da fundação do Imperio.

Logo em seguida á declaração da independencia, um dos primeiros cui-

⁴ A independencia das colonias hespanholas teve logar em 1810-1811, emquanto a do Brazil teve logar em 1822. 5

dados do Governo Imperial foi manter relações de cordial amizade com as republicas vizinhas ; e para isso acreditou junto ao Governo de Buenos Ayres a Symphronio Maria Pereira Sodré e depois a Antonio José Falcão da Frota, e junto ao Governo do Paraguay a Antonio Manoel Corrêa da Camara.

Não correspondeu, porém, o Governo de Buenos Ayres a esta expectativa ; pois dalli partiram os estímulos para a revolta da Provincia Cisplatina, ¹ assalariando os caudilhos que deviam dirigil-a ; e de tal modo se houve Buenos Ayres nessa questão, que o Brazil viu-se obrigado a declarar-lhe a guerra.

Bem triste é a historia daquelles tempos: A má direcção da guerra, o exaltamento da linguagem na imprensa e na tribuna brazileiras daquella época, as insinuações tendentes a fazer crer que o Governo brazileiro tentava voltar á politica tradicional colonial, foram poderosos auxiliares aos intentos da propaganda argentina contra o Brazil.

Verificada a separação da Cisplatina, não consentiu, porém, o Governo brazileiro que fosse ella incorporada ao Estado de Buenos Ayres, como havia sido calculado por seus homens politicos ; e constituiu-a em nação livre e independente, tornando-se garante de sua autonomia.

Isto prova que ao Governo daquella época não se podem attribuir planos de conquista.

Em 1818 e 1819, quando se tratava da entregã de Montevidéo á Hespanha, foi estipulado que se pagaria a Portugal uma indemnisação de sete milhões e meio de francos, ou se faria a cessão de uma área territorial na fronteira.

Pelo tratado de paz de 27 de agosto de 1828 o Imperio renunciou a qualquer compensação.

Como, pois, pôde ser procedente a censura que se articula contra o Brazil, no sentido de insaciavel cubiça, para arredondar o territorio nacional com prejuizo do dos nossos vizinhos?

O contrario provam os factos, pois que, no interesse da paz, embora o

¹ Depois Republica do Estado Oriental do Uruguay.

uti possidetis, perfeitamente comprovado, sempre o Brazil perdeu territorios, como se prova à simples vista dos tratados.

Ao sul do Brazil corria a fronteira por Castilhos Grandes, de conformidade com as clausulas do tratado de 1750, a que era licito recorrer como documento historico ; ao passo que pelo tratado de 12 de outubro de 1851 o Brazil recuou a sua fronteira até o Chuy.

Ainda mais : esta concessão não satisfazendo completamente à ambição do Governo Oriental, foram modificadas as clausulas daquelle tratado pelo de 15 de maio de 1852 em sentido favoravel às exigencias daquelle Governo.

O tratado de 23 de outubro de 1851, relativo à linha do Pirara, tambem prova o sentimento de moderação e desejo de paz por parte do Brazil.

A neutralisação do Amapá sustenta com prudencia os direitos do Brazil à divisa pelo Oyapock, embora houvessem sido sancionados pelos tratados de Utrecht e de Vienna e defendidos sempre pelos estadistas portuguezes.

A neutralisação do Pirara pelo lado da Guyana Ingleza veio fortificar os argumentos que apresentava o Brazil em favor dos seus direitos a este territorio, e ao mesmo tempo mostrar a sua moderação e amor à paz, sustentando, porém, seus direitos.

O tratado com a Bolivia em 27 de março de 1867 provou exuberantemente a maior lealdade e franqueza por parte do Brazil e o desejo de conservar relações amigaveis com os seus visinhos.

Em vista deste retrospecto, parece ficar provado à sociedade que a politica externa do Brazil, desde a sua independencia, foi sempre diametralmente opposta à politica tradicional colonial.

Poderá dizer outro tanto a Republica Argentina?

Os factos demonstram que a politica daquelle paiz tendeu sempre à reconstituição do Vice-Reinado do Prata, ao enfraquecimento dos seus visinhos pelas dissensões intestinas, afim de augmentar o seu territorio e a sua importancia politica.

Foi nesse intuito que aquella republica reluctou muitos annos para reconhecer a independencia da Republica do Paraguay, querendo obrigar-a a submeter-se ao Governo de Buenos Ayres.

Foi ainda para satisfação e execução desse mesmo plano politico que a clausula 16^a do tratado da Triplice¹ Alliança exigia que, terminada a guerra, ficasse pertencendo à Republica Argentina todo o Chaco Paraguayo, antiga conquista e posse daquelle paiz além do Rio Vermelho e até Bahia Negra. Ainda não satisfeita, apossou-se tambem do Departamento da Candelaria, da Republica do Paraguay, limitando pelo mesmo art. 16 o territorio daquella republica pelo rio Paraná; e vindo, por força desta usurpação, a limitar com o Brazil a Nordeste pelos rios Iguaçú e Santo Antonio.

Assim, pois, a guerra que teve o Brazil com o Paraguay (1864 a 1870) foi para a Republica Argentina o seguimento feliz da sua politica de annexação e augmento de territorio; havendo para isso concorrido impensadamente o Brazil, que supportou todo o peso da guerra simplesmente em beneficio da Republica Argentina.

E finalmente, como confirmação actual desse mesmo plano politico, de longa data premeditado pelos governos argentinos, o Brazil, depois de constituido em Republica e soffrendo com a sua boa fé e benevolencia as consequencias dos actos impensados e dos erros dos governos da monarchia, vê posto em duvida pelos argentinos² o seu incontestavel direito ao territorio das Missões.

A politica do Brazil tem sido quasi sempre a politica das intervenções; mas esta é consagrada pelos factos, pelos exemplos frequentes, por conselho dos legisladores internacionaes, e principalmente pelo direito, que tem cada paiz, de velar pela honra nacional e de garantir a integridade do seu territorio.

¹ Sabemos que o tratado da Triplice Alliança foi elaborado pelo ministro argentino e os conselheiros Saraiva e Octaviano de Almeida Rosa, e que não foi consultada a Secretaria de Estrangeiros do Rio de Janeiro.

² O Governo Imperial consentiu que se levantasse a planta do territorio das Missões quando os direitos do Brazil sobre essa região eram incontestaveis, à vista dos tratados anteriores.

De longa data a politica de intervenção do Governo brasileiro nas republicas platinas ha sido praticada por duas fórmas : ou quando reclamada para garantir a integridade e o socego das suas provincias fronteiras, ou quando instantemente solicitada pelas mesmas republicas.

Quer n'um, quer n'outro caso, porém, a conducta do Brazil tem sido a mais generosa, a mais recta e a mais desinteressada possivel, como se deprehende do rapido exame retrospectivo que em seguida fazemos.

Intervenção de 1851

Apoderando-se da cidade de Montevidéo, como estava prestes a fazel-o, e annexando a Republica do Paraguay á sua jurisdicção, não difficil seria ao dictador Rosas realizar subitamente a invasão do Rio Grande do Sul, onde, uma vez acastellado, abriria a *guerra de notas*, para demonstrar, pelos antigos tratados, que o territorio das Missões devia ser incorporado ao da Republica Argentina, e que as fronteiras respectivas deveriam ser recuadas até o Ibicuhy.

Antevendo a realização deste plano, o Brazil impediu-o. Primeiro que tudo era obrigado, pelo tratado de 1828, a garantir a autonomia da Republica Oriental ; e em 1844 havia reconhecido solemnemente a independencia do Paraguay. Não podia, portanto, permittir que estes dous Estados fossem absorvidos pela Republica Argentina.

O principio da liberdade de navegação dos rios, consagrado pelo Brazil na letra do tratado de 27 de agosto de 1828, combatido tenazmente pelo dictador Rosas, como se vê dos tratados de 24 de novembro de 1849 e 31 de agosto de 1850, por elle impostos á França e á Inglaterra, estatuiua tambem a intervenção do Brazil nessa questão. Assim, pois, o Governo brasileiro movimentou suas forças de mar e terra, e abrindo o seu Thezouro firmou a paz nas regiões do Prata, consolidou a independencia do Paraguay e a da Republica Oriental, fez mallograr a invasão do Rio Grande do Sul e proclamou a liberdade da navegação dos rios. Todos estes beneficios devem as republicas platinas á intervenção do Brazil, sem o

sacrifício de uma só pollegada de seus territorios e sem a minima quebra de seus direitos soberanos. O que lucrou o Brazil em troca de tanto desinteresse e longanimidade? e como corresponderam os alliados á lealdade da sua conducta?

Ainda marchavam nossas forças para o Estado Oriental, quando o general Urquiza, antecedendo-se açodadamente ao exercito brasileiro, e sem ferir batalha, celebra com Oribe¹ a convenção do Pantanoso!

O resultado deste convenio elevou ao mando supremo da Republica Oriental a Don Juan Francisco Giró, da parcialidade de Oribe, coadjutor da politica de Rosas.

Mais tarde, em 1855, quando a armada brasileira subiu as aguas platinas para vingar a affronta que o Paraguay atirou ao Brazil, surgiram reclamações do Governo argentino, pretendendo limitar o direito ao livre transito dos rios da Prata e Paraná; sendo de notar que era o mesmo general Urquiza que protestava contra esse direito, que elle mesmo havia sancionado antes com a sua assignatura na guerra contra Rosas.

A intervenção de 1853, solicitada pelo presidente Giró, e mais tarde pelos seus adversarios, então no governo, fez marchar do Brazil para Montevidéo uma divisão de 4.000 homens ao mando do general Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto.

Os serviços importantes e o concurso poderoso que esta intervenção, toda benefica e desinteressada, prestou ao restabelecimento da paz foram patentes pelas proprias autoridades orientaes em mais de um documento solemne e realçam a politica generosa e pacificadora do Governo brasileiro.

A intervenção de 1855 no Paraguay (missão Pedro Ferreira) teve por fim obter reparação das affrontas dirigidas ao ministro brasileiro; mas não liquidou a questão de limites; e o direito á livre navegação do Paraguay e Paraná, estipulado pelo tratado de 25 de dezembro de 1850, foi de novo estipulado, sem menção do tratado de 1850, como si não se pudesse

¹ Oribe era logar-tenente de Rosas e sitiava Montevidéo.

concluir este direito daquella fonte. Esta intervenção trouxe para o Brazil as seguintes lamentaveis consequencias :

- 1.º— Quebra de sua força moral nos paizes platinos ;
- 2.º— Grandes despesas para a força que mandou ao Paraguay ;
- 3.º— Odios e desconfianças implantados naquella republica contra as intervenções do Brazil ;
- 4.º— O proposito firme de fazer uma guerra ao Brazil, confirmado pelos preparativos consequentes e immediatos, como fossem as fortificações, a compra de armamentos e a organização de um numeroso exercito, relativamente disciplinado.

Ainda em 1858 e 1859, estando o partido blanco no governo da Republica Oriental, pediu a intervenção do Brazil contra o movimento revolucionario do coronel Brigido Silveira no departamento de Minas; e logo em seguida pediu novamente a mesma intervenção, por ocasião em que o Governo argentino mandava um vapor de guerra transportar à costa de Entre-Rios os refugiados orientaes, entre os quaes se achava o general Flores; facto este que fez renascer em Montevideo o receio de que desembarcasse em portos orientaes alguma força proveniente de Buenos Ayres e apoiada pelo Governo daquella Republica.

A cooperação prestada pelo Brazil nestas emergencias foi sempre modelada pelas regras da maior prudencia; devendo notar-se que, desde que cessava o motivo da intervenção, armada ou diplomatica, o Brazil a retirava immediatamente.

Finalmente, em 1863, por ocasião em que o general Flores invadiu o territorio oriental, o Governo daquella republica pediu de novo a intervenção do Brazil, que apressou-se em mandar o ministro brasileiro em Montevideo em missão especial a Buenos Ayres, afim de obter explicações que, apesar de confidenciaes, dissipassem os receios do Governo oriental.

De tudo isto vê-se que o Brazil prestou sempre aos reclamos da Republica Oriental o seu apoio franco e decidido; e sem attenção ao partido dominante, pois que, assim o fez todas as vezes que esse reclamo partia do Governo reconhecido legitimo pelo paiz.

Esta politica, derivada dos ajustes internacionaes, foi sempre fiel e generosamente desempenhada ; e, entretanto, como correspondiam as republicas platinas aos sacrificios que fazia o Brazil para firmar a paz no sul da America ?

Buenos Ayres arma sem reboço a ilha de Martim Garcia ¹, permanente ameaça á livre navegação dos rios Paraná e Paraguay.

O proprio Urquiza, que firmou o tratado de limites de 1857 (14 de dezembro), renega-o e oppõe todos os obstaculos á sua ratificação.

A Republica Oriental reclamava uma revisão do tratado de commercio de 1851 e pedia novos favores, que lhe foram concedidos pelo tratado de 4 de setembro de 1857 ; mas em seguida sophismou o convenio de permuta de territorios na fronteira de Sant'Anna do Livramento, que havia firmado naquella data.

A Republica do Paraguay, por sua vez, preparava, em seu isolamento, elementos poderosos para uma guerra provavel com os Estados platinos, que envolveria o Brazil, de quem pretendia então desferrar-se do máo resultado que lhe produzira a pendencia de 1855.

Não foi certamente por vontade do Brazil, nem convinha aos seus interesses que se declarasse a guerra e muito menos que ella tomasse as proporções a que chegou.

Prudencio Berro, do partido blanco, porém bastante moderado, ficara responsavel pelos assassinatos de Quinteros ² que havia excitado nos orientaes exilados a maior indignação e a sêde de uma vingança implacavel.

A 16 de abril de 1863 Flores partira de Buenos Ayres para ir apear do Governo oriental o partido blanco ; e, protegido ou apoiado pelos seus

¹ A fortificação de Martim Garcia pôde, com seus canhões, fechar de momento a entrada do rio Paraná.

² QUINTEROS

Mez de fevereiro de 1858

Os colorados foram cercados no rio Negro, no passo de Quinteros, em numero de cerca de 500 homens, pelas forças do Governo blanco de Montevidéo, em numero superior a 2.500 homens das tres armas.

Depois de combater com denodo, no dia 28 de janeiro de 1858, acceitaram a

amigos do partido colorado, conservou-se na campanha, e quasi um anno mais tarde tornou-se o chefe de uma insurreição, apoiada em grande parte do paiz e tambem pelos ricos proprietarios brasileiros, filhos do Rio Grande do Sul, mas que possuiam em territorio oriental grandes fazendas de criação e que pelas odiosas perseguições do partido blanco, que occupava o poder, sympathisavam com o partido colorado.

Infelizmente o mandato de Berró expirou a 1 de março de 1864; e o partido blanco o substituiu por Aguirre, que era o chefe designado, que não queria accordo algum com a opposição, que só aconselhava violencias e vinganças e que era calorosamente apoiado e insinuado por Carreras, mandatario dos crueis assassinatos de Quinteros.

Foi então que Flores intitidou-se o Libertador e sustentou na campanha do Uruguay a insurreição, que a pouco e pouco se foi tornando mais audaz e mais forte.

Aguirre accusava Buenos Ayres de sustentar ao general Flores; e

capitulação que lhes offereceu o general Anacleto Medina, chefe das forças do Governo, que asseverou garantir-lhes a vida.

Os termos da capitulação foram :

- 1.º As forças revolucionarias se submettem ao chefe do exercito constitucional.
- 2.º Os officiaes e soldados serão conduzidos para a capital da Republica, afim de serem postos à disposição do presidente da Republica.
- 3.º O general em chefe e mais commandantes das ditas forças passarão com os seus passaportes para o territorio do Brazil.

Assignado — *Anacleto Medina*.

Parecia, à vista da assignatura do general Medina, que seria respeitada esta capitulação.

O governo, ao receber as participações officiaes da capitulação de Quinteros, depois de alguma hesitação, ordenou que fossem fuzilados todos os prisioneiros.

Expediu essa ordem selvagem no dia 30 pela manhã, pelo capitão José Garcia, que foi rebentando cavallos, e chegou no dia 1º a Durazno, portador da seguinte ordem, arrancada pelo ministro Antonio de las Carreras à imbecilidade do presidente, D. Gabriel A. Pereira :

1.º Deverão ser passados pelas armas os generaes Freire e Dias e os coroneis Tajés e Martinez.

2.º Soffrerá a pena de morte o major Freire, por ter-se revoltado, com parte do esquadrão que commandava.

3.º Serão executados todos os commandantes e cidadãos que arregimentaram forças contra o Governo.

4.º Serão quintados todos os officiaes, de capitão para baixo.

No dia 1º de fevereiro foram fuzilados os generaes Don Cesar Dias e Don Manoel Freire ;

Os coroneis Francisco Tajés e Eulalio Martinez.

No dia 2 foram fuzilados seis tenentes-coroneis, tres capitães, um 1º tenente,

si possuisse então uma esquadra, é provavel que houvesse declarado a guerra á Confederação.

Com relação ao Brazil, os factos eram mais graves:— Os brasileiros proprietarios no Estado Oriental haviam sido ainda poupados e até certo ponto considerados por Berro ; mas Aguirre passou a tratá-los do modo mais odioso e mais cruel possivel ; até que em março de 1864 esta conducta dera logar a que o deputado Pimenta Bueno formulasse uma reclamação contra taes abusos.

Embora o Governo declarasse que não tinha competencia para intervir nas questões internas do Uruguay, prometteu, todavia, agir, por intermedio do seu representante em Montevidéo.

Assim o fez ; mas a prevenção contra os brasileiros era por tal modo exagerada, que, não obstante a circumspecção e prudencia dessa intervenção, a imprensa oriental levantou uma verdadeira campanha de accusações, cada qual a mais ridicula e mais odiosa, contra o Brazil.

quatro tenentes e um 2º tenente ; e foram degolados : o major Estevan Saccarello, italiano, e dous sargentos orientaes.

Continuando a marcha para Montevidéo no dia 4 em Santa Lucia, foram degolados : 16 soldados de infantaria, italianos de nacionalidade, 10 francezes e oito hespanhóes.

No dia 5 mais oito soldados de infantaria, no dia 6 o capitão Pedro Duval.

Foi mais no dia 11 degolado um pardo criado de um dos officiaes fuzilados ; além desses lancearam 68 soldados de cavallaria e 18 soldados de infantaria, que atrazaram-se na marcha a pé para Montevidéo ; ao todo foram mortos 152, entre officiaes e praças, que são os martyres de Quinteros.

A commissão que foi nomeada para deliberar si deviam ser fuzilados os martyres de Quinteros, compunha-se de — Candido Juanico, presidente da Camara de Justiça, Jayme Ilha, *Atanacio Aguirre*, Luiz Herrera, *Antonio de las Carreras*, André Gomez, Brito del Pino, Errasquin, F. V. Reyes, Octavio Lepido, Juan J. Herrera e Bernardo P. Berro.

Do exercito do Governo commandado pelo feroz Anacleto Medina, faziam parte os coroneis Lasalla, *Basilio Muñoz*, tenente-coronel *Timotheo Apparicio* e outros.

Em 17 de março de 1865 o Governo da Republica Oriental decretou, depois de varios considerandos :

1.º Que os cidadãos sacrificados no passo de Quinteros fossem declarados martyres da liberdade da patria.

2.º Que á custa do Thesouro Nacional se fizessem solemnes exequias e que aquelle dia seria feriado.

3.º Que no cemiterio fosse levantado um monumento, no qual seriam inscriptos os nomes destes bravos.

4.º Que as viuvas e filhos menores destes martyres gozariam o soldo por inteiro das patentes de seus esposos e pais.

5.º Que se publicasse e communicasse a quem de direito.

FLÔRES .

LOURENÇO BATLLE .

Os acontecimentos impulsionados fatalmente tomaram uma direcção que não mais se podia evitar e de que o Brazil não se podia eximir.

Os brazileiros perseguidos no Uruguay eram abastados proprietarios e tinham seus amigos, seus parentes e portanto seus alliados naturaes na provincia do Rio Grande do Sul.

Encontraram, pois, todo o apoio nesta provincia ; e havendo-se constituido chefe e advogado dos interesses brazileiros, contra as perseguições de Aguirre, o general brazileiro Antonio de Souza Netto veio ao Rio de Janeiro e procurou levantar a opinião publica no sentido de uma intervenção armada contra o Governo oriental, para fazer respeitar a vida e propriedades dos brazileiros residentes naquella republica.

O Governo foi coagido a tomar providencias immediatas ; e o ministro de estrangeiros enviou a Montevidéo o conselheiro Saraiva para representar perante o presidente Aguirre contra os abusos e arbitrariedades praticadas com os brazileiros.

Ao mesmo tempo ordenou a concentração, na fronteira, de uma força brazileira de 4.000 homens, ao mando do marechal João Propicio Menna Barreto.

Quando o general Flores, vindo de Buenos Ayres, invadiu o Estado Oriental, Francisco Solano Lopes, presidente do Paraguay, queixou-se ao Governo de Buenos Ayres contra o auxilio prestado ao general Flores e pediu explicações.

Mitre, que era então presidente daquella republica, não respondeu.

Mezes depois, Lopez enviou-lhe segunda nota, e asseverou ao ministro oriental em Assumpção que estava disposto a alliar-se ao Governo de Montevidéo contra Flores, bem como a obstar qualquer intervenção do Brazil e Republica Argentina nos negocios da Republica Oriental.

A 11 de junho de 1864 o presidente Lopez enviou ao Governo Imperial uma nota, em que se offerecia para mediador entre o Governo de Aguirre e o do imperador ; a 17 enviou outra de igual teor ao conselheiro Saraiva.

A 24 respondeu este ministro ; e a 7 de julho Dias Vieira, ministro de estrangeiros, confirmava a resposta de Saraiva por parte do imperador,

declarando que havia devidamente apreciado a nota paraguaya, mas que por emquanto achava sem objecto a mediação offerecida.

A missão Saraiva limitava-se a pedir satisfações de aggravos soffridos pelos subditos brazileiros residentes no Estado Oriental, e a apresentar um *ultimatum*, caso as suas justas reclamações não fossem attendidas.

A 26 de maio J. J. Herrera, ministro das relações exteriores da republica, respondeu, em termos desabridos, que o Governo oriental não attendia a reclamações; e a 4 de junho o conselheiro Saraiva contestou essa nota, appellando para a pacificação interna.

A 6 do mesmo mez os Srs. Elizalde e Thornton, ministros da Republica Argentina e da Inglaterra, offereceram seus bons officios ao ministro Saraiva, que os acceitou.

Os esforços destes tres ministros foram baldados inteiramente, embora o general Flores tivesse acceito a 18 de junho as propostas dos mediadores, do que se assignou um protocollo.

Rompidas as negociações, por haver sido rejeitada por Aguirre uma das condições, retirou-se Saraiva a Buenos Ayres, e a 21 de julho recebeu ordem do Governo Imperial para apresentar o seu *ultimatum*: o que fez a 4 de agosto.

A 9 desse mez foi elle devolvido pelo ministro oriental; a 10 foi respondido, e a 11 deu-se ordem ao almirante Tamandaré para começar as reprezalias, e ao presidente do Rio Grande do Sul para mandar o exercito invadir o territorio oriental.

O primeiro acto de reprezalia foi contra o vapor *Villa del Salto*, que, perseguido pela nossa canhoneira *Jequitinhonha*, encalhou proximo a Paysandú e foi incendiado por ordem das autoridades orientaes.

O exercito brazileiro organizou-se em Pirahy Grande, ao mando em chefe do marechal João Propicio Menna Barreto; e sómente em dezembro pôde começar a campanha na republica visinha.

Esta delonga mostrou mais uma vez a imprevidencia dos nossos estadistas, mandando apresentar o *ultimatum* a 4 de agosto sem exercito

organizado e prompto para apoiá-lo immediatamente, apenas com uma esquadra insufficiente para operações de guerra. ⁴

(1) Esquadra estacionada no Rio da Prata em abril de 1864:

Jequitinhonha,	vapor à helice.	120	cav.
Belmonte	» »	120	»
Parnahyba	» »	120	»
Mearim	» »	100	»
Araguary	» »	100	»
Ivahy	» »	100	»
Amazonas,	vapor de rodas.	300	»
Recife	» »	150	»
Total, cavallos-vapor.		1.110	

Havia 46 peças de artilharia e uma guarnição de 749 homens, entre officiaes, marinheiros e soldados navaes.

Reforçou-se pouco a pouco esta esquadra, e em 1 de abril de 1865 ella se compunha dos navios precedentes, e mais do:

Paraense,	vapor de rodas.	220	cav.
Taquary	» »	100	»
Nitheroy	» »	200	»
Maracanã	» »	80	»
Itajahy	» »	80	»
Beberibe	» »	130	»
Iguatemy	» »	80	»
Araguary	» »	80	»
Ipiranga	» »	70	»
1.040			

dando o total da força em cavallos-vapor 2.150 e para artilharia de 163 bocas de fogo. Com as guarnições com que então se completou esta esquadra tinha 2.384 homens. Reforçou-se mais com a 9ª brigada de infantaria e uma bateria de artilharia com 1.335 homens. Quanto ao exercito, apenas figuraram no assedio de Paysandú 3.476 praças de linha, os mais foram voluntarios e guardas nacionaes.

O exercito brasileiro que figurava nos relatorios com o effectivo de 2.097 officiaes e 23.434 praças, sómente contava existentes 1.735 officiaes e 15.091 praças, disseminadas em todas as provincias.

Ficaram no Brazil em serviço 204 officiaes e 4.669 praças; descontando a força de linha que servia em Matto-Grosso, não pôde o Imperio mandar para o sul sinão cerca de 1.500 officiaes e 8.700 praças de linha do exercito brasileiro de 1864 quando se declarou a guerra.

PRELIMINARES

Quando em agosto de 1864 chegou a Assumpção o novo ministro brasileiro, o Sr. Vianna de Lima, Barão de Jaurú, conheceu em seguida que o presidente Lopez acariciava sentimentos de uma ostensiva má vontade para com o Brazil; mas não julgou que taes idéas passassem de meras intenções ou que se traduzissem mais tarde por actos mais positivos que as manifestações pessoas do presidente Lopez; e assim é que ficou completamente estupefacto ao receber a 1º de setembro um protesto do ministro paraguay, Berges, datado de 30 de agosto, e consubstanciando o principio inadmissivel de que:— « *a segurança e paz da Republica do Paraguay ficavam ameaçadas com a entrada do exercito brasileiro no territorio oriental* ».

Poucos dias depois uma deputação de notaveis da capital, adrede preparada para a comedia que representava o Governo paraguay, compareceu perante ¹ *El Supremo Magistrado*, o presidente Lopez, pedindo a guerra contra o Brazil.

Lopez respondeu o seguinte:

— « A attitude que assume a republica nestes momentos solemnes me faz recorrer ao vosso patriotismo, para ouvir a voz da patria.

E' tempo de fazel-o! O Paraguay não deve acceitar por mais tempo o pouco caso que se tem feito do seu concurso, quando se agitam nos Estados

¹ O titulo de — *El Supremo* —, empregado no tratamento do presidente da Republica do Paraguay, é originario do tratamento que exigia o dictador Francia em 1816, que é o seguinte:— *Excm. Sñr. Don Gaspar Rodriguez de Francia, Supremo Dictador Perpetuo de la Republica del Paraguay.*

visinhos questões internacionaes, que influem mais ou menos directamente para o menoscabo dos seus mais caros direitos.

Vossa união e patriotismo e o *efficaz exercito da republica* me sustentarão em todas as emergencias. »

A' nota de 30 de agosto o ministro brasileiro respondeu com energia mascula, asseverando que — o Governo Imperial estava cumprindo o seu dever, intervindo directamente, perante o Governo Oriental, para que se respeitasse a vida, a honra e a *propriedade dos subditos* brasileiros residentes no Uruguay; e accrescentou ainda que nenhuma consideração o faria sobr'estar no desempenho desta sagrada missão.

A 3 de setembro o ministro paraguayoy expediu segunda nota à Legação Imperial corroborando o protesto de 30 de agosto e declarando, em vista do *ultimatum* do conselheiro Saraiva de 4 de agosto de 1864, que o Governo paraguayoy teria o pezar de tornal-a effectiva, sempre que os factos viessem confirmar o que asseverava o ministro brasileiro em sua resposta.

A 22 de setembro o Governo Imperial approvou o procedimento do seu ministro em Assumpção.

O EXERCITO BRAZILEIRO EM 1864

A victoria de Monte-Caseros em 3 de fevereiro de 1852, em que a divisão brasileira de 4.000 homens, commandada pelo brigadeiro Manoel Marques de Souza, depois Conde de Porto Alegre, collocada no centro da linha de batalha, decidiu da acção, tomando a artilharia argentina que estava postada nas alturas que lhe ficavam em frente, foi um triumpho completo para as armas brasileiras no Rio da Prata e deu muita força moral ao exercito imperial.

Infelizmente os ministerios que se seguiram a 1853 modificaram a sua politica para com as republicas do sul; entenderam que a politica de tolerancia e moderação era a que se devia seguir, e successivamente reduziram os orçamentos da guerra e transformaram o exercito em instrumento eleitoral e em auxiliar da policia e da politica interna official.

O ministerio de 15 de janeiro de 1864 entendeu vencer as questões com Montevidéo por meios diplomaticos, e tanto que em maio de 1864 não se faziam preparativos nem se aprestava armamento algum que mostrasse querer empregar-se a força armada.

Em consequencia das interpellações dos deputados Nery e Ferreira da Veiga, e não para acudir os subditos brasileiros perseguidos pelos *blancos*, o ministerio de 15 de janeiro mandou o conselheiro Saraiva pedir satisfações e ameaçar o Governo oriental com o emprego da força armada.

Não havia força de terra organizada e prompta a marchar na provincia do Rio Grande do Sul.

O enviado brasileiro não esperou que houvesse exercito nas fronteiras e apresentou o seu *ultimatum* a 4 de agosto, entendendo naturalmente que a sua presença bastava, e teve o desgosto de não conseguir do Governo oriental o que o Governo Imperial exigia.

A divisão naval brasileira no Rio da Prata era pequena para operações de guerra.

O Barão de Tamandaré, embora com esta pequena força, bloqueia e assalta Paysandú, desembarcando com 400 homens para tomar aquella praça, guarnecida com 15 bocas de fogo, bem fortificada e com cerca de 1.500 homens de tropa de linha.

Este arrôjo do almirante, si não foi coroado de bom exito, não se pôde classificar de derrota, porque mostrou que os brasileiros ainda eram os valentes de Monte-Caseros; e tanto que o general João Saa não esperou o seu choque e repassou o Rio Negro, em lugar de vir soccorrer Paysandú, como se propunha.

O Governo Imperial não havia tratado de melhorar o estado do exercito, de reorganizar-o, para erguel-o da decadencia total em que se achava.

Havia cerca de 10 a 12 annos que o deputado por Matto Grosso, Antonio Corrêa do Couto, dissera que aquella provincia estava sem defesa e que o Paraguay estava se armando para atacar o Brazil na primeira occasião. Ninguem lhe deu attenção, pois julgavam que o Paraguay não tinha forças para luctar com o Imperio. Era conhecido em 1864 o estado em que se

achava o resto de força, a que se appellidava de — Exercito Brasileiro. — Disperso pelas provincias em pequenos destacamentos, como para tirar-lhe a cohesão e desencaminhal-o de sua missão patriotica, havia-se-lhe dado outros destinos.

Muitos officiaes eram empregados em commissões policiaes e eleitoraes.

Os soldados haviam afrouxado a disciplina militar e muitos não conheciam seus commandantes, porque viviam em destacamentos longinquos.

Em geral não se lhes passava revista, nem se lhes dava exercicios; o seu armamento e equipamento eram velhos e estragados. Com excepção dos corpos da guarnição da Côrte e do Rio Grande do Sul, a força armada não podia, de momento, resistir a qualquer commettimento externo.

Mesmo os corpos da Côrte e Rio Grande do Sul estavam reduzidos a menos de metade dos seus effectivos.

Conservou-se o exercito neste verdadeiro estado de desarmamento até fins de 1864.

No Rio Grande havia muito pouca tropa, quanto ao pessoal, e quanto ao material, os arsenaes esta desprovidos de armamento, de equipamento, de fardamento, de munições e de material de campanha.

Para o regimento de artilharia, alli estacionado, sómente em outubro de 1864 foram mandadas as seis primeiras peças raiadas de calibre 6.

Emfim, era uma miseria o estado do exercito brasileiro, quando fomos insultados e aggedidos pelo Paraguay.

Em outubro foi nomeado o marechal João Propicio Menna Barreto para commandar a reunião de todos esses destacamentos e fracções de corpos, disseminados por toda a provincia, e formar um exercito de 4.500 homens para fazer a campanha do Estado Oriental.

Não entraremos em considerações sobre os motivos pelos quaes o ministerio Furtado, chamado á direcção da guerra, deu o commando em chefe das forças em operações ao marechal Menna Barreto, deixando de parte o marechal Marquez de Caxias, indicado pela opinião publica.

Sahindo o Imperio da somnolencia em que o haviam mergulhado a paz de tantos annos e a confiança nos louros de Monte-Caseros, os brasileiros,

chefes e soldados, civis e militares, mostraram logo a sua aptidão para as armas e o seu valor heroico nos combates ; e conquistariam para o Brazil a consideração e reputação de primeira nação da America do Sul, si os governos que succederam á guerra sustentassem aquella importancia adquirida á custa de tantos sacrificios e de tanto sangue.

A campanha do Paraguay foi a maior guerra da America do Sul. Teve uma duração que nenhum dos contendores imaginou.

De accordo com a celebre phrase do presidente Mitre — « em 15 dias aos quarteis, aos tres mezes em Assumpção » — ella seria terminada em pouco tempo.

Para os directores da politica no Brazil ella não passava, em começo de 1865 — « de um passeio ao Rio da Prata ».

Entretanto durou cinco annos a guerra, porque foi preciso invadir um paiz desconhecido e atacal-o pelo lado mais forte.

Durou cinco annos, pela direcção que se lhe imprimiu, tomando-se o Rio da Prata para base de operações e affirmando-se que o exercito não podia operar sem a esquadra.

Durou cinco annos, porque o tratado da Triplíce Alliança não sómente deixou de attender a interesses futuros do Brazil, como obrigou os generaes brasileiros a subordinarem-se ao presidente Mitre.

Durou cinco annos, finalmente, porque sómente em 1867 realizou-se a unidade de commando na pessoa de um general experimentado, que foi indicado aos directores da guerra no Rio de Janeiro pelos desastre sde 16 a 18 de julho de 1866 e pelo de Curupaity.

A missão do conselheiro Saraiva tinha por objecto ¹ obter satisfações de aggravos recebidos pelo Imperio, desde 1852, nas pessoas e propriedades de subditos brasileiros residentes no Estado Oriental.

¹ Nota das reclamações e queixas do Governo brasileiro ao da Republica Oriental, que sempre as sophismou, motivando a entrega do *ultimatum* de 4 de agosto de 1864.

Em 20 de fevereiro de 1847 o presidente do Rio Grande do Sul affirmava terem sido saqueados e assassinados 139 brasileiros no Estado Oriental, de 1843-1847.

Pelo relatório do Ministerio das Relações Exteriores de 1857 vê-se que a 31 de agosto de 1852 foram assassinados o guarda nacional Joaquim Silveira e o cidadão

A 27 de abril de 1864 sahiu do Rio de Janeiro o conselheiro José Antonio Saraiva, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brazil em missão especial junto ao Governo do Estado Oriental do Uruguay. Como seu secretario levou o Dr. Aureliano Candido Tavares Bastos, então deputado pelas Alagôas. A 6 de maio chegou a Montevideô, e a 12 apresentou suas credenciaes ao presidente da republica, sendo o acto revestido da maior solemnidade.

Ao apresentar-se-lhe, declarou Saraiva que sua missão tinha especialmente por fim « conseguir que por meio de uma politica previdente, e com perseverança executada, fossem garantidos os direitos e os interesses legitimos dos seus concidadãos domiciliados no interior da republica. »

O presidente respondeu : « O Governo oriental não tem podido nem pôde deixar de reconhecer a reciproca conveniencia de manter a mais franca, leal e amigavel relação com o de Sua Magestade o Imperador do

Manoel Nobre ; bem como que, contra o art. 4.^o do tratado de commercio, foi exigido o imposto de 680 réis por cabeça de gado vindo das estancias brasileiras do Estado Oriental para o Brazil.

O relatório de 1858 menciona a prisão dos brasileiros Antonio Medina e Adriano Muniz Fagundes, o assassinato de Manoel Custodio, Claudino da Silva, as violencias e o roubo praticados contra Antonio de Lima.

O relatório de 1859 menciona o assassinato do Paulista José Vieira, a prisão e processo injusto contra o brasileiro Boaventura Alves, o processo de Bernardino José da Silveira, preso sem culpa em 1854, obrigado a trabalhos forçados nas obras publicas e encarcerado até 1857, a extradição negada do desertor José Ignacio da Silva, o assassinato de Manoel Ribeiro dos Santos pela policia do Cerro-Largo, o assassinato de Pascoal Nolasco a 13 de fevereiro de 1854, o assassinato do estancieiro Eduardo Taylor no dia 21 de fevereiro de 1858 e o de Leonardo da Silva, casado e com 11 filhos, atrozmente torturado em Aceguá, o de Mariano Borba no Chuy, o attentado de um commissario de policia mandando prender e assassinar os brasileiros Manoel José de Sant'Anna, Manoel Leão e Manoel do Couto, por não terem querido servir no exercito oriental, e finalmente o assassinato de Mancel Antonio da Silva em Santa Rosa por um cabo e dous soldados da policia.

No relatório de 1860 consta ainda o assassinato de mais nove subditos brasileiros em diversos logares e datas, a saber: Fortunato da Silva, Antonio Domingos, José Luiz de Souza, João Alves da Fontoura Riquinho, Manoel André, José Orlando, Joaquim de Moraes Cunha, Severino Antunes e um cujo nome não é mencionado.

Além disso, o roubo da herança do assassinado Fortunato da Silva, o roubo, pela policia, de dous filhos menores do brasileiro N. Barreto, o assalto e roubo á casa de Janeiro Antonio de Araujo, as torturas e extorsões soffridas por seus filhos Janeiro e Tristão, as violencias praticadas contra a pessoa e bens de Serafim José dos Santos, os attentados commettidos por uma força oriental ao mando do alferes João Senna, não sómente contra as pessoas e propriedades dos subditos João Henriques e Anacleto José Soares, em territorio brasileiro, invadido por aquella força, bem como os insultos, mãos tratos e desarmamento de dous guardas da fronteira brasileira.

No relatório de 1861 vê-se a expolição de Serafim José dos Santos por autoridades orientaes, as torturas que soffreram Sebastião Amadeu, Felipe José Pires

Brazil ; e crê ter dado provas de sua solicitude para que estas boas relações sejam permanentes e inalteradas, e recebe com satisfação a missão de S. Ex., dirigida a tão importante objecto.»

Quatro dias depois o plenipotenciario brasileiro recebia do ministro das relações exteriores da republica, Juan José Herrera, uma nota, datada de 16 de maio, declarando-lhe que o presidente da republica havia ficado satisfeito com elle, pelo espirito de que S. Ex. se mostrara animado ; e que, não obstante, lhe ordenara que fizesse saber, antes de tudo, ao Sr. conselheiro Saraiva, relativamente ás tropas brasileiras que estacionavam na fronteira da republica, que, em qualquer circumstancia, a passagem, não consentida, de tropas brasileiras pelo territorio oriental seria considerada como um ultraje á soberania e independencia da republica ; e que esta passagem seria um passo tanto mais grave, quanto mais difficeis já eram as circumstancias em que o paiz se achava, por causa da invasão de Flores.

A 18 de maio, e sem responder ás insinuações da nota oriental de 16, o conselheiro remetteu ao Governo oriental a sua nota de reclamações. Nella ponderava que as constantes reclamações do Governo Imperial, com

e José Vicente, a imposição do serviço militar a João de Moraes Ortiz, Manoel Cunha e Francisco Berro, o varejamento das casas de José Rodrigues Penteado e de Raymundo pela força armada, o assalto e saque da casa do brasileiro Condeixa e ferimento grave de seu filho, as violencias soffridas por José de Oliveira, Manoel Salvador, Zeferino Oliveira e João Gutierrez, recrutado arbitrariamente, a prisão e torturas de Manoel Marques e os assassinatos dos seis brasileiros seguintes: Francisco Borges, Ignacio Pereira da Silva, N. Corrêa, Valentim Moreira e Florisbello da Silva.

No relatorio de 1862 vê-se mais: o assassinato de cinco brasileiros pela policia e tropa de linha, sendo o de maior gravidade o de Domingos de Moraes, guardião da canhoneira de guerra *Ivahy*, que havendo ido à terra com licença, uniformizado e desarmado, foi preso por um sargento do 1º de caçadores orientaes, sob o falso pretexto de ser desertor oriental, levado para o quartel, maltratado e mortalmente ferido por um official oriental, o assassinato de Astrogildo Torres, a depredação das casas de muitos brasileiros do departamento de Maldonado, a ponto de serem obrigados a abandonar as suas propriedades e refugiarem-se no Rio Grande.

Vê-se mais que a 16 de novembro de 1861 foi arrancado e arrastado pelas ruas o escudo com as armas imperiaes, que indicava a casa do nosso vice-consul em Tacuarembó, sendo o autor desse insulto o proprio cunhado do chefe politico da localidade.

Finalmente, em dezembro foi assaltada a casa da proprietaria brasileira D. Anna da Silva, confinante com a fronteira.

Pelo relatorio de 1863 vê-se que as forças orientaes do general Lamas praticaram toda a sorte de violencias e expoliações contra as propriedades de Manoel Antonio Braga, na fazenda de Mataperros e nos estabelecimentos agricolas de João Ignacio, de Manoel Ferrão, de Lucindo José Tarrouco e de Lauriano Tarrouco, destruindo, derribando e incendiando as casas, os paiões, os ranchos, os curraes, matando todo o gado, roubando toda a cavalhada e queimando as cercas.

relação aos crimes commettidos por agentes da republica contra subditos brazileiros, sempre haviam sido desattendidas, a ponto de gerar no espirito dos brazileiros domiciliados na republica a convicção de que os esforços do seu governo eram inefficazes para garantir-lhes a vida, a honra e a propriedade. Que por isso a descrença e o desespero geraram animosidades deploraveis que, estimulando o desforço pessoal dos offendidos, de longa data, os tornaram auxiliares da guerra civil, não obstante os conselhos e ordens do Governo Imperial.

Que aquelles brazileiros apoiavam a causa do general Don Venancio Flores, exhibindo perante o Governo Imperial, como motivos de seu procedimento, não a sympathia a este ou áquelle partido politico, mas a necessidade de defenderem a sua vida, honra e propriedades contra os proprios agentes do Governo da republica. Que o grito daquelles brazileiros repercutia em todo o Imperio e principalmente na provincia visinha do Rio Grande do Sul, e que o unico meio de acalmar aquella exaltação era de promptamente fazer o Governo da republica justiça ás reclamações brazileiras.

Disse mais : com esta esperanza, o Governo Imperial, pelo seu ministro, solicita do Governo da republica as seguintes providencias :

1.º— Que o Governo da republica faça effectuar o devido castigo, si não de todos, ao menos daquelles dos criminosos reconhecidos, que passeiam impunes, occupando até alguns delles postos no exercito oriental, ou exercendo cargos civis do Estado ;

2.º— Que sejam immediatamente destituídos e responsabilizados os agentes de policia que teem abusado da autoridade de que se acham revestidos ;

3.º— Que se indemnise completamente a propriedade que sob qualquer pretexto tenha sido extorquida aos brazileiros pelas autoridades militares ou civis da republica.

4.º— Finalmente, que sejam postos em liberdade todos os brazileiros que houverem sido constrangidos ao serviço das armas da republica, etc., etc...

A esta nota do plenipotenciario brazileiro o Governo de Montevidéo res-

pondeu a 24 do mesmo mez: «Que a invasão do Estado Oriental fôra organizada e armada em territorio argentino e brasileiro; e que o Governo do Brazil era o culpado dos males que então affligiam a republica.»

A' longa nota do Governo oriental respondeu o ministro brasileiro com outra, de 4 de junho de 1864, sustentando com dignidade a sua nota de 18 de maio e insistindo pelas providencias reclamadas, como unico meio de terminar as divergencias. Terminava a sua resposta dando-se por inteirado de não poder e de não estar disposto o Governo oriental, nas circumstancias então actuaes, a satisfazer as sollicitações amigaveis que o Governo Imperial lhe fazia por seu intermedio.

Dizia mais, em sua nota, que acabava de ser informado de que a poucos dias haviam sido barbaramente assassinadas uma brasileira com sua filha de 16 annos, em Durazno; o que não fazia acreditar o systema de protecção de que gozavam na republica os cidadãos brasileiros.

Devemos dizer que a missão do conselheiro Saraiva foi recebida em Montevideo com prevenção e animosidades, provenientes, não só dos ultimos acontecimentos, bem como das rivalidades tradicionaes entre portuguezes e hespanhóes.

O Estado Oriental debatia-se em guerra civil desde 1862.

Innumeros cidadãos brasileiros, alli residentes, adheriram á causa do general Don Venancio Flores, chefe da revolução contra o Governo da republica. As reclamações do Imperio implicavam a punição de cidadãos orientaes da parcialidade do Governo.

Por isso, embora o Governo Imperial, durante o gabinete 15 de janeiro de 1864, que iniciou a missão Saraiva, se declarasse neutro nas questões internas da republica e asseverasse que guardaria abstenção (palavras textuaes do ministro de estrangeiros em 1864), todavia o facto de suscitar um conflicto, quando não podia o Governo do Imperio impedir que subditos brasileiros se alistassem nas fileiras do *exercito libertador*, faria acreditar ao Governo oriental que as exigencias do Imperio naquelle momento tinham por fim auxiliar o partido *colorado*, cujo chefe era Flores, a subir ao poder; e isto o exasperou. 16

Saraiva, porém, procurou dissipar semelhantes desconfianças por todos os meios a seu alcance, e a sua moderação não podia ir mais longe.

Collocou-se no terreno da solução pratica e tratou de promover a pacificação interna da republica.

Achava-se elle nestas disposições, quando o Governo argentino, não deixando de estranhar que a missão Saraiva fosse acompanhada de forças, entendeu-se com o ministro inglez e iniciou a mediação simultanea da Inglaterra, do Brazil e da Republica Argentina, para a pacificação da Republica Oriental.

Saraiva não hesitou em secundar com seus esforços a acção dos outros plenipotenciarios ; mas aquella tentativa mallogrou-se, e as hostilidades da guerra civil, que haviam ficado suspensas desde o dia 18 de junho, pela negociação de paz, recommencaram no dia 6 de julho, 48 horas depois de denunciada a cessação do armisticio pelo general Flores.

Sabe-se, pelas declarações do Governo Imperial (Relatorios de 1864 e 1865), que, si esta triplice mediação houvesse sido bem succedida, traria como resultado a continuação do mesmo Governo na Republica Oriental, havendo apenas mudança de ministerio. Dar-se-hia alguma influencia ao general Flores, e liquidar-se-hiam mais tarde as reclamações do Brazil.

Não havendo sido, porém, bem succedida a tentativa de mediação, Saraiva apresentou o *ultimatum*, declarando que ia recorrer ao emprego de represalias.

Estas não eram bem definidas ; mas comprehendia-se que o exercito brasileiro, que ia-se organizar na fronteira, e a esquadra imperial dariam protecção aos agentes e subditos do Imperio.

Saraiva declarou que, pelos factos que originaram o conflicto, o Governo brasileiro tinha o direito de fazer represalias especiaes. Não era a guerra, asseverou o conselheiro Saraiva ao Governo oriental ; e, para confirmar a sua asserção, deu por finda a sua missão e retirou-se de Montevideo sem pedir passaportes.

Em consequencia, continuou a legação brasileira permanente em Montevideo ; continuando tambem os consules no exercicio de suas funcções.

A 25 de agosto, anniversario da independencia da republica, os navios brasileiros surtos no porto de Montevideo, ainda em confirmação aos mesmos principios de coherencia, embandeiraram e salvaram a nação oriental.

Fica bem patente que o pensamento do Governo brasileiro era *evitar a guerra*, exercendo com moderação medidas coercitivas que obrigassem o Governo de Montevideo á satisfação a que tinhamos direito.

Desde o momento em que o Governo da republica se mostrasse sinceramente disposto á reparação, a questão estava finda, e as relações amigaveis com a republica restabelecidas.

O Governo Oriental pareceu comprehender a principio a moderação do Governo brasileiro, pois que prestou-se sem reluctancia á primeira exigencia que lhe fez o almirante Tamandaré, chefe da esquadra brasileira, intimando o Governo da republica a immobilisar o vapor de guerra *General Artigas*, que se achava no porto de Montevideo.

Em seguida o almirante brasileiro fez igual intimação relativamente ao vapor *Villa del Salto*, que se achava nas aguas do Uruguay.

Elle tinha carta branca e o modo de exercer as reprezalias ficara ao seu arbitrio.

Em que importava immobilisar aquelles dous vapores, que eram empregados no transporte de tropas e de munições de Montevideo para os pontos do littoral atacados pela revolução?

Era um auxilio involuntario e indirecto, é verdade, mas era um auxilio á causa do *Exercito Libertador*.

O senador José Maria da Silva Paranhos, depois Visconde do Rio Branco, havia previsto este desenlace e no Senado havia anteriormente ponderado: — « Ainda que o Governo Imperial não o queira, nas circumstancias em que se acha actualmente a republica, a sua acção coercitiva ha de traduzir-se em auxilios á revolução. »

O vapor *Villa del Salto* resistiu á intimação, procurou escapar-se e refugiou-se no porto de Paysandú, onde as proprias autoridades orientaes o mandaram incendiar.

Esta occurrencia do *Villa del Salto* originou um facto curioso: O general Flores, vendo que nestas medidas de reпреzalias, que aliás lhe eram vantajosas, o Brazil não se entendia com elle, e habil como era, resolveu tirar partido desta circumstancia.

Conheceu que popularisava a sua causa si produzisse uma demonstração publica de zelos pela dignidade oriental e mandou pedir ao Brazil explicações sobre o facto do *Villa del Salto*.

O commandante da divisão brasileira estacionada no Uruguay prestou-se aos intentos do general Flores, explicando-lhe o facto por um longo officio e asseverando que não tivera intenção de offender a bandeira oriental; e *tanto assim, que mandaria salvar a bandeira da republica com 21 tiros, si o general o exigisse.*

A 14 de setembro o Governo do Paraguay declarou em nota que, sciente do primeiro conflicto da marinha brasileira com o vapor *Villa del Salto*, corroborava as suas declarações de 30 de agosto e de 3 de setembro.

O Governo brasileiro, informado do mallogro da triplice mediação, ordenou ao seu ministro, em 21 de julho, que voltasse a Montevideo e intimasse o Governo oriental a dar as satisfações exigidas, dentro de um prazo marcado, sob pena de passarmos a fazer justiça por nossas mãos.

Saraiva voltou a Montevideo e apresentou o seu *ultimatum* ao Governo oriental a 4 de agosto de 1864.

O Dr. Carreras, ministro de Aguirre, devolveu-o no dia 9, dizendo apenas que era indigno, por parte da republica, acceitar semelhante imposição.

A 10 o plenipotenciario brasileiro declarou que o exercito brasileiro ia entrar em territorio oriental, para proteger os fazendeiros brasileiros, e que o almirante Tamandaré recebera ordem para exercer reпреzalias; e a 11 embarcou para Buenos-Ayres.

Nestas primeiras notas não se fez menção do general Flores; pois o Governo brasileiro havia prohibido ao seu ministro toda e qualquer intervenção directa sobre os planos ou acção do chefe da revolução.

Flores dirigiu-se a Villa Florida, a 20 leguas de Montevideo, e mandou

seu filho, Dom Venancio Flores, como parlamentar, intimal-a a que se rendesse.

A guarnição recebeu-o a tiros, matando-o na mesma occasião.

Seu pae, desesperado, ataca e toma a villa e em seguida manda fuzilar o commandante e sete officiaes, que aprisionou.

Então appareceu a guerra civil com todas as suas atrocidades.

Nessa occasião Aguirre pediu soccorro ao Paraguay.

Em outubro o marechal Menna Barreto foi nomeado commandante em chefe do exercito brasileiro, do qual mandou uma columna em exploração até à Villa de Mello, capital do departamento de Cerro Largo.

Esta columna, em seguida a esta demonstração, não tendo encontrado a guarnição da cidade, por ter-se retirado à sua approximação, voltou a acampar no Pirahy Grande, onde se reunia neste momento o exercite que devia operar a 12 de novembro. O Governo paraguayo, considerando a occupação da Villa de Mello, no Estado Oriental, pelas forças ao mando do marechal Menna Barreto, como acto aggressivo e provocador, declarou que :— « Em consequencia de provocação tão directa ficavam rôtas as suas relações com o Governo brasileiro e impedida a navegação nas aguas da republica para a bandeira do imperio, sob qualquer pretexto ou denominação que fosse. »

Esta nota, ante-datada, sómente foi recebida pelo nosso ministro no dia 13 à tarde, depois deste plenipotenciario ter mandado às 10 da manhã, uma nota pedindo explicações relativas ao regresso do vapor mercante brasileiro *Marquez de Olinda*, que às 9 horas apparecia escoltado por vapores de guerra paraguayos, incommunicavel para a terra ; sendo que este vapor havia seguido dous dias antes para Matto Grosso.

A 10 de novembro, tres dias antes, fundeara em Assumpção o paquete *Marquez de Olinda*, da carreira de navegação do Rio de Janeiro a Matto Grosso, pertencente a uma companhia brasileira, levando a bordo, como passageiro, o novo presidente de Matto Grosso, coronel Carneiro de Campos.

A 11 havia seguido o seu destino, quando Lopez mandou em sua perseguição o vapor de guerra *Tacuary*.

Foi alcançado o paquete cerca de 30 milhas rio acima, preso e conduzido para Assumpção, onde chegou a 13 de madrugada.

Vianna de Lima, sem perda de tempo, protestou em nome do direito internacional contra esta inqualificavel violencia, tornando o Paraguay responsavel e exigindo passaportes para si e para todo o pessoal da legação.

No dia 15 foram-lhe entregues os passaportes, com a resposta de que não entregariam o paquete ; e ao mesmo tempo prohibiu o Governo paraguayo aos navios mercantes, que se achavam no porto, que recebessem a bordo o ministro brasileiro.

Era evidente o proposito de obrigar o plenipotenciario brasileiro a emprehender a viagem por terra, o que era extremamente perigoso, ou re-tel-o como refêm em Assumpção.

No dia 19 foi feita no *Semanario*, orgão official do Governo paraguayo, a declaração de que o *Marquez de Olinda* era boa preza, ¹ os empregados brasileiros prisioneiros de guerra e a carga confiscada.

Felizmente, para o ministro brasileiro, achava-se em Assumpção o ministro norte-americano Wasburn, que logo dirigiu-se a Lopez, fazendo-lhe ver a gravidade do acto que praticava, com a detenção de um plenipotenciario.

Solano Lopez, com receio dos Estados Unidos, consentiu a 29 de novembro, que um navio paraguayo transportasse a legação brasileira a Buenos-Ayres ; os demais passageiros e tripolação do *Marquez de Olinda* foram encarcerados em terra e morreram de mãos tratos, á excepção de um unico empregado de fazenda, que sobreviveu e que é actualmente empregado na alfandega de Corumbá ; é o Sr. Pimentel Belleza .

O coronel Carneiro de Campos morreu no Passo-Pocú, de miseria e desgosto, no dia 4 de novembro de 1867 .

¹ A Companhia de Navegação do Alto Paraguay protestou e reclamou, a titulo de indemnisação, a quantia de 443:653\$771.

De Buenos Ayres o ministro brasileiro expulso de Assumpção dizia ao Governo Imperial :

« *Tenho a firme convicção de que o Brazil inteiro se erguerá para lavar esta affronta.* »

Esta declaração de guerra foi seguida immediatamente pela invasão da provincia de Matto Grosso, e poucos mezes depois pela da provincia do Rio Grande.

A este incidente, inesperado para o Brazil, não se ligou a principio a importancia que se lhe devia dar ; pois havia 50 annos que o Paraguay não se afastava de uma politica de abstenção absoluta ; e demais, uma alliança com a Republica do Uruguay, assim pensavam naquella occasião, não lhe traria vantagem alguma, e tanto mais que não eram Estados limitrophes.

Aquelle brusco despertar, aquella ameaça extemporanea de uma intervenção contra a acção do Brazil na republica do Uruguay, foram considerados no Brazil como actos de mera jactancia, como verdadeira *hespanholada*.

A 22 de agosto o commandante em chefe das forças navaes brasileiras deu conhecimento, por officio dirigido á Legação Imperial em Montevidéo, que estava autorisado a fazer represalias, e deu instrucções ao capitão de mar e guerra, commandante da 3ª divisão, Francisco Pereira Pinto, para inicial-as.

A 28 de agosto o commandante Pereira Pinto exigiu do commandante militar de Paysandú que lhe declarasse si os subditos brasileiros alli residentes podiam contar com a protecção das leis da republica, e si elle estava resolvido a desarmar o vapor *Villa del Salto*.

Leandro Gomez respondeu que continuaria a proteger a vida e propriedade dos subditos brasileiros ; e recusou-se a desarmar o *Villa del Salto*.

A 3 de setembro fez a mesma exigencia ao commandante militar da villa do Salto e teve a mesma resposta.

No dia 7, com as corvetas *Jequitinhonha* e *Belmonte*, deu caça ao vapor *Villa del Salto*, que sahia de Concordia ás 2 horas da tarde. 10

O *Villa del Salto* escapou-se e refugiou-se em Paysandú, onde a guarnição o abandonou, depois de incendial-o.

No dia 31 de agosto retirou-se o ministro residente, Dr. João Alves Loureiro, com a Legação Imperial a bordo da *Nietheroy*. No dia 1º de setembro dirigiu uma circular aos agentes diplomaticos residentes em Montevidéo, referindo-se nella a tudo quanto havia succedido desde a chegada do conselheiro Saraiva até o incendio do vapor *Villa del Salto*.

A 3 de setembro o Governo oriental resolveu cassar o *exequatur* expedido ás patentes consulares do Brazil na republica, notificando esta resolução aos consules brasileiros.

A 7 de setembro o conselheiro Saraiva officia de Buenos Ayres ao presidente do Rio Grande do Sul¹ « que parecia-lhe necessario e urgente que o exercito brasileiro invadissem o territorio da republica, para o fim de expellir do Cerro-Largo, de Paysandú e Salto as forças do Governo de Montevidéo ; e que a divisão que houvesse de effectuar operações de guerra contra Paysandú devia ter a gente e o material necessarios para sitiarem a praça, e tomal-a á viva força, etc. »

A 21 de setembro foi expedido do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, no Rio de Janeiro, um officio ao Barão de Tamandaré, ordenando-lhe peremptoriamente o Governo Imperial que as nossas forças occupassem quanto antes as cidades de Paysandú, Salto e Cerro-Largo...

« Si as forças do general Dom Venancio Flores vierem occupar os departamentos mencionados, desde que, embora como Governo de facto, offercerem as desejadas seguranças á vida, honra e propriedade dos brasileiros, cumprirá que as forças imperiaes se retraiam, pois não tem o Governo de S. M. o Imperador o intento de favorecer uma ou outra parcialidade, etc., etc. » Portanto, o conselheiro Saraiva, retirando-se de Buenos Ayres para o Rio de Janeiro a 7 de setembro, officia ao presidente do Rio Grande dizendo que o exercito brasileiro (que ainda não

¹ A ordem do dia n. 416 do Ministerio da Guerra, de 22 de setembro de 1864, dá a nomeação do marechal Menna Barreto para commandar o exercito que ainda se ia organizar.

estava organizado) devia entrar no territorio da republica e apoderar-se á viva força de Paysandú, Salto e Cerro-Largo. De tudo isto se deprehende que o Governo mandava ordens a um exercito que ainda se havia de organizar.

O presidente, Dr. João Marcellino de Souza Gonzaga, ao entregar a administração do Rio Grande ao seu successor, disse em seu relatorio ¹ a 4 de agosto de 1865 : « Poucas eram as forças de linha de guarnição na provincia ; estas estavam mal fardadas, mal armadas e disseminadas por varios pontos longinuos. O arsenal e os depositos bellicos estavam desprovidos.

¹ Re'atorio com que o bacharel João Marcellino de Souza Gonzaga entregou a administração da provincia do Rio Grande do Sul ao Visconde de Boa Vista, em agosto de 1865:

.....
 Organização de forças.

Assumindo a administração no dia 2 de maio de 1864, poucos dias depois recebi comunicação do chefe da missão especial..... o Sr. conselheiro Saraiva recomendava-me a prompta organização e distribuição dos corpos do exercito nas fronteiras desta provincia..... ao ministerio da guerra por officios de 26 e 30 de maio e 1º de junho de 1864 procurei..... demonstrar a conveniencia de uma divisão de observação para acampar no ponto estrategico das fronteiras..... ponderando então as difficuldades com que se tinha de lutar para organizar e acampar a divisão.

Poucas eram as forças de linha, e estas mal armadas, mal fardadas e disseminadas em diversos pontos longinuos. O arsenal e os depositos bellicos estavam desprovidos de material ; os regimentos não tinham cavallhada, e a estação invernosa approximava-se.

Havia na provincia cinco regimentos e tres batalhões :

O 1º de artilharia com.....	279	homens
» 2º de cavallaria ligeira.....	258	»
» 3º dita com.....	285	»
» 4º dita ».....	274	»
» 5º dita ».....	223	»
» 3º batalhão de infantaria com.....	300	»
» 6º dito ».....	437	»
» 13º dito ».....	447	»
Total.....	2.503	»

Esperava-se mais dous batalhões, o 4º e o 12º..... deduzindo-se as praças incapazes do serviço de guerra, podia-se apenas contar com cerca de 3.200 praças de linha das tres armas.....

Posteriormente, communicando-me a missão especial o mallogro das negociações para a paz no Estado Oriental, deliberei chamar a destacamento mais 2418 praças da guarda nacional formando seis corpos provisorios, dos quaes um mandei que reforçasse a guarnição da fronteira de Missões, e os cinco, formando duas brigadas, mandei incorporar á divisão de operações.

E' este o corpo de exercito que, no memoravel dia 2 de janeiro, cobriu-se de glorias em Paysandú.

de material, os regimentos não teem cavalladas e a estação invernosa aproxima-se. Ha na provincia cinco regimentos de linha. Um de artilharia a cavallo, quatro de cavallaria ligeira, com um total de 1.319 praças, e tres batalhões de infantaria com 1.184 praças.

O Governo imperial mandou a esta provincia o 4º batalhão com 703 praças e o 12º com 511. Deduzindo-se as praças incapazes de serviço de guerra, pôde-se contar apenas com 3.200 praças de linha das tres armas. Por isso foi preciso destacar guarda nacional para completar a divisão de 4.000 homens, que ordenei que acampasse no ponto estrategico escolhido pelo general commandante das armas da provincia.»

O presidente Gonzaga declarou que posteriormente chamara a destacamento mais 2.418 guardas nacionaes, formando seis corpos, um dos quaes foi mandado reforçar a fronteira de Missões; e os cinco, formando duas brigadas, foram reforçar a divisão de observação.

Em meados de dezembro, em virtude das noticias do Paraguay, mandou reforçar a fronteira de Missões com mais 1.071 guardas nacionaes, e mandou organizar a 1ª divisão, ao mando do brigadeiro David Canabarro, de 4.000 homens de cavallaria e de toda a força de infantaria da guarda nacional, activa e de reserva, que fosse possivel reunir nos commandos superiores do Quarahim e de S. Borja.

Esta divisão foi dividida em duas brigadas; sendo a 1ª commandada pelo coronel Antonio Fernandes Lima, e a 2ª pelo coronel João Antonio da Silveira.

Expediu tambem ordens para marcharem para a fronteira do Uruguay o 2º e o 10º batalhões de linha, que haviam chegado á provincia em fins de dezembro, e oito canhões obuzes que havia em S. Gabriel em estado de prestarem algum serviço.

« Até este momento (4 de agosto de 1865) o arsenal de guerra está inteiramente desprovido de armamento de cavallaria, com excepção de lanças.

Tendo-me requisitado o general em chefe do exercito em operações contra o Paraguay a remessa de munições para canhões obuzes, enviei o

pedido para o arsenal de guerra da côrte, porque não era possível satisfazer-o aqui.

Ha grande falta de abarracamentos para a 1ª divisão; daqui só remetti cerca de 600.

Comprou-se materia prima para fabrical-as aqui, visto não poder o arsenal de guerra da Côrte satisfazer os pedidos que daqui tenho feito. »

Tal era o estado de desarmamento daquella provincia durante o periodo de 1864 a 1865, no começo da guerra.

Por isso não devemos admirar-nos de haverem morrido de frio e de molestias adquiridas pela falta de abarracamento, de coberturas, de capotes, etc., tantos companheiros no Estado Oriental, na campanha do Uruguay, e tanto mais que o inverno de 1865 foi rigorosissimo.

Na sessão de 30 de março de 1864, discutindo-se na Camara dos Deputados a lei de fixação de forças de terra, e agitando-se a questão sobre si bastavam 14.000 homens ou si eram precisos 18.000 o deputado Campos disse: No Rio Grande ha tres batalhões de infantaria sob os ns. 3, 6 e 13, com o total de 1.500 homens; quatro regimentos de cavallaria com 1.000 praças e um regimento de artilharia a cavallo com 276 praças, ao todo 2.766 praças de linha. Não ha alli um corpo completo e nas condições desejaveis. Mesmo para exercicios não ha pessoal bastante; e me consta que já se teem fechado os portões quando os corpos sahem dos quartéis.

A Camara votou 18.000 homens ¹ *para as circumstancias ordinarias.*

¹ Em 1864 o exercito brasileiro era composto de :

Estado-maior existente, officiaes.....	511	
1 batalhão de engenheiros com.....	4	companhias
1 regimento de artilharia a cavallo.....		
4 batalhões de artilharia a pé.....	32	»
1 corpo de artilharia a pé.....	4	»
1 » » ».....	2	»
4 companhias de artifices.....	4	»
1 corpo de artifices com.....	2	»
5 regimentos de cavallaria.....	40	»
1 corpo de cavallaria.....	4	»
1 esquadrão de cavallaria.....	2	»
5 companhias de cavallaria.....	5	»
16 batalhões de infantaria.....	128	»
1 batalhão de infantaria, deposito.....	6	»
1 corpo de infantaria.....	6	»

O facto do *Villa del Salto* levantou em Montevideo uma tempestade de odios e coleras contra o Brazil. Aguirre retirou immediatamente o *execratur* aos diversos consules brasileiros e, preparando-se para a lucta a todo transe, lançou um violento manifesto contra o imperio.

Era muito difficil resistir a uma situação cada vez mais entesada, mais irritante.

Crescia diariamente a desconfiança e a má vontade do Governo da republica, bem como a necessidade, para o imperio, de reagir com mais força.

O character e a significação politica que assumiram de então os actos dos chefes brasileiros no Rio da Prata tornaram-se gravissimos e cumpre saliental-os como lição historica.

A' vista dos acontecimentos, e com autorisação superior, o almirante julgou que devia empregar medidas mais energicas, e dirigiu uma nota confidencial aos agentes diplomaticos em Montevideo.

Esse documento foi logo publicado pela imprensa do Rio da Prata e do Rio de Janeiro: Requistava o almirante brasileiro aos agentes diplomaticos em Montevideo que não consentissem que sob as bandeiras de suas nações se transportassem tropas e munições de guerra do Governo oriental para diversos pontos do littoral no Rio da Prata e no Uruguay. Ponderava que os agentes estrangeiros deviam conservar-se neutros no conflicto entre o Governo imperial e o de Montevideo, e declarava que, si elles não prohibissem esse serviço aos seus navios mercantes, a esquadra brasileira

5 corpos de infantaria.....	20 companhias
4 » » »	8 »
2 companhias de infantaria.....	2 »
Total dos officiaes das tres armas.....	1.210
Alferes-alumnos.....	12
Total dos officiaes.....	1.733
Total das companhias das tres armas.....	275
Com praças existentes.....	15.091
Total da força existente.....	16.824

Esquadra brasileira em 1864-65

27 navios de guerra com 1.835 homens de guarnição nos portos do imperio ;
 17 navios no Rio da Prata com 2.784 homens ;
 Nenhum couraçado.

passaria a vigiar os ditos transportes e faria apprehensão do contrabando de guerra.

Os agentes diplomaticos responderam por uma recusa a essa requisição, e estranhando que ella lhes fosse feita.

Devemos reconhecer que a razão estava do lado delles.

De accordo com as declarações do conselheiro Saraiva, que ainda não haviam sido modificadas, qual era a attitudo respectiva de ambos os Governos contendores? — Não estavam em guerra; apenas o chefe brasileiro praticava reprezalias para obrigar o Governo de Montevidéo a um accordo que evitasse a guerra.

Como, pois, se fallava em neutralidade e contrabando de guerra? Qual o fim que parecia ter em vista o almirante? Tolher ao Governo de Montevidéo todos os meios de ir em auxilio dos pontos ameaçados pela revolução?

Os agentes estrangeiros não podiam prestar-se a tal requisição sem, por sua vez, se tornarem auxiliares da revolução, como o Brazil ia sendo.

Parece que o pensamento do Gabinete brasileiro de 15 de janeiro de 1864 era o do conselheiro Saraiva, e o do Gabinete que lhe succedeu em 31 de agosto era o do almirante Barão de Tamandaré.

Em consequencia da resposta negativa dos agentes diplomaticos estrangeiros, o almirante ordenou o bloqueio dos portos de Paysandú e Salto, e entrou em accordo com o general Flores a 20 de outubro de 1864, communicando-lhe o seu plano de reprezalias e procurando agir de accordo com o general oriental, chefe da revolução contra o Governo de Montevidéo.

Acceitava a sua cooperação, offerecendo-lhe a da esquadra e do exercito brasileiro; e desta entrevista resultou o accordo constante das notas reversaes seguintes:

«Quartel General.— Barra de Santa Lucia, 20 de outubro de 1864.

Sr. almirante.— Collocado á frente da revolução oriental, que não se faz solidaria com a responsabilidade que assumiu o Governo de facto de Montevidéo, e contra a qual protestou o paiz por meio desta revolução, que condemna os factos offensivos que se tem commettido contra o imperio do Brazil e seus cidadãos, cumpre-me levar ao conhecimento do Sr. almi-

rante, que julgo necessario tornar communs os nossos esforços para chegar á solução das difficuldades internas da republica e das suscitadas com o Governo do imperio, ao que estou disposto, na intelligencia de que a revolução que presido, em nome do paiz, attenderá ás reclamações do Governo imperial, formuladas nas notas da missão especial confiada a S. Ex. o Sr. conselheiro Dr. D. José Antonio Saraiva, e lhes dará condigna reparação em tudo quanto for justo e equitativo, estiver em harmonia com a dignidade nacional e não for obtido como uma consequencia natural e forçosa do triumpho da revolução.

Fazendo esta manifestação a V. Ex., creio constituir-me écho da opinião de meu paiz, em cujo nome contraio este compromisso, que se realizará apenas for alcançado o completo triumpho da causa que representamos.

Deus guarde ao Sr. almirante por muitos annos.

A S. Ex. o Sr. Barão de Tamandaré, almirante em chefe da esquadra brasileira no Rio da Prata. — (Assignado) *Venancio Flores.*»

« Commando em chefe da força naval do Brazil no Rio da Prata. Bordo da Corveta *Recife*, na Barra de Santa Lucia, 20 de outubro de 1864.

Illm. e Exm. Sr.— Tenho presente a nota que V. Ex. acaba de dirigir-me em data de hoje, na qual me communica que, como chefe da revolução da Republica Oriental do Uruguay, julga necessario unir os seus esforços aos meus para chegar á solução das difficuldades internas do seu paiz e das que tem sido suscitadas ao Governo imperial pelo Governo de Montevidéu, visto que a revolução a que V. Ex. preside reconhece a justiça das reclamações do Governo imperial, formuladas nas notas da missão especial, confiada a S. Ex. o Sr. conselheiro José Antonio Saraiva, e condemna os actos offensivos ao imperio do Brazil pelo referido Governo.

Accrescenta V. Ex. que, ao fazer-me esta manifestação, crê ser o écho da opinião do seu paiz, em cujo nome contrahe o compromisso, que será revalidado, obtido o triumpho da causa que representa, de dar a condigna reparação áquellas reclamações, cujo fundamento V. Ex. tem demonstrado reconhecer.

Fazendo a devida justiça á nobreza dos sentimentos de V. Ex. e á maneira honrosa com que se mostra disposto a reparar estes males e offensas, devo declarar a V. Ex. que terei a maior satisfação em cooperar com V. Ex. para o importante fim de restabelecer a paz da republica, e de reatar as amigaveis relações della com o imperio, rôtas pela imprudencia daquelle Governo, tão anti-patriotico, como injusto em todos os seus actos.

Para tornar uma realidade esta cooperação, a divisão do exercito imperial que penetra no Estado Oriental, com o concurso da esquadra de meu commando, se apoderará do Salto e Paysandú, como repezalias, e immediatamente subordinará estas povoações á jurisdicção de V. Ex., visto o compromisso de reparação, que V. Ex. contrahiu, entregando-as ás autoridades legaes, que V. Ex. designar para tomar conta dellas, e só conservará ahi a força que V. Ex. requisitar para garantil-as de que não tornem a cahir de novo em poder de Montevidéo. Não duvidarei tambem operar com o apoio dependente de V. Ex. contra as forças que se acham em Mercedes e ao norte do Rio Negro, para não só impedir que o general Servando Gomes passe para o sul deste rio com o exercito que commanda, como para obrigar-o a largar as armas. Creio que V. Ex. avaliará o quanto effcaz é o apoio que lhe garanto debaixo de minha responsabilidade, o qual se traduzirá immediatamente em factos, e que reconhecerá nelle mais uma prova de sympathia do Brazil pela Republica Oriental, a cujos males estimaria pôr um termo, concorrendo para constituir o Governo que a maioria da Nação deseja, e que só encontra opposição em um reduzido numero de cidadãos.—Deus guarde a V. Ex.— Illm. e Exm. Sr. brigadeiro general D. Venancio Flores, commandante em chefe do exercito libertador. — (Assignado) *Barão de Tamandaré.*»

Este acto não ficou em segredo ; delle tiveram noticia o Governo oriental, os agentes diplomaticos estrangeiros em Montevidéo, o Governo argentino e o publico em geral pela imprensa.

Encontra-se entre os annexos ao relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Era o principio da alliança entre o Brazil e o chefe da revolução ; e, á

vista deste facto, o Governo de Montevidéu ficou possuido da maior irritação contra o Brazil. O Governo argentino conservou-se em neutralidade, quanto à lucta interna do Estado Oriental, e continuou a prestar o seu apoio moral ao Governo imperial.

O corpo diplomatico em Montevidéu, vendo que os factos praticados pelo Brazil entravam em apparente contradicção com as declarações officiaes, conservou-se de prevenção contra o imperio.

Por outro lado, desde a nota de 30 de agosto estava o Brazil ameaçado de intervenção armada por parte do Paraguay.

A 9 de novembro foi nomeado ministro plenipotenciario no Rio da Prata, com plenos poderes para negociar e celebrar quaesquer ajustes concernentes ao estado de guerra, em que o Brazil se achava com o Governo de Montevidéu, o conselheiro Dr. José da Silva Paranhos.

Quando a 2 de dezembro de 1864 chegou a Buenos-Ayres o novo ministro, encontrou a situação politica bastante aggravada e mais difficil o restabelecimento das relações amigaveis entre os contendores. Encontrou a alliança do Brazil com Flores e a sua intervenção na guerra civil mais definida. Era necessaria a alliança official com o general Flores, para legitimar o procedimento de Santa Lucia.

O ministro plenipotenciario não encontrou o almirante Tamandaré em Buenos-Ayres, mas a noticia de que, em consequencia da demora do exercito imperial, o chefe da esquadra brasileira havia resolvido atacar Paysandú à viva força, de accordo e conjunctamente com o exercito libertador, ao mando do general Dom Venancio Flores, e que elle se achava já sitiando aquella praça.

A 13 de dezembro o presidente Aguirre decretou que os portos da republica ficavam fechados ao commercio brasileiro, e declarou nullos todos os tratados anteriores com o imperio.

A 18 de dezembro foram queimados em praça publica os autographos de todos os tratados com o Brazil.

Foi então reconhecido officialmente pelo Brazil o general Flores, commandante do exercito libertador, como belligerante.

Ferido em sua honra, o Brazil inteiro levantou-se com indignação : na tribuna, na imprensa reclamava-se o castigo dos blancos e dos paraguayos.

O Governo brasileiro chamou o povo ás armas ¹ e organizaram-se batalhões de voluntarios em todo o Brazil, do sul ao norte, das margens do oceano ao centro dos sertões.

Estudantes, advogados, medicos, industriaes, lavradores, pobres, ricos, colonos estabelecidos e immigrants naturalizados, de toda a parte surgiram cidadãos enthusiasmados para defender a honra nacional.

O marechal Menna Barreto entrara em marcha desde 1º de dezembro e o almirante bloqueava Paysandú.

PRECEDENTES HISTÓRICOS DO PARAGUAY

Em 1620 foi creado o Governo da provincia de Buenos-Ayres, oriundo e tirado do Governo da então provincia do Paraguay.

Foi determinado que continuaria a jurisdicção do Paraguay sobre todos os territorios que não foram especialmente adjudicados a Buenos-

¹ ORDEM DO DIA N. 431

Determina S. Ex. o Sr. general Ministro e Secretario d'Estado dos negocios da Guerra que se publiquem as disposições e occurrencias abaixo transcriptas, afim de que cheguem ao conhecimento do exercito e das autoridades a quem competir executal-as:

DECRETO N. 3371 DE 7 DE JANEIRO DE 1865

Crea corpos para o serviço de guerra em circumstancias extraordinarias com a denominação de — Voluntarios da Patria, estabelece as condições e fixa as vantagens que lhes ficam competindo.

Attendendo ás graves e extraordinarias circumstancias em que se acha o paiz, e á urgente e indeclinavel necessidade de tomar, na ausencia do Corpo Legislativo, todas as providencias para sustentação, no exterior, da honra e integridade do imperio, e tendo ouvido o meu Conselho de Ministros, hei por bem decretar:

Art. 1.º São creados extraordinariamente corpos para o serviço da guerra, compostos de todos os cidadãos maiores de 18 e menores de 50 annos, que voluntariamente se quizerem aillar sob as condições e vantagens abaixo declaradas.....

O enthusiasmo popular apresentou para a guerra 55 batalhões de voluntarios ; uma brigada de cavallaria no Rio Grande, composta de colonos allemães da provincia, e uma bateria de artilharia a cavallo. Ainda mais, a provincia do Rio Grande do Sul poz em pé de guerra 43.522 guardas nacionaes, dos quaes 29.210 marcharam e 14.312 ficaram de reserva guarnecendo as fronteiras.

Ayres ; sendo que o Chaco, conquistado e occupado pelo Paraguay, ficava-lhe pertencente, e portanto ambas as margens do rio Paraguay, desde sua embocadura até os limites das possessões portuguezas ao norte.

Quanto às Missões, adjudicou-se a Buenos-Ayres 17 dos 30 povos existentes.

A divisão dos povos de Missões tornou-se objecto de discussões entre as administrações civis e religiosas de ambas as provincias, até que em 1724 El-Rei de Hespanha ordenou que as autoridades de ambas as provincias se puzessem de accordo.

Por ambas as partes nomearam-se arbitros, que, reunidos em Candelaria, discutiram e esclareceram as duvidas, chegando ao seguinte accordo, de que foi lavrada uma acta, e em 1726 organizado um mappa :

« Que a jurisdicção do Paraguay, tanto no religioso, como no civil, estendia-se sem opposição do Governo de Buenos-Ayres, até às vertentes do Rio Paraná ; e a jurisdicção de Buenos-Ayres até às vertentes do Uruguay ; sendo estas vertentes os limites de ambas.

Que os povos da Candelaria, S. Cosme e Sant'Anna, objectos do litigio, então em territorio pertencente ao Paraguay, embora na margem esquerda do Rio Paraná, e do mesmo modo os de Nossa Senhora de Loreto, Santo Ignacio, Missões e Corpus ficassem pertencentes ao Paraguay.»

Essa sentença foi acceita sem reluctancia por ambas as provincias ; e assim conservaram-se estas cousas até 1803.

Neste anno El-Rei, por cedula de 17 de maio, firmada em Aranjuez, erigiu todo o territorio das antigas Missões em governo separado, completamente independente do das antigas provincias, e nomeou Dom Bernardo de Velasco, que tomou posse do novo governo.

Por decreto de 1806 El-Rei nomeou Dom Bernardo de Velasco governador da provincia do Paraguay, conservando-se ao mesmo tempo no governo das Missões, e ficando o Paraguay e Missões definitivamente organizados em uma só jurisdicção.

Em 1810 foi proclamada a revolução e independencia dos povos do Prata, que formavam o antigo vice-reinado, dominio colonial da Hespanha.

Os liberaes de Buenos-Ayres acariciavam a idéa de que os povos do vice-reinado continuariam a formar um todo homologo, cuja cabeça administrativa seria Buenos-Ayres.

Enganaram-se, porém, quanto ao Paraguay.

Bernardo de Velasco, seguindo o exemplo dos jesuitas no governo, havia alcançado para o paiz uma éra de socego e de prosperidade tal, que foi mal recebida a commissão mandada pela Junta governamental de Buenos-Ayres.

Não accedeu a população paraguaya em acompanhar o pronunciamiento desta cidade. Bernardo de Velasco convocou uma reunião de notaveis, em julho de 1810, e ella resolveu não adherir á união com Buenos-Ayres.

A 26 do mesmo mez os portenhos entenderam apoiar sua pretensão pela força, e o general Belgrano invadiu o territorio paraguayo, sendo derrotado em Paraguay pelo general Cabanás, que o perseguiu e o obrigou a capitular no rio Tacuary.

Durante esta capitulação ou armisticio, como os vencidos appellidaram, os officiaes revolucionarios seduziram os officiaes hespanhóes, e mais tarde, em março de 1811, estes coadjuvaram ao major Pedro Juan Caballero, que, com Juan Ceballos e o Dr. Francia, organizaram uma Junta governativa provisoria, da qual acabou por fazer parte o proprio ex-governador hespanhol, Bernardo de Velasco.

Convocaram uma especie de corpo legislativo, que decretou a fôrma independente do novo governo, organizando uma Junta governativa de cinco membros: o Dr. Francia, Caballero, Yedros, Dr. Bogarin e o secretario Mossa.

A 12 de outubro de 1811 foi solememente reconhecida pelas outras provincias do antigo vice-reinado a independencia do Paraguay.

Apenas ficou em duvida a questão de limites, que mais tarde fez nascer constante rivalidade entre o Paraguay e a Republica Argentina.

Francia considerava o Paraguay unico herdeiro das antigas Missões jesuiticas; mas a Republica Argentina, da qual fazia parte a provincia de

Córrientes, entendia pertencerem-lhe as Missões, que entre o Paraná e Uruguay vão limitar com o Brazil.

Em 1813 ficou dissolvido o governo dos cinco e nomeados dous consules, Francia e Yedros.

Em 1814 foi nomeado o Dr. Francia unico dictador por cinco annos; em 1816 foi declarado vitalicio e governou até 1840.

Desligado o Paraguay dos outros paizes platinos e sendo um territorio central da America, foi alli arvorado pelo Dr. Francia, como systema politico, o isolamento mais completo da communhão geral dos povos.

Limitou o consumo do paiz aos proprios productos, annullando assim as relações commerciaes com as nações visinhas.

Si algum estrangeiro apparecia no paiz, impedia por todos os meios o seu regresso à patria. No fim do seu governo, quando morreu, era o Dr. Francia juiz supremo, summo pontifice, unico general, unico negociante de grosso trato e director dos correios; emfim, era senhor absoluto do Paraguay, organizado como uma vasta fazenda.

Devemos notar o profundo desinteresse deste homem, que viveu e morreu relativamente pobre.

Morto Francia, foi o Paraguay governado a principio por dous consules, Carlos Lopez e Roque Alonzo, que trataram logo de organizar diversos ramos do serviço publico; pois, como tudo era concentrado nas mãos de Francia, nem expediente administrativo existia.

Mandaram soltar os presos politicos, em numero superior a 600; crearam a Thesouraria, o Commissariado da Guerra e permittiram o commercio estrangeiro.

A 24 de novembro de 1842 decretavam a liberdade aos nascituros, com a clausula de servirem aos senhores de suas mães até á idade de 25 annos; acabando assim gradualmente com a escravidão.

Em 1844 foi D. Carlos Lopez eleito presidente por 10 annos. Este conservou a mais severa centralisação, baniu os descontentes e transformou as terras da nação em bens para a sua familia.

Cuidou do exercito, elevando-o a 18.000 homens permanentes e obri-

gando todos os cidadãos paraguayos ao serviço militar ; licenciando-os successivamente, depois de instruidos e exercitados.

Fortificou Assumpção, Humaytá, Passo da Patria, e construiu navios de guerra.

Em 1854, reeleito por 10 annos, declarou acceitar o cargo sómente por tres. Em vão pediu-lhe o Congresso que acceitasse o cargo vitalicio ; e um deputado chegou mesmo a propor-se a proclamar-o imperador, com o direito de hereditariedade para sua familia. Carlos Lopez não acceitou.

Em 1857 foi reeleito, acceitando desta vez a presidencia por sete annos.

Morreu a 19 de setembro de 1862. Então Francisco Solano Lopez tomou conta naturalmente do cargo de presidente, sem opposição alguma ; sendo a 16 de outubro seguinte legalmente eleito.

Joven e orgulhoso, conhecendo a pouca ou nenhuma importancia do seu paiz na Europa, onde viajara, tinha como objectivo augmentar o mais possivel o seu dominio e poderio pessoal.

O fanatismo e a servil dedicação dos seus paraguayos pareceram-lhe base segura para a conquista e fundação de um imperio do Prata, que rivalisasse com o Brazil, onde elle havia sido ferido em seu orgulho.

Solano Lopez acalentava a idéa de tornar-se o arbitro dos Estados do Prata e não queria admittir a politica de intervenção do imperio nos negocios das republicas visinhas.

Neste intuito preparou-se para declarar-lhe a guerra na primeira opportunidade.

Mandou vir da Europa engenheiros e machinistas para as suas officinas ; creou fabricas pyrotechnicas, arsenaes e fundições ; comprou na Europa grande cópia de armamento, sendo alguns de systema aperfeiçoado, material de vias ferreas, etc., e organizou grandes depositos de materiaes bellicos em pontos diversos.

Dos veteranos fez o nucleo de um exercito de 80.000 homens, continuamente exercitado.

Dizem Mastermann e Thompson que em meiodos de 1864 Lopez tinha um exercito de cerca de 90.000 homens.

A saber:

Veteranos ou exercito permanente, reserva ou milicia.	28.000
Exercitando-se em Campo Leon.....	30.000
Em Itapúa.....	17.000
» Humaytá.....	10.000
» Assumpção.....	4.000
» Conceição.....	3.000
Total.....	<u>92.000</u>

A imprensa de Buenos-Ayres, sciente destes preparativos bellicos, sem explicação nas circumstancias politicas de 1863, apontou-os á attenção publica, e tratou com algum desdem ao joven e activo presidente.

NOTAS SOBRE O PARAGUAY

No começo deste seculo Azara calculava a população civilisada do Paraguay em 97.480 almas.

Assumpção, sua capital, tinha então uma população de 7.088 habitantes.

Na mesma época a provincia de Buenos-Ayres tinha uma população conhecida de 170.832 habitantes.

Quanto ao exercito :

Em 1827, o dictador Francia havia organizado um exercito permanente de 5.000 homens, e obrigava ao serviço 20.000 homens de milicia.

Dom Carlos Lopez em 1857-58 tinha um exercito permanente de 18.000 homens e 46.000 de reservas ou milicias, e a população era calculada em 1.337.439 habitantes.

Assumpção contava 48.000 habitantes.

A marinha de guerra constava de 11 vapores.

A estrada de ferro de Assumpção a Paraguay foi construida sob a direcção do engenheiro inglez Padisson e mais tres ajudantes. Todos os

trabalhos daquela importante linha foram executados militarmente pelo exercito paraguay, havendo sómente alguns inglezes e paraguayos de diversos officios. Fazia-se approximadamente 2 kilometros por mez de trabalho ; começaram os estudos em junho de 1859 e foi aberta ao trafego em 1862.

Em 1864 o dictador Francisco Solano Lopez tinha um exercito permanente de 28.000 homens veteranos e 64.000 homens de milicias ou reservas em diversos acampamentos. Calcula-se que a população da Republica do Paraguay nesta época era approximadamente de 1.500.000 habitantes.

Depois do convenio de Santa Lucia, entre o almirante brasileiro e o general Flores, este seguiu para o rio Uruguay, a esperar que a villa do Salto fosse bloqueada pela esquadra brasileira.

Tomada do Salto

A 9 de novembro o 1º tenente Joaquim José Pinto, commandante da canhoneira *Itajahy*, foi com a canhoneira *Mearim*, commandada pelo 1º tenente José Marques Guimarães, bloquear o porto do Salto, por ordem do chefe de divisão Francisco Pereira Pinto.

Estas duas canhoneiras subiram o rio no dia 22 de novembro, e, não obstante as ameaças do commandante militar do Salto, foram fundear proximo á cidade, apresentando 15 bocas de fogo para o lado de terra.

Leandro Gomez, que era o commandante da villa, sabendo da aproximação das forças de Flores e vendo que não podia resistir, entregou a praça ao coronel Palomeque e retirou-se para Paysandú.

A 23 de novembro notaram-se de bordo signaes de aproximação de forças, e a 24 foi cercada a cidade pelas forças do general Flores, que, depois de um pequeno tiroteio, mandou o coronel Acosta com um esquadrão de cavallaria para entender-se na margem do rio com os commandantes das canhoneiras brasileiras sobre o ataque da villa.

O commandante da expedição, Joaquim José Pinto, enviou á terra o 1º tenente José Marques Guimarães, para entender-se com o general.

Pouco depois regressou José Marques Guimarães, havendo certificado a Flores a coadjuvação das canhoneiras brasileiras.

A 27 preparou-se a força de Flores para atacar, e as canhoneiras, vigiando dia e noite, penetraram nos arroyos proximos e aprezeram diversas embarcações pequenas, que depois do dia 29 foram entregues a seus donos.

A 28 foi completamente sitiada a cidade pelas forças de terra e bloqueado o porto pelas duas canhoneiras.

As forças de Palomeque estavam concentradas na praça principal. Houve a principio uma apparencia de resistencia ; mas um obuz de 12 e um foguete de guerra tiraram esta velleidade aos sitiados.

Houve então suspensão de hostilidades, emquanto o general Flores com alguns negociantes e o vice-consul portuguez tratavam da capitulação.

A's 5 horas da tarde fez o coronel Palomeque entrega da praça ao exercito libertador ; e a mór parte dos officiaes e praças, inclusive o coronel Palomeque, foram recolhidos a bordo do *Gualeguay*, vapor de guerra argentino, que alli estava de observação.

A 29 levantou-se o bloqueio, e a 30 retirou-se para Paysandú o general Flores com toda a sua cavallaria e artilharia ; indo toda a infantaria e o resto da artilharia em dous lanchões a reboque do *Gualeguay*.

As canhoneiras brasileiras desembarcaram 100 praças e uma peça de artilharia, para guarda da cidade, a pedido do chefe politico e do commandante militar.

Conservou-se a força brasileira de guarda á cidade até meiodos de janeiro, ocasião em que desceram as canhoneiras para o assedio de Montevidéo.

Tomada a Villa do Salto, ficou servindo de base de operações ao general Flores.

O Governo de Montevidéo via-se mais embaraçado, pelo augmento de forças e de prestigio que ganhava o chefe da revolução.

O vice-almirante, que se achava em Buenos-Ayres, tendo sabido que o conselheiro Paranhos vinha em missão especial ao Rio da Prata, dirigiu-se a Paysandú em fins de novembro, com o fim de entender-se, sobre as operações, com o general Flores.

Ainda nada constava a respeito da divisão brasileira que devia marchar sobre Paysandú, e por esse e outros motivos resolveram os dous chefes operar de combinação com as poucas forças de que dispunham. Devido á demora da divisão brasileira, escrevia-se o seguinte em Buenos-Ayres a 26 de novembro:

« A inacção do Brazil é fortemente censurada ; e a demora de solução na questão oriental pôde causar complicações ulteriores.

Carrera e Barra teem seu plano e aproveitam todos os elementos favoráveis. Segundo este plano, o Paraguay, Corrientes, Entre-Rios, Estado Oriental e Rio Grande formarão um Estado confederado, para contrabalançar a influencia da Confederação Argentina e do Brazil no Rio da Prata. Si o Brazil quer ser respeitado, mostre a sua força ; sinão, será sempre o joguete de qualquer governicho do Rio da Prata. »

A nomeação do conselheiro José Maria da Silva Paranhos para enviado plenipotenciario no Rio da Prata foi um facto extraordinario, por haver sido acto do Gabinete de 31 de agosto.

Parece que com esta nomeação aquelle Gabinete quiz remediar a má direcção que se havia dado á nossa politica para com o Estado Oriental mas, si foram estas as suas intenções, depressa se arrependeu.

PAYSANDU'

Segunda cidade do Estado Oriental, Paysandú tinha uma população de 8.000 almas, com um commercio e industrias florescentes.

Era defendida pelo coronel Leandro Gomez, *blanco* exaltado o valente soldado, porém pessimo general. Commandava 1.254 praças de tropa de linha e tinha 15 bocas de fogo de 18 a 12, collocadas em boas posições.

Já havia augmentado as defesas da praça e estava disposto a uma resistencia vigorosa.

O general Flores havia engrossado as suas fileiras com um primeiro contingente brasileiro de 160 voluntarios da campanha, ao mando do estancieiro Bonifacio Machado.

O almirante Tamandaré fez atacar Paysandú pelas canhoneiras *Receife, Belmonte, Parnahyba, Araguay e Ivahy*.

As guarnições destes navios eram approximadamente de 700 praças e foram reforçadas por 200 praças do 1º de infantaria, que haviam sido mandadas do Brazil a bordo do *Amazonas*, e eram commandadas pelo capitão Francisco Maria dos Guimarães Peixoto.

A 4 de dezembro desembarcaram no Arroyo Sacra, afim de acampar a oeste da cidade, 100 marinheiros nacionaes, 100 fuzileiros navaes, commandados pelo 1º tenente da armada Francisco José de Freitas, e 200 praças do 1º batalhão de infantaria ao mando do capitão Guimarães Peixoto e do tenente Eduardo da Fonseca.

Acompanharam esta força uma bateria com tres peças de calibre 12, commandada pelo 1º tenente da armada Antonio da Silva Teixeira de Freitas, e uma estativa de foguetes á congrève, a cargo do 2º tenente da armada Miguel Antonio Pestana.

Commandava toda a força desembarcada o capitão Guimarães Peixoto.

Acompanhavam-na os 2ºs cirurgiões Dr. Luiz Alves do Couto e Joaquim da Costa Antunes, com as competentes ambulancias.

Flores, que estava acampado no Arroyo Secco, perto de Paysandú, fez marchar para o combate 600 homens de infantaria e de cavallaria a pé, sete bocas de fogo e os 160 voluntarios de Bonifacio Machado, com uma bandeira brasileira, que pediram ao almirante Tamandaré.

Antes de atacar, o almirante mandou intimar a Leandro Gomez que se rendesse; e com a resposta negativa deu ordem para que as forças já dispostas marchassem na madrugada do dia 5 para o ataque por terra; ao passo que a esquadra ficava em posição de auxiliar o ataque.

A força de ataque foi, portanto, de 1.160 praças, contra cerca de 1.500 homens da parte dos sitiados.

E' de admirar que Leandro Gomez não procurasse impedir o desembarque da força brasileira, nem a sua marcha do Arroyo Sacra para a cidade; e que durante a noite, conhecido o pequeno numero da força desembarcada, não houvesse tentado batel-a e lançal-a ao rio; e tanto mais que a força de Flores fôra acampar em posição afastada do logar onde pernoitou a força brasileira.

Esta avançou denodadamente, e ao nascer do sol do dia 6 de dezembro approximava-se da cidade, chegando ao alcance do tiro inimigo às 6 horas da manhã.

Assestada a bateria brasileira em posição conveniente, e guarnecida por um contingente de marinheiros, começou o seu fogo bem nutrido e efficaz contra o inimigo, ao passo que o resto da força atacava á bayoneta.

Um batalhão de Leandro Gomez, que havia sahido do entrincheiramento, ao encontro dos assaltantes, atemorizado pelo fogo vivo da nossa artilharia e atiradores, bem como pela rapidez da carga, correu e recolheu-se ás trincheiras.

A força brasileira desceu então a collina á marche-marche e procurou ganhar a fralda, onde se reclina a cidade, debaixo do nutrido fogo da infantaria inimiga, então acobertada pelas suas defesas.

Ao approximar-se das primeiras casas, e ainda a descoberto, morreram varios assaltantes e foram feridos diversos; mas, desde que a força ganhou a primeira rua, mudou de tactica, estendendo em atiradores e procurando acobertar-se com as casas e accidentes do terreno.

Ao mesmo tempo a artilharia de 68 da *Araguay*, da *Ivahy*, *Parnahyba* e *Belmonte*, começou a desmoralisar o inimigo, que embalde tentava responder a este vigoroso canhoneio.

Apezar da fortissima resistencia do inimigo, conseguiram os assaltantes chegar a uma muralha pouco distante da praça. Derribar este obstaculo e avançar sempre para o centro da cidade, foi obra de poucos momentos. 29

A descoberto e debaixo do fogo vivissimo do inimigo, ainda avançou aquella reduzida força mais uma quadra de terreno.

A principio o inimigo occupava-se sómente com o ataque desta primeira força, guiada e commandada pelo 1º tenente Francisco José de Freitas, com os seus fuzileiros navaes e marinheiros, e pelo capitão Francisco Maria dos Guimarães Peixoto, com os seus valorosos camaradas do 1º de infantaria.

Della faziam parte tambem o 1º tenente Eduardo Emiliano da Fonseca, os alferes Ewerton e Paula Pereira, o cadete Helvecio de Menezes, os guardas-marinha Eliezer, Joaquim Lamare, Conrado e Affonso, o 2º tenente commissario Castro e os guardas-marinha Saldanha e Victor Lamare.

Pouco depois teve de enfrentar tambem as tropas de Flores pelo lado de oeste e os 100 imperiaes marinheiros que commandava o 1º tenente João Baptista de Oliveira Montauray, com uma peça de calibre 12.

Pouco antes de começar o bombardeio da esquadra, o almirante desembarcou com esta força, que fez commandar pelo seu ajudante de ordens e juntar ás forças de Flores.

Com esta força entrou em fogo o então pratico Fernand Etchebarne, que, com uma espingarda em punho, portou-se com o costumado valor; acompanharam-no tambem o voluntario Joaquim Marques Lisboa, sobrinho do almirante, e o 2º cirurgião Dr. Baldoino Athanasio do Nascimento.

Da canhoneira *Belmonte*, onde se achava com o chefe de divisão Pereira Pinto, determinou o almirante o bombardeamento da praça e mandou nessa occasião que o 1º tenente Euzebio José Antunes assumisse o commando da *Parnahyba*. O bombardeio foi dirigido com tanta pericia, que as bombas iam rebentar exactamente nos fortes, espalhando a morte e a destruição entre os inimigos. Constou que os sitiados tiveram 150 homens fóra de combate.

Por todos os lados o ataque foi de um enthusiasmo e temeridade admiraveis. Parece que os assaltantes queriam dissimular o seu pequeno numero pela rapidez e vigor do seu ataque.

Pelas 3 horas da tarde o fogo diminuiu de intensidade (durava desde

as 7 horas da manhã); e isto inspirou aos nossos bravos officiaes o receio de uma sortida, possivel, do inimigo, com um forte troço dos sitiados.

Os nossos estavam longe das munhões, e, demais, o seu numero era muito reduzido com relação aos sitiados. Para evitar, portanto, alguma surpresa foram postados pequenos piquetes pelos cantos das ruas, que se conservaram até à noite com as armas na mão, respondendo ao fogo dos sitiados.

A' noite a força de ataque recebeu ordem para retirar-se e recolher-se ao acampamento.

Nesse dia foi ferido o capitão Guimarães Peixoto.

Pelas 10 horas da noite acampou a nossa força na margem do rio, ficando protegida pelos navios da esquadra.

No dia 7 o almirante mandou desembarcar uma peça de 68 e duas de 32, para serem assestadas em bateria formada com saccos de areia no alto da Boa Vista, que domina a praça pelo lado do norte.

Esta operação foi executada durante a noite pelo 1º tenente da armada, commandante do *Recife*, Antonio Carlos de Mariz e Barrós, e protegida por uma força de 100 praças do 1º de infantaria, commandadas pelo tenente Eduardo Emiliano da Fonseca, que foi durante este trabalho vivamente incommodado pelo fogo do inimigo, ao qual não se respondeu, terminando-se, felizmente, este trabalho pela madrugada de 8.

Antes de começar o bombardeio, o capitão do navio inglez *Dottorel* procurou persuadir a Leandro Gomez de que era melhor entregar a cidade, evitando assim o bombardeio, e compromettendo-se elle a obter as honras de guerra para a guarnição.

Leandro Gomez nada quiz ouvir, e já havia mandado repellir a tiros a um parlamentar de Flores.

Na manhã de 8 rompeu a bateria um magnifico fogo sobre o forte de Sebastopol, sobre a matriz e a commandancia, sendo acompanhada pelas canhoneiras *Belmonte* e *Parnahyba*. Ao mesmo tempo os assaltantes procuraram reconhecer um ponto mais vulneravel, para novo assalto.

O inimigo acabava de surprehender e degolar uma força de 40 orientaes da gente de Flores.

Durante este dia o almirante ficara com uma força de 30 imperiaes marinheiros, commandados pelo 1º tenente Antonio Severiano Nunes, protegendo o hospital de sangue, estabelecido na Capitania do Porto, e onde os nossos medicos cumpriam calmamente com o seu dever profissional e patriotico.

A pequena força de desembarque e a do general Flores mostravam-se dispostas a um segundo assalto ; mas era preciso contar com grandes perdas, e além disso não havia nos vasos de guerra munições de artilharia para um renhido e longo combate, e o general Flores carecia de projectis para a sua artilharia raiada, e tambem de polvora e de cartuxame.

Nesta emergencia resolveram os chefes de mar e terra entreter o tempo, aguardando a chegada do exercito de Menna Barreto.

Neste interim o almirante despachou o 1º tenente Euzebio José Antunes na *Parnahyba* para Buenos-Ayres, afim de prover-se de tudo quanto precisavam.

Em 72 horas estava de volta este official, trazendo muitos recursos bellicos, armamento, munições e mais 100 praças do batalhão naval e marinheiros, tirados das guarnições do *Paraense* e da *Nictheroy*, duas peças de calibre 30 da *Nictheroy* e duas de calibre 6 para desembarque.

Vieram tambem na *Parnahyba* o 1º tenente Henrique Martins, que devia commandar uma nova bateria com aquellas peças, e tres 2ºs cirurgiões alumnos pensionistas, Luiz da Silva Flores, Justiniano de Castro Rebello e Felipe Pereira Caldas, que voluntariamente tinham vindo servir na esquadra, e foram para o hospital de sangue de Paysandù.

Diariamente partiam correios para o commandante em chefe, marechal Menna Barreto, e para o general Netto, apressando a sua vinda e dando-lhes informações certas da marcha do general João Saa (appellidado o Lança Secca), que vinha em soccorro dos sitiados.

Até então a força brazileira tivera 12 mortos, 40 feridos e um extraviado ; e a do general Flores 6 officiaes e 36 soldados mortos, e 10 officiaes e 40 soldados feridos.

Durante o intervallo de 23 dias os sitiados soffreram pequenos prejuizos ; ao passo que os sitiantes soffriam maiores incommodos, já pela fadiga da ida e volta diarias da bateria ao acampamento, como pelas insomnias, pela falta de regular e boa alimentação e pelas intemperies.

A demora do exercito de Menna Barreto e de Netto, a consciencia do arrojio inutil do ataque do dia 6, que não se podia e nem se devia repetir, sinão com forças sufficientes para tomar a praça de assalto, tudo influiu naturalmente sobre o animo dos nossos bravos soldados.

Assim o provam as cartas de lá expedidas pelos nossos companheiros ; por exemplo, as do distincto 1º tenente da armada Francisco José de Freitas, um dos bravos do assalto de 6, que foram publicadas no *Jornal do Commercio* de 15 de fevereiro de 1866.

Depois de descrever as difficuldades e fadigas que supportavam diariamente para voltar ás 8 horas da noite, fazer legua e meia de caminho e ir proteger a bateria de tres peças assestadas ao norte da cidade, donde voltavam pela madrugada e sem que o inimigo presentisse, para acampar no porto de Paysandú, diz ainda o referido tenente:— « *Tudo era contra nós; e por que? — Porque estavamos como que abandonados, de ha muito á espera de um exercito que, sempre em marcha, nunca chegava. E por que?...*

Seja dito de passagem, para corroborar esta ultima das nossas proposições, aqui chegaram batalhões que não tinham 300 homens ; quando o seu estado effectivo devia subir além de 800.

E para que mais ? si alguns dos nossos eminentes teem como desnecessarios o exercito e a marinha ? Para que mais ? si para alguns é preciso que não vingue a força militar, nem mesmo com prejuizo sensível para o paiz ! Por ser pequena a força brazileira que accommetteu a praça nos dias 31 de dezembro, 1º e 2 de janeiro, o nosso prejuizo foi muito maior. ¹

¹ Os commandantes dos navios inglez, francez e hespanhol, no dia 9, solicitaram um armisticio, do general, para deixar sahir as familias que ainda estavam na cidade e queriam refugiar-se. Sahiram então mais de 2.000 pessoas, que passaram

No dia 14 chegou ao acampamento o major do 2º regimento de cavallaria José Antonio Corrêa da Camara (actual Visconde de Pelotas).

A' requisição do almirante, elle tomou o commando de todas as forças brazileiras de desembarque, pois já estava ferido o capitão Guimarães Peixoto.

No dia 15 chegou o general Antonio de Souza Netto com 1.300 voluntarios da campanha do Rio Grande do Sul, todos de cavallaria; e tornou-se possivel então fazer face ao exercito de João Sâa, que constava estar passando naquella occasião o Rio Negro.

Aproveitaram os sitiados o arrefecimento do ataque para concertar e reforçar as suas fortificações, já damnificadas.

De Montevidéo procuravam soccorrer os sitiado ¹, e para isso, além de outras providencias, mandaram o general João Sâa, que estava acampado no Rio Negro com o grosso das forças do Governo, soccorrer Paysandú.

João Sâa, marchando para oeste, ao longo do Rio Negro, esperava approximar-se de Paysandú antes do exercito de Menna Barreto, e, for-

para as ilhas de frente de Paysandú; e nesta mesma occasião fugiram 50 praças dos sitiados e incorporaram-se à força de Flores.

¹ Um incidente digno de nota deve aqui ser mencionado :

No dia 14 de dezembro chegou de Montevidéo uma commissão composta do vigario apostolico, o vigario de S. Francisco, Martin Perez, mais dous padres, quatro irmãs de caridade e o presidente da Junta de Hygiene, Dr. Vich. Esta commissão protestava que vinha sómente com o fim de soccorrer os feridos e dar soccorros espirituas aos moribundos.

O general Flores concordou com o almirante em deixal-a entrar na praça; mas, conhecendo as manhas da sua gente, mandou revistar a bagagem da commissão, quando esta já se encaminhava para o interior da praça.

Descobriu-se então que o intitulado Dr. Vich era um carteiro do correio, disfarçado em medico, que trazia varios e importantes officios e mais de 50 cartas exaltando o valor de Leandro Gomez e asseverando que marchava o exercito do governo a soccorrel-o.

O que mais desmoralizou a commissão foi que o individuo que acompanhava o supposto Dr. Vich, como seu assistente, foi reconhecido ser uma franceza, vestida de homem, com quem o carteiro andava publicamente em Montevidéo.

O general Flores ordenou que reembarcasse immediatamente a commissão no vapor *Teixeira*, em que tinha vindo; e censurou o padre Vera e o vigario Martin Perez, por se terem prestado a semelhante estratagem.

Os padres e as irmãs de caridade ficaram enfurecidos contra o tal doutor, que os havia exposto assim ao desrespeito publico. O falso doutor esteve preso quatro horas, no fim das quaes deu-se-lhe a liberdade.

Poule elle então aváliar quão diverso era o proceder dos sitiados do de Leandro Gomez, que, havendo sido surprehendido extraviado um tambor da canhoneira *Ivahy*, mandou martyrisal-o e depois degolal-o, expondo a sua cabeça, espetada em um pão, em frente à bateria de marinha, para que o reconhecessem.

çando as linhas do sitio, desembaraçar Leandro Gomez e aniquilar, pelo menos, a pequena força de Flores.

Os partidarios de Flores o informaram deste plano, e logo em seguida a chegada das forças do general Netto, Flores e Tamandaré resolveram ir ao encontro de João Saa com a mór parte das forças sitiadas.

Nessa occasião elle transpunha o Rio Negro com mais de 2.000 homens.

A 20 de dezembro o general Flores levantou o cerco da praça de Paysandú e marchou ao encontro de João Saa com o exercito libertador, os 160 voluntarios de Bonifacio Machado, o general Netto com os seus 1.300 voluntarios brasileiros e 320 praças da força de desembarque, commandadas pelo major José Antonio Corrêa da Camara.

O almirante retirou-se para bordo com toda a artilharia e com os feridos, continuando o bloqueio pelo rio.

O general Flores ¹ marchou seis leguas, e, quando a vanguarda da sua força avistou a do general Saa, este retrocedeu vergonhosamente, e por uma retirada precipitada furtou-se á derrota que o aguardava.

A 23 ficou restabelecido o cerco de Paysandú.

Na tarde de 29 chegou o marechal João Propicio Menna Barreto com uma divisão do exercito brasileiro em operações, composta de 5.711 praças, sendo 1.695 de infantaria, 198 de artilharia, com 12 peças de campanha, tendo 70 tiros cada uma, e o mais de cavallaria, da qual 1.108 de linha.

Já vimos qual era o estado de desarmamento da provincia do Rio Grande do Sul em 1864.

¹ Durante a ausencia [do general Flores, Leandro Gomez mandou incendiar os ranchos que haviam servido para o acampamento da nossa gente.

Nessa occasião convidou para um *lunch* aos commandantes de varios navios es tranjeiros que estavam no porto.

Todos aceitaram o convite e dirigiram-se á residencia daquelle coronel, que se achava adornada de bandeiras.

A sala do festim tambem estava adornada com diferentes bandeiras e como tapete alli estava a bandeira brasileira estendida no assoalho.

Ao entrarem para esta sala, o commandante inglez, official de brio e character, comprehendeu o que havia de ignominioso naquelle procedimento, e, estando na porta, perguntou significativamente a Leandro Gomez o que queria dizer aquillo.

Leandro Gomez desculpou-se, declarando que, por descuido, o criado a havia alli collocado. Então o official inglez abaixou-se, levantou a bandeira e pô-a sobre uma cadeira com toda a attenção.

No Pirahy Grande reuniram-se todos os corpos e fracções de corpos que deviam compôr a divisão que sob o commando do marechal Menna Barreto ia operar no Estado Oriental.

Essa divisão compunha-se dos corpos seguintes :

1º regimento de artilharia a cavallo, commandado pelo tenente-coronel Mallet, com um effectivo de 817, segundo o relatorio do Ministerio da Guerra de 1864, mas cujo existente real era de 283 praças, podendo apresentar para a campanha 198 praças promptas ;

5 batalhões de infantaria de linha ;

1ª brigada do coronel Antonio de Sampaio, composta do 4º, 6º e 12º de linha, e

2ª brigada do coronel Carlos Rezin, composta do 3º e 13º de linha.

O effectivo destes corpos era de 4.825 homens e o existente era sómente de 2.747. Poude-se reunir, promptos para a campanha, apenas 1.695 homens ; e mais uma brigada de cavallaria commandada pelo brigadeiro Manoel Luiz Osorio, contando 3.818 homens e sendo a mór parte da guarda nacional, muito mal montada e pessimamente armada, o soldado com carabina não tinha outra arma ; quem tinha espada ou lança estava no mesmo caso, e assim todos !

Não houve tempo para os artilheiros se familiarisarem com a artilharia raiada.

Com a pressa o general mandou fazer exercicio um dia ; cada peça disparou quatro tiros ; e com isto julgou que os artilheiros estavam promptos para a campanha.

As instrucções do Governo ao marechal Menna Barreto cifravam-se nisto :

« Organizar com pressa e marchar !! »

A 1º de dezembro começou a marcha, havendo ficado no acampamento de Pirahy Grande as carretas com as munições e levando cada peça sómente 70 tiros nos armões.

A esta pequena e mal armada divisão deu-se o nome de Exército do Sul.

Entretanto não levou para o sitio de Paysandú nem artilharia de sitio, nem um engenheiro, sequer, nem companhia de sapadores ou pontoneiros, nem munições sufficientes .

As marchas diarias eram forçadas, e mesmo assim pouco se adeantava, porque a mór parte da cavallada consistia em *potros* ¹, pela falta de cavallos em estado de fazer a campanha .

As ordens do Governo relativas á campanha foram tão demoradas, que os dous primeiros batalhões mandados da Côrte, o 2º de infantaria com 400 praças, e o 10º com 450, não chegaram á fronteira a tempo de encorporarem-se á divisão Menna Barreto .

Um ficou em Bagé e o outro em Alegrete ; não servindo, sequer, para defender a cidade de Jaguarão, atacada pela expedição de Muñoz e Apparicio a 27 de janeiro de 1865 .

Como acima dissemos, a divisão de Menna Barreto chegou a Paysandú na tarde do dia 29 de dezembro .

O contingente commandado pelo major José Antonio Corrêa da Camara incorporou-se á brigada do coronel Sampaio .

Foram collocadas em bateria 18 peças de artilharia, sendo 12 do 1º regimento e 6 da marinha ; além de outras 12 peças de bronze da artilharia volante da marinha .

Ficou resolvido que se faria o assalto decisivo á praça a 31 de dezembro .

Na noite de 30 para 31 o tenente-coronel Mallet assestou as suas 12 peças na cochilha fronteira á cidade ; e o general Menna Barreto mandou estender, a 50 braças na frente, duas companhias do 4º de infantaria, para proteger a artilharia .

A' retaguarda dessa bateria ficou de promptidão o resto do 4º, e um pouco mais distante os quatro batalhões restantes, formando as duas brigadas .

A's 2 horas da madrugada de 31 o inimigo tentou uma sortida sobre as nossas baterias, mas os atiradores do 4º, que estavam na frente, e o

¹ Poldro ainda não domado e selvagem.

resto desse mesmo batalhão fizeram mallograr esse arrojado intento por seus nutridos fogos.

A's 4 horas e 20 minutos da madrugada partiu da praça o primeiro tiro; foi o signal do combate, que logo se travou por um continuo e vivissimo bombardeio.

A esquadra havia assestado duas peças Whitworth de calibre 30, commandadas pelo 1º tenente Henrique Martins, e duas de 32, dirigidas pelo 1º tenente Mariz e Barros.

A artilharia volante da esquadra compunha-se de duas peças Whitworth calibre 6, commandadas pelo 1º tenente Antonio da Silva Teixeira de Freitas e de 12 peças de bronze, que seguiram os pelotões confiados a varios officiaes de marinha. ¹

Logo no começo do fogo foi morto por uma bala de artilharia na cabeça o bravo e activo 1º tenente Henrique Martins, e ferido gravemente o tenente do 4º batalhão José Antonio de Lima Junior, que commandava uma das companhias da vanguarda.

Este morreu pouco depois, a bordo do *Recife*, quando ia para o hospital, em Buenos-Ayres; foi sepultado na Ilha de Martim Garcia.

Havendo-se acabado a munição de artilharia do 1º regimento pelas 9 horas da manhã, o marechal Menna Barreto mandou dizer ao almirante que, logo que cessasse o fogo dos navios e das baterias de marinha, elle mandaria avançar a infantaria e daria o assalto á praça. ²

¹ Entre outros, o modesto 1º tenente Joaquim Francisco de Abreu, que muito se distinguio.

² A bateria da marinha tinha como protecção a força do 1º de infantaria e da marinha commandada pelo major Corrêa da Camara, a quem servia de major e ajudante o 1º tenente da armada Francisco José de Freitas, e commandantes das companhias o 1º tenente Xavier de Castro, o 2º tenente Tell José Ferrão, o commissario Antonio Joaquim da Silva Castro e os guardas-marinha Joaquim Raymundo de Lamare, Eliezer Coutinho Tavares, Luiz Felipe Saldanha da Gama e Carlos Miguel Conrado.

Esta força, que representava um pequeno batalhão, encorporou-se á brigada do coronel Sampaio, e logo que cessou o fogo de artilharia, carregou a marche-marche, alcançando as primeiras ruas debaixo de fogo, conquistando o terreno palmo a palmo e porfiando marinheiros e soldados em bem cumprir o seu dever.

O major Camara, que a 31 de dezembro de 1864, distinguio-se no assalto de Paysandú, é o mesmo official que, então general, dirigiu em 1870 a ultima phase da guerra, e que, depois de sitiar o resto do exercito paraguay, assistiu á morte de Lopez em Cerro Corá, no dia 1º de março de 1870.

Cessando o fogo de artilharia, o marechal mandou carregar a marche-marche, e as duas brigadas atacaram uma pelo lado do norte e a outra pelo de lèste.

Ao toque de cornetas e de tambores marcharam em columnas cerradas, entrando pelas ruas da cidade, cujas primeiras casas estavam guardadas por defensores, que faziam nutrido fogo das janellas e das sotéas.

A posição do inimigo era vantajosa, e o estrago que no primeiro impeto produziu nas nossas fileiras foi grande.

A brigada do coronel Carlos Rezin, quando entrava n'uma rua, indo o 13º na frente, recebeu uma descarga, que fez cahirem mortos 27 soldados dos primeiros pelotões, e muitos feridos.

O coronel Rezin foi ferido nesta occasião, e o seu cavallo cahiu morto.

A nuvem espessa de fumo não permittia responder com justeza a esta fuzilaria; mas, logo que ella dissipou-se, viu-se o batalhão dividido e encostado ás casas, respondendo com vigoroso fogo aos tiros inimigos, arrombando e invadindo as casas, luctando a ferro frio e occupando a pouco e pouco as casas conquistadas.

A mesma cousa acontecia com a outra brigada: não houve mais formatura e começou a conquista geral das casas e das ruas, passando-se de umas para as outras até á noite, em que ficaram occupando as posições conquistadas.

As forças do general Flores atacaram pelo flanco esquerdo, e as brazileiras pela direita e frente da povoação.

O marechal conheceu que era preciso conquistar o terreno palmo a palmo e obrigar o inimigo a encerrar-se em seus ultimos reductos para alli aniquilal-o com os fogos da artilharia.

Ao meio-dia, depois de haver-se tomado algumas posições, mandou o marechal assestar em bateria duas peças Lahite sob a direcção do bravo 1º tenente Ernesto Augusto da Cunha Mattos. O effeito desta bateria foi tal, que manifestou-se logo grande confusão nas fileiras contrarias.

Cahia a noite; a retirada das nossas forças seria um grande erro; por isso o marechal ordenou que fossem sustentadas as posições tomadas, a todo

34

transe ; e o combate continuou durante toda a noite com o mesmo vigor que de dia .

Ao amanhecer o dia 1º de janeiro de 1865, os nossos bravos se achavam nas posições conquistadas na vespera com tanto sacrificio .

Durou o combate todo o dia 1º, tomando-se casa por casa, sotéa por sotéa, até que ás 8 horas e 20 minutos da manhã do dia 2 entregaram-se os defensores da praça á discricão .

Cincoenta e duas horas consecutivas batalhou-se ; nenhum obstaculo paralysoou o esforço dos nossos bravos ; trincheiras, ruas, barricadas, pontes, vallos, sotéas e casas transformadas em reductos, nada deteve o impeto e a firmeza da nossa gente para alcançar com as armas uma pagina de gloria para o grande livro da nossa historia patria .

Calculamos em mais de 4.000 balas de artilharia as que foram lançadas na praça .

Com a sua tomada 700 homens ficaram prisioneiros, inclusive 93 officiaes .

Foram apreizadas mais de 2.000 espingardas, 15 peças de artilharia, muita munição, petrechos bellicos e bandeiras .

Da divisão Menna Barreto tivemos 5 officiaes mortos e 12 feridos ; 173 praças mortas e mais 310 feridas .

A marinha teve um official morto, 1 ferido, 10 praças mortas e 30 feridas .

Como prejuizo do primeiro ataque teve o Brazil 595 homens fóra de combate .

Quanto ao exercito de Flores, não se sabe exactamente qual a perda que soffreu, mas julga-se que nos dous assaltos teve um prejuizo superior a 400 homens fóra de combate .

A 1º de janeiro o inimigo perdeu o coronel Lucas Pires, 2º commandante da praça e principal auxiliar de Leandro Gomez .

Na noite de 1º Leandro Gomez enviou um tal Moreira como emissario, que sahiu da praça na madrugada do dia 2, para pedir-nos suspensão de hostilidades por 8 horas, afim de enterrarem os mortos .

Os generaes iam respondendo que antes de 8 horas seriam senhores da praça, quando veio o coronel Colorado Saldaña, prisioneiro de Leandro havia mais de um anno, saber da resposta.

Então os generaes acrescentaram *que se rendessem á discricão*.

O fogo continuou desassombadamente, e pouco depois foi Leandro Gomez aprisionado pelo tenente-coronel André Alves de Oliveira Bello.

Estava presente o coronel oriental Goyo Suarez, que o reclamou como prisioneiro.

Leandro Gomez manifestou então ao tenente-coronel Bello que preferia ser prisioneiro dos seus compatriotas, a sel-o dos brasileiros.

O coronel Bello entregou-o então a Goyo Suarez, que o levou e o mandou fuzilar pouco depois com mais quatro officiaes prisioneiros.

Este facto veio marear o brilhante feito de Paysandú.

Tamandaré e Flores ficaram sentidissimos e reprovaram francamente a crueldade do coronel Goyo Suarez.

Querendo attenuar o máo effeito de semelhante acto, os generaes deram a liberdade a 93 officiaes prisioneiros, sob a condição, garantida pela palavra de honra desses officiaes, de que não mais serviriam naquella guerra contra o Brazil.

Cerca de 20 destes officiaes foram para Montevidéo, e no dia 9 de janeiro excitaram a populaça a insultar a bandeira brasileira, arrastando-a pelas ruas.

Os officiaes mortos no ataque de Paysandú foram os seguintes: 1º tenente, commandante da canhoneira *Recife*, Henrique Martins; capitão do 4º de infantaria Antonio Fernandes Borges; capitão do 13º de infantaria Manoel Bento de Andrade; tenente do 4º de infantaria José Antonio de Lima Junior; alferes do 1º de infantaria C. P. Vieira Maciel; alferes do 13º de infantaria F. de Oliveira Dias; e alferes do 6º de infantaria Collatino Marques de Azevedo.

Logo depois da tomada de Paysandú foi levantado o bloqueio, e o general Flores tomou diversas medidas administrativas para restabelecer a tranquillidade naquella região.

35

A 12 de janeiro marchou o exercito para Fray-Bentos, onde encorpou-se com os batalhões que a 26 de dezembro haviam partido da Córte; eram 1.700 homens. ¹

A 14 embarcou em Fray-Bentos a infantaria, seguindo a cavallaria e artilharia por terra, até Santa Lucia, onde desembarcou a infantaria, que seguiu depois para as immedições de Montevidéo.

MISSÃO PARANHOS

De Buenos-Ayres o plenipotenciario brasileiro dirigiu-se, depois da tomada de Paysandú, ao acampamento de Fray-Bentos, entendendo que, antes de chegarem os exercitos alliados a sitiar Montevidéo, era preciso ficar definitivamente assentado si o general oriental, uma vez no poder, reconheceria a justiça de todas as nossas reclamações, pois era preciso que esta questão de honra do imperio para com a republica ficasse de antemão liquidada.

O general Flores concordou *in totum* não só com a justiça do *ultimatum* Saraiva, como prometteu espontaneamente reconhecer e attender ás nossas reclamações, e bem assim á dos prejuizos da antiga guerra civil.

Observou ao plenipotenciario imperial que, autoridade de facto naquelle paiz, não havia ainda declarado assumir a autoridade suprema da republica, nem praticado actos de soberania exterior, e que, sendo esses motivos poderosos para dirigir um manifesto á Nação, antes de documentar o compromisso que espontaneamente contrahira, pretendia fazel-o em Santa Lucia. ²

¹ Com esta força vinha commandando uma bateria do 1º batalhão de artilharia a pé o capitão *Manoel Deodoro da Fonseca*, que proclamou a Republica dos Estados Unidos do Brazil a 15 de novembro de 1889, e foi seu primeiro Presidente.

Accordo anterior á paz de Montevidéo

² Quartel General do Exercito Libertador.— Colorado, em 28 de janeiro de 1865.

Sr. Ministro.— A alliança entre o Brazil e a grande maioria da Nação Oriental, que me cabe a honra de representar, como general em chefe do Exercito Libertador,

Com effeito, apenas alli chegado publicou a 27 o seu manifesto e em seguida dirigiu ao ministro brasileiro a nota, com a data de 28 de janeiro, satisfazendo a justa exigencia que antes lhe havia sido feita.

O Governo imperial approvou todos estes actos e as circulares diplomaticas do ministro Paranhos, que definiram a posição do Brazil com relação aos Governos de Montevidéo e do Paraguay.

A questão ia ser resolvida em Montevidéo.

O Brazil ainda não havia mandado, nem reunido a força sufficiente para atacar à viva força a praça de Montevidéo.

está feita. Ella existe de ha muito nos sentimentos e nas conveniencias reciprocas, hoje existe tambem nos factos, porque o triumpho de Paysandú foi sellado com o generoso sangue dos bravos de uma e outra nacionalidade.

Sempre fiz justiça as nobres intenções do Governo do Brazil, sempre confiei no seu respeito à independencia de minha patria, e na força dos principios de justiça e liberdade que professam o povo brasileiro e o seu illustre Monarcha.

Hoje, porém, tenho novos penhores de seus generosos sentimentos para com o povo oriental, que tanto amo, e sinto o dever de dar uma demonstração de meu reconhecimento, e de quanto desejo estreitar a solida amizade entre os orientaes e os brasileiros.

Como general em chefe dos orientaes, que compoem o Exercito Libertador, e representam em nossa honrosa cruzada a grande maioria de seus compatriotas, cabe-me a honra de dar ao Brazil a segurança de que as suas reclamações, que motivaram o *ultimatum* de 4 de agosto ultimo, serão attendidas com rigorosa justiça e inteira lealdade, valendo esta minha declaração como empenho de honra e acto solemne e perfeito da soberania oriental, logo que esta seja libertada da facção que hoje a opprime.

Os autores e cumplices notorios de delictos commettidos contra as pessoas de subditos brasileiros residentes em meu paiz serão punidos com toda a severidade das leis da republica, sendo destituídos immediatamente, e sem prejuizo dos respectivos processos criminaes, os que ainda exerçam cargos publicos.

Serão suspensos de seus empregos civis ou militares, e submettidos ao julgamento ordinario, todos os indiciados de delictos contra os mesmos residentes, uma vez que a legação imperial tenha fornecido ou forneça, a respeito de taes individuos, fundamento bastante para que o Governo do meu paiz possa conscienciosamente dar esse exemplo de sua severa justiça, e do grande apreço em que tem uma perfeita intelligencia e amizade com o imperio do Brazil.

Os subditos brasileiros, que tenham sido forçados a qualquer serviço publico por autoridades da republica, serão postos em liberdade e indemnizados dos prejuizos que tenham soffrido, tão depressa esta reparação possa ser ordenada pelo abaixo assignado ou por quem o substitua no exercicio do poder supremo da republica.

Observar-se-ha estrictamente o accordo celebrado pelos dous Governos em notas reversaes de 28 de novembro e de 3 de dezembro de 1857, a respeito dos certificados de nacionalidade, passados pelos respectivos agentes consulares; bem como o outro accordo semelhantemente estabelecido por notas de 1 e 7 do dito mez de dezembro, relativo ao alistamento para o serviço militar dos dous paizes.

Considerar-se-ha com força de lei, e terá plena execução desde logo, o accordo de 8 de maio de 1858, pelo qual o Governo da republica, em virtude de um compromisso de honra, garantiu às reclamações brasileiras provenientes de prejuizos da antiga guerra civil o mesmo processo e a mesma equidade que concedeu as reclamações francezas e inglezas da mesma origem.

Os tratados, cujos autographos foram entregues às armmas pelo furor dos dominadores de Montevidéo, continuarão a ser fielmente respeitados como leis da re-

O Governo paraguayo preparava-se para invadir o territorio brasileiro ; e por officio do general Canabarro ¹, de 13 de fevereiro de 1865, o ministro plenipotenciario brasileiro teve conhecimento de que a fronteira do Uruguay estava desguarnecida de forças, e ameaçava invadil-a um exercito de 9 a 12.000 paraguayos, que estava acampado em Aguapehy.

publica, a que está ligada a sua palavra de honra, e que ambos os paizes teem o dever de sustentar e cumprir.

O general em chefe do Exercito Libertador não só cumprirá os ajustes pre-existentes, acima indicados, mas ainda se prestará com igual boa fé a celebrar quaesquer outros accordos necessarios para reatar as relações de boa visinhança e de reciproca segurança entre os dous povos.

Contrahindo, Sr. Ministro, em nome da grande maioria da Nação Oriental, que represento, estes sagrados compromissos, eu o faço, como observei a V. Ex., levado pelos estímulos de nossa civilização, e em cumprimento dos deveres internacionaes, taes quaes os comprehendeu sempre o Governo oriental em suas épocas de grata recordação.

Ao transmittir a V. Ex. estas declarações, não peço nenhuma segurança de reciprocidade, porque não desejo tirar a este acto o seu caracter de espontanea reparação devida ao Brazil, e porque estou certo de que o illustrado Governo brasileiro ha de attender com a mesma nobreza a quaesquer reclamações fundadas, que lhe tenham sido ou sejam de futuro apresentadas em nome da republica.

O abaixo assignado assegura, por ultimo, ao Governo de S. M. o Imperador do Brazil, que a Republica Oriental, desde já, e com maior razão quando for de todo libertada de seus actuaes oppressores, prestará ao imperio toda a cooperação que esteja ao seu alcance, considerando como um empenho sagrado a sua alliança com o Brazil na guerra deslealmente declarada pelo Governo paraguayo, cuja ingerencia nas questões internas da Republica Oriental é uma pretensão ousada e injustificavel.

O abaixo assignado se compraz em reiterar a V. Ex. as expressões de sua distincta consideração e apreço.

A S. Ex. o Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos, etc. — *Venancio Flores.*

¹ Officio de Canabarro :

Commando da divisão destacada em Missões e Quarahim.— Quartel General em Sant'Anna do Livramento, 13 de fevereiro de 1865.— Illm. e Exm. Sr.— Pelo officio que V. Ex. houve por bem dirigir-me a 6 do corrente, e que hontem recebi, fico sciente de que o Governo do Paraguay solicitou do Governo da Confederação Argentina a faculdade de passar com tropas por terrenos de Corrientes na presente guerra com o Brazil, coincidindo esse pedido com a presença de 9.000 paraguayos no Aguapehy.

Elles podem auxiliar a seus alliados, ou indo a Montevidéo, ou invadindo estas fronteiras.

Passar ao Estado Oriental, em direcção a Montevidéo, com o numero de 9 e mesmo 12.000, seria antecipadamente capitular e entregar as armas.

Invadir a nossa fronteira do Uruguay é menos perigoso, mas não estão isentos da derrota infallivel, si esta divisão for reforçada convenientemente e a tempo. Actualmente tem ella mui proximamente o numero de 4.000 homens, inclusive contingentes de infantaria que guarnecem as povoações, aqui, em S. Borja e Itaqui.

No caso de invasão, todos acodem espontaneamente ás armas, e é necessario que as vão receber em deposito, aqui previamente estabelecido, para que não fiquem inoffensivos esses tão valiosos auxiliares. Pelo menos teriamos o total de 6.000, e muito provavelmente o de 8.000. (O General Canabarro commandava uma divisão de guarda nacional na fronteira.)

Nenhuma divisão de operações se diz convenientemente organizada, sem as tres armas.

Esta tem sómente cavallaria, carece de infantaria de linha e artilharia. Ha na

Ia, portanto, iniciar-se uma nova campanha, e era preciso que o credito militar do Brazil ficasse muito bem firmado no Estado Oriental, para que não tivesse de receiar uma tentativa de reacção em sua retaguarda quando fosse ao encontro do exercito paraguayo.

A 27 de janeiro desembarcaram em Santa Lucia as nossas forças ao mando do marechal Menna Barreto, preparando-se para o assedio de Montevideo.

Diariamente chegavam-lhe reforços do Brazil.

A patriotica guarda nacional do Rio Grande do Sul erguera-se como um só homem e acudia pressurosa ao redor do pavilhão auri-verde; os alumnos da Escola Militar e tudo quanto havia de tropa de linha disponivel engrossavam as fileiras do nosso exercito. Os sitiantes já contavam 7.101 combatentes e 14 bocas de fogo.

A cidade de Montevideo tinha 50.000 habitantes; e a praça era fortificada e guarnecida por 4.000 homens, com 40 bocas de fogo.

A 1º de fevereiro o exercito brasileiro approximou-se de Montevideo.

Em vão Aguirre enviava mensageiros, uns após outros, pedindo auxilios ao dictador Lopez.

provincia desses batalhões e artilharia, que deviam fazer parte da defesa do Uruguay. Si houvesse aqui 2.000 homens de infantaria e artilharia e armamentos para 6.000 de cavallaria, affirmo a V. Ex. que 12.000 paraguayos poucos dias haviam contar desde a passagem á margem esquerda do Uruguay ao de sua completa derrota.

Não peço demasiado, apenas dous ou tres batalhões e artilharia, que ha nesta provincia; depende só de determinação do Governo.

A estrategia, em que me falla V. Ex., teria lugar, si não tivessemos recursos. Para guarnecer as fronteiras de Bagé e Jaguarão se podem chamar corpos de cavallaria do centro. Alli se defendem unicamente da invasão da cavallaria dos *blancos*, que foi a Jaguarão em numero de 1.500, mais ou menos.

Segundo parte official, esta força perseguida não deve augmentar e sim diminuir.

A fronteira do Uruguay está ameaçada de 12.000 e mais inimigos, emquanto aquellas não esperam mais de 1.500, quando muito.

A defesa deve ser proporcional ao inimigo.

Eu espero que V. Ex. faça sentir a necessidade de collocar esta divisão no pé de guerra conveniente.

Calcule-se a vantagem de uma derrota de 12.000 paraguayos nesta fronteira: importa a concentração de todo o exercito paraguayo e talvez a decisão das questões pendentes.

Prevaleço-me da oportunidade para significar a V. Ex. meus protestos de alta estima e consideração.

Deus Guarde a V. Ex. — Ilm. e Exm. Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos, ministro em missão especial junto do Governo da Confederação Argentina. — (Assignado) *David Canabarro*, brigadeiro.

Este respondeu por intermedio do seu ministro : « Que já fizera bastante mandando invadir por suas tropas a provincia de Matto Grosso, e operando assim uma diversão a favor da Republica Oriental. Dizia mais, que não podia enviar um exercito, sem que as provincias argentinas de Entre-Rios e Corrientes se declarassem francamente separadas de Buenos-Ayres e alliadas de Montevidéo. »

No meio da desordem e do terror, que reinaram então na cidade, Aguirre procurou o apoio dos agentes diplomaticos das nações que tinham vasos de guerra no porto.

O corpo diplomatico respondeu negativamente.

Muñoz e Apparicio, que com 1.500 gaúchos haviam invadido a fronteira de Jaguarão ¹, onde foram repellidos, mandaram ao Governo de Montevidéo uma bandeira velha, que haviam achado em suas depredações, dizendo que haviam-na conquistado em Jaguarão.

Esta bandeira foi publicamente arrastada e enlameada nas ruas de Montevidéo ; e o proprio ministro da guerra (Susviela) e outras autoridades mandaram cuspir nella e calcal-a aos pés.

Antes de sahir de Buenos-Ayres para a Villa da União, o conselheiro Paranhos dirigiu ao Governo argentino um manifesto, com data de 19 de janeiro, em que communicava a D. Rufino de Elizalde, ministro das relações exteriores, as razões que militavam em favor do Brazil no seu proceder contra o então Governo de Montevidéo. Declarava ainda, que,

¹ No dia 27 de janeiro a expedição dos caudilhos Bazilio Muñoz e Apparicio com 1.500 gaúchos, appareceu em frente a Jaguarão.

Havia na cidade um a força da guarda nacional, dos corpos ns. 15 e 18, provisórios, de cavallaria e 100 homens de infantaria ; ao todo 600 guardas nacionaes, e no rio achavam-se os pequenos vapores *Apa* e *Cachoeira* da flotilha do Rio Grande do Sul.

O inimigo atacou pelas 10 horas da manhã, guerrilhando na entrada das primeiras ruas da cidade ; e encontrando a resistencia daquella força de guarda nacional, que os recebeu com nutrido fogo de fuzilaria e da pouca artilharia dos vapores, não conseguiu penetrar na cidade.

A' 1 hora mandou intimar a guarnição que se rendesse, e teve como resposta um mais nutrido fogo.

Durou o tiroteio até á noite, retirando-se o inimigo na noite de 27 para 28, saqueando algumas casas da margem do rio nos arrabaldes da villa e roubando cavallos e oito escravos. Nós tivemos um morto e cinco feridos, entre os quaes o major reformado Anacleto Ferreira Porto e um tenente do 15º corpo provisório.

O inimigo teve quatro mortos, seis feridos gravemente e outros levemente.

reconhecendo o general Dom Venancio Flores como belligerante legitimo, e nobremente dedicado aos mais sagrados interesses de sua patria, nenhuma intenção nutria o Governo imperial que não se conciliasse com a independencia e soberania da Republica Oriental; e por isso considerava o general Dom Venancio Flores como alliado natural na guerra contra o Governo de facto de Montevidéo.

A 30 de janeiro, o ministro argentino respondeu « que à vista das declarações solemnes do conselheiro Paranhos, fazia os mais ardentes votos pela honrosa conclusão do conflicto ».

Com a mesma data de 19 de janeiro, o ministro brasileiro communicava as mesmas occurrencias ao corpo diplomatico de Buenos-Ayres, e as legações respectivas respondiam no mesmo sentido; promettendo levar ao conhecimento de seus Governos o occorrido.

O Governo de Aguirre, receiando para Montevidéo o destino de Paysandú, recorreu ao corpo diplomatico alli residente para intervir e haver suspensão de hostilidades, até se realizar a pacificação da republica.

O auxilio esperado do Paraguay não apparecia, e por isso Aguirre adoptou esta resolução como ultimo recurso.

O ministro italiano, Raphael Ulysses Barbolani, encarregado por seus collegas do corpo diplomatico de Montevidéo, dirigiu ao almirante Tamandaré a cópia de um officio, por elle enviado ao conselheiro Paranhos, a 29 de janeiro, em que pedia suspensão de hostilidades e os bons officios pessoas do almirante para a pacificação.

Este respondeu a 30, declarando ao ministro italiano que sentia não estar autorizado a tomar a responsabilidade do acto de suspensão das hostilidades, até o dia 15 de fevereiro, em que dizia o ministro que se ia eleger um novo Governo, e que no dia 1º faria marchar o exercito imperial sobre Montevidéo.¹

O conselheiro Paranhos respondeu, de accordo com a opinião do almi-

¹ Não se pôde deixar de estranhar que o almirante tenha dito:

— Farei marchar amanhã o exercito sobre Montevidéo.— Como si elle fosse o commandante em chefe.

rante, que não podia, nem devia suspender as hostilidades, enquanto o Governo de Aguirre não se retirasse do poder.

O gabinete de 31 de agosto de 1864 queria que Montevideo fosse tomada á força d'armas. Ignorava, porém, os meios de defesa de que dispunha a praça ; ignorava o estado do nosso exercito e si este se achava ou não em condições de tomar a praça á viva força.

Felizmente o conselheiro Paranhos tinha perfeito conhecimento de tudo isso, e entendeu que ainda tinha muito que fazer antes de hostilizar a praça.

Quando em Montevideo tiveram noticia da tomada de Paysandú, o partido de Aguirre, que era o *blanco*, rompeu em excessos extraordinarios. Os exaltados gritavam : abaixo o Governo ! morte aos brasileiros !

Tocou-se rebate ; o povo reuniu-se nas praças ; a guarda nacional correu aos quarteis, emfim foi um tumulto tal, que o Governo não o poude conter.

Organizou-se uma Junta de Salvação Publica, que exigiu a exoneração do ministro da guerra e substituiu-o por um louco, Susviela.

Dahi começou a anarchia na cidade.

O general João Saa (Lança secca), que se havia recolhido á capital com pouca gente do seu exercito, o qual se havia dispersado e passado em parte para o exercito libertador, foi nomeado commandante em chefe do exercito da capital.

O famoso coronel Massa foi designado para dirigir a defesa de Montevideo.

Começou então o dominio do punhal e do assassinato, e augmentou extraordinariamente a emigração da cidade.

O Governo, precisando de dinheiro, deu curso forçado, por seis mezes, ao seu papel, impondo aos bancos Mauá e Commercial um emprestimo de 500 mil pesos (1.000:000\$000).

Os bancos cederam a este roubo official ; mas, havendo os possuidores de taes notas corrido ao troco, foi preciso desembarcar força das canhoneiras estrangeiras para proteger estes estabelecimentos de credito.

Sob a influencia da Junta de Salvação Publica Aguirre mandou apromptar partidas de aventureiros, verdadeiros saqueadores, para, sob as ordens de Bazilio Muñoz e de Apparicio, invadirem o Rio Grande do Sul.

O Governo mandou remover a polvora do Cerrito para armazens em Montevidéo.

Esta imprudencia excitou um grande panico em toda a população, e principalmente na estrangeira.

Então os agentes diplomaticos empregaram todos os seus esforços para livrar a cidade do perigo daquella mina, que a arrasaria em grande parte, si explodisse.

O ministro inglez protestou, e os seus collegas o imitaram, contra a existencia de semelhante deposito na cidade; e por fim o Governo cedeu.

As fortificações fóra da cidade haviam sido augmentadas e tudo demonstrava uma séria resistencia.

O almirante notificou o bloqueio á praça em 2 de fevereiro; concedendo sete dias aos estrangeiros, para se retirarem.

Começou então uma espantosa emigração; e, a pedido dos agentes diplomaticos, foi ampliado este prazo até o dia 15.

No dia 16 foi reforçado o exercito brasileiro com 1.228 praças de infantaria, do 8º batalhão, do corpo de caçadores e do corpo policial da Bahia. A força total do exercito brasileiro era então de 8.116 praças de todas as armas; sendo 4.498 de infantaria, 198 de artilharia e o mais de cavallaria, comprehendendo 979 guardas nacionaes.

Os principaes compromettidos fugiram de Montevidéo; e Aguirre, vendo-se desamparado, renunciou a presidencia, ordenando que se convocasse o Senado para eleger outro presidente; o que se realizou a 15, sendo nomeado presidente da republica o senador Villalba.

A 20 de fevereiro celebrou-se o convenio da capitulação, com a convenção de paz.

A 23 foi içada a bandeira brasileira no forte de S. José e salvou-se-a com 21 tiros.

No dia 21 fez entrada na cidade a cavallaria de Caraballo; no dia 22 a brigada do general Sampaio, e a 23 o conselheiro Paranhos e os generaes Flores e Menna Barreto.

No dia 15, por occasião da escolha do presidente provisório, venceu o voto da fracção moderada do partido *blanco*, e assumiu provisoriamente a presidencia da republica o senador Dom Thomaz Villalba.

Um dos seus primeiros actos foi declarar a suspensão de hostilidades por parte da guarnição da praça, o que deu logar a que fossem tambem suspensas as hostilidades por parte das forças alliadas.

Dom Thomaz Villalba viu que a praça não tinha recursos para resistir e que não devia contar com auxilio de fóra; e, querendo evitar as calamidades e horrores de um bombardeio e assalto á cidade, extinguiu a legacção oriental no Paraguay e empenhou-se com o ministro da Italia, o Sr. Barbolani, para que entabolasse negociações que restabelecessem a paz interna da republica.

A 20 de fevereiro celebrou-se na Villa da União o convenio ¹ daquela data, que está no dominio publico e que deu em resultado a terminação da guerra, tanto civil como estrangeira, e a certeza da realização de suas clausulas pelo general Dom Venancio Flores, que, collocado á testa do

¹ Convenção de paz de 20 de feversiro

PROTOCOLLO DE NEGOCIAÇÃO CELEBRADA NA VILLA DA UNIÃO

Havendo S. Ex. o Sr. Dom Thomaz Villalba, como presidente reconhecido por um dos belligerantes, manifestado a S. Ex. o Sr. brigadeiro-general Dom Venancio Flores, como chefe reconhecido pela outra fracção dos orientaes, e a S. Ex. o Sr. conselheiro Dr. José Maria da Silva Paranhos, como representante diplomatico do Brazil, seus desejos de fazer cessar quanto antes a guerra interna e externa em que se acha a republica, evitando-se, si é possivel, nova effusão de sangue e novas desgraças entre irmãos e uma nação visinha, cuja amizade deve ser um empenho honroso e grato para ambos os Governos;

E tendo S. Ex. o Sr. ministro residente de Italia, Raphael Ulysses Barbolani, ao annunciar esses pacificos, illustrados e patrioticos sentimentos de S. Ex. o Sr. Dom Thomaz Villalba, declarado que o fazia por encargo deste e em nome de todo o corpo diplomatico de Montevideó, e solicitado para negociação de paz uma suspensão de armas, como reciprocidade do que por parte de um dos belligerantes já se havia ordenado á guarnição da praça de Montevideó;

Foi esta medida ordenada por parte de S. Ex. o Sr. brigadeiro-general Dom Venancio Flores, e de SS. EEx. os Srs. vice-almirante Barão de Tamandaré e marechal João Propicio Menna Barreto, generaes em chefe da esquadra e exercito do Brazil; e manifestou-se ao mesmo tempo, pelos órgãos competentes dos bellige-

Governo da Republica, ficou habilitado a dar plena execução aos compromissos solemnes que contrahira para com o Brazil.

Foi para o Brazil uma esplendida victoria haver terminado a guerra com a Republica Oriental e assegurado, para a nova campanha que ia encetar, um alliado sincero e leal na pessoa do presidente da Republica Oriental.

Não obstante, o Governo imperial julgou deficiente o convenio de 20 de fevereiro, e, embora o approvasse em todas as suas clausulas, dispensou, por decreto de 3 de março de 1865, o conselheiro Paranhos da missão de que estava encarregado no Rio da Prata; e por decreto de 11 do mesmo mez nomeou o conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa em missão especial junto à republica Oriental e Argentina.

rantes alliados, que as aberturas feitas por parte do outro belligerante seriam acolhidas com o mais sincero desejo de evitar á capital da republica, si fosse possivel, as tristes consequencias de um assalto.

Verificando-se no dia seguinte ao daquellas aberturas de paz, que tiveram logar a 16 do corrente mez de fevereiro, a enviatura de S. Ex. o Sr. Dr. Dom Manoel Herrera y Obes, como orgão e negociador autorizado por S. Ex. o Sr. Dom Thomaz Villalba para propor e ajustar as condições da paz, que ambos os belligerantes desejavam celebrar antes de um novo recurso ás armas; reuniram-se nesta villa da União SS. EEx. os Srs. brigadeiro general Dom Venancio Flores, conselheiro José Maria da Silva Paranhos e Dom Manoel Herrera y Obes, para entenderem-se sobre tão importante assumpto.

Entre S. Ex. o Sr. brigadeiro-general Dom Venancio Flores e S. Ex. o Sr. Dom Manoel Herrera y Obes foram ajustados os seguintes artigos de reconciliação e de paz, pelo que toca á dissidencia entre os orientaes :

Art. 1.º Fica, felizmente, restabelecida a reconciliação entre a familia oriental, ou a paz e boa harmonia entre todos os seus membros, sem que nenhum delles possa ser accusado, julgado, ou perseguido por suas opiniões ou actos politicos e militares praticados na presente guerra.

Por consequente, desde esse momento fica em vigor a igualdade civil e politica entre todos os orientaes, e todos elles no pleno gozo das garantias individuaes e direitos politicos que lhes confere a Constituição do Estado.

Art. 2.º São exceptuados das declarações do artigo precedente, assim os crimes e delictos communs, como os politicos que possam estar sujeitos a jurisdicção dos tribunaes de justiça, por seu character especial.

Art. 3.º Enquanto não se estabelece o Governo e perfeito regimen constitucional, o paiz será regido por um governo provisorio presidido por S. Ex. o Sr. brigadeiro-general Dom Venancio Flores, com um ou mais secretarios de Estado, responsaveis, livremente escolhidos pelo mesmo Sr. general e demissiveis *ad nutum*.

Art. 4.º As eleições, assim para deputados e senadores, como para as juntas economico-administrativas, terão logar o mais brevemente possivel, e logo que o estado interno do paiz o permitta, não devendo, em caso algum, deixar de verificar-se na época designada pela lei.

Em ambas as eleições proceder-se-ha pelo modo e fôrma que as leis especiaes teem determinado, afim de assegurar a todos os cidadãos as mais amplas garantias para liberdade de seus votos.

Art. 5.º Ficam reconhecidos todos os grãos e empregos militares conferidos até á data em que foi assignado o presente convenio.

Art. 6.º Todas as propriedades das pessoas compromettidas na contenda civil,

O conselheiro Paranhos resentiu-se profundamente da censura, que fez o Governo imperial ao convenio de 20 de fevereiro.

Deve-se attribuir este facto não só á inveja dos seus adversarios politicos, como tambem á indicação, que fez Paranhos, do marechal Marquez de Caxias para commandante em chefe do exercito em operações contra o Paraguay e do vice-almirante Joaquim José Ignacio para commandante da esquadra.

Ora, tanto Paranhos como aquelles dous distinctos generaes eram conservadores. O Governo era liberal e entendeu que o conselho de Paranhos não fôra dictado pelo patriotismo, e que era sua opinião partidaria.

Mais tarde os factos provaram que, com a sua grande intelligencia e

que tenham sido occupadas ou sequestradas por disposições geraes ou especiaes das autoridades contendoras, serão immediatamente entregues a seus donos, e collocadas sob a garantia do art. 144 da Constituição.

Art. 7.º Immediatamente depois de concluido o presente convenio, todos os guardas nacionaes, que se acham no serviço activo de guerra, serão licenciados, e suas armas recolhidas e depositadas, na fôrma do costume, nas repartições competentes.

Art. 8.º O presente convenio se considerará definitivamente concluido e terá immediata e plena execução, logo que conste por uma maneira authentica a sua acceitação por parte de S. Ex. o Sr. Dom Thomaz Villalba, a qual será dada e comunicada dentro de 24 horas depois de firmado pelos negociadores.

Ouvindo o Sr. ministro de Sua Magestade o Imperador do Brazil a respeito dos sobreditos artigos, declarou S. Ex. que o accordo celebrado pelo alliado do imperio não podia ser sinão applaudido pelo Governo imperial, que nelle veria bases razoaveis e justas para a reconciliação oriental, e solida garantia dos legitimos propositos que obrigaram o imperio á guerra, que ia, felizmente, cessar.

Tendo sido antes offerecida ao Brazil por S. Ex. o Sr. brigadeiro-general Dom Venancio Flores, como seu alliado, a justa reparação que o imperio havia reclamado antes da guerra, e confiando plenamente o Governo imperial no amigavel e honroso accordo constante das notas de 28 e 31 de janeiro ultimo, espontaneamente iniciado pelo illustre general que vai assumir o Governo supremo de toda a republica, o representante do Brazil declarou que nada mais exigia a esse respeito; julgando que a dignidade e os direitos do imperio ficam resalvados, sem a menor quebra da independencia e integridade da republica, e de harmonia com a politica pacifica e conciliadora que se ia inaugurar neste paiz.

S. Ex. o Sr. Dr. D. Manoel Herrera y Obes declarou que lhe era grato ouvir os sentimentos moderados, justos e benevolos que S. Ex. o Sr. ministro do Brazil tem expressado a respeito da nação oriental; que folgava de reconhecer que no accordo contido em as notas a que se referia o Sr. ministro, e cujas cópias authenticas lhe agradecia, nada ha que não seja honroso para ambas as partes; e que, sendo esse accordo um compromisso, cuja satisfação caberá ao Governo provisorio, do qual será chefe S. Ex. o Sr. brigadeiro-general Dom Venancio Flores, não podia elle offerecer a menor difficuldade á celebração da paz entre os orientaes, e entre estes e o Brazil.

E, achando-se todos concordes no presente protocollo, lavraram-se delle tres exemplares, que foram assignados pelos negociadores.

Feito na Villa da União, aos 20 dias do mez de fevereiro de 1865. — *José Maria da Silva Paranhos.* — *D. Venancio Flores.* — *D. Manoel Herrera y Obes.*

conhecimento dos homens, elle tinha razão em aconselhar a unidade de commando.

Em breve restabeleceu-se uma administração regular na Republica Oriental. Flores, nomeado presidente, procedeu com toda a moderação.

A 18 de fevereiro de 1865, por aviso ministerial, foi nomeado o general Manoel Luiz Osorio commandante em chefe interino do exercito em operações no Estado Oriental do Uruguay. ¹

A 28 de fevereiro chegaram a Montevideo 1.015 praças do corpo de guarnição do Espirito Santo, do corpo policial do Rio de Janeiro e um 2º contingente do batalhão de engenheiros.

A 4 de março, com a chegada de um contingente da guarda nacional da Côte, de um contingente do batalhão de deposito e outro do corpo policial do Rio de Janeiro, elevou-se a força de infantaria e artilharia a 6.134 praças, que com as 2.447 de cavallaria, embora a pé, montavam a 8.581 praças de tropas boas e bem dispostas.

Faltava, porém, ainda muita cousa para emprehender-se a campanha do Paraguay.

Esquadra no Rio da Prata

	1864	1865	Peças
Jequitinhonha.	106	138	8
Belmonte.	96	143	8
Parnahyba.	108	132	8
Mearim	77	101	6
Araguahy	49	111	6
Ivahy	68	100	6
Amazonas	180	186	6
Recife.	65	188	6
Paraense.	106	158	4

¹ Ordem do dia n. 1 de 1º de março de 1865. E, coincidência notavel, a 1º de março de 1870 foi morto Lopez no Aquidabaniguy; terminando assim a guerra.

	1864	1865	Peças
Taquary		46	6
Nietheroy	312	368	28
Maracanã	54	66	2
Itajahy	76	117	2
Beberibe	135	132	7
Iguatemy	72	102	2
Araguary	64	102	2
Ipiranga	90	105	6
Pepiri-Guassú		40	
Iguassú	38	49	
Total . . .	1596	2384	113

Estado real das forças de guerra do Brazil de 1864-65.

Esquadra

Os relatorios provam que em abril de 1864, quando o Brazil começou a reconhecer a necessidade de uma intervenção efficaz no Rio da Prata, para fazer respeitar o seu pavilhão, a antiga esquadra brasileira, victoriosa em tantos combates no Rio da Prata, era representada por 8 navios, com uma guarnição apenas de 749 homens.

Estes navios receberam logo no começo da guerra, para completar suas guarnições, 350 homens, entre officiaes e praças.

Além disso, de abril de 1864 a abril de 1865, foram mandados para a esquadra do Rio da Prata mais nove navios de guerra e dous de transportes; e de 847 homens, que compunham o effectivo em 1864, augmentou-se mais 438, para completar as guarnições; de modo que a 1º de abril de 1865 a nossa esquadra no Rio da Prata era de 17 navios de guerra, com 2.305 homens; e tendo a bordo uma brigada de infantaria, distribuida por varios navios.

A artilharia desta esquadra era de 113 peças de diversos calibres, além de foguetes a congrève e alguma artilharia volante para desembarque.

Exercito

Pelos relatorios e relações de mostra dos diversos corpos do exercito vê-se que em 1864 o exercito deveria ter 2.097 officiaes de todas as armas, mas sómente figuravam como existentes 1.733 officiaes ; e destes sómente eram promptos para o serviço de guerra 1.342.

Vê-se ainda, que do exercito espalhado em todas as provincias, em que figuravam como existentes 16.824 homens, entre officiaes e praças, o Governo só conseguiu reunir no theatro da guerra, até fins de março de 1865, um corpo de exercito com 8.581 praças de todas as armas ; e cerca de 1.100 officiaes e praças em diversos navios da esquadra ; ao todo 9.681 homens.

O exercito achava-se distribuido nas provincias do modo seguinte :

Alagóas	158
Bahia	1.527
Ceará	356
Côrte	2.642
Espirito-Santo	145
Maranhão	970
Pará	808
Parahyba	293
Paraná	217
Pernambuco	2.092
Piahy	366
Rio de Janeiro	688
Rio Grande do Norte.	106
Rio Grande do Sul.	2.629
S. Paulo.	286
Santa Catharina.	1.020
Sergipe	83
Amazonas	302

Goyaz.	619
Matto-Grosso.	1.327
Minas Geraes.	306
	<hr/>
	15.940
Guardas-nacionaes em serviço no Rio Grande do Sul.	894
	<hr/>
	16.834

Depois de começar a guerra e da publicação dos decretos ns. 3371 de 7 de janeiro de 1865, e 3381, 3382 e 3383 de 21 de janeiro de 1865, organizaram-se 55 corpos de voluntarios da patria ; um regimento de artilharia a cavallo ; um corpo de pontoneiros ; uma brigada e um batalhão de voluntarios colonos allemães do Rio Grande do Sul ; 24 corpos provisorios de cavallaria de guarda nacional no Rio Grande do Sul.

Até 15 de maio de 1868 o Brazil tinha posto em armas 138.165 homens, a saber :

	Cidadãos
Em Matto-Grosso, entre exercito, guardas-nacionaes, voluntarios e corpo expedicionario	9.535
Exercito Menna Barreto	5.711
Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Paraná directamente	19.237
Rio de Janeiro e Norte.	66.706
Marinha.	11.507
Exercito que marchou	10.025
Em serviço no Brazil.	11.547
Libertos	3.897
	<hr/>
	138.165

cidadãos brasileiros que pegaram em armas.

Nesta mesma época, a esquadra em operações constava de :

18 vapores ;

3 chatas ;

14 encouraçados ;

1 encouraçado, *Rio de Janeiro*, perdido no ataque de Curuzú ;

2 bombardeiras ;

1 patacho ;

1 brigue, com 151 bocas de fogo e 3.314 homens de guarnição. Além disto :

10 transportes com 599 homens de guarnição.

Despendera em fretes para levar pessoal e material para a guerra neste mesmo periodo :

7.621:227\$595, e sustentava ainda á sua custa no Brazil 1.145 prisioneiros de guerra.

Juizo critico da guerra com o Estado Oriental e seus precedentes

Depois da victoria de Monte-Caseros e da queda de Rosas e Oribe, os estadistas brasileiros julgaram não haver mais necessidade de força armada, e poder confiar a solução das questões internacionaes tão sómente á diplomacia, adoptando desde então uma politica toda de condescendencias e procurando aproveitar na politica interna os accidentes internacionaes, com o fim de mais facilmente galgarem o poder ou de nelle conservarem-se.

Em consequencia, o exercito foi disseminado por todas as provincias ; e de tal modo o trataram, que em 1864, na occasião em que rebentou a guerra, o seu estado era de desarmamento completo.

Pareceu um momento que o incidente Christie faria levantar o ostracismo a que o Governo havia votado o exercito ; mas a questão era com a Inglaterra, potencia européa, e os ministros se limitaram a explodir em demonstrações patrioticas, sem ligar a importancia que deviam ao exercito e armada ; de modo que o periodo de 1864 a 1865 foi para o paiz inteiro uma verdadeira e triste surpresa.

Si em logar de mandar invadir a provincia do Rio Grande do Sul em maio de 1865 pelos 12.000 homens de Estigarribia, e Corrientes pelos 25.000 do general Robles, o presidente Lopez houvesse atacado o Rio

Grande em dezembro de 1864 com 25.000 homens e houvesse marchado para Montevidéo, afim de unir-se aos *blancos* do Estado Oriental e aos anti-mitristas¹ de Buenos-Ayres e de Entre-Rios, estaríamos irremediavelmente perdidos, porque, só com essa noticia teríamos de levantar incontinente o assedio de Paysandú e renunciar ao ataque daquella praça ; e o exercito de Menna Barreto ver-se-hia obrigado a correr ás fronteiras do Uruguay, onde os paraguayos só encontrariam alguns guardas nacionaes em via de organização, sob a direcção do general David Canabarro.

Isto veio confirmar a idéa, desde muito vulgarizada entre nós, de que, não obstante a perspectiva manifesta de uma guerra, o espectro de um exercito e de uma esquadra fortes e respeitadas intimidava mais aos estadistas brazileiros do que a probabilidade positiva de uma guerra nas regiões do Prata. O almirante Tamandaré confiava menos na efficacia da diplomacia de condescendencias e concessões, do que no valor e na coragem do pequeno numero de seus bravos camaradas.

A precipitação do primeiro ataque de Paysandú, antes da chegada das forças de Menna Barreto e do ministro Paranhos ao Rio da Prata, como que temendo a intervenção da diplomacia, provam que mesmo no seio do Governo existiam duas correntes de opiniões contrarias : uma que optava a todo transe pela guerra, e a outra que dava a supremacia aos meios diplomaticos sobre a acção militar.

A audacia do ataque de Paysandú podia redundar em um verdadeiro desastre ; mas produziu uma victoria, porque o presidente do Paraguay, sem um plano bem estudado, preferiu os louros faceis e a pilhagem de Matto Grosso, a soccorrer efficaçmente a Republica do Uruguay.

A' tomada de Paysandú seguiu-se a convenção de 20 de fevereiro, consequencia immediata daquella victoria.

Infelizmente ainda depois deste facto os nossos estadistas sacrificaram os interesses internacionaes de primeira ordem a conveniencias secundarias dos partidos politicos militantes no Brazil.

¹ Partido ou fracção que fazia opposição ao presidente Mitre.

A intriga politica e a inveja originaram a demissão do eminente diplomata, dias depois da sua victoria no Uruguay, e a sua substituição por um advogado, illustre é verdade, mas completamente neophyto em diplomacia.

O resultado foi que o tratado da triplice alliança, por elle elaborado e acceito, subordinou o Brazil ao Rio da Prata, fez depender os movimentos do exercito da acção da esquadra, restringindo assim prejudicialmente a efficacia da sua acção, e admittiu no tratado clausulas que ainda hoje constituem uma ameaça á integridade do territorio nacional.

Carta do governador provisorio da Republica Oriental a Sua
Majestade o Imperador do Brazil

Venancio Flores, Governador Provisorio da Republica Oriental do Uruguay, a S. M. Don Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil.— Salve !

Senhor.— Cumprimos o grato dever de communicar a Vossa Magestade Imperial, que esta Republica, graças aos esforços dos bons Orientaes, e á generosa cooperação do Brazil, festeja hoje a cessação da guerra civil, ao mesmo tempo que applaude com enthusiasmo o restabelecimento de suas boas relações com o Imperio visinho. Instituido no dia 22 do corrente um governo provisorio, de que me cabe a honra de ser chefe, em consequencia daquelle grande e feliz acontecimento, elle deve reger os destinos deste paiz, até que, de conformidade com a nossa lei fundamental, seja eleito o seu presidente constitucional.

Os Orientaes reconhecem que a paz que de hoje começa a gozar a republica, e as esperanças de prosperidade e de ordem que renascem com a nova situação politica, são em grande parte obra da alliança que Vossa Magestade Imperial se dignou mais uma vez conceder-nos.

Em nome dos Orientaes, Senhor, agradecemos ao Brazil e ao seu Excelso Monarcha tão grande, benefico e honroso concurso ; protestando igualmente que nossa gratidão será sem limites.

Pedimos a Deus que vos tenha, mui alto, poderoso e excelso principe, em sua santa guarda.

Carta de Sua Magestade o Imperador do Brazil ao Governador Provisorio da Republica Oriental do Uruguay

Dom Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, etc.: Envia muito saudar ao grande e bom amigo o General Venancio Flores, Governador Provisorio da Republica Oriental do Uruguay, a quem muito estima e preza. Com a maior satisfação recebi a carta de 24 de fevereiro ultimo, pela qual me communicais a grata noticia de ter cessado a guerra civil que dilacerava esse paiz, e a installação do governo provisorio, de que sois chefe, e que deve reger a republica, até que, de conformidade com a lei fundamental do Estado, seja eleito o presidente constitucional.

Agradecendo-vos essa mui grata communicação, e ainda mais as expressões amigaveis que manifestaes na dita carta sobre a parte que attribuis ao Imperio na realização de tão importantes acontecimentos, dos quaes resultou o restabelecimento das boas relações entre o Brazil e o Estado Oriental, apresso-me a congratular-me convosco pela paz da Republica, fazendo sinceros votos para que seja perpetua a união do povo oriental e constante a sua prosperidade.— Illustre General Dom Venancio Flôres, Governador Provisorio da Republica, Nosso Senhor vos haja em sua Santa Guarda. Escripta no palacio do Rio de Janeiro, em 7 de março de 1865.

Com a rubrica de S. M. o Imperador.— *João Pedro Dias Vieira.*

Decreto do Governo Provisorio da Republica Oriental do Uruguay

Ministerio das Relações Exteriores.— Montevideo, 28 de fevereiro de 1865.

O governador provisorio da republica, considerando que o decreto do Governo do Sr. Aguirre, que deu por nullos os tratados existentes entre a republica e o Brazil, e os condemnou ás chammas, é um acto irritado em si mesmo, e um de seus mais deploraveis excessos ;

Considerando que o simples facto de haver cessado a guerra externa, independentemente de outras considerações, restabelecera aquellas estipulações internacionaes no *statu quo ante bellum* ;

Considerando que a republica está hoje não só em perfeita e honrosa paz com o Brazil, como que ainda lhe deve pela segunda vez o mais generoso concurso para a reconciliação dos orientaes, e o restabelecimento de suas liberdades civis e politicas ;

Considerando, finalmente, que pelos compromissos que espontaneamente contrahi em nome da republica, por sua nota de 28 de janeiro ultimo, deve, como alliado do Brazil, não só a eliminação daquelle acto, nullo e lamentavel, mas até toda a reciprocidade possivel na guerra que lhe declarou o Governo do Paraguay ;

Decreta :

Art. 1.º Fica sem effeito, como si nunca tivesse existido, e eliminado do registro nacional, o decreto do Governo do Sr. Aguirre, de 13 de dezembro proximo passado.

Art. 2.º Os tratados vigentes ao tempo em que sobreveio a guerra, que terminou felizmente entre a republica e o Imperio do Brazil, continuam a ser lei commum dos dous paizes, e como tal devem ser respeitados e observados.

Art. 3.º Nenhum cidadão da republica poderá tomar armas contra o Brazil na guerra entre este e a republica do Paraguay, nem de nenhum outro modo, directa ou indirectamente, auxiliar ao inimigo do Brazil.

46

Art. 4.º Fica prohibido por parte da republica a exportação de quaesquer artigos de guerra para a republica do Paraguay, assim como o alistamento de soldados ou marinheiros, com destino ás fleiras do dito belligerante.—*Venancio Flores.*—*Carlos de Castro.*—*Francisco N. Vidal.*—*Lorenzo Battle.*—*Juan R. Gomez.*

Paysandú

O Governo imperial, pelo decreto n. 3468 de 8 de maio de 1865, creou uma medalha para os officiaes e praças que assistiram á campanha do Estado Oriental.

Em 18 de fevereiro, o imperador fez mercê do titulo de visconde ao Barão de Tamandaré e Barão de S. Gabriel ao marechal de campo João Propicio Menna Barreto.

O Governo concedeu uma pensão de 720\$ á familia do 1º tenente Henrique Martins e assim tambem ás familias dos outros bravos mortos em combates ou fallecidos de ferimentos.

Distinguiu com condecorações das diversas ordens do Imperio a 64 officiaes do exercito e 49 da marinha e promoveu a muitos bravos ; entre outros, a brigadeiro o coronel Antonio de Sampaio e a capitão o 1º tenente Cunha Mattos, que muito se havia distinguido.

Além das forças de infantaria e artilharia já citadas, faziam parte da divisão commandada pelo brigadeiro Manoel Luiz Osorio os corpos 2º, 3º e 4º de cavallaria ligeira e o 4º e 5º corpos provisorios de cavallaria da guarda nacional.

HISTORIA

DAS

CAMPANHAS DO URUGUAY, MATTO-GROSSO E PARAGUAY

BRAZIL

1864-1870

SEGUNDO VOLUME - 1864 - 1865

MATTO-GROSSO

POR

E. C. JOURDAN

RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

1893

NOTA DO AUTOR

Sendo os acontecimentos de Matto-Grosso independentes dos que se deram no Paraguay, foram classificados sob a denominação de — Invasão e campanha de Matto-Grosso — ; e formam a 2ª parte ou 2º volume, embora chronologicamente pertençam aos annos de 1864 - 65 - 66 e 67.

CORRIGENDA RELATIVA AO COMBATE DE PAYSANDÚ

Tendo encontrado as partes officiaes manuscriptas, relativas a este combate, apresso-me a rectificar o engano relativo ás perdas do exercito na tomada de Paysandú.

TENENTE-CORONEL E. C. JOURDAN.

5 officiaes mortos :

Capitão do 3º de infantaria Antonio Fernandes Borges, capitão do 6º Manoel Bento de Andrade, tenente do 4º, José Antonio de Lima Junior, alferes do 3º, C. T. Vieira Maciel, alferes do 6º, Florentino de Oliveira Dias.

13 officiaes feridos :

Coronel Carlos Resin, commandante da 2ª brigada ; capitão do 6º, Joaquim Corrêa de Faria, gravemente ; tenentes do 6º: Manoel José de Magalhães Leal, contuso ; José Manoel Pereira, gravemente ; João de Arruda Moreira, contuso ;

Tenentes do 12º: Antonio de Campos Mello, gravemente ; Manoel Verissimo da Silva, gravemente ;

Tenentes do 13º : Seraphim Felix de Paiva, gravemente ; José Lopes de Barros, contuso ;

Alferes do 6º : Antonio Braz Soares da Camara, levemente ; Antonio Rodrigues Portugal, levemente ; Collatino Ferreira de Azevedo, gravemente ; morreu no hospital ;

Alferes do 13º, Alexandre José da Silva Araujo, contuso.

Praças mortas 74 ;

Praças feridas 163.

1º regimento de artilharia.	2	mortos e	2	feridos ;
3º » » cavallaria ligeira.	3	»		
4º » » » »	3	» e	1	»
3º » » infantaria.	15	» e	27	»
4º » » »	2	» e	13	»
6º » » »	17	» e	50	»
12º » » »	19	» e	37	»
13º » » »	14	» e	32	»
Companhia de transporte	2	»		
Voluntario			<u>1</u>	
Total.	74	mortos e	163	feridos.

Total fóra de combate.	255
no primeiro ataque	53
na Marinha.	<u>30</u>
Forças brasileiras fóra de combate.	338

Relação dos medicos que estiveram no hospital de sangue :

Cirurgião-mór de brigada, Dr. João Pires Farinha;

1º cirurgião Dr. José Muniz Cordeiro Gitahy ;

» » » Manoel José de Oliveira ;

» » » Julio Cezar da Silva ;

» » » Silverio de Andrade e Silva ;

2º cirurgião » Jayme de Almeida Couto ;

» » » Alcibiades de Azevedo Pedra ;

» » » Manoel Cardoso da Costa Lobo ;

» » » José Nunes da Silva ;

» » » Antonio Pereira da Silva Guimarães.

Capellão alferes padre João da Costa Pereira ;

» padre Seraphim Gomes da Silva Passos Miranda ;

» » Ludgero Braulio Rego Monteiro.

Nota : O soldado do 3º batalhão de infantaria Jacob José dos Santos hasteou com o maior denodo o estandarte nacional n'uma das sotéas tomadas.

O soldado do 3º, Manoel Lopes Ribeiro, matou, combatendo, o coronel inimigo Azambuja.

PRIMEIRO PERIODO

SEGUNDA PARTE

1864-1865-1866-1867

Precedentes historicos da guerra do Paraguay.

Extractos de relatorios do Ministerio dos Negocios Estrangeiros:

1853 — Paulino José Soares de Souza, Visconde do Uruguay ;

1855 — Limpo de Abreu, Marquez de Abaeté ;

1856 — José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco ;

1857 — Idem ;

1858 — Visconde de Maranguape ;

Mediação offerecida pelo governo do Paraguay a 11 de junho de 1864 ;

Resposta do Ministro Brasileiro a 24 de julho de 1864 ;

Officio do governo paraguay, sobre o *ultimatum* de 4 de Agosto, em 30 de agosto de 1864 ;

Officio do mesmo governo com relação ao caso do vapor *Villa del Salto*, a 14 de setembro de 1864 ;

Officio do Governo Imperial ao seu ministro em Assumpção, a 22 de setembro de 1864 ;

Officio do governo paraguay declarando a guerra ao Brazil, dirigido a 13 de novembro de 1864 ao ministro brasileiro em Assumpção ;

Officio da Legação Imperial em Assumpção, dirigido a 13 de novembro de 1864 ao governo paraguay ;

Officio da Legação Imperial dirigido a 14 de novembro ao governo paraguayo ;

Resposta do governo paraguayo ao Ministro Brasileiro a 14 de novembro de 1864 ;

Segunda resposta do mesmo ao mesmo, a 14 de novembro de 1864 ;

Trecho de um discurso pronunciado na Camara por um deputado geral por Matto-Grosso em 1858 ;

Extracto do relatorio do Ministerio de Estrangeiros em 1865 ;

Manifesto de guerra ao Paraguay ;

Circular ao governo argentino e ao Corpo Diplomatico de Buenos-Ayres, por José Maria da Silva Paranhos, a 23 de janeiro de 1865 ;

Aprisionamento do vapor *Marquez de Olinda* ;

Proclamação do Presidente Lopez aos corpos expedicionarios ;

Invasão de Matto-Grosso ;

Estado daquella provincia em 1864 ;

Providencias do Governo Imperial ;

Forte de Coimbra ;

Corumbá ;

Albuquerque ;

Colonia dos Dourados ;

Rio Feio ;

Retirada das forças brazileiras pelos pantanaes, sob o commando dos 2º tenente João de Oliveira Mello e Luciano Pereira de Souza ;

Expedição de Matto-Grosso ;

Retirada da Laguna ;

Retomada de Corumbá e combate do Alegre, 11 de julho de 1867.

PRECEDENTES HISTORICOS

Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros em 1853:

« Ao nosso encarregado de negocios no Paraguay foi enviado o conveniente projecto, e foram dadas instrucções para celebrar com o governo dessa Republica um tratado de limites, navegação e commercio. Foram feitas todas aquellas concessões, que a respeito de limites pudemos fazer, sem quebra do nosso direito e dignidade.

« A falta de solução das questões de limites com o Paraguay tem embaraçado a de outras tambem de momento, e póde prejudicar seriamente para o futuro as boas relações que teem subsistido e subsistem entre os dous paizes.

O tempo que passa vai enredando e difficultando cada vez mais a solução dessas questões, que as nossas antigas metropoles debalde por muitas vezes procuraram resolver. Fixando-se cada uma das partes em preteções incompativeis com as da outra, deliberadas ambas a não recua, é impossivel chegar-se a um accordo, e por isso durante seculos nunca póde haver. Sómente a guerra poderia não desatar mas cortar essas difficultades.

PAULINO JOSÉ SOARES DE SOUZA (Visconde do Uruguay). »

Relatorio de Ministerio de Estrangeiros em 1855:

O Governo Imperial, prestando toda a sua attenção ao estado em que se achavam as relações entre o Imperio e a Republica do Paraguay, segundo vos informei no ultimo relatorio, encarregou de uma missão especial junto do Presidente daquela Republica, o chefe de esquadra

Pedro Ferreira de Oliveira. E' sabido que pelo art. 3º da convenção de 25 de dezembro de 1850, celebrada entre o Governo Imperial e a Republica do Paraguay, obrigaram-se os governos a auxiliar-se reciprocamente, afim de que a navegação do Rio Paraná até ao Rio da Prata ficasse livre para os subditos de ambas as nações. D'esta estipulação resulta que o governo da Republica reconheceu o direito do Imperio á navegação do rio Paraguay, e obrigou-se a franquear-lhe essa navegação, e a do Paraná na parte destes rios que lhe pertence.

« O governo do Paraguay, por cuja independencia tanto fez o Governo Imperial, devendo ás allianças e aos esforços do Brazil, sem o menor sacrificio de sua parte, o poder navegar o Paraná até o Rio da Prata, já concedeu a differentes nações a navegação de seus rios, mas julgou-se com direito e justiça para recusar igual concessão á bandeira brasileira.

« A navegação do Paraná está aberta a todas as nações, pelos actos dos governos de Buenos-Ayres e da Confederação Argentina, que a franquearam; mas o Brazil não pôde aproveitar-se della para chegar á provincia de Matto-Grosso, porque o Paraguay prohibe a entrada e sahida dos barcos brasileiros pelos seus rios.

LIMPO DE ABREU (Marquez de Abaeté). »

Relatorio do Ministerio dos Negocios Estrangeiros em 1856 . . .

« Depois de inuteis esforços de sua parte, o plenipotenciao brasileiro teve de annuir a que ficasse indecisa aquella questão, e assignou com o da Republica, aos 27 dias de abril do anno proximo passado (1855), duas convenções, uma relativa ao simples transitto fluvial, e á navegação e commercio entre os dous paizes, a outra macando o prazo de um anno para o ajuste de limites.

« A primeira das duas supraditas convenções, segundo uma clausula nella expressa, não podia ter effeito sem que se decidisse a questão de limites; e a convenção relativa a este assumpto apenas

estipulava, como fica dito, que dentro de um anno procurariam os dous governos chegar a um accordo amigavel e definitivo.

« Ambas as convenções, portanto, nada mais eram nem valiam do que uma promessa de cumprimento de obrigações ha muito contrahidas pelos dous governos, continuando no entretanto interdicto á bandeira brasileira o uso da navegação dos rios Paraguay e Paraná.

« Sua Magestade o Imperador, attendendo ás razões que ficam expostas, houve por bem não ratificar as referidas convenções, o que se communicou ao governo da Republica por nota de 8 de julho proximo passado

« Na citada nota de 8 de julho, depois de mostrar toda a razão que militava a seu favor, reclamou o Governo Imperial que lhe fosse desde logo reconhecido e respeitado, o que deriva do art. 3º do tratado de 1850: e para que não continuasse adiado o ajuste dos assumptos a que se refere o art. 15 do mesmo tratado, solicitou ao mesmo tempo a vinda de um plenipotenciario paraguayo a esta Còrte.

« O governo da Republica respondeu á nossa reclamação em data de 24 de setembro, declarando que enviaria o mais brevemente possivel um plenipotenciario munido das instrucções precisas para tratar e celebrar os ajustes convenientes sobre todas as questões pendentes

« O plenipotenciario paraguayo, o Sr. D. José Borges, apresentou as suas credenciaes a Sua Magestade o Imperador em 5 de março ultimo, e no dia 9 do mesmo mez deu-se começo á negociação, que terminou a 6 de abril.

« Depois de longa discussão, cujos protocollos vos serão opportunamente apresentados, concluiu-se e assignou-se no dia 6 de abril, com o plenipotenciario da Republica, um tratado de amizade, navegação e commercio, que desenvolve os principios estabelecidos no de 25 de dezembro de 1850, e uma convenção pela qual se estipula que, dentro do prazo daquelle tratado, se nomearão novos plenipotenciarios

para examinarem e reconhecerem definitivamente a linha divisoria dos dous paizes.

« Sua Magestade o Imperador houve por bem ratificar os referidos ajustes. As ratificações serão trocadas na Assumpção, no prazo de oitenta dias, contados de 6 de abril, ou antes, si for possivel

JOSÉ MARIA DA S. PARANHOS (Visconde do Rio Branco).»

Relatorio do Ministerio de Estrangeiros em 1857.

« O reconhecimento desta fronteira funda-se nos mesmos principios adoptados pelo Governo Imperial, para o ajuste de limites com as outras Republicas vizinhas : 1º, o *uti possidetis*; 2º, as estipulações celebradas entre as corôas de Portugal e Hespanha, nos pontos em que ellas não contrariam os factos de possessão, e esclarecem as duvidas resultantes de falta de occupação effectiva.

« O governo paraguay admittiu a primeira base, mas recusou a segunda.

« A dissidencia entre os dous governos versava sobre a fronteira comprehendida entre a margem direita do Paraná e a esquerda do Paraguay.

« No intuito de decidil-a, propoz o governo da Republica, por meio do seu plenipotenciario, como condição indispensavel, que se nomeassem commissarios para examinar os terrenos contestados, e verificar as posses, ou monumentos de posse das duas nações.

« Emquanto esse exame se não fizer, dizia o plenipotenciario paraguay, a Republica sustentará que a divisa dos dous paizes não póde ser outra sinão do lado do rio Paraná, o rio Ivinheima, e do lado do rio Paraguay o rio Branco, que corre ao norte do Apa, unidos estes dous rios pelas serras de Maracajú ou Anhambahy, desde as suas cabeceiras, que dellas nascem.

« No entretanto é certo, e o proprio representante da Republica o declarou na segunda conferencia, que a Republica não possui actual-

mente nem uma povoação, estabelecimento ou monumento de posse além do Iguatemy e além do Apa.

« O que o governo paraguay allegava para [pretender a divisa do Ivinheima eram as posses que ahi tiveram os hespanhões; e para provar o seu direito ao territorio entre o Apa e o chamado Rio Branco allegava o estabelecimento do forte Olympo, outr'ora Bourbon, que fica fronteiro, sobre a margem direita do Paraguay.

« Fez-se ver, por parte do Governo Imperial, que não era razoavel o adiamento, afim de que commissarios fossem percorrer o terreno e verificar as posses de um e outro Estado.

« Que a questão estava resolvida *a priori*, uma vez que o proprio governo paraguay declarava que, além do Iguatemy, e além do Apa nada possuia. Que o exame dos terrenos sobre as linhas contestadas nada daria em resultado, porque correm ellas por pontos desertos, despovoados, sem vestigios de occupação.

« Que as occupações hespanholas, a que quiz soccorrer-se o plenipotenciario paraguay, relativamente á linha do Ivinheima, tiveram logar durante a união de Portugal á Hespanha, e desapareceram logo que se separaram as duas corôas; eram factos muito anteriores aos tratados de 1750 e 1777, que reconheceram e assignaram o *uti possidetis* das duas metropoles, nessa parte de suas possessões limitrophes.

« Que, quando se construiu o forte Bourbon ou Olympo, sobre a margem direita do rio Paraguay, já os hespanhões e portuguezes se achavam ha muito estabelecidos em uma e outra margem daquelle rio, já tinham sido celebrados os tratados de 13 de janeiro de 1750 e de 1 de outubro de 1777, que reconheceram o meio desse rio por fronteira das possessões de Hespanha e Portugal.

« Que portanto aquelle estabelecimento não podia conferir direitos sobre a margem opposta.

« Que a Republica nenhuma posse ou dominio tem no territorio que pretende ou contesta ao Brazil, provam-n'o as propostas feitas pela mesma Republica em 1844, 1847, 1852 e 1853, as declarações do

seu plenipotenciario na segunda conferencia, e os poucos factos sem importancia e eventuaes que foram invocados a titulo de posse effectiva.

« O Governo Imperial, não se aproveitando da proposta, que lhe offereceu a Republica em 1844, pela qual se reconhecia a divisa de 1777 não accetando a cessão do territorio do Aguapehy, que se lhe quiz fazer em 1847; e offerecendo hoje á Republica, como offerecia em 1853, uma linha de limites que cobre todas as suas possessões e estabelecimentos, mais vantajosas do que aquellas que a mesma Republica propoz em 1847, 1852 e 1853; exceptuando a idéa do territorio neutral, entendeu que era tudo quanto podia fazer, para obter da Republica o reconhecimento da moderação e benevolencia com que se prestava á solução da inveterada questão de limites entre os dous Estados.

« Não sendo possivel chegar a um accordo definitivo, conveio-se em adiar o ajuste de limites, obrigando-se os dous governos a nomear, logo que as circumstancias o permittam, e dentro do prazo de seis annos, os seus plenipotenciarios para ser de novo examinada a questão, e resolvida definitivamente.

« No entretanto obrigavam-se outrosim ambas as partes a respeitar e fazer respeitar reciprocamente o seu *uti possidetis* actual.

« A troca das ratificações destes ajustes teve logar na Assumpção, aos 13 dias de junho do anno proximo passado (1856).

JOSÉ M. DA S. PARANHOS.»

Relatorio do Ministerio de Estrangeiros em 1858:

Missão do Sr. conselheiro José Maria do Amaral:

« O Governo Imperial, como fostes informados pelo Relatorio do meu antecessor, do anno proximo passado, reclamou por nota de 26 de janeiro do mesmo anno contra as medidas fiscaes.

« Algumas destas medidas contrariavam o tratado de amizade, navegação e commercio, celebrado com aquella Republica em 6 de abril de 1856, e gravemente prejudicavam o commercio e navegação da provincia de Matto-Grosso.

« O Sr. conselheiro José Maria do Amaral, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Sua Magestade o Imperador na Confederação Argentina, foi encarregado de sustentar as respectivas reclamações junto do governo da Republica

« A nota de 11 de maio do governo da Republica repellia em todos os pontos as justas reclamações do Governo Imperial e com ella ficou mallograda a negociação confiada ao Sr. conselheiro José Maria do Amaral.

VISCONDE DE MARANGUAPE.»

Mediação offerecida pelo governo do Paraguay em 11 de junho de 1864

« Ministerio de Relações Exteriores — Assumpção, 11 de junho de 1864.

« O abaixo assignado, ministro e secretario de estado das relações exteriores, tem a honra de dirigir-se a V. Ex. para communicar-lhe que a legação oriental nesta cidade solicitou, em nome do seu governo, a amigavel mediação desta Republica para o ajuste das questões confiadas pelo Gabinete Imperial a S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva, em sua missão especial naquella Republica.

« O governo do abaixo assignado se considerará muito feliz si, empenhando a sua cooperação, puder contribuir para um resultado tão satisfactorio.

« O abaixo assignado aproveita esta occasião para offerecer a V. Ex. as seguranças de sua mui distincta consideração e estima.

« Ao Illm. e Exm. Sr. ministro e secretario de estado dos negocios estrangeiros do Imperio do Brazil. — José Berges.»

« Missão especial do Brazil — Montevideo, 24 de julho de 1864.

« Sr. Ministro.
.
.
.

« Aguardando, como me cumpre, as ordens do meu governo, occor-re-me, entretanto, o dever de declarar a V. Ex. que, nutrindo as mais fundadas esperanças de obter amigavelmente do governo oriental a solução das mencionadas questões, parece-me, por emquanto, sem objecto a mediação do governo paraguayoy, sempre apreciada pelo go-vernno de Sua Magestade.

« Aproveito a occasião para manifestar a V. Ex. os votos de minha distincta consideração.

« A S. Ex. o Sr. José Berges.

JOSÉ ANTONIO SARAIVA.»

Officio do governo paraguayoy á Legação Imperial ao ter conhecimento do «ultimatum» de 4 de agosto

« Ministerio das Relações Exteriores.— Assumpção, 30 de agosto de 1864.
.
.

« Penosa foi a impressão que deixou no animo do governo do abaixo assignado a alternativa do *ultimatum* consignado nas notas de S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva, de 4 e 10 do corrente, ao governo oriental.
.
.

« Não menos penosa foi para o governo do abaixo assignado a negativa de S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva á proposição de arbitramento, que lhe foi feita por parte do governo oriental.
.
.

« Não póde, porém, ver com indiferença, e menos consentir que em execução da alternativa do *ultimatum* imperial, as forças brazileiras, quer sejam navaes, quer terrestres, occupem parte do territorio da Republica Oriental do Uruguay, nem temporaria nem permanentemente e S. Ex. o Sr. Presidente da Republica ordenou ao abaixo assignado, que declare a V. Ex., como representante de sua Magestade o Imperador do Brazil: que o governo da Republica do Paraguay considerará qualquer occupação do territorio oriental por forças imperiaes, pelos motivos consignados no *ultimatum* de 4 do corrente, intimado ao governo oriental pelo ministro plenipotenciario do Imperador, em missão especial junto daquelle governo, *como attentatoria do equilibrio dos Estados do Prata*, que interessa á Republica do Paraguay, como garantia de sua segurança, paz e prosperidade, e que protesta da maneira a mais solemne contra tal acto.

.
.

« A S. Ex. o Sr. Cezar Sauvan Vianna de Lima, ministro residente de Sua Magestade o Imperador do Brazil.—*José Berges.*»

Officio do governo paraguayao ao nosso ministro plenipotenciario em Assumpção, ao ter conhecimento do caso do vapor oriental « Villa del Salto ».

« Ministerio de Relações Exteriores, 14 de setembro de 1834.

« Factos tão significativos como os que a legação oriental denunciava, consummados em apoio de uma rebellião, com olvido dos principios de legalidade, base dos direitos de dynastia dos governos monarchicos, impressionaram profundamente ao governo do abaixo assignado, que não póde deixar de corroborar por esta communicação as suas declarações de 30 de agosto e de 3 do corrente.—*José Berges.*»

« Ministerio dos Negocios Estrangeiros — Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1864.

« Com o officio de V. S. n. 3 de 3 do corrente, que tenho presente, recebi as cópias, que o acompanharam, da nota que a essa legação passou o governo da Republica, protestando contra qualquer occupação do territorio oriental, que possa vir a ter logar por parte das forças do Imperio em consequencia do *ultimatum* dominatorio do Sr. conselheiro Saraiva; e bem assim da resposta por V. S. dada á referida nota.

« Inteirado o Governo Imperial desta communicação, completamente approva os termos da resposta de V. S., que nada deixam a desejar

« V. S. em termos habeis usará do referido despacho, para convencer o governo paraguay de quanto são infundadas as apprehensões que revela em seu protesto.

« Ao Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima.

CARLOS CARNEIRO DE CAMPOS.»

Declaração de guerra

« Ministerio das Relações Exteriores — Assumpção, 12 de novembro de 1864.

.

« Que, comquanto essa legação em sua nota de 1º de setembro, affirmasse em resposta ao protesto deste Ministerio de 30 de agosto, que de certo nenhuma consideração faria sobrestar o Governo Imperial na politica que havia adoptado para com o governo oriental

.

« E', porém, com profundo pezar que o governo do abaixo assignado vê, que, longe de haver merecido a attenção do Governo Imperial sua moderação, as declarações officiaes de 30 de agosto e a confirmação de 3 de setembro, responde a ellas com actos aggressivos e

provocadores, occupando com forças imperiaes a Villa de Mello, cabeça do departamento oriental do Cerro Largo, no dia 16 do mez proximo passado, sem prévia declaração de guerra, ou outro qualquer acto publico dos que prescreve o direito das gentes

« Em consequencia de uma provocação tão directa, devo declarar a V. Ex. que ficam rôtas as relações entre este governo e o de Sua Magestade o Imperador, impedida a navegação das aguas da Republica para a bandeira de guerra e mercante do Imperio do Brazil, sob qualquer pretexto ou denominação que seja; e permittida a navegação do rio Paraguay para o commercio da provincia brazileira de Matto-Grosso á bandeira mercante de todas as nações amigas, com as reservas autorizadas pelo direito das gentes.

« A S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima.— *José Berges.* »

« Legação Imperial do Brazil—Assumpção, 13 de novembro de 1864.

« Sr. Ministro.— Neste instante, 9 horas da manhã, fui informado de que o paquete brazileiro *Marques de Olinda*, que sahira deste porto para Matto-Grosso ante-hontem, ás 2 horas da tarde, levando a seu bordo o Sr. Presidente nomeado para aquella provincia, se acha desde esta madrugada ancorado no porto de Assumpção e debaixo das baterias do vapor de guerra paraguay *Taquary*.

« Em taes circumstancias, dirijo-me immediatamente a V. Ex., pedindo-lhe explicação sobre o grave facto que acabo de expôr . . .

« A S. Ex. o Sr. D. José Berges.— *Cesar Sauvan Vianna de Lima.* »

« Legação Imperial do Brazil—Assumpção, 14 de novembro de 1864.

« E' sem duvida devido a esta grave resolução do governo, de que V. Ex. faz parte, o acto de violencia commettido sobre o paquete brazileiro *Marques de Olinda*, que se dirigia a Corumbá, levando a seu bordo o Sr. Presidente novamente nomeado para a provincia de Matto-Grosso, acto ácerca do qual apressei-me hontem mesmo a pedir

a V. Ex. explicações, que até este momento ainda não recebi, continuando o commandante, passageiros e tripolação do paquete a permanecer detidos e incommunicaveis com a terra.

« Limito-me a protestar do modo, o mais solemne e em nome do Governo de Sua Magestade o Imperador do Brazil, contra o acto de hostilidade praticado em plena paz contra o referido paquete *Marquez de Olinda*

« Tendo, portanto, de retirar-me quanto antes desta capital, peço a V. Ex. que se sirva mandar os passaportes para mim, minha familia, o secretario da legação e comitiva, afim de podermos seguir viagem no paquete *Marquez de Olinda*.

« A S. Ex. o Sr. D. José Berges.— *Cesar Sauvan Vianna de Lima.*»

« Ministerio das, Relações Exteriores — Assumpção, 14 de novembro de 1864.

« Recebi a nota que em resposta á deste Ministerio de 12 do corrente V. Ex. me fez a honra de dirigir com data de hontem, protestando contra a detenção do paquete *Marquez de Olinda*, a respeito da qual havia pedido explicações, que diz não ter ainda recebido, attribuindo o facto á enunciada resolução do meu governo e pedindo passaporte para retirar-se quanto antes desta capital com o pessoal da legação.

« Si ao fechar a nota a que respondo, não havia V. Ex. recebido a minha resposta á nota em que pede explicação sobre o facto occorrido no dia 13, a terá comtudo recebido logo depois, e por ella terá sido informado de que não se enganou attribuindo a detenção do *Marquez de Olinda* á minha notificação de 12 do corrente.

« Incluso tenho a honra de remetter a V. Ex. o passaporte que pede, para retirar-se quanto antes desta capital com sua familia, secretario da legação e comitiva.

« A S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima.— *José Berges.*»

« Ministério das Relações Exteriores — Assumpção, 14 de novembro de 1864.

« Tenho por escusada qualquer explicação sobre a materia, visto que V. Ex. deve encontral-a na nota que tive a honra de dirigir a essa legação em 12 do corrente.

.....
« A S. Ex. o Sr. Cesar Sauvan Vianna de Lima. — *José Berges.*»

O governo já havia sido avisado pelo deputado de Matto-Grosso, Antonio Correa do Couto, na sessão de 1858.

Este deputado, chamando a atenção do governo sobre o estado daquella provincia, assim se exprimiu na referida sessão :

.....
« Estou convencido que si se dêsse agora o caso de guerra com o Paraguay, além da provincia não estar preparada, o governo se veria embaraçado em mandar para alli o que ainda lhe falta, pois que nada está preparado na provincia, nem para transportes.

« O Sr. Ministro da Marinha respondeu : Temos esperança de que a paz continue.

« Eu particularmente não tenho esta esperança : e si tivesse occasião de fallar nos nossos negocios com relação ao Paraguay, diria a razão.

.....
Relatorio do Ministerio de Estrangeiros em 1865:

« O Paraguay havia allegado que a necessidade de manter o equilibrio das Republicas do Prata o chamava a protestar contra qualquer invasão de forças brazileiras no territorio do Estado Oriental, acto que consideraria como attentatorio da independencia e integridade do mesmo Estado, e o governo de Aguirre, embalado com a idéa de que essa declaração traduzida em facto, importaria um auxilio efficaz contra o Imperio, obstinou-se em suas recusas ás nossas justas reclamações, illudiu todas as propostas para a solução pacifica e amigavel das difficuldades internas da Republica, que complicavam-se e eram causa essencial dos embaraços internacionaes que assoberbavam-n'a.

« Mas o tempo não tardou em demonstrar, que a allegação do Paraguay era apenas um pretexto, embora futil, com que procurava colorir, ou antes encobrir as suas verdadeiras intenções contra o Brazil, e além disso um estratagemma a que recorria para distrahir a attenção do Governo Imperial dos projectos que cogitava, afim de melhor levar a effeito seus perfidos intuitos.

« Assim que, deixando a Republica Oriental entregue a si mesma no momento mais critico, ao passo que fazia circular boatos de que vinha em seu auxilio, porventura no intento de illudir ainda as esperanças daquella, e concentrar toda a attenção do Governo Imperial para a lucta em que se achava com a mesma Republica; o governo do Paraguay resolvio e levava a effeito de surpresa a invasão da provincia de Matto-Grosso, prevalecendo-se da proximidade em que lhe ficava a mesma provincia, conhecendo o estado indefeso em que ella se achava, e a immensa distancia que a separava dos recursos de que careceria, além da difficuldade, si não impossibilidade, de nos distrahirnos então da lucta em que nos achavamos empenhados no Estado vizinho.»

Manifesto de guerra ao Paraguay. — Circular ao governo Argentino e ao corpo diplomatico de Buenos-Ayres

«Missão Especial do Brazil—Buenos-Ayres, 23 de janeiro de 1865.

« O abaixo assignado, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. o Imperador do Brazil, acreditado em missão especial junto á Republica Argentina, recebeu ordem para dirigir ao Sr. ministro de..... o manifesto que faz objecto da presente nota.

« O governo da Republica do Paraguay, surprehendendo a boa fé e moderação do Brazil, declarou-lhe guerra, em alliança com o governo de Montevideo, e já levou suas armas a povoações quasi indefesas da provincia de Matto-Grosso.

« O Governo Imperial deseja que as potencias amigas possam apreciar, em seu imparcial e illustrado juizo, quanto ha de injusto e

mão nesse temerario procedimento de um governo com quem o Brazil se esforçava por cultivar as mais benevolas relações de vizinhança.

« A Republica do Paraguay, Sr. Jministro, vivia sequestrada do commercio das outras nações, e ameaçada em sua existencia pelo ex-governador Rosas, quando entre ella e o Brazil se estabeleceram as mais estreitas relações de amizade e reciproca confiança. O interesse que o governo de Sua Magestade tomou pela independencia do povo paraguayoy foi reconhecido pelo proprio governo da Assumpção, e pôde ser testemunhado por varios gabinetes da Europa e da America.

« Em 1852, alliando-se o Brazil ao Estado Oriental do Uruguay e a uma importante fracção da Republica Argentina, contra os oppressores e inimigos do Imperio, os generaes Rosas e Oribe, o Governo Imperial convidou logo o do Paraguay para essa cruzada de honra e de interesse commum, não pela necessidade de sua cooperação, mas como garantia do futuro reconhecimento de sua independencia pela nação argentina. O governo paraguayoy, porém, obrigado por pactos preexistentes entre elle e o do Brazil, a tomar parte activa naquella triplice alliança, apenas prestou-lhe uma adhesão nominal: poupou-se a todos os onus, reservando-se, todavia, o direito de participar dos beneficios que resultassem e effectivamente resultaram dos esforços do Imperio e dos seus alliados.

« Abertos os affluentes do Rio da Prata á navegação dos ribeirnhose de todo o mundo civilizado, o governo paraguayoy foi o primeiro autilisar-se da concessão dos alliados, mas por sua parte conservou o alto Paraguay fechado a todas as bandeiras, mesmo ás do Brazil, da Republica, Argentina e do Estado Oriental, ás quaes não permittia passar além da Assumpção.

« Esta denegação do Paraguay não era uma simples falta de reciprocidade, era a postergação de principios estipulados entre o Brazil e a Republica por um tratado solemne, o de 25 de dezembro de 1750.

« A provincia brazileira de Matto-Grosso, que encerra em si elementos de grande prosperidade, continuou privada da navegação exterior,

como antes estivera a Republica do Paraguay, não já pelo poder ominoso do governador Rosas, mas pela vontade arbitraria do governo da Assumpção. Assim permaneceu aquella provincia desde 1852 até 1856, quatro longos annos depois de franqueada a navegação do Prata e dos seus affluentes por todos os outros ribeirinhos.

«Tão injusto e irritante procedimento do governo paraguay esteve a ponto de provocar uma guerra com o Brazil; este, porém, a soube evitar pela sua moderação, não obstante os custosos preparativos que já tinha feito para sustentar pelas armas o seu direito. Em 1856 assignaram-se na Côrte do Rio de Janeiro duas convenções que puzeram termo áquella conjunctura.

« Uma destas convenções adia a questão de limites, causa principal da contenda, porque o governo paraguay já não admittia nenhuma das soluções que antes propuzera, nem outra mais vantajosa á Republica, que então offerecia o Governo Imperial. A segunda assegurava á bandeira brasileira o livre transito pelo rio commum, com esta restricção, a que o Imperio accedeu por amor á paz, que só dous navios de guerra poderiam passar pelas aguas da Republica para o territorio brasileiro do Alto Paraguay.

« Apenas promulgado o referido accordo amigavel, o governo paraguay annullou-o de facto, sujeitando a navegação commum a regulamentos que eram a negação do estipulado e tornavam impossivel todo o commercio exterior com a provincia de Matto-Grosso.

« E' facil de conjecturar o effeito que a nova provocação devia produzir no animo do povo e do governo brasileiro. A guerra tornou-se mais uma vez imminente, o Brazil foi obrigado a novos armamentos, mas ainda nesta emergencia o Brazil preferin a paz, e pôde pela sua prudencia evitar decorosamente aquelle recurso extremo.

« O Governo Imperial propoz e assignou de inteira boa fé o accordo que se contém na convenção fluvial de 20 de fevereiro de 1858.

« Esta convenção não foi para o Brazil uma tregua, á sombra da qual pudesse preparar-se com mais vantagem para rompê-la logo que assim lhe conviesse.

« Não; o Governo Imperial, conscio de seus direitos, e certo do civismo do povo brasileiro, nunca quiz ver nos excessivos armamentos

paraguayos mais do que o triste resultado da politica meticulosa desse governo, e do regimen anormal em que ainda permanece a Republica.

« Esperou sinceramente que o tempo e suas benevolas intenções determinassem por fim a conversão daquelle governo aos dictames da razão e da justiça internacional.

« Nestas disposições confiava o Governo Imperial, quando lhe sobreveio o conflicto com o de Montevideo, e viu-se com espanto no Rio da Prata o governo de Assumpção apresentar-se como o mais zeloso defensor da independencia da Republica Oriental do Uruguay, que ninguem seriamente podia julgar ameaçada pelo Brazil, que a defendera contra o poder de Rosas, e sem o concurso a que o governo paraguayo se obrigara no citado pacto de 25 de dezembro de 1850.

« Depois de numerosos actos, pelos quaes o Governo Imperial tem dado provas inequivocas do seu respeito á independencia daquelle Estado limitrophe, quando o governo argentino, que tem com o do Brazil estipulações especiaes a este respeito, fazia justiça ás intenções deste, a simples duvida do governo paraguayo era por si só uma offensa immerecida; mas esse governo foi mais longe.

« Erigindo-se em arbitro supremo entre o Governo Imperial e o da Republica Oriental, dirigiu ao primeiro uma notificação ameaçadora, que nada menos importava do que coarctar ao Brazil uma parte dos seus direitos de soberania no conflicto em que se achava com o governo de Montevideo.

« O abaixo assignado refere-se aqui á nota paraguaya, que corre impressa com a data de 30 de agosto ultimo, pela qual pretendeu o presidente daquelle Republica ingerir-se na questão a que era de todo estranho, sob o pretexto de perigo para a independencia do Estado Oriental.

« O governo da Assumpção não definia a natureza e alcance da sua ameaça; envolveu-a em mysteriosa reserva e tornou-a dependente de uma clausula — a occupação do territorio oriental por forças do Brazil — que se não verificou, e que o Governo Imperial havia declarado estar fóra do seu intento de medidas coercitivas contra o governo de Montevideo.

« A resposta a semelhante pretensão e ameaça não podia ser outra senão a que lhe deu a legação imperial na Assumpção, fazendo sentir ao governo paraguayo que o Brazil exercia o direito inherente a todas as soberanias, e que nenhuma consideração poderia detel-o no justo e honroso empenho de defender a sua dignidade e proteger as pessoas e propriedades dos numerosos subditos brasileiros residentes no Estado Oriental.

« A entrada de um exercito brasileiro no territorio da Republica do Uruguay, sem que este praticasse acto algum de occupação, serviu, não obstante, de fundamento para que o Presidente da Republica do Paraguay rompesse as suas relações de paz com o Brazil. A ameaça de 30 de agosto foi allegada como prévia e solemne declaração de guerra, para justificar um abuso inqualificavel de boa fé internacional, com que esse governo encetou as suas hostilidades de guerra contra o Brazil.

« O Sr. ministro tem conhecimento da captura insidiosa do paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, que navegava, como de costume, pacificamente pelo rio Paraguay com destino á provincia de Matto-Grosso, e da prisão afflictiva a que teem sido constrangidos alguns dos inermes passageiros desse vapor, entre os quaes se acha o alto funcionario brasileiro, que ia tomar conta da administração daquella provincia.

« O governo da Assumpção considerou como prisioneiros de guerra, e trata com extrema severidade, a passageiros que simplesmente transitavam pelas aguas da Republica, confiados no estado de paz em que se achavam os dous paizes, e á sombra de um direito incontestavel. Os tempos modernos não offerecem exemplo de attentado igual.

« O conflicto do Brazil com o governo de Montevidéo foi, como se vê, um pretexto e uma occasião que o governo paraguayo aproveitou para levar a effeito os seus projectos de guerra.

« Os factos referidos põem em toda a luz o plano de ha muito premeditado por esse governo, e o alvo a que elle se dirige; mas ha outra prova não menos significativa de seus maleficos intentos. Esta prova é a expedição militar que elle enviou ao territorio de Matto-Grosso,

contando com as vantagens da surpresa naquella remota provincia brasileira, victima a esta hora da devastação e atrocidades que vão praticando os seus invasores.

« A' vista de tantos e taes actos de provocação, a responsabilidade da guerra sobrevida entre o Brazil e a Republica do Paraguay pesará exclusivamente sobre o governo da Assumpção. O governo de Sua Magestade repellirá pela força o seu aggressor; mas, resalvando com a dignidade do Imperio os seus legitimos direitos, não confundirá a nação paraguaya com o governo que assim a expõe aos azares de uma guerra injusta, e saberá manter-se como belligerante dentro dos limites que lhe marcam a sua propria civilisação e os seus compromissos internacionaes.

« O abaixo assignado tem a honra de renovar ao Sr.
os protestos de sua mais alta consideração.

« Ao Sr.

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS.»

Embora as declarações officiaes dos principaes orgãos do governo brasileiro desde 1853 provem á saciedade, como se vê pelos *precedentes historicos*, a convicção, que tinha o Governo Imperial de que sómente por meio de uma guerra se acabariam as pendencias que tinhamos com o governo da Republica do Paraguay, elle conservou-se em uma inercia completa e a guerra surprehendeu-nos n'um verdadeiro estado de desarmamento, quer no exercito, quer na marinha.

O governo do Brazil em sua imperial e soberba indifferença dos negocios do Rio da Prata, que sempre entendia resolver pela diplomacia, chegava até a ignorar o estado de armamento do Paraguay; e, no mais criminoso desleixc, deixava a longinqua provincia de Matto-Grosso sem recursos para defender-se de uma invasão repentina, e as fronteiras do Rio Grande do Sul desguarnecidas completamente e sem uma estrada estrategica, siquer, para o caso de uma invasão subita e inesperada, que exigisse uma movimentação rapida de forças brasileiras.

62

O Paraguay desde muito se preparava para a guerra, e Francisco Solano Lopez, julgando-o prompto ¹, declarou a guerra, apoderando-se por um acto de verdadeira pirataria, em plena paz, do vapor *Marques de Olinda*, navio mercante brasileiro da Companhia de Navegação do Alto Paraguay.

Aprisionado na manhã do dia 12, a 30 milhas acima de Assumpção, pelo vapor de guerra paraguayo *Tacuary*, foi o *Marques de Olinda* reconduzido, como preza de guerra, ao porto de Assumpção, onde chegou na noite de 12 para 13, ficando sob a guarda dos canhões da esquadra paraguaya, e incommunicavel para a terra.

Este vapor conduzia a seu bordo, além de outros passageiros, o coronel Carneiro de Campos, nomeado, por decreto de 5 de dezembro de 1864, commandante das armas em Matto-Grosso (Ordem do dia do Exercito n. 418 de 14 de outubro de 1864).

No mesmo dia 13 pela manhã o ministro brasileiro pediu explicações ao governo paraguayo, e á tarde recebeu em resposta um officio, com data de 12, declarando a guerra ao Brazil.

A 14 o ministro brasileiro protestou contra a inqualificavel violencia do governo paraguayo, declarando *preza de guerra* o paquete *Marques de Olinda*, a sua tripolação e passageiros; e pediu passaportes para si e para o pessoal da legação.

No dia 14 ² foram-lhe entregues os passaportes.

De Buenos-Ayres o ministro brasileiro, expulso de Assumpção, dizia ao Governo Imperial :

« Tenho a firme convicção de que o Brazil inteiro se erguerá para lavar esta affronta. »

Em novembro, quando Lopez declarou a guerra ao Brazil, já havia mandado acampar em Itapua, em S. José — mi e em Loreto, territorio de Missões, departamento da Candelaria, entre o Paraná e Uruguay, um exercito de 17.000 homens.

¹ Diz Thomptom :

« Lopez acreditava que só a guerra poderia tornar conhecida no mundo a Republica do Paraguay.»

² Embora estes factos já tenham sido mencionados na 1ª parte, julguei necessario relembral-os aqui.

Além disso, já estava acampado desde Humaytá, Passo da Patria e diversos outros pontos militares á margem do Paraná, outro exercito de 20.000 homens, promptos para invadir a provincia do Rio Grande do Sul e talvez o Estado de Corrientes, da Republica Argentina.

Para a fronteira do Apa havia mandado um exercito de 5.000 homens, com 6 boccas de fogo, prompto a invadir a provincia de Matto-Grosso, apoiado pela sua esquadra, com 51 canhões e 4.200 homens de desembarque.

No dia 12 de dezembro Lopez mandou distribuir pelo seu exercito a proclamação seguinte :

«Aos corpos expedicionarios contra o Brazil :

«Soldados, foram estereis os meus esforços para manter a paz.

O Imperio do Brazil, mal conhecendo o nosso valor e enthusiasmo, provoca-nos á guerra.

A honra, a dignidade nacional e a conservação dos mais caros direitos nos mandam acceital-a.

Em recompensa da vossa lealdade e grandes serviços fixei sobre vós a minha attenção, escolhendo-vos, entre as numerosas legiões que formam os exercitos da Republica, para que sejais os primeiros a dar uma prova da valentia das nossas armas, recolhendo os primeiros louros que devemos reunir aos que os nossos maiores puzeram na coróa da patria nos memoraveis dias de Paraguay e de Tacuary.

A vossa subordinação, disciplina e constancia nas fadigas me respondem pela vossa bravura e brilho das armas, que a vosso valor confio.

Soldados e marinheiros, levai este voto de confiança aos vossos companheiros, que nas nossas fronteiras do norte hão de se vos reunir ; marchai serenos ao campo da honra ; recolhei glorias para a patria e honra para vós e vossos companheiros ; mostrai ao mundo inteiro quanto vale o soldado paraguayo.—*Francisco Solano Lopez.*»

PROVINCIA DE MATTO-GROSSO EM FINS DE 1864

A população era estimada em

Civilisada	{ livre 35.000 habitantes
	{ escrava 6.000 »
Indigena	24.000 »
Ao todo	(5.000 »

A provincia era dividida em tres comarcas judiciarias e 16 freguezias, que tinham ao todo 148 eleitores.

Dividia-se militarmente em quatro districtos: Matto-Grosso, Villa Maria, Baixo Paraguay e Miranda.

Os pontos guarnecidos por forças ou destacamentos eram :

A cidade de Matto-Grosso, o Forte do Principe, o da Beira e o de Casalvasco ; Villa Maria e Corixa, na fronteira da Bolivia ; Corumbá e Forte de Coimbra ; Villa de Miranda, Nioac e colonias militares de Miranda e dos Dourados.

O relatorio do ministro da guerra de 1864 dá como existente em Matto-Grosso uma força de 1.327 homens (officiaes e praças de todas as armas e categorias).

Era presidente de Matto-Grosso o general Alexandre Albino de Carvalho, homem integro e cumpridor de seus deveres, até o maior sacrificio.

De muito tempo reclamava elle do governo central soldados e dinheiro, para, no caso de uma guerra com o Paraguay, poder defender a nossa fronteira.

Achando-se doente, havia pedido a 31 de março e a 14 de maio de 1864 exoneração do cargo que occupava, e que lhe foi concedido por decreto de 5 de outubro ; dando-se-lhe como successor o infeliz coronel Carneiro de Campos, pouco depois prisioneiro de Lopez.

Sómente em abril de 1865 chegaram ás mãos do general Albino de Carvalho os primeiros actos officiaes do governo, depois da declaração de guerra, e que foram : um aviso ministerial de 24 de dezembro de 1864 e uma carta confidencial, de 31 do mesmo mez, em que o

presidente do conselho de ministros recommendava ao general que continuasse a exercer as funcções do cargo de presidente de Matto-Grosso, até que se apresentasse o seu successor, apesar de haver-lhe sido concedida a exoneração do cargo.

Sómente depois de conhecidas as ameaças contidas nos officios do governo paraguayoy de 30 de agosto e de 14 de setembro de 1864, o Barão de Tamandaré e o ministro brasileiro em Assumpção, Cesar Sauvan de Lima, Barão de Jaurú, preveniram ao general Albino que tomasse providencias, para o caso de uma aggressão provavel do governo paraguayoy.

Estas communicações chegaram ás mãos do presidente de Matto-Grosso a 10 de outubro de 1864.

O estado da provincia era lastimoso, não obstante as energicas reclamações do general Albino. Para a defesa de uma fronteira de mais de 400 leguas havia apenas uma guarnição de pouco mais de mil homens.

Desta força, toda disseminada em extenso territorio, podia contar-se apenas com 600 homens promptos.

Era commandante das armas o coronel do estado-maior de 2ª classe Carlos Augusto de Oliveira.

A força naval, commandada pelo capitão de fragata F. C. de Castro Menezes, era composta do *Anhambahy*, vapor de rodas, com dous canhões e 34 homens de guarnição; do *Paraná*, pequeno vapor sem artilharia e que se estava ainda construindo, e dos vaporzinhos *Cuyabá*, *Corumbá*, *Jaurú* e *Alpha*, sem artilharia e com 100 homens de guarnição.

No mappa annexo ao relatorio do ministro da marinha de abril de 1864, sob n. 14, disse o chefe de divisão Jesuino Lamego Costa o seguinte :

« Estes navios não podem ser considerados de guerra; só poderão servir para paquetes.»

O presidente, no mesmo dia 10 de outubro de 1864, fez seguir o coronel Carlos Augusto de Oliveira, com toda a força de linha disponível, para a fronteira; e ordenou que os vaporzinhos *Jaurú*, *Corumbá* e *Cuyabá* fossem estacionar proximo ao Forte de Coimbra.

A muito custo pôde elle reunir na fronteira do baixo Paraguay e Miranda 583 homens de todas as armas; e em 17 de outubro officiou ao ministro da guerra fazendo-lhe ver o quanto era diminuto o numero da força de linha e misero o estado dos cofres da Thesouraria, onde haviam sómente sete contos de réis, sujeitos ainda a pagamentos!

Mandou estes officios pelo alferes Manoel Estevão de Andrade Vasconcellos, que partiu de Cuyabá a 20 de outubro e chegou ao Rio de Janeiro a 21 de dezembro de 1864.

Mandou o corpo de artilharia da provincia guarnecer o Forte de Coimbra, ficando assim a guarnição elevada a 120 homens; deixou o 2º batalhão de artilharia a pé em Corumbá e fez seguir o casco do batalhão de caçadores da provincia para Miranda, para com alguns guardas nacionaes do 7º batalhão vigiar a fronteira do Apa, sob o commando do tenente-coronel commandante do corpo de cavallaria, José Antonio Dias da Silva.

Providencias do Governo Imperial em relação a Matto-Grosso

O ministro brasileiro em Assumpção recebeu a 13 de novembro á tarde a nota de 12, em que o governo paraguay o fazia sciente de que havia declarado a guerra ao Brazil.

A 15 recebeu seus passaportes; e nos ultimos dias do mesmo mez o Governo Imperial estava já ao facto destes acontecimentos; bem como, por officio do presidente de Matto-Grosso a 21 de dezembro de 1864, sabia tambem do estado de desarmamento da provincia e da falta de recursos para defender a sua fronteira.

A primeira providencia que o governo tomou consistiu na remessa do aviso ministerial de 24 de dezembro de 1864 e na carta confidencial de 31 do mesmo mez, que chegaram a Cuyabá em 13 de abril de 1865.

Depois, por decreto de 16 de janeiro de 1865, foi nomeado presidente e commandante das armas de Matto-Grosso, o marechal Visconde de Camamú.

Emfim, o decreto n. 3331 de 21 de janeiro de 1865 chamou ao serviço de destacamento, na provincia de Matto-Grosso, 3.000 guardas nacionaes de S. Paulo e o decreto n. 3332 de 21 de janeiro de 1865 chamou ao serviço de destacamento, na provincia de Matto-Grosso, 6.000 guardas nacionaes da provincia de Minas Geraes.

A 11 de fevereiro de 1865 o governo declarou que ficava exonerado do cargo de presidente e commandante das armas da provincia de Matto-Grosso, *conforme pediu*, o coronel do corpo de engenheiros Frederico Carneiro de Campos (aprisionado por Lopez a 12 de novembro de 1864, no paquete *Marquez de Olinda*).

Por decreto de 12 de novembro foi nomeado ministro da guerra o marechal Visconde de Camamù; e por decreto de 25 do mesmo mez foi nomeado commandante das armas de Matto-Grosso o tenente-coronel de cavallaria Manoel Pedro Drago.

Promovido a coronel, commandante do 5º de cavallaria em março, marchou de S. Paulo a 10 de abril de 1865, em soccorro de Matto-Grosso, com uma columna composta dos seguintes corpos, além do seu estado-maior e da commissão de engenheiros :

Corpo de artilharia do Amazonas ;

» » guarnição do Paraná ;

» » » de S. Paulo ;

» » cavallaria » » » ;

» » policia » » » ;

Formando ao todo um total de 568 homens.

Ao mesmo tempo o governo ordenava que seguisse de Minas, ao mando do coronel José Antonio da Fonseca Galvão, uma outra columna composta do corpo policial e do 17º de voluntarios; ao todo 1.209 homens, que reuniram-se ás forças do coronel Drago em Uberaba.

Ordenou tambem o governo que seguisse de Goyaz outra força, que juntou-se ás duas primeiras no Coxim, como adiante veremos, a 16 de dezembro de 1865 ; isto é, um anno depois da invasão e subsequente occupação de grande parte da infeliz provincia de Matto-Grosso pelas forças paraguayas.

Invasão de Matto-Grosso

A 14 de dezembro de 1864 zarpou de Assumpção a esquadra paraguaya, composta dos vapores de guerra *Tacuary*, *Paraguay*, *Igurey*, *Rio Blanco* e *Iporã*, rebocando 3 escunas e 2 lanchas-canhoneiras (chatas) ¹.

A bordo iam como forças de desembarque 4 batalhões de infantaria, com 800 homens cada um, e levando 12 peças raiadas de artilharia á cavallo e foguetes á congrève de 24.

Em Concepcion incorporaram-se-lhe mais os vapores *Salto*, *Rio Apa* e *Marquez de Olinda*, armado em guerra, e uma força de desembarque de 1.000 homens. A esquadra levava 51 canhões.

A expedição ia sob o commando immediato do coronel Barrios, cunhado do presidente Lopez.

Marchava por terra, de accordo com a esquadra, uma forte columna de cavallaria de cerca de 5.000 homens, sob o commando do coronel Resquin, e levava 6 peças de campanha.

Na noite de 26 chegou a esquadra paraguaya á vista do forte de Coimbra, e logo pela madrugada foi percebida pela guarnição do forte.

O commandante do forte era o capitão Benedicto de Faria, e poucos dias antes a guarnição era de 46 homens apenas; mas logo depois de recebida a communicação do ministro brasileiro em Assumpção, ella foi reforçada pelo corpo de artilharia da provincia, commandado pelo major Rego Monteiro; havendo assumido o commando da defesa o bravo tenente-coronel Porto Carrero, que era commandante da fronteira.

¹ Embarcação solida de fundo chato, armada com um canhão de 68, atirando ao lume d'agua.

Lopez empregou muito este systema simples de lancha-canhoneira durante a guerra.

Para os rios é excellente machina de guerra. Amarrada á margem do rio, em logar de pouco fundo e onde não possam chegar navios, póde escolher as melhores posições.

As tres escunas foram :

Independencia com 4 peças ;

Aquidaban » » » ;

Rosario » 2 » .

FORTE DE COIMBRA
 Atacado pela divizao Paraguaya invasora

B. ANHAMBAY,

A 27e 28 de DEZEMBRO

P. VAPORES PARAGUAYOS,

de 1864.

G. CHATAS,

..... Columnas inimigas ao assalto

De accordo com a planta do chefe Levetzer

E. C. JOURDAN



Long. Oeste Meridiano de Paris

Ancorava no porto o vapor de guerra *Anhambahy*, commandado pelo 1º tenente Balduino José Ferreira de Aguiar.

A guarnição naquella occasião, além dos commandantes da fronteira e do forte, compunha-se de 10 ¹ officiaes combatentes do corpo de artilharia da provincia, um cirurgião e 109 inferiores e praças.

A defesa foi coadjuvada por quatro paisanos (civis), quatro vigias da Alfandega, 17 presos e 10 indios cadiuéos ; ao todo 157 combatentes.

Forte de Coimbra

Apenas teve o commandante conhecimento da approximação do inimigo, dispoz tudo para uma resistencia efficaz e que fizesse honra á bandeira brasileira. Guarneceu 5 boccas de fogo com 35 homens ; 6 banquetas com 40, e as seteiras da 2ª bateria com 80 homens.

Quanto a munições de infantaria, só havia no forte 10.000 cartuchos. ²

A canhoneira *Anhambahy* forneceu mais 2.000 ; e o seu valente commandante tomou posição immediatamente no meio do rio para coadjuvar a defesa do forte com as suas duas peças de 32.

Com a canhoneira *Anhambahy* achava-se o vapor *Jaurú*.

A's 8 1/2 da manhã um official paraguayo veio num escaler entregar ao commandante Porto Carrero um officio do chefe da divisão paraguaya, intimando-o a render-se no prazo de 1 hora, sob pena de tomar o forte de assalto e de passar a guarnição pelas armas.

A resposta do commandante foi digna e precisa.

¹ OFFICIAES DO CORPO DE ARTILHARIA

Major Rego Monteiro.

Capitão Ferreira Souto.

» Augusto Conrado.

1º tenente Camargo Bueno.

2º » Oliveira Mello (figura no almanak militar de 1865 como promovido a 1º tenente em agosto de 1864. Ignorava-se isto em Matto-Grosso.

2ª tenentes Monteiro de Mendonça, Paulo Corrêa, Ferreira da Silva, Oliveira Barbosa e Fernandes de Andrade.

2º cirurgião Pereira do Lago.

² Menos de 100 tiros para cada defensor do forte.

Immediatamente mandou seguir para Corumbá o vapor *Jaurú*, participando o occorrido ao commandante das armas, que alli se achava.

Este vapor alli chegou a 28, pelo meio-dia, e ás 4 $\frac{1}{2}$ da tarde dizia o commandante das armas em officio ao presidente que o *Jaurú* regressar para o forte de Coimbra, levando a bordo o chefe da flotilha e 50 praças com dous officiaes do 2º de artilharia .

Logo que os paraguayos tiveram sciencia da resposta do commandante Porto Carrero, começaram a desembarcar suas forças, para o assalto pela margem direita do rio e para estabelecer baterias que da margem esquerda atirassem sobre o forte.

Nessa occasião o commandante Balduino causou bastante prejuizo ao inimigo, atirando de diversas posições sobre as baterias que procuravam acommetter o forte e sobre as columnas que avançavam para assaltar o forte á retaguarda, pela encosta da montanha.

A's 11 horas da manhã os vapores inimigos e suas *chatas* romperam o fogo, porém de tão longe, que seus projectis não alcançavam o forte, á vista do que, o commandante Porto Carrero, querendo poupar munição, mandou cessar o fogo, até que o inimigo chegasse ao alcance do nosso tiro; o que se havendo dado ás 2 horas da tarde, rompeu o fogo geral, tanto de artilharia como de fuzilaria em terra e no rio.

A infantaria paraguaya, avançando pelo lado do sul e pela fralda da montanha, sempre com nutrida fuzilaria, tentou por vezes escalar os parapeitos, mas foi sempre enthusiasmicamente repellida pelos bravos que defendiam o forte e que eram animados pelo valente 2º tenente João de Oliveira Mello e os outros officiaes, que rivalisavam em enthusiasmo com o seu exemplo.

A nossa artilharia respondia constantemente ao fogo simultaneo das duas *chatas*, dos vapores, das tres baterias de artilharia raiada assestadas na fralda do morro, e ao de uma bateria de foguetes a Congrève, assestada á direita do forte.

Os esforços dos nossos bravos artilheiros e infantés e os canhões da *Anhambahy* neutralisaram os fogos da artilharia inimiga, e não obstante a bravura e audacia da sua infantaria, bem como a sua grande superioridade em numero, teve de cessar o fogo ás 7 $\frac{1}{2}$ da noite,

bater em retirada e reembargar suas tropas, com prejuizo de muitos mortos e feridos.

Ao retirar-se o inimigo o commandante verificou que havia gasto na defesa 9.500 cartuchos de infantaria; e em tal emergencia foi necessario que cerca de 70 mulheres que existiam no forte passassem a noite, animadas pelo exemplo da digna esposa do valente Porto Carrero, a fazer cartuchos, enquanto os homens nas trincheiras vigiavam o inimigo.

Trabalharam aquellas dedicadas patriotas toda a noite, conseguindo preparar 6.000 cartuchos para a defesa do dia 28.

Neste dia procurou o inimigo arrombar com balas de 68 o portão principal do forte, e com suas baterias raiadas abrir uma brecha pelo lado da montanha.

Este fogo durou sem interrupção desde as 7 horas da manhã até ás 2 da tarde.

A essa hora a infantaria paraguaya precipitou-se ao assalto, pelo lado das seteiras da 2ª bateria.

A cada momento chegavam inimigos ao parapeito e eram rechacados pelos nossos, no meio de uma gritaria medonha de—rendam-se, de vivas e de morras, sem poder o inimigo, não obstante a superioridade de numero, assoberbar os nossos bravos camaradas.

A's 7 horas da noite, ao escurecer, foram de novo obrigados a bater em retirada, sendo a victoria tanto maior para as nossas armas, quanto não haviamos tido baixa alguma em nossas fileiras, protegidos como eram os nossos soldados pelas muralhas e parapeitos.

Havendo-se retirado o inimigo, o commandante Porto Carrero mandou sahir duas partidas commandadas, uma pelo valente capitão Antonio Augusto Conrado e a outra pelo não menos bravo 2º tenente João de Oliveira Mello, para explorar o terreno.

De volta do reconhecimento trouxeram 18 paraguayos feridos, 85 armas, muitos bonets e referiram que ainda ficavam muitos feridos no matto e que haviam encontrado mais de 100 cadaveres.

Pouco depois as sentinellas verificaram que se approximava nova e numerosa força de infantaria, cavallaria e artilharia; sem duvida para dar novo assalto pela madrugada ou alta noite.

Verificado o estado das munições, viu o commandante que sómente restavam-lhe cerca de 1.000 cartuchos ; e reconhecendo que o pessoal estava exaustado pela resistencia e pela vigilancia sem descanso, que durava já dous dias e duas noites, e vendo ao mesmo tempo que as pobres mulheres eram incapazes de novo esforço igual ao da noite passada, reuniu os officiaes em conselho, inclusive o bravo commandante do *Anhambahy*, e expoz francamente as condições criticas em que se achavam.

Ouvido então o conselho, resolveu-se não sacrificar inutilmente a guarnição, e, fazendo-a embarcar toda no *Anhambahy*, abandonar o forte, que não resistiria a novo assalto, pela falta de munições para repellil-o. Isto resolvido, embarcou toda a guarnição no *Anhambahy* e retirou-se sem o inimigo presentir.

O forte de Coimbra foi tomado pelo inimigo pela imprevidencia do commandante das armas, que devia ter accumulado alli todos os meios de defesa, mandando para o forte o 2º batalhão de artilharia e mais pessoal disponivel, com munições de infantaria e artilharia em quantidade sufficiente para resistir ao ataque das forças paraguayas.

Junto ao *Anhambahy* deviam ficar os outros navios da flotilha; ainda que para servir sómente de transporte de tudo quanto precisassem os defensores do forte.

Na occasião da retirada, já rio acima, o *Anhambahy* encontrou o *Jaurú* e o *Corumbá*, que traziam soccorros para o forte e 52 praças do 2º de artilharia a pé. ⁴

Este soccorro vinha demasiado tarde, e tiveram que voltar todos para Corumbá, ficando parte da força em Albuquerque.

⁴ NOMES DOS OFFICIAES QUE DEFENDERÃO O FORTE DE COIMBRA

Tenente-coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero.

Major Rego Monteiro.

Capitão Benedicto de Faria.

Dito Ferreira Souto.

Dito Augusto Conrado.

1º tenente Camargo Bueno.

2º tenente João de Oliveira Mello.

Dito Monteiro de Mendonça.

Dito Paulo Corrêa.

Dito Ferreira da Silva.

Dito Oliveira Barbosa.

Dito Fernandes de Andrade.

2º cirurgião Pereira do Lago.

Está verificado que no ataque do forte de Coimbra o exercito paraguayo teve um prejuizo superior a 300 homens fóra de combate ; e que si a resistencia se houvesse prolongado por mais alguns dias, os navios paraguayos teriam voltado para Assumpção, sem ousar ir até Corumbá.

Resquin, neste caso, teria limitado a sua acção em assaltar e destruir Dourados, Nioac, a colonia de Miranda, arrebanhar todo o gado das fazendas do baixo Paraguay e fazer o deserto nesta região, para recolher-se depois ao Paraguay com os despojos.

O forte de Coimbra era a chave da provincia ; nenhum navio inimigo podia ir a Corumbá sem dar combate a essa importante posição e vencel-a. Por isso Lopez mandou aquella grande força de mar e terra, para tomal-a de assalto ao primeiro embate.

A falta de munições obrigou a diminuta guarnição a abandonar o forte, depois de dous dias de uma resistencia heroica ; e entretanto a poucas leguas de distancia, em Corumbá, havia grande cópia de munições, bem como o 2º batalhão de artilharia, ¹ e lá estavam o

PRAÇAS QUE MAIS SE DISTINGUIRAM

Foram condecorados

2º cadete sargento ajudante Manoel Eugenio Barbosa.

2º sargento Firmino Cezario Monteiro.

1º sargento Antonio Luiz Vieira.

Amanuense da policia, Manoel Nonato da Costa Franco.

Guarda da Alfandega, Alexandrino Urbano de Araujo.

Dito Justino Urbano de Araujo.

Dito Laurindo Antonio da Costa.

Dito Manoel Sabino de Mello.

Dito Evaristo Paes de Barros.

Paisano Americo de Albuquerque Porto Carrero.

Guarda nacional Melchiades de Oliveira Garcia.

Dito Estevão Antonio.

Dito Caetano Paes Rodrigues.

Dito Francisco de Campos.

Operario Amaro Francisco dos Santos.

¹ O 2º batalhão de artilharia a pé viera da capital para Corumbá a 13 de outubro e guarnecia a cidade desde o dia 17. No dia 2 de janeiro compunha-se de :

Commandante tenente-coronel Carlos de Moraes Camisão, 1º tenente-ajudante Joaquim Maria do Espirito Santo, quartel-mestre Paulo de Araujo Lins, capitão Leonidio Luiz Manoel de Jesus, capitão Sebastião da Costa d'Eça e Cortes, capitão Tito Manoel de Jesus, 2º tenente Luciano Pereira de Souza, 2º tenente Sabino Fernandes de Souza, 2º tenente João Izidoro Chaves, 2º tenente Manoel Joaquim de Paiva, 2º tenente José Sabino Manoel Monteiro, capellão-alferes Manoel Thomaz da Silva e 236 inferiores e praças ; ao todo 247 combatentes.

69

commandante das armas da provincia, coronel Carlos Augusto de Oliveira, e outras autoridades militares de terra e mar!!

Deviam estar no forte de Coimbra não 120 combatentes do exercito, mas 367; e dalli teria retrocedido o exercito paraguayoy, depois de uma boa lição.

Colonia dos Dourados

Ao mesmo tempo que os paraguayos occupavam Coimbra, uma força de 300 homens de cavallaria, do exercito de Resquin, ia destruir a colonia militar de Dourados.

Este ponto occupado e fundado em 1861, a 12 leguas ao sul de Miranda, na cordilheira que separa as aguas do rio Apa das do Ivinheima, era commandado pelo tenente de cavallaria Antonio João Ribeiro, com uma força de 29 praças. Alli haviam já 40 colonos estabelecidos.

Sabendo da approximação das forças paraguayas, o tenente Antonio João resolveu resistir.

Immediatamente mandou retirar os colonos e as praças casadas, com suas familias, em direcção a Santa Rosa; mandou um inferior, com duas praças, participar ao tenente-coronel Dias da Silva a invasão paraguaya, e com 15 companheiros resolutos foi ao encontro do inimigo na estrada da colonia.

Intimado a render-se pelo commandante paraguayoy, respondeu arrogantemente que tinha forças consideraveis, e protestava, como brasileiro e soldado, contra a invasão paraguaya.

Em seguida travou-se o combate, em que, depois de uma lucta de mais de uma hora, succubiram sob o peso brutal do numero o bravo tenente Antonio João Ribeiro e 12 dos seus valentes companheiros, não sem matar bom numero de inimigos.

O presidente Couto de Magalhães, havendo comprado para o Estado o vapor *Conselheiro Paranhos*, da companhia Fluvial de Matto-Grosso, deu-lhe o nome de Antonio João, em honra a este heróe.

A perda de Dourados teve logar a 29 de dezembro de 1864.

Ao mesmo tempo Resquin mandava uma columna de 2.000 homens de sua cavallaria, com 6 boccas de fogo, tomar Nioac e Miranda.

Ataque do rio Feio

Estava acampado em Nioac o tenente-coronel commandante do corpo de cavallaria de Matto-Grosso, José Antonio Dias da Silva, que, prevenido das ameaças do governo paraguayo, havia reunido 130 homens, e tinha comsigo o capitão Pedro José Rufino, o tenente Manoel Pereira de Mesquita, o alferes José Felipe Santiago, o sargento quartel-mestre João Baptista de Arruda Penteado e o cadete José Gonçalves de Oliveira.

A' sua diminuta, mas resoluta força, juntaram-se os voluntarios paisanos Victorino Baptista Dias Prestes, José Maria Anselmo Tavares e Pedro Troz.

No dia 30 de dezembro constou-lhe o ataque á colonia de Dourados e a marcha da columna inimiga sobre Nioac. Nada soube, porém, com relação á vinda da esquadra, nem da tomada do forte de Coimbra.

Immediatamente deu ordem para que se retirassem do povoado as familias, para as quaes haviam sómente 4 canôas e 3 carros.

Mandou ordem para que de Miranda viesse o casco do batalhão de caçadores.

Mandou um alferes com seis praças para a frente a verificar a marcha do inimigo, e horas depois marchou com o corpo ao seu encontro.

Havendo passado o rio Nioac mandou o capitão Pedro José Rufino com o alferes Silva e 20 homens fazer de vanguarda ; e com a sua força chegou ás 8 horas da manhã do dia 31 de dezembro ao rio Desbarancado.

Alli soube que a columna inimiga se achava dalli a meia legua, além do rio Feio, e para lá marchou immediatamente.

Adeante mandou uma praça com um officio dirigido ao commandante das forças paraguayas, protestando contra a invasão em plena paz e pedindo uma entrevista para scientificar-se das intenções do commandante paraguayo ; chegando ao rio Feio, recebeu do commandante paraguayo o seguinte officio: « Sr. Comandante de la fuerza brasileira. Su entrevista conmigo será inutil, y debo intimar a U. rendicion con

70

toda su tropa dentro de media hora, ó sinó será perseguido con los rigores de la guerra.— *Francisco G. R.*»

O tenente-coronel Dias respondeu: «Sr. commandante da força paraguaya. Recebi a sua contestação sobre a minha proposição; não me posso render na meia hora precisa, como desejais, porque tambem tenho forças para defender-me.

«Quanto á sua entrada no territorio, protesto contra ella; e de tudo vou levar conhecimento ao meu governo. Rio Feio, 31 de dezembro de 1864.— *José Antonio Dias da Silva*, tenente-coronel commandante.»

Poucos momentos depois rompeu o fogo do inimigo, começando pela artilharia. Dias da Silva foi tiroteando em retirada, vagarosamente para áquem do rio Santo Antonio; e conhecendo que o inimigo procurava envolver a sua pequena força pela esquerda e cortar-lhe a retaguarda, acelerou sua retirada, fazendo sempre fogo, e conseguiu cortar e destruir a ponte do rio Desbarrancado.

Neste dia, Dias da Silva teve 8 mortos: 2 cabos, 5 praças e o voluntario Pedro Troz; e deu ao inimigo um prejuizo de mais de 80 homens.

Reconhecendo a incontestavel superioridade da força inimiga, deixou o capitão Pedro José Rufino com ordem de vir se retirando com o corpo, tiroteando, de modo a ganhar tempo; e com poucos companheiros o tenente-coronel Dias da Silva dirigiu-se a Miranda.

Alli estava o casco do batalhão de caçadores com o archivo e bagagens.

Mandou em seguida evacuar a villa e transferir os archivos e bagagens dos dous corpos para o Salobre, dali a 3 leguas pelo rio abaixo; e tomando uma canôa seguiu em direcção a Albuquerque, havendo deixado o commando ao major da guarda nacional Caetano da Silva Albuquerque.

No dia 4, sabendo enfim da noticia da tomada do forte de Coimbra, voltou immediatamente a Miranda e reunindo toda a gente que pôde e todos os particulares que quizeram, retirou-se em direcção ao Aquidauana.

Com elle reuniram-se sete officiaes, um padre, medicos e familias, 37 praças do corpo de cavallaria e 63 praças do batalhão de caçado-

res ; e com o 1º sargento Elias Leite do Nascimento juntaram-se-lhe mais 16 praças do batalhão de caçadores.

A columna paraguaya invadiu e occupou successivamente todos os povoados brasileiros do districto militar de Miranda ; incendiando, destruindo o que podia, saqueando as casas particulares e roubando todo o gado.

Calcula-se em mais de 80.000 cabeças de gado vaccum, sem contar a cavallada, que foram arrebanhadas para o Paraguay.

O commandante Dias da Silva, sem recursos e sem soccorros, viu-se obrigado a bater em retirada a principio para o Taquary, nova colonia do Coxim, depois pela estrada de Sant'Anna do Paranahyba.

Os paraguayos em sua expedição de devastação chegaram até o Coxim, onde entraram a 24 de abril de 1864.

Alli estiveram 6 dias e depois contramarcharam sobre Miranda, Nioac e a fronteira do Apa, deixando tudo arrazado e destruido em sua vandalica passagem.

Corumbá

Depois da occupação do forte de Coimbra, cuja resistencia havia impressionado os paraguayos, seguiram alguns dos seus navios pelo rio acima, assolando tudo em sua passagem.

No dia 1 de janeiro de 1865 chegaram á despovoada e inerme villa de Albuquerque ; e a 3 de janeiro chegaram á cidade de Corumbá, que estava abandonada.

Quando os defensores do forte de Coimbra chegaram a Corumbá no dia 30 de dezembro de 1864, encontraram tudo em alvoroço e um terror panico parecia ter-se apoderado não sómente do povo, como das autoridades militares.

Nenhuma resolução se tomou no sentido da resistencia, e constando que a esquadra paraguaya vinha subindo rio acima, o commandante das armas, coronel Carlos Augusto de Oliveira, mandou, contra a opinião do chefe da flotilha, embarcar, ás pressas, a guarnição e muitos particulares nos navios da esquadrilla e na escuna *Jacobina*.

71

Esta retirada precipitada e desastrosa effectuou-se na manhã de 2 de janeiro.

O vapor *Anhambahy* conduzindo, entre outros passageiros, o commandante das armas e o da flotilha, e parte do 2º batalhão de artilharia a pé, pôde trazer-os incolumes até o Porto do Sará, na margem direita do S. Lourenço.

Alli os desembarcou e voltou o commandante do *Anhambahy* em soccorro dos mais fugitivos, que vinham na escuna *Jacobina* e em diversas canôas.

Na descida encontrou dous vapores inimigos, que lhe deram caça, e depois de grande prejuizo no pessoal ¹ foi tomado o vapor *Anhambahy* por abordagem.

Parte da guarnição lançou-se ao rio, conseguindo escapar-se pelos pantanaes.

Dahi seguiram os vapores inimigos, com a sua preza, ao porto de Sará, mas não encontraram mais a força brasileira, que já se havia internado.

Retirada dos fugitivos de Corumbá

Pelo relatorio ² do valente e benemerito 2º tenente João de Oliveira Mello, que já se havia distinguido na defesa de Coimbra, e que conseguiu salvar 479 fugitivos de Corumbá, vê-se que :

No dia 2 de janeiro, na retirada das forças militares de Corumbá, elle achava-se no vapor *Anhambahy*, quando, pelas 9 horas da manhã, este passou pela escuna *Jacobina*, que estava encostada á margem direita e na qual se achava quasi todo o corpo de artilharia da provincia, 51 praças do 2º de artilharia, 7 artifices, guardas da Alfandega, paisanos, mulheres e crianças.

¹ Foram mortos o piloto José Israel Guimarães, commandante do navio, o commissario Fiuza, o medico Dr. Albuquerque e muitos marinheiros.

² Este relatorio acha-se em original no Archivo Publico do Rio de Janeiro. E' de notar que o bravo João de Oliveira Mello, que em todos os documentos officiaes figura como 2º tenente, havia sido promovido a 1º tenente na promoção de 24 de agosto de 1864; ignorava-se, porém, esta promoção em Matto-Grosso. (*Almanak Militar* de 1865.)

Ao ver passar o vapor, reclamaram os bravos combatentes de Coimbra, com grande vozeria, a vinda do 2º tenente Mello para a escuna.

João de Oliveira Mello, querendo dar a estes bravos camaradas uma prova de estima e de amizade, pediu ao commandante das armas para ir na escuna dirigir as praças em sua retirada. O commandante das armas, havendo-lhe negado esta licença, o 2º tenente Mello retorquiu-lhe: « Sr. commandante das armas, aquellas praças ainda não almoçaram até a estas horas, 9 $\frac{1}{2}$ da manhã; não teem generos nenhuns para a viagem, e demais, são praças de meu corpo e não teem junto dellas, siquer, um official. »

Com isto teve a licença, e o vapor, continuando sempre a andar, fez descer um escaler, no qual embarcaram o 2º tenente João de Oliveira Mello, o 2º tenente Antonio Paulo Corrêa e o sargento quartel-mestre Antonio Baptista da Cunha, que voluntariamente offerceram-se para acompanhal-o, e que foram todos lançados na barranca do rio.

Logo ao saltar, o tenente Mello mandou matar tres rezes e conduzir a carne para a escuna.

Em seguida voltou em um escaler para Corumbá e conseguiu de dous negociantes farinha, sal e bolachas; e indo ao quartel onde havia estado o 2º de artilharia, fez inutilisar grande porção de cunhetes de cartuchos e de barris de polvora, que elle soube lá existir (tanta falta fez aquella munição para a defesa de Coimbra)!

Depois voltou para a escuna *Jacobina*, que alcançou ás 5 $\frac{1}{2}$ horas da tarde, e continuou a viagem rio acima.

Navegou toda a noite á vara e a espias e continuou do mesmo modo no dia 3, até ás 3 horas da tarde, occasião em que, soprando algum vento, pôde andar á vela até ás 5 horas.

A's 5 $\frac{3}{4}$ o vigia do mastro de prôa deu parte que vinha subindo um vapor paraguay, e ás 6 horas outro, que fundearam ambos em Corumbá.

Não ventava mais; a marcha tornou-se lenta, e, conhecendo que breve os vapores lhes dariam caça, Mello desembarcou toda a gente ás 7 $\frac{1}{2}$ horas da noite, e mandando rodar a escuna e o escaler, e tapar

o logar do desembarque, pôz sentinellas e, acampando longe do rio, passou alli a noite.

No dia 4, ás 5 horas da madrugada, começou a retirada pelos pantanaes.

Marchou até o dia 13, em que chegou á fazenda do Pantanal, onde ficou acampado até 17, dia em que se retirou e formou acampamento a uma legua da fazenda.

Verificando que só existiam 223 cartuchos, viu, por conseguinte, que não podiam offerecer combate aos paraguayos, no caso de um encontro.

A 24, querendo saber si o caminho estava livre para Dourados, ¹ de onde lhe constava que se haviam retirado os paraguayos depois de uma explosão, em que foram victimados um official paraguayo e 23 soldados, e esperando alli encontrar ainda cartuchame e espoletas, foi para a fazenda de Salvador Corrêa da Costa.

Alli soube que os paraguayos se achavam de novo em Dourados.

Cahio doente naquella occasião e sómente a 27 de janeiro pôde voltar ao acampamento, onde havia deixado a sua gente. Antes, porém, de lá chegar, soube que 300 paraguayos com um capitão, um tenente e dous alferes estavam occupando a fazenda.

Chegando ao acampamento ás 7 horas da noite, vio que estava abandonado, e poz-se a caminho, em busca das praças.

A's 10 ¹/₂ da noite encontrou 23 soldados com algumas mulheres e crianças. Alli dormiu; e havendo dado suas ordens a estas praças para irem esperal-o em um ponto dado, poz-se a campo em busca do resto da força; e nesta lida levou até 13 de fevereiro, conseguindo reunir de novo toda a força, á excepção de 4 soldados, tres dos quaes se extraviaram e um unico que desertou para o inimigo.

No dia 14 marchou definitivamente, subindo o rio Taquary com 479 pessoas.

A 26 refez-se de viveres na fazenda do Bracinho e seguiu por terra, passando por S. Bento Gonçalves, Piquiry, Santa Luzia, Corrente,

¹ Estabelecimento militar na margem do rio, que não se deve confundir com a colonia militar dos Dourados.

Santo Antonio do Paraizo, Itiquira, Tacho de Couro, S. Lourenço, Tamanduá, Rebojo, Itaculumi, Aricá da Villa Mendes, Aricá e Coxipó, onde chegou a 29 de abril.

Entrou em triumpho na capital no dia 30, com 230 praças de todas as armas, 4 presos do forte de Coimbra, 1 cabo paraguayo, Francisco Sarnié, que aprisionara, 2 guardas da Alfandega, 1 amanuense de policia e muitos particulares, mulheres e crianças.

Em seu relatorio o tenente Mello cita, como havendo-o muito coadjuvado, os 2^{os} tenentes do 2^o de artilharia Manoel Joaquim de Paiva e João Izidoro Chaves; e por se haverem distinguido por sua coragem e disciplina os seguintes inferiores: sargento quartel-mestre Antonio Baptista da Cunha, 1^o sargento Luiz Antonio Vieira, sargento Sabino José Rodrigues, forriell José Pereira dos Guimarães, 1^o sargento Manoel Gomes de Menezes, 2^o sargento Bellarmino de Hollanda Cavalcanti e o 2^o sargento de cavallaria José Lemos de Almeida Falcão.

A 16 de abril havia chegado a Cuyabá o 2^o tenente do 2^o batalhão de artilharia a pé, Luciano Pereira de Souza, que na retirada do porto de Sará fôra incumbido de reunir e guiar as praças dispersas pelos pantanaes. Conseguira juntar na fazenda do Bananal, no rio S. Lourenço, 57 praças do 2^o de artilharia a pé, e com ellas apresentou-se em Cuyabá.

Em officio n. 48 de 17 de maio, disse o general Albino:

« Por estes documentos verá V. Ex. o importantissimo serviço prestado pelo valente e esforçado 2^o tenente Mello, que já muito se havia distinguido na defesa do forte de Coimbra, pelo que muito o recommendo á Munificencia Imperial, por se fazer este official digno e merecedor de augmento em sua carreira, e de uma condecoração. »

O Visconde de Taunay em seu estudo historico, sobre a cidade de Matto-Grosso, assim exprime-se:

« Na evacuação de Corumbá, cresceu de importancia o papel do tenente João de Oliveira Mello. Pondo-se ostensivamente á testa dos inferiores e soldados, que a fraqueza e irresolução dos chefes

deixaram á mercê da sorte, fez elle embarcar essa gente, com suas mulheres e filhos e muitas familias de paisanos, em uma escuna e navegou á espia como pôde, até ver que ia ser victima dos vapores paraguayos, cuja fumaça nas voltas do rio denunciava a aproximação.

Abicando então á terra, procedeu ao desembarque no Bananal,¹ antes do Sará e, desenvolvendo qualidades excepçionaes de energia e espirito de ordem, que de prompto lhe asseguraram as regalias de completa força moral sobre aquella columna de fugitivos, preparou-se para seguir pausadamente e com toda a cautela pelos pantanaes de S. Lourenço em direcção á capital de Cuyabá.

O que foi aquella terrivel marcha durante quatro mezes (de 2 de janeiro a 30 de abril) por paúes quasi invadeaveis, em sólo sempre encharcado, cortado de fundas corixas (valles ou sangradouros de lagôas) na estação mais rigorosa do anno, debaixo de continuos aguaceiros, por logares nunca transitados, sem guia, vencendo enormes distancias e rios caudalosos, que todos deviam transpor, desde os mais fortes e impacientes até os mais debeis e retardatarios, passa os limites da descripção.

Só mesmo alma de heróe, empenhada em sacrosanta missão. Sabia, que nada menos de 400 vidas, homens, mulheres, crianças e velhos dependiam só unicamente da sua serenidade e coragem, e dessa convicção tirava recursos para encarar sem desfallecimento as mais crueis e desesperadoras conjuncturas. Tambem severissima e meticulosa disciplina reinava naquella misera columna, a que se haviam juntado não poucos indios terenos, laianas, quinquinós e guanás e os castigos não eram poupados ao mais leve delicto—caso de salvação publica.

Começada em principios de janeiro essa curiosa retirada, cujas peripecias dariam para livro bem emocional, foi só a 30 de abril que erminou, quando o 2º tenente João de Oliveira Mello triumphalmente entrou em Cuyabá.

¹ Ha engano, o Sará fica na foz S. Lourenço a 38 leguas acima de Corumbá, a denominação de Bananal é muito commum.

Em peso veio a cidade encontral-o no Coxipó e levado em braços no meio das acclamações delirantes do povo, foi até á matriz, onde o bispo o recebeu á porta, cantando em seguida solemne *Te-Deum*.

Durante muitas semanas esteve em festas a capital, pasmos todos da milagrosa salvação de tantos entes, graças á dedicação e valentia de um só homem, que tambem salvou alguma cousa de seu, de bem seu, *o nome*, na triste historia da invasão de Matto-Grosso pelos paraguayos.

Com effeito, no meio de muitos successos deprimentes, póde a posteridade descansar os olhos nos dous episodios em que figuraram *João de Oliveira Mello* e *Antonio João Ribeiro*, este commandante da estacada de Dourados, que morreu no seu posto com bravura espartana, renovando, simplesmente com dez ⁴ camaradas, o glorioso sacrificio de Leonidas e seus immortaes companheiros.

A 22 de janeiro de 1866 foi Oliveira Mello condecorado com o habito do Cruzeiro.

Capitão a 1º de julho de 1867, graduado em major a 14 de julho de 1871, exerceu longo tempo o cargo de commandante do districto militar de Matto-Grosso e da fronteira do norte. Foi promovido a tenente-coronel do estado-maior de 2ª classe, a 17 de julho de 1884, e em fins de 1890 foi reformado, a seu pedido, no posto de coronel.

Oliveira Mello não era corteção, nem soube se fazer recommendar, por isso ficou esquecido nos fundos sertões de Matto-Grosso, quando devia figurar na lista dos generaes de mais serviços.

A retirada de Oliveira Mello percorreu 125 kilometros de pantanaes, 175 de navegação do rio Taquary e 350 kilometros de caminho terrestre até Cuyabá; total 650 kilometros.

Por decreto n. 3492 de 8 de junho de 1865 o Governo Imperial concedeu o uso de uma medalha á guarnição que defendeu o forte de Coimbra nos dias 27 e 28 de dezembro de 1864.

⁴ Leverger e Albino de Carvalho accusam 12 camaradas mortos nos Dourados: Procurei os nomes, não encontrei.

O governo provincial e a invasão

O brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho, em seu relatório de 4 de agosto de 1865, e o chefe de esquadra Augusto Leverger, em seu relatório de 17 de setembro do mesmo anno, provam o estado de abandono a que estava entregue a provincia de Matto-Grosso naquella época.

Em 9 de janeiro de 1865 o presidente chamou ás armas toda a população, conseguindo mobilisar no rio Aricá, em fins de abril, duas brigadas, e mandou policiar as cidades pela guarda nacional.

A noticia da occupação do forte de Coimbra chegou a Cuyabá na tarde de 6 de janeiro.

O 1º batalhão da Guarda Nacional pegou logo em armas ; improvisou-se um corpo de voluntarios cuyabanos e reuniram-se o 2º, 3º e 4º batalhões da Guarda Nacional.

O presidente tomou activas providencias e resolveu occupar e fortificar o extremo Sul das cochilhas do Melgaço, no rio S. Lourenço.

A 20 de janeiro nomeou commandante superior ao chefe de esquadra Leverger, que nesse mesmo dia partio a fortificar o Melgaço.

Esta nomeação inspirou confiança ; o Melgaço fortificou-se ; o povo voltou ás suas casas, e o inimigo não se atreveu a subir até á capital da provincia.

Até 14 de março Leverger conservou-se no Melgaço, deixando-o fortificado e guarnecido por 520 homens.

Em julho achavam-se em armas 4.074 homens, entre Exercito e Guarda Nacional, da qual se achavam aquartelados seis batalhões.

Os paraguayos, que dominavam do S. Lourenço para o Sul, saqueavam e destruiam tudo em sua passagem.

Levaram 61 peças de artilharia e cerca de 1.400 pessoas como prisioneiros.

A impressão causada no Rio de Janeiro pela noticia da invasão foi fulminante ! Ficou patente o desleixo e o egoismo dos nossos governos, que mais cuidavam de eleições e das luctas pelo poder do que das necessidades do paiz. .

O annotador da obra de Schneider assim se exprime sobre este mesmo assumpto :

« Sirva-nos isto de lição para procurarmos seriamente pôr esta provincia em communicação directa com a Capital do Imperio, sem dependencia de via fluvial por entre paizes estrangeiros.»

A imprensa de Goyaz, em 24 de fevereiro de 1865, exclamava : « Somos filhos do Brazil, pertencemos a esta grande familia. Entretanto lá se vão sete longos mezes que nenhuma communicação temos do governo ! A ultima data official é de 22 de julho de 1864 e as notas de ameaças do Paraguay são de 30 de agosto ! »

O correspondente do *Jornal do Commercio*, em Cuyabá, dizia a 18 de março de 1865 : « Completam hoje dous mezes e vinte dias que Coimbra foi atacada e occupada pelo inimigo, e ainda não temos do governo nem sequer um signal de animação »

Até hoje nem uma arma, nem um soldado, nem uma ordem !

Si se tratasse de eleições, teria já voado um proprio para cá, como succedeu em certa occasião, em que se expediu um, com ordens francas para comprar quantos cavallo quizesse ; de sorte que em 30 dias tivemos noticias da Côrte. »

A 4 de março o brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho suspendeu do cargo de commandante das armas ao coronel Carlos Augusto de Oliveira, por ter esse abandonado Corumbá ; e nomeou para occupar interinamente este cargo ao tenente-coronel Carlos de Moraes Camisão, e havendo sido a 14 do mesmo mez exonerado, a seu pedido, o chefe de esquadra reformado Augusto Leverger do commando das forças do Melgaço e do commando superior da Guarda Nacional, foi confiado o commando das forças do Melgaço ao mesmo tenente-coronel Camisão, e o da Guarda Nacional ao Barão de Aguapehy.

A 13 de abril de 1865 chegou o primeiro recurso mandado do Rio de Janeiro a Cuyabá : foram 500:000\$ para despesas da provincia.

A 17 do mesmo mez o presidente publicou uma proclamação ¹ e

¹ Vide paginas 25 e 26 do relatorio do brigadeiro Albino de Carvalho, na occasião de entregar a presidencia ao chefe de esquadra Augusto Leverger, em agosto de 1865.

25

promoveu a criação de um corpo de voluntarios da patria, de accordo com o decreto n. 3371 de 7 de janeiro de 1865.

Em fins de março de 1865 a situação em Matto-Grosso era a seguinte : O districto de Miranda e o Baixo-Paraguay estavam em poder dos paraguayos.

A 20 de março o general Barrios retirou-se para Assumpção com os vapores *Tacuary* e *Marquez de Olinda*, *Paraguay* e *Igurey* e 1.600 praças, e já anteriormente elle havia mandado para Assumpção o *Rio Blanco* e o *Iporá*, com cerca de 1.000 homens.

Deixou nos Dourados o *Anhambahy*, com uma guarnição de 50 paraguayos e 200 praças em terra.

Em Corumbá ficaram 400 homens com 4 canhões de campanha na trincheira e 2 peças no morro, á beira do rio, pouco acima de Corumbá.

Em Albuquerque ficaram o *Salto de Guayra* com 4 peças de 12, o *Rio Apa* com 2 morteiros e 100 praças em terra.

Em Piraputanga ficaram 100 praças. Em Coimbra 80 homens, e no rio Miranda 2 lanchões com uma peça de calibre 3 cada um.

As forças do general Resquin deixaram guardas em Miranda e Nioac e guarnecida a fronteira do rio Apa e Conceição com cerca de 1.000 homens.

O resto da divisão recolheu-se ao Paraguay, levando os despojos da provincia de Matto-Grosso.

A 2 de fevereiro, graças ás providencias do brigadeiro Alexandre Manoel Albino de Carvalho e do chefe de esquadra reformado Augusto Leverger, achavam-se guarnecendo o Melgaço o 3º batalhão da Guarda Nacional, com 500 homens, um contingente de 98 praças de linha, a companhia de artifices, com 67 praças, e estavam em bateria 6 peças de 6 e 2 obuzes de 4 1/2 pollegadas.

No porto estavam os vaporzinhos *Cuyabá*, *Corumbá* e *Jaurú*, com dous rodizios cada um.

Pouco depois vieram tambem alli acampar o 1º batalhão da Guarda Nacional, com 300 homens, e o 2º com 200; o que completou uma força de 1.165.

Achando-se fortificado o ponto, veio commandal-o o tenente-coronel Camisão, alli ficando uma guarnição de 520 praças e reti-

rando-se o resto para a capital, com o chefe de esquadra Augusto Leverger.

A 22 de maio, sabendo o presidente da chegada de forças paraguayas a Tacuary, e receiando um ataque á Capital, por via terrestre, mandou mobilisar a força existente da Guarda Nacional e de tropa de linha, em numero de 2.400 homens, formando 2 brigadas, sob o commando do tenente-coronel Carlos de Moraes Camisão, e acampar no lugar denominado Aricá, ha 5 leguas ao sul de Cuyabá.

Mandou fazer o serviço da guarnição da capital por 200 guardas nacionaes da reserva, por 500 em Villa-Maria e Poconé, e por mais de 100 na cidade de Matto-Grosso.

A 17 de junho de 1865 o brigadeiro Albino declarava em seu officio n. 60 que nenhuma noticia tinha a respeito de seu successor, nem de forças que viessem a soccorrer a provincia, e que nem havia recebido instrucção alguma do governo desde a época em que recebera os 500:000\$ para despezas da provincia ¹, e que esta quantia estava esgotada.

A 19 de junho ordenou que o capitão Antonio Maria Coelho fosse, com 250 praças, occupar o ponto do Coxim; e não tendo este official cumprido esta ordem, ordenou ao commandante das armas a 1º de julho que procedesse, conforme a lei, contra este capitão.

Na mesma data mandou occupar o referido ponto pelo corpo de artilharia da provincia, e recommendava ao tenente-coronel commandante do batalhão de caçadores de Goyaz e ao commandante do esquadrao de cavallaria da mesma provincia, que acabavam de chegar, que fossem acampar tambem naquelle ponto.

As forças de Goyaz, cujo presidente era o Dr. Augusto Ferreira França, foram as primeiras que chegaram em soccorro a Matto-Grosso.

Tendo o presidente recebido, a 6 de agosto, o decreto de sua exoneração, datado de 1º de outubro de 1864, remettido por aviso ministerial de 24 de janeiro de 1865, entendeu o brigadeiro Albino de

¹ Estes 500:000\$ haviam sido remettidos do Rio a 24 de dezembro de 1864. O governo ignorava que naquelle momento mesmo marchava o exercito paraguayo a invadir Matto-Grosso. Sabia apenas, que com o *Marquez de Olinda* haviam os paraguayos aprisionado 400:000\$, dinheiro remettido para as despezas da provincia.

Carvalho, que devia deixar de funcionar e passar a administração ao vice-presidente, que era o chefe de esquadra Augusto Leverger.

A 9 de agosto, pois, empossou no cargo de presidente e commandante das armas ao vice-presidente Augusto Leverger.

Relatorio Albino de Carvalho

Gabinete do Ministro — Ministerio dos Negocios da Guerra — Rio de Janeiro, 3 de março de 1875 — Illm. e Exm. Sr.

O Governo Imperial ha muito tempo que não recebe noticias de Matto-Grosso.

A invasão pelos soldados paraguayos, a tomada do forte de Coimbra, Miranda, etc., as depredações horrorosas praticadas pela ferocidade do inimigo, nada tem servido de incentivo para que V. Ex. empregasse os maximos esforços para dar conhecimento ao governo das occurrencias momentosas que se estão dando, pondo mesmo o governo na indeclinavel necessidade de ajuizar dos tristes successos pelas noticias suspeitas vindas por via do Paraguay e Rio da Prata, ou communicadas por algum particular, que dessa provincia tenha chegado, accrescendo que, quando um cidadão notavel pôde fazer com rapidez a viagem de Corumbá a esta Côrte, acompanhado de sua familia, a administração presidencial não soube fazer partir um ou mais proprios com a sua correspondencia ! Semelhante procedimento é inacreditavel, mas infelizmente não pôde ser escurecido. Na presença disto tudo, sou obrigado a fazer-lhe sentir quão estranhavel tem sido o seu descuido, e determinar-lhe mui positivamente que não conte com os correios ordinarios para remessa da correspondencia importante, antes empregue em conduzil-a proprios de confiança, bem montados e bem pagos, e com aquelles intervallos aconselhados pela maior ou menor gravidade das circumstancias.

Deus guarde a V. Ex. — *Visconde de Camamu*. — Sr. Alexandre Manoel Albino de Carvalho.

O general respondeu convenientemente ao ministro, que o accusava desta fórma, parecendo querer lançar ao presidente a culpa de não haver o governo do Rio de Janeiro providenciado como devia.

Em sua resposta descreve todos os seus officios, participando os acontecimentos e pedindo providencias.

- 1º, sob n. 192 de 17 de outubro de 1864.
- 2º, sob n. 196 de 11 de novembro de 1864.
- 3º, sob n. 201 de 17 de dezembro de 1864.
- 4º, sob n. 5 de 11 de janeiro de 1865.
- 5º, sob n. 11 de 18 de janeiro de 1865.
- 6º, sob n. 12 de 21 de janeiro de 1865.
- 7º, sob n. 13 de 25 de janeiro de 1865.
- 8º, sob n. 14 de 26 de janeiro de 1865.
- 9º, sob n. 16 de 11 de fevereiro de 1865.
- 10, sob n. 18 de 18 de fevereiro de 1865.
- 11, sob n. 21 de 28 de fevereiro de 1865.
- 12, sob n. 27 de 18 de março de 1865.
- 13, sob n. 30 de 5 de abril de 1865.
- 14, sob n. 34 de 22 de abril de 1865.
- 15, sob n. 35 de 24 de abril de 1865.
- 16, sob n. 36 de 25 de abril de 1865.
- 17, sob n. 43 de 3 de maio de 1865.
- 18, sob n. 44 de 8 de maio de 1865.
- 19, sob n. 48 de 17 de maio de 1865.
- 20, sob n. 49 de 21 de maio de 1865.
- 21, sob n. 52 de 27 de maio de 1865.

Todos estes officios foram recebidos.

«Tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex. a inclusa cópia authentica do extensissimo officio, datado de 28 do mez proximo passado, que dirigiu-me o coronel Carlos Augusto de Oliveira, depois que chegou a esta Capital dando os motivos do fatal abandono, que fez da povoação de Corumbá, e da peregrinação em debandada em que andou por espaço de dous mezes com a força que devia defender o dito ponto.

«Dessa exposição se conhece que o coronel Carlos Augusto de Oliveira, então commandante das armas da provincia, ou não esperava

os paraguayos na fronteira do Baixo-Paraguay, ou não tinha intenção de repelli-los, porque nenhuma providencia efficaz deu para isso, e nem soube utilizar-se dos recursos de que podia dispor para uma heroica defesa.

« E' muito de notar-se que, estando á sua disposição os armazens de Coimbra, de Miranda, dos Dourados e de Corumbá, nos quaes havia grande cópia de munições de guerra, fosse o forte de Coimbra evacuado por falta de cartuchos de fuzilaria, tendo o dito coronel chegado a Corumbá em outubro, e sendo aquelle forte atacado em fins de dezembro.

« Ora, si 150 homens mataram no forte de Coimbra mais de 500 inimigos, alguma cousa se poderia fazer em Corumbá com mais do quadruplo desta força, que alli podia estar reunida; mas nem ao menos quiz avistar o inimigo quem para isso devia estar preparado e disposto.

« E' tambem de notar-se que, oppondo-se o commandante da flotilha a que se abandonasse o ponto de Corumbá, tomasse o coronel Carlos Augusto de Oliveira sobre si a resolução de abandonal-o sem o parecer de um conselho de officiaes.

« Ainda mais: Tendo o mencionado coronel chegado, como disse, em outubro á povoação de Corumbá, sahindo desta Capital, onde ha um arsenal de guerra, com o 2º batalhão de artilharia a pé, só conhecesse que não havia cartuchos sufficientes na occasião em que devia empregal-os contra o inimigo, havendo-os aliás em muito grande abundancia nos Dourados, por onde passou, e em Miranda, onde esteve.

« Levando desta Capital operarios, não pôde em dous mezes reparar alguma artilharia de Corumbá, onde deixou para o inimigo 20 e tantas boccas de fogo.

« Polvora não podia faltar-lhe, porque até mandou em um hiate para cima a que julgou não ser-lhe precisa.

« Emfim, á vista do referido officio, V. Ex. melhor ajuizará do que deixo exposto.»

Relatorio do Ministerio das Relações Exteriores de 8 de maio
de 1865

INVASÃO DE MATTO-GROSSO

« A 27 de dezembro effectuou-se o ataque do forte de Coimbra.

« Depois de uma heroica e brilhante resistencia da parte de sua guarnição, em numero apenas de 120 homens, mas habil e valentemente auxiliada pelo bravo official que commandava a canhoneira *Anhambahy* que se achava alli estacionada, na noite de 28 para 29, aproveitando a suspensão do fogo do inimigo, viu-se forçado o commandante do forte a retirar-se para Corumbá.

« A parte official dada em 30 de dezembro por este commandante, o tenente-coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carrero, contém as razões do abandono daquelle ponto.

« De posse do forte de Coimbra, assaltaram os paraguayos e tomaram no dia 2 de janeiro a povoação de Corumbá.

« A canhoneira *Anhambahy* prestando nessa occasião os socorros a seu alcance á população indefesa daquelle logar, seguiu, entretanto, com direcção a Cuyabá, quando á entrada do S. Lourenço conseguiram alcançal-a quatro vapores paraguayos, e da lucta immensamente desigual, que alli se travou no dia 6, resultou ser batido e aprisionado aquelle vapor, commettendo o inimigo, segundo consta, horrorosos attentados.

« Apoderaram-se tambem os paraguayos dos estabelecimentos dos Dourados, Miranda e Nioac.

« Estes novos actos de aggressão veem expostos no officio do presidente da provincia de 28 de fevereiro ultimo, e as atrocidades praticadas pelas forças invasoras acham-se mencionadas no officio da mesma data do chefe de policia e depoimentos que o acompanham.

« No dia 11 de janeiro, tendo noticia official do ataque do forte de Coimbra, o presidente da provincia nomeou commandante superior da Guarda Nacional o chefe de esquadra Augusto Leverger, e deu as necessarias providencias para defesa da Capital.»

Entretanto lê-se no relatório do Ministério da Guerra do mesmo dia 8 de maio o seguinte :

Relatório do Ministério da Guerra de 8 de maio de 1865

EXERCITO DE OPERAÇÕES

« Devo nesta occasião confessar-vos que reprehensivel se torna o silencio, ou a nenhuma actividade nas primeiras autoridades de Matto-Grosso, nenhuma das quaes tem procurado informar o governo de quanto ha alli occorrido.

« O que sabemos consta de cartas particulares ; e do movimento e ponto, em que se acham as forças organizadas na Capital da provincia, nada tem ao certo chegado ao conhecimento do governo, sendo atrazada a correspondencia recebida.

« Ordens se expediram para mais rapida e segura communicação daquella provincia com esta Côrte e a todo momento esperam-se respostas e officios da presidencia.»

Em seguida á transcripção destes officios, em seu relatório, disse o general Alexandre Manoel Albino de Carvalho :

« Li e reli estas duas peças ministeriaes e declaro a V. Ex. que não posso comprehender o nexo que necessariamente deve haver entre ellas, e si não o ha, ainda não posso atinar com a causa de tão singular occurrencia.»

O ministro da guerra era o mesmo Visconde de Camamú, nomeado em 16 de janeiro presidente e commandante das armas da provincia de Matto-Grosso !

O coronel Carneiro de Campos era prisioneiro de Lopez desde 12 de novembro de 1864 ; sómente teve successor nomeado em 25 de fevereiro de 1865 na pessoa do coronel Manoel Pedro Drago, que foi exonerado por decreto de 1 de outubro, sendo emfim nomeado o chefe de esquadra reformado Augusto Leverger, Barão de Melgaço, presidente legal de Matto-Grosso.

Expedição de Matto-Grosso

A 10 de abril de 1865 marchou de S. Paulo, sob o commando do coronel Drago, uma columna com 568 homens, que chegou a Uberaba a 18 de julho.

Desta diminuta força desertaram até áquella data 166 praças, e morreram 6 de bexigas.

Nesses 99 dias haviam percorrido cerca de 500 kilometros.

A expedição demorou-se 45 dias em Uberaba, durante os quaes desertaram mais 76 praças e morreram 13.

Havendo recolhido alguns contingentes durante a viagem, ficou, mesmo assim, reduzida a 366 homens a columna que partiu de São Paulo.

Em Uberaba fez ella junção com a columna mineira, commandada pelo coronel Galvão e composta do 17º batalhão de voluntarios da patria sob o commando do então tenente do exercito e tenente-coronel em commissão Antonio Enéas Gustavo Galvão, do corpo fixo de Minas e do corpo policial da mesma provincia.

Esta força, organizada em brigada, contava 1.209 homens, de modo que no dia 4 de setembro, ao sahir de Uberaba, a expedição era de 1.575 combatentes, entre officiaes e praças, e levavam 12 bocas de fogo.

A 23 de maio de 1865 o Governo Imperial, sciente de todas as circumstancias da invasão da provincia, e constando-lhe que o tenente-coronel Dias da Silva ainda se achava proximamente ao Taquary ou colonia do Coxim, recommendava, por aviso confidencial, que se reunissem em Uberaba ás forças de S. Paulo e Minas e dalli seguissem por Sant'Anna do Parahyba ao Coxim para soccorrer as forças de Matto-Grosso.

A 27 e 28 de maio e a 9 de junho repetia com instancia a mesma recommendação ao coronel Drago.

A 3 de setembro o coronel Drago, sabendo da occupação e destruição da colonia do Coxim a 27 de abril, officiaava ao governo, dizendo que, embora as vantagens que se apontava em seguir por Sant'Anna do Parahyba, resolvia seguir pela estrada do Rio Claro, para ganhar

a estrada de Cuyabá, e alli reforçar a columna com os elementos que pudesse reunir nas provincias de Matto-Grosso e de Goyaz.

Dizia ainda em seu officio:

« Previno ao governo de não fazer remessa alguma de generos por essa estrada (Sant'Anna do Paranyha), visto que está muito sujeita aos assaltos de nossos inimigos.»

Em consequencia desta determinação, a columna expedicionaria marchou em direcção a Santa Rita do Paranyha.

Quando a columna partiu de S. Paulo, a commissão de engenheiros, que a acompanhava, era composta do tenente-coronel José de Miranda da Silva Reis, como chefe, do capitão Pereira do Lago e dos tenentes J. Fragoso, E. Barbosa, Chichorro da Gama, Escragnolle Taunay e Calão Roxo.

A 24 de julho reuniu-se á expedição o tenente-coronel Juvencio Manoel Cabral de Menezes, que assumiu o cargo de chefe da commissão de engenheiros, por haver sido nomeado o tenente-coronel Miranda Reis deputado do ajudante general.

A 4 de setembro seguiu a expedição de Uberaba em direcção a Santa Rita do Paranyha, onde chegou a 29 do mesmo mez.

De 9 a 23 de outubro a expedição esteve effectuando a passagem do rio dos Bois, e a 19 de outubro o coronel Manoel Pedro Drago entregou o commando da expedição ao coronel José Antonio da Fonseca Galvão e retirou-se para a Côrte. ⁴

⁴ Ministerio da Guerra Gabinete do ministro — Rio de Janeiro, 1º de dezembro de 1865.

Havendo sido nomeado o coronel Manoel Pedro Drago commandante das armas da provincia de Matto-Grosso, e tendo-se-lhe ordenado que seguisse para o seu destino com as forças de S. Paulo, e as de Minas Geraes e Goyaz, devendo operar contra os destacamentos e forças paraguayas que tinham invadido a dita provincia de Matto-Grosso, tomando para semelhante fim a direcção de Sant'Anna do Paranyha, seguiu. demorou-se em Campinas mais de dous mezes. o Governo Imperial, mais de uma vez notou-lhe a urgente necessidade de partir sem demora. ainda que fosse só. Não obstante, porém, continuou o mesmo coronel na sua viagem vagarosa, de sorte que em outro aviso de 14 de julho proximo passado foi ordenado ao coronel José Antonio da Fonseca Galvão, que sem esperar a força do coronel Drago seguisse em sua marcha. Esta ordem, porém, só foi recebida pelo coronel Galvão em Uberaba, a 18 de julho, e não pôde ser cumprida, por já se achar alli o coronel Drago, o qual conservou-se naquelle logar tanto tempo quanto se havia demorado em Campinas, até que, em data de 3 de setembro proximo findo, commu-

Por decreto de 1º de outubro de 1865 havia sido exonerado o coronel Manoel Pedro Drago e nomeado o chefe de esquadra reformado Augusto Leverger, agraciado com o título de Barão de Melgaço, havia pouco, para presidir e commandar as armas na provincia de Matto-Grosso.

De Uberaba até o rio dos Bois a expedição havia percorrido 385 kilometros.

Continuando a marcha, a columna chegou á villa das Dores do Rio Verde ¹ a 31 do mesmo mez, tendo havido falta de mantimentos, e falhas em consequencia.

Em Dores foi assassinado o capitão Alexandre Magno de Jesus, do corpo policial de S. Paulo, por um forriell.

Pelo *Diario* da commissão de Engenheiros vê-se que houve falta de mantimentos, porque o governo havia anteriormente mandado formar depositos de viveres pela estrada de Sant'Anna do Paranyhyba, que fôra designada a principio para itinerario da expedição.

Continuando a marcha, chegou a columna ao lugar denominado Polvora a 8 de dezembro de 1865, havendo percorrido mais 616 kilometros desde o rio dos Bois, e 1.001 kilometros desde Uberaba.

Alli o commandante da expedição recebeu uma communicacão em que o Barão de Melgaço lhe dizia que era necessario mandar alguns membros da commissão de Engenheiros reconhecer e examinar a estrada que pelo Pequiry vai a Cuyabá, para determinar com exactidão quaes os pontos que deveriam ser occupados, afim de proteger a Capital, no caso de uma demonstracão offensiva do inimigo sobre Cuyabá.

nicou ao governo que, em vez de seguir a estrada de Sant'Anna do Paranyhyba, tomara a do Rio Claro.

Havendo o Governo Imperial exonerado aquelle coronel do commando das armas de Matto-Grosso por decreto de 1º de outubro.
o Governo Imperial, julgando indispensavel a sua justificacão, tem resolvido que elle responda a conselho de guerra, procedendo-se quanto antes ao de investigacão, para o qual são nomeados: presidente, o brigadeiro Henrique de Beaurepaire Rohan, e vogaes os coroneis Sebastião Francisco de Oliveira Chagas e Alexandre Maria de Carvalho Oliveira.

Deus guarde a V. S. — *Angelo Muniz da Silva Ferraz* — Sr. Polydoro da Fonseca Quintanilha Jordão.

¹ Vulgarmente chamada Villa das Aboboras.

No dia 15 começaram-se a encontrar os primeiros vestígios da invasão no correjo Jaboty (casas e plantações incendiadas e destruídas).

A 16 de dezembro a columna expedicionaria fez junção com as forças vindas de Goyaz ; e até 20 desse mez levou-se passando o rio Taquary e formando depois acampamento no Coxim ¹, antiga colonia militar, destruída pelos paraguayos.

A expedição havia avançado mais 105 kilometros ; o que, com o percurso anterior, perfazia o total de 1.106 kilometros de Uberaba áquelle ponto, desde 4 de setembro a 20 de dezembro de 1865 ; e isto devido á enorme volta que se havia feito inutilmente por Santa Rita do Parahyba !

Si a expedição houvesse seguido pela estrada de Sant'Anna do Parahyba, como ordenara o governo anteriormente, teria chegado ao Coxim com um percurso de menos 200 kilometros, e com a vantagem de não ser obrigada a tantas falhas por falta de mantimentos, pois nessa estrada não sómente havia depositos de viveres de ante-mão preparados para o exercito, como tambem a zona era mais rica de recursos e não tinha pantanos.

Do porto de Santos, donde mandaram alguns recursos para a expedição, e donde havia marchado por terra parte della, contavam-se 1.742 kilometros ² até o Coxim, por causa da volta em desvio do primeiro itinerario designado.

Si de Uberaba a expedição seguisse para o Coxim pela estrada de Sant'Anna do Parahyba, seria isso um erro funesto, porque tambem traria a consequencia inevitavel da travessia pela zona alagadiça e pestilenta a que foi obrigada a expedição do Coxim a Miranda ; mas mesmo assim encurtaria a jornada de cerca de 200 kilometros e evitaria muitas passagens de rios.

Indubitavelmente o melhor itinerario a seguir teria sido de Uberaba, pela estrada de Sant'Anna do Parahyba, em direcção a Santa Rosa, no rio Ivinheima, passando por Porto do Meio, no Rio Pardo, Porto da Cachoeira, no rio Anhanduhy-guassú, e de Santa Rosa, base

¹ Hoje S. José de Herculanea.

² Nessa época não existia estrada de ferro em S. Paulo.

de operações, onde podia a expedição receber recursos, por terra e por agua, das provincias do Paraná e de S. Paulo ; mandar occupar de novo o Nioac e Dourados a poucas leguas da fronteira inimiga.

Finalmente, a expedição teria evitado a longa e mortifera marcha de 2.650 kilometros até Nioac, a que foi forçada.

Si houvesse seguido este ultimo itinerario, teria alcançado esse ponto objectivo com uma travessia de menos de 2.000 kilometros, por terrenos melhores, mais conhecidos, mais salubres e mais facilmente abasteciveis de recursos pela via fluvial navegavel do alto Paraná e de seus affluentes.

Calcula-se que a força reunida no acampamento do Coxim em dezembro de 1865, entre a força de S. Paulo, de Minas e de Goyaz, e contingente de Matto-Grosso, era de 2.080 combatentes.

Felizmente para a historia, a commissão de Engenheiros era composta de moços illustrados e escravos do dever.

Pelos seus relatorios e memorias ella tornou facil a tarefa do historiador ; o que não se dá com relação aos factos da invasão da provincia, cujos documentos ou foram perdidos ou desapareceram.

O historiador da expedição de Matto-Grosso e da retirada da Laguna, o Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, então 2º tenente-ajudante da commissão de Engenheiros, celebrou aquelles factos.

Dos seus numerosos e bem elaborados trabalhos sobre as scenas que presenciou, faço alguns extractos, a que me autorizou.

A expedição, acampada um pouco além da confluencia dos rios Coxim e Taquary ¹, estava dividida em duas brigadas :

A primeira, de 1157 praças, compunha-se do 17º de Voluntarios de Minas, sob o commando do tenente-coronel Antonio Ennéas Gustavo Galvão, do 21º de infantaria de linha, commandado pelo major José Thomaz Gonçalves e do corpo de artilharia do Amazonas, commandado pelo então major João Evangelista Nery da Fonseca.

A segunda brigada, de 914 praças, comprehendia o esquadrão de cavallaria de Goyaz, com duas companhias, commandadas pelos capitães Joaquim Alves de Oliveira e João Damasceno de Albuquerque, o

¹ Junto á corredeira de Beningo.

20º de linha da mesmo provincia, os voluntarios e a policia de S. Paulo e Minas Geraes.

Commandava em chefe o coronel José Antonio da Fonseca Galvão, pouco depois brigadeiro graduado, que tinha sob suas ordens as repartições de Ajudante General, de Quartel Mestre General, do corpo de saude, da commissão de Engenheiros, do auditor militar, que era o Dr. Antonio Gonçalves de Carvalho, e á repartição fiscal.

Havia ao todo 34 officiaes no estado-maior desta pequena columna, que realmente contava pouco mais de 2.000 combatentes.

Quasi todos os recursos vinham de Goyaz, cujo presidente, o Dr. Ferreira França, distinguuiu-se por uma energia e actividade taes, que a elle se deve não ter sido victimada inteiramente esta columna.

Diz Taunay :

« Aqui e em toda parte devo declaral-o bem alto: sem a dedicação infatigavel deste distincto brasileiro, a expedição teria seguramente succumbido toda inteira, depois de medonhos horrores ¹; e como este serviço de tanta importancia não tem sido conhecido e devidamente apreciado, nem pela Nação, nem pelo governo, por isso esforçar-me-hei de rememoral-o.

Achava-se, pela força das circumstancias (estação chuvosa), detida a columna, bem que o coronel Galvão ardesse em desejos de expellir o inimigo do districto de Miranda, ainda por elle occupado.

Por isso acolheu pressuroso as informações de alguns fugitivos de Miranda, sobre a possibilidade de abrir uma trilha, que, seguindo a base da serra, desviasse os pantanaes até o Aquidauana.

O commandante ordenou que dous engenheiros seguissem a reconhecer aquelles terrenos, informando sob a praticabilidade da viação e procedendo a uma cuidadosa exploração daquella fralda de serra. Tocou esta penosa commissão ao capitão Antonio Pereira do Lago e ao 2º tenente A. d'Escragnolle Taunay.

¹ Taunay faz allusão aos bravos restantes da expedição que, perseguida pelos paraguayos até o dia 8 de maio, do Taquarussú, chegaram ao porto de Canuto, no *Aquidauana*, no dia 11, onde felizmente encontraram os recursos mandados de Goyaz, e alli tudo perfeitamente organizado pelo coronel Lima e Silva; de modo que a expedição refez-se um pouco de tantos soffrimentos, antes de atravessar de novo os pantanaes para ir ao Coxim.

No dia 11 de fevereiro fôra expedida a ordem ; apromptaram-se e a 13 partiram.

A exploração destes dous distinctos engenheiros prolongou-se de 13 de fevereiro a 2 de abril e estendeu-se até o Aquidauana ; havendo elles chegado até ás avançadas paraguayas, proximo ao Porto Pires, onde o inimigo tinha ainda um destacamento de 100 praças.

No dia 13 de fevereiro haviam atravessado o Taquary, que tem alli 150 metros de largura ; e a 26 atravessaram em Pelotas ¹ o rio Negro, que tem alli cerca de 60 metros de largura, com uma velocidade de 0^m,70 por segundo e 2^m,50 de profundidade.

Em seu relatorio indicavam elles os pousos que deviam servir para a marcha da expedição:

1º — O pouso dos Buritys a 18 kilometros do acampamento do Coxim ;

2º — O ribeirão da mata, a 16 kilometros.

3º — O ribeirão verde, a 12 kilometros.

4º — Legeadinho a 15.500 kilometros.

5º — Corrego da volta a 21.300 kilometros.

6º — Corrego Fundo a 15 kilometros.

7º — Rio Negrinho a 18.500 kilometros.

8º — Rio Negro a 19.200 kilometros.

Eram, portanto, do acampamento das forças no Coxim até o Rio Negro 135.500 kilometros por estimativa dos engenheiros da exploração.

A respeito do acampamento das forças no Coxim diz o *Relatorio geral da commissão de engenheiros nas forças em operações ao sul da provincia de Matto-Grosso, 1866, pag. 48 (annexo ao relatorio do Ministerio da Guerra, 1867)*:

« Neste estado desesperado a força achou-se a braços com a mais completa mingua.

¹ Na America do Sul, para atravessar um rio onde não ha embarcação alguma, unem-se em circulo as pontas ou garras de um couro secco, formando assim uma especie de sacco estanque, no qual se acocora o viajante, que ficando com os braços de fôra, puxa a agua até transpor o rio.

E' a isso que chamam *pelotas* ; e, si algum dos viajantes é nadador, vai a pelota por elle puxada por meio de uma corda.

Reduzida a simples carne, por espaço de mais de mez, muitas vezes faltou-lhe aquella alimentação exclusiva, que deu em resultado o apparecimento de varias molestias.

Os generos de primeira necessidade chegaram a preços exorbitantes, aproveitando-se a ganancia e o espirito de lucro abusivo da desgraça, a que todos se viam reduzidos. Um conjuncto, comtudo, de factos tão tristes fez mais realçar as virtudes que imperam no soldado brasileiro, patenteando o seu character eminentemente soffredor e resignado, á subordinação e disciplina, que lhe são naturaes.

Depois de dias, em que nada se distribuia, nenhuma queixa se erguia, nenhuma exigencia se ouvia, todos se penetravam das difficuldades que presidiam a qualquer providencia que tomar, e calmos esperavam pelo que lhes reservava a sorte.

Não nos compete a apreciação dos factos que deram em resultado esta ordem de cousas: consignamos simplesmente as phases por que passou a expedição, nas quaes sempre presenciámos o comportamento altamente recommendavel do pessoal que a compunha; galhardo nas marchas e prompto para todos os trabalhos, supportando, emfim, as maiores privações, a que póde ser sujeito o homem na guerra, sobretudo nas condições difficeis que proporcionam distancias immensas e sertões inhospitos.

Depois da mais penosa marcha por centenares de leguas, rodeada de perigos e incommodos, na qual de continuo luctava-se com circumstancias imprevistas, acompanhadas de innumeradas afflicções, veio a estada prolongada do Coxim pôr á prova a abnegação e o sentimento intimo do dever, de que tantos exemplos brilhantes tem dado o brasileiro que enverga os distinctivos da vida de privações e de soffrimento.»

Em suas « Scenas de viagem » diz o Sr. Taunay, á pag. 150, sobre este trecho do relatorio: — « Quadro exacto da triste situação que apresentava a expedição de Matto-Grosso, atirada a um canto da provincia, que vinha soccorrer, reduzida á inacção por obstaculos invenciveis de um lado, de outro pelos poucos meios de que dispunha para, sómente sobre si, emprehender a offensiva. De nenhum consolo lhe servia o titulo pomposo com que, a pedido, a haviam agraciado.

Forças lhe faltavam; *operações* era uma ironia cruel para um espirito philosophico, e o sul da provincia de Matto-Grosso é tão vasto, tão medonhamente erigado de difficuldades, sobretudo naquella época, quanto o eram os sinistros paúes da Germania em que se abysmaram as bizarras legiões de Varo. Assim, pois, não nos illudiamos sobre o presente; e o futuro, como derivação natural, não nos abria horizontes de flôres.»

Havendo passado o Rio Negro, os engenheiros continuaram o seu reconhecimento e entraram na zona dos terrenos alagados.

Ahi conseguiram, depois de passar dias de fome, tendo como unico alimento algumas frutas silvestres, chegar no dia 10 de março ao rio Tabôco; e no dia 11 ao arranchamento do cidadão João Pacheco de Almeida, um dos fugitivos da invasão paraguaya.

Reconheceram que antes de maio, isto é, sómente depois da retirada das aguas, poderia a expedição atravessar aquella região medonha.

A distancia entre o Rio Negro e o acampamento de João Pacheco era de 168 kilometros de pessimo terreno, era já o pantanal.

Depois de alguns dias de descanso imprescindivel, continuaram, a 24 de março, o seu reconhecimento para o Aquidauana, havendo feito ainda 151 kilometros, no fim dos quaes verificaram que ainda estava occupado e guarnecido o Porto de Souza por 200 paraguayos com uma bocca de fogo e entrincheiramentos.

Do porto de Souza até Nioac haviam ainda 210 kilometros a percorrer.

Si, porém, a expedição fosse em direcção a Nioac sem passar por Miranda e atravessando o Aquidauana no porto de Dona Maria Domingas, 4 leguas acima do porto de Souza, teria sómente 138 kilometros a percorrer.

Nessa exploração certificaram-se elles de que o unico contingente que podia esperar a expedição, para preencher os claros que a febre abria em suas fileiras, era o de 85 guardas nacionaes sob as ordens do tenente-coronel Albuquerque e 275 indios, sendo 216 da tribu dos Terenas, com o seu capitão José Pedro, 39 Quinquináos e 20 Laianos.

Como recursos existiam ainda nas fazendas de Joaquim Alves, de Fialho, do capitão Pires, que era prisioneiro dos paraguayos e de José Alves de Arruda cerca de 13.000 rezes, que haviam escapado ás *razzias* dos paraguayos ; mas este gado era de tal modo bravio e arisco, que sómente com bons cavallos ou a tiros podia ser apanhado para o consumo.

Quanto ao sal, sómente haviam de 2 a 3 alqueires, e vendia-se á razão de 600\$ o alqueire ou 15\$ o litro.

Quanto a cereaes, sómente se podia contar com 447 alqueires.

Os nossos engenheiros tiveram tambem informações positivas sobre as posições ainda occupadas por forças paraguayas no districto de Miranda, que o inimigo já havia considerado como conquista sua, classificando-o officialmente sob a denominação de Districto Militar do Mbotety. ¹

Elles tinham em

Dourados e Miranda	100	praças
Brilhante	100	»
Sete Voltas	10	»
Vaccaria	100	»
Agua Fria	30	»
Nioac	500	»
Taquarussú	200	»
Porto do Souza	200	»

Ao todo. 1.240 homens.

Tinham além disso guarnições na fronteira do Apa, e occupavam ainda Corumbá, Albuquerque e o forte de Coimbra.

Terminaram a exploração no Aquidauana a 2 de abril de 1866 e remetteram poucos dias depois o seu relatorio ao commandante da columna.

A 25 de abril o brigadeiro Galvão marchou á testa da primeira brigada e chegou no dia 8 de maio ao Rio Negro, ahi esperou a 2ª columna que tinha ficado no Coxim, com o reforço de um

¹ O rio Miranda é denominado Embotety (Mbotety), tambem Aranhahy ou Quaxily. Alguns portuguezes o chamam de Mondego.

batalhão de voluntarios, que vinha de Goyaz, e sómente chegou completa ao Rio Negro em meados de maio: a columna contava então 2.700 homens.

Infelizmente as condições atmosphericas estavam inteiramente mudadas.

Chuvas repentinas, torrencias, cahiam noite e dia, os brejos augmentavam, as aguas cresciam e a columna achou-se prisioneira numa especie de ilha cercada de pantanos.

O que soffreram alli, de fome, de desespero, de angustia e de molestias, não se póde descrever.

Frutas silvestres durante oito dias foram a unica alimentação de cerca de 3.000 pessoas !

E nem esperança havia de soccorros.

Dous engenheiros, Chichorro e Fragoso, se arriscaram através dos obstaculos para procurar uma sahida e voltaram sem tel-a achado, ambos atacados de beri-beri.

O primeiro falleceu e o segundo, mais robusto, póde escapar, voltando para o Rio de Janeiro.

Assim decorreram o mez de maio e o principio de junho. As chuvas diminuiram, mas os pantanaes ainda eram intransitaveis.

O general Galvão não póde resistir a tantas contrariedades, e no dia 13 de junho elle entregava a Deus sua alma de velho e valente soldado.

Tomou o commando o tenente-coronel Joaquim Mendes Guimarães, como mais antigo em graduação ; e no dia 24 de junho a columna, com um arranco de desespero, lançou-se através dos brejos e altos macegaes, retomando a sua marcha.

No Corixo da Madre foi a columna detida por uma valla de 30 braças de largura e com muito fundo.

Por todos os lados lama e pantano perfido, lama preta fetida, insondavel.

A testa da columna póde passar sobre fachinas dispostas por soldados arvorados em pontoneiros ; mas o resto... achou tudo empantanado, desconcertado e doudos de desespero, furiosos, irreflectidos, lançaram-se naquelle oceano de vasa.

89

O que se passou então é indescritível. Uma porção de homens atolou-se até ao pescoço e allí ficou; os carros foram ao fundo, mulheres perderam seus filhos, e naquelle abysmo ficaram mais de cem victimas.

Adeante, no corixo da Cangalha, a mesma scena reproduziu-se.

Emfim, depois de dez dias de uma marcha medonha, a columna chegou ao Tabôco (Bocca dos pantanaes), mas em que estado, homens quasi nus, sujos, mortos de cansaço e de fome, uma verdadeira caravana de esfarrapados.

Um mez de abundancia e de descanso retemperou aquelles homens, que a desgraça nunca pôde curvar, nem abater. Honra a esses brasileiros! (*Taunay.*)¹ »

A expedição chegou a esta localidade no dia 3 de julho, e a 13 do mesmo mez tomou o commando o coronel José Joaquim de Carvalho, vindo de Cuyabá para este fim.

A 5 de setembro seguiu de Tabôco a expedição; entre as mais illustres victimas havia fallecido de paralytia reflexa o distincto 1º tenente Joaquim José Pinto Chichorro da Gama, um dos membros da commissão de engenheiros.

Do dia 7 ao dia 13 a expedição fez a passagem do rio Aquidauana, e a 14 passava pelo acampamento abandonado dos paraguayos, que se iam retirando e recolhendo-se á sua linha do rio Apa.

A 17 chegou a expedição a Miranda, com 525 dias de marcha; desde Santos, havia percorrido 2.480 kilometros.

¹ Este episodio veridico prova tambem que na passagem destes pantanaes o chefe que vinha na frente da columna não soube ordenar os trabalhos precisos nem manter uma rigorosa e necessaria disciplina. Si o inimigo estivesse no Tabôco quando a columna sahiu dos brejos naquelle estado, e sem a sua artilharia, que havia ficado no pantanal, ella estaria irremediavelmente perdida.

A estrada do Chaco, construida em 1868, é um exemplo do que pôde a disciplina e a boa direcção de um general.

A expedição atravessou por aquelles brejos 168 kilometros em nove dias. Do Coxim ao Rio Negro a expedição commandada pelo general Galvão levou 14 dias para avançar 135 kilometros.

Galvão, em melhores condições, fez a média de 9.640 metros por dia, ao passo que Mendes Guimarães, em pessimas condições, fez a média de 18.660 metros por dia.

Isto não foi uma marcha, foi uma fuga, não perante um inimigo victorioso, nem para fugir a um frio de morte, como em Moscow, mas para fugir dos pantanaes e de todo o cortejo de horrores e de males que imperam naquella pestilenta região.

Foi uma verdadeira fuga, pela qual escaparam os fortes, sem importarem-se, como deviam, com os mais fracos. — *Nota do autor.*

No acampamento do Coxim e nos successivos até Miranda a columna foi extraordinariamente dizimada pelas febres e paralyxia reflexa.

A 11 de janeiro de 1867, quando sahiu de Miranda a expedição, o seu pessoal estava diminuido de 1.100 homens e reduzido a 1.600 combatentes, entre officiaes e praças.

A 1º de janeiro de 1867 chegou ao acampamento o novo commante em chefe, coronel Carlos de Moraes Camisão, para substituir ao coronel Joaquim José de Carvalho, que dera parte de doente e se havia retirado a 28 de dezembro de 1866.

Este chefe deu nova organização ao seu pequeno corpo de exercito. Formou de tudo uma brigada de 1.600 homens, composta dos batalhões:

21º de Minas Geraes.

20º de Goyaz.

17º de Minas e de um corpo de caçadores a pé (os cavallos haviam morrido de peste na travessia do Coxim a Miranda), e este corpo era composto de praças dos corpos de cavallaria de S. Paulo, de Goyaz e de Matto-Grosso, que haviam escapado á epidemia)

Levava ainda comsigo quatro peças raiadas, puxadas por bois, na falta de outros animaes de tracção. ¹

A villa de Miranda, onde a expedição demorou 113 dias, é quasi inhabitavel, cercada de baixios que ficam alagados com o minimo aguaceiro e que seccam rapidamente aos raios ardentes do sol tropical: é tida como logar de epidemias de origem palustre.

A agua potavel é pessima.

¹ Foi um novo erro a ida da expedição a Miranda.

Devia de Tabóco ter marchado directamente para Nioac, localidade muito mais saudavel do que Miranda. A distancia entre Tabóco e Nioac, passando por Miranda, é de 246 kilometros e directamente é de 190 kilometros.

A marcha por Miranda occasionou 113 dias de demora, a morte de muitos dos nossos miseros companheiros e o sacrificio do resto da nossa cavallada e das mulas.

Qual a vantagem que o coronel Joaquim José de Carvalho pensava auferir indo a Miranda, não podemos saber. Seria devido á facilidade do fornecimento pelo rio? Não, porque as canoas podiam ir a Nioac. Seria com esperança de junção de sua expedição com a que o presidente Couto de Magalhães estava preparando, e que retomou Corumbá a 13 de junho de 1867?

Na época em que occupámos Miranda, ainda a parte inferior do rio era dominada pelos paraguayos. E' tanto mais incomprehensivel a marcha que ordenou o commandante, coronel Joaquim José de Carvalho, quanto o reconhecimento dos engenheiros Pereira do Lago e Taunay indicara, como preferivel, a ida a Nioac, sem passar por Miranda.

A villa fôra incendiada pelos paraguayos, e foram saqueadas e destruidas as melhores casas, bem como a propria igreja, de onde levaram até os sinos para o Paraguay.

Antes de seguir com a expedição, o commandante mandou adeante a dous officiaes de engenheiros, Catão Roxo e Escragnoille Taunay, para examinar o estado da estrada até Nioac, e tomar algumas medidas relativas ao acampamento, recebimento de doentes, etc.

A 10 ordenou a marcha, e a 11 seguiu a expedição, acompanhando a infantaria as quatro peças de artilharia puxadas por bois. ¹

A marcha para Nioac foi feita na melhor ordem e regularidade. Alguns doentes foram levados em redes, outros em padiolas (cacolets).

Ao chegar a Nioac morreu o capitão Lomba do 21º batalhão, que vinha atacado da epidemia reinante desde Miranda.

A 24 de janeiro chegou a expedição a Nioac; havendo percorrido 210 kilometros desde Miranda em 14 dias, na média, ou 15 kilometros a marcha por dia.

Os paraguayos já haviam abandonado a povoação desde 2 de agosto de 1866, havendo antes incendiado e destruido quasi tudo. Sómente pouparam a igreja e duas pequenas casas.

A expedição acampou alli mesmo em frente ao antigo povoado, deixando as duas casas para hospital e a igreja para deposito de munições.

O coronel Camisão desejava ardentemente vingar as affrontas recebidas dos paraguayos.

Além disso não podia elle esquecer-se de que, sendo commandante do 2º de artilharia a pé, a opinião publica o havia censurado, pelo abandono de Corumbá cuja responsabilidade queriam os seu desaffeiçoados que elle partilhasse conjunctamente com o então commandante das armas Carlos Augusto de Oliveira.

¹ Do antigo corpo de artilharia do Amazonas se havia formado um corpo provisório de artilharia.

Era commandado pelo major em commissão João Thomaz Cantuaria, e comprehendia duas companhias, com 7 officiaes e 132 inferiores e soldados.

Alguns dos adjuntos da commissão de engenheiros serviam no corpo, accumulando ambos os serviços do corpo e da commissão.

No dia 11 de janeiro de 1867 era o seu effectivo, entre officiaes e praças, de 140 combatentes.

Impressionavam-no, por um lado, a fraqueza do seu pequeno corpo de exercito, a falta de cavallaria e as pessimas vias de communicação, e por consequente as difficuldades de aprovisionamento para a expedição, por outro lado a incerteza das operações dos exercitos alliados ao sul do Paraguay, e que elle julgava auxiliar poderosamente com uma diversão pelo norte; podendo assim cobrir-se de glorias, bem como á pequena expedição que commandava.

Occorria-lhe tambem a idéa de que, si o inimigo deixava Matto-Grosso desguarnecido, depois de havel-o invadido e saqueado, seria provavelmente porque dalli não receiava perigos, e empregava melhor as suas forças ao sul.

Momentos havia em que julgava de seu dever avançar e invadir o territorio paraguay; e ao mesmo tempo a sua experiencia de militar veterano reprimia os impetos da sua bravura natural, e se lhe affigurava ser loucura invadir o territorio inimigo com tão diminuta e mal constituida expedição.

O governo da provincia, longe de lhe fazer partilhar a responsabilidade do abandono de Corumbá, o havia nomeado, em seguida, commandante interino das armas da provincia e das forças do Melgaço.

O Governo Imperial o havia promovido a coronel e lhe tinha confiado o commando das forças em operações ao sul de Matto-Grosso.

Elle viu neste commando o meio de rehabilitar-se no conceito publico, e resolveu não sómente repellir o inimigo do territorio nacional, bem como invadir o Paraguay, quaesquer que fossem as consequencias desse arrojo, em logar de guarnecer a fronteira e de conservar-se na defensiva, apoiando-se nas forças da provincia, que iam tratar de repellir os paraguayos da villa de Corumbá e do forte de Coimbra. ¹

Estas idéas, que o dominavam cada vez mais, não obstante a indecisão natural do seu character, acabaram por levar-o a novos infortunios.

¹ Singular coincidência:

No dia em que o major José Thomaz Gonçalves, sexto commandante da expedição, publicava sua ordem do dia aos sobreviventes desta malfadada columna, expellidos pelos paraguayos além do Aquidauana, as forças de Cuyabá cobriam-se de gloria retomando Corumbá de assalto, matando quasi toda a guarnição e tomando seis canhões e duas bandeiras ao inimigo.

26

Encontrou nos archivos da expedição um officio do Ministerio da Guerra, recommendando a marcha sobre o rio Apa, logo que as circumstancias o permittissem, e viu nesta communicação não o que ella continha, isto é, uma indicação puramente condicional e facultativa, mas uma ordem positiva de atacar.

Ao mesmo tempo via que os nossos soldados já estavam reconfortados, livres da epidemia, que desaparecera de todo em Nioac, cheios de enthusiasmo, bem aguerridos, pelos frequentes exercicios que elle ordenava, e que desejava marchar ao encontro do inimigo.

Conhecia, entretanto, que a sua pequena força sómente representava uma verdadeira vanguarda do exercito em operações, e então renasciam em seu espirito as mesmas duvidas e receios; e quando chegava o dia que elle mesmo havia designado para a marcha, elle detinha-se, protelava, e adiava a partida sôb qualquer pretexto.

Conferenciava a miudo com um velho sertanejo que vivia desde a sua mocidade nos sertões ao sul de Matto-Grosso e norte do Paraguay e que conhecia os menores accidentes do terreno em que ia operar a expedição. Era o velho José Francisco Lopes, cuja familia havia sido aprisionada pelos paraguayos, em sua ausencia da fazenda onde morava.

Elle sabia que os paraguayos haviam-na internada na villa Horqueta, a 7 leguas de Conceição.

Na esperanza de libertar os seus, offereceu-se voluntariamente para guiar a expedição, e o commandante, conhecendo a honradez e experiencia do velho, na qualidade de explorador, acceitou com prazer esta coadjuvação, que elle considerava como um dos elementos de successo e de bom exito para a expedição.

Deu-se ordem para a marcha, o corpo expedicionario só levava o material que julgava necessario para um mez de ausencia, e as mulheres ficaram em Nioac, á excepção de duas ou tres, que tambem seguiram.

A columna moveu-se a 25 de fevereiro de 1867, e foi acampar a uma legua á margem do rio Nioac. A 26 chegou a Canindé, e a 27 ao Desbarrancado.

Falhou a 28 de fevereiro e a 1º de março, e chegou no dia 2 ao rio Feio, onde ficou durante o dia 3.

Foi neste logar que a 31 de dezembro de 1864 o tenente-coronel Dias da Silva, com 133 homens, enfrentou com uma columna de mais de 2.000 paraguayos, contra os quaes sustentou um forte tiroteio em retirada, até passar uma ponte, que cortou immediatamente, no Desbarancado.

No dia 3 chegou José Francisco Lopes com 250 rezes, que fôra buscar á sua fazenda do Jardim, para o abastecimento da expedição.

A 4 chegámos á colonia militar de Miranda, que fôra destruida na invasão. Alli foram encontrados ainda alguns vestigios das casas incendiadas.

O coronel fez logo examinar as estradas que alli vinham dar; mandou reconhecer todos os logares que podiam prestar-se a emboscadas e fez occupar as estradas do lado do rio Apa e as entradas da colonia por fortes destacamentos, bem como a frente e retaguarda do acampamento.

A' pag. 29 da *Retirada da Laguna*, Taunay diz: « O que se devia ter feito era avançar com presteza sobre as fortificações paraguayas e tomal-as.

Na primeira confusão desta surpresa podia-se prejudicar fortemente o norte da Republica e tomar esta desforra, antes que o governo de Assumpção tivesse dado providencias; mas o inimigo teve tempo de conhecer a direcção e a força ¹ da empreza.»

Entretanto a fome estava sempre imminente.

Uma nova remessa de 200 rezes, que o velho Francisco Lopes havia ido buscar em seus campos, estava quasi acabada. O consumo diario excedia a 20 rezes, e não havia a necessaria economia; muita gente que não pertencia ás fileiras, e acompanhava a expedição, sustentava-se tambem de um ou outro modo.

Nestas circumstancias extremas renasceram as duvidas do commandante, que por vezes chegou mesmo a admittir a necessidade de voltar a Nioac e abandonar os seus projectos de offensiva.

¹ O governo do Paraguay, perfeitamente informado da força e dos recursos da expedição, contentou-se em oppor-lhe 1.600 homens de cavallaria, do districto da Conceição, e mandar que se fizesse o deserto ao redor della.

Querendo, portanto, afastar de si a responsabilidade de tal acto, por meio de um documento official que em occasião propicia elle pudesse apresentar ao governo, dirigiu a 23 de março um officio ao tenente-coronel Juvencio Cabral de Menezes, chefe da commissão de engenheiros, dizendo-lhe que desejava conhecer a opinião da commissão sobre a possibilidade e oportunidade de um movimento offensivo da columna e sobre o melhor modo de executal-o.

O tenente-coronel Juvencio reuniu os seus companheiros e leu-lhes o officio do coronel commandante da expedição.

Tres dos distinctos membros da commissão esforçaram-se varias vezes, durante a discussão, para resumir fielmente as condições da situação critica em que se achava a expedição, fazendo ver que havia falta absoluta de meios de transporte e locomoção, falta de cavallaria, pouca munición, falta de mantimentos, e finalmente nenhuma esperança havia de reforço de soccorros para a pequena expedição. Dahi concluiam a probabilidade de que a expedição em breve teria de effectuar uma retirada forçada, em pessimas condições e que podia acabar por um desastre irremediavel, que traria ainda a deploravel consequencia de chamar as forças inimigas a invadir de novo o territorio nacional.

Sem duvida alguma a razão estava com estes officiaes ; mas dous dos seus companheiros, considerando a questão sob um ponto de vista diverso, e não sob o ponto de vista pratico, pretendiam que aquella expedição tinha uma missão a cumprir e que devia leval-a a effeito a todo custo ; que a sua marcha e diversão pelo norte da republica fazia parte do plano geral das operações de guerra ; que sem duvida a columna era fraca e pequena, e podia em taes circumstancias succumbir ; mas que o faria utilmente e com gloria, e que ao menos dir-se-hia que ella era composta de generosos filhos do Brazil.

Os membros da commissão eram todos jovens e este modo de encarar a questão fez infelizmente derivar a discussão para o terreno das personalidades e coragem de cada um.

O tenente-coronel Juvencio, que até então não havia fallado, resumiu a sua opinião pessoal, collocando-se no terreno pratico, e disse que a expedição não podia seguir sem viveres, e que o gado estava acabado.

Neste mesmo momento deu-se um destes incidentes que, lançados na balança dos acontecimentos humanos, determinam o seu curso.

Entrava no acampamento, no meio do barulho costumado, um grande magote de gado, que o infatigavel Lopes, a pedido do commandante, havia ido reunir nos campos de sua propriedade.

Então o tenente-coronel levantou a sessão, ordenando ao Dr. Alfredo d'Escragnole Taunay, secretario da commissão, que communicasse ao commandante do corpo de exercito que a commissão era unanime em reconhecer a possibilidade da marcha para a fronteira inimiga, e apressava-se em offerecer para isso todo o concurso de sua boa vontade.

Em seguida a estas palavras, o chefe da commissão exclamou : « Deixarei uma viuva e seis orphãos, mas hão de herdar um nome honrado .»

A 25 de março o tenente-coronel Juvencio fez um reconhecimento para a frente com o 21º batalhão de infantaria e chegou ao lugar denominado Retiro, a 26 kilometros de distancia, não havendo avistado o inimigo.

A 10 de abril o 17º batalhão de infantaria, commandado pelo tenente-coronel Antonio Enéas Gustavo Galvão, fez um outro reconhecimento mais para a fronteira, acompanhado do guia Francisco Lopes e de um grupo de indios.

O corpo estava admiravelmente disciplinado, e sahiu para a exploração com musica e bandeira desfraldada.

No dia seguinte appareceram em nosso acampamento 10 cavalleiros: eram 10 brazileiros e entre elles o filho e um genro do velho Francisco Lopes. Havendo sido prisioneiros dos paraguayos e internados na Horqueta, souberam da approximação do exercito brazileiro, e apossando-se de bons cavallos paraguayos, seguiram sempre pelo matto até atravessar o rio Apa, e passando depois pela fazenda do Jardim, vinham agora se nos reunir.

Informaram elles que as fortificações melhores do Apa eram apenas umas simples estacadas de madeiras, em Bella-Vista, e que eram guardadas por cem a duzentos homens commandados por um major Martino Urbiéta; que as outras fortificações do Apa estavam

ainda mais fracas, mas que o governo paraguayo, prevenido da expedição brasileira, ia mandar já reforços e havia recommendado que os destacamentos se retirassem sem acceitar combate, destruindo tudo que não pudessem levar consigo.

Logo que estas noticias circularam no acampamento, foi geral na soldadesca e nos officiaes o mesmo sentimento, que se traduzia por estas palavras — « Vamos ao Apa. »

O coronel, depois de conferenciar com o genro de Lopes, para tirar ainda gado da fazenda do Jardim, ordenou a marcha para a fronteira. No dia 14 o corpo expedicionario avançou.

Na vanguarda marchava o corpo de caçadores, depois vinha o batalhão 21º, com uma bateria de 2 peças raiadas puxadas por bois, em seguida o batalhão 20º com outra bateria igual á primeira, e finalmente o batalhão n. 17 de voluntarios da patria.

Em seguimento ao grosso do exercito vinham as bagagens, os negociantes com seu pessoal e suas carretas. No flanco esquerdo marchavam os carros de munições de guerra e de bocca e o gado para o consumo da expedição.

Pouco depois passou-se o rio Miranda, uns pelo passo que dava váo, outros pela ponte que foi construida rapidamente pelo 2º tenente Nobre de Gusmão, do corpo de artilharia.

A 16 de abril acampou-se no Retiro, encontrando vestigios da recente passagem de pequenas partidas-paraguayas, e tambem signaes de que vigiavam e acompanhavam a nossa expedição.

A 17 a expedição acampou no logar onde havia existido a fazenda de João Gabriel. Dahi pela primeira vez avistou-se ao longe para oeste a fronteira do Apa.

No dia 18 uma partida de cavallaria paraguaya veio reconhecer a nossa força e retirou-se, vendo avançar o batalhão n. 17, com duas baterias, uma commandada pelo major Cantuaria, outra pelo 1º tenente Marques da Cruz.

A 19 levantou-se o acampamento e continuou a marcha, fazendo vanguarda o batalhão n. 21.

Os paraguayos estavam acabando de destruir a ponte do Taquarussú, quando a nossa vanguarda, alli chegando, fez uma descarga

sobre elles, que retiravam, ferindo um delles, que cahiu do cavallo, mas que foi levado na garupa de outro de seus companheiros.

No fim de uma hora de trabalho a ponte foi restabelecida e a marcha continuou.

Ao sahir a expedição das mattas que encobrem as approximações do rio achou-se toda a expedição a descoberto em frente de um morro baixo, onde se achava um forte destacamento de cavallaria paraguaya.

Até então, conforme constava pelos refugiados, os paraguayos podiam ter a convicção de que a força brazileira era de cerca de 6.000 homens, mas ahi elles conheceram a fraqueza do corpo expedicionario, que atrevia-se a invadir o Paraguay pela fronteira do Apa, sem base de operações, sem recursos, sem cavallaria e sem esperança de reforços.

O destacamento paraguayo, como para manifestar o seu valor, pouco caso ou desprezo pelas forças que tinha á vista, apeou-se e sentaram as praças, com o maior socego, á sombra das arvores, fazendo alguns delles pastar os seus animaes.

Por fim, o commandante Camisão se decidiu a mandar lançar uma granada, pela peça de Marques da Cruz, no meio do grupo.

Quando a primeira granada fez explosão no meio delles, o destacamento montou a cavallo, á toda a pressa, e desapareceu, acompanhado em sua disparada por mais alguns tiros.

Sómente se encontraram de novo os paraguayos quando chegou-se á Machorra, na fronteira.

A' noite acampou a expedição proximo á confluencia do Sombrero com o rio Apa, fronteira do Brazil com o Paraguay.

Dous officiaes brazileiros, que vinham por Camaquan partilhar os nossos perigos, alcançaram-nos ahi; e no dia seguinte sua escolta de poucos homens chegou junto com um negociante, por nome Joaquim Augusto.

No dia 20 avançou-se pela margem direita do Apa, fazendo a vanguarda o 17°. Este batalhão, tendo-se adiantado ao resto da columna, retardada pelo máo estado dos caminhos, e pelos embaraços das carretas que acompanhavam o exercito, achou-se repentinamente em frente á fazenda da Machorra, que parte dos paraguayos estavam

destruindo e queimando, quando uma forte linha fazia-nos frente, troteando com os nossos.

De accordo com o tenente-coronel Juvencio, que acabava de unir-se á vanguarda, resolveu o commandante do 17º occupar a posição ; e fazendo transpôr o arroio da Machorra, por uma ponte, levou sua gente a acampar no recinto da fazenda, donde com a nossa aproximação se retiraram a toda pressa os inimigos, incendiando as casas, carregando o que podiam e levando comsigo todo o gado e cavallhada.

A Machorra era uma fazenda de que Lopez mandava tratar pelos seus guardas da fronteira.

No dia seguinte a expedição passou o rio Apa, em frente á posição paraguaya da Bella Vista.

Os paraguayos, ao approximar-se a columna brazileira, lançaram fogo ao quartel e ás casas do povoado junto, e se retiraram, indo parar no campo, donde observavam os nossos movimentos.

A columna brazileira veio em boa ordem occupar Bella Vista, e o commandante mandou que o 20º de infantaria seguisse em direcção á força paraguaya ; mas esta retirava-se lentamente, sem esperar a chegada dos nossos, como si quizesse attrahil-os a alguma emboscada.

Assim passou-se o dia 21 de abril, em que toda a força acampou em territorio paraguayo.

Dahi o commandante mandou officios para o Rio de Janeiro, Matto-Grosso e Goyaz, participando a marcha e a entrada da expedição em territorio inimigo ; razão pela qual começou a ser designada officialmente pelo titulo de *Forças em operações ao Norte do Paraguay*.

As forças paraguayas vigiavam com o maior cuidado os movimentos das forças brazileiras, que, sem cavallaria, nada podiam fazer para arrebanhar gado afim de abastecer-se.

O inimigo, com a sua boa cavallaria impossibilitava de todo que os nossos infantess cercassem gado.

Assim, no dia 23, o coronel Camisão mandou fazer uma grande battida, em mais de uma legua de campo, sem tirar delle o menor resultado.

Esta operação infructifera trouxe-lhe a convicção de que seria impossivel sem cavallaria abastecer o exercito á custa do inimigo.

No outro dia as avançadas paraguayas vieram de novo observar os movimentos da columna.

No dia 25 seguiu, por ordem do coronel Camisão, o batalhão 17º de voluntarios, com a proclamação seguinte, que deixou amarrada em uma bandeira branca, a legua e meia de Bella Vista :

« Aos paraguayos :

« A expedição brasileira falla-vos como amigos. Seu fim não é levar a devastação, a miseria e as lagrimas ao vosso territorio. A invasão do norte, assim como a do sul de vossa Republica, não tem outro fim sinão de reagir contra uma injusta aggressão de nacionalidade. Será bom que um dos vossos officiaes venha entender-se connosco. Poderá retirar-se quando quizer ; bastará para isto o declarar. O commandante da expedição jura sob a sua honra e sobre a religião que ambos os povos professam, que garantirá a plena segurança para o homem de coragem que terá esta confiança. Havemos, como inimigos, atirado sobre vós com os nossos canhões ; agora queremos communicar com-vosco na qualidade de amigos, que podemos vir a ser.

Apresentai-vos com a bandeira branca, e sereis recebidos com todas as attentões que as nações civilisadas devem-se umas ás outras, mesmo estando em guerra.»

Não podemos comprehender o fim do coronel Camisão, mandando semelhante proclamação !

No dia seguinte achou-se esta resposta :

« Ao commandante da expedição brasileira :

« Os officiaes do exercito paraguay sempre estão promptos para receber todas as communicações que se lhes queira mandar ; mas no estado de guerra aberta, tal qual existe entre a Republica e o Imperio, é sómente com a espada na mão que nos é permittido tratar com-vosco. Vossos tiros de artilharia não nos offendem ; e quando recebermos a ordem de fazel-os calar, ha no Paraguay terreno bastante para as manobras dos exercitos republicanos. »

A 27 de abril o commandante enviou o batalhão 21º para procurar gado ; todo o esforço foi inutil, e, embora na exploração não perdesse um só homem no tiroteio com a cavallaria inimiga, trouxe a triste certeza de nada poder fazer, sem cavallaria, para abastecer-se de gado.

Em consequencia, o commandante Camisão resolveu ficar por enquanto em Bella Vista, e mandou um proprio a Nioac com ordens para de lá virem munições, generos, roupa para os soldados e os archivos da expedição.

Mas a falta de gado, base da alimentação dos soldados, já tornava a estadia em Bella Vista insustentavel. As distribuições de viveres já eram parciaes ; já havia penuria.

Era preciso sem mais tardar tomar uma resolução : ou avançar procurando o inimigo, para batel-o, afim de poder depois obter gado sem opposição, ou retroceder para os districtos vizinhos da fronteira, onde havia ainda alguns recursos.

Foi então que os refugiados fallaram de uma fazenda chamada « Laguna » situada a 4 leguas dalli. Ella fazia parte das propriedades particulares do presidente Lopez ; e lá achavam-se grandes magotes de gado. Em seguida, como esta idéa parecia do agrado do commandante, alguns officiaes que se achavam junto delle enthusiasmaram-se e disseram: « Por que não iriamos a Conceição, já que os paraguayos desafiam-nos ¹ ? Não viemos até aqui para recuar ; basta um quarto de ração, e nenhum homem hesitará em seguir seus chefes. » Taunay diz: « Á testa dos mais audaciosos estava o capitão Pereira do Lago, cujo character exaltado fez ter certamente a maior parte nas nossas imprudencias ; mas tambem na retirada, nos dias mais difficeis, soube sempre fazer face a todos os perigos e necessidades do momento, e muito auxiliou-nos a sua actividade, o seu golpe de vista, e o seu genio inventivo. »

O coronel Camisão decidiu a marcha sobre Laguna. Levantámos o acampamento a 30 de abril e fomos fazer alto nas margens do Apa-mi, dahi a uma legua.

No dia 1º de maio chegámos á fazenda da Laguna que achámos completamente destruida e incendiada pelo inimigo. Por conselhos dos

¹ O commandante havia recebido uma folha de couro mandada pelos paraguayos, com os seguintes escriptos: Avança, careca ; infortunado o general, que vem por si buscar a morte. Os brazileiros pensam estar na Conceição para as festas. Os nossos á os esperam com baionetas e chumbo.

guias avançou a expedição mais meia legua até uma internada ou potreiro, mas lá ainda o inimigo, havendo reunido o gado e a cavallhada, os internara, enquanto as suas avançadas observavam os nossos movimentos.

Sómente o 21º conseguiu apossar-se de um magote de 50 cabeças, e nos dias 2 e 3, embora se fizessem maiores esforços, nada mais se pôde arrebanhar.

No dia 4 soube-se por um negociante italiano, que chegou com duas carretas de generos, que achava-se em marcha, entre Nioac e o Apa, um grande comboio de mantimentos.

Na tarde do mesmo dia desertou um soldado do 17º de voluntarios, e o commandante ficou receioso de que por este miseravel o inimigo soubesse exactamente da posição precaria da expedição. Já Camisão reconhecia a necessidade de um movimento retrogrado em direcção á fronteira do Apa, e quiz ao menos acobertal-o por um golpe de mão glorioso—, que provasse, quer aos inimigos, quer aos seus desaffectedos, que se retirava, mas não forçado pela superioridade do inimigo. Resolveu tomar de surpresa um acampamento paraguayo, que se achava dalli a duas leguas, e designou, para execução deste plano, o 21º, o corpo de caçadores e o contingente auxiliar dos indios Terenas e Guaycurús.

Commandava o 21º o capitão de infantaria, major em commissão, José Thomaz Gonçalves, e o corpo de caçadores o bravo capitão do corpo de cavallaria de Matto-Grosso, Pedro José Rufino, que havia commandado a retirada do Desbarrancado, de Nioac e Miranda, em 31 de dezembro de 1864. Ambos eram conhecidos pela sua intrepidez e audacia. No dia 7 pela madrugada marcharam sobre o inimigo, e ao romper do dia, antes de serem presentidos, assaltaram o acampamento inimigo de surpresa: quem não foi morto ou ferido, fugiu. Em seguida, não recebendo ordem em contrario, os dous corpos começaram o seu movimento de retirada para o acampamento, sendo de longe acompanhados pela artilharia inimiga, que, depois de alguns tiros das nossas peças, calou-se e retirou-se.

Nesta surpresa pouca gente tivemos fóra de combate, ao passo que o inimigo teve perdas consideraveis.

Retirada da Laguna

Iamos, portanto, começar a nossa retirada; o combate do dia 7 havia provado a superioridade militar da columna brazileira, e os nossos soldados acceitaram a necessidade da retirada, sem murmurar. No dia 8 de maio de 1867 começou esta medonha retirada, que foi denominada da Laguna, por partir da fazenda deste nome.

O corpo de caçadores estava de vanguarda; depois vinham as bagagens e carretas; em seguida os corpos de infantaria com a artilharia, e nos flancos o gado que ainda tínhamos.

Repentinamente a nossa vanguarda foi atacada por um piquete de infantaria, posto de emboscada em uma matta que orlava o caminho. As primeiras descargas produziram alguma confusão, principalmente entre um grupo de mulheres que iam á par dos soldados.

Nossos homens, porém, lançaram-se resolutamente ao inimigo, desalojaram-o da emboscada, e o levaram até o começo da subida do alto, onde ficava a fazenda da Laguna.

Ahi os paraguayos fazendo alto resistiram algum tempo; depois, enquanto uns nos faziam frente, outros montavam á cavallo e, continuando a tirotear em retirada, paravam frequentemente, recebendo reforços e procurando levar para longe do grosso da columna esta parte do corpo de caçadores que, entusiasmados pela apparente retirada do inimigo, iam cada vez mais isolando-se.

O capitão José Rufino, que vinha com o grosso do corpo á frente da bagagem, reconheceu logo o estado perigoso daquella força e, depois de mandar um official pedir reforços, deu ordem de avançar, e á frente do corpo correu para onde o combate parecia mais renhido. Chegou no momento preciso, pois os paraguayos, depois de evoluções fingindo a fuga, faziam todos, a uma vez, meia volta e carregavam com toda a furia sobre a nossa extrema vanguarda.

A principio os soldados ficaram surprehendidos e perturbados; porém á voz do capitão Pedro José Rufino reuniram-se e formaram quadrados ao redor de seus officiaes.

Então destes agrupamentos partiu densa fuzilaria, que inutilizou o intento do inimigo. Neste turbilhão de homens, cercados por esquadrões

de cavallaria, que redemoinhavam ao redor dos pequenos quadrados, os nossos bravos caçadores trataram de conjunctamente apoiarem-se a uns *capões de matto*, o que conseguiram avançando e combatendo.

Nesta lucta encarnçada e quasi toda a ferro frio, houve de parte a parte muitos mortos e feridos. ¹

Emfim, chegou a marche-marche o reforço pedido, no momento em que o cartuchame começava a rarear; e a primeira companhia que entrou em linha trazia uma peça de artilharia, cujo primeiro obuz foi felizmente rebentar no mais numeroso grupo da cavallaria inimiga.

O effeito foi, como sempre, immediato, pondo a desordem em toda a força inimiga, já hesitante com a chegada do novo reforço; e pouco depois toda a cavallaria inimiga desapareceu, abandonando o seu acampamento.

Neste combate tivemos 14 mortos e 61 feridos.

Entre estes ultimos estava um joven soldado, Laurindo José Ferreira, que havia combatido contra quatro inimigos, com a sua espingarda unicamente: estava litteralmente retalhado a espada e a lanças em todo o tronco do corpo.

Conseguiu a muito custo curar-se de tantos ferimentos.

Graças ás providencias do commandante, os nossos feridos puderam receber os soccorros precisos; e nesta dolorosa retirada de muito valeram-nos os cuidados dos Drs. Quintana e Gesteira, medicos militares que ainda tinhamos connosco.

Calculámos a perda do inimigo em 30 mortos e não pequeno numero de feridos, que levaram em sua retirada.

Depois de enterrados os mortos, continuámos a nossa marcha.

Ainda o corpo de caçadores fazia de vanguarda, mas havia-se-lhe juntado uma bocca de fogo. O batalhão 17º de voluntarios formava a retaguarda da columna, tambem com uma peça, e no centro o 20º e 21º cada um com uma peça escoltavam á direita e á esquerda as bagagens em uma longa fileira guarneçada de um e outro lado por duas linhas

¹ O fiscal do corpo de caçadores, capitão Antonio da Cunha, teria sido morto, si não fosse o valor de um seu commandado, que o salvou, quando luctava com quatro paraguayos. O capitão Costa Pereira, do mesmo corpo, ao ser insultado por um cavalleiro inimigo, sahio do quadrado e pol-o em fuga.

92

de carretas puxadas a bois. O conjuncto figurava um grande quadrado, que tinha um pequeno quadrado sobre cada face. Esta disposição era tanto mais vantajosa quanto não tínhamos cavallaria, e que a força inimiga era a bem dizer composta desta arma. Emfim, cada corpo estendia linhas de atiradores nos flancos exteriores.

A cavallaria paraguaya achava-se em toda parte, ao redor da columna; mas as descargas da nossa gente, quando elles approximavam-se, os continham á distancia, e lhes causavam não pequeno damno. Os paraguayos acompanhavam tambem a nossa marcha com uma bateria de calibre 3, que successivamente iam assestar nas pequenas alturas que ladeavam a baixada em que seguíamos; mas o seu tiro pouco nos incommodava, emquanto nossas peças La Hitte, raiadas, de calibre 4, bastante os prejudicavam com seus certos tiros.

João Thomaz de Cantuaria, Marquez da Cruz, Napoleão Freire e Nobre de Gusmão rivalisavam de *entrain* e já contavam entre as garnições de suas peças com excellentes visadores.

Marchámos assim todo o dia, com grande barulho, no meio das aclamações dos nossos, dos gritos e alarido do inimigo, do mugir dos bois, do trovejar da artilharia e do crepitar da fuzilaria, em uma atmosphera de polvora e de poeira.

Ao pôr do sol, distinguu-se claramente o morro da Margarida. Havíamos feito 17 kilometros sob um fogo continuo e estafante, embora pouco mortifero.

Havia sido designada para o acampamento da noite a matta da margem direita do Apa-mi, mas já os paraguayos se achavam com sua bateria em frente á nossa vanguarda, e enfiavam com seus tiros a margem onde estávamos cercados, pois que, depois de passarem para o outro lado, haviam destruido a ponte.

Era tempo de chegarem as nossas quatro peças, que assestadas em frente á altura occupada pelo inimigo, com poucos tiros desmontaram uma peça paraguaya e fizeram calar a bateria.

Tivemos um homem morto e alguns feridos do batalhão 20º, que estava de promptidão á bateria. Este batalhão era commandado pelo capitão Pereira Paiva, e se compunha de gente de Goyaz.

Durante este fogo de artilharia, os engenheiros restabeleceram a ponte, trabalho que se fez com presteza, e todo o corpo expedicionario passou então para a margem direita do Apa-mi. Já era noite e noite escura, os piquetes da cavallaria paraguaya estavam em nossa frente, ninguém armou barracas, foi um simples *bivac*.

Pela meia-noite um barulho espantoso ouviu-se e um grito unisono resoou « cavallaria paraguaya ». As avançadas faziam fogo.

Um terror panico havia-se apossado do gado em seu pastoreio e essa era a causa do barulho, augmentado pelos tiros de nossas avançadas e os gritos de muitos. Logo que a causa foi conhecida, cessou como por encanto a confusão, e sómente ficaram a rir-se uns dos outros.

No dia 9 marchou a expedição, assim como no dia 8, sempre acompanhada pelo inimigo, e acampou á noite na altura da Bella Vista.

Era com o mais profundo sentimento de desgosto que os officiaes da expedição viam o momento de deixar o territorio inimigo sem nada haver-se feito em beneficio da causa da patria, isto depois de sacrificadas tantas existencias, antes de chegar á fronteira inimiga, para nada poder fazer em quanto lá chegados, pela absoluta falta dos elementos necessarios. Embora o guia José Francisco Lopes asseverasse que podia ainda reabastecer a expedição caso ella quizesse dahi voltar ao Paraguay, embora fossem esperados, a todo o instante, os comboios annunciados, a verdade não tardou a mostrar-se claramente.

A' noite chegou ao acampamento o tenente da Guarda Nacional Victor Baptista, o mesmo bravo que voluntariamente, na época da invasão, havia combatido com os 130 companheiros do tenente-coronel Dias da Silva e feito frente aos paraguayos no rio Feio e no Desbarrancado.

Elle vinha da colonia de Miranda com 12 soldados, sem terem encontrado paraguayos. Declarou que de Nioac nenhum comboio de viveres havia seguido. Sómente um certo numero de carretas de commercio, com mercadorias, haviam chegado a Machorra, algumas ainda lá esperavam-nos, mas a maior parte, sabendo dos nossos encontros com o inimigo e de nossa retirada, havia retrogradado em direcção a Nioac, julgando-nos perdidos.

93

O commandante, receiando que o comboio de Machorra cahisse em mãos do inimigo, resolveu mandar participar ao comboio a ordem de não se demorar em Machorra e de seguir immediatamente para Nioac.

Mandou o tenente Victor Baptista, que se offereceu, com mais tres companheiros, entre os quaes o filho de Lopes, levar esta ordem á Machorra, que ficava distante 10 kilometros.

Destes quatro devotados companheiros, sómente no fim de uma hora appareceu o filho de Lopes, ferido e quasi nú, que contou que haviam sido cercados pelos paraguayos e que Victor Baptista e os irmãos Hippolyto e Manoel Ferreira haviam sido mortos, podendo elle escapar-se ferido por dentro da matta e pelo rio.

Construiu-se uma ponte pouco segura sobre o rio Apa, para a passagem da columna, mas felizmente o rio havia baixado e dava váo.

A's 6 horas da manhã do dia 11 começou a passagem do rio Apa, e ás 9 1/2, estando toda a expedição em territorio brasileiro, o pontilhão foi destruido pelo tenente Catão Roxo e a marcha se regularizou, sempre com o inimigo á vista.

O 17º formou a vanguarda; o 21º, a retaguarda; á direita, no centro, o 20º, e á esquerda o corpo de caçadores, conservando a mesma ordem que no dia anterior. ¹

O inimigo por toda a parte tiroteava com os nossos atiradores. Já eram 11 horas da manhã quando repentinamente de uma baixada que contornava a estrada sahio uma força de infantaria paraguaya, atravessou a nossa linha de atiradores e atirou-se ao 17º batalhão da vanguarda. O commandante Enéas Galvão, com o batalhão formado em linha, rapidamente se preparou a receber o ataque da columna paraguaya, que os nossos atiradores atacavam pela retaguarda, e que por esta fórma ficou um instante entre dous fogos, quando grupos numerosos de cavallaria se mostraram e, lançados a todo o galope, derribavam tudo que encontravam por diante. Foi uma confusão terrivel, em que se combatia a ferro frio em toda a linha.

Mas nesta occasião o 17º não hesitou, embora pudessem seus fogos matar alguns dos nossos. Após suas descargas, o chão ficou

¹ Ver a planta do combate de 11 de maio.

alastrado, e a cavallaria paraguaya recuou rarefeita, para de novo formar-se a alguma distancia.

Todos os corpos formaram quadrados; e a artilharia, assestada nos angulos, começou um fogo bem dirigido e nutrido.

Neste momento o gado, assustado pelo fogo (o mais forte que até então houvera), foi tomado de um terror panico, e derribando seus vaqueiros e soldados se precipitou contra as fileiras do batalhão da retaguarda, e produziu alli uma desordem, que foi logo aproveitada pelo commandante paraguayo.

Toda a sua cavallaria, dividida em duas columnas e ladeando as faces exteriores dos quadrados da vanguarda e do centro, veio convergir sobre o quadrado da retaguarda, para aniquilal-o. A nossa infantaria, porém, com seus fogos cruzados e suas baionetas, causou grande damno ao inimigo, que, tendo notavel prejuizo, renunciou ao seu ataque contra os quadrados e contentou-se em cercar e arrebanhar os nossos bois, que corriam desabridamente pelo campo.

Assim cessou o combate, em que os paraguayos deixaram 184 homens mortos no campo. ¹

Entre os mortos paraguayos havia dous officiaes.

Tambem tivemos grande prejuizo entre mortos e feridos, entre outros o tenente Joaquim Mathias de Assumpção Palestrina do 17º, que commandava a linha de atiradores da vanguarda, foi morto; o tenente Raymundo Monteiro recebeu oito lanças, mas este valente mineiro ficou bom.

O unico paraguayo prisioneiro tinha uma perna quebrada.

Interrogado respondeu, que o commandante paraguayo chamava-se Martino Urbieta; que o corpo que havia chegado de reforço era de 800 homens, e que dahi a pouco chegaria outro de igual numero.

Perguntado si Curupaity havia sido tomado? respondeu « Não » — e Humaitá? — « Jamais ». Assim, a guerra não está proxima a terminar? — A terrivel guerra está adormecida! ...

Tivemos 145 homens mortos.

¹ Uma cruz, que alli mandou erigir o commandante paraguayo Urbieta, declara haverem alli morrido 184 homens.
(Taunay — Retirada da Laguna.)

94

Este combate foi o mais importante da retirada e calcula-se que a força engajada no combate, entre brasileiros e paraguayos, era de cerca de 3.000 homens, sendo 1.400 paraguayos e 1.600 brasileiros.

Eramos victoriosos, mas havíamos perdido o nosso gado.

O caminho que tínhamos a percorrer se dirigia para L. durante seis leguas ; depois seguia para o N. até à colonia de Miranda, com mais 8 leguas, e dalli com 10 leguas para N NO. chegava a Nioac.

Sómente lá, a 24 leguas do Apa, podíamos esperar refazer-nos de gado ; e, visto a lentidão de nossa marcha, eram necessarios 15 dias, pelo menos.

O inimigo conhecia perfeitamente este caminho e devia, não sómente preceder-nos, como chegar antes de nós a Nioac, o que era extremamente perigoso para a expedição.

Praticamente, esta marcha era inexequível. Lembraram-se então de que o guia Francisco José Lopes havia proposto, como preferível a todo e qualquer caminho, conduzir a expedição pela sua fazenda do Jardim, que ficava a 3 1/2 dias de viagem ao S O. de Nioac, e dizia que do Jardim ao Apa havia sómente 6 leguas pela planicie.

O conselho do velho Lopes havia sido desprezado naquella occasião, mas, nas criticas circumstancias em que se achava a expedição brasileira, o coronel Camisão foi o primeiro a pedir ao velho guia que dirigisse a marcha de modo a passar pela sua fazenda do Jardim.

Sem resentimento, o velho sertanejo, sempre prompto a sacrificar-se, declarou ao commandante que em cinco ou seis dias poderia alcançar a fazenda, e que dalli chegaríamos a Nioac, com tres dias mais, e antes do inimigo ter occupado a villa.

A' 1 hora da tarde começou a marcha . Os batalhões em quadrado, o commandante Camisão no centro do 20°.

Depois de um quarto de legua, os paraguayos começaram o fogo do alto das coxilhas, o que obrigou-nos a evolucionar em columnas. Nosso guia deixou então repentinamente a estrada da Machorra e dirigiu-se á esquerda para o pé de um morro, donde podíamos assestar bateria. Dahi tomámos direcção ao N., subindo o terreno em declive pouco forte.

O inimigo pareceu-nos então extremamente perplexo e duvidoso quanto á marcha. Durante algum tempo ainda a sua bateria acompanhou o nosso movimento, acabando, porém, por se retirar, sem que dalli por diante nos apparecesse mais.

O maior obstaculo á nossa marcha era o alto e espesso macegal, o que a tornava muitissimo penosa.

Nesta tarde os paraguayos tentaram atear fogo ao macegal, mas isso não nos prejudicou naquelle dia.

A' tarde acampámos proximamente ás nascentes do ribeirão José Carlos, e sómente se pôde matar quatro bois, em lugar de 22, como era de costume; era a fome que começava. O commandante, querendo proporcionar maiores commodidades aos feridos, mandou distribuir viveres para quatro dias, desembaraçando assim alguns carros para accommodal-os; muitos soldados, porém, em lugar de economisar suas provisões, as comeram no mesmo dia.

No dia 13 partimos ao romper do dia, e a marcha recommçou penosa pelo alto macegal.

Adiantámo-nos sempre aos paraguayos, que agora acompanhavam nossa força á retaguarda.

A' tarde o estado de cansaço do gado, que puxava as carretas e a artilharia, obrigou-nos a parar numa pequena collina, onde havia um capão de matto e uma nascente de agua.

Apenas alli descansavamos quando o inimigo, aproveitando o vento sul, que soprava fortemente, lançou fogo ao macegal e, não obstante a prodigiosa actividade, a experiencia e o tino do guia que, com parte da gente, tratou logo de cercar o fogo, ficou a misera expedição completamente cercada e envolvida pela fumaça, respirando um ar abraçado e asphyxiante, até que a violencia do incendio se extinguisse por falta de combustivel.

Tivemos um homem morto por asphyxia e varios com queimaduras.

Logo que voltaram os homens que haviam trabalhado em cercar o fogo, alguns delles foram á fonte proxima, para se desalterarem, mas alli encontraram os paraguayos emboscados, e foi necessario que duas companhias fossem desalojal-os.

95

Toda esta successão de soffrimentos e de transtornos abalava profundamente o moral da expedição; o gado mal podia ter-se em pé, mais do que nunca era preciso diminuir a bagagem, para augmentar as parellhas dos armões e das peças.

Então os officiaes unanimemente sacrificaram suas bagagens, ficando reduzidos á roupa do corpo; e as mulas da bagagem passaram a carregar cartuchame.

Grande numero de soldados tambem tinham sómente a roupa do corpo, por terem abandonado até os capotes, para ficarem mais leves, perseguindo o inimigo.

A noite do dia 12 foi tempestuosa e grandes aguaceiros vieram ainda augmentar os horrores daquela situação. Não havia em todo o acampamento nem aguardente, nem cousa alguma que pudesse reconfortar, e com a chuva os fogos haviam sido apagados.

No dia 13, continuando a chuva, não se pôde avançar.

No dia 14 ainda chovia pela manhã, mas muito menos, e continuou a marcha sob a direcção do guia, que fez então a columna obliquar para oeste, avançando pelo meio de uma matta, afim de desnortear os paraguayos, que occupavam um desfiladeiro, por onde teria a expedição de passar, a seguir a direcção norte.

Ao meio-dia encontrou-se pela frente um cerrado de taquaras, do qual a expedição só pôde sahir depois de tres horas de trabalho em abrir picada.

A's 5 horas a columna continuou em direcção a uma collina situada a um quarto de legua, onde alguns capões de matto indicavam uma fonte.

Já se achava alli um forte destacamento de paraguayos; mas dous tiros de nossa artilharia os obrigaram á retirada e alli acampámos.

No dia 15 seguimos, ao romper do dia, e os paraguayos todo o dia tirotearam-nos, pondo-nos dous homens fóra do combate, e de novo lançaram fogo nos macegaes, causando intoleraveis soffrimentos a todo o pessoal da columna. A' tarde, quando exhausta de forças, ella acampava, veio de novo o fogo, ameaçando envolver o nosso acampamento, e ao mesmo tempo um troço de infantaria inimiga atacou pelo flanco a nossa vanguarda.

Felizmente os nossos bravos companheiros, por um esforço desesperado, rechaçaram o inimigo pelo meio das chammas, causando-lhe grande prejuizo e dando tempo assim aos nossos soldados para cercar o fogo.

No dia seguinte continuou a marcha com os mesmos soffrimentos de fome e de fogo.

A força passou aquelle dia o ribeirão das Cruzes.

A 17 continuou a marcha, cada vez mais penosa para estes homens enfraquecidos pela fome e por toda a sorte de miserias.

Os animaes de tiro recusavam a todo instante puxar ; de modo que as marchas se iam encurtando diariamente. A 18 choveu todo o dia e a 19 foi preciso passar um riacho que, com as chuvas, estava convertido em forte torrente.

Desde 16 circulavam no acampamento boatos sinistros sobre a apparição de um terrivel flagello, « o cholera ». No dia 18, tres homens foram atacados dessa epidemia, com os mais graves symptomas, e desde então os Drs. Gesteira e Quintana, que já haviam advertido ao commandante, não puderam mais esconder nem dissimular a verdade.

No dia 20 já varias carretas estavam cheias de doentes, e os primeiros atacados haviam succumbido. Naquelle dia morreram mais nove e cahiram vinte doentes ; entre elles o chefe dos indios Terenas, Francisco das Chagas.

No dia 21 continuou a marcha, com os mesmos horrores de fome, fogo, cholera e inimigos.

A 22 a columna não pôde andar mais de tres quartos de legua e parou, por causa do gado, nas margens do rio da Prata, primeiro affluente sul do rio Miranda.

O coronel Camisão, sabendo que pela matta que orla o rio da Prata e que communica com o matto da margem do rio Miranda se podia ir até Nioac, sem ser assaltado pelo inimigo, enviou, por dous homens de confiança, uma ordem escripta ao commandante de Nioac, para fazer transportar para logar seguro as munições, os viveres, os archivos e as bagagens que lá estavam ; e para mandar o capitão Martinho, com toda a gente disponivel, emboscar-se nas mattas antes de Nioac, para ahi deter o inimigo.

90

Estes dous portadores chegaram á colonia de Miranda a 24 e a Nioac a 27, com os officios do commandante.

No dia 23 a expedição avançou uma legua e pouco, com grande custo, pois grande parte dos doentes eram levados em padiolas pelos seus companheiros, e ainda teve que luctar contra o fogo e repellir um ataque de atiradores inimigos.

Desde este dia, em que o cholera fez maior numero de victimas, começaram as deserções, desapparecendo muitos soldados, que se escondiam nos capões de matto.

No dia 24 choveu torrencialmente, e á noite, sómente depois de atravessar varios brejos gelados, com agua pela cintura, foi que acampou a expedição; ainda neste dia repelliu-se um ataque da força paraguaya, que tambem havia diminuido bastante.

Pelas 10 horas da manhã do dia 25 começou a passagem do rio da Prata.

Havia 86 padiolas a carregar, atravessando o rio com agua pela cintura. Cada padiola precisava de oito homens, que se revezavam. Todos desanimados, com os pés ensanguentados, sómente com as ordens terminantes dos officiaes, de espada na mão, prestavam este penoso serviço.

Naquelle dia haviam-se enterrado 20 cholericos e com elles o tenente Guerra, e já se contavam as perdas pelo cholera em cerca de 200 homens.

A's 2 horas da tarde, á força de trabalho, estava toda a expedição do outro lado do rio. O ultimo carro acabava de ser queimado e seus bois mortos para o consumo.

Durante a tarde e á noite os casos de cholera augmentaram de mais de 50.

O commandante, mandando fazer novas padiolas, levou ao desespero os soldados válidos, que diziam que os cholericos eram votados á morte, e que fazel-os transportar pelos homens ainda sãos era sacrificial-os a todos; que neste caso era melhor ir pelo matto a Nioac, onde alguns haviam de chegar.

Os paraguayos, que estavam occupando o nosso acampamento de 24, destacaram uns atiradores que foram repellidos.

Com os oculos de alcance nós os viamos cavar as sepulturas, onde havíamos deixado os nossos companheiros fallecidos do cholera, e, tirando dos cadaveres a roupa, se vestirem com ella. Um obuz, cahindo no meio delles, os afugentou daquelle contaminado local.

Neste dia o commandante Camisão consultou varias vezes os commandantes de corpos, medicos e a commissão de engenheiros, para saber de sua opinião a respeito do transporte dos doentes, que se estava tornando impossivel.

Pela terceira vez, á meia-noite, mandou chamar de novo os commandantes e declarou que era urgente uma marcha rapida, para a frente; sem o que todos estariam perdidos, e que reconhecia a impossibilidade de fazel-o pelo encargo de transportar os doentes, e por isso tomava sob a sua propria responsabilidade, e de accordo com o rigor que considerava um dever para elle, abandonar neste mesmo acampamento todos os cholericos, com excepção dos convalescentes.

Nenhuma voz se levantou contra esta resolução, cuja responsabilidade o commandante chamava toda a si.

O Dr. Gesteira, sendo consultado como medico, declarou que não podia approvar nem desapprovar; que o seu juramento de medico, por um lado, e o seu cargo de empregado publico, pelo outro, achavam-se em contradicção, e que por isso sómente lhe competia guardar silencio.

Então o commandante, como fóra de si, ordenou immediatamente que com archotes se fosse abrir no capão vizinho um claro, em que se podessem deixar os cholericos.

Immediatamente assim se fez e foram postos alli 122 cholericos, com um escripto :

« Graças para os cholericos. »

Pela madrugada foi atacado tambem pela epidemia o tenente-coronel Dr. Juvencio Cabral de Menezes, e quasi no mesmo instante suicidava-se a sentinella do quartel-general, por ter sido tambem atacada do terrivel mal.

Nesta madrugada morreu o filho do velho José Francisco Lopes; o qual foi por seu pae e companheiros transportado para as terras da fazenda de seu pae, para ser alli sepultado.

A 26 começou a marcha abandonando-se na matta os 122 moribundos.

Pouco depois ouviu-se uma forte fuzilaria; eram os paraguayos que fuzilavam os doentes.

Soube-se por um destes pobres soldados que varios dentre elles se haviam levantado convulsivamente e corrido atraz de nós; e que sómente elle tinha podido escapar e foi salvo por um verdadeiro milagre, pois escapou não só do inimigo como do cholera.

No descanso daquelle dia cahiu tambem doente o commandante Carlos de Moraes Camisão, que foi então transportado sobre um armão ao lado do tenente Silvio, que já agonisava.

Pouco depois morreu o 2º tenente Miró, nos braços do capitão Deslandes.

Em seguida foi atacado da mesma epidemia o guia José Francisco Lopes.

Acampou-se á noite, depois de quatro leguas, num potreiro da fazenda do Jardim.

O commandante Camisão, o tenente-coronel Juvencio e o velho Lopes ficaram deitados num galpão aberto.

Ainda quizo Dr. Gesteira medicar o commandante, mas este oppoz-se, dizendo:

Vá tratar dos soldados, doutor; eu sou um homem morto.

Na manhã de 27 ainda os paraguayos se approximaram, mas a attitude do batalhão 17º os conteve e não se atreveram a atacar-nos.

Emfim chegámos á margem do rio Miranda. José Francisco Lopes morreu á vista de sua casa, que se divisava do outro lado do rio.

O rio Miranda, alli muito largo e com grande correnteza, fazia uma enchente de beira a beira, e não havia esperanza de dar váo em poucos dias.

Os paraguayos ainda estavam em vedetas a observar-nos. Era preciso atravessar o rio, a fome estava se fazendo sentir cada vez mais; não havia possibilidade de estabelecer uma ponte e nós parecíamos, conforme a expressão dos paraguayos, uma porção de gado encurralado, para ir ao açougue.

Não obstante o aspecto medonho do rio, alguns nadadores intrepidos se lançaram á agua e conseguiram alcançar o outro lado. Não encontraram vestigio algum de inimigos, mas sómente a habitação de José Francisco Lopes cercada de uma bella plantação de laranjeiras e fruteiras.

Um dos nadadores, que haviam atravessado o rio, teve a coragem de reatrevessal-o e de vir dar parte da abundancia de laranjas que havia do outro lado.

No primeiro momento alguns lançaram-se n'agua e foram victimas. O commandante, embora quasi morto, deu ordem que o corpo de caçadores passasse o rio e, indo guarnecer o outro lado, impedisse a pilhagem da propriedade, devendo-se fazer uma justa distribuição do que havia. O capitão Pedro José Rufino lembrou-se da construcção de uma jangada, mas não sómente os materiaes como os operarios faltavam.

Sabia que todo o seu corpo sómente conhecia disciplina e procurava por todos os meios, ainda com risco de vida, cumprir as ordens do seu commandante.

Viu seus soldados rivalisando em presteza para facilitar a passagem dos officiaes. Elle proprio, confiado na disciplina, foi o primeiro a embarcar numa *pelota*,¹ e levado por um nadador passar para o outro lado á frente do seu corpo.

Assim felizmente conseguiu o capitão Pedro José Rufino atravessar o rio com todo o corpo de caçadores.

A 28, o cholera ainda fez maior numero de victimas nos que haviam ficado na margem esquerda do Miranda.

No dia 29 ainda o rio não havia baixado, quando morreu o commandante Carlos de Moraes Camisão. As suas ultimas palavras foram: « fazei seguir as forças, eu vou descançar ».

A's 3 horas da tarde morreu tambem o tenente-coronel Juvenio Cabral de Menezes.

O coronel foi enterrado uniformizado, debaixo de uma grande arvore, na matta, e á sua direita o tenente-coronel Juvenio.

¹ Já foi, numa nota anterior, dito o que é uma pelota.

Acabavam de fallecer os dous commandantes da expedição, e era preciso saber qual dos commandantes de corpos assumiria o commando em chefe. O commandante do 17º de voluntarios, o tenente-coronel em commissão Antonio Enéas Gustavo Galvão, era tenente do exercito. O major em commissão José Thomaz Gonçalves, commandante do 21º, era capitão do exercito.

O official de maior graduação e o mais antigo dos que alli se achavam, devia naturalmente tomar a responsabilidade do commando.

De seu lado, disciplinador e soldado, como sempre foi, o então tenente Antonio Enéas Gustavo Galvão comprehendeu que nesta occasião a commissão do posto de tenente-coronel, que elle havia recebido, com o commando do 17º de voluntarios, não devia ser obstaculo a uma medida de beneficio geral, e nobremente deu parte de doente, passando o commando do 17º ao official do mesmo batalhão, a quem competia. Este nobre procedimento foi geralmente louvado e apreciado por toda a officialidade.

Ao meio-dia reuniu-se o conselho dos commandantes, o major José Thomaz Gonçalves participou a morte do coronel Camisão e a do tenente-coronel Juvencio, donde resultava a obrigação, para elle, como capitão mais antigo, de tomar o commando das forças em operações. Foi depois dada em ordem do dia a parte de doente do tenente-coronel em commissão Enéas Galvão, assumindo o commando do 17º de voluntarios o seu fiscal, major em commissão José Maria Borges.

O rio havia baixado e offerecia váo, embora ainda perigoso, pela fortissima correnteza das aguas. O commandante mandou amarrar um cabo de uma margem á outra e então ficou estabelecida a communicação; as laranjas vieram em abundancia; a epidemia diminuiu e cessou quasi completamente com o uso desta fruta.

O commandante José Thomaz Gonçalves, apenas de posse do commando, mandou publicar uma ordem do dia, na qual appellava para a coragem e a honra de cada um, afim de conjurar o perigo de todos.

Assignalava como urgente uma marcha rapida para Nioac.

Esta proclamação levantou o moral abatido de toda a força.

Ordenou que os clarins dessem o toque de ordem e ás horas

precisas mandou fazer o toque de recolher. Do corpo de caçadores, já do outro lado do rio, correspondiam os clarins a estes toques; e assim em seguida ficou a regra militar restabelecida, provando que a disciplina ainda existia, e a confiança reapareceu em toda a expedição.

No dia 30 effectuou-se a passagem com a maior ordem e disciplina.

O batalhão 20º foi o primeiro que atravessou o rio; depois passaram os doentes, as armas e o cartuchame foram levados em *pelotas*.

A 31 passou a artilharia pelo cabo; e sómente uma peça, desatando-se, cahiu no rio.

Um soldado, por nome Damazio, conseguiu, mergulhando, amarral-a e trazel-a á superficie, fazendo-a seguir para a outra margem.

No dia 1º de junho achava-se toda a expedição a salvo, do outro lado, e á tarde, sem mais demora, poz-se em marcha para Nioac. O capitão Pisaflores commandava a retaguarda, contra a qual o inimigo, que havia passado tambem o rio, lançou seus atiradores.

Repellidos os paraguayos com vigor, continuou a marcha, indo na frente da columna o capitão Pedro José Rufino; e, embora estivesse a noite escura e tempestuosa, a marcha era rapida.

Repentinamente a vanguarda da columna esbarrou na frente com um piquete paraguayo, que não havia presentido a nossa marcha. O commandante, que marchava na frente, mandou fazer alto e preparar-se para atacar á baioneta o posto inimigo. Mas o inimigo não esperou pelo ataque e, retirando-se precipitadamente, deixou parte do gado de que, felizmente, pôde apossar-se a nossa gente.

Não obstante a necessidade de avançar, carneou-se naquella mesma hora e os soldados carregaram comsigo a carne que não tiveram tempo de assar e comer.

A chuva continuou, sem que a marcha diminuisse, e sómente ás 4 horas da madrugada parou a columna para descansar.

A's 6 horas seguiu e ás 3 da tarde fez alto a expedição, na margem do Canindé, havendo percorrido 45 kilometros naquelle dia; marcha realmente extraordinaria para homens enfraquecidos.

Ao chegar á margem do Canindé viu-se o cadaver de um conductor de carros, chamado Apollinario, morto pelos paraguayos; este conductor era do comboio dos negociantes que haviam ficado na Machorra, e portanto deu a certeza de ter sido tomado o comboio e saqueado, e naturalmente tambem Nioac.

Acampou-se um pouco adiante, a duas leguas de Nioac, depois de ter-se passado pelo meio de destroços de toda a natureza, restos do comboio saqueado.

No dia 4 a expedição percorreu rapidamente as duas leguas que a separavam de Nioac, e quando, depois de atravessar o rio, ella approximava-se daquella villa, ficou evidente que a cavallaria paraguaya já havia completado sua tarefa de destruição e de saque.

A's 3 horas da tarde chegaram ao meio das ruinas fumegantes de Nioac e do acampamento onde haviam estado anteriormente e que era feito de casinhas de palha.

O commandante de Nioac, não obstante as ordens do coronel Camisão, que elle havia recebido no dia 24 de maio, abandonou Nioac no dia 1º de junho e desapareceu, deixando nodoar seu nome com o crime de deserção, em frente do inimigo. Tanto mais sensível tornou-se a falta de cumprimento das ordens do coronel Camisão, em relação a Nioac, que as outras instrucções que elle dava foram fielmente cumpridas. As munições de guerra e viveres, os archivos e o dinheiro da caixa militar esperavam nos morros, para onde o coronel Lima e Silva os havia mandado transportar e elle proprio, conforme as instrucções, esperava a meio caminho, no Aquidauana, dando as providencias precisas.

Uma grande quantidade de cadaveres de brasileiros, mortos pelos paraguayos, jazia no meio das ruinas de Nioac.

A columna foi acampar atrás da igreja, na planicie que estende-se até á matta da margem do rio, e alli passou a noite. Quando a expedição estivera em Nioac, antes da marcha para a fronteira, havia deixado na igreja não pequeno deposito de munições e muitos objectos de diversas naturezas. Parece que os paraguayos, não tendo tempo para carregar tudo, levaram apenas o mais facil, e antes de se retirarem deixaram propositalmente um barril de polvora em communicação com uns rasti-

lhos de polvora, na esperança de que algum soldado nosso, alli entrando, communicasse o fogo.

Effectivamente, quando, sem suspeitar semelhante ardil, mandou-se transportar o que havia da igreja para fóra, principalmente o cartuchame, inflammou-se um dos rastilhos, o que occasionou uma tremenda explosão, da qual foram victimas cerca de 20 praças. No dia 5 ao amanhecer marchou enfim a expedição em direcção ao Aquidauana.

Ainda do outro lado do Orumbeva encontraram-se vestigios de carretas do commercio saqueadas pelo inimigo, e a expedição acampou no Formiga. No dia 8 estavam no Taquarussú, onde pela ultima vez se ouviram os clarins dos paraguayos, que dalli voltaram por Nioac, e, reunindo todos os seus destacamentos, recolheram-se ao seu territorio.

A 11 de junho chegou enfim a expedição da retirada da Laguna ao porto de Canuto, na margem do Aquidauana.

No dia de invasão do territorio paraguayos, em 21 de abril, o effectivo da columna era de 1.907 homens, e a 11 de junho ella estava reduzida a 1.329 combatentes.

Ella havia, portanto, perdido 578 homens pelo cholera, pelo fogo, febres e extraviados. Além disto, morreram muitos indios e muitas pessoas, homens, mulheres e crianças, que haviam acompanhado o movimento offensivo da columna.

No dia 12 de junho o commandante José Thomaz Gonçalves publicou a ordem do dia seguinte, que em poucas palavras resume os acontecimentos daquella temerosa retirada de 35 dias:

«Soldados.

Vossa retirada teve logar em boa ordem, no meio das circumstancias as mais difficeis, sem cavallaria, contra um inimigo que empregava uma formidavel, no meio de planicies cujo incendio no macegal perpetuamente acceso ameaçava devorar-vos e disputar-lhes o ar respiravel, mortos de fome, dizimados pelo cholera, que em dous dias tirou-lhes o seu commandante, o seu immediato e os vossos guias; e todos estes males, todos estes desastres os supportastes no meio de

um cataclysmo de chuvas torrencias, de tormentas, de inundações, emfim, em uma tal desordem da natureza que tudo parecia se declarar contra nós. Soldados! sêde honrados pela vossa constancia, que conservou ao Imperio nossos canhões e nossas bandeiras.» (1)

¹ Em seu officio n. 44 de 8 de maio de 1865 disse o general Albino de Carvalho ao governo :

« E' de presumir que o Governo Imperial tenha providenciado para que a força vinda de outras provincias, que haja de operar sobre a fronteira de Miranda, se acampe em Sant'Anna do Paranahyba, *donde facilmente pôde dirigir-se dquella fronteira, pois que seria uma marcha superfluamente longa e penosa o vir ella a esta capital, que por falta de navios que se possam bater com os do Paraguay, não pôde enviar tropas às fronteiras do sul da provincia.*»

No seu officio n. 49 de 17 de maio de 1865 disse o general Albino :

« Está fóra de duvida que o ponto do Tacuary, meio caminho entre esta capital e Sant'Anna do Livramento, foi occupado por forças paraguayas vindas de Miranda.

« Com esta noticia a provincia está assustada.

« E' uma necessidade urgentissima desalojar os paraguayos do Tacuary por forças vindas de S. Paulo e Minas.

« *Nenhuma noticia ha do corpo do Paraná, que vinha com direcção ao Ivinheima.*

« Ha muito receio por elle.

« Parece-me que as forças de S. Paulo e Minas devem reunir-se em Santa Anna do Paranahyba para dahi tomar a direcção que as circumstancias indicarem.»

Em officio n. 52 de 27 de maio disse o mesmo general Albino :

« Nenhuma noticia tem-se nesta cidade das forças de S. Paulo e Minas, que já poderiam estar em Sant'Anna do Paranahyba.»

No officio n. 58 de 8 de junho de 1865 disse o mesmo general Albino :

« Não sei nem da força de Goyaz, nem da de Minas, e nem da de S. Paulo, nem o lugar por onde entrarão, nem a organização que terão, nem onde teem de operar. Si vierem, é preciso providenciar que de S. Paulo e Minas venham mantimentos por Itapura e Sant'Anna do Paranahyba, porque aqui já luctamos com a fome.

« Em julho já estava reoccupado por forças brasileiras, mandadas de Cuyabá, o ponto do Coxim ou Tacuary, o qual esteve apenas occupado seis dias pelo inimigo em fins de abril e começo de junho.

« Estes officios provam, á saciedade, que a expedição de Matto-Grosso teve como principal causa dos seus desastres a pessima direcção que se lhe ordenou « de Uberaba para Santa Rita, etc. etc. para vir ao Coxim e ser obrigada a atravessar a pestifera zona de Coxim a Miranda», em lugar de vir de Sant'Anna do Paranahyba a Santa Rosa, no Ivinheima, e dahi a Nioac e fronteira.»

FORÇAS EM OPERAÇÕES AO SUL DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO

Mapa que acompanha a relação dos mortos e feridos nos combates dos dias 6, 8 11 e 18 de maio, extraviados por occasião dos mesmos combates, fallecidos e abandonados, atacados pelo cholera-norbus, fallecidos por explosão, e afogados

	ESTADO-MAIOR		Músicos	OFFICIAES			INFERIORES			Cabos	Arspeçadas	Soldados	Cornetas	Clarins	Ferradores	TOTAL
	Coronel comman-dante	Tenente-coronel de engenheiros		Capitães	Tenentes	Alfêres	1 ^{os} sargentos	2 ^{os} sargentos	Forriães							
Mortos em combate.						1	1		3	2	23				30	
Feridos.				1	2	1		1	2	6	28				41	
Extraviados						1									1	
Fallecidos, atacados pelo cholera	1	1	9	1		7	2	2	21	14	100	3	1	1	174	
Moribundos, atacados pelo cholera e deixados no pouso por falta de transporte							2	3	11	12	87	5		1	122	
Fallecidos por explosão.							1			2	6				9	
Afogados.				1							2				3	
Somma	1	1	9	3	2	9	6	7	37	33	255	8	1	2	330	

Bacharel Antonio Florencio Pereira do Lago, capitão assistente do ajudante general.

LEGENDA HISTORICA DOS ACONTECIMENTOS DE MATTO-GROSSO

Aprisionamento do vapor *Marques de Olinda*, 12 de novembro de 1864.

Declaração de guerra do Paraguay ao Brazil.

Ataque do forte de Coimbra — Invasão, 26, 27 e 28 de dezembro de 1864.

Tenente Antonio João Ribeiro — Colonia Dourados, 29 de dezembro de 1864.

Tenente-coronel José Antonio Dias da Silva — Rio Feio, 30 de dezembro de 1864.

Tenente-coronel Hermenegildo Porto Carrero abandona Coimbra, por falta de cartuchame, 29 de dezembro de 1864.

Abandono de Corumbá, sem defender-se, 2 de janeiro de 1865.

Retirada do 2º tenente João de Oliveira Mello pelos pantanaes com 479 fugitivos de Corumbá — 2 de janeiro a 30 de abril de 1865.

O presidente de Matto-Grosso, brigadeiro A. M. Albino de Carvalho, chama a Guarda Nacional e o povo ás armas — 7 de janeiro de 1865.

O vapor *Anhambahy* é tomado á abordagem pelo inimigo — 4 de janeiro de 1865.

O chefe de esquadra Augusto Leverger é nomeado commandante superior da Guarda Nacional e do Melgaço, que elle fortifica, 20 de janeiro de 1865.

Os paraguayos occupam Coimbra, Corumbá e todo o districto de Miranda e do baixo Paraguay, de 2 de janeiro de 1865 a 1868.

O Governo Imperial nomeia ao coronel Manoel Pedro Drago presidente de Matto-Grosso e commandante da expedição.

Expedição de Matto-Grosso

1º commandante, coronel Drago — A columna marcha de S. Paulo,
10 de abril de 1865.

Infanteria, cavallaria e artilharia — Total 568 combatentes.

Contingentes no caminho..... 59 »

Brigada mineira junta-se em Ube-
raba..... 1.209 »

Esta columna até o rio dos Bois percorre 921 kilometros.

2º commandante, coronel José Antonio da Fonseca Galvão, 19 de
outubro de 1865.

Contingente de Goyaz, reune-se no Coxim, dezembro de 1865.

Marcha de Coxim ao rio Negro, 25 de abril de 1866, 2.080 homens.

Distancia do rio dos Bois ao rio Negro, 956 kilometros.

Reunião de toda a expedição no rio Negro, augmentada do batalhão
de voluntarios de Goyaz e de diversos contingentes, 2.900 homens.

Succumbe o general Galvão, de febres palustres, 13 de janeiro
de 1866.

3º commandante, tenente-coronel Joaquim Mendes Guimarães.

Marcha do rio Negro a Tabôco, horrores, 24 de junho a 3 de
julho, 168 kilometros.

4º commandante, coronel José Joaquim de Carvalho, 13 de julho
de 1866.

Marcha de Tabôco sobre Miranda, 5 a 17 de setembro de 1866,
208 kilometros.

5º commandante, coronel Carlos de Moraes Camisão, janeiro
de 1867.

Marcha de Miranda sobre Nioac, 11 a 24 de janeiro, 210 kilometros.

Effectivo da expedição em Nioac, 1.907 combatentes.

Nova organização em uma só brigada.

Estado-maior, 17º, 20º, 21º corpo de caçadores, corpo provisório
de artilharia.

Marcha até á fronteira, de 25 de fevereiro a 21 de abril de 1867,
158 kilometros. 107

Marcha da fronteira á Laguna, 30 de abril a 1º de maio de 1867, 30 kilometros.

Retirada da Laguna, 8 de maio de 1867.

Combates de 6, 8, 9 e 11, tiroteios de 14 a 28 de maio de 1867, 247 kilometros.

Morrem de cholera o coronel Camisão e o tenente-coronel Juvencio, 29 de maio.

6º commandante, major José Thomaz Gonçalves.

Marcha do Jardim sob o Aquidauana, 3 a 12 de junho de 1867.

Marcha do Aquidauana a Cuyabá, 800 kilometros.

Chegada da expedição a Cuyabá, outubro de 1867.

Total da distancia percorrida entre Santos e Cuyabá, 3.698 kilometros, de abril de 1865 a outubro de 1867, 30 mezes.

Retomada de Corumbá pelas forças de Cuyabá, 13 de junho de 1867.

Combate do Alegre, retomada do Jaurú, 11 de julho de 1867.

Reorganização da expedição em Miranda

CORPOS	EFFECTIVO EM NOAC	EFFECTIVO EM AQUIDAUANA	PREJUIZO NA RETRADA	COMMANDANTES
Estado-maior.....	9	6	3	Coronel Carlos de Moraes Camisão.
Corpo provisorio de artilharia.	142	101	41	Major João Thomaz Cantuaria.
17º voluntarios da patria.....	530	379	151	Tenente-coronel Antonio Enéas Gustavo Galvão.
20º batalhão de infantaria.....	497	364	133	Capitão Joaquim Ferreira de Paiva.
21º batalhão de infantaria.....	532	344	188	Major José Thomaz Gonçalves.
1º corpo de caçadores.....	177	155	62	Capitão Pedro José Ruíno.
Companhia de enfermeiros.....	20	20	Dr. Quintana e Dr. Gesteira.
O capellão.....	Padre-alferes Antonio Augusto do Carmo, desapareceu.
	1.907	1.329	578	

De mortos e feridos em combate, e mortos de cholera na retirada, conforme o mappa junto, teve a expedição fóra de combate 380 homens; mas as relações de mostra dos corpos accusam que as baixas, como os desaparecidos, orçaram em 578, comprehendendo o capellão-alferes, padre Antonio Augusto do Carmo.

Na marcha de Coxim a Miranda, as mesmas relações de mostra accusam o prejuizo de homens.....	1.140
Entre indios e particulares, homens e mulheres, cálculo um prejuizo de pessoas.....	300
Na invasão entre mortos, prisioneiros dos paraguayos e desaparecidos nos pantanaes.....	1.600
	<hr/>
Dá para o Brazil o prejuizo de.....	3.618

O tenente-coronel, EMILIO C. JOURDAN.

Martyres da Patria

Coronel de engenheiros Carneiro de Campos, prisioneiro, fallecido a 4 de novembro de 1867.

Tenente Antonio João Ribeiro, Dourados, fallecido a 29 de dezembro de 1864.

Commissario Fiuza, Anhambahy, fallecido a 4 de janeiro de 1865.

Piloto José Israel Guimarães, Anhambahy, fallecido a 4 de janeiro de 1865.

Medico Dr. Albuquerque, Anhambahy, 4 de janeiro de 1865.

Capitão de artilharia Augusto Conrado, prisioneiro.

Alferes José Martins Teixeira de Castro, retirada da Laguna.

Tenente Raymundo Fernandes Monteiro, idem.

Tenente Joaquim Mathias de Assumpção Palestima, idem.

Alferes Francisco Victor Baptista, idem.

Capitão José Martins Teixeira de Castro, prisioneiro, idem.

1º tenente Antonio de Camargo Feio, marinha, rio Paraguay.

Brigadeiro José Antonio da Fonseca Galvão, epidemia.

1º tenente engenheiro Chichorro da Gama, idem.

Capitão Lomba, idem.

Coronel Carlos de Moraes Camisão, idem.

Tenente-coronel Juvencio Cabral de Menezes, idem.

Alferes Manoel da Silveira Miró, idem.

Capitão Vicente Miguel da Silva, idem.

Alferes Francisco Felix Martins da Cunha, idem.

Alferes Jeronymo Pereira da Silva Leite, idem.

Capitão Antonio Dionysio do Souto Gondim, idem.

Alferes Porphirio Leite de Barros, idem.

Alferes Manoel Ignacio Pinheiro de Guerra, idem.

Tenente Silvio Guimarães de Queiroz, idem.

Tenente Ferreira de Castro, desaparecido na invasão.

Guia Francisco José Lopes, epidemia.

Dr. Theophilo Clemente Jobim, desaparecido na invasão.

Voluntario Gabriel Barbosa, desaparecido.

Tenente Oliveira Barbosa, idem.

Dr. Benevenuto do Lago, idem.

Voluntario Pedro Troz, no rio Feio, fallecido a 30 de dezembro de 1864.

Capellão-alferes, padre Antonio Augusto do Carmo, desaparecido na retirada.

ASSALTO E RETOMADA DE CORUMBÁ — 13 DE JUNHO DE 1867

Era presidente de Matto-Grosso o Dr. J. V. Couto de Magalhães; sua maior preocupação era expellir os paraguayos das posições que occupavam desde janeiro de 1865, e retomar Corumbá, Albuquerque e o forte de Coimbra.

Sabia que Corumbá era guarnecido por uma força de 400 homens, com ⁴6 boccas de fogo; que o inimigo havia circulado a cidade com uma linha de trincheiras e que no porto estavam os vapores de guerra *Iporã*, *Apa* e *Anhambahy*.

Logo que teve participação de que a columna expedicionaria do coronel Camisão havia avançado de Nioac, em direcção á fronteira do Apa, em fins de fevereiro, tratou activamente de organizar uma força de 2.000 homens, em quatro batalhões, e um parque de artilharia, com 17 boccas de fogo. Todos os officiaes de linha que se achavam em Matto-Grosso fizeram parte dos batalhões provisorios e de Guarda Nacional que se organizaram.

¹ Das 27 peças que o inimigo encontrou em Corumbá abandonadas, deixou seis em bateria.

Deu o commando do 1º batalhão ao major Antonio Maria Coelho, commissionedo em tenente-coronel; o do 2º batalhão ao major Antonio José da Costa.

Declarou que a estes batalhões caberia a honra de retomar Corumbá, e viram-se então varios distinctos officiaes de linha disputarem o commando de suas companhias; o então capitão em commissão do corpo de artilharia João de Oliveira Mello, o capitão Luiz da Cunha e Cruz, de infantaria, o capitão Craveiro de Sá e outros valentes foram incorporados a estes batalhões: tal era o enthusiasmo em expellir o inimigo do territorio nacional.

O presidente fez terminar o armamento do vapor *Antonio João*¹ e entregou o commando da flotilha ao capitão-tenente Balduino José Ferreira de Aguiar.

Era composta de cinco pequenos vapores: *Antonio João*, *Jaurú*, *Corumbá*, *Paraná* e *Cuyabá*, armados ao todo com 14 boccas de fogo, de algumas lanchas e do vaporzinho *Manuel de Jesus*; podendo transportar de uma vez 1.200 homens e o parque de artilharia.

Ordenou a criação de um deposito de viveres e mandou preparar seiscentos mil cartuchos para a infantaria.

Em principios de maio tudo estava prompto para marchar.

A 22 de abril o coronel Carlos de Moraes Camisão participou a passagem do Apa, a occupação do forte de Bella Vista pela sua columna e a sua intenção de marchar a ir bater o inimigo, que se retirava, avançando depois até á villa da Conceição.

Esta participação foi recebida a 12 de maio. Immediatamente o Dr. Couto de Magalhães ordenou que no dia 15 o 1º batalhão seguisse para os Dourados, e que as outras forças iriam pouco depois, para se organizar alli a columna que devia acommetter Corumbá.

No dia 15 de maio, perante uma grande multidão de povo, todo enthusiasmado, o presidente leu uma proclamação e embarcou juntamente com o 1º batalhão provisório, commandado pelo tenente-coronel Antonio Maria Coelho, indo tambem varios voluntarios.

¹ Este vapor, da Companhia Fluvial, foi comprado pelo Dr. Couto de Magalhães, que o christomou com o nome de *Antonio João*, em honra ao heróe da colonia dos Dourados, o *tenente Antonio João Ribeiro*.

104

Em fins de maio achava-se reunida nos Dourados uma força de 2.000 homens de infantaria, com 17 boccas de fogo e os cinco vaporzinhos da esquadilha, com 14 canhões.

Não se podia pensar em descer e atacar pelo rio, pois que os tres vapores paraguayos *Rio Apa*, *Iporã* e *Anhambahy* eram muito superiores aos vaporzinhos da flotilha.

Na madrugada de 13 de junho ¹ seguiu o tenente-coronel Antonio Maria Coelho com uma força de 1.000 homens.

Sem ser presentido pelo inimigo, desembarcou mais de uma legua acima da cidade, e, contornando a posição, conseguiu levar o assalto ás trincheiras por sudoeste, onde o inimigo não esperava o ataque, que suppunha viria pelo norte.

Ao mesmo tempo cerca de 200 homens, ao mando do valente capitão João de Oliveira Mello, conseguiram penetrar na villa e, dirigindo-se logo ao porto, atacaram com a maior felicidade os dous vapores *Apa* e *Anhambahy* que, depois de renhido fogo, puzeram-se ambos em fuga.

Com o grosso da força o commandante Antonio Maria Coelho atacou com tanto vigor as trincheiras, por diversos pontos, que depois de uma resistencia de mais de uma hora estava senhor da praça ; mas o fogo perdurou cerca de duas horas.

Foi morto o coronel paraguayo Hermogenes Cabral, o major commandante do batalhão 27º, o commandante do *Rio Apa*, o seu immediato, dous tenentes, tres alferes, um padre paraguayo e 115 soldados. Fizeram-se 27 prisioneiros, entre os quaes um official de marinha ferido ; e muitos paraguayos foram mortos no rio, quando fugiam em canôas para bordo dos vapores.

A victoria foi completa. Como trophéo conquistou-se a bandeira do batalhão paraguayo n. 27, a bandeira da praça, seis canhões, muita munição e armamento, e o archivo do commandante.

Libertou-se cerca de 500 brazileiros, sendo mais de 400 mulheres, alli prisioneiras, escravas, que eram tratadas com a maior

¹ Neste mesmo dia 13 de junho, os destroços da columna, que intitulava-se — « *Forças em operações ao norte do Paraguay* » — repassavam o Aquidauana.

crueldade, ¹ deshumanidade e immoralidade pelos ferozes soldados de Lopez.

O coronel Hermogenes Cabral teve aviso do proximo ataque que as forças de Cuyabá pretendiam levar-lhe.

Depois de receber de Conceição a participação da retirada da columna do coronel Camisão, mandou elle no dia 9 de junho descer o Iporá para Assumpção, pedindo reforços.

Os vapores paraguayos *Anhambahy* e *Apa* depois do fogo de Corumbá foram para o forte de Coimbra.

Tivemos neste ataque 29 homens fóra de combate, sendo mortos: o capitão Luiz da Cunha e Cruz ², o 2º cadete-sargento Manoel Antonio do Pinho e 6 praças; e feridos: o alferes Felipe Fernandes Cuyabano e 20 praças.

Logo que chegou aos Dourados a noticia do brilhante feito de armas de Corumbá, o presidente veio para este ponto com mais 1.000 homens, a artilharia e toda a flotilha.

Teve um instante a intenção de ir atacar o forte de Coimbra, e dahi procurar fazer junção com a columna do coronel Camisão, a qual esperava estivesse perto de Conceição.

Encontrou no archivo do coronel Hermogenes Cabral um officio do vice-presidente do Paraguay, que relatava ter sido repellida do territorio da Republica a columna do coronel Camisão, que batia em retirada sobre Nioac e era acossada pela columna de Martinho Urbietá. Tambem dizia que ia fazer subir varios navios de guerra para reforçar a guarnição de Corumbá.

Naquelles dias appareceu a epidemia da hexiga na expedição e o Dr. Couto de Magalhães, ponderando as difficuldades de sustentar a posição de Corumbá sem uma força naval capaz de bater os navios inimigos, sem esperança de coadjuvação por parte da columna do coronel Camisão, e tendo já grande numero de variolosos e doentes,

¹ Consta de officios do referido Hermogenes Cabral, que muitas foram açoi-tadas sob o mais futil pretexto; nem mesmo as menores escapavam á sua furia.

² O tenente paraguayo Roa já havia morto o 2º cadete Pinho e o capitão Cruz, e ia lançando mão da bandeira do 1º batalhão provisório, quando foi morto pelo capitão Craveiro de Sá.

que era urgente transportar para Cuyabá, que lhe ficava a 150 leguas de distancia, resolveu regressar para a capital com toda a força e os 500 brasileiros que havia libertado do jugo dos paraguayos.

Em consequencia, no dia 24 de junho deixou Corumbá, levando comsigo todos os trophéos da victoria, e fez seguir a expedição, parte embarcada, parte por terra, pela margem do rio e pelos pantanaes, a alcançar o rio S. Lourenço.

No dia 11 de julho a retaguarda da expedição, composta dos 1º e 2º batalhões, estava em frente á fazenda do Alegre e alli carneava.

Combate do Alegre

A flotilha havia descido do Bananal no dia 10, para vir dar reboque á força que naquelle dia devia estar no Sára : eram os vapores *Antonio João*, *Corumbá* e *Jaurú*. Na descida, o *Corumbá*, cujo commandante era o piloto Backer, soffreu um grande desarranjo em uma das rodas e viu-se obrigado a parar.

O *Antonio João* e o *Jaurú*, porém, haviam chegado ao Sára na madrugada do dia 11, e dalli vieram ao Alegre, o *Antonio João* na frente, rebocando quatro embarcações, e o *Jaurú* em seguida, rebocando duas chatas com 80 variolosos.

A's 3 horas e 35 minutos da tarde os batalhões commandados por Antonio Maria Coelho e Antonio Joaquim da Costa estavam carneando. O *Jaurú*, amarrado á margem direita, e o *Antonio João* com quatro chatas mais para cima da fazenda do Alegre, quando veiu subindo rapidamente o rio um grande vapor acompanhado por outros dous.¹ Era o *Salto de Guayra*, que tomando posição entre o *Jaurú* e *Antonio João*, ao mesmo tempo que metralhava as forças de terra, mandava tomar o *Jaurú* por abordagem e canhoneava o *Antonio João*.

O commandante Balduino, que logo que avistara o *Salto de Guayra* havia mandado tocar *a postos*, embarcou rapidamente uma força de infantaria, composta do capitão Caliope Monteiro de Mello, dos alferes José Luiz Moreira Serra, João Luiz Pereira e Joaquim Fer-

¹ O *Apa* e o *Iporã*.

reira da Cunha Barbosa e 58 praças do batalhão do tenente-coronel Antonio Maria Coelho, que promptamente acudira a hostilisar os vapores inimigos.

O *Antonio João* dirigiu então um fogo vivissimo sobre o vapor paraguay, que já se havia apossado do *Jaurú*, e de tal maneira se houve o commandante Balduino e seus bravos companheiros, que o vapor paraguay, depois de grandes perdas, e receiando ser tomado por abordagem, seguiu rio abaixo.

O capitão-tenente Romualdo Nunes, que o commandava, foi mortalmente ferido, e o immediato e grande parte da tripolação estavam fóra de combate.

Logo que chegara o *Salto de Guayra* perto do *Jaurú*, a mór parte da guarnição atemorizada saltou ao rio e desamparou este navio. O paraguay lançou-lhe a bordo uma força de dous officiaes e 30 praças. O fiel de 2ª classe José Antonio Vieira de Araujo, denodadamente matou tres paraguayos e, combatendo sempre, recuando perante o grande numero, foi precipitado ao rio, salvando-se, porém, muito ferido.

O imperial marinheiro Diogo de Almeida matou dous paraguayos e succumbiu sob o numero, morrendo 48 horas depois dos ferimentos recebidos; o valente imperial marinheiro João Henrique da Costa, isolado na resistencia, fez fogo com o rodizio e matou a tres inimigos, sendo um delles o official paraguay, que commandou a abordagem e batendo-se sempre, lançou-se ao rio e ganhou a margem, onde ficou esvahido em sangue, morrendo poucas horas depois.

Foram mortos mais a bordo do *Jaurú* o imperial marinheiro Francisco Correia, um soldado do 5º batalhão de artilharia a pé e o cozinheiro Jerolano Bupemi.

Depois de posto em fuga o vapor *Salto de Guayra*, e não ousando avançar os outros vapores paraguayos *Ibera* e *Rio Apa*, os quaes se contentaram em atirar de muito longe, o *Antonio João* deu abordagem ao *Jaurú*, então guarnecido por 23 paraguayos e um official.

Com tanta presteza manobrou, que os paraguayos nem tempo tiveram para içar o seu pavilhão, nem para fazer uso da artilharia do *Jaurú*.

Dos paraguayos que estavam a bordo do *Jaurú*, tres foram prisioneiros, sendo um delles o tenente de marinha Miguel Decoud de Doncel, e os mais foram mortos.

Tal foi o combate do Alegre, no qual o commandante Balduino de Aguiar cobriu-se de gloria, destroçando uma força naval muito superior com o seu pequeno vapor *Antonio João*.

A presteza e o nutrido fogo dos bravos cidadãos do 1º e do 2º batalhões provisórios sob o commando do tenente-coronel Antonio Maria Coelho e do major A. José da Costa, muito contribuiu para a victoria daquella dia, principalmente a força commandada pelo capitão Caliope Monteiro de Mello, que guarnecia o *Antonio João*.

Este brilhante feito e a retomada de Corumbá vieram até certo ponto neutralisar a pessima impressão produzida no espirito publico pela infeliz retirada da Laguna.

No vapor *Antonio João* perdemos, mortos ou desaparecidos, 12 homens; feridos: o alferes João Luiz Pereira, 5 praças e 1 imperial marinho, ao todo, com os mortos no *Jaurú*, 25 homens fóra de combate, dos quaes 17 mortos e 8 feridos.

Depois da victoria, o commandante Balduino rebocou o *Jaurú*; mas este vapor, muito maltratado nas duas successivas abordagens, fazia muita agua, e não pôde ser rebocado além do rio Negro, onde o commandante Balduino o fez sossobrar, depois de tirar a bandeira e tudo quanto podia recolher do armamento do navio.

A expedição chegou de volta a Cuýabá em 17 de setembro de 1867.

Os paraguayos continuaram occupando o forte de Coimbra, e conservaram navios seus cruzando no rio Paraguay, até á passagem de Humaytá pela nossa esquadra e a expedição do Barão da Passagem com os encouraçados *Bahia*, *Barroso* e *Rio Grande*, que chegaram a reconhecer Assumpção no dia 24 de fevereiro de 1868.

Então Lopez deu ordem ás forças navaes e terrestres, que elle ainda conservava em Matto Grosso, para se recolherem ao territorio da Republica.

Sómente em janeiro de 1869, depois da occupação de Assumpção pelo exercito ao mando do marechal Marquez de Caxias, foi que este general mandou a Matto Grosso uma expedição composta dos

avisos *Felippe Camarão* e *Marcilio Dias* e mais transportes, levando o corpo de pontoneiros para fortificar-se o Fecho dos Morros ; e assim ficou restabelecida pela via fluvial a communição entre Matto Grosso e a Capital do Imperio.

JUIZO CRITICO

Os desastres e infelizes resultados da invasão e expedições de 1864 a 1867, na provincia de Matto Grosso, teem por causa principal a inercia e o pouco caso.

Ainda hoje, a unica via de communição entre esta região e a Capital do Brazil, é a via fluvial dos rios Paraná e Paraguay.

Ha um ditado brasileiro, que diz: « ao depois de roubado, trancar as portas ». Pois a casa foi roubada e as portas continuam abertas.

Estamos em 1893, Lopez invadiu e saqueou Matto Grosso indefeso em 1864-65. *As republicas do Prata hão de fechar quando bem quizerem o caminho fluvial para Matto Grosso, e com os seus caminhos de ferro chegarem ás nossas fronteiras*, reproduzindo-se com facilidade scenas de invasão no territorio nacional indefeso.

Repitamos o que ha muito tempo dissemos, com relação á invasão de Matto Grosso: Sirva-nos isto de lição para procurarmos seriamente pôr esta região em communição directa com a Capital do Brazil, sem dependencia da via fluvial por entre paizes estrangeiros.

107

INDICE CHRONOLOGICO DO 2º VOLUME

	PAGS.
Corrigenda relativa ao combate de Paysandú	5 e 6
Precedentes historicos, relatorio do Ministerio de Estrangeiros 1853, 55, 56, 57, 58 e 64.	9 a 15
Correspondencia official entre os Governos do Paraguay e do Brazil em 1864	16 a 21
Manifesto de guerra ao Paraguay	22 a 27
Aprisionamento do <i>Marquez de Olinda</i> e armamentos do Paraguay. .	28
Provincia de Matto Grosso em 1864.	30 a 32
Providencias do Governo Imperial em relação a Matto Grosso . .	32 a 33
Invasão de Matto Grosso	34
Ataque do forte de Coimbra	35 a 39
Colonia dos Dourados	40
Ataque do rio Feio e retirada	41 a 43
Corumbá	43
Retirada dos fugitivos de Corumbá	44 a 49
O Governo provincial e a invasão	50 a 58
Expedição de Matto Grosso	59 a 83
Retirada da Laguna.	84 a 102
Legenda historica	104 a 107
Martyres da patria	107
Assalto e retomada de Corumbá.	108 a 112
Combate do Alegre	112 a 115
Juizo critico	115

HISTORIA

DAS

CAMPANHAS DO URUGUAY, MATTO-GROSSO E PARAGUAY

BRAZIL

1864-1870

TERCEIRO VOLUME — 1865 A ABRIL DE 1866

RIACHUELO, URUGUAYANA AO PASSO DA PATRIA

POR

E. C. JOURDAN

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1894

MISSÃO F. OCTAVIANO DE ALMEIDA ROSA

Organisação dos exercitos

Primeiras ameaças de invasão por S. Borja. — Esquadra no Paraná para estabelecer o bloqueio dos portos do Paraguay. — Invasão de Corrientes e occupação da cidade pelo exercito paraguayo. — Declaração de guerra do Paraguay á Republica Argentina. — Tratado da triplice alliança. — Operações da esquadra no Paraná. — Ataque e tomada da cidade de Corrientes pelos alliados, 25 de maio. — Batalha naval de Riachuelo, 11 de junho. — Passagem de Mercedes, 18 de junho. — Passagem de Cuevas, 12 de agosto.

Defesa da fronteira do Uruguay. — Nova organisação do exercito. — S. Francisco, Dayman, Concordia, Juquery-grande, Ayuy-Chico. — Revista dos exercitos alliados. — Esquadilha do Uruguay. — Exercito de Flôres. — Urquiza. — Invasão de S. Borja. — Exercito paraguayo. — S. Borja. — Mbutuy. — Combate de Jatahy. — Sitio e capitulação de Uruguayana. — Marcha dos exercitos alliados. — Retirada do exercito paraguayo do Passo da Patria. — Reoccupação de Corrientes. — Currales.

Commando em chefe do exercito, brigadeiro Manoel Luiz Osorio;
organisação do 1º corpo de exercito

O marechal João Propicio Menna Barreto, então Barão de S. Gabriel, achando-se doente, pediu exoneração do commando do exercito logo depois de terminada a campanha do Uruguay.

O Governo Imperial nomeou commandante em chefe, interinamente, o brigadeiro Manoel Luiz Osorio. ¹

MANOEL LUIZ OSORIO

Manoel Luiz Osorio, filho legitimo do tenente-coronel Manoel da Silva Borges e de D. Anna Joaquina de Souza Osorio, naturaes de Santa Catharina, nasceu na villa da Conceição do Arroyo a 10 de maio de 1808.

Em 1º de março de 1865 ¹ este general publicava a sua primeira ordem do dia ao exercito, e nella dizia :

« *A obediencia que devo a Sua Magestade o Imperador e ao Governo collocaram-me nesta posição superior ás minhas forças ; mas, contando com o zelo, dedicação, patriotismo e leal coadjuvação de meus camaradas, espero cumprir os deveres que me são impostos....* »

O exercito ainda esteve nos arredores de Montevidéo até 10 de março, indo acampar junto ao Cerro, onde demorou-se até meiado de maio.

Nesta época transportou-se para *S. Francisco*, de onde mudou-se logo, por causa da insalubridade, para acampar junto ao arroio *Dayman*, ainda em territorio oriental.

Acompanhou seu pai nas guerras do Sul, de 1815 a 1822.

Alistou-se como voluntario em 1º de maio de 1823, tinha 15 annos.

Foi promovido a alferes a 1º de dezembro de 1824.

Na batalha de Sarandy salvou a vida do general Bento Manoel, que, depois do combate, perguntou : — *Vem salvo o alferes Osorio ? Si ahi vem, hei de deixar-lhe a minha lança, quando eu morrer, porque elle a levará onde eu a levo.*

Tenente a 12 de outubro de 1827 ;

Capitão a 20 de agosto de 1838 ;

Major a 27 de maio de 1842 ;

Tenente-coronel a 23 de julho de 1844 ;

Coronel por actos de bravura na batalha de Moron, 3 de março de 1852 ;

Brigadeiro graduado, 2 de dezembro de 1856 ;

Brigadeiro, 15 de junho de 1859 ;

Commandante em chefe interino do exercito em operações no Estado Oriental, em 1º de março de 1865 ;

Commandante em chefe effectivo do exercito em operações contra o Paraguay, junho de 1865.

O general *Manoel Luiz Osorio*, cujo nome para o Brazil é synonymo de *gloria militar*, tem nessa data « junho de 1865 » 57 annos de idade e 42 annos de serviços á patria.

¹ 1º de março de 1865, Osorio commanda em chefe o exercito contra o Paraguay.

1º de março de 1870, Lopez é morto no Cerro Corá.

Exercito do Sul em operações no Estado Oriental

Commandante em chefe interino — Brigadeiro Manoel Luiz Osorio

DENOMINAÇÕES	CLASSES	OFFICIAES	PRAÇAS	TOTAL
Corpos especiaes.	Estado-maior general — Brigadeiros	4		4
> >	Um commando superior 3ª brigada — Coronel.	1		1
> >	Estado-maior 1ª e 2ª classe	3		3
> >	Repartição ecclesiastica	7		7
> >	Corpo de Saude	19		19
	Somma	34		34
1ª divisão	Commandante, coronel José Sanches da Silva Brandão.			
1ª brigada	Commandante, coronel Victorino José Carneiro Monteiro.			
Regimentos de cavallaria ligeira	2º, 3º, 4º e 5º, cavallaria ligeira.	125	873	998
2ª brigada	Tenente-coronel Hilario Maximiano Antunes Gurjão.			
1º batalhão de artilharia a pé		48	586	634
13º batalhão de infantaria		34	446	480
3ª brigada	Coronel commandante superior José Joaquim de Andrade Neves.			
Corpo provisório, cavallaria da guarda nacional	5º	22	318	340
Idem.	6º	22	216	278
2ª divisão	Commandante, brigadeiro José Luiz Menna Barreto.			
4ª brigada	Tenente-coronel da guarda nacional Manoel de Oliveira Bueno.			
Corpo provisório, cavallaria da guarda nacional	1º e 4º	45	523	568
6ª brigada	Tenente-coronel da guarda nacional João Niederauer.			
Corpo provisório, cavallaria da guarda nacional	7º, 8º e 9º	53	883	936
9ª brigada	Tenente-coronel José da Silva Guimarães.			
Infantaria	9º batalhão, corpo de guarnição do Espírito Santo, corpo policial do Rio de Janeiro.	67	1.033	1.100
3ª divisão	Commandante, brigadeiro Antonio de Sampaio.			
5ª brigada	Coronel Luiz Antonio Ferraz.			
Infantaria	4º, 6º e 12º batalhões e 1º batalhão da guarda nacional da corte.	98	1.488	1.586
7ª brigada	Tenente-coronel André Alves Leite de Oliveira Bello.			

111

DE NOMINAÇÕES	CLASSES	OFFICIAES	PRAÇAS	TOTAL
Infantaria	1 ^o , 3 ^o e 8 ^o batalhões.	80	1.232	1.312
5 ^a brigada.	Tenente-coronel D. José Balthazar da Silveira.			
Infantaria	7 ^o batalhão de infantaria de caçadores e corpo policial da Bahia.	78	1.102	1.270
Artilharia a cavallo.	Commandante, tenente-coronel Emilio Luiz Mallet.			
Baterias e engenheiros.	Duas baterias e o contingente do batalhão de engenheiros	25	310	335
Somma.		600	9.219	9.000
Companhia de transporte.		2	12	
Somma geral		725	9.231	9.937

Comprehendido o destacamento de artilharia a bordo da esquadra, não comprehendida a força de guarda nacional e voluntarios do general Antonio de Souza Netto, operando em perseguição do inimigo na campanha do Estado Oriental.

A repartição de saude é dirigida pelo cirurgião-mór Polycarpo Cesario de Barros. A companhia de transporte é commandada pelo capitão da guarda nacional Antonio Machado da Silveira. — Quartel-general do commando em chefe interino do exercito de operações no Estado Oriental, junto ao Serro de Montevidéo, 7 de março de 1865. *Manoel Luiz Osorio*, brigadeiro.

A força de voluntarios organizada pelo brigadeiro Antonio de Souza Netto e que era de 1.300 homens, foi dissolvida em fim do mez de março, bem como a do estancieiro Bonifacio Machado. Ignora-se o prejuizo destas forças na campanha do Estado Oriental. Mais tarde o decreto de 15 de maio de 1865 autorizou a criação de uma brigada de voluntarios, a qual foi organizada pelo mesmo brigadeiro Antonio de Souza Netto, em grande parte pelo mesmo pessoal da antiga força, que esteve em Paysandú. Em 5 de agosto apresentou-se no acampamento brasileiro o brigadeiro Netto com 1.600 homens. A brigada ligeira foi organizada a principio com tres corpos, depois com cinco; emfim reduzida a quatro corpos.

Por decreto de 19 de maio de 1865 foi nomeado commandante em chefe do exercito o general Osorio ; e pela sua ordem do dia n. 35 de 12 de junho de 1865 declarou pela 1^a vez que o seu quartel-general era o do commando em chefe do exercito em operações contra a Republica do Paraguay.

O general Manoel Luiz Osorio empregou este periodo de 102 dias em organizar, exercitar e disciplinar este ajuntamento de homens, cuja maior parte ignorava o serviço militar. Com elles formou um exercito capaz de entrar em campanha; e isto debaixo de um rigoroso inverno, tendo de se crear todos os serviços e prover a todas as necessidades de um numeroso exercito, acampado em paiz estrangeiro e em localidades de pessimas condições hygienicas.

Em 1^o de março de 1865 elle organisava a 9^a brigada e o seu exercito constava de cerca de 9.957 combatentes em tres divisões. Em 1^o de abril de 1866 o exercito compunha-se de um commando geral de artilharia, de 2 divisões de cavallaria e de 4 de infantaria ; comprehendendo 20 brigadas ¹ e 33.078 combatentes, não obstante as numerosas baixas que teve no Estado Oriental, nas marchas e pelos combates até o *Passo da Patria*.

¹ 19 brigadas, mais a brigada auxiliar do general Netto.

112

Mapa demonstrativo das forças que seguiram do Brazil para a organização do 1º e 2º corpos do exercito até 1º de abril de 1866.

DATAS	FORÇAS	COMBATENTES
Dezembro de 1864.	Exercito do Sul para Paysandú	5.701
26 de dezembro de 1864—Para Fray-Bento	Contingente do batalhão de engenheiros, alumnos da Escola Militar, 1º batalhão de artilharia a pé, 1º e 7º batalhões de infantaria e officiaes avulsos	1.700
5 de fevereiro de 1865	8º e 16º batalhões de infantaria e 10º de voluntarios da patria.	1.316
18 de fevereiro de 1865.	Conting. do batalhão de engenheiros, 9º e 14º de infantaria e 12º de voluntarios da patria	1.202
26 de fevereiro de 1865.	Contingente da guarda nacional do Rio de Janeiro	305
19 de março de 1865	3º batalhão de artilharia á pé, 5º de infantaria e 2º de voluntarios da patria.	1.332
22 de março de 1865	1º batalhão de voluntarios da patria	793
Dezembro de 1864.	2º e 10º batalhões de infantaria.	1.058
9 de abril de 1865.	11º batalhão de infantaria, 4º e 6º de voluntarios da patria	1.523
23 de abril.	3º e 13º batalhões de voluntarios da patria.	1.023
4 de maio	Corpo da guarnição do Ceará	277
21 de maio	Guarnição do Piahy, 11º batalhões de voluntarios da patria e 2 companhias de zuavos	1.432
4 de junho	Batalhão de engenheiros, guarnição da Parahyba e 20º batalhão de voluntarios da patria	837
11 de junho.	Guarnição do Maranhão, contingente do 5º de infantaria, 14º, 15º e 21º batalhões de voluntarios da patria	1.671
21 de junho.	Contingente da guarda nacional do Amazonas.	95
22 de junho.	22º e 23º batalhões de voluntarios da patria.	942
6 de outubro	Brigada da guarda nacional da Bahia	1.226
14 e 24 de outubro	Praças avulsas	151
7 de novembro	Guarda nacional do Ceará e contingentes diversos.	737
18 de novembro	43º e 44º batalhões de voluntarios da patria.	1.252
21 de novembro	Guarnição de Pernambuco, contingente da guarda nacional do Ceará, Minas e Alagoas	484
29 de novembro	42º e 45º batalhões de voluntarios da patria da Bahia e de Sergipe	1.046
5 de dezembro.	46º batalhão de voluntarios da patria, policia de Pernambuco e contingentes	1.135
12 de dezembro	53º e 54º batalhões de voluntarios da patria, contingente de recrutas	1.251
22 e 27 de dezembro.	21º batalhão de voluntarios da patria e contingente	684
30 de dezembro	55º batalhão de voluntarios da patria.	273

DATAS	FORÇAS	COMBATENTES
De 3 de janeiro a 8 de fevereiro de 1866	Praças do exercito e recrutas	1.304
8 de fevereiro de 1866	56º batalhão de voluntarios da patria, batalhão de voluntarios da Imperatriz.	650
16, 20 e 21 de fevereiro de 1866	6º corpo de voluntarios da patria, contingente de artilharia e recrutas.	429
28 de dezembro de 1865.	Chegou ao acampamento da Lagôa Braba a divisão de cavallaria da guarda nacional do Rio Grande do Sul, commandada pelo brigadeiro José Joaquim de Andrade Neves	1.681
	Os corpos 5º, 9º, 8º, 24º, 29º, 30º, 31º, 23º, 32º, 33º, 18º, 36º, 35º, 7º, 37º, 38º e 25º de voluntarios da patria	8.271
	Policia do Rio Grande do Sul (S. Pedro) e voluntarios de Porto Alegre	989
	10º e 13º corpos provisorios de guarda nacional.	336
	Voluntarios de Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte, Piahy, Amazonas, Parahyba, Nitheroy, Allemães, policia do Ceará, Sergipe, Piahy e Parahyba	2.663
	4º regimento de artilharia a pé e baterias do 1º regimento	675
Em diversas datas por terra para a fronteira do Uruguay e para o 2º corpo do exercito.	Guarda nacional da Parahyba, Nitheroy e São Paulo.	1.103
	Deposito de Santa Catharina e companhia de cavallaria do Paraná	361
	Corpo provisorio de infantaria do Rio Grande do Sul	336
	Contingentes de recrutas	2.063
	Corpos especiaes, officiaes	196
	Corpos de cavallaria e guarda nacional do Rio Grande do Sul que se reuniram ao exercito e não estão mencionados	7.294
	Batalhão de voluntarios estrangeiros engajados em Montevidéo, commandante coronel Fidelis Paes da Silva	450

Total da força que serviu para organizar o 1º e 2º corpos. 58.442

Voltaram ao Brazil inspecionados 187 officiaes e 555 praças 742

Total effectivo. 57.700

Effectivo do 1º corpo a 16 de abril de 1866. 33.069

Effectivo do 2º corpo na mesma data 14.879

Effectivo real 47.948

Prejuizos dos exercitos até 1º de abril de 1866 por molestias, combates e deserções 9.752

ou 17 % do effectivo.

113

É — Quadro histórico da organização do 1º corpo do exercito brasileiro desde o acampamento em Montevidéo, a 1º de março de 1865, até ao acampamento em frente ao Passo da Patria em 1º de abril de 1866.

Commandante em chefe, Manoel Luiz Osorio

DENOMINAÇÃO	COMMANDANTES	TROPA DE LINHA			VOLUNTARIOS DA PATRIA	GUARDAS NACIONAES	DIVERSOS	OBSERVAÇÕES
		Infantaria	Cavallaria	Artilharia				
Exercito no Cerro 1º de março de 1865.	Brigadeiro Manoel Luiz Osorio Tres divisões—9 brigadas. Um commando de artilharia.	Mappa A. Vide mappa D.						Além do exercito que combateu em Paysandú haviam chegado do Brazil 4.218 combatentes. Haviam-se retirado os voluntarios do brigadeiro Netto.
Exercito em frente ao Passo da Patria em 1º de abril de 1866.	Brigadeiro Manoel Luiz Osorio Um commando geral de artilharia, 6 divisões, 19 brigadas e uma brigada ligeira.	14 batalhões	2 corpos	3 corpos B. de engs.	25º corpo	11º corpo	Voluntarios engajados 4º corpo de voluntarios de cavallaria	
Estado-maior . . .	Brigadeiro Jacintho Pinto de Araujo Corrêa	120 officiaes						Creado a 16 de fevereiro de 1866.
Commissão de engenheiros	Major Dr. José Carlos de Carvalho	14 officiaes						Organisada a 20 de maio de 1865.
Corpo de saude	Dr. Manoel Feliciano Pereira de Carvalho							Organisou hospitaes successivos.
Pagadoria	Coronel Eduardo C. Cabral Deschamps							Organisada a 6 de junho de 1865.
Transporte	Major Antonio Machado da Silveira	1 esquadrão						Organisado a 12 de junho de 1865.

DENOMINAÇÃO	COMMANDANTES	TROPA DE LINHA			VOLUNTARIOS DA PATRIA	GUARDAS NACIONAES	DIVERSOS	OBSERVAÇÕES
		Infantaria	Cavallaria	Artilharia				
5ª brigada	Coronel Andre Alves Leite de Oliveira Bello	4º, 6º e 12º	4º	Assistiu á tomada de Paysandú.
					46º	Chegou a 20 de abril de 1835.
6ª brigada	Assistiu á rendição de Uruguayana.
7ª brigada	Coronel Jacintho Machado Bittencourt	1º	6º e 11º	Foi dissolvida a 16 de fevereiro de 1836.
8ª brigada	Tenente-coronel José Balthazar da Silveira	8º	38º	Assistiu á tomada de Paysandú.
					100	Chegaram a 20 de abril de 1865.
9ª brigada	Coronel João Guilherme de Bruce	9º	12º	Assistiu á rendição de Montevidéu.
					43º	Chegou em fevereiro de 1866.
10ª brigada	Coronel Carlos Rezin	13º	2º	Assistiu á rendição de Montevidéu.
		2º	20º	Chegou em dezembro de 1865.
					23º	Esteve em Corrientes, Riachuelo e Cuevas.
11ª brigada	Tenente-coronel José Auto da Silva Guimarães	15º e 11º	31º e 20º	Chegou em fins de março de 1865.
						Idem em julho de 1865.
						Formaram o 11º batalhão provisório de infantaria.

12ª brigada . . .	Tenente-coronel Joaquim Rolz Kelly	5ª e 7ª	3ª	Combateu em Jatahy, esteve em Uruguayana.
13ª brigada . . .	Coronel José da Silva Guimarães	3ª	16ª	Voluntarios, combateu em Jatahy, esteve em Uruguayana.
14ª brigada . . .	Coronel João Manoel Menna Barreto	19ª e 24ª	Combateu em Paysandú.
15ª brigada . . .	Coronel João Manoel Menna Barreto	30ª, 21ª e 51ª	Assistiu á rendição de Uruguayana.
15ª brigada . . .	Coronel Tristão José Pinto	3ª e 9ª	Idem.
15ª brigada . . .	Coronel Demetrio Ribeiro	10ª e 11ª	Idem.
18ª brigada . . .	Coronel Evaristo Ladislau da Silva	9ª	Policia do Rio Grande do Sul.
					40ª	Antigo 3º C. P. I. G. N. Uruguayana
					41ª	Antigo 4º C. P. I. G. N. Uruguayana
Brigada ligeira . . .	Brigadeiro honorario Antonio de Souza Netto	1ª e 2ª	Decreto de 15 de maio de 1865.
							3ª e 4ª	Apresentou-se a 5 de agosto de 1865 com 1.600 combatentes.
Total dos corpos.		14	2	4	25	11	7	
Grande total								63 corpos

O brigadeiro Antonio de Souza Netto nunca recebeu vencimento algum, desistindo delles em beneficio das despezas da guerra, pelo que o governo o mandou louvar.

Sendo inconveniente a existencia de corpos reduzidos á diminuta torça, foram suas praças incorporadas a outros corpos; assim: 4ª e 5ª de cavallaria ligeira; 11ª, 15ª, 17ª, 18ª e 22ª e deposito de Santa Catharina da infantaria de linha; 9ª, 21ª, 22ª, 13ª, 14ª, 33ª, 39ª, 25ª, 45ª, 52ª, 53ª e 55ª e mais 13 contingentes, todos de voluntarios da patria; o 1ª da guarda nacional da Côrte, policia de Pernambuco, couraceiros da Bahia; corpos P. de cavallaria da guarda nacional ns. 4ª, 9ª, 5ª e 8ª, e o corpo commandado pelo capitão Athanzio Baptista do Nascimento, ao todo 41 corpos e contingentes, foram incorporados a outros.

Este mappa demonstra as difficuldades da organisação do exercito.

E' intuitivo que esta organização de um exercito em campanha, e em marcha, foi com grande prejuizo de vidas e de dinheiro para o Brazil, e que foi um relevãnte serviço que revela qualidades superiores, como organisadores e administradores, por parte dos generaes Manoel Luiz Osorio no 1º corpo e Manoel Marques de Souza, Barão de Porto Alegre, no 2º corpo.

Missão F. Octaviano de Almeida Rosa

Havia sido exonerado o Conselheiro José Maria da Silva Paranhos, por decreto de 3 de março de 1865, do cargo que tão brilhantemente desempenhara, e nomeado pouco depois o Dr. Francisco Octaviano de Almeida Rosa, para o substituir, na qualidade de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto ao governo da Republica Argentina e ao da Republica do Estado Oriental do Uruguay.

Partiu o novo ministro para o seu destino a 26 de março, chegou a Montevideo a 1 de abril ; apresentou suas credenciaes a 4, e a 15 do mesmo mez seguiu para Buenos Aires, apresentando-se a D. Bartholomeu Mitre, presidente da Republica Argentina, no dia 20 de abril de 1865.

A posição do Imperio e das tres Republicas platinas estava então perfeitamente definida.

Na Republica Oriental o partido *blanco* estava apeado do poder, e o novo governo, alliado fiel do Imperio.

A Republica Argentina até então guardava uma neutralidade prudente, emquanto a Republica do Paraguay, em guerra aberta com o Imperio, depois de invadir e occupar militarmente grande parte da provincia de Matto Grosso, ameaçava invadir a do Rio Grande do Sul.

Com effeito, desde dezembro de 1864 era notorio em Montevideo que D. Francisco Solano Lopez havia promettido ao presidente Aguirre mandar um forte exercito invadir a provincia do Rio Grande, afim de obrigar assim o exercito brasileiro a abandonar o sitio de Montevideo, para vir defender o territorio daquella provincia.

Para isso em 14 de janeiro o ministro Berges ¹ havia solicitado passagem para o exercito paraguay pelo territorio das missões argentinas, afim de invadir o territorio brasileiro pela fronteira do Alto-Uruguay.

Esta passagem, sendo-lhe negada, o exercito paraguayo invadiria o territorio da Republica Argentina; e no dia 17 do mez de abril constou em Buenos Aires o aprisionamento do vapor argentino *Salto*, no porto de Assumpção; a tomada, por surpresa, de dous vapores de guerra da republica, o *Guauguay* e o *Vinte e Cinco de Maio*; a occupação militar da cidade de Corrientes, e a invasão da provincia, por um exercito de cerca de 20.000 homens, ao mando do general Robles.

A Republica Argentina, que até então julgava poder guardar a neutralidade, não tinha forças para resistir á invasão paraguaya, e viu-se obrigada a repellil-a.

Os seus homens de estado já sabiam que o almirante Tamandaré e o novo ministro brasileiro vinham propôr-lhe alliança offensiva e defensiva contra o Paraguay, sob condições, ao que parece, de ante-mão discutidas e aceitas, e todas favoraveis á Republica Argentina.

O Governo Brasileiro sabia, por officio do general Canabarro, com data de 14 de fevereiro, que achava-se acampado a poucas leguas de S. Borja um exercito paraguay de 12.000 homens, prompto para invadir, ao primeiro signal, a provincia do Rio Grande do Sul.

O exercito brasileiro, commandado pelo general Manoel Luiz Osorio, nesta época, 20 de abril, ainda estava acampado junto ao

¹ O governo paraguay dizia em sua nota : « que se via obrigado a aceitar a guerra a que o provocou o Brazil, pelo desprezo do seu protesto de 30 de agosto de 1864.

Pedia consentimento para que os exercitos da Republica do Paraguay pudessem transitar pelo territorio da provincia argentina de Corrientes, no caso em que a isso fosse impellido pelas operações de guerra em que se achava empenhado contra o Imperio do Brazil. »

Em 9 de fevereiro o governo argentino respondeu-lhe :
« que propunha-se a observar a mais estricta neutralidade nessa guerra. . . .
não considerava conveniente acceder ao pedido do governo paraguay

A concessão que se solicitava tinha todos os inconvenientes que justificam uma negativa.

Concedido o transito ao governo do Paraguay, ficaria elle livre igualmente ao do Brazil, e então o territorio neutro argentino viria a ser o theatro da guerra. »

cerro de Montevidéo, com ordem apenas de fazer estabelecer o deposito de viveres em Paysandú, e de marchar para Dayman, conforme a opinião do mesmo general Osorio, que anteriormente havia indicado dever o exercito marchar para a barra do Quarahim, afim de unir-se ás forças de Canabarro e proteger a fronteira do Uruguay.

Neste sentido officiaua ¹ o general Osorio a 17 de abril ao general David Canabarro. Em virtude da vinda ao quartel-general, no dia 18 de abril, do almirante Visconde de Tamandaré, que acabava de acompanhar o ministro plenipotenciario, Octaviano de Almeida Rosa, a Buenos Aires, começou no dia 27 o embarque do exercito, que foi então acampar em S. Francisco, nas margens do Uruguay.

Deprehende-se destes factos e documentos que o Governo Imperial havia resolvido, *positivamente*, embora estivesse imminente a invasão da provincia do Rio Grande do Sul, e occupada parte da provincia de Matto Grosso pelo inimigo, fazer do Rio da Prata sua base de operações, e que o exercito *acompanharia por terra, pelas provincias argentinas de Entre-Rios e Corrientes, as operações da esquadra brasileira no rio Paraná*. O general em chefe do exercito ignorava as intenções do Governo em relação ás operações da guerra e estas lhe eram indicadas pelo almirante Tamandaré e o ministro plenipotenciario F. Octaviano de Almeida Rosa, de accordo com as instrucções que recebiam do gabinete imperial.

¹ Documentos relativos á invasão do Rio Grande do Sul, publicados pelo governo em 1866, pag. 38:

« Cerro em Montevidéo, 17 de abril de 1865.— Ilm. e Exm. Sr.—Remetto-lhe o officio do Sr. Visconde de Tamandaré, que me escreve de Buenos Aires e diz-me que amanhã estará aqui, para conferenciar sobre o que deve fazer este exercito. Elle pretende fazer marchar 3.000 infantes para Corrientes, e o exercito não sei ainda que marcha levará. Estou suspeitando que essa ameaça a Corrientes será para chamar alli as forças para a nossa fronteira, ou proteger alguma reacção. *O nosso governo nada me tem dito sobre marchas em operações, apesar de haver eu indicado a conveniencia de marcharem para a barra do Quarahim estas forças: emfim, virá espontaneamente a nossa alliança com os argentinios para esta guerra. Porém não me agrada que estejam tão divididos.*

Deus guarde a V. Ex.— Ilm. e Exm. Sr. general David Canabarro, commandante da fronteira do Quarahim.

Manoel Luiz Osorio.

N. B. — Neste mesmo dia 17 foi que constou em Buenos Aires a invasão de Corrientes pelos paraguayos: sabia-se, porém, havia dias, que ella era inevitável.

Ameaças de invasão por S. Borja

Desde o mez de janeiro de 1865 grandes forças paraguayas passavam para a margem esquerda do Paraná e formavam acampamentos na Tranqueira de Loreto, em S. José, na Candelaria e em S. Carlos. Via-se nestes acampamentos grande numero de carretas transportando canôas construidas no Paraná, para atravessar o Uruguay.

No começo de maio, forças paraguayas invadiram o territorio das missões argentinas, vieram até S. Thomé, e na tarde do dia 9 até á margem direita do Uruguay, em frente ao povoado brasileiro do Passo de S. Borja. A população de S. Thomé já se havia retirado, e os paraguayos encontraram o povoado deserto.

Nesta mesma noite, mandou-se de S. Borja participação do occorrido ao commandante da fronteira e ao presidente da provincia. No dia 10 de maio as familias de S. Borja abandonaram suas casas e emigraram para a campanha.

O coronel Antonio Fernandes de Lima, commandante da 1ª brigada da divisão Canabarro, composta de 4 corpos de guarda nacional e mais contingentes de infantaria da guarda nacional da villa de S. Borja, comprehendendo ao todo cerca de 1.500 homens, marchou ao bservar os paraguayos no Passo do Proença. Alli, a uma legua de S. Borja, estavam trocando tiros com uma guarda nossa, que da margem brasileira os vigiava. Ao ver desfilar pelas cochilhas a força do coronel Fernandes de Lima, os paraguayos retiraram-se da margem do rio, internando-se.

Do outro lado do rio uma força irregular correntina de pouco mais de 500 homens, ao mando do coronel Paiva, tiroteava diariamente com os paraguayos. A 17 de maio o coronel Paiva pediu soccorro ao coronel Ferrnandes de Lima, offerecendo cavallos para as forças brasileiras que viessem coadjuval-o do outro lado do Uruguay. No dia 18 o coronel Fernandes de Lima apresentou-se com uma força de 500 homens, entre infantes, clavineiros e lanceiros.

Os paraguayos, à vista da força brasileira que se preparava para passar o rio, e juntamente com a força de Paiva vir atacal-os, retiraram-se rapidamente de S. Thomé e retomaram o caminho do Paraguay.

Suppondo o coronel Paiva que os paraguayos retiravam-se realmente, dispensou o soccorro que havia pedido ao coronel Antonio Fernandes de Lima, e este na mesma persuasão da retirada definitiva dos paraguayos voltou com a sua brigada para o acampamento do Passo das Pedras, a 13 leguas ao Sul da villa de S. Borja. Nesta villa ficaram apenas promptas para pegar em armas 30 praças da reserva da guarda nacional, e no Passo de S. Borja ficou a secção de infantaria com cerca de 100 praças.

No dia 26 de maio retiraram-se os corpos n. 10^o, 14^o, 22^o e 23^o da brigada Fernandes de Lima ao seu acampamento.

ESQUADRA NO PARANÁ

A 10 de abril de 1865 o almirante Tamandaré fez notificar¹ aos agentes diplomaticos consulares estrangeiros em Montevidéo e em Buenos-Aires que as divisões da esquadra brasileira sob seu commando iam operar contra o Paraguay, para o que já parte dellas estava subindo o rio Paraná, e declarava que até 20 dias depois de estabelecido o bloqueio dos portos do Paraguay podiam embarcações estrangeiras sahir destes portos.

¹ « Bordo da canhoneira *Parnahyba*, em Montevidéo, 10 de abril de 1865.

« Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de comunicar a V. Ex. que, em virtude das ordens do Governo Imperial, as forças sob meu commando passam a operar contra o Paraguay, em resposta á guerra que iniquamente nos declarou esta republica.

« Em consequencia, vão as mesmas forças bloquear e hostilisar os portos e littoral do Paraguay, até que, cedendo á pressão dellas, dê completa satisfação de todas as offensas e danos que haja causado ao Imperio.

« O bloqueio se tornará effectivo desde o dia em que for estabelecido pelas divisões da esquadra do meu commando, que presentemente sobem o Paraná.

« Permite-se que as embarcações estrangeiras, que estão a carregar nos portos do Paraguay, possam delles sahir até 20 dias depois de estabelecido o bloqueio.

« Os portos da provincia de Matto Grosso, abertos ao commercio, achando-se occupados pelo inimigo, o Governo Imperial não permite que para elles transitem embarcações de qualquer nacionalidade que sejam, até nova declaração.

« Fazendo esta communicação a V. Ex., tenho a pedir se sirva levar-a ao conhecimento do Governo junto ao qual está V. Ex. acreditado, assim como aos agentes diplomaticos consulares estrangeiros, para que previnam ao commercio de

Com effeito, no dia 5 de abril havia ido de Buenos-Aires para o rio Paraná a 3ª divisão, composta da corveta *Jequitinhonha* e das canhoneiras *Ypiranga*, *Araguary* e *Iguatemy*, sob o commando do capitão de mar e guerra José Segundino de Gomensoro, e no dia 10 seguiram a reunir-se-lhes a corveta *Beberibe* e as canhoneiras *Itajahy*, *Belmonte* e *Mearim*, rebocando o transporte *Pepiriguassú*.

Esta divisão levava 1.762 combatentes e tinha 50 bocas de fogo. Subindo com extremo cuidado e vagar, chegou ao Rosario a 16 de abril e a Bella Vista no dia 2 de maio.

suas nações, afim de evitar que se expeçam navios para o Paraguay, livrando-se deste modo das despezas de viagem, que façam até as logares bloqueados.

«Aproveito.»

«Illm. e Exm. Sr. Henrique Cavalcante de Albuquerque, ministro brasileiro em Monteviléu.— Visconde de Tamandaré.»

MARQUEZ DE TAMANDARÉ

Joaquim Marques Lisboa nasceu na villa de S. José do Norte, na provincia do Rio Grande do Sul, a 13 de dezembro de 1807; filho legitimo do capitão da guarda cívica Francisco Marques Lisboa e de D. Euphrasia Joaquina de Azeredo Lima. Com 15 annos assentou praça de voluntario, a 4 de março de 1823. 2º tenente de commissão a 2 de dezembro de 1825. 2º tenente effectivo a 22 de janeiro de 1826. 1º tenente a 27 de outubro de 1827. Capitão-tenente a 22 de dezembro de 1836. Commandante do brigue, *Tres de Maio* e das forças do Maranhão em 9 de agosto de 1839. Capitão de fragata em 15 de maio de 1840. Official do Cruzeiro em 18 de julho de 1841. Commandante das forças navaes no Rio da Prata em 1 de outubro de 1842. Commandante da divisão do centro, 25 de novembro de 1844. Official da ordem da Rosa, 25 de março de 1846. Capitão de mar e guerra graduado, 14 de março de 1847. Commandante do vapor *D. Affonso*, 1848; esteve dirigindo as forças de 2 de fevereiro de 1849, contra a rebellião de Pernambuco. Dignatario do Cruzeiro em 11 de março de 1849. Capitão de mar e guerra effectivo a 14 de março de 1849. Salvou a tripulação do vapor inglez *Ocean Monarch* e a não portugueza *Vasco da Gama*. Condecorado pelo governo portuguez com a commenda da Torre e Espada. Commandante da fragata *Constituição* em 19 de setembro de 1850. Commandante da divisão naval do Rio da Prata em 29 de novembro de 1850. Chefe de divisão em 3 de março de 1852. Capitão do porto do Rio de Janeiro em 6 de setembro de 1852. Inspector do Arsenal de Marinha em 22 de agosto de 1854. Chefe de esquadra a 2 de dezembro de 1854. Veador de S. M. a Imperatriz a 4 de março de 1855. Vice-almirante em 2 de dezembro de 1856. Membro effectivo do Conselho Naval a 24 de julho de 1858. Commandante em chefe da esquadra para acompanhar SS. MM. Imperiaes ao Norte, a 2 de setembro de 1859. Barão de Tamandaré com grandeza a 14 de março de 1860. Conselheiro de guerra a 21 de março de 1860. Quartel-mestre general da marinha a 21 de novembro de 1860. Gran-cruz da ordem de Francisco José da Austria em 26 de novembro de 1860. Commendador de Aviz a 18 de setembro de 1861. Ajudante de campo de S. M. o Imperador, 25 de janeiro de 1862. Commandante em chefe das forças navaes brasileiras em operações no Rio da Prata a 20 de abril de 1864. Visconde de Tamandaré a 18 de fevereiro de 1865.

Tem nesta época o valente e honrado patriota 53 annos de idade e 42 annos de serviço á patria.

Dizia delle lord Cochrane a D. Pedro I, quando ainda 2º tenente: «Aquelle, senhor, ha de ser o Nelson brasileiro.»

118

Invasão de Corrientes

No dia 17 de abril soube-se em Buenos-Aires que o vapor mercante *Salto* havia sido aprisionado em Assumpção, e que dous vapores de guerra, o *Guauguay* e o *Vinte e Cinco de Maio*, fundeados no porto de Corrientes, haviam sido surprehendidos, abordados e levados para Humaytá por cinco vapores paraguayos.

A surpresa da aggressão foi tal que, quando os vapores de guerra *Tacuary*, *Paraguay*, *Igurey*, *Iporã* e *Marquez de Olinda* desceram o rio, passando em frente ao ancoradouro, para depois na subida aprisionarem os vapores e bombardear a cidade, nem a bordo, nem em terra ninguem tratou da defesa.

Ao approximar-se dos vapores argentinos, ancorados e de fogos apagados, os paraguayos deram descargas de metralha, e ao mesmo tempo fuzilaram todos os argentinos que appareciam no convez ou no porto. Acostando, lançaram-se á abordagem, matando os que não se atiravam ao rio e fuzilando os que nadavam. A guarnição da *Guauguay* fugiu para a praia, que era proxima, antes de ser elle abordado. Enquanto isto, o *Paraguay* e o *Tacuary* bombardeavam a cidade de modo tal que ninguem pensou em defender-se.

Do *Vinte e Cinco de Maio* sómente salvaram-se a nado um guardamarinha e cinco marinheiros; ficando prisioneiros o commandante, o immediato, 4 tenentes e 43 marinheiros; os mais morreram.

Os paraguayos tiveram um official e 10 marinheiros feridos.

O *Vinte e Cinco de Maio* tinha seis bocas de fogo e o *Guauguay* duas.

Ficou com esta preza a esquadra paraguaya composta de 23 vapores e canhoneiras, 5 navios de vela, armados em guerra, 3 lanchões e varias chatas armadas com artilharia de 68 e 80.

No dia 14, ao occupar Corrientes, o exercito paraguayo, commandado pelo general Robles, installou logo um governo provisório, Caceres, Gauna e Silverio; individuos estes que proclamaram logo a independencia do Estado de Corrientes, sob o protectorado da Republica do Paraguay.

O governador Lagraña, sem esperar instrucções de Buenos-Aires, tratou com energia de providenciar.

De Empedrado e depois de Bella-Vista, para onde retirou-se, chamou os correntinos ás armas e declarou traidores a quem obedecesse ao governo que acabava de instituir o inimigo invasor.

O ministro Berges, que por ordem de Lopez havia vindo a Corrientes, mandou para Assumpção o archivo publico e todo o dinheiro amoedado que pôde encontrar, substituindo-o por moeda-papel paraguaya.

Não ha duvida que Lopez pretendia annexar Corrientes aos seus Estados.

Não constava haver sido declarada a guerra entre o Paraguay e o governo de Buenos-Aires, e D. Rufino de Elisalde, ministro das relações exteriores da Republica Argentina, *sómente recebeu á 3 de maio* a nota do ministro paraguayo José Berges, que manifestava as resoluções tomadas pelo Congresso e Poder Executivo da Republica do Paraguay, de romper em hostilidades contra a Republica Argentina.

Esta communicação era datada de 29 de março de 1865.

As noticias da occupação de Coimbra, Albuquerque, Dourados, Corumbá, Nioac e Miranda, pelos seus exercitos vieram fortificar a esperanza, que tinha o marechal Lopez, presidente do Paraguay, de que com invasões rapidas por numerosas forças, elle obrigaría o Imperio a pedir a paz, satisfazendo-lhe as ambições. Grandes festas ordenou em Assumpção, fez promoções nas tropas que havia mandado a Matto Grosso, elevando Barrios e Resquin á generaes.

A artilharia que fôra encontrada em diversos pontos de Matto Grosso foi em triumpho trazida para Assumpção, bem como grande parte das miseras familias que aprisionaram. Os seus aduladores exaltaram estes successos como grandes victorias, encarecendo a fraqueza do Brazil para uma guerra repentina, levada ao seu territorio, e o amor á paz deste paiz essencialmente agricola, cujos homens de estado viviam sempre preocupados com a politica interna.

A tomada de Paysandú era, conforme a imprensa de Assumpção, devida principalmente ao exercito de Flôres, á esquadra brasileira, que

dominava no rio Uruguay, e á fraqueza militar da pequena Republica Oriental.

O presidente do Paraguay resolveu então invadir o Rio Grande do Sul pela fronteira do Uruguay, afim de obrigar o exercito brasileiro a abandonar o territorio do Estado Oriental, para vir acudir ás suas fronteiras.

Ordenou a concentração nos acampamentos de S. José, de Itapua, de Loreto e de San Carlos, de um exercito de 15.000 homens, promptos a invadir o Rio Grande do Sul.

O departamento da Candelaria entre o Uruguay e o Paraná, limitava com a Republica Argentina pela cordilheira de Missões ; portanto, para chegar ás fronteiras brasileiras era preciso atravessar o territorio argentino das vertentes desta cordilheira para o Uruguay ; territorio conhecido como pertencente ás missões argentinas.

Quando Lopez teve conhecimento do manifesto do plenipotenciario brasileiro e da resposta do governo argentino, comprehendeu que o Imperio não desviaria suas forças do Rio da Prata para acudir a Matto Grosso e viu que a Republica Argentina antes estava com o Brazil do que a favor d'elle, Lopez.

Os ataques da imprensa de Buenos-Aires vieram provar-lhe que era preciso demonstrar que a vontade da nação paraguaya estava com elle, Lopez. Por isso em 15 de fevereiro convocou para 5 de março uma reunião extraordinaria do Congressó paraguayo. Proseguiu com maxima actividade em seus preparativos bellicos ; cancentrou tropas entre Humaytá e Passo da Patria, em Itapua e Candelaria, e fez acampar em Cerro-Leon e Concepcion recrutas de todas as classes, até á idade de 60 annos. Por meio de artigos violentos no *Semanario* procurou influir nas resoluções do Congresso.

No dia 5 de março de 1865, ao encetar a sessão, foi lida a mensagem do presidente queixando-se das disposições da Republica Argentina, que classificou de hostis ; parecendo, porém, exceptuar daquelle Estado as provincias de Entre-Rios e Corrientes, do dominio de Urquiza, e procurando nesta mensagem fazer sobresahir os factos que pareciam offender o melindre da nação paraguaya.

Rematou pedindo autorisação :

- 1.º Para um empréstimo de 10.000:000\$, a contrahir ;
- 2.º Autorisação para nomear nove generaes ;
- 3.º Direito para emittir papel-moeda, o quanto fosse preciso ;
- 4.º Que fosse declarado pela assembléa nacional, que tacitamente considerava-se como declaração de guerra ao Paraguay a negação do governo argentino para o transitio do exercito paraguayo atravez do territorio das missões argentinas.

Estas propostas do dictador foram todas approvadas ; e além della as seguintes, apresentadas por membros do Congresso :

A) Queimar em praça publica os jornaes de Buenos-Aires, insultando ao presidente e ao povo paraguayo ;

B) Que D. Solano Lopez aceitasse o posto de marechal de exercito, com a dotação de 120:000\$000.

C) Que El-Supremo não se expuzesse durante a guerra a nenhum perigo pessoal.

D) Que fosse declarada a guerra á Republica Argentina nos termos do decreto abaixo :

O Soberano Congresso Nacional decreta :

Art. 1.º É approvedo o procedimento do poder executivo da Nação para com o Imperio do Brazil na emergencia, filha de sua politica ameaçadora dos Estados platinos ; e pela offensa directa que fere a honra e dignidade da nação, e de accordo com as attribuições do art. 3º titulo 3º da lei de 13 de maio de 1864, é autorisado o poder executivo para continuar a guerra.

Art. 2.º Fica declarada a guerra ao *actual* governo argentino até que dê as garantias e satisfações devidas á honra e á dignidade da nação paraguaya e de seu governo.

Art. 3.º S. Ex. o Sr. presidente da republica fará a paz com um e outro belligerante, quando o julgue opportuno, dando contas disso ao Congresso Nacional, conforme a lei.

Art. 4.º Communique-se ao poder executivo.— José Falcão, vice-presidente do honrado Congresso Nacional.

Tratado da triplice alliança

O ministro plenipotenciario brasileiro chegou a Buenos-Aires a 16 de abril. Na audiencia solemne de apresentação, no dia 20 de abril, pronunciou perante o presidente da republica, general D. Bartholomeu Mitre, o discurso do estylo, terminando-o *pela affirmação de seu empenho em manter fielmente a alliança entre as duas nações.* ¹

O presidente Mitre, respondendo, declarou não duvidar *que a missão do novo ministro viria a ser um novo vinculo de união entre o Imperio e a republica, e que lhe era grato offerecer de antemão, em nome do povo e do governo argentino, toda a cooperação.*

O tratado da triplice alliança foi celebrado em Buenos-Aires no dia 1º de maio de 1865.

E' evidente, pelo confronto das datas, officio do general Osorio, acima transcripto, de 17 de abril, ida do almirante Tamandaré a 18 ao acampamento do general Osorio, para ordenar-lhe a marcha do exercito para S. Francisco, que o tratado da triplice alliança era resolução firme do gabinete de S. Christovão, que entendia não poder prescindir da alliança com a Republica Argentina e estava disposto, para isso, a todos os sacrificios.

O tratado havia antes sido discutido e aceito e o ministro F. Octaviano de Almeida Rosa chegou prompto para assignal-o ². Não soube o diplomata brasileiro aproveitar as novas circumstancias creadas pela invasão paraguaya, e a evidente fraqueza do governo argentino, para por si expellir o inimigo commum do seu territorio, affim de obter condições mais equitativas e mais honrosas para o Brazil.

O novo diplomata brasileiro concluiu logo o tratado da triplice alliança entre o Imperio do Brazil e as republicas Argentina e Oriental.

¹ Ainda não eram alliados.

² E' preciso lembrar que nesta época não havia telegrapho entre o Rio de Janeiro e Buenos-Aires, para encurtar as distancias, e que uma viagem de ida e volta não era possivel realizar-se, com a discussão e aceitação das clausulas pelas altas partes contractantes, entre 20 de abril, dia da apresentação do ministro em Buenos-Aires, e 1º de maio, dia da assignatura do tratado naquella cidade.

O tratado ficou secreto, como devia ficar; e tanto mais, que todos os onus da alliança eram para o Brazil, e todas as vantagens para a Republica Argentina.

O governo argentino se havia visto obrigado a declarar a guerra ao Paraguay, em vista do aprisionamento de seus navios e da occupação do seu territorio pelas forças maritima e terrestre do invasor.

Não tinha esquadra, nem exercito capazes de repellir o inimigo, e, a não ser a alliança com o Brazil, que por si só, como ficou provado pelos acontecimentos, venceu o Paraguay, a Republica Argentina teria sido esmagada pelo poder militar daquela republica.

Era a Republica Argentina que devia solicitar a alliança do Imperio.

Infelizmente foi o Governo Imperial, que fez ao argentino o offerecimento de suas forças, mandando propôr o tratado de alliança, elaborado quando se pensava que o governo argentino queria conservar a neutralidade, e quando era ignorada ainda a invasão de Corrientes.

Este tratado só foi conhecido no Brazil depois de 4 de maio de 1866, data em que foi publicado pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, que o encontrou na correspondencia apresentada ao parlamento inglez sobre as hostilidades no Rio da Prata. ¹ Eil-o:

Tratado da triplice alliança

« O governo da Republica Oriental do Uruguay, o de Sua Magestade o Imperador do Brazil e o da Republica Argentina :
achando-se.....

APRECIACÕES SOBRE O TRATADO

¹ O plenipotenciario brasileiro parece ter olvidado que, de accordo com as conclusões da ultima campanha do Uruguay, convenção anterior à paz de Montevideó e o decreto do governo provisorio da Republica do Uruguay, de 28 de fevereiro de 1865, era a republica do Uruguay alliada do Imperio do Brazil na guerra contra o Paraguay.

Não havia necessidade de ligar no presente tratado a republica do Uruguay à Argentina.

A alliança da republica do Uruguay era devida unicamente ao Brazil.

O art. 3º desse tratado designava positivamente que a base das operações seria o Rio da Prata, e dahi não só o spendio, no Rio da Prata, dos thesouros do Brazil,

121

resolveram neste intuito celebrar um tratado de alliança offensiva e defensiva, e para isso nomearam seus plenipotenciarios, a saber :

« Pela Republica Oriental D. Carlos de Castro, pelo Imperador do Brazil Francisco Octaviano de Almeida Rosa, pela Republica Argentina D. Rufino Elizalde, os quaes concordaram no seguinte :

« Art. 1.º A Republica Oriental do Uruguay, Sua Magestade o Imperador do Brazil e a Republica Argentina unem-se em alliança offensiva e defensiva na guerra provocada pelo governo do Paraguay.

« Art. 2.º Os alliados concorrerão com todos os meios de que puderem dispôr por terra e nos rios, segundo for necessario.

« Art. 3.º Devendo as operações da guerra principiari no territorio da Republica Argentina, ou n'uma parte do territorio paraguayoy limitrophe com o mesmo, fica o commando em chefe e direcção dos exercitos alliados confiado ao presidente da Republica Argentina e general em chefe do seu exercito, brigadeiro-general D. Bartholomeu Mitre.

« As forças maritimas dos alliados ficarão debaixo do commando immediato do vice-almirante Visconde de Tamandaré, commandante em chefe da esquadra de Sua Magestade o Imperador do Brazil.

« As forças de terra da Republica Oriental do Uruguay, uma divisão das forças argentinas e outra das brazileiras, que serão designadas pelos seus respectivos commandantes superiores, formarão um exercito debaixo das ordens immediatas do governador provisorio da Republica Oriental do Uruguay, o brigadeiro-general D. Venancio Flores.

« As forças de terra de Sua Magestade o Imperador do Brazil formarão um exercito debaixo das ordens immediatas do seu general em chefe, brigadeiro Manoel Luiz Osorio.

o que deu grandes lucros aos especuladores argentinos, como aproveitava o pretexto para confiar o commando em chefe e direcção dos exercitos alliados ao brigadeiro D. Bartholomeu Mitre.

Além disso, este artigo usurpava attribuições do Governo Imperial.

O commandante das forças de mar e o general em chefe do exercito brazileiro foram nomeadamente designados por dous generaes estrangeiros e um plenipotenciario brazileiro.

Pelo tratado foi nomeado commandante das *forças maritimas alliadas* o vice-almirante Visconde de Tamandaré.— Qual a esquadra argentina ? o *Guardia Nacional* !!

Qual foi a intenção com que se distribuiram assim commandos a cidadãos designados, em logar de deixar a cada governo o direito de nomear os seus generaes ?

« Embora as altas partes contractantes estejam de accordo em não mudar o campo das operações de guerra, contudo, para manter os direitos soberanos das tres nações, concordam desde já no principio de reciprocidade, para o commando em chefe, no caso de terem estas operações de estender-se ao territorio oriental ou brasileiro.

« Art. 4.º A ordem politica militar em terra e economia das tropas alliadas dependerão exclusivamente dos seus respectivos chefes.

« O soldo, viveres, munições de guerra, armas, fardamento, equipamento e meios de transporte das tropas alliadas serão por conta dos respectivos Estados.

« Art. 5.º As altas partes contractantes fornecerão mutuamente todo o auxilio ou elementos que tiverem e de que os outros precisarem, na fórma que se concordar.

« Art. 6.º Compromettem-se os alliados solemnemente a não depôr as armas sinão de commum accordo, nem antes de haverem derribado o actual governo do Paraguay, e a não tratar separadamente com o inimigo, nem assignar qualquer tratado de paz, treguas, armistício ou convenção alguma para terminar ou suspender a guerra, salvo com perfeito accordo de todos.

« Art. 7.º ¹ Não sendo a guerra contra o povo do Paraguay, mas contra o seu governo, poderão os alliados admittir em uma legião paraguaya todos os cidadãos daquella nação, que quizerem concorrer para derribar o referido governo, e lhes fornecerão todos os elementos de que carecerem, pela fórma e com as condições em que se concordar.

« Art. 8.º ² Obrigam-se os alliados a respeitar a independencia, soberania e integridade territorial da republica do Paraguay.

¹ Creou uma legião paraguaya, meio seguro de preponderancia e influencia do governo argentino sobre os destinos do Paraguay, depois da guerra; pois os paraguayos com que contava a Republica Argentina eram os exilados residentes em Buenos Aires.

² O art. 8º obriga os alliados a respeitar a integridade territorial do Paraguay. Pelo art. 16 a Republica Argentina não só apossa-se do Chaco, possessão secular do Paraguay, como faz consentir o Brazil em que ella se aposses do departamento da Candelaria, vindo assim ella (Argentina) a limitar com o Brazil pelos rios Iguassú e Santo Antonio.

Não se lembrou o plenipotenciario brasileiro de que naquella occasião devia e podia ter exigido a declaração exacta do limite entre a Republica Argentina e o Imperio no territorio das Missões, e este erro e incapacidade traz-nos hoje, em 1893, as duvidas da questão de Missões!

122

«Conseqüentemente, poderá o povo paraguay escolher o seu governo e dar a si mesmo as instituições que quizer, não se incorporando, nem pedindo um protectorado a qualquer dos alliados como consequencia da guerra.

« Art. 9.º A independencia, soberania e integridade territorial da republica do Paraguay serão garantidas collectivamente na conformidade do artigo precedente pelas altas partes contractantes, durante o espaço de cinco annos.

« Art. 10. Fica concordado entre as altas partes contractantes que as isenções, privilegios ou concessões, que obtiverem do governo do Paraguay, serão communs para todos, gratuitamente, si forem gratuitos, e com a mesma compensação, si forem condicionaes.

« Art. 11. Derribado o actual governo do Paraguay, passarão os alliados a fazer os ajustes necessarios com a autoridade constituida para assegurar a livre navegação dos rios Paraná e Paraguay, de modo que os regulamentos ou leis daquella republica não impeçam, difficultem ou onerem o transito e navegação directa dos navios mercantes ou de guerra dos Estados alliados que se dirigem para o seu respectivo territorio, ou dominios não pertencentes ao Paraguay, e exigirão as garantias convenientes para se tornarem effectivas estas estipulações, sobre a base desses regulamentos de policia fluvial, quer tenham de ser applicados aos dous referidos rios, ou tambem ao Uruguay, serem feitos de commum accordo entre os alliados e quaesquer outros Estados ribeirinhos, que no prazo que for fixado pelos mesmos alliados aceitarem o convite que se lhes dirigir.

« Art. 12. Reservam-se os alliados o concerto das medidas mais convenientes para assegurar a paz com a republica do Paraguay, depois de derribado o actual governo.

« Art. 13. A seu tempo nomearão os alliados os plenipotenciarios necessarios para celebrar os ajustes, convenções ou tratados que tiverem de fazer-se com o governo que se estabelecer no Paraguay.

« Art. 14. Deste governo exigirão os alliados o pagamento das despesas da guerra, que se viram obrigados a aceitar, bem como reparação e indemnisação dos prejuizos e damnos causados nas suas propriedades publicas e particulares e nas pessoas de seus subditos, sem

expressa declaração de guerra e dos prejuizos e damnos commettidos posteriormente, com violação dos principios que determinam as leis da guerra.

« A Republica Oriental do Uruguay exigirá tambem uma indemnisação proporcionada aos prejuizos e damnos que lhe causou o governo do Paraguay, com a guerra em que a forçou a entrar para defender a sua segurança ameaçada por aquelle governo.

« Art. 15. Numa' convenção especial se estipulará a maneira e fórma da liquidação e pagamento da divida proveniente das sobreditas causas.

« Art. 16. Para evitar as discussões e guerras que as questões de limites envolvem, fica estabelecido que os alliados exigirão do governo do Paraguay que celebre tratados definitivos de limites com os seus respectivos governos sobre a seguinte base:

« A Republica Argentina ficará dividida da do Paraguay pelos rios Paraná e Paraguay até encontrar os limites do Imperio do Brazil, que na margem direita do rio Paraguay são na Bahia Negra.

« O Imperio do Brazil confinará com a republica do Paraguay do lado do Paraná, pelo primeiro rio abaixo do Salto das Sete Quedas, que, segundo o recente mappa de Mouchez, é o Igurey; e da foz do Igurey seguindo o seu curso até chegar ás nascentes. Do lado da margem esquerda do Paraguay pelo rio Apa; desde a sua foz até as nascentes. No interior pelos cimos da serra do Maracajú, pertencendo as vertentes orientaes ao Brazil, e as occidentaes ao Paraguay; e traçando-se linhas as mais rectas possiveis da referida serra ás nascentes do Apa e do Igurey.

« Art. 17. Os alliados garantem-se reciprocamente o fiel cumprimento dos ajustes, convenções e tratados que se celebrarem com o governo que se estabelecer no Paraguay, em virtude do que fica ajustado pelo presente tratado de alliança, que ficará sempre em plena força e vigor para que estas estipulações sejam respeitadas e executadas pela Republica do Paraguay.

« Para conseguir este fim concordam elles que, no caso de uma das altas partes contractantes não poder obter do Paraguay o cumprimento do que se ajustar, ou de tentar este ultimo governo annullar as

estipulações ajustadas com os alliados, empregarão as outras activamente os seus esforços para as fazer respeitar. Si forem inuteis esses esforços, concorrerão os alliados com todos os seus meios para tornar effectiva a execução do que for estipulado.

« Art. 18. Este tratado se conservará secreto até se alcançar o principal fim da alliança.

« Art. 19. As estipulações deste tratado, que não dependem de autorisação legislativa para sua ratificação, principiarão a sortir effecto apenas approvadas pelos respectivos governos, e as outras depois da troca das ratificações, que será na cidade de Buenos-Aires, dentro do prazo de 40 dias da data do referido tratado, ou antes, si for possível.

« Em fé do que os abaixo assignados de... Buenos-Aires, 1 de maio de 1835. *Carlos de Castro.*—*Francisco Octaviano de Almeida Rosa.*—*Rufino de Elizalde.*» ¹

¹ Apreciações do *Jornal do Commercio* de 12 de maio de 1866.

TRATADO DA TRIPLICE ALLIANÇA

« O segredo em que se conservava o tratado da triplice alliança ja havia sido violado por artigos e correspondencias de gazetas no Rio da Prata e na Europa. O governo britannico acabou com todas as duvidas, publicando, como recebido de fonte official, esse tratado em sua integra, com seu preambulo, assignaturas e data, acompanhado de um protocollo explicativo, revestido das mesmas solemnidades. Não apparece a ratificação, mas não ha duvida que esta foi trocada.

« No tratado não vemos uma só disposição da natureza das que se costumam guardar secretas. Pelo contrario, era clara a vantagem de se fazer conhecer ao povo paraguay que a guerra era feita ao seu oppressor e não a elle, e de fazer conhecer ás nações maritimas e commerciantes que a independencia da republica do Paraguay será mantida, e que tambem o será a liberdade da navegação dos grandes rios.

« Os presidentes das duas republicas, tendo já obtido em sessão secreta o assenso de seus corpos legislativos, tinham o maior interesse em mostrar aos seus concidadãos, quão pequenos eram os sacrificios que prometteram, e quão grandes as vantagens que obtiveram.

« Tinham interesse em tornar popular uma guerra que parecia ter sido só provocada por causa da sua politica pessoal, e em que appareciam alliados com o Brazil contra um povo de origem hespanhola, tinham enfim um interesse de amor proprio em sustentar a superioridade da sua intelligencia, pois conseguiram em proveito de seus paizes a parte do leão, n'uma alliança com uma potencia tão superior em forças e em illustrações, e que gosa das vantagens de um governo cujas instituições sempre deram melhores garantias de coherencia e perseverança nas tradições diplomaticas.

« Só o plenipotenciario do Brazil tinha interesse em adiar a época em que devia ficar exposto á reprovação de seus concidadãos e á zombaria do mundo que nos contempla.

« Mitre guarda silencio, como homem prudente, que por um interesse secundario e por vaidade não devia expôr-se a desgostar com a divulgação um plenipo-

Ao tratado acha-se junto o seguinte protocollo :

« SS. EEx. os plenipotenciarios da Republica Argentina, da Republica Oriental do Uruguay e de Sua Magestade o Imperador do Brazil, achando-se reunidos na secretaria dos negocios estrangeiros, concorderam :

« 1.º Que, em cumprimento do tratado de alliança desta, data as fortificações de Humaytá serão demolidas, e não se permittirá levantar outras de igual natureza, que possam obstar á fiel execução deste tratado ;

« 2.º Que, sendo uma das medidas necessarias para garantir a paz com o governo que se estabelecer no Paraguay, não lhe deixar armas nem elementos de guerra, os que se encontrarem serão repartidos em partes iguaes entre os alliados ;

« 3.º Que os trophéos e despojos que se tomarem ao inimigo serão repartidos entre os alliados, que fizerem a captura ;

« 4.º Que os commandantes dos exercitos combinarão medidas para levar a effeito o que fica assim ajustado. E assignaram este em

tenciario e um governo que lhe entregam o sangue de seus soldados, sua esquadra e seus thesouros para elles promover a grandeza e a força da Republica Argentina.

« Foi o ministro uruguayo que esqueceu a promessa do segredo, e o governo britannico, dando-lhe publicidade, parece ter tido por fim não só tranquillisar o seu commercio e fazer ostentação de sua influencia no Rio da Prata, mas mostrar ao Brazil qua, si desta vez o não embaraça e atropella com reclamações, como na questão Rosas, é porque o traz bem espiado.

« Antes de entrarmos no exame das clausulas do tratado vejamos em que condições foi elle negociado. Uma provincia do Brazil, longinqua, rica de futuro, mas actualmente comparativamente pobre e donde o Imperio, por emquanto, nenhuns recursos tira, a provincia de Matto Grosso, estava traiçoeiramente invadida.

« Um cartel de insolente e brutal desafio tinha-nos sido atirado no apreçamento de um vapor mercante, e prisão de empregados de alta gerarchia e confiança do governo. A segurança do Imperio, porém, e a estabilidade do seu governo não corriam o menor risco, que a tanto não chega o poder do Paraguay, ainda que a elle se unissem todas as republicas do Prata.

« Cartel de semelhante desafio havia sido atirado á Confederação Argentina, no apreçamento de um vapor ancorado em um dos seus portos. Uma sua provincia ou Estado, Corrientes, estava invadida.

« A existencia do seu governo e até a união de seus Estados se achava seriamente ameaçada. Si os paraguayos teem livre e franco o uso das aguas do baixo Paraná, podia a sua infantaria apresentar-se diante de Buenos-Aires, sem encontrar em caminho nem ao menos alguns batalhões que lhe demorassem o passo.

« O governo uruguayo estava ameaçado de ver levantar-se o partido blanco á noticia da appareição, nas suas fronteiras, do exercito paraguayoy. Estes levantes naquellas republicas significam carnificinas, como as de Quienoy.

« Si pois o Brazil tinha a defender interesses de segurança, e sobretudo de honra, na lucta provocada pelo dictador do Paraguay, os interesses de seus alliados eram de vida e de morte.

« O Brazil para castigar e repellir o inimigo commum não precisava de soccorro

Buenos-Aires a 1 de maio de 1865.— *Carlos de Castro*.—*Francisco Octaviano de Almeida Rosa*.—*Rufino de Elizalde*.»

Ao chegarem a Buenos-Aires, nos dias 17, 18 e 19, as noticias do aprisionamento dos navios argentinos e da occupação de Corrientes pelas forças paraguayas, sem haver constado até áquelle momento que houvesse declaração de guerra, visto como a nota do ministro Berges só chegou ao conhecimento do governo argentino no dia 3 do mez de maio, seguiram-se violentas explosões de indignação popular; ondas de povo percorriam as ruas da capital, exigindo do governo immediatas declarações e providencias energicas, para desaffronta da honra nacional.

Mitre, fallando ao povo, procurando acalmal-o e não o podendo, forçado pelas circumstancias, ardendo em patriotismo, pronunciou entã no palacio do governo as celebres palavras: « Señores, despues de la provocacion lanzada, .. nuestro gobierno no os puede deciros otra cosa sinò que .. dentro de 24 horas estaremos en los cuarteles, dentro de quinze dias en la campaña, y a los tres mezes en la Asuncion. »

algun das duas republicas, bastava que lhe dessem o transito por seus territorios, transito que não podiam nem lhes convinha negar.

« Para obtermos, pois, o unico auxilio indispensavel, e quasi unico, que nos teem prestado aquellas duas republicas nem precisavamos tratado algum. Bastava a licença de passar por seus territorios, que a de passar pelas aguas tinhamos nós.

« A posição do Brazil, na occasião em que se negociou o tratado da triplice alliança, lhe dava o poder de dictar aos seus alliados as condiçõs que quizesse, Deus nos livre de aconselhar que as dictasse duras e egoisticas. No Rio da Prata nossa politica deve consistir em mostrar áquelles povos e áquelles governos que o Brazil é o mais util de seus amigos, e o mais terrivel de seus inimigos, quando o provocam...

« Mas ninguém ousará sustentar que se possa explicar como dictado pelo cavalheirismo e generosidade um tratado que esquece a politica secular e tradicional de nossos governos desde os coloniaes, nas questões de equilibrio do Prata.

« Lança sobre o Brazil todo o peso dos sacrificios e dá á Confederação Argentina todas as vantagens.

« Ebulha o Paraguay de terrenos que garantem a sua independencia e liberdade, não para incorporal-os ao Brazil, mas dal-os á Republica Argentina.

« Põe nas mãos desta todos os meios physicos e de influencia moral e politica para usurpar a soberania do Paraguay e dominar aguas de que era nosso interesse afastal-a.

« Usurpa e annulla attribuições do imperador, para dal-as aos alliados.

« A redacção vaga dos arts. 2º e 5º prova que desde ahí começou a ser imbahido o plenipotenciario brasileiro. Ao Brazil convinha que se definissem os contingentes com que cada um dos alliados deve concorrer. Não os estipulando, ficou menos sensível á primeira vista a desigualdade dos sacrificios de cada um, e a impericia com que o mais poderoso (pelos arts. 16 e 3º do protocollo) abonou ao mais fraco todas as vantagens da victoria, que só pelos seus esforços alcançou.»

Os paraguayos exilados e residentes em Buenos-Aires, constituíram sob a direcção do coronel Iturburú, uma legião destinada a combater o tyranno Lopez e poucos dias depois, na qualidade de cidadãos paraguayos, protestaram pela imprensa contra o decreto de 15 de fevereiro, pelo qual Lopez havia convocado um apparente Congresso Nacional, tornando patente que este acto não era sinão para encobrir os seus projectos ambiciosos; pretendendo fazer recahir a responsabilidade da guerra sobre a nação, quando elle era o unico fautor e responsavel por ella. Dizem que este protesto dos seus antigos subditos despertou a maxima animosidade e sêde de vingança no dictador, exigindo até que os parentes dos exilados refutassem suas declarações.

Para poupar os agentes paraguayos, ainda residentes na republica, dafuria popular, foram recolhidos em custodia tanto Felix Egusquiza como o consul do Rosario « Caminos ». O povo arrancou as armas do consulado paraguayo e arrastando-as pelas ruas, bem como o retrato de Solano Lopez, lançaram tudo ao rio, lavrando e fazendo publicar uma acta solemne desta occurrencia, para que não ficasse em duvida o espirito do povo para com o Paraguay.

Nesta occasião o Governador de Entre-Rios, general Urquiza, apresentou-se em Buenos-Aires, vindo pôr-se com a gente de sua provincia á disposição do governo da republica.

Taes foram os seus protestos, que os alliados acceitaram cordealmente os seus offerecimentos, concordando até em confiar-lhe o commando de toda a cavallaria, a reunir em Entre-Rios, devendo ella formar a vanguarda do exercito alliado e operando immediatamente.

Para formação do exercito da triplice alliança sempre forneceu maior pessoal e material o Brazil.

Elle apresentou em campo, até abril de 1866; 78.640 praças. (Vide mappa F.)

A Republica Argentina apresentou, na mesma época, 11.000 homens e o Estado Oriental cerca de 2.500.

Uma das principaes e das mais delicadas questões, para boa confraternisação dos alliados, foi sempre o commando em chefe.

O Brazil entrava na guerra com os mais numerosos exercitos, e a unica esquadra, tinha cabos de guerra experimentados e de patentes

elevadas ; Mitre tinha o mando supremo do seu paiz e a mais elevada patente militar (brigadeiro-general) ; Flores, embora de um paiz pequeno, era tambem o supremo magistrado e a sua mais elevada patente militar. Lançou-se mão do recurso de confiar o commando ao general em chefe do paiz em cujo territorio se encetariam as operações. Convinde, antes de tudo, expellir os paraguayos de Corrientes, foi Mitre revestido do commando em chefe dos exercitos alliados.

Flores ficou commandando um pequeno corpo de exercito, composto do contingente das tropas orientaes, de uma brigada brasileira e de um regimento argentino, sendo destinado á vanguarda.

O exercito brasileiro tinha o seu general em chefe.

A esquadra brasileira ficou independente do commando em chefe do exercito alliado, marchando, porém, de accordo o almirante com os generaes.

Operações da Esquadra

A divisão naval, sob as ordens do capitão de mar e guerra José Segundino de Gomensoro, achava-se a 2 de maio em Bella-Vista, e os paraguayos desde o dia 14 de abril occupavam a cidade de Corrientes.

Esta divisão tinha 1.762 homens de guarnição e 50 boccas de fogo.

Os argentinos criticavam naquella época a morosidade das operações desta divisão ; e principalmente por não ter ella impedido a passagem ao exercito de Robles para o territorio de Corrientes, no Passo da Patria.

A divisão Gomensoro tinha por missão bloquear, e não ir combater nas Tres Boccas contra a esquadra paraguaya, que, apoiada allí por seu exercito e podendo reunir cerca de 20 embarcações de guerra, era muito superior á divisão brasileira em artilharia.

Sómente no dia 11 de abril se achavam reunidos no Rosario os oito vasos de guerra da nossa esquadra ; e os paraguayos occuparam Corrientes a 14 do mesmo mez.

Ainda quando a esquadra brasileira fosse logo bloquear as Tres Boccas, não poderia ter chegado a tempo de impedir a surpresa de Corrientes e o aprisionamento dos vapores argentinos pelos paraguayos.

O que houve em tudo isso, foi uma extrema negligencia dos vapores de guerra argentinos e das autoridades de Corrientes.

A poucas leguas dalli o Paraguay reunia poderosos meios de ataque por via fluvial e terrestre, e entretanto as autoridades de Corrientes não se preveniam.

Os navios de guerra argentinos deviam estar vigiando as Tres Bocas, e não ancorados no porto de Corrientes.

Além disso, o tratado da Triplice Alliança sómente foi assignado no dia 1º de maio de 1865. ¹

A 30 de abril partiram de Buenos-Aires a fragata *Amazonas* e as canhoneiras *Parnahyba* e *Ivahy*. A bordo do *Amazonas* iam o chefe de divisão Francisco Manoel Barrozo, ² commandante de toda a força naval em operações no Paraná, e o coronel Guilherme Bruce, com-

¹ A 28 de abril de 1865 o commandante da 3ª divisão da esquadra brasileira no Paraná officiava ao chefe politico de Goya nos seguintes termos :

« Bordo do vapor *Jequitinhonha*, 28 de abril de 1865.

« Illm. Sr. — Conforme as ordens que recebi do Exm. Sr. almirante Visconde de Tamandaré, commandante em chefe das forças navaes brasileiras nas aguas do Prata, *começam hoje as forças sob minhas ordens a bloquear e hostilisar os portos do littoral do Paraguay, estendendo-se este bloqueio a todos os logares occupados por forças da mesma republica.*

Illm. Sr. D. Evaristo Lopez, chefe politico de Goya.— *José Segundino de Gomensoro.* »

As forças paraguayas haviam já invadido o territorio argentino e occupavam a cidade de Corrientes desde o dia 14 do mesmo mez.

A divisão Gomensoro subiu de Goya para Bella-Vista, onde chegou a 2 de maio.

² NOTAS BIOGRAPHICAS SOBRE O CHEFE FRANCISCO MANOEL BARROSO, BARÃO DO AMAZONAS. — Francisco Manoel Barroso da Silva, filho de Theodoro Manoel Barroso e de D. Antonia Joaquina Barroso da Silva, nasceu em Lisboa em 29 de setembro de 1804 : Aspirante a 18 de outubro de 1821. Guarda-marinha a 27 de novembro de 1822. 2º tenente em 10 de fevereiro de 1827, assistiu ao bloqueio de Buenos-Aires e commandou duas prezas : o brigue sardo *Assunta de Nisa* e o brigue dinamarquez *S. Joseph of the S. Thomas*. 1º tenente a 18 de outubro de 1829. Capitão-tenente a 22 de outubro de 1836. Commandante da força naval de Santa Catharina, 14 de maio de 1840. Commandante de navio *Sete de Abril* em 8 de fevereiro de 1842. Capitão de fragata em 14 de março de 1849. Capitão de mar e guerra, 3 de março de 1852. Commandador de Aviz, 2 de dezembro de 1854. Chefe do Estado-Maior da Divisão Naval do Rio da Prata em 7 de dezembro de 1854. Commandante interino desta divisão, 4 de julho de 1855. Commandante geral do Corpo de Imperiaes Marinheiros, 6 de setembro de 1855. Chefe de divisão, 2 de dezembro de 1856. Commandante da Divisão Naval da Bahía, janeiro de 1861. Commandante da Divisão Naval do Rio da Prata, 1862. Chefe do Estado-Maior e commandante da 2ª Divisão do Rio da Prata a 16 de maio de 1865. Batalha naval de Riachuelo, 11 de junho de 1865. Barão do Amazonas com grandeza, Dignitario do Cruzeiro, 13 de janeiro de 1866. Veador de S. M. a Imperatriz.

Em Riachuelo tinha 61 annos de idade e 44 annos de serviços á patria este valente cabo de guerra.

mandante da 9ª brigada destacada e distribuida pelos diversos vasos de guerra da esquadra e constituindo uma força de desembarque de 70 officiaes e 1.300 praças, com uma bateria de campanha, commandada pelo 1º tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza.

Em começo de maio o exercito paraguay occupava o territorio correntino; a sua vanguarda ficava em Mercedes, o grosso do exercito em Riachuelo, seus exploradores vinham até Cuevas, e a sua base de operações era a cidade de Corrientes.

Com a nossa força naval estavam varios vapores argentinos e goletas com munições de guerra, combustivel e o 1º corpo do exercito argentino, com cerca de 1.200 homens de infantaria e 6 peças de campanha sob o mando do general argentino Venceslau Paunero. Constando aos chefes alliados que o general Robles ia marchar sobre o centro da provincia, e que seus exploradores e vanguarda estavam contra-marchando, avançou a esquadra e desembarcou o exercito de Paunero nas immediações de San Lorenzo, a 4 leguas ao sul de Empedrado. No dia 14 de maio o inimigo, que havia simulado este movimento na esperança de attrahir a pequena força de Paunero e envolvê-la, repentinamente contra-marchou e obrigou-a á reembargar-se na esquadra, que desceu então e desembarcou a força argentina no *Rincon del Soto*, voltando a esquadra para a sua posição em Bella-Vista.

A 19 de maio o general Venceslau Paunero pediu em officio ao commandante Segundino de Gomensoro, para de novo embarcar com o seu exercito á bordo dos navios da esquadra, o que se realisou. ¹

O exercito paraguay avançava a marchas forçadas sobre Bella-Vista com 16.000 homens e 19 canhões, deixando em Corrientes cerca de

¹ O commandante em chefe do 1º corpo do exercito nacional, quartel-general no Rincão do Soto, 19 de maio de 1865, a S. S. o chefe da 3ª Divisão Naval do Brazil:

« Depois que o abaixo assignado desembarcou neste ponto, de bordo da divisão naval ao mando de S. S., e reuniu-se aos batalhões de linha do exercito nacional, que chegaram de Buenos-Aires, com cuja força e a que conduz alcança formar apenas 1.200 homens de infantaria, uma bateria de campanha, com 6 peças, e 5.000 de guarda nacional mal armados, teve aviso de que o inimigo vem avançando sobre este campo, a marchas forçadas, em numero de 10.000 homens de infantaria, 19 peças e 6.000 homens de cavallaria, cuja columna é, como S. S. pôde notal-o, inf-

2.000 homens ao mando do coronel Martinez e forças em Riachuelo guardando as reservas e o *carretame* do exercito.

O chefe de divisão Francisco Manoel Barroso com o resto da divisão vinha subindo o Paraná com extrema difficuldade, em consequencia da baixa das aguas e dos numerosos baixios.

No dia 6 de maio encalhou o *Amazonas* em 2 braços de fundo no lugar denominado Conchillas e sómente pôde fluctuar no dia seguinte. A 10 chegaram á ponta das Andarias ou Hermandarias, e assim foram até que a 17, reconhecendo o chefe Barroso que o rio continuava a baixar, passou-se para o paquete *Euphrazia* e chegou no dia 20 de maio a Bella-Vista, onde estava a esquadra, arvorando a sua insignia de chefe na corveta *Beberibe*, emquanto não chegava a *Amazonas*.

Com a esquadra brasileira se achavam os transportes argentinos *Pampeiro*, *Pavon*, *Espigador* e varias goletas e navios com 1.200 homens do general Paunero e 6 boccas de fogo.

Com a chegada do chefe Barroso ficou a esquadra brasileira com 10 vapores de guerra e o transporte *Peperi-quassú*. Conhecendo o chefe a marcha do inimigo sobre Bella-Vista, e que Corrientes estava guarnecida apenas por 1.500 a 2.000 paraguayos, resolveu, de accordo com o general Paunero, tentar um ataque á cidade de Corrientes, base de operações do inimigo, contando ambos com a cooperação das forças do general Caceres que se dizia estar á frente de 5.000 homens de cavallaria.

Ficou resolvido levar-se o ataque á cidade no dia 25; e para isso a 24 subiu a esquadra, fundeando um pouco abaixo de Riachuelo pelas 2 1/2 horas da tarde. Da esquadra brasileira faltava o *Amazonas*, que ainda estava demorado em Antonio Thomaz, e a canhoneira *Ivahy*, que ficou protegendo a povoação de Bella-Vista.

nitamente superior á do abaixo assignado e sem grande temeridade não poderá comprometter-se em uma batalha.

« Em taes circumstancias
tem segunda vez o pezar de
da divisão a seu mando
pedindo-lhe que se digne permittir o embarque a bordo

Venceslau Paunero.»

ATAQUE E TOMADA DA CIDADE DE CORRIENTES, 25 DE MAIO DE 1865.

« Ao romper do dia, como se tinha dispsto, os navios tomaram os seus reboques, e ao nascer do sol embandeirámos nos topos com a bandeira argentina no mastro grande; os vapores argentinos «Pampeiro» e «Pavon» fizeram o mesmo com a bandeira brasileira.» (Extraído do Diario do chefe Barroso.)

Pelas 11 horas do dia chegou a expedição em frente á cidade, tendo antes avistado dous vapores paraguayos que deram alguns tiros, fugindo a toda força aguas acima.

Em terra viam-se duas bandeiras paraguayas nos quarteis, na capitania a argentina e em muitas casas a bandeira italiana, por serem desta nação a maior parte dos commerciantes.

Collocados os navios em duas linhas, de accordo com o general Paunero, o chefe Barroso mandou trazer a reboque as goletas, onde vinha a infantaria argentina, e ás 2 horas da tarde desembarcou a força expedicionaria sob a protecção da artilharia da esquadra.

A força logo que desembarcou estendeu em linha de atiradores sob a protecção da artilharia das canhoneiras *Itajahy*, *Mearim* e *Araguary*.

Emquanto se effectuava o desembarque os paraguayos, amparados pelas casas, faziam vivo fogo sob a columna; mas viram-se obrigados, pelo ataque impetuoso de nossa gente e pelo fogo dos nossos navios, a retroceder e entrincheirar-se n'um quartel que ficava aquem da cidade. Acommettidos pela nossa gente abandonaram o quartel, saltando pelas janellas da retaguarda e retirando-se em direcção á cidade.

Deste logar para a cidade havia uma ponte, que os paraguayos defendiam pelo lado opposto. Já estavam em terra além da força argentina, o 9º batalhão de infantaria brasileira com o commandante da brigada coronel Bruce e a bateria de campanha commandada pelo 1º tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza. Esta coadjuvou poderosamente a columna argentina e os paraguayos foram desalojados não obstante a sua forte resistencia.

O combate durou até á noite, sendo expellido o inimigo da cidade completamente derrotado e depois de grande prejuizo. Até ás 8 horas da

noite, ouviam-se os nossos tiros perseguindo o inimigo já longe da cidade.

O general Paunero commandou a acção, sendo coadjuvado pelos commandantes argentinos Charlone, Rozetti, Rivas e pelo commandante brasileiro Bruce que tambem fez desembarcar as duas companhias do 1º de infantaria, além das duas peças do 1º tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, cujo brilhante comportamento foi elogiado até pela imprensa argentina. O inimigo teve 520 mortos; nós fizemos 80 prisioneiros e tomámos 3 boccas de fogo e uma bandeira. Os argentinos accusaram ter 150 homens fóra de combate, entre elles varios officiaes; e na força brasileira tivemos ferido o tenente Herculano Geraldo de Souza Magalhães ¹, do 9º batalhão de infantaria, e mais 8 praças gravemente feridas e 7 marinheiros feridos; ao todo 16 homens fóra de combate.

O ministro Berges e os membros do governo provisório instituido pelos paraguayos fugiram logo aos primeiros tiros. Martinez retirou-se combatendo, depois de mandar participar ao general Robles o occorrido, pedindo-lhe reforços.

Foi por isso fusilado por ordem do presidente Lopez. O ataque á Corrientes teve como resultado immediato a contra-marcha penosa do grande exercito de Robles, que já havia avançado até Bella-Vista, e que retrocedeu então sobre Riachuelo e Corrientes.

No dia 26 á noite Paunero embarcou de novo com as forças argentinas e muitos cidadãos e familias que se retiraram de Corrientes, e veio nos vapores argentinos, protegidos pela canhoneira *Itajahy*, acampar no *Rincon de Cevallos*.

A esquadra brasileira embarcou a tropa, fez um reconhecimento até ás tres Boccas, e depois o chefe Barroso resolveu adoptar um ancoradouro de melhores condições estrategicas para evitar que os nossos

¹ Do 9º batalhão, 1 soldado da 6ª companhia morto; 1 official, o tenente Magalhães, ferido, 1 2º sargento e 3 praças feridos; do 1º batalhão de artilharia, 1 cabo e 2 praças feridos. O soldado Antonio José do Nascimento, do 1º batalhão, falleceu em 5 de julho, o soldado Joaquim Ferreira Sinta, do 9º em 2 de junho, ambos de ferimentos recebidos no ataque de Corrientes, e o soldado morto no combate chamava-se Argemiro Eleuterio da Silva.

Total do exercito, 3 praças mortas, 1 official e 5 praças feridas, e da marinha, 7 praças feridas—total, 16 homens fóra de combate.

navios ficassem inutilmente expostos aos tiros da artilharia e mosquearia de terra; e assim é que, com a reocupação de Corrientes pelo exercito de Robles, fomos obrigados a abandonar um deposito de carvão que vinha nas goletas; estas embarcações queriam descer com as familias de Corrientes que se retiraram da cidade, e levaram consigo bastantes bagagens.

No dia 27 de maio a esquadra tomou posição 5 milhas abaixo da cidade de Corrientes, como se vê na planta annexa.

O general Caceres, com sua cavallaria, observava os movimentos do inimigo, que, depois do feito de Corrientes, parecia não querer internar-se.

Robles, de accordo com as instrucções de Lopez e conselhos do coronel Bruguez, tratou de levantar fortificações sobre as barrancas do rio e armal-as com poderosa artilharia, de modo que pudesse bloquear e vencer a esquadra brasileira.

Assim, accelerou as obras de ataque e defesa no grande acampamento de Riachuelo, onde fez estabelecer baterias de 22 canhões de grosso calibre, e estendeu suas forças de exploradores até ao *Rincon del Soto*, interceptando e difficultando a conducção de viveres para a esquadra.

O general Urquiza reunia suas milicias entre-rianas, enquanto o presidente Mitre mandava para a Concordia as forças argentinas, que deviam, unidas ás brasileiras e orientaes, constituir o grande exercito alliado, cujo commando em chefe foi-lhe conferido pelo tratado da Triplice Alliança.

Em começo de junho o general Osorio foi acampar em Dayman; no dia 13 o presidente Mitre entregou a presidencia da republica ao vice-presidente, Dr. Paz, e preparou-se para ir ao acampamento argentino da Concordia.

A 30 de maio a fragata *Amazonas* e a *Ivahy* reuniram-se á esquadra, e no dia 31, ás 6 horas da manhã, passou o chefe Barroso e bem assim o coronel Guilherme Bruce e estado-maior de ambos para bordo da fragata *Amazonas*, onde foi içada no tope grande, com as honras do estylo, a insignia azul-marinho estrellada do commando da esquadra.

As ordens que receberam logo os vasos de guerra foram: *conservar a maior vigilancia; ter a gente prompta, municida e armada para postos de combate a qualquer hora do dia ou da noite; não fazer toques de clarins e tambores depois do sol posto; evitar quanto puder as luzes que possam avistar-se de fóra; atracar bem as redes de abordagem; fogos abafados, artilharia com pontarias mergulhantes.*

O chefe Barroso, querendo conservar uma reserva de carvão a bordo dos navios, ordenou que o fogo das machinas fosse alimentado com lenha, e para isso, que de todos os navios se enviasse diariamente uma fachina á fazer lenha nas mattas que orlam o rio do lado do Chaco. Mandou que um dos navios fosse de vanguarda em posição de observar o rio para cima, afim de prevenir a aproximação de navios inimigos que poderiam descer de Humaytá.

No dia 4, locou á canhoneira *Mearim*, commandada pelo 1º tenente Elisiario Barbosa, este serviço. O commandante Elisiario foi tomar posição proximamente á margem esquerda, na altura da columna. O inimigo, vendo que este navio podia ser hostilizado com vantagem, se apressou em trazer para a barranca uma forte bateria volante e começou um fogo vivissimo sobre a canhoneira que, embora em desfavoravel posição, respondeu com vigor ao canhoneio do inimigo. O fogo sómente cessou quando o chefe Barroso ordenou á canhoneira de afastar-se da margem e escolher uma posição menos desvantajosa, pois não convinha expôr inutilmente o navio de vanguarda ao fogo das baterias de terra.

Este foi o unico fogo da esquadra entre o feito de Corrientes e a batalha de Riachuelo.

No dia 9, á noite, o chefe Barroso teve noticia de que pelo Chaco a dentro havia uma fazenda de gado, pouco distante da margem do rio, onde podia se abastecer, e, como havia disto necessidade, enviou ao amanhecer do dia 11 uma expedição de escaleres dos navios, para dalli trazer o gado necessario; com ella foi o pratico Bernardino Gustavino, que era do *Amazonas*.

119

Batalha naval de Riachuelo

11 DE JUNHO DE 1865

A victoria de Corrientes e a posição em que se havia collocado a esquadra brasileira, a 5 milhas abaixo da cidade, o que trazia para o exercito de Robles a permanencia obrigatoria em suas proximidades, afim de defendel-a, no caso de um novo golpe de mão, levaram Lopez a tentar algum feito contra a nossa esquadra, que lhe assegurasse a preponderancia em Corrientes e Entre-Rios.

Tinha a seu favor a possante artilharia e fuzilaria do exercito de Robles, que muito coadjuvaria os esforços de sua esquadra.

Sabia que a força naval brasileira, toda composta de navios de madeira, nem pelo numero das embarcações, nem pela artilharia, era superior á sua esquadra, que possuia um formidavel material de guerra nas baterias fluctuantes, poderosas machinas, tanto mais temiveis que atiravam ao lume d'agua e que, de pouco calado, podiam tomar posição onde os navios brasileiros — quasi todos de grande calado, não chegavam.

De Assumpção Lopez partiu para Humaytá, onde chegou no dia 9 de maio a bordo do *Taquary*. Estavam os vapores de guerra *Paraguay*, *Igurey*, *Jejuy*, *Iporã*, *Salto Oriental*, *Rio Blanco*, *Pirabêbe*, e *Marques de Olinda*, promptificados para o combate, rebocavam levando a seu bordo tropas escolhidas e seis baterias fluctuantes ou chatas, quatro das quaes eram armadas com peças de 68 e duas com peças de 80.

A guarnição da frota paraguaya era superior a 2.500 homens. Levava 45 canhões, que com os 22 das baterias de Riachuelo ¹ perfaziã 67 boccas de fogo e duas baterias de foguetes a Congrève.

¹ Riachuelo, como fortificação passageira, era por si mesma respeitavel. Pela cooperação de uma frota de oito vapores e seis baterias fluctuantes bem collocados, sendo o planalto das barrancas onde ficavam as baterias elevado de 14 metros acima do nivel do rio, tornava-se Riachuelo uma formidavel posição, bem capaz de impedir o passo a uma esquadra de madeira, como era a brasileira, sem couraças nem casamatas, com todos os apparatus a descoberto, os lemes a laborar na tolda, as rodas e helices passiveis aos tiros da artilharia, além de que o canal seguia para junto da margem fortificada, dando menos de 300 metros para a parte navegavel.

Além disso contava Lopez com a fuzilaria de 2.000 infantes de Robles nas barrancas de Riachuelo e de Santa Catharina, e de grande numero de atiradores paraguayos, que passariam para as ilhas fronteiras, e dalli hostilisariam fortemente os nossos navios em occasião opportuna. Lopez, no dia 10, ao passar revista geral á sua esquadra, tinha a convicção da victoria e ouvia com prazer as asseverações de seus officiaes, que haviam de trazer-lhe, diziam elles, a esquadra brasileira prisioneira.

Deu o commando em chefe ao vice-almirante Meza, sendo o seu immediato o commandante Cabral.

Deu-lhe ordem ¹ que, descendo o rio com a esquadra paraguaya pela meia-noite de 10 para 11, com os *nove* navios de guerra paraguayos, fosse ao longo da margem corrientina largar as seis chatas que trazia a reboque junto á barranca do Riachuelo; e depois, voltando rio acima, procurasse, ao amanhecer o dia 11, dar um ataque repentino por meio de abordagem aos navios brasileiros, os quaes talvez pudessem ser assim aprisionados.

Caso não os surprehendesse, deveria então voltar combatendo rio abaixo a apoiar-se nas baterias de Riachuelo e na artilharia das chatas, trazendo a esquadra brasileira debaixo do fogo daquellas baterias, até então desconhecidas. A esquadra imperial naturalmente seguiria em seu encaço, ignorando a forte posição de Riachuelo. Era isto tanto mais provavel, que, no dia 30 de maio, quando subiram o *Amazonas* e o *Ivahy*, parecia estar o acampamento paraguayo de Riachuelo inteiramente abandonado.

Da esquadra brasileira, a *Itajahy* havia descido comboiando as forças do general Paunero, e a canhoneira *Ivahy* seguira no dia 3 de

¹ A esquadra paraguaya, além dos oito navios que combateram em Riachuelo, trazia o *Rio Blanco*, com uma numerosa tripolação, composta de troços de abordagem. Este navio encalhou na descida, acima de Corrientes e, ao depois de trabalhar para safal-o, o almirante Meza viu-se obrigado a alli o deixar, e seguiu sua derrota rio abaixo, sendo, porém, já dia claro quando passou pela esquadra brasileira.

Este acontecimento tornou impossivel o plano de um ataque por surpresa, que Lopez queria trazer aos nossos navios.

Deu ordem ao chefe Meza que na madrugada do dia 11 descesse com a esquadra paraguaya e procurasse surprehender a esquadra brasileira por um ataque repentino dando abordagem, esperando assim por um golpe de mão apoderar-se dos navios brasileiros.

130

junho para continuar a proteger a povoação de Bella-Vista. Em consequencia, no dia 10 de junho á noite a esquadra brasileira compunha-se dos seguintes navios de guerra :

2ª divisão — *Amazonas*¹, *Iguatemy*, *Parnahyba*, *Araguary* e *Mearim* ;

3ª divisão — *Jequitinhonha*, *Beberibe*, *Belmonte* e *Ypiranga*.

Levava 59 bocças de fogo e 2,280 homens. Havia cerca de 200 enfermos a bordo dos navios, o que reduziu a força prompta a 2.100 combatentes, mais ou menos.

A marinha tinha 80 officiaes e 1.033 praças ; o exercito, 76 officiaes e 1.091 praças. (Vide o mappa G.)

Amanheceu o dia 11 de junho de 1865 ; era domingo da Santissima Trindade, e estavam almoçando, quando a canhoneira *Mearim*, que estava de vanguarda e promptidão avançada, içou ás 9 horas o signal de — *Inimigo á vista* — e alguns minutos depois, — os navios reconhecidos são oito. (1)

¹ Fragata AMAZONAS¹ de rodas:

Força das machinas.	300 C.V
Toneladas metricas	1,050
Comprimento do navio.	57,34 metros
Bocca	9,45 »
Calado a ré, ou 14 pés.	4,27 »

Artilharia :

Um canhão Witworth	70
1 obuz de 2ª classe.	68
4 obuzes de 3ª classe.	68

Guarnição :

Marinha	149	} 462 combatentes.
Exercito	313	

Officialidade :

Chefe de divisão — Francisco Manoel Barroso da Silva.

Commandante do *Amazonas*, capitão de fragata Theotonio Raymundo de Brito.

Immediato, capitão-tenente Delphim Carlos de Carvalho.

1ª tenentes, Luiz da Costa Fernandes, José Hippolyto de Menezes, Carlos Frederico de Noronha e José Antonio Lopes.

2ª tenentes, Julio Cezar de Noronha, guarda-marinha José Ignacio da Silva, Barbosa, 2º cirurgião Dr. Joaquim da Costa Antunes, pharmaceutico José Caetano Pereira Pimentel, capellão padre F. do Carmo Guimarães Diniz, commissario de 1ª classe Ignacio da Silva Mello, escrivão de 2ª classe Carlos Augusto Ribeiro Campos, pratico do rio Bernardino Gustavino.

Commandante da 9ª brigada, coronel João Guilherme de Bruce.

1º tenente assistente José Clarindo de Queiroz, alferes assistente Emiliano E. de Mello Tamborim, alferes-alumno Eduardo Affonso de Moura, capitão do 9º de infan-

Do *Amazonas* partiu immediatamente o signal: *preparar para combate*; logo depois, — *Safa geral*; em seguida, — *despertar o fogo das machinas*; e pouco depois, — *suspender ou largar amarras*.

Tocam a postos os clarins e tambores da esquadra.

Atesam-se as redes de abordagem, ateam-se as fornalhas, muniçiam-se as guarnições e baterias para um longo combate, fecham-se as escotilhas, içam-se os escaleres, armam-se as bombas reaes; em summa, aprompta-se tudo para a batalha.

Resoam consecutivamente — Vivas á Nação Brasileira, vivas a Sua Magestade o Imperador, ao chefe Barroso, ao exercito e armada. Parece para todos um dia de gala, um dia de gloria, e augmenta o enthusiasmo quando do navio chefe é içado o signal — *O Brazil espera que cada um cumpra o seu dever*; e logo depois, *Atacar e destruir o inimigo o mais perto que puder*.

A frota paraguaya, auxiliada pela correnteza do rio, vinha baixando de Corrientes em formatura de batalha, com uma velocidade superior a doze milhas.

No espaço de 15 minutos chegou á altura e em paralelo da nossa esquadra, á distancia estimada em 1.800 metros, e ás 9 horas e 25 minutos echoaram de parte a parte os primeiros tiros de canhão.

Seis dos vapores inimigos vinham rebocando cada um uma bateria fluctuante; logo na passagem, o vapor paraguayo *Jejuy* levou uma bala de uma das canhoneiras, que lhe damnificou as caldeiras.

A esquadra paraguaya, em seguida a esta primeira phase do combate, foi encostar-se ás barrancas do Riachuelo, um pouco abaixo das

taria Francisco Borges de Lima, tenentes Antonio Raymundo Lins Caldas, Manoel Joaquim de Souza Junior, Roberto F. da Costa Sampaio, alferes Jacintho A. da Cunha Rocha, Thomaz Pompeu Theodoro de Souza, Manoel da Silva Rosa Junior, Jacintho Corrêa de Mello e Carlos Ignacio da Rosa.

Avarias no combate:

Todo o beque arrancado, e parte da roda de prôa, um grande rombo na enfermaria, que varava o navio de lado a lado; outro rombo na altura das machinas, levando os dormentes, offendendo os vãos reaes e furando a carvoeira de BB. outro arrancando parte do trincaeil junto á escotilha da machina, e outro produzindo a mesma avaria no portaló de BB; outro ávante da caixa das rodas de EB. que levou o ferro da roça.

Estas avarias foram produzidas por projectis de 68 e 80. Os altos quasi todos estragados, tres escaleres inutilizados e dous em pessimo estado, todos os estaes, cabrestos, partarrazes partidos, bem como alguns cabos fixos e de laborar.

Mortos 12, feridos 21. Total 33.

baterias do coronel Bruguez, como se vê na planta, de modo que em uma extensão de mais de duas milhas tinha a esquadra brasileira que desfilar debaixo do fogo desta formidável posição e á distancia relativamente pequena.

Ao lume d'agua estavam as seis baterias fluctuantes ¹ e os atiradores estendidos na ilha de Palomera e adjacentes ;

A tres ou quatro metros de allura, as 38 peças dos oito navios paraguayos e a fuzilaria de suas guarnições ;

A 14 metros de altura, o tiro mergulhante das baterias do coronel Bruguez e a mosquetaria de 2.000 infantes e de numerosos esquadrões de cavallaria, que acompanhavam os movimentos da nossa esquadra antes das baterias até além da volta da ponta de Santa Catharina, atirando até por cima dos navios paraguayos.

Eram tres andares de verdadeiras baterias, que iam boter e deviam inutilisar os vasos de guerra brasileiros, por peor que fosse a pontaria dos artilheiros paraguayos.

Qualquer navio nosso que debaixo deste fogo terrivel desgovernasse e fosse a encalhar, seria immediatamente abordado por numerosos inimigos ; pois cada navio paraguayo, neste intento, levava duplicada guarnição ; o que foi causa da grande perda de pessoal na esquadra paraguayana. Mas para Lopez e suas ambições o que podia valer a vida dos seus paraguayos !

O vento era naquella manhã uma fraca brisa de nordeste, que felizmente limpava os horisontes da margem e barrancas do Riachuelo, atirando o fumo denso dos canhões paraguayos para o rio, e portanto, envolvendo de espesso véo os navios brasileiros e perturbando as pontarias dos paraguayos ; ao passo que, pelo contrario, os nossos tiros acertavam e visavam perfeitamente, quer nos navios e chatas

¹ Diz o chefe de divisão Ignacio Joaquim da Fonseca, em seu trabalho — « Estudo — A batalha do Riachuelo » :

« Estas baterias fluctuantes, de immenso effeito em operações de guerra n'um rio, eram de mui solida construcção, bem fechadas por grossas curvas de ferro, e todas de madeira do paiz, tão rija como a sucupira das Alagôas, e melhor do que ella. Mediam 16^m,50 de quilha, 4^m,60 de bocca, e 0^m,80 de pontal ; o fundo não tinha delgados, ou em outros termos, era todo chato. Roda de prôa a prumo, assim como o cadaste, no qual gyrava o leme com larga porta, tendo na cabeça a curva de ferro. O convez pouco acima do lume d'agua, sem borda ; larga escotilha a meio, para tiro de canhão..... »

encostados á barranca, quer na posição de Bruguez ; bem como as forças terrestres, que eram varridas pela nossa metralha e fuzilaria.

A esquadra brasileira, depois da passagem dos paraguayos, rapidamente fez pressão nas machinas e, á medida que cada navio ficava prompto, suspendia ou largava as ancoras sob boias.

Emfim, ás 10 horas e 50 minutos a esquadra moveu-se imponente : ia começar a temerosa lucta.

A *Mearim*, ao signal do chefe, veio occupar o seu logar na linha, ficando assim a *Belmonte* o navio da vanguarda.

O pratico Bernardino, ao ouvir os tiros, na passagem da esquadra paraguaya, havia apressadamente voltado com os escaleres do Chaco, e todos se achavam recolhidos a seus respectivos navios. O commandante da esquadra, quando chegara o inimigo, havia lastimado a ida ao Chaco daquella expedição que privava principalmente o *Amazonas* de seu pratico Bernardino Gustavino, sem o qual o chefe Barroso não arriscaria a fragata *Amazonas*, com receio de encalhar nos estreitos canaes daquelle rio. Já elle se havia passado para o *Parnahyba* afim de a bordo deste navio dirigir o combate ; já elle havia dado ordem á *Belmonte* de atacar o inimigo, quando felizmente chegaram de volta os escaleres ; então o chefe Barroso voltou para commandar a acção, de bordo do *Amazonas*.

Seguem então avante os vasos de guerra na mesma linha de batalha. O *Amazonas* repete o signal : *atacar e destruir o inimigo o mais perto que puder*. Como firme resolução de vencer ou morrer, ficou este eloquente signal içado no tope da prôa durante todo o combate.

Postos em movimento e feita a contra-marcha, virou então o *Amazonas* aguas acima, e o imitaram os outros navios, excepto a *Belmonte*, que já havia entrado no canal.

Emquanto o *Amazonas* com os demais navios ganhavam o canal por onde havia descido a esquadra paraguaya, a *Belmonte*¹ isolada affrontava as baterias inimigas.

¹ BELMONTE — Corveta-aviso a helice :

Machinas força	120 C.V.
Toneladas	602

132

Em pé no passadiço, o 1º tenente commandante, Joaquim Francisco de Abreu, trajando segundo uniforme, mandou a sua ligeira corveta, a orgulhosa *Belmonte*, investir a toda força.

A's 11 horas e 20 minutos rompeu o fogo com a peça de proa, já ao alcance da 1ª bateria inimiga; e successivamente com toda a artilharia da corveta.

O pratico João Baptista Pozzo calmo e a sangue-frio dirigia o navio, prumando de cima do passadiço.

O inimigo somente desmacarou as suas baterias e respondeu aos tiros da *Belmonte*, quando a intrepida exploradora chegou á convergencia e centro das linhas de tiro e do fogo cruzado; mas então foram descargas cerradas de todas as peças e de toda a infantaria sobre o isolado luctador, que passava envolto no denso fumo dos seus proprios canhões e das descargas do inimigo, que apparecia em uma nuvem junto ás barrancas.

Comprimento.	51,24 metros
Bocca	7,41 »
Calado a ré 9,5 pés.	2,89 »

Artilharia

1 canhão Witworth.	70
3 obuzes de 2ª classe	68
4 » de 5ª classe	32

Guarnição

Mariuh.	109	} 204 combatentes.
Exercito.	95	

Officialidade

Commandante, 1º tenente Joaquim Francisco de Abreu; immediato, 1º tenente Francisco Goulart Rollim; 1º tenente José Francisco de Alvarim Costa, 2º tenente Julio Carlos Teixeira Pinto, 2º cirurgião Dr. José Pereira Guimarães, escrivão Manoel V. da Silva Guimarães, pratico do rio João Baptista Pozzo.

Capitães do corpo policial do Rio de Janeiro Antonio dos Santos Rocha e Antonio Muniz Telles de Sampaio, tenente Joaquim Maria da Conceição, 1º tenente de artilharia Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, alferes Bernardino Antonio de Paiva e Dionysio Miguel Martins de Oliveira, cadetes Leovigildo Cavalcante de Mello e Miguel Maria Girard.

Avarias no combate

22 rombos no costado de BB., 15 ditos no costado de EB., incendio na coberta, fazia tanta agua que foi preciso encalhar para não submergir, perdeu dous esca-leres e os outros ficaram inutilisados; mortos 9, feridos 22, total 31.

Assim passou audaz e veloz a corveta *Belmonte* por entre a saraiva de balas, sempre descarregando sua artilharia, recebendo numerosos rombos no costado, mórmente ao lume d'agua, sempre a sua heroica guarnição em seu posto de honra. Assim completou o glorioso movimento da vanguarda « indo na frente galhardamente com o seu commandante interino, Joaquim Francisco de Abreu », segundo diz o relatório do chefe Barroso. Concluída a passagem, voltou rio acima, a bater de perto o inimigo.

Coadjuvando valorosamente o commandante Abreu estavam os 1^{os} tenentes Francisco Goulart Rolim, immediato do navio, e José Antonio de Alvarim Costa ; os capitães Antonio dos Santos Rocha e Antonio Muniz Telles de Sampaio, do corpo policial do Rio, e o 1^o tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, que com os cadetes Leovigildo Cavalcanti de Mello e Miguel Maria Girard, prestou reaes serviços com a sua bateria.

A investida e passagem do navio pelo mais forte do fogo inimigo durou 15 minutos ; e quando voltou a atacar tinha a corveta 22 rombos a bombordo e 15 a estibordo, sendo a maior parte na linha de fluctuação. Trazia incendio na coberta, produzido por uma bomba paraguaya. De sua guarnição, de 204 combatentes, tinha 9 mortos e 22 feridos, ou 15 por cento fóra de combate. Subiu tanto a agua no porão que só faltavam 0^a,60 para alcançar os váos do convez. Não podendo vencer a agua com as bombas, fez signal ao *Amazonas*, que neste momento descia a vencer o passo com os outros navios.

Por ordem do chefe Barroso foi ás 11 horas e 55 minutos encalhar na ilha Cabral, como se vê na planta, tendo cumprido á risca o seu dever ; e tratou immediatamente de reparar as avarias, para de novo entrar em combate.

Emquanto a *Belmonte* desempenhava tão brilhante papel, a *Jequitinhonha*,¹ igual em força e dimensões á corveta *Beberibe*, atra-

¹ JEQUITINHONHA — Navio chefe, 3^a divisão, capitão de mar e guerra José Segundino de Gomensoro — Corveta a helice ;

Machina, força	130 C. V.
Toneladas metricas.	637
	ms
Comprimento	51,24

vessou-se infelizmente ás 12 horas no banco a meio do canal pelo travez das baterias do Riachuelo.

Apenas encalhada, e quando se tratava de safar a infeliz corveta, foi morto o pratico André Motta; ficando este navio encalhado, respondendo até o fim do combate ao canhoneio inimigo e repellindo diversas abordagens do *Taquary*, do *Sallo* e do *Marquez de Olinda*. Disse o chefe de divisão Ignacio Joaquim da Fonseca :

« Nesse rechaço da abordagem subiu á heroicidade o bravo cearense *Lucio Joaquim de Oliveira*, que commandava a artilharia da tolda, e não menos se distinguiram os seus bravos camaradas do exercito, commandante major Guimarães Peixoto, e os outros officiaes e praças do 1º de infantaria.

Si dentre tantos guerreiros é licito fazer ainda especial menção, poderia recalhir ella nos bravos 1ºs tenentes Francisco José de Freitas e Monte Bastos.

Bocca	6,28
Calado a ré, 18 pés ou	3,35

Artilharia

3 obuzes de 3ª classe	68
9 » » 5ª »	32

Guarnição

Marinha	120	} 286 combatentes.
Exercito	166	

Officialidade

Capitão de mar e guerra José Segundino de Gomezoro, chefe da 3ª divisão; commandante, capitão-tenente Joaquim José Pinto; secretarios, 1º tenente Francisco José de Freitas, immediato, 1º tenente Lucio Joaquim de Oliveira, 1º tenente Pedro Antonio de Monte Bastos, 2º tenente Munuel Nogueira de Lacerda, guarda-marinha Manoel do Nascimento Castro e Silva, guarda-marinha Francisco do Lima Barros, 2º cirurgião, Dr. Manoel Baptista Valladão, capellão, padre Antonio da Immaculada Conceição; commissario José Manoel de Almeida, pratico André Motta. 1º batalhão de infantaria : major Francisco Maria dos Guimarães Peixoto, tenente Eduardo Emiliano da Fonseca, alferes Sebastião Raymundo Ewerton, alferes Francisco de Paula Pereira, tenente Helvecio Muniz Telles Menezes, alferes Antonio Carlos da Silva Piragibe, cadete Francisco G. Pereira Botafogo, alferes Miguel A. de Mello Tamborim.

Avarias em combate

Foram tantas e fazia tanta agua que não se pôde arrancar-o do banco, onde cada vez mais foi enterrando-se e alli foi abandonado; teve 18 mortos e 32 feridos.

Contaram-se neste navio 18 mortos e 32 feridos ; sendo 4 officiaes feridos e 1 morto ; ou cerca de 18 % da guarnição fóra de combate.

Trajando 2º uniforme via-se calmo e attento em pé no passadiço da *Amazonas* o chefe Barroso.

Sómente quando se approximou da 1ª bateria ás 11 horas e 33 minutos mandou rompêr o fogo a pequena distancia. ¹

Choviam de parte á parte as balas e metralhas, *era uma chuva de respeito*, como disse o relatorio do valoroso almirante.

As descargas do inimigo o respeitaram, bem como ao coronel Guilherme Bruce que a seu lado se manteve, durante todo o combate, o commandante Theotônio Raymundo de Brito, o 2º commandante Delphim Carlos de Carvalho, o pratico Bernardino Gustavino e todos os mais officiaes, marinheiros e soldados em seus postos de honra a cumprir com o seu dever. ²

A's 12 horas e 5 minutos tinha o *Amazonas* completado a sua esplendida passagem, a contento do chefe ; tendo 16 praças fóra de combate, neste primeiro esforço da batalha, e com serios estragos no costado, na tolda, no convez e nos escaleres.

Em seguida desceu o *Beberibe* ³ com iguaes riscos, igual valor e sangue-frio de seu commandante, o capitão-tenente Bonifacio Joaquim de Sant'Anna, que teve na passagem 11 homens fóra de combate.

¹ Disse o chefe de divisão Ignacio Joaquim da Fonseca : *a tiro de pistola.*

² Na parte official do coronel João Guilherme de Bruce, cujo original se acha no Archivo no Rio de Janeiro, á pagina 3 diz o commandante da 9ª brigada :

«..... e parecia ao descermos e passarmos com o *Amazonas* defronte dos navios, chatas e baterias do inimigo, pelos projectis que de todos os pontos despejavam sobre nós, que toda a sua attenção convergia para metter á pique esse vapor de quem o inimigo mais se temia, porquanto desenvolveu contra nós um fogo horrivel, e tal effeito produziram os tiros que nos fizeram ao passarmos a barranca do Riachuelo, que podia-se suppôr que lhes fóra conferido por algum tempo o poder de Marte para conjurarem todos os elementos de guerra contra nós, a ponto de experimentar-se, além do mortifero effeito que suas bombas e balas ócas produziam, uma electricidade em todo o corpo dos que escapavam, igual á que se sente quando uma pessoa segura n'um fio electrico, mas ainda mesmo debaixo de tão estranha impressão, tive diferentes occasiões de, com a espada na mão alçada, dar vivas . . . sempre com enthusiasmo correspondidos por toda a guarnição e pelo digno chefe de divisão commandante da esquadra que tambem os entoava.»

³ BEBERIBE — Corveta a helice :

Machina, força	130 C. V.
Toneladas	637
	ms
Comprimento	51,24

139

Em seguida passou a *Mearim*, commandada pelo 1º tenente Elishario José Barboza, com igual valor e successo.

Veio depois a *Araquary*, sob o commando do 1º tenente Antonio Luiz von Hoonholtz. Em sua passagem os paraguayos, irritados do pouco effeito de seu estratagemas e de sua artilharia, procuraram abordar esta canhoneira com o *Taquary*, o *Marques de Olinda* e o *Paraquary*.

Não lograram seu intento, pelos tiros certos da *Araquary* e a velocidade com que vinha rompendo o passo.

Vinha em seguida a *Iguatemy*, do commando do 1º tenente Justiniano José de Macedo M. Coimbra, e com denodo e felicidade igual á dos seus companheiros conseguiu passar.

Bocca.	6,28
Calado a ré, pés 11 ou.	3,35

Artilharia

1 obuz de 3ª classe	68
6 obuzes de 5ª »	32

Guarnição

Marinha	178	} 324 combatentes.
Exercito	146	

Officialidade

Commandante, capitão-tenente Bonifacio Joaquim de Sant'Anna; immediato, 1º tenente João Gonçalves Duarte; 1º tenente Estanisláo Przewodousky, 2º tenente Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, guarda-marinha João Gomensoro Wandenkolk, guarda-marinha Francisco Eutachiano C. Penha, 2º cirurgião Dr. José Caetano da Costa, commissario de 3ª classe Francisco Teixeira de Oliveira, escrivão Victor Maria de G. Vellozo, pratico do rio Pedro Broches.

Corpo de guarnição do Espirito Santo

Major João Baptista de Souza Braga, tenente Manoel Francisco Imperial, alferes ajudante, José Theotônio de Macedo, alferes secretario José Marcolino de Andrade Vasconcellos, alferes Clementino José Francisco Guimarães, alferes Francisco A. Leitão da Silva, alferes Joaquim Castanheda Pimentel, capellão Francisco do Carmo Gomes Diniz.

Avarias em combate

Um rombo porbala de 68 no costado á prôa a EB. e na altura da linha de cobre. O mastro grande cortado abaixo da romã; a borda e todos os cabeços dos portalós, arvoredos, ovens das enxarcias, tudo ficou arruinado.

Foram arrancados os olhaes das amuradas que seguram os vergueiros dos rodízios. A chaminé da caldeira, toda arrombada, bem como o canudo do vapor, quebrou-se o pão de giba, querendo abordar o *Taquary*.

Sete mortos e 15 feridos.

Em sexto lugar o *Ipiranga*, ao mando do 1º tenente Alvaro Augusto de Carvalho, á quem não faltou nenhuma das glorias que os seus camaradas conquistaram, alcançou o mesmo triumpho ás 12 horas e 10 minutos.

Faltava a *Parnahyba*¹, que fechava a linha da esquadra.

O seu valente commandante, capitão-tenente Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, vendo, depois de meio-dia, encahado o *Jequitinhonha*, na pôpa do qual devia seguir, julgou de seu rigoroso dever voltar aguas acima em seu prompto auxilio.

Infelizmente nesta manobra, debaixo de terrivel fogo, bateu com o leme na fralda de um banco, acima da ponta de Santa Catharina e no centro da linha de fogo inimiga.

¹ PARNAHYBA — Corveta aviso a helice:

Machina, força.	120 C. V.
Toneladas	602
Comprimento	50 ^m ,02
Bocca.	7 ^m ,32
Calado a ré, 9 pés, ou	2 ^m ,74

Artilharia

1 peça Witworth.	70
2 obuzes de 2ª classe	68
4 » de 5ª »	32

Guarnição

Marinha.	141	} 263 combatentes.
Exercito.	122	

Officialidade

Commandante, capitão-tenente Aurelio Garcindo Fernandes de Sá; immediato, 1º tenente Felipe Firmino Rodrigues Chaves; 1ºs tenentes Antonio Pompeu de Albuquerque Cavalcanti, Miguel Joaquim Pederneira, Miguel Antonio Pestana; guardas-marinha Affonso Henrique da Fonseca, José Guilherme Greenhalg, commissario Pedro Simões da Fonseca, escrivão de 2ª classe José Corrêa da Silva.

9º batalhão de infantaria — Tenente-coronel José da Silva Guimarães, capitão Pedro Affonso Ferreira — m. c., capitão Timoleão Peres de Albuquerque Maranhão, tenentes Leopoldo B. Galvão Uchôa — f., Feliciano Ignacio de Andrade Maia — m. c., alferes Francisco de Paula Barros, Pedro Velho de Sá Barreto, Francisco Antonio de Sá Barreto — f., cadetes Luiz José de Souza — f., Luiz Francisco de P. Albuquerque — f., Antonio Francisco de Mello — f., Liberato Ferreira da Costa, Luiz Leopoldo Arsenio Barboza, Caetano Alves Pacheco — m. c.

Avarias em combate

Além de grande avaria no leme que impedia governar, teve grande numero de lombos a BB. e EB., os escaleres inutilizados, avarias nos altos e aparelhos, 52 mortos e 28 feridos.

135

Embora interrompido o governo, completou a volta, com as velas de prôa e traquete latino, continuando a seguir avante e fazendo fogo com a artilharia de estibordo. Nesta occasião recebeu um projectil que esfachou a cabeça do leme; o que deixou a canhoneira nas peiores condições de governo.

Isolada no centro da linha inimiga, viu de repente investirem sobre ella tres vapores inimigos, na intenção de tomal-a por abordagem.

A corveta *Paraguay* vinha á frente do *Taquary* e do *Salto*.

Sobre ella aproou o commandante Aurelio, mandando a machina a toda a força.

O choque dos dous combatentes foi terrivel, a *Paraguay* desarvou do páo de giba e da bujarrona, veio abaixo o seu mastaréo de joanete e abriu agua, ao mesmo tempo uma bala de 70 atravessava-lhe a caldeira e ella ameaçava ir a pique.

No mesmo instante abordavam a *Parnahyba* os vapores *Taquary* e *Salto Oriental*, e lançavam-lhe na tolda um forte troço de abordagem, enquanto parte da guarnição do *Paraguay* tambem saltava no convez da corveta brazileira, á conquista-la.

A *Paraguay*, com a pôpa semi-mergulhada, desatracou-se da *Parnahyba* e foi encalhar nos bancos da ilha da Palmeira, sendo depois abandonada pela sua guarnição. Então o *Marquez de Olinda* veio substituil-a, atracando á *Parnahyba* pela prôa, e lançando-lhe sua gente á abordagem.

Assim, estavam o *Taquary* a bombordo, o *Salto Oriental* a estibordo, o *Marquez de Olinda* na prôa e mais de 500 paraguayos procurando, com a maior coragem, subjugar a valorosa guarnição da *Parnahyba*.

O que se passou então é indescriptivel. A maior parte da guarnição estava na coberta; e os que se achavam no convez sustentaram a lucta heroicamente.

Apenas estava guarnecido o 2º rodizio de bombordo; disparou dous tiros de metralha e toda a guarnição defendeu a abordagem.

Officiaes, marinheiros e soldados todos cumpriram o seu dever.

O capitão do 9º de infantaria Pedro Affonso Ferreira e o guarda-marinha Greenhalg foram mortos defendendo a bandeira, que chegou

a ser arriada pelo alferes paraguayo Thomaz Acosta, que foi morto depois.

A guarnição do 4º rodizio de ré foi quasi toda victimada na formí-davel lucta.

O bravo tenente do 9º de infantaria Feliciano J. de Andrade Maia e o destemido marinheiro de 1ª classe Marcilio Dias foram mortos em seu posto de honra, sustentando uma batalha desigual, depois de pôr fóra de combate bom numero dos assaltantes.

Os 1ºs tenentes Felipe Firmino Rodrigues Chaves, immediato do navio, Miguel Antonio Pestana, que commandava a guarnição entrincheirada no convez, Antonio Pompeu de Albuquerque e Miguel Joaquim Pederneira, commandantes do 2º e 3º rodizios, o guarda-marinha Affonso Henrique da Fonseca, o tenente-coronel José da Silva Guimaraes, capitão Timoleão Peres de Albuquerque Maranhão, tenente Leopoldo Borges Galvão Uchôa, alferes Francisco de Paula Barros, Pedro Velho de Sá Albuquerque, Francisco Antonio de Sá Barreto e muitos outros, sargentos, cabos e soldados das 1ª e 6ª companhias do 9º sustentaram valentemente os brios do exercito brasileiro ao lado dos intrepidos marinheiros da *Parnahyba*. Durava já uma hora o formí-davel combate a ferro-frio; e si o prejuizo do inimigo era grande e os estragos enormes nos navios atracados, tambem dos defensores da *Parnahyba* 80 estavam fóra de combate!

O commandante Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, sempre calmo e resolutu, acceitando a proposta do 1º tenente Firmino Rodrigues Chaves, 1º ordenou então ao corajoso escrivão de 2ª classe, José Corrêa da Silva, que, accendendo um charuto, fosse lançar fogo ao paiol da polvora!

A *Parnahyba* desapareceria com a sua valente guarnição, mas o Paraná os sepultaria de envolta com a bandeira, arrastando, na gloriosa sepultura, quatro vasos inimigos, que se haviam esforçado para conquistal-a; a *Paraguay*, que lá jaz marcando eternamente o theatro

¹ Hoje vice-almirante e ministro da marinha (11 de junho de 1893, data anniversaria desse heroico feito, em que escrevo esta pagina).

deste legendario combate, o *Taquary*, navio almirante paraguayo, o *Salto Oriental* e o *Marquez de Olinda*, ponto de partida da declaração de guerra do dictador Francisco Solano Lopez ao Brazil.

Já havia chegado ao paiol o muito distincto cidadão José Corrêa da Silva, e sem precipitação, conservava acceso o charuto que devia lançar-o na eternidade.

Com sangue-frio aproxima-se elle do paiol e vai fazer voar pelos ares o seu amado navio.

A elle se deve a conservação da corveta, não precipitando aquelle acto de heroismo.

Repentinamente, em logar de ouvir gritos de triumpho dos feros paraguayos, elle percebeu vivas repetidos á nação brasileira, ao Imperador, ao chefe Barroso e aos bravos da *Parnahyba*.

Eram as vozes de nossos marinheiros e soldados, que animados pela apparição, na zona do combate, do *Amazonas* e do *Beberibe*, que vinham a toda força soccorrer a *Parnahyba*, acommettiam resolutamente os paraguayos, que então fraqueavam e procuravam ganhar os seus navios, que, temerosos do successo, tratavam de desatracar da *Parnahyba*, para fugirem.

Aterrorisados os inimigos pelo apparecimento do *Amazonas*, do *Beberibe* e da *Mearim*, já fortemente dizimados pelo encarniçado combate com a guarnição da *Parnahyba*, começaram a embarcar. O contingente que defendia a praça de armas e a camara, juntamente com o grosso que ainda estava senhor de parte do convez, acommetteu-os então a ferro-frio e a tiros.

De bordo do *Amazonas*, e depois de dobrar a ponta de Santa Catharina, se havia visto a difficil e perigosa posição da *Parnahyba* e do *Jequitinhonha*; e o almirante inquietou-se um pouco, mandando até reprehender um official marinheiro que em voz alta annunciava aquella abordagem. Em seguida disse ao pratico: *viremos, é preciso ir aguas acima já e já*; ao que respondeu o pratico Bernardino Gustavo: — *Pero, señor, no se puede ahora; las orillas de los bancos estan cerquita, precisamos todavia ir mucho abayo.*

Salvar o *Amazonas* de qualquer encalhe era lei suprema.

Resolveu forçosamente o almirante ir muito abaixo da ponta de

Santa Catharina ganhar largura para dar a volta completa, embora perdesse um tempo precioso.

Perdeu nesta manobra quasi uma hora ; emfim virou aguas acima e firmou no tope de ré o signal colectivo para todos o seguirem á bater e destruir de perto o inimigo.

Pouco antes das 2 horas da tarde vinha elle subindo á toda força com cinco navios pela ponta de Santa Catharina, e então conheceu quanto damno já haviam soffrido os paraguayos e presenciou o abandono de uma das chatas, cuja guarnição lançava-se ao rio para alcançar a margem

Foi então que no tope de prôa mandou içar o signal : *sustentar o fogo, que a gloria é nossa.*

Ordenou ao commandante Theotónio Raymundo de Brito — *que mandasse puzar bem os fogos das caldeiras, concentrar o vapor e conserval-o com segura e constante pressão.* Assim deliberou investir com furia, na consciante resolução de transformar a sua capitanea, o legendario *Amazonas*, em monitor, para arremetter a golpes de ariete contra tudo que encontrasse de chatas e vapores paraguayos.

O *Amazonas* chegava effectivamente no momento decisivo do combate, acompanhado da *Beberibe*, da *Mearim*, da *Iguatemy*, da *Araquary* e da *Ypiranga*.

Foi então que o provector chefe Meza, em segundo uniforme, com dragonas, ainda animado e firme na tolda do *Taquary*, dirigindo a abordagem contra a *Parnahyba*, viu, não muito longe apparecendo pela ponta de Santa Catharina, o *Amazonas* e os cinco vasos de guerra a subirem a toda força.

Desistiu da abordagem da *Parnahyba* e, mandando desatracar, fez signal, como encobrando a sua retirada, para ir de novo abordar a *Jequitinhonha*, donde já haviam sido repellidos o mesmo *Taquary*, o *Paraguay* e o *Salto*.

Ao retirar-se rio acima o navio chefe paraguayo, um tiro de carbina, partido da gavea grande da *Parnahyba*, feriu o desditoso Meza no hombro esquerdo. Ao mesmo tempo o *Salto Oriental* e o *Marquez de Olinda*, desgovernados, procuravam, descendo o rio, o amparo das barrancas de Riachuelo.

Foi então que o almirante Barroso, designando o *Jejuy*, o *Salto* e o *Marquez de Olinda*, perguntou ao pratico: *Bernardino, teremos alli agua bastante para chegar com a prôa do « Amazonas » ?* — pois não, senhor, respondeu o pratico ¹.

Dirigindo então a toda força a prôa do *Amazonas* sobre o *Jejuy*, de um furioso embate furou-lhe o costado a EB., mettendo-o a pique.

Em seguida, e sempre a toda força, do mesmo modo procedeu com o *Marquez de Olinda*; com pouca demora correndo sobre o *Salto Oriental*, deu-lhe tal golpe no costado, que fazendo agua por toda a parte sossobrou duas horas depois. Os outros vapores paraguayos, presenciando este desforço, abandonaram o combate e fugiram conjunctamente com o *Taquary*, rio acima, perseguidos de perto pela *Beberibe* e pela *Araguary*.

Nesta occasião a *Parnahyba* se via desembaraçada dos ultimos inimigos, que os nossos bravos, ou matavam ou obrigavam a saltar ao rio. As escotilhas se abriam e via-se apparecer contente o bravo Corrêa, que olhando para o cadaver do alferes paraguayo Thomaz Acosta, o mesmo que arriara a bandeira, lançava ao rio o restante do charuto acceso que ia fazendo voar a canhoneira. A victoria era nossa; e os vivas retroaram de novo ao desdobrar-se airosa a bandeira nacional, que foi então içada pelo distincto-guarda-marinha Affonso Henrique da Fonseca.

¹ Do relatório do commandante de brigada, coronel João Guilherme de Bruce, já acima referido, extrahimos: pagina 3 verso.

Tomou a resolução de tentar metter a pique os vapores do inimigo, e ordenando-me de dispôr a tropa para defender a abordagem, investe a prôa do *Amazonas* no costado do primeiro vapor que a nós se vem dirigindo de nome *Jejuy*, o qual foi com effeito a pique; ordena-me pouco depois de ter a tropa prompta para defender a abordagem d'outro vapor, que era o *Marquez de Olinda*, com o qual teve igual proceder; de que resultou avaria tal no vapor e machina, que virando quasi, foi se enchendo d'agua, cahindo na occasião o ferro: ficou em miseravel estado, fundeado; atira-nos depois uma das chatas um tiro de rodizio, a qual, depois de se lhe dar dous tiros de bala rasa de calibre 68, foi tambem mettida a pique; mandei disparar um tiro de bombordo sobre o vapor *Paraguay* que por fim encalhou na nossa vista perto da ilha do Chaco para onde então saltaram uns 60 paraguayos que desse vapor se puderam salvar, sendo elles entretanto metralhados mesmo em terra por tiros de outro dos vapores da esquadra; recebi nova ordem do Exm. commandante da esquadra, para ter a gente prompta para defender outra abordagem, por dirigir-se nesta occasião o *Amazonas* a outro vapor que depois se reconheceu ser o *Salto*, no costado do qual metteu o *Amazonas* a prôa, de que resultou ficar tambem esse vapor inimigo destruido a ponto tal, que embora ficasse fluctuando, logo depois do conflicto foi-se enchendo d'agua, de sorte que, mais hora menos hora, devia ir a pique. Em seguida,

Nesta occasião o almirante mandou içar o signal: *Abordar o inimigo, tomar-lhe a gente, guarnece-lo com a nacional*. Atirou-se então a *Parnahyba* ao *Salto Oriental*, que ia fazendo agua, e tendo a elle atracado saltaram a bordo o 1º tenente Pestana, o guarda-marinha Fonseca e algumas praças, que recolheram a bandeira paraguaya e içaram a brazileira sobre a preza; vendo, porém, que o navio ia a pique irremediavelmente, recolheram-se ao *Parnahyba*, trazendo comsigo o tenente João Vicente Alcaraz, commandante do *Salto*, gravemente ferido, seu filho e dous marinheiros, tambem feridos. Dalli a *Parnahyba* desceu o rio desgovernada a reparar suas avarias.

A *Araguary*, commandada pelo 1º tenente Von Hoonholtz, subindo nas aguas do *Amazonas*, que ia mettendo a pique a frota paraguaya, debaixo de nutrido fogo, de parte a parte, descarregava a curta distancia a bateria de bombordo contra a *Paraguary*, que, embora encalhada, ainda tinha a bordo alguma gente fazendo fogo. Continuou em perseguição do vapor *Taquary*, que ia fugindo, e respondendo com vivo fogo de estibordo ás baterias de terra da barranca de Riachuelo, dava porfiada caça aos restos da frota paraguaya, então commandada por Cabral, visto achar-se ferido o chefe Meza.

A esquadilha paraguaya compunha-se então do *Taquary*, do *Igurey*, do *Iporã* e do *Pirabebé*.

O *Beberibe*, como a *Araguary*, de novo bateu-se contra as chatas e fortificações, e perseguindo os navios paraguayos a tiros, que aproveitaram nos altos, borda e chaminé, tanto delles approximou-se, na intenção de abordal-os e aprisional-os, que partiu na pôpa do *Taquary* o páo de giba. Então Cabral dirigiu os navios para um banco onde havia pouco fundo; e ahi o *Beberibe* e a *Araguary* o abandonaram, bem como aos outros fugitivos, muito maltratados, e vieram de novo entrar em fogo ao lado da *Jequitinhonha* encalhada.

Alli, á queima-roupa, renovou-se o combate, desta vez com as baterias do coronel Bruguez, a fuzilaria do exercito paraguayo e uma chata armada de uma peça de 68 que pareciam querer vingar o desastre da esquadra paraguaya. A metralha, porém, dos nossos navios, aos quaes se juntaram a *Iguatemy* e o *Ypiranga*, fez calar o fogo do inimigo ao pôr do sol, durando este terceiro episodio da batalha cerca de tres

horas. O *Beberibe* arremetteu com a prôa sobre a chata, cuja guarnição de cerca de 30 homens foi morta a tiros em parte e a outra afogou-se no rio.

O *Ypiranga* acudiu á chamada do almirante, que arvorara o signal —reunam-se os navios distantes,— e foi tomar conta do *Paraguay*. Viu saltar ao rio a diminuta parte da guarnição que nelle subsistia e encontrou este navio crivado de rombos e cheio d'agua, com um unico soldado paraguay, tão destemido que não quiz entregar-se, sendo morto pelo 1º sargento do corpo policial do Rio, Delfino Dias, que por elle acommettido, o matou a baioneta.

Na *Iguatemy*, a barlavento da *Jequitinhonha*, enquanto o bravo commandante Macedo Coimbra, em pé no passadiço, dirigia o fogo com o major Antonio Luiz Bandeira de Gouvêa, foi ferido gravemente por um estilhaço, tendo de passar o commando ao 1º tenente Joaquim Xavier de Oliveira Pimentel, immediato da canhoneira.

Pimentel com o maior sangue-frio estava entusiasticamente dirigindo de cima do passadiço o fogo contra as baterias paraguayas, quando foi morto por uma bala de artilharia, que levou-lhe a cabeça. Tomou então conta do commando o 1º tenente José Gomes dos Santos, que sustentou o combate até ás 6 horas da tarde, sempre coadjuvado pelo valente major Bandeira de Gouvêa e mais officiaes, até que ás 6 horas da tarde terminou o fogo.

A canhoneira *Mearim*¹, commandada pelo 1º tenente Elizario José Barboza, na volta para cima com o *Amazonas*, recebendo ordem de atacar o inimigo o mais perto possível, foi pelo canal da costa prolongar-se a 50 braças de um grupo de embarcações inimigas, e por EB. sustentou um nutrido fogo de artilharia e mosquetaria.

¹ MEARIM — Canhoneira a helice:

Machina, força.	100 C. V.
Toneladas	415
Comprimento	45 ^m ,75
Bocca.	7 ^m ,01
Calado a ré	2 ^m ,28

Artilharia

3 canhões obuzes de 2ª classe.	68
4 » » de 5ª classe.	32

Foi quando o *Amazonas* indo a toda força sobre o *Jejuy* o fez ir a pique e determinou a fuga immediata dos outros assaltantes.

Correu então a *Mearim* a socorrer a *Parnahyba*, que descia des-governada e a *Belmonte* que ia aguas abaixo, com a prôa toda mergu-lhada, fazendo-a ganhar o banco mais proximo, onde encalhou fóra do alcance das balas inimigas.

Dahi o commandante Elisiaro foi sobre o *Marquez de Olinda*, ainda com a bandeira paraguaya içada, atracou e fez arriar a bandeira, recolhendo nessa occasião dous paraguayos feridos.

Em todos estes episodios teve a *Mearim* tres mortos, o tenente de policia Pacheco Carvalho de Miranda, o aspirante Antonio Augusto de Araujo Torreão, uma praça e 7 feridos. Todos alli, a exemplo do com-mandante, cumpriram o seu dever.

A *Araguary*¹ havia conseguido, quando se achava a barlavento da *Jequitinhonha*, largar por mão a corrente de uma das baterias

Guarnição

Marinha.	125	} 192 combatentes.
Exercito.	67	

Officialidade

Commandante, 1º tenente Eliziaro José Barboza ; 1º tenente immediato Au-gusto Cezar Pires de Miranda, 1º tenente Arnaldo Leopoldo de Murinelly, 2º tenente Filinto Perry, guarda-marinha Antonio A. de A. Torreão, aspirante Joaquim Candido do Nascimento, commissario José Antonio de Souza Guimarães, escrivão João Evangelista de Menezes, pratico do rio Santiago Pedemonte. Corpo policial do Rio de Janeiro—capitão Antonio José da Cunha, tenente Antonio Pacheco Carvalho de Miranda, alferes Firmino José de Almeida, soldado João Carlos de Mello e Souza, Jacintho Martins do Couto Reis.

Avarias em combate

Nove balas no costado de BB., sendo 3 ao lume d'agua ; avarias a EB. por me-tralhas e 1 rombo de bala ao lume d'agua.

Apparelhos e chaminé muito damnificados, perdido o escaler menor e inutilisado completamente o maior, bem assim o páo da bujarrona.

Tres mortos e sete feridos.

¹ ARAGUARY — Canhoneira a helice :

Machina, força	80 C. V.
Toneladas.	415
Comprimento.	44 ^m ,53
Bocca	6 ^m ,71
Calado a ré 75 pés.	2 ^m ,28

139

fluctuantes, artilhada com uma peça de 80, que muito prejudicara com seus tiros a *Jequitinhonha*, perto da qual havia vindo fundear.

Trazida pelos vapores paraguayos, na primeira abordagem levada a este nosso navio, esta chata, abandonada pela guarnição que, ou foi morta ou fugiu, foi cahindo desgarrada, pela correnteza do rio, até encostar-se á barranca na volta da ponta de Santa Catharina, constituindo assim o numero de cinco as baterias fluctuantes que ficaram em nosso poder, como eloquentes trophéos do glorioso combate.

No *Marques de Olinda* foram feitos prisioneiros 21 paraguayos, inclusive o commandante, tenente Ezequiel Robles, irmão do general Robles.

Gravemente ferido nas costas e no braço esquerdo, por balas nossas, depois de tratado e amputado pelos medicos brasileiros, arrancou em um accesso de desespero osapparelhos e morreu esvaído em sangue.

Artilharia

2 canhões obuzes de 2ª classe.	68
2 » » » 5ª »	32

Guarnição

Marinha.	89	} 172 combatentes.
Exercito.	83	

Officialidade

Commandante, 1º tenente Antonio Luiz Von Hoonholtz; 1º tenente immediato Eduardo Augusto de Oliveira, 1º tenente Eduardo Frederico M. Gonçalves, 2º tenente Manoel de Castro Menezes, guarda-marinha Rodrigo Antonio de Lamare, 1º cirurgião Dr. Domingos Soares Pinto, commissario Manoel Candido da Silva, escrivão Crioneides de C. Ferreira Chaves e piloto do rio Manoel Montavio.

Tenentes Joaquim Manoel da Silva e Sá e Manoel Erasmo de Carvalho Moura, alferes José Placido Lucas Brion, Feliciano de Lyra, Albino José de Faria e Alvaro Conrado F. de Aguiar, cadetes Manoel de Faria Lemos, Manoel José da Silva Leite, Marcolino Franco da Silva Lessa, Miguel Muniz Tavares e Joaquim José de Mello Filho.

Avarias no combate

23 balas de artilharia no costado, algumas no aparelho, cinco no canudo da machina e tres nos escaleres, não contando os estragos de fuzilaria. Dous mortos e quatro feridos.

2ª divisão

NAVIOS	TIROS DE ARTILHARIA	GUARNIÇÃO				MARINHA		EXERCITO		TOTAL DA GUARNIÇÃO	FÓRA DE COMBATE	OBSERVAÇÕES
		Officines de marinha	Officines do exercito	Praças de marinha	Praças do exercito	Mortos	Feridos	Mortos	Feridos			
Amazonas	325	15	10	134	303	8	3	0	17	462	34	Navio chefe com a insignia do commando da esquadra e da 1ª divisão. Foi morto o 1º cadete do 9º de infantaria, Brazillano Bandeira de Mello Cezar Loureiro.
Iguatemy	235	6	7	90	110	1	2	. . .	3	213	6	Foi ferido o 1º tenente commandante Justino José de Macedo Coimbra. Foi morto o 1º tenente immediato Joaquim Xavier de Oliveira Pimentel. Foi ferido levemente o major Antonio Luiz B. de Gouvêa.
Parnahyba	300	9	8	132	144	233	80	Foram mortos: o capitão do 9º de infantaria Pedro Affonso Ferreira, o tenente do 9º de infantaria Feliciano J. de Andrade Maia e o cadete Caetano Alves Pacheco, o guarda-marinha João Guilherme Greenhalgh e o imperial marinheiro de 1ª classe Marcilio Dias. Foram feridos dois officiaes e tres cadetes do 9º batalhão de infantaria.
Araguary	250	8	6	81	77	1	4	1	. . .	172	6	
Mearim	260	7	4	118	63	1	3	1	4	192	10	Foram mortos: o aferes do corpo de policia do Rio, Pacheco de Miranda, e o guarda-marinha Antonio Augusto de Araujo Torreão.

3ª divisão

Commandante, capitão de mar e guerra José Segundino de Gomensoro (foi contuso).

Jequitinhonha . .	530	11	6	109	160	8	15	10	16	230	50	Foram mortos: o pratico André Motta e o guarda-marinha Francisco José de Lima Barros. Foram feridos: 1º tenente Francisco José de Freitas, 2º tenente Manoel Nogueira de Lacerda, aferes do 1º de infantaria Sebastião Raymundo Ewerton, guarda-marinha Manoel do Nascimento Castro e Silva.
-------------------	-----	----	---	-----	-----	---	----	----	----	-----	----	--

NAVIOS	TIROS DE ARTILHARIA	GUARNIÇÃO				MARINHA		EXERCITO		TOTAL DA GUARNIÇÃO	FÓRA DE COMBATE	OBSERVAÇÕES
		Officiaes de marinha	Officiaes do exercito	Praças de marinha	Praças do exercito	Mortos	Feridos	Mortos	Feridos			
Beberibe	256	9	8	169	138	6	11	4	4	3 24	22	Foi morto o mestre Juvencio Ignacio de Oliveira e ferido o tenente do C. de G. do E. Santo Manoel Francisco Imperial.
Belmonte	125	7	3	102	92	4	11	5	11	204	31	Foi morto o 2º tenente Julio Carlos Teixeira Pinto e feridos o 1º tenente commandante Joaquim Francisco de Abreu e o pratico João Baptista Pozzo.
Ypiranga	270	8	4	98	61	1	2	3	171	6	Ferido o alferes do batalhão Dep. Santa Catharina Don Faustino José da Silveira.
Mosquetaria.....	Ignora-se. O numero de tiros foi calculado approximadamente em 75.000.
Total	2.581	80	56	1.033	1.091					2.230	215	Dos 2.230 promptos havia cerca de 200 doentes. De 2.100 combatentes ha 245 fóra de combate ou 11,8 %.

O prejuizo do inimigo foi de 6 baterias fluctuantes e de 4 navios de guerra, *Paraguay, Jajuy, Salto Oriental e Marquez de Olinda*. Teve mais de 3.000 homens fóra de combate na esquadra e em terra.

A' excepção do combate do Alegre em Matto Grosso, a 11 de julho de 1867, e do fogo do Tahy, a 2 de novembro do mesmo anno, em que foi mettido a pique o vapor *Vinte e Cinco de Maio*, nunca mais se viu em combate a esquadra paraguaya. Na desastrosa fuga do dictador Lopez para o Norte, quando occupámos Caraguatay a 18 de agosto de 1869, vimos arder e voar pelos ares os 6 ultimos vapores paraguayos, *Salto de Guayra, Apa, Paraná, Iporã, Pirabebe e Anhambahy*.

O Governo brasileiro instituiu uma medalha commemorativa da batalha de Riachuelo e ordenou que a fragata *Amazonas* trouxesse junto á roda do leme a insigña do Cruzeiro, e no mastro de prôa a fita da mesma ordem.

A's 4 horas o *Amazonas* dirigiu-se para as quatro chatas que ainda faziam fogo e ostentavam a bandeira paraguaya á popa de cada uma. Com alguns tiros de metralha obrigou as guarnições a saltar ao rio e fugir, e aprisionou as chatas.

E' difficil relatar completamente todos os episodios desta celebre batalha é ao proprio almirante na confusão do combate, e pela distancia em que por vezes se achou de alguns navios de sua esquadra, não era possivel conhecer de todos os detalhes. A iniciativa de seus bravos e distinctos commandados, muito peso teve no desenlace glorioso.

Disse ao Governo em seu relatorio : « *Qualquer distincção que faça necessariamente terá de desgostar* », pois tanta convicção tinha o almirante, que todos haviam cumprido á risca as suas ordens e signaes e principalmente aquelle que no começo logo arvorara : « *O Brazil espera que cada um cumpra o seu dever.* »

Todos estes valentes filhos do Brazil que estiveram em Riachuelo, quer do exercito quer da armada, cumpriram com o seu dever, e é dever da historia rememorar os seus nomes á admiração dos posteros e para exemplo e emulação da mocidade.

O destroço da esquadra paraguaya foi completo, e a batalha de Riachuelo um golpe mortal nas ambições de Lopez. Não se improvisa uma esquadra, nem sempre a força bruta esmaga a sciencia. Os vapores paraguayos vinham atonetados de soldados valentes sem duvida, temerarios, mas ignorantes.

Tinham muitos canhões, porém, eram pessimos artilheiros.

A iniciativa dos officiaes paraguayos, com raras excepções, era nulla ; obedeciam cegamente ás ordens d'*El Supremo*, e sabiam que elle não perdoava uma derrota.

Ao chegar o velho chefe Meza com os restos da esquadra, Lopez nem quiz ouvir-o ; e, não obstante seus 70 annos e o glorioso ferimento que havia recebido no hombro, condemnou-o a ser fuzilado.

Eram 7 horas da noite, o almirante deixando junto á *Jequitinho* os companheiros a protegel-a, estando a gloriosa *Parnahyba* fundeada em posição distante do inimigo, dirigiu o *Amazonas*, proximo a sua irmã de victoria, a *Belmonte* e mandou largar ferro.

Só então desceu á sua camara, deixou as armas, levou a mão ao peito, tirou o Santo Crucifixo, e guerreiro christão, rendeu graças a Deus, por ter conseguido com seus bravos camaradas: « *Dar mais um dia de gloria ao Brazil.* » ¹

Lopez no dia 12 escrevia ao seu ministro Berges que se achava em Corrientes :

« Humaitá, junio 12 de 1865. Mi estimado Sr. Berges.

Hé recibido sus comunicaciones telegraficas de ayer dia hasta ia última de la primanoche, em que me communicaba el mal exito de la jornada del dia. Sin el retiro que nuestros vapores han hecho del Riachuelo, todo se habria conseguido y la cosa hubiera tenido otro nombre. La sola presencia de esas embarcaciones hubieran reportado la ventaja que les ha faltado, pero asi no ha sucedido, aunque la jornada no ha sido por eso menos gloriosa. Lea U. el adjunto despacho para el commandante Bruguez y cerrando devuelva al portador para que siga con él, y digale á Bruguez que si quiere mande buscar los canones que están en esa ciudad.

Soy de U. muy atento.— F. S. LOPEZ.»

Ao escurecer o dia 11, o bravo commandante da *Jequitinhonha*, capitão-tenente Joaquim José Pinto, quizera por meio de uma espia safar o seu navio encalhado ; não o podia porém, por ter perdido no combate a lancha e os escaleres.

Approximou-se então a *Iguatemy* ², tambem muito maltratada, para dar-lhe espia ; mas atravessôu-se na pròa da *Jequitinhonha*, sem poder safar-se sinão quando chegou o *Ypiranga*, que a rebocou.

¹ Estudo — A Batalha do Riachuelo — Joaquim Ignacio da Fonseca.

² IGUATEMY — Canhoneira à helice.

Machina, força.	80 C. V.
Toneladas.	406
Comprimento.	44 ^m ,20
Bocca.	7 ^m ,01
Calado até 7,5 p's.	2 ^m ,28

Artilharia

3 canhões obuz de 2 ^a classe.	68
2 » » de 5 ^a »	32

Querendo então o *Ypiranga* safar o *Jequitinhonha*, não o pôde fazer; e elle proprio encalhou, gastando-se todo o dia 12 e parte da noite para livral-o desta perigosa posição, sem o conseguir.

Ao meio-dia veio o capitão de fragata Theotonio Raymundo de Brito, commandante do *Amazonas*, com algumas das canhoneiras em melhor estado; e muito trabalharam sempre debaixo do fogo das baterias paraguayas e a ella respondendo todo o dia 12 e 13, até que a *Mearim* conseguiu safar o *Ypiranga*¹, não podendo, porém, salvar o *Jequitinhonha*.

Guarnição

Marinha.	96	} 213 combatentes.
Exercito.	117	

Officialidade

Commandante, 1º tenente Justiniano José de Macedo Coimbra, 1ºs tenentes Francisco Xavier de Oliveira Pimentel, José Gomes dos Santos, piloto João Bernardino de Araujo, 2º cirurgião Dr. Joaquim de Carvalho Bettamio, commissario Francisco Martins de O. Godoy, escrivão José Bonifacio de Azambuja Neves, pratico do rio Thomaz Manceira, corpo policiaal do Rio de Janeiro, — tenente-coronel João José de Brito, major Antonio Luiz Bandeira de Gouvêa, capitão Domingos Carlos de Sã Miranda, tenentes Pedro Martini, Candido José Corrêa da Silva Bourbon, alferes Luiz José Garcia, Antonio Luiz Rodrigues.

Avarias em combate

Tres balas de artilharia EB. abaixo do lume d'agua, duas ditas a meio navio, uma na amurada, outras arrombaram a borda do trincaiz e inutilisaram os cabeços da portinhola do rodizio de ré.

Uma bala no costado a BB. ao lume d'agua abaixo da mesa do traquete; as trincheiras inutilisadas, bem como toda a borda da enxarquia do traquete para ré; cabeços de BB. inutilisados, e olhaes onde engatavam os vergueiros da artilharia.

O mastro grande inutilisado, o mastro de traquete muito damnificado, o gurutpés totalmente inutilisado.

Dous escaleres de 10 e 12 remos perdidos, um turco de ferro cortado a meio.

A chaminé da machina tem diversos rombos, todos os cabos cortados e muitos cadernaes e moitões partidos; 1 morto e 5 feridos.

¹ YPIRANGA— Canhoneira a helice:

Machina, força.	70 C. V.
Toneladas.	325
Comprimento	43 ^m .
Bocca	6 ^{ms} , 71
Calado a ré.	2 ^{ms} , 83

Artilharia

1 canhão obuz de 2ª classe.	30
6 ditos de 5ª classe	30

O commandante Brito mandou que fosse a maior parte dos soldados da guarnição para os outros navios, ficando o resto para embarcar, quando nos atacassem de terra.

Foi-se então espiar um ferro pela prôa para aguentar o navio.

Neste serviço estavam quando rompeu de terra um fortissimo fogo, que durou até á noite, não só da primitiva bateria do coronel Bruguez, como de uma outra de 11 boccas de fogo, estabelecida então no alto da barranca, em posição de varrer o convez da *Jequitinhonha* de popa á prôa, de tal modo que tornou-se impossivel trabalhar na tolda.

Nesta occasião, o bravo 1º tenente Estanislau Przewodowsky, de baixo do mais vivo fogo de artilharia e de fuzilaria, foi levar uma ordem á *Jequitinhonha*, o que fez n'um escaler da *Beberibe*, subindo por um cabo ao convez varrido de metralha, podendo felizmente dar cumprimento ao seu mandato.

No dia 12, o chefe da 3ª divisão, capitão de mar e guerra José Segundino de Gomensoro, se havia retirado contuso para bordo do

Guarnição

Marinha.....	106	} 171 combatentes.
Exercito.....	65	

Officialidade

Commandante, 1º tenente Alvaro Augusto de Carvalho, 1º tenente, immediato, Joaquim Candido dos Reis, 2º dito José Candido Guillobel, 2º dito Antonio Maria do Couto, guarda-marinha Francisco A. de P. B. Brandão, 2º cirurgião Manoel Joaquim de Saraiva, commissario D. José de T. N. A. Vasconcellos, escrivão João Carlos de Gouvêa Faria, pratico do rio José Ricardo.

Batalhão de deposito de Santa Catharina

Tenente João Correia de Andrade, alferes Antonio Firmino da Costa, dito José Joaquim Rodrigo de Araujo, dito D. Faustino José da Silveira.

Avarias em combate

Tres balas a BB., sendo uma ao lume d'agua, dous rombos, as mesas do traquete espedaçadas, a trincheira arrombada em diversas partes.

Duas balas a EB., o cobre cortado ao lume d'agua na prôa, 10 rombos, o contradormente na altura da mesa da gata muito arruinado, o ferro alluido. O panno soffreu alguma cousa, particularmente a bujarrona.

Os 1º e 3º escaleres soffreram muito.

A chaminé foi furada e o pequeno canudo do gaz foi degolado.

Morto 1, feridos 5.

Amazonas e os doentes e feridos da *Jequitinhonha* foram para bordo do *Beberibe*.

A corveta *Jequitinhonha*, toda esburacada, estava positivamente arruinada e perdida.

De sua guarnição, cinco officiaes e 45 praças, ou 18 0/0, estavam fóra de combate. Infelizmente havia sido morto, pouco depois de encalhar, o seu bravo pratico André Motta; e a falta delle para as manobras de safar debaixo do medonho canhoneio do dia 11, deu motivo a que a corveta cavasse a cada esforço a propria sepultura.

Calava de pôpa 12 pés ou 3^m,75, quando encalhou na manhã de 11. Quando se abandonou, depois de encravadas as peças, ella estava enterrada de 19 pés ou 5^m,70. Sómente com uma enchente do rio, e concertados todos os rombos, se poderia salvar o *Jequitinhonha*, mas o rio baixava cada vez mais, indicando assim ao victorioso Barroso a descida, como meio de salvação para os seus navios, que precisavam urgentemente de concertos.

Devia-se ter lançado fogo ao *Jequitinhonha*,¹ pois assim não aproveitariam os paraguayos a artilharia deste navio, que vieram buscar depois e que lhes serviu mais tarde contra o nosso exercito.

Foi imprudencia a esquadra ter acceito combate naquelle logar, onde as baterias de terra muito damnificaram os nossos navios, mas, por ser maior o perigo, foi maior a gloria das armas brasileiras. Este combate firmou a reputação da nossa marinha,² que ficou considerada como rival das marinhas de guerra europeas em disciplina e sciencia, porque todos os officiaes portaram-se com igual sangue-frio

¹ O *Jequitinhonha* foi abandonado no dia 13 á noite. O commandante Joaquim José Pinto havia feito preparar tudo na camara e em seu camarote para fazer saltar o navio, porém consta que não o fizera a pedido de varios officiaes, que ainda nutriam a infundada esperanza de no outro dia safar o navio. Retirou-se por ultimo com o capitão de fragata Theotônio Raymundo de Brito, o major Francisco Maria dos Guimarães Peixoto e cerca de 100 praças, entre soldados e marinagem, na *Araguary*.

No dia 14, ás 6 horas da manhã, foi de novo a *Araguary* afim de incendiar a *Jequitinhonha* e o *Paraguay*.

O *Paraguay* foi incendiado, não podendo sel-o a *Jequitinhonha*, pelo furioso canhoneio com que foi recebida a *Araguary*, quando procurou cumprir essa ordem.

² Apreciando o combate naval de Lissa, um jornal inglez comparou o almirante Teghetoff ao chefe Barroso.

O *Morning Herald* disse:

« O Brazil justificou a sua pretensão de ser considerado a primeira nação da

e bravura ; o que não se poderia exigir sinão de veteranos, si bem que a mór parte dos commandantes brazileiros fossem officiaes novos, ainda não acostumados aos combates.

As consequencias de uma derrota da nossa esquadra eram a immediata hostilisação dos portos e cidades argentinas no Rio da Prata, pelos navios de guerra do Paraguay ; a marcha victoriosa do exercito de Robles, a sublevação dos partidos contrarios ao Brazil nas duas republicas e a paralysação, por muito tempo, das nossas operações de guerra nas margens do Uruguay. E' preciso notar que no dia 10 de junho de 1865, vespera da batalha de Riachuelo, o coronel Antonio de la Cruz Estigarribia atravessava o Uruguay, no passo de S. Borja, á testa de uma forte divisão de 7.300 homens, com 6 boccas de fogo, e invadia a provincia do Rio Grande do Sul. Ao mesmo tempo uma outra columna de 3.400 paraguayos commandada pelo sargento-mór (major) Pedro Duarte, seguia parallelamente pelo territorio argentino, da margem direita do Uruguay, como para servir de ligação entre o exercito de Robles e o de Estigarribia. Conforme os planos de Lopez, devia o general Robles, de Bella Vista e Goya, tomar pelo centro e marchar sob Uruguayana e Concordia á ligar-se ás columnas de Duarte e Estigarribia, formando um poderoso exercito de 37.000 homens. Daria a mão ao partido blanco oriental, aos anti-mitristas argentinos e aos entrerrianos para de uma vez aniquillar o exercito, então em formação, do general Manoel Luiz Ozorio.

Todos os navios da esquadra haviam recebido serias avarias, e o chefe Barroso viu-se obrigado a demorar alli alguns dias. O *Jequitinhonha* estava perdido, mas salvou-se a *Belmonte*, que era de todos o mais damnificado. Com immenso trabalho taparam-se-lhe os rombos, muitos dos quaes abaixo da linha de fluctuação, e fez-se o navio sobrenadar.

No dia 17 estava prompta a esquadra para descer ; e isto era necessario, não sómente por causa dos doentes e feridos, como pela

America do Sul, e o direito a ser de futuro inscripto entre as grandes potencias da Europa. »

O *Moniteur Universel* exprimiu-se da seguinte maneira :

« A esquadra brazileira mostrou quanto pôde a bravura, alliada á sciencia e á disciplina ; e o modo por que manobram as canhoneiras colloca a armada do Brazil e sua officialidade a par das marinhas europeas. »

necessidade de refazer-se de mantimentos e receber reforço para as guarnições. O general Robles, desejoso de bloquear-nos a esquadra e prendel-a entre dous fogos, deixou o tenente-coronel Bruguez em Riachuelo e fortificou as barrancas de Mercedes, na barra do arroio Empedrado, abaixo da esquadra. Alli estabeleceu uma forte bateria sobre a barranca, onde as sinuosidades do canal e a existencia de um banco, obrigavam os navios a passarem perto da margem esquerda.

Tendo verificado este novo obstaculo, o chefe Barroso resolveu, sem mais demora, forçar o passo antes que o inimigo o tornasse mais difficil. No dia 18 de junho, apesar do mortifero fogo de uma bateria de 68, e de um troço de infantaria de mais de 1.000 homens, a esquadra passou a tiro de pistola pela fortificação de Mercedes, ás 11 horas da manhã, respondendo com vigoroso fogo á bateria inimiga.

Tivemos de lamentar a morte do capitão-tenente Bonifacio Joaquim de Sant'Anna ¹, commandante do *Beberibe*, que foi morto em seu posto de honra, no passadiço, por uma bala de fuzil e mais um morto e 12 feridos.

A esquadra foi fundear no *rincão* de Ceballos, 12 leguas abaixo de Corrientes, e dias depois veio ancorar no Chimboral, cerca de 10 milhas acima de Bella-Vista, então occupada pelo inimigo.

Tendo conhecimento do resultado da batalha de Riachuelo, e que Urquiza estava de pleno accordo com Mitre, o general Robles, cujas

¹ Bonifacio Joaquim de Sant'Anna, nascido no Rio de Janeiro a 5 de julho de 1822, assentou praça em 17 de novembro de 1838. Foi guarda-marinha em 10 de dezembro de 1840, 2º tenente a 14 de março de 1842, commandante do brigue de guerra *Andorinhas* a 10 de maio de 1851. Fez a campanha do Rio da Prata, sendo condecorado em 1852. Condecorado com os habitos de Aviz em 1859 e da Rosa em 1860. Commandou o vapor *Japorá* e o brigue *Fidelidade*. Capitão-tenente em 2 de dezembro de 1860. Commandante da corveta *Nitheroy* em 1864. Commandante effectivo da corveta *Beberibe* em 2 de outubro de 1864. Assistiu ao bombardeamento da praça de Paysandú. Commandava a *Beberibe* em Riachuelo. Em 18 de junho, achando-se gravemente doente e não obstante haver entregue o commando ao seu immediato, 1º tenente João Gonçalves Duarte, apesar de rigorosa prohibição do medico, fez um esforço poderoso e mandou-se conduzir ao passadiço, de onde queria compartilhar a sorte de seus companheiros!

Uma bala inimiga, ferindo-o então no alto da cabeça, poz termo a essa existencia preciosa, que deixou um grande vacuo no quadro da armada. Tinha então 43 annos.

Era um bravo. Morreu sacrificando-se ao cumprimento do dever.

Na bateria paraguaya havia 26 peças estabelecidas e dirigidas pelo general Robles e pouco antes do combate chegaram mais 10 peças do 2º de artilharia a cavallo, commandante Bruguez e os batalhões 20º, 21º e 23º com 18 companhias de 180 homens cada uma ou mais de 3.000 homens sob o commando dos capitães Cerpedes, Soza e Troché. Robles commandava.

tropas estavam em marcha para Goya, depois de haverem occupado Bella-Vista, retrocedeu no dia 13 a marchas forçadas sobre Corrientes; recolhendo os corpos destacados, e sendo hostilizado pelos generaes Paunero e Caceres, veio acampar a 6 leguas ao sul de Corrientes.

O presidente Francisco Solano Lopez, enfurecido pelo máo exito da batalha de Riachuelo, ainda mais enfureceu-se ao saber do movimento de retirada do seu lugar-tenente, que parecia consequencia da derrota de sua esquadra; pois elle queria a todo custo que o combate de Riachuelo, si não fosse considerado como uma victoria para elle, fosse tido ao menos como um feito de pouca importancia para o seguimento das operações.

A imprensa paraguaya commentava o abandono do *Jequitinhonha* e a retirada da esquadra brazileira para o Chimboral, depois do fogo de Mercedes, como uma consequencia do combate de Riachuelo e portanto como uma victoria para o Paraguay; e como trophéo desta apparente victoria, Lopez mandara tirar a artilharia do *Jequitinhonha* e leval-a para Humaytá.

A 24 de junho o presidente Lopez nomeou o general Resquin segundo commandante do exercito e chefe de toda a cavallaria; e em começo de julho mandou pelo general Barrios, seu cunhado e ministro da guerra, prender o general Robles.

D'ahi o desgraçado foi levado para os carcerees de Humaytá e pouco depois fuzilado. ¹

¹ Resquin, promovido a general, foi nomeado a 24 de junho segundo commandante do exercito paraguayo em operações em Corrientes e chefe de todas as cavallarias.

Lopez estava descontente com o general Robles, em consequencia de enredos do coronel Allen, chefe do estado-maior, que asseverara em cartas, que Robles correspondia-se com chefes correntinos. Robles foi preso no acampamento do Empedrado em 23 de julho.

Resquin ficou commandando o exercito, que tinha então 20.000 homens e 30 peças, e inaugurou o seu commando marchando logo sobre Goya e organizando o saque da parte da provincia dominada pelo seu exercito. Do trabalho ha pouco publicado por D. Juan Silvano Godoy em Buenos-Aires extrahimos o seguinte:

« A 20 de julho de 1865, Lopez ordenou a um de seus generaes que fosse a Corrientes, e dalli lhe remetteste preso sob guarda segura o general commandante da divisão do sul.

— Que forças levo, senhor? consultou o emissario.

— Um ou dous de seus ajudantes, e este prego, que V. lhe apresentará, respondeu o marechal, entregando-lhe uma folha de papel fechada e lacrada.

Guardando o mysterioso prego, que era para elle como a trombeta encantada

Poucos dias depois o exercito paraguayo avançou de novo e veio occupar Bella-Vista, e em seguida continuou a avançar sobre Goya.

A esquadra brasileira continuou ancorada no Chimboral todo o mez de julho e ahi foi reforçada pelos vapores *Magé*, *Ivahy* e *Itajahy*, e 380 praças do corpo de voluntarios da patria, da Cachoeira, que vieram no transporte *Apa* e foram repartidas pelas corvetas *Magé* e *Beberibe*.

O *Apa* trouxera tambem munições, e em fins de julho estava a esquadra de novo prompta para combate.

No correr deste mez de julho o exercito paraguayo occupou o norte da provincia de Corrientes, chegando suas avançadas até Goya.

O general Paunero, com uma divisão de cerca de 4.000 homens, conservava-se ao sul do rio Corrientes, a 12 leguas ao Sul de Goya.

Resquin e Bruguez fizeram então fortificar as barrancas de Cuevas com poderosa artilharia: 38 boccas de fogo, oito estativas de foguetes a Congreve e uma força de infantaria superior a 2.000 homens.

Em fins de julho o chefe Barroso declarava necessario que a esquadra descesse até o *Rincão do Soto*, que fica entre Goya e o rio Santa Luzia, pois a constante baixa das aguas do Paraná a isto o obrigava, bem como porque lhe constava tambem que os paraguayos haviam fortificado um ponto da costa abaixo do lugar onde estava a esquadra, que constava serem as barrancas de Cuevas, posição formidavel, por ser estreito e tortuoso o canal, unico por onde podia descer a esquadra.

da lenda, com o poder de evocar milhares de combatentes, o emissario sentiu retemperado o seu espirito, tomado da certeza de que seria plenamente obedecido.

Abalou para bordo do *Igurey* e levantou ancora, seguindo a desempenhar sua commissão.

Horas depois, desembarcava no porto do Empedrado, apenas acompanhado de um official subalterno.

Ao chegar á barraca do general em chefe, este se adeantou a recebê-lo, estendendo-lhe cordialmente a mão. «Alto, disse-lhe Barrios, fazendo-o recuar com um gesto, não dou a mão a traidores: por ordem suprema, está V. preso! E passou-lhe o prego, que trazia.

O general abriu e leu tranquillamente. Estava no meio de trinta mil homens disciplinados por elle; por todos elles respeitado e obedecido incondicionalmente — tres annos havia que não conheciam outra autoridade nem superior immediato desde a formação do acampamento de Cerro-Leon. Entretanto, cabisbaixo e como fulminado por um poder superior, entregou humildemente sua espada, sem proferir palavra!

No dia seguinte chegou a Humaytá, foi submettido a um conselho de guerra, e fuzilado pelas costas, accusado de alta traição.»

A 8 de agosto recebeu o chefe Barroso a ordem do vice-almirante Tamandaré para descer abaixo das barrancas de Cuevas.

A esquadra compunha-se então dos seguintes navios:

Amazonas, Beberibe, Magé, Belmonte, Itajahy, Ivahy, Ypiranga, Mearim, dos transportes *Apa, Peperiguassú* e da barca *Quarahim*.

Estava reunido á esquadra o vapor de guerra argentino *Guardia Nacional*, commandado pelo chefe Muratore.

No dia 9 de agosto, o chefe Barroso deu suas ordens afim de que no dia 10 pela manhã a esquadra descesse com todas as guarnições a postos, com a artilharia prompta para responder vigorosamente ao inimigo, conservando no convéz sómente o pessoal necessario ás manobras, afim de evitar maior perda na guarnição.

No dia 10 toda a esquadra suspendeu ferros ás 8 horas da manhã, seguindo na frente a *Ivahy*, depois a *Itajahy*, logo atraz a *Beberibe* e em seguida o *Amazonas*, em cujas aguas vinha rompendo o *Guardia Nacional*, e assim os outros navios até o Ypiranga, que cerrava a linha, o *Apa* trazia a BB. o brigue *Pepiriguassú* e a EB. a barca *Quarahim*; a *Mearim* trazia a EB. a chata com o gado.

A' 1 hora passou a esquadra em frente a Bella-Vista; e cerca de duas leguas abaixo avistou-se do lado do charco uma bandeirola branca. D'ahi partiu uma canôa tripolada por dous homens e atracou ao *Amazonas*. Pouco depois partiu do navio almirante o signal de fundear, o que se executou. As escunas mercantes, que desde o Chimboral acompanhavam a esquadra, com ella fundearam, á excepção de uma que continuou rio abaixo ¹

Soube-se então que o inimigo havia, desde a noite anterior. reunido muita tropa junto ás barrancas de Cuevas, onde se achavam em bateria grande numero de grossas peças de artilharia e de estativas. Soube-se tambem que as baterias paraguayas estavam cobrindo um espaço de cerca de uma legua (3 milhas), o que indicava grande numero de boccas de fogo. Attendendo á velocidade do rio e a que se podia imprimir aos navios, e bem assim ás difficuldades, a esquadra levaria

¹ E' preciso notar que as embarcações de pouco calado passavam do lado do charco sem soffrer do fogo inimigo.

cerca de 20 minutos para forçar o passo, recebendo fogo os navios um apoz outro de prôa, de perfil, e pela pôpa. Sendo a artilharia paraguaya sempre servida por grande pessoal e abundante de munições, devia-se calcular em mais de 20 o numero de tiros de cada bateria; portanto a esquadra ia levar, além de 1.000 tiros de artilharia, cerca de 60.000 de mosquetaria.

O almirante Barroso deu ordem para investir-se pelas baterias de Cuevas no dia 12.

A's 9 horas suspendeu toda a esquadra, trazendo cada vapor uma escuna no costado de EB. á excepção da *Ivahy* que constituia a vanguarda.

Commandava esta canhoneira o 1º tenente Guilherme José Pereira dos Santos. ¹ Este vapor não havia assistido aos gloriosos feitos de Riachuelo e Mercedes.

A sua guarnição e o seu valente commandante anciavam por distinguir-se.

A *Itajahy*, commandada pelo 1º tenente Cotrim, vinha logo depois da *Ivahy*, tambem queria provar que era digna emula dos seus bravos companheiros de Riachuelo.

Quando a *Ivahy* approximou-se dos primeiros barrancos e rompeu o fogo, o inimigo respondeu lentamente; não queria desmascarar as suas peças. A esquadra já se achava em linha, o almirante ordenou que a *Ivahy* e a *Itajahy* investissem pelo passo fortificado das barrancas, sendo seguidas por todos os outros navios. Neste momento rompeu um fogo de artilharia e fuzilaria de tal modo seguido e nutrido, que mal se podia distinguir algum tiro isolado; era um echo unisono e terrivel de cem boccas de fogo e de cerca de 4.000 espingardas de parte a parte a fazerem fogo.

A posição era imponente, bem armada e com bons cruzamentos de fogo.

A chuva de ferro e de chumbo durou mais de 20 minutos.

Houve navio que recebeu mais de 30 balas de artilharia.

¹ O 1º tenente Guilherme José Pereira dos Santos falleceu a 2 de novembro de 1868, já capitão de mar e guerra, no naufragio da lancha a vapor *Pimentel*, no Alto Paraná: Era um distincto official e valente a toda prova.

O *Ypiranga*, que cerrava a linha e que pela sua pouca marcha ficou atrazado, teve de receber só, isolado, todo o fogo que recrudescceu então por parte do inimigo.

Graças á sua boa construcção não ficou elle inteiramente arruinado; tinha furos ao lume d'agua, a mastreação varada e a amurada muito arruinada.

O *Amazonas*, além de muitos estragos no casco e na mastreação, recebeu uma bala na machina. A *Itajahy* teve a cabeça do leme esfancheada ¹, no logar mais perigoso da passagem, o que a ia fazendo perder o governo.

A *Magé* teve tambem grandes avarias; e o *Guardia Nacional* ficou muito maltratado e com furos ao lume d'agua.

Este navio argentino portou-se admiravelmente neste combate; teve dous guardas-marinha mortos e um official ferido. No mais acceso do combate uma bomba arrebentou perto do leme, poz fóra de combate os quatro homens que alli estavam e o navio ia desgovernando, quando o chefe Muratore, em pessoa, acudiu ao leme, e debaixo de medonho fogo poz o navio a caminho. Tivemos fóra de combate ² 32 praças, sendo 20 mortas, em cujo numero o alferes do 14º batalhão

¹ O imperial marinheiro Francisco Pereira Barbosa, moço de 19 annos, governava a canhoneira, quando uma bala chocou o leme, esfancheando-lhe a cabeça, e poz fóra de combate os tres outros marinheiros seus companheiros de manobra. Pereira Barbosa não mostrou a menor pèrturbação; placido e firme como a estatua do dever, continuou empunhando a roda do leme e imprimindo ao navio a direcção ordenada. Honra aos nossos marinheiros e soldados!

² Pelas partes officiaes do chefe Barroso e do coronel Bruce vê-se:

Amazonas — 1 soldado do 1º de infantaria contuso;
Beberibe — 5 marinheiros mortos e 9 feridos;
Ytajahy — 3 marinheiros mortos e 8 feridos;
Magé — 5 mortos do 14º batalhão de voluntarios da patria, 1 ferido, e 1 marinheiro ferido;
Belmonte — 1 morto do 1º batalhão de artilharia a pé;
1 marinheiro morto, 1 ferido do 1º batalhão de artilharia a pé e 1 marinheiro ferido;
Ypiranga — 1 marinheiro morto, 2 soldados do 12º de voluntarios da patria feridos, 5 marinheiros feridos.
Ivahy — 3 soldados do 9º batalhão de infantaria feridos;
Peperi-guassú — 1 soldado do 9º batalhão de infantaria morto;
Mearim — 1 marinheiro morto;
Apa — 1 marinheiro morto;
Quarahim — 1 marinheiro morto.
Total 20 mortos e 32 feridos.
Fóra de combate 52.

de voluntarios da patria (cachoeiranos) Marcellino Barboza Leal, o aspirante de marinha Joaquim Candido do Nascimento.

O *Guardia Nacional* teve quatro mortos ; dos quaes dous guardas-marinha e cinco feridos, entre elles um official.

Em Mercedes e Cuevas as avarias dos nossos navios (de madeira) foram taes, que o almirante resolveu não expôr mais a esquadra em inuteis combates contra baterias volantes, em que todas as desvantagens e perigos eram para os nossos ; resolvido a esperar a chegada dos primeiros encouraçados, para tornar então mais effectivas as operações navaes.

Deu ordem ás divisões do Paraná, para occupar sempre posições em que não podesse o inimigo assestar baterias á sua retaguarda. ¹

¹ De um mappa encontrado no Archivo extrahimos:

9ª brigada

Mappa dos officiaes e praças dos corpos e contingentes que, fazendo parte da brigada, falleceram até 12 de setembro de 1865:

Do 1º batalhão de artilharia a pé

1 soldado morto no ataque de Corrientes ;
1 soldado morto no combate de Riachuelo ;
1 soldado morto no combate de Cuevas.

Do 1º de infantaria

10 praças mortas em Riachuelo ;
1 praça de ferimentos no Riachuelo ;
2 praças de diversas enfermidades.

Do 7º batalhão de infantaria

1 soldado de enfermidade.

Do 9º batalhão de infantaria

1 soldado morto em Corrientes ;
1 soldado ferido em Corrientes ;
2 officiaes, 3 cabos, 5 musicos e 10 soldados mortos no combate de Riachuelo ;
1 forriel e 3 praças feridos em Riachuelo ;
1 soldado morto em Cuevas ;
1 capitão, 2 cabos e 26 praças que falleceram de diversas molestias.

Do 11º batalhão de infantaria

1 soldado afogado ;
1 soldado morto em Riachuelo e 28 falleceram de molestias.

177

Resquin viu então desimpedido para os paraguayos o curso do rio Paraná até Goya, e organizou um verdadeiro saque em toda a zona da provincia occupada e dominada pelo seu exercito. Até mobílias das casas foram levadas para o Paraguay. M^{ms} Lynch, amasia de Francisco Solano Lopez, tinha em seu salão um piano novo roubado em Corrientes.

O general Caceres continuou com suas guerrilhas; e Paunero pouco depois marchou com a sua divisão para o Uruguay.

E' evidente que a victoria de Riachuelo foi um golpe de morte para a realização do plano de invasão de Lopez. Não conseguiu a junção no Uruguay dos exercitos de Robles, de Estigarribia e de Duarte. Não pôde levantar a seu favor os federaes das provincias centraes da Confederação Argentina, os de Entre-Rios e Corrientes; e, como consequencia, deu tempo á organização do exercito alliado no Uruguay e viu os exercitos ao mando de Estigarribia e de Duarte esmagados e aprisionados. Teve como unico proveito o saque e a devastação de parte da provincia de Corrientes. ⁴

Defesa da fronteira do Uruguay, organização do exercito; S. Francisco, Daiman, Concordia, Juquery-Grande, Ayuy-Guico, Revista dos Exercitos alliados, Esquadrilla do Uruguay; exercito de Flores, vanguarda; Urquiza, invasão de S. Borja, exercito paraguayo. S. Borja, Mbutny, combate de Jatahy, sitio e capitulação de Uruguayana.

Dos documentos relativos á invasão do Rio Grande do Sul, mandados colligir pelo ministro da guerra, para serem presentes ao corpo legislativo, em 1866, depreheende-se o que segue:

O general David Canabarro era commandante superior da guarda nacional e da fronteira do Uruguay.

Do 12º corpo de voluntarios da patria

1 tenente e 6 soldados mortos em Riachuelo, 7 soldados feridos em Riachuelo, e 56 praças falleceram de diversas molestias.

Ao todo 173 homens mortos.

Havia na brigada 1.487 praças; portanto, a mortalidade das praças embarcadas era de cerca de 12 1/2 %, sendo 4 % em combate ou de ferimentos e 8 % de molestias.

Farei notar que as praças embarcadas eram bem agasalhadas e bem alimentadas, o que não era possivel no exercito, por isso a mortalidade na esquadra era sómente de 8 %; enquanto no exercito ella foi muitas vezes superior á 12 %.

¹ Conversando e analysando estes acontecimentos, bem como a subida do Salto Grande do Uruguay pela esquadrilla, e as derrotas successivas de Jatahy e

Em fins de 1834 estava esta fronteira completamente desguarnecida, exceptuando apenas alguns pequenos destacamentos, quasi desarmados, sem disciplina e sem instrucção militar.

Para organizar o exercito, com que marchava sobre Paysandú, o marechal Menna Barreto, Barão de S. Gabriel, havia congregado e lançado mão dos poucos elementos de defesa que existiam na provincia.

Logo que o presidente, Dr. J. M. de Souza Gonzaga, recebeu as primeiras noticias da declaração de guerra do Paraguay, comprehendeu que a fronteira do Uruguay estava ameaçada, e resolveu mandar organizar com toda a urgencia duas grandes divisões da guarda nacional: a 1^a sob o commando do brigadeiro David Canabarro e a 2^a sob a direcção do coronel Barão de Jacuhy. Ambos eram conhecidos como excellentes chefes para as guerras do Sul, onde o principal elemento sempre foi a cavallaria irregular, composta de gaúchos, e que formava a quasi totalidade da guarda nacional da provincia.

Pelo relatorio do mesmo presidente vê-se a grande difficuldade que houve para reunir estas forças, vestil-as, armal-as e municipal-as. Vê-se que foi preciso crear e organizar tudo, pois nada havia nos depositos; o desarmamento do paiz era completo e ninguem julgava o Paraguay capaz de declarar a guerra.

Relatorio do presidente do Rio Grande do Sul

.
Em meados de dezembro de 1864 chegaram-me os primeiros annuncios de preparativos bellicos do Paraguay... já eu havia mandado reforçar a guarnição da fronteira de Missões, elevando-a a 1.071 homens da guarda nacional, e deliberei immediatamente a organização de uma divisão da guarda nacional sob o commando do bravo e distincto brigadeiro David Canabarro...

Uruguayana, dizia-nos um distincto companheiro, major de engenheiros Maximiliano Von Emerick, quando estava se organizando o 2º corpo de exercito em S. Borja: *Deus protege a causa do Brazil escandalosamente!!*

148

Organizei a divisão com duas brigadas : a 1ª sob o commando do coronel Antonio Fernandes Lima e a 2ª, do coronel João Antonio da Silveira.

Expedi ordens para marcharem para a fronteira do Uruguay a incorporarem-se á divisão os dous batalhões de linha 2º e 10º, que haviam chegado em fins de dezembro, e mandei remetter 8 canhões obuzes que estavam em S. Gabriel... Havendo falta de artilheiros, mandei guarnecer as oito boccas de fogo com praças da guarda nacional. Em fins de março chegaram á provincia os dous batalhões de voluntarios da patria 1º e 5º; ambos fiz marchar para a fronteira do Uruguay a incorporarem-se á divisão do brigadeiro Canabarro... Infelizmente, porém, os acontecimentos precipitaram-se mais rapidamente do que effectuaram-se as reuniões e organizações destes corpos. Assim é que a maior parte dos corpos de que se compõe a 2ª divisão foram chamados a destacamentos em novembro e dezembro de 1864, para defender as fronteiras de Jaguarão e de Bagé; entretanto só puderam chegar a seu destino em fevereiro de 1865¹...

Organizei a 2ª divisão, cujo commando confiei ao bravo coronel Barão de Jacuhy, com tres brigadas, cujos commandos foram confiados aos coroneis José Ignacio da Silva Ourives, Manoel Lucas de Lima e Tristão José Pinto...

GUARDA NACIONAL DESTACADA PARA O SERVIÇO DE CAMPANHA

Chamei a destacamento, para serviço de campanha, 33 corpos provisórios, 19 permanentes e 3 esquadrões. A força total já em serviço é de 14.287 homens. Importam em 3.521 praças os corpos que estão se reunindo. São, portanto, 17.808 praças de guarda nacional que foram chamadas a destacamento.

Teem havido deserções nos corpos da guarda nacional, e notando que o maior numero tem sido nos corpos que fazem parte do exercito em operações, calculo que sobem a 50 % as deserções nestes corpos, sob o total das forças dos mesmos.

¹ A invasão de Jaguarão por Munhoz e Apparicio teve lugar em fins de janeiro de 1865.

Dignando-se Sua Magestade perdoar os crimes de 1ª e 2ª deserção simples e as deserções aggravadas, expedi ordens aos commandantes superiores para reunir todos os guardas que estiverem nas condições do indulto, e remettel-os para a fronteira do Uruguay.

As qualificações da guarda nacional não são feitas com a devida imparcialidade e rectidão. Interesses locais e conveniencias influem poderosamente para serem qualificados na reserva cidadãos nas melhores condições para o serviço activo. São qualificados todos os desfavorecidos da fortuna e de protecção, aliás não tendo a renda da lei...

A força de cavallaria da guarda nacional qualificada para o serviço activo é de 26.000 homens. A reserva é de 14.000 homens.

Montam a 47 os corpos de cavallaria e 52 os corpos destacados: a provincia é dividida em 16 commandos superiores.

VOLUNTARIOS DA PATRIA

Demorei a execução, nesta provincia, do decreto n. 3371 de 7 de janeiro de 1865 e submetti á consideração do governo algumas duvidas, que enxerguei na immediata execução deste decreto.

Estavam-se organizando os corpos da guarda nacional e tive serios receios das rivalidades que se suscitariam pela concurrencia com os corpos de voluntarios.

Nos commandos superiores de Quarahim e de Missões os antagonistas do brigadeiro David Canabarro e do coronel Antonio Fernandes Lima procuravam dissolver os corpos já organizados naquellas fronteiras, promovendo deserções de guardas nacionaes, para alistarem-se como voluntarios. E guardas nacionaes já designados em serviço poderão ser admittidos como voluntarios?

Em 16 de maio de 1865 autorisei, emfim, a organização de um batalhão de infantaria nesta capital, e encarreguei deste serviço ao distincto general Luiz Manoel de Lima e Silva.

Autorisei tambem a organização de uma companhia de artilharia composta de antigos artilheiros allemães disseminados nas colonias.

ARSENAL DE GUERRA

O Arsenal de Porto Alegre estava reduzido á modesta condição de um deposito do Arsenal da Côrte. Estava atulhado de armamento e fardamento *inutilisado* e que devia ser dado a consumo, as officinas reduzidas a um pequeno pessoal, em sua maioria composto de menores.

Os depositos bellicos do Rio Grande e de Caçapava só continham armamento velho e inutil ; em S. Gabriel e Bagé havia algum pouco fardamento e armamento.

Ao Governo Imperial dei conhecimento deste estado de *desprevenção* dos depositos bellicos, para os acontecimentos que me pareciam seguir-se.

ARMAMENTO

Até este momento (4 de agosto de 1865), o Arsenal de Guerra está inteiramente desprovido de armamento de cavallaria, com excepção de lanças.

Comprei todas as espadas que havia nos mercados de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, e requisitei do chefe da missão especial em Buenos-Aires a compra de duas mil, e nesta occasião o Sr. Visconde de Tamandaré enviou-me 1.500 espadas e alguns clarins e pistolas.

Havia mil lanças no deposito de Itaqui e porção dellas no de Alegrete.

Nos depositos de Bagé e de Pelotas havia cerca de 800 lanças.

O armamento comprado a diversos e remettido em diversas datas até agora foi de:

Espadas	4.106
Lanças.	5.600
Clarins.	1.976
Mosquetões	703
Pistolas	2.139
Cartucheiras	4.200

Pêla informação, que dou do armamento, conhecerá V. Ex. que não podem estar os corpos bem armados.

FARDAMENTO

Além dos corpos da guarda nacional chamados a serviço, que era preciso fardar, os batalhões que vinham da côrte vinham necessitados de fardamento !!

Por deliberação approvada pelo Governo Imperial comprei na provincia a materia prima para 4.000 fardamentos.

A' vista das minhas reclamações, pela difficuldade de comprar na provincia a materia prima necessaria, o Governo Imperial, por aviso de 22 de janeiro de 1865, comunicou-me *que ia ser feita* a remessa para 20.000 fardamentos. Demorando-se esta remessa, mandei aqui contractar o fornecimento para 5.000 fardamentos e comprei mais nos mercados a materia prima para outros 5.000 fardamentos.

Para facilitar as transacções e evitar delongas, nomeei uma commissão de capitalistas e negociantes do Rio Grande para encarregar-se destas compras.

Acceitaram este pesado encargo os honrados negociantes Porphirio Ferreira Nunes, Euphrazio Lopes de Araujo e Felix José Rodrigues Soares Filho, os quaes prestaram-se a este serviço com muita actividade e dedicação.

Pela circumstanciada informação reconhecerá V. Ex. que a guarda nacional não está ainda toda bem fardada, é materialmente impossivel poder o Arsenal satisfazer de prompto as reclamações para fardamento; toda a guarda nacional da provincia apresenta-se a serviço em completo estado de nudez, e com as alterações constantes no pessoal dos corpos não ha fardamento que chegue.

MUNIÇÕES DE GUERRA

Bem poucas eram as munições de guerra existentes nos depositos.

Tendo-me requisitado o general em chefe do exercito em operações contra o Paraguay a remessa de munições para canhões obuzes, enviei o pedido para o Arsenal de Guerra da Côrte, porque não era possivel satisfazel-o aqui. S. Ex. determinou ultimamente fundar um laboratorio pyrotechnico para fabricar-se aqui todos os artigos de

guerra. Recommendou que a fundação fosse feita em condições modestas, mas... O encarregado de fundar e dirigir o estabelecimento é o capitão Jeronymo Francisco Coelho, que veio da côrte com o pessoal habilitado e que devia trazer as machinas, os utensilios e materia prima necessaria.

Comquanto não recebesse credito nem autorisação para as despesas não pequenas que são necessarias para comprar o terreno, edificar officinas, etc., para fundação do laboratorio, recommendei ao director nomeado que examinasse e informasse dos terrenos.

Ponderei, entretanto, a S. Ex. o Sr. ministro da guerra que não pouco tempo devia decorrer até á realisação pratica desta idéa e que as necessidades de munições eram taes, que não se podia esperar pelas que havia de produzir o *projectado* laboratorio.

Determinei ao director que empregasse o pessoal que veio da côrte, em fabricar cartuchame na officina existente.

Não tem faltado equipamento e arreiamento, que é fabricado na provincia.

De abarracamento ha grande falta. Poucas são as barracas que tem sido possivel remetter : não excedem de 600. Comprou-se materia prima para fabrical-as aqui, visto não poder o Arsenal de Guerra da côrte satisfazer os pedidos que tenho feito.

CAVALHADA

Não posso informar a V. Ex. qual o numero total dos cavallos que tem sido comprados para a guarda nacional.

Declaro que é bem avultado este numero, porque a cavallada fornecida aos corpos tem sido na razão de *tres cavallos* por praça. O preço da maior parte das compras foi de 20\$000.

Não dissimularei a V. Ex. que tem apparecido censuras relativamente a abusos nas compras de cavallada.

Não posso acreditar na procedencia destas censuras, á vista do systema que adoptei para as ditas compras. O systema invariavelmente seguido foi sempre encarregar da compra dos cavallos, na razão de tres por praça, aos commandantes superiores respectivos.

Não posso crer que abusassem ou autorisassem o abuso de confiança para prejudicar os cofres publicos.

Os pagamentos foram todos feitos á vista dos documentos passados pelos commandantes superiores e com os recibos dos commandantes dos corpos, na fórma das instrucções vigentes.

Receio-me de que o exercito ainda venha a sentir grande falta de cavalhadas, continuando o systema até aqui seguido.

SERVIÇO DE TRANSPORTE DE TREM BELICO E DE COMMUNICAÇÃO
COM A FRONTEIRA

O serviço de transporte de trem bellico era feito em carretas contractadas no Rio Pardo, onde chegava a navegação da companhia Jacuhy e do vapor *Flexa* do particular Antonio Diel, com quem contractei fazer uma viagem todas as semanas, ás quintas-feiras.

Sujeito o preço dos fretes das carretas ás alternativas de demanda e de offerta, não poucas vezes este preço subiu exaggeradamente. Além disso, não podia haver fiscalização alguma, nem certeza do tempo da viagem.

MAPPA DA FORÇA DA GUARDA NACIONAL DESTACADA

33 corpos provisorios de cavallaria, sendo — no exercito em operações :

8 corpos com.	3.224 praças
Na fronteira de Quarahim e Uruguay:	
10 corpos com.	3.927 »
Na fronteira de S. Borja :	
5 corpos com.	2.040 »
Na fronteira de Bagé:	
2 corpos com.	532 »
Na fronteira de Jaguarão:	
2 corpos com.	542 »

Na fronteira de Chuy :

1 corpo com 271 praças

Em marcha:

1 corpo com 271 »

Se organizando:

3 corpos com 971 »

Total. 11.778 »

MAPPA DA FORÇA DOS CORPOS PERMANENTES DE CAVALLARIA E INFANTARIA DA GUARDA NACIONAL EM SERVIÇO NA FRONTEIRA DE QUARAHIM E URUGUAY

3 corpos, 1 esquadrão e 1 batalhão. 1.577

1 corpo e 1 batalhão na fronteira de S. Borja com. 903

Em marcha:

4 corpos com 1.050

Reuniram-se:

9 corpos e 1 esquadrão. 2.550

Total 6.030

Total da guarda nacional. 17.808

Porto Alegre, 4 de agosto de 1865.— *J. M. de Souza Gonzaga.*»

Além desta força estavam com a 1ª divisão ligeira, commandada pelo brigadeiro David Canabarro, o 2º e o 10º batalhões de infantaria de linha, duas baterias com 8 bocas de fogo e 1º 5º batalhões de voluntarios da patria.

C — Mappa da força da guarda nacional do Rio Grande do Sul e seus destinos a 4 de agosto de 1865 e a 1º de abril de 1866.

AGOSTO DE 1865		ABRIL DE 1866	
8 corpos provisórios de cavallaria do exercito	3.224	47 corpos e 7 esquadrões	25.996
10 corpos provisórios na fronteira do Uruguay.	3.927	1 secção de artilharia	123
5 corpos provisórios na fronteira de S. Borja.	2.040	5 batalhões, 2 secções e 7 companhias de infantaria.	3.089
2 corpos provisórios na fronteira de Bagé	532	Total da guarda nacional activa . . .	29.238
2 corpos provisórios na fronteira de Jaguarão.	542	<i>Reserva</i>	
1 corpo provisório na fronteira do Chuy	271	12 batalhões, 18 secções, 8 companhias e 7 pelotões	14.312
4 corpos provisórios para Uruguayana	1.242	Total da guarda nacional chamada ás armas e em destacamentos	43.520
3 corpos permanentes, 1 esquadrão e 1 batalhão no Uruguay.	1.577	Na fronteira do Rio Grande e em destacamentos para serviço de policia	12.552
1 corpo e 1 batalhão em S. Borja	903	Existentes no exercito	23.467
13 corpos e 1 esquadrão em marcha	3.600	Total existente.	33.013
51 corpos e 2 esquadrões — Total. . .	17.868	Falta para o completo, licenciados, desertados, etc	7.501

Nota — Declara o presidente da provincia em seu relatório que as falhas e as deserções em certos corpos attingiram a 50 % do estado completo.

E. C. J.

152

MAPPA B — Comparativo da esquadra brasileira no Rio da Prata

1º DE ABRIL DE 1834	1º DE ABRIL DE 1835	1º DE ABRIL DE 1836	PEÇAS	GUARNIÇÃO
NAVIOS	NAVIOS	NAVIOS		
<p>Corveta <i>Jequitinhonha</i></p> <p>Corveta <i>Belmonte</i></p> <p>Corveta <i>Parnahyba</i></p> <p>Canhoneira <i>Mearim</i></p> <p>Canhoneira <i>Araguary</i></p> <p>Canhoneira <i>Ivahy</i></p> <p>Fragata <i>Amazonas</i></p> <p>Corveta <i>Recife</i></p> <p>Armamento</p> <p>46 peças.</p> <p>Guarnição</p> <p>749 combatentes.</p>	<p>Corveta <i>Jequitinhonha</i></p> <p>Corveta <i>Belmonte</i></p> <p>Corveta <i>Parnahyba</i></p> <p>Canhoneira <i>Mearim</i></p> <p>Canhoneira <i>Araguary</i></p> <p>Canhoneira <i>Ivahy</i></p> <p>Fragata <i>Amazonas</i></p> <p>Corveta <i>Recife</i></p> <p>Corveta <i>Paraense</i></p> <p>Canhoneira <i>Taquary</i></p> <p>Canhoneira <i>Nitheroy</i></p> <p>Canhoneira <i>Maracanã</i></p> <p>Canhoneira <i>Itajahy</i></p> <p>Corveta <i>Beberibe</i></p> <p>Canhoneira <i>Iguatemy</i></p> <p>Canhoneira <i>Araguay</i></p> <p>Corveta <i>Ypiranga</i></p> <p>Armamento</p> <p>103 peças.</p> <p>Guarnição</p> <p>2.334 combatentes.</p> <p>Achava-se a bordo como tropa de desembarque a 9ª brigada de infantaria e contingente de artilharia.</p>	<p>Perdida em Riachuelo.</p> <p>Corveta <i>Belmonte</i></p> <p>Corveta <i>Parnahyba</i></p> <p>Canhoneira <i>Mearim</i></p> <p>Canhoneira <i>Araguary</i></p> <p>Canhoneira <i>Ivahy</i></p> <p>Fragata <i>Amazonas</i></p> <p>Corveta <i>Recife</i></p> <p>Corveta <i>Paraense</i></p> <p>Canhoneira <i>Taquary</i></p> <p>Corveta <i>Nitheroy</i></p> <p>Canhoneira <i>Maracanã</i></p> <p>Canhoneira <i>Itajahy</i></p> <p>Corveta <i>Beberibe</i></p> <p>Canhoneira <i>Iguatemy</i></p> <p>Canhoneira <i>Araguay</i></p> <p>Corveta <i>Ypiranga</i></p> <p>Encouraçado <i>Brazil</i></p> <p>Encouraçado <i>Tamandaré</i></p> <p>Encouraçado <i>Barroso</i></p> <p>Encouraçado <i>Bahia</i></p> <p>Vapor <i>Henrique Martins</i></p> <p>Canhoneira <i>Greenhalgh</i></p> <p>Vapor <i>Chuy</i></p> <p>Transportes <i>Iguassú, Pepiriguassú, Onze de Junho e Lindóya</i></p> <p>Total</p>	<p>6</p> <p>6</p> <p>8</p> <p>2</p> <p>6</p> <p>6</p> <p>4</p> <p>2</p> <p>2</p> <p>22</p> <p>2</p> <p>6</p> <p>8</p> <p>5</p> <p>8</p> <p>8</p> <p>8</p> <p>4</p> <p>4</p> <p>4</p> <p>2</p> <p>2</p> <p>2</p> <p>2</p> <p>2</p> <p>6</p> <p>131</p>	<p>189</p> <p>189</p> <p>112</p> <p>94</p> <p>135</p> <p>201</p> <p>85</p> <p>160</p> <p>93</p> <p>342</p> <p>76</p> <p>112</p> <p>179</p> <p>118</p> <p>101</p> <p>107</p> <p>189</p> <p>105</p> <p>135</p> <p>132</p> <p>94</p> <p>102</p> <p>53</p> <p>123</p> <p>3.189</p>

E. C. J.

Em 7 de dezembro o almirante Tamandaré communicava de Paysandú ao brigadeiro David Canabarro, commandante da fronteira do Uruguay, a declaração de guerra do Paraguay e era de opinião que se

devia pôr a provincia do Rio Grande do Sul em pé de guerra ; pois, podia acontecer que o dictador do Paraguay mandasse alguma força invadil-a. Em 14 do mesmo mez o marechal João Propicio Menna Barreto ordenava do acampamento da Carpinteria ao general Canabarro que lhe remettesse 1.500 cavallos e se apromptasse para marchar ao primeiro aviso á reunir-se ao seu exercito, com o corpo provisorio de cavallaria da guarda nacional ao mando do tenente-coronel Antonio Caetano Pereira e com o 3º provisorio.

Em 22 de dezembro o brigadeiro Canabarro, respondendo ao marechal Menna Barreto, ponderava-lhe, primeiramente, que ainda o 3º provisorio não estava completo; e quanto ao corpo provisorio do tenente-coronel Ferreira, achava-se disseminado em pequenos destacamentos na linha da fronteira; e que dando ordem de marcha, ficaria a linha desguarnecida.

Pondera que, á vista da participação do almirante Tamandaré, ordenou ao tenente-coronel Bento Martins de Menezes, que reunisse novo corpo provisorio com 403 praças, e mandou organizar companhias avulsas para guarnecer Alegrete, Uruguayana e Sant'Anna.

Em vista dos obstaculos e das difficuldades, declina da responsabilidade que poderá assumir cumprindo a ordem de marchar com a força da fronteira para Paysandú, e vai communicar o occorrido ao presidente da provincia.

A 29, o presidente respondia a Canabarro e mandava activar a organização da 1ª divisão, ordenando que se conservasse vigiando a fronteira.

Desde 17 de outubro de 1864 que o general Canabarro havia recebido ordem para organizar a divisão de observação. Em 1º de janeiro de 1865 participou ter assumido o commando da divisão, *que estava organizando*, e pedia para guarnecer o rio Uruguay com uma flotilha de lanchões armados; bem como a criação de um batalhão provisorio de infantaria de guarda nacional, em Uruguayana; devendo commandar o capitão de artilharia Joaquim Antonio Xavier do Valle, commandante da guarnição daquella cidade.

O presidente da provincia fez organizar a 2ª divisão ao mando do coronel Barão de Jacuhy para a fronteira do sul.

Ella foi formada do modo seguinte :

A 1ª brigada, commandada pelo coronel Manoel Lucas de Lima :
Corpo P. de cavallaria da guarda nacional, n. 28, de Jaguarão;
Idem n. 15;
Idem n. 25;
Idem n. 6, das Dores.

A 2ª brigada, commandada pelo coronel Tristão José Pinto :
Corpo P. de cavallaria da guarda nacional, n. 46, de S. Gabriel;
Idem n. 48 dito ;
Idem n. 12.

A 3ª brigada, commandada pelo coronel José Ignacio da Silva
Ourives:

Corpo P. de cavallaria da guarda nacional, n. 14, da Capella de
Viamão;
Idem n. 7, das Pedras Brancas ;
Idem n. 14;
Idem n. 24.

A 9 de janeiro chegou á provincia do Rio Grande do Sul o tenente-
general João Frederico Caldwell, que depois assumiu o commando das
armas e era então o ajudante general do exercito.

Havia mais na provincia o 2º e o 10º de infantaria, que foram
para Bagé e Jaguarão e depois marcharam para a fronteira do
Uruguay.

Ordenou que de Bagé seguissem os officiaes de corpos especiaes
que alli se achavam, para servirem de instructores das armas a Minié,
cujo manejo era ignorado da guarda nacional.

Ordenou que se fortificasse Uruguayana, e que se organisassem
meios fluviaes para policia e defesa do rio.

Em officio de 19 de fevereiro de 1865 o presidente da provincia dizia
ao ministro da guerra que variavam as conjecturas sobre as intenções
do Paraguay, quanto á protecção que o dictador promettera aos seus
alliados do partido blanco; e que o conselheiro Paranhos insistia em
uma providencia, que recommenda, por intermedio do consul Pereira
Pinto, afim de mandar explorar um caminho que, partindo da costa
do Uruguay, de um ponto bem acima de S. Borja, devia atravessar a

cochilha que separa as aguas deste rio das do Paraná, e procurar a direcção da Candelaria,

Diz que mandou instrucções ao brigadeiro Canabarro para esta exploração.

Em 30 de março estavam aquartelados em Porto Alegre e Rio Grande os batalhões 1º e 5º de voluntarios e preparavam-se para marchar para a fronteira.

Em 15 de abril o presidente participa em officio ao brigadeiro David Canabarro que o Paraguay declarou a guerra á Republica Argentina e que invadiu a provincia de Corrientes. « Não julgo provavel que tentem a temeridade de passar o Uruguay para atacar-nos. cumpre, porém, que V. S. esteja prevenido. »

Em officio de 23 de abril de 1865 disse o presidente ao general Osorio que a divisão Canabarro deve ter cerca de 7.000 homens, dos quaes 1.700 de infantaria e oito boccas de fogo.

Em meiado de março constava que o exercito paraguay, em numero de 10.000 a 12.000 homens, estava acampado em S. Christovão e S. Carlos e ameaçava a fronteira de S. Borja.

Nesta occasião o brigadeiro David Canabarro, instado para passar o Uruguay com sua divisão e ir bater os paraguayos, levando-os de vencida além do Paraná, pediu, para realizar esta operação, 3.000 a 4.000 homens de infantaria, ao Visconde de Tamandaré, e ponderava que sua divisão ainda não estava prompta para marchar.

Pelo officio abaixo transcripto vê-se que os generaes do gabinete imperial lembraram do Rio de Janeiro que o general David Canabarro devia, quanto antes, tomando a offensiva, passar o Uruguay e, atravessando as Missões, rechaçar o exercito de Estigarribia além do Paraná.

O general David Canabarro, que sabia que as suas tropas difficilmente poderiam servir para defender a fronteira, respondeu :

« Livramento, 23 de março de 1865.

.

Si o exercito já estivesse prompto, convinha até precipitar a sua marcha ao Paraguay, porém, da maneira por que vejo as cousas,

sobretudo a demora que ainda póde haver na reunião e *apromptamento de forças*, não convem certamente. Neste caso, acho mais prudente invernar, *apromptar tudo que for preciso* para entrar no verão seguinte

.

Continúa a ser summamente sensível a falta de fardamento . . .

Tambem não ha aqui um só estandarte. Ha falta de cornetas e mesmo de quem as toque. Com as tropas núas havemos de sahir fóra do paiz no inverno ?

David Canabarro.—Conforme —Caldwell. »

Ainda em fins de abril os directores da guerra instavam para que o general David Canabarro passasse o Uruguay e fosse atacar o inimigo em Missões.

Em officio de 1º de maio, dirigido ao tenente-general Caldwell, o brigadeiro Canabarro dizia :

« »

« Esta divisão ainda não está em pé de fazer uma expedição, por falta de fardamento. . . . todavia, parecendo-me de summa necessidade principiar a hostilisar o inimigo, só aguardo as ordens de V. Ex. e o reforço que solicito ao Exm. Sr. Visconde de Tamandaré (3.000 a 4.000 homens de infantaria) para avançar até Itapúa. . . . »

. »

Na mesma data, em resposta ao Visconde de Tamandaré, dizia o brigadeiro Canabarro « Corrientes deve ser, como V. Ex. diz, o centro das nossas operações ; devemos desde já ocupar aquella posição, principiando as hostilidades contra o inimigo. Com um reforço de 3.000 a 4.000 homens de infantaria *do nosso exercito*, que póde vir pelo Salto, não vejo difficuldade em avançar com a divisão do meu commando até Itapúa. »

David Canabarro, brigadeiro.»

Por decreto de 12 de maio de 1865 foi organizado novo ministerio ou novo governo, como se dizia no Rio de Janeiro, sendo nomeado

ministro da guerra o conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, mais tarde Barão de Uruguayana.

Pelo officio-resposta de 31 de maio de 1865 (*os paraguayos invadiram S. Borja 10 dias depois*) do presidente da provincia, João Marcellino de Souza Gonzaga, dirigido áquelle novo ministro, vê-se:

1º, que o novo ministro ia mandar officiaes idoneos para montar-se em pé conveniente o Arsenal de Guerra de Porto Alegre e o laboratorio pyrotechnico, recommendando . . . « *visto poder-se dar o caso de algum vapor paraguay encouraçado procurar embaraçar as remessas do material do exercito* » . . . 1º, que fizesse marchar para a fronteira de Missões toda a força disponivel . . . e o commandante das armas; 2º, que fizesse seguir igualmente para lá o corpo de artilharia a cavallo; 3º, *que da força de cavallaria desta provincia mandasse reunir ao exercito as praças necessarias para o completo de 6.000 homens, como exigia o general em chefe (Mitre?), e bem assim toda a força de infantaria que por este for pedida ao commandante das armas.*

Nunca maior prova de nenhum conhecimento dos negocios da guerra poderia dar oficialmente o novo ministro. E isto foi impresso por ordem do governo e apresentado ao corpo legislativo em 1866!

O presidente respondeu felicitando-o pela sua nomeação, e declarou: 1º, que ha muito já todas as forças haviam seguido para as fronteiras; 2º, que o regimento de artilharia estava todo no theatro da guerra e já havia combatido em Paysandú, que sómente existia na provincia o coronel e alguns officiaes que haviam sido inspeccionados; 3º, que ia communicar ao commandante das armas as ordens de S. Ex., para reunir-se ao exercito (na Concordia) o numero de praças de cavallaria necessarias para completar 6.000 homens, e bem assim todas as infantarias que o mesmo general em chefe (Mitre) ia pedir. Emfim, termina declarando não ter o minimo receio de qualquer golpe de mão, e que lhe parece gratuita tal hypothese (a do encouraçado paraguay).

Marcha do exercito commandado pelo general Ozorio

Nos vapores *Oyapock*, *Apa*, *Princesa*, corveta *Magé* e uma chata, embarcou no dia 27 de abril a divisão do brigadeiro Antonio de Sampaio, no Cerro de Montevidéo, e foi acampar no dia 30 á tarde na barra do Rio S. Francisco. A cavallaria foi por terra, o que occasionou grande prejuizo nas cavalladas.

A divisão constava de duas brigadas, com 3.200 homens; eram os batalhões 4º, 6º, 8º e 12º de linha, a guarda nacional da côrte, o corpo de policia e caçadores da Bahia, um contingente do batalhão de engenheiros e 8 canhões.

Em 23 de maio já estavam acampados alli cerca de 10.000 homens, e ainda estavam em Montevidéo dous corpos de artilharia; a cavallaria não havia ainda chegado.

Diariamente exercitavam-se os corpos.

O general Ozorio resolveu sahir de S. Francisco e ir acampar em Dayman, em razão da insalubridade do acampamento.

Falleciam diariamente de 15 a 20 praças e existiam mais de 1.000 doentes no hospital.

Os nossos soldados do Norte, principalmente, soffreram muito; o inverno era rigoroso; a base da alimentação era a carne fresca, e gorda, as aguas do rio más. A diarrhéa e as bexigas desenvolveram-se, tomando um character epidemico, fizeram-se além disso muitas amputações devidas a congelações.

A 31 de maio estava o grosso do exercito reunido.

Em começo de junho foi acampar em Dayman e neste logar conservou-se até ao dia 24 de junho, em que começou a passar para a margem direita do Uruguay e foi acampar a cerca de 2 kilometros da cidade da Concordia, em Entre-Rios, á margem direita do arroio Juquery Grande.

Na vespera o general Ozorio mandara publicar a sua ordem do dia n. 42 do theor seguinte:

« Quartel general do commando em chefe do exercito em operações contra a Republica do Paraguay, junto ao arroyo Dayman, no Estado Oriental, em 23 de junho de 1865.

ORDEM DO DIA N. 42

O general em chefe tem a satisfação de fazer publico ao exercito sob seu commando o trecho abaixo transcripto ¹ do officio de S. Ex. o Sr. presidente e general em chefe dos exercitos alliados, em que lhe communica o brilhante triumpho das nossas armas alcançado pelos nossos irmãos da marinha imperial, que a ousadia dos paraguayos provocou á combate no dia 11 do corrente ás 8 horas da manhã.

O general em chefe felicita-se com seus camaradas por successo tão esplendido e conta que, si a uma das divisões da nossa esquadra coube primeiro mostrar ao inimigo e ao mundo o valor das nossas armas, não faltará ao nosso exercito occasião de patentear o enthusiasmo, patriotismo e valor que o anima na importante e gloriosa missão que lhe cabe de vingar os ultrages feitos aos brios de nossa nacionalidade pelo governo oppressor do infeliz povo da Republica do Paraguay.— *Manoel Luiz Ozorio*, brigadeiro.»

A 13 deste mesmo mez havia o presidente da republica, D. Bartholomeu Mitre, entregue o governo ao vice-presidente, D. Marcos Paz, e a 16 se havia apresentado na Concordia ao acampamento onde se reuniam as forças da republica.

Tendo o exercito brasileiro concluido a sua passagem para a margem direita do Uruguay, ² ficou allí acampado alguns dias, enquanto se preparavam os elementos necessarios para o estabelecimento de uma grande ponte sob o rio Juquery Grande.

¹ Quartel general na Concordia, 20 de junho de 1865.

O presidente da Republica, general em chefe dos exercitos, ao Exm. Sr. general Manoel Luiz Ozorio.

Tenho a satisfação de dirigir-me a V. Ex. para apresentar-lhe a inclusa cópia authentica da communicação que acabo de receber, na qual se me dá parte do completo triumpho, obtido pela esquadra brasileira nas aguas do rio Paraná, sobre a do governo do Paraguay, que audazmente a provocou á combate.

Ao felicitar a V. Ex. cordialmente por esta gloriosa victoria para os Estados alliados, na qual a marinha imperial colheu tem merecidos louros, espero se sirva communicar tão fausto acontecimento ao exercito sob seu commando.— *B. Mitre*.

Seguia-se a communicação official de D. José Muratore ao commandante da 1ª divisão argentina, general D. Venceslau Paunero, com data de 16.

² No *Jornal do Commercio* de 3 de julho de 1865, que transcreve uma correspondencia do exercito, vê-se :

O exercito completou a sua passagem no dia 1 de julho.

Neste dia abriu-se o hospital, o que era de maior necessidade, e logo recebeu

Realizou-se este trabalho em 15 horas, e ficou prompto no dia 14 de julho á noite, n'uma extensão de sessenta e sete metros e trinta e dous centímetros, e quatro metros de largura. (Ver o relatorio junto em nota da commissão de engenheiros.)

Foi construida sob a direcção dos officiaes da commissão de engenheiros, cujo chefe era o major Dr. José Carlos de Carvalho, e dos officiaes do batalhão de engenheiros.

Construida sobre bateis, era tão solida que a artilharia e o parque passaram a galope sem o menor accidente.

A 1ª divisão passou em 42 minutos, a 3ª em 40, a brigada de artilharia, com 32 boccas de fogo, o parque com as viaturas puxadas por 3 junctas de bois cada uma, levaram a passar até 1 ¼ horas da tarde ; o hospital ambulante, com mais de 1.000 doentes, os animaes de bagagens dos corpos e dos officiaes, as carretas das diversas repartições e do hospital, gastaram na passagem cerca de 7 horas, sendo 3 do dia 16.

Terminada a passagem, foi a ponte levantada em uma hora.

A cavallaria constava de 1.412 praças.

O exercito acampou no Ayuy-Chico.

No dia 23 de julho chegou a Concordia o general Urquiza, e no dia 24 assistiu á grande revista que D. Bartholomeu Mitre passou ao exercito.

A' 1 hora da tarde estavam formadas em linha 7.143 praças de infantaria brasileira, 1.412 de cavallaria e 729 de artilharia, com 20 peças de calibre 4 e 12 La Hitte. (Ver o relatorio da commissão de engenheiros.)¹ O nosso general em chefe, Manoel Luiz

260 doentes, e nos dias seguintes o seu numero elevou-se a 760 ou mais, conforme o que diz um official que escreve a 9 de julho.

O serviço medico foi distribuido por sete enfermarias e cada uma dellas tem um medico; é tudo feito com muito zelo e humanidade

O movimento tem sido de 10 á 150 doentes por dia

Toea um medico para dous corpos, ou um por brigada

Além deste hospital ha outro no Salto, que tem perto de 1000 doentes, com 8 medicos, para poderem acudir á affluencia do trabalho ; o numero de medicos é pequeno

Breve noticia dos trabalhos da commissão de engenheiros no exercito de operações contra o Paraguay, e das principaes occurrencias que se deram no mesmo exercito durante o mez de julho de 1865.

De ordem do Exm. Sr. general em chefe foram destacados no dia 2 junto á repartição do deputado do quartel-mestre general dous officiaes da commissão de enge-

Ozorio, não pôde occultar o prazer que sentiu vendo o exercito do seu commando, e manifestou-o na ordem do dia n. 63.

O batalhão de engenheiros não entrou em linha, por ser naquelle dia um dos corpos de guarnição.

nheros, o 1º tenente de artilharia Franklin Mendes Vianna, e o tenente do estado-maior Americo Rodrigues de Vasconcellos, este para organizar o deposito de artigos bellicos, e aquelle para regularisar a escripturação relativa ao fornecimento do exercito

Das participações que recebi se collige que na referida repartição existia a maior confusão em todos os ramos do serviço, sem duvida em consequencia dos embarques e desembarques do exercito no Cerro, S. Francisco e Dayman.

O exame a que se procedeu no armamento guardado nas carretas do deposito, demonstrou que havia grande falta de bayonetas e que algumas espingardas se achavam inutilisadas, outra com falta de pistão, e muitas extraordinariamente enferrujadas.

O 1º tenente Honorio José Teixeira, encarregado do deposito, não pôde dar relação sinão dos objectos recolhidos em algumas carretas, ignorando a natureza e o numero dos que existiam em outras accomodações da sua repartição.

A bordo da canhoneira *Araguay* existiam munições e armamento portatil, mas tudo estava na maior desordem.

A bordo de outras embarcações havia tambem armamento e munições, achando-se estas já em parte estragadas; sendo os cartuchos comprados em Buenos-Aires, mal fabricados, as capsulas quasi inserviveis e as espoletas de tempo, de inferior qualidade e mal graduadas.

As munições seguintes, tiradas de bordo das embarcações e recolhidas em carretas para acompanhar o exercito, foram examinadas pela commissão de engenheiros e julgadas em bom estado:

276.000 cartuchos de espingarda.

264.000 ditos de carabina.

401.800 ditos de mosquetões.

152.000 ditos de pistola.

1.655.500 capsulas fulminantes.

233 foguetes de guerra com cauda, 3.400 espoletas de tempo para granada á La Hitte.

6.000 ditas de fricção.

Tambem de ordem do mesmo Exm. Sr. general em chefe a commissão teve de apromptar um contingente de 50 praças do batalhão do engenheiros para embarcar na esquadriha que tinha de operar no Alto Uruguay, e bem assim uma bateria de 4 estativas para foguetes de 6 e de 12, e meia bateria de peças de calibre 4 á La Hitte.

Cumpriu-se esta ordem pontualmente.

As praças do contingente foram completamente armadas e municia-las, levando mais a ferramenta necessaria para as operações de embarque e desembarque, e para a execução de trabalhos de guerra.

A bateria de foguetes não levou alguns dos accessorios marcados no regulamento; remediou-se a falta do melhor modo que foi possível.

A meia bateria de peças nada faltou, sendo municia-da com 200 tiros por peça.

Para esta expedição, e de accordo com as instrucções que regulam o meu comportamento neste exercito, designei o tenente do estado-maior Luiz Vieira Ferreira e o 1º tenente de engenheiros Augusto Fausto de Souza; este acha-se a bordo do vapor *Taquary* com parte do dito contingente á espera de ordem do Exm. Sr. Visconde de Tamandaré que seguiu no dia 17 para Buenos-Aires levando consigo o outro official com a outra parte do mesmo contingente.

Pelos navios que deviam figurar na referida expedição foram distribuidas duas companhias de voluntarios da patria (zuavos bahianos), os quaes ainda não desembarcaram.

O contingente do batalhão de engenheiros ás ordens dos 1ºs tenentes Luiz Vieira Ferreira e Augusto Fausto de Souza, membro da commissão de engenheiros, era commandado pelo tenente Eudoro Emiliano de Carvalho Castello

Logo que passou o exercito á margem direita do Uruguay e nos primeiros dias do acampamento na Concordia, soube-se não sómente da invasão da columna de Estigarribia, pela fronteira de S. Borja, mas, ao mesmo tempo, da marcha da 2ª columna daquelle exercito, que vinha ao mando do major Pedro Duarte, descendo pela margem direita

Branco e os 2ºs tenentes Francisco Antonio Carneiro da Cunha e Marcos de Azevedo e Souza.

Compunha-se de 50 praças, 1 corneta, 2 cabos e o sargento E. C. Jourdan.

Chegando a Uruguayana ficou debaixo das ordens do major Rufino Enéas Gustavo Galvão, chefe da commissão de engenheiros.

No dia 18 foi encarregado de estabelecer a bateria de cestões e saccos de areia em frente ao cemiterio para 14 boccas de fogo, o que realizou em 30 minutos.

RELATORIO

Tendo o exercito de levantar acampamento para tomar posição em Ayuy, S. Ex. o Sr. general em chefe mandou no dia 11 reconhecer o terreno para determinar a direcção da marcha.

Em consequencia, S. Ex. deliberou que se lançasse nma ponte sobre o arroyo Juquery.

Aproveitando os recursos encontrados na cidade da Concordia e na villa do Salto, construiu-se a ponte sobre barcos de commercio, no espaço de 15 horas, ficando com 306 palmos de comprimento e 18 de largura, e tão solida que a artilharia e o parque passaram a galope, sem o menor accidente.

No dia 15 ás 9 1/4 horas da manhã começou a desfilar o exercito. A 1ª divisão passou em 42'; a 3ª em 40; a brigada de artilharia, com 32 boccas de fogo, e o parque, cujas viaturas eram tiradas por 3 juntas de bois cada uma, levou a passar até 1 1/2 horas da tarde, o hospital ambulante com mais de 1.000 doentes, os animaes de bagagem dos corpos e dos officiaes, as carretas das diversas repartições e do hospital, consumiram na passagem cerca de 7 horas, sendo 3 do dia 16.

Terminada a passagem foi a ponte levantada em uma hora.

O batalhão de engenheiros, que tem sido um auxiliar valioso, em todos os trabalhos da commissão, distinguu-se bastante neste que foi o primeiro de semelhante natureza de que ha noticia no Rio da Prata; retirando-se para o novo acampamento no mesmo dia 16 ás 2 horas da tarde.

Os tenentes do estado-maior José Thomé Salgado e José Simeão de Oliveira, e o 1º tenente de engenheiros André Pinto Rebouças, todos da commissão de engenheiros, foram distribuidos pelas tres divisões do exercito, para servirem de directores da marcha, quando isso fosse exigido pelos commandantes das respectivas divisões do exercito e escreverem o itinerario e circumstancias da marcha.

O alferes do estado-maior Manoel Ignacio Carneiro da Fontoura, cuja actividade, intelligencia e zelo são desde muito por mim reconhecidos, ficou commigo para dirigirmos a construcção da ponte, a passagem do exercito, o levantamento da mesma ponte e o reconhecimento do campo evacuado.

Este ultimo trabalho deu lugar á arrecadação dos objectos seguintes :

629 armas portateis com seus accessorios.

570 patronas e correame.

269 mochilas.

Além destes objectos foram arrecadados muitas ambulancias, um grande numero de barracas e diversos outros objectos do hospital ambulante que ficaram expostos no campo, sob vigilancia de uma guarda commandada por official.

Infelizmente dous officiaes da commissão, o 1º tenente de artilharia Franklin Mendes Vianna e o 2º tenente de engenheiros Innocencio Galvão de Queiroz, por se

do Uruguay. Era conhecida a retirada do exercito de Robles, de Bella-Vista sobre Corrientes.

Em consequencia destes acontecimentos, reunidos em conselho na Concordia, os generaes alliados e o almirante Visconde de Tamandaré

acharem gravemente doentes no hospital do Salto, não poderam tomar parte nos trabalhos que tenho descripto.

O capitão de artifices da côrte, José Maria de Alencastro, ficou, durante a marcha, junto ao Exm. Sr. general em chefe para transmittir-me as ordens que S. Ex. quizesse dar-me, e o tenente do estado-maior Americo Rodrigues de Vasconcellos foi encarregado da recepção do material da commissão e do arranjo do acampamento que esta devia estabelecer junto ao do Quartel General.

Reunida a commissão, depois da marcha, occupou-se immediatamente do levantamento do novo campo perto do arroio Ayuy-Chico, a qual vae inclusa.

Chegando ao conhecimento do Exm. Sr. general em chefe que os corpos não estavam convenientemente armados e municiados, ordenou-me que providenciasse a respeito.

Em observancia a esta ordem mandei o dito capitão entender-se com os commandantes dos mesmos corpos, e tendo obtido a parte inclusa por cópia, empreguei-me, de accordo com o deputado do quartel-mestre general na regularisação de tão importante objecto, de modo que hoje nenhuma falta existe, que se saiba.

Julgando indispensaveis algumas providencias sobre a distribuição das munições de infantaria e cavallaria e para evitar estragos ou extravios das munições e armamento das praças enfermas, propuz ao deputado do quartel-mestre general, as seguintes :

1^a, estabelecer, quanto ás munições de infantaria, a regra de distribuir-se a cada praça de infantaria ligeira, 60 cartuchos e 87 capsulas fulminantes, e a cada praça de linha 40 ou 50 cartuchos conforme o typo da patrona que tivesse e 50 a 65 capsulas ;

2^a, completar na reserva o numero de 100 cartuchos por praça de infantaria com o numero de capsulas correspondente ao de cartuchos, mais um terço ou um quarto ;

3^a, distribuir tanto aos lanceiros como aos carabineiros 12 cartuchos de pistolas, e aos carabineiros 12 cartuchos de carabinas, ficando na reserva 6 cartuchos de pistolas por praça e 36 de carabinas para cada carabineiro ;

4^a, fazer seguir em cargueiros parte da reserva de munições para a cavallaria, ficando o resto no parque do exercito.

Esta providencia facilitará muito os movimentos da cavallaria porque esta arma, tendo muitas vezes de operar a grande distancia do grosso das forças, não poderá prover-se neste caso com presteza das munições de que necessita, si toda a reserva estiver no parque.

Tambem os corpos de infantaria que tiverem de operar em destacamento, levarão a reserva de munições em cargueiros ;

5^a, destinar algumas carretas do deposito para arrecadação do armamento, munição e equipamento das praças que tiverem baixa ao hospital ambulante, afim de evitar não só o extravio ou estrago dos referidos objectos, como tambem a morosidade dos movimentos do referido hospital.

Tem sido inesgotavel a solicitude do Exm. Sr. general em chefe, que procura fazer sobresahir este exercito, a todos os respeitos, entre os alliados.

Desejando S. Ex. passar revista em ordem de marcha ao exercito do seu commando, mandei, na ausencia do deputado do quartel-mestre general, que se achava em serviço na villa do Salto, a cada divisão do mesmo exercito, um official da commissão, afim de obter dos diversos corpos os mapps de armamento e munições, e á vista de taes mapps, conformando-me com as providencias acima lembradas, ficou completamente armado e municiado o exercito dentro de 48 horas.

A revista teve lugar no dia 24 a 1 hora da tarde, formando em linha 7.143 praças de infantaria, 1.412 de cavallaria e 729 de artilharia com 20 peças de calibre 4 e 12 de calibre 6.

A esta revista assistiram os generaes Urquiza e Mitre, e S. Ex. o Sr. general Ozorio não pôde occultar o prazer que sentiu vendo o exercito do seu commando ; manifestou-se na ordem do dia n. 63, exprimindo-se do modo seguinte:

«Sinto grande prazer em reconhecer a regularidade, asseio e garbo militar

158

resolveram activar as operações contra as columnas de Estigarribia e Duarte e atacal-os separadamente, antes que a sua junção com o grande exercito paraguay se operasse e os tornasse numericamente muito superiores ao exercito alliado.

com que se apresentaram os diferentes corpos na parada de revista que teve lugar hontem, sobresahindo na segurança da marcha e certeza em seus movimentos o 4º batalhão de infantaria commandado pelo Sr. tenente-coronel Salustiano Jeronymo dos Reis.»

Na verdade aprazia ver 9.251 praças occupando uma linha de cerca de meia legua, bem fardadas, armadas, e equipadas.

Os batalhões de linha são dignos de elogio pelo seu garbo e pericia; a artilharia estava lusida e imponente; finalmente a cavallaria mostrou a sua nunca desmentida agilidade nos movimentos; não se podendo a este respeito exigir mais.

O batalhão de engenheiros não entrou em parada por haver dado a guarnição, ficaram tambem em diversos serviços muitas praças, e infelizmente no hospital ambulante mais de 1.000.

Anteriormente (18 de julho) partira a força ao mando do general Flores, montando a cerca de 5.000 praças entre as quaes as dos batalhões brazileiros de infantaria ns. 5 e 7 e do 16º de voluntarios da patria, para abrir as operações do exercito aliado sobre a margem direita do Uruguay.

O general em chefe do exercito passou revista a esta força duas leguas acima do Ayuy-Grande, dirigin-lo-lhe depois pouco mais ou menos as seguintes palavras:

«Soldados da Republica Oriental do Uruguay! Um soldado do sitio de Montevideo vem saudar-vos no caminho da victoria, e no grande dia em que tres nações sollaram a independencia da joven republica.

Antes de ir pessoalmente collocar-me á frente do exercito da triplice alliança, marchai seguros de que a victoria vos ha de ser propicia, porque intentais derrocar a mais barbara tirannia asyada no Paraguay.

Parti, pois, exclamando conmigo:

Viva o exercito da Republica Oriental do Uruguay! Viva a nação argentina!»

Terminado este acto os presidentes das duas republicas e o Exm. Sr. general em chefe do exercito imperial detiveram-se por um momento ouvindo o hymno Oriental tocado pela banda da bateria argentina que viera ajuntar suas harmonias marciais ao ribombo da artilharia que saulava o anniversario da independencia que fôra concedida á Republica Oriental do Uruguay pelas duas nações ao lado das quaes vai plejear em prol da civilisação e liberdade de um povo americano.

No dia 29 mais um batalhão, o 3º de voluntarios da patria, se foi juntar a esta força.

S. Ex. o Sr. general em chefe, julgando inconveniente ao serviço de campanha e á commoidade da tropa, a existencia de corpos de força tão diminuta que, representando uniladas tacticas, careciam entretanto da independencia de acção que é um dos caracteres de taes unidades; inconveniente ainda mais sensível por serem taes corpos de tropas novas com deficiencia de chefes para commandal-os e instrail-os, mandou reunir ao 14º batalhão de infantaria as tres companhias de guarda nacional da corte, o 17º batalhão ao 18º, e o 15º ao 11º, o 22º de voluntarios da patria ao 20º; finalmente o 4º corpo provisório de guardas nacionaes da arma da cavallaria ao 1º.

Determinando o mesmo Exm. Sr. que os corpos do exercito, especialmente os de voluntarios da patria, fizessem exercicio de fogo com cartuchos desembalados, occupou-se a commissão nos ultimos dias do mez, da distribuição de taes cartuchos, aproveitando os de adarme 17 e 12 lisos, visto que, existindo em grande quantidade no deposito, não tinham entretanto serventia alguma no exercito; sendo recolhidos ao mesmo deposito os cunhetes e balas esphericas para dar-se-lhes conveniente destino.

Ayuy-Chico, 1 de agosto de 1865.— Dr. José Carlos de Carvalho, chefe da commissão de engenheiros.

Cópia.— Illustrissimo Sr.— Em observancia á ordem de vossa senhoria, para que, entendendo-me com os senhores commandantes de brigadas, examinasse em cada

Achavam-se reunidos na Concordia : 4.500 argentinos, 12.500 brazileiros e 2.500 orientaes ; ao todo 19.500 homens.

Constava que na provincia do Rio Grande do Sul havia cerca de 10.000 homens ; em Corrientes, entre Caceres e Paunero, mais de 5.000 homens. Na verdade, ao todo, os alliados apresentavam menos de 30.000 homens, sendo a mór parte tropas irregulares e bisonhas, e que com immensas difficuldades se iam organizando e ensaiando para a grande guerra.

Os paraguayos apresentavam na offensiva mais de 40.000 soldados de uma disciplina, subserviencia e fanatismo reconhecidos, e que pelo

uma dellas, si o cartuchame distribuido aos diversos corpos que as compoem era o conveniente segundo a qualidade de armamento de cada um delles, cabe-me dizer a vossa senhoria que, dirigindo-me a cada uma das brigadas, procedi ao conveniente exame, excepto porém nas 3^a, 4^a e 5^a brigadas. Na terceira, por me dizer o seu respectivo commandante, o Exm. Sr. brigadeiro Andrade Neves, que os corpos de sua brigada ainda não haviam recebido munição alguma, e na quarta e quinta, por me affiançarem os respectivos chefes, os senhores coroneis Ferraz e Bueno, achar-se em ordem toda a munição de suas brigadas. Procedendo a um minucioso exame no cartuchame das diversas brigadas, achei devidamente muniçadas as 2^a, 6^a e 11^a, havendo porém na primeira e ultima destas, corpos que por haverem chegado ultimamente ainda não receberam o devido cartuchame. Na primeira brigada, commandada pelo Sr. coronel Brandão, encontrei o 4^o regimento de cavallaria, que, como vossa senhoria sabe, usa de clavinas, com cartuchame de carabinas a Minié e esse recebido ainda hoje, segundo me disse o mesmo Sr. coronel ; na setima brigada, as duas companhias de zuavos possuíam cartuchame de mosquetão, quando ellas se acham armadas com carabinas ; na oitava brigada, maior era a troca de munições nos corpos que a compoem e com especialidade no oitavo batalhão de infantaria de linha, onde encontrei confusão no seu municiamento, por isso que, si bem que tenha parte de seu cartuchame das carabinas de que se acha armado, tem outra parte de cartuchame de espingardas de infantaria, engano este que á simples vista se reconhece pela grande desigualdade que ha no comprimento de um e outro cartucho ; na decima brigada, o corpo da guarda nacional da córte, devendo ter cartuchame das carabinas de que usa, acha-se com cartuchame de mosquetão. Finalmente, na brigada de artilharia encontrei o terceiro batalhão desta arma, a ella addido, armado com mosquetão, como tambem se acha o 1^o batalhão da mesma arma, para o que chamo a attenção de vossa senhoria por me parecer inconveniente essa desigualdade de armamento em corpos da mesma arma.

Em todas as brigadas onde encontrei troca de munição, fiz ver aos respectivos commandantes que por ordem do Exm. Sr. general em chefe deveriam entrar com esse cartuchame para a repartição do Sr. quartel-mestre general, afim de alli receberem a conveniente munição. Deste modo, etc...

Acampamento, 6 de julho de 1865.— Sr. major Dr. José Carlos de Carvalho. José Maria de Alemcastro, capitão.

Por este relatorio vê-se as difficuldades e o grande cuidado, para organização, regulamentação, municiamento de um exercito como o nosso organizado nos acampamentos, em marcha em paizes estrangeiros, e o serviço relevante prestado pelos distinctos membros das commissões de engenheiros, cujo chefe era na do 1^o corpo, o major Dr. José Carlos de Carvalho e como auxiliar o batalhão de engenheiros e no 2^o corpo, o major Dr. Rufino Enéas Gustavo Galvão, tendo como auxiliar o corpo de pontoneiros.

seu systema de saquear e violentar as povoações indefesas representavam o papel de uma horda de vandalos ou de hunos na America do Sul.

Ficou resolvido que o almirante, aproveitando a enchente do rio, faria subir pelo Uruguay uma esquadilha que levasse alguma tropa, e que o general Flôres, commandando o seu exercito oriental e simultaneamente uma força brasileira e outra argentina, iria, a marchas forçadas, atacar a columna do major Pedro Duarte, rompendo assim o centro da linha de operações do inimigo e impedindo a ligação das columnas de Estigarribia com as de Resquin.

No dia 18 de julho sahio da Concordia o general D. Venancio Flôres, levando a divisão oriental, a 12ª brigada brasileira, commandada pelo coronel Joaquim Rodrigues Coelho Kelly, composta de quatro corpos, 5º e 7º de linha, 3º e 16º de voluntarios, e o regimento argentino San Martin. Esta força ao todo regulava 4.200 homens e levava 8 boccas de fogo.

O exercito oriental tinha tres batalhões de infantaria: o Florida, o 21 de Abril e o Liberdade, com 1.200 homens; 1 esquadão de artilharia a cavallo com 8 peças e 140 praças, e duas brigadas de cavallaria, além da escolta do general Flôres, ao todo contava 2.500 homens.

A cavallaria oriental era commandada pelos generaes Goyo Suarez e Henrique Castro; a artilharia, pelo coronel Nicacio Borges, e o coronel Leon Palleja commandava a infantaria.

Completava o exercito de vanguarda, como se denominou, o regimento argentino San Martin, com 300 praças.

URQUIZA

Na occasião de ser assignado o tratado da Triplice Alliança o general Urquiza havia ido a Buenos-Aires offerecer os seus serviços, como governador de Entre-Rios. Em vista de suas protestações fôra determinado que, reunidas as suas milicias de Entre-Rios que sabia-se formavam um exercito de 10 a 12.000 homens, constituiriam a vanguarda do exercito alliado.

Na occasião em que Urquiza, depois desta combinação, se retirava de Buenos-Aires, e que o presidente Mitre o acompanhou até ao embarque, apresentou-se um enviado que entregou a Urquiza uma missiva do governo paraguayo. Diz Schneider, que era do presidente Lopez; diz o *Semanario*, que era do ministro Berges.

Urquiza, reconhecendo-lhe a procedencia, entregou-a fechada ao presidente Mitre, que á vista de tal prova de lealdade, depositou em Urquiza a maior confiança.

Em começo de junho ¹ já Urquiza havia reunido 10.000 homens de milicia, verdadeiros gaúchos.

Acampou com este exercito em Basualdo.

Tendo-se dirigido em 23 ao acampamento alliado da Concordia, para conferenciar com os generaes alliados, recebeu alli a noticia de que quasi todo o seu exercito se revoltara e se dispersara.

Voltando a Basualdo não conseguiu reunil-o; e licenciou então os poucos que haviam ficado fleis.

Não obstante as suas promessas de reunir de novo as milicias Entre-rianas, para marchar, os generaes alliados perderam toda a confiança em Urquiza, que decididamente foi por muitos classificado de traidor, que esperava os acontecimentos para declarar-se *pró* ou contra as forças alliadas. No decurso dessa guerra tornou-se grande torcedor de gados e de cavalhadas, no que ganhou sommas avultadas.!

Invasão de S. Borja

Depois de ter passado o exercito paraguayo o rio Paraná, em Itapúa, Candelaria e Loreto, organizou-se definitivamente em varios grandes acampamentos em S. Carlos, nos arredores do forte de S. José, no antigo acampamento de Loreto e em S. Christovão.

¹ As tropas de Urquiza reuniram-se no decurso do mez de maio e começo de junho.

A batalha de Riachuelo teve logar a 11 de junho.

A 24 e 25 de junho revoltaram-se as milicias de Urquiza e este exercito debandou.

E' evidente que a derrota dos paraguayos em Riachuelo foi a causa desta debandada; e que si os paraguayos fossem victoriosos em Riachuelo teriam por alliado o exercito entre-riano, mesmo contra a vontade do general Urquiza.

Começou o coronel Antonio de la Cruz Estigarribia, commandante em chefe, a mandar procurar e preparar carretas, canôas, pranchas e meios de transporte, não sómente para atravessar o Uruguay, como para acompanhar o exercito.

Exercito paraguayoy

Commandante em chefe, coronel Antonio de la Cruz Estigarribia.

Vigario do exercito, frei Santiago Estevão Duarte Lopez.

Batalhões de infantaria: n. 14, capitão Mereles; n. 15, capitão Campurno; n. 17, capitão Diogo Alvarenga; n. 31, capitão Ibanez; n. 32, capitão Avalos; n. 33, capitão J. del Rozario Terez; ao todo 4.800 combatentes.

Regimentos de cavallaria: n. 27, commandado pelo major Lopez; n. 28, capitão Centurião e n. 33, capitão Manoel Coronel; ao todo 1.600 combatentes.

Artilharia: um esquadrão ao mando do tenente Ignacio Tereiro, com artilheiros e conductores; 120 homens e 6 peças. Emfim completava esta columna um corpo de *bogavantes* (remadores).

Estado-maior, com um cirurgião, remadores e conductores de carretas, etc., que podia chegar com os auxiliares, orientaes e entre-rianos á cerca de 800 de pessoas, formando ao todo 7.300 homens.

Organizou segunda columna ao mando do major Pedro Duarte, composta de infantaria:

Batalhão n. 28, commandante tenente Zorilla, 840 homens; batalhão n. 16, commandante tenente Patino, 840 homens; [corpo provisório, commandante alferes, 300 ditos; regimento de cavallaria n. 26, commandante major Pedro Duarte, 600 ditos; regimento n. 28, tenente Cabrero, 520 ditos; auxiliares orientaes, commandante Apparicio, 160 ditos; auxiliares entre-rianos, commandante Orrego, 140 ditos; total columna Duarte 3.400 homens.

Total das columnas paraguayas operando no Uruguay 10.700 homens, com 6 bocas de fogo.

Embora o major Pedro Duarte estivesse inteiramente subordinado ás ordens do coronel Estigarribia, tinha ordem do presidente Lopez para corresponder-se e a todo custo tornar effectiva a junção das forças de Estigarribia com as do general Robles, mais tarde commandadas pelo general Resquin. ⁴

S. Borja

Depois da primeira aparição dos paraguayos em S. Thomé, no dia 9 de maio, e de sua subsequente retirada para o interior, em virtude da vinda da brigada do coronel Antonio Fernandes de Lima para São Borja, os habitantes, que se haviam retirado da villa, regressaram todos para as suas casas, salvo poucas excepções.

No dia 26 de maio retiraram-se para o Passo das Pedras, a 13 leguas ao Sul de S. Borja, os corpos ns. 10º, 11º, 22º e 23º, que constituíam a 1ª brigada.

Ficaram sómente em S. Borja a reserva de 30 praças, capazes de pegar em armas, e no Passo de S. Borja a secção de infantaria da guarda nacional com cerca de 100 homens, e o corpo provisório n. 23 foi de novo acampar na barranca do Uruguay em S. Matheus a cinco leguas ao Norte de S. Borja. A mór parte da divisão Canabarro estava ainda acampada a 50 leguas ao Sul, em Sant'Anna do Livramento.

⁴ Carta do major Pedro Duarte ao general Robles: «Guaissos, 5 de julho de 1865 — Querido general — Recebi ordem do marechal presidente de pôr-me em communição comvosco para concertarmos no plano de ataque contra os partidistas de Mitre. E' muito má a minha posição aqui; não posso avançar sem correr o risco de ver cortada a minha retirada e de ficar cercado como um rebanho de cabras. O marechal ordena-me que arrebanhe todo o gado que possa alcançar e fuzile os prisioneiros que caíam em minhas mãos. A todos os gringos (inimigos) e adherentes de Mitre devo eu perseguir, e o mesmo vos incumbe, general. Os corrientinos são um bando de loucos, que não apreciam a liberdade, e em vez da liberdade que por nosso intermédio lhes offerece o marechal, preferem ser devotados escravos de Mitre. Nada mais vos posso escrever porque está perto o inimigo. — Vosso dedicado amigo e servo — *Pedro Duarte.*»

Depois que o general Resquin tomou conta do commando do exercito paraguayo, recebeu ordem positiva do presidente Lopez para avançar e reunir-se a Estigarribia, afim de bater os alliados na Concordia.

Resquin, allegando falta de meios de mobilisação, escreveu a Lopez, dizendo-lhe que a empreza era superior ás suas forças e que só o dictador poderia realisar-a si se puzesse á frente do exercito. Lopez respondeu-lhe que em breve partiria com mais 25.000 homens para dirigir as operações, e que lhe enviaria antes carretas, cavalladas e boiadas; mas não cumpriu esta promessa. Resquin o esperou com o seu exercito nas alturas de Goya, durante os mezes de julho, agosto e setembro, até que soube, enfim, da rendição de Uruguayana.

Estava em marcha para a fronteira de S. Borja o 1º de voluntarios da patria, commandado pelo coronel João Manoel Menna Barreto.

Diz o vigario de S. Borja, conego Gay, em seu interessante e minucioso folheto intitulado — *Invasão paraguaya na fronteira brasileira do Uruguay*: — « Apenas os quatro corpos tinham-se afastado uma legua da villa, como si da hora fixa de sua retirada os paraguayos tivessem tido aviso, estes, que desde alguns dias o coronel corrientino Paiva suppunha já no Paraguay, se apresentaram em grande numero áquem de S. Thomé, tendo corrido com as forças corrientinas do mesmo coronel, que foi retirando-se para o sul do rio Aquapehy e não mais appareceu. »

Emquanto isto, approximaram-se dous esquadrões em frente ao Passo do Proença, e deram muitos tiros sobre a guarda brasileira da margem esquerda.

Deu-se parte immediatamente ao commandante coronel Fernandes, que parou então com os quatro corpos de sua brigada á duas leguas de S. Borja.

Tendo porém aviso do Itaqui sobre a apparição de uma força paraguaya, na altura de 10 leguas acima da villa, do outro lado do Uruguay, marchou até o Botuhy com os quatro corpos. Alli teve noticia de que a força avistada não era paraguaya, mas os corrientinos do coronel Paiva. Fez então regressar para S. Borja o corpo provisório n. 22, commandado pelo tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega. (Este corpo deveria ter 384 praças.) Marchou com os corpos 10º, 11º e 23º para o seu antigo acampamento do Passo das Pedras.

Estava o coronel Fernandes de Lima acampado no Passo das Pedras, quando no dia 9 de junho chegou em S. Thomé o coronel Estigarribia á frente do grosso do seu exercito. Embora chegasse logo aviso na villa de S. Borja, houve um tal terror e confusão no povo, que ninguem lembrou de avisar immediatamente, nem sequer ao coronel João Manoel Menna Barreto, que se achava a 2 ½ leguas da villa, e sómente soube por um viajante no dia 10, ás 8 horas da manhã, que os paraguayos se approximavam da margem do rio Uruguay.

O coronel não ligara muita importancia a esta noticia, quando

recebeu do tenente-coronel José Ferreira Guimarães e do major José Rodrigues Ramos a participação da invasão.

Não se avisou o tenente-coronel Manoel Coelho de Souza, que se achava no Passo de S. Matheus, cinco leguas ao norte de S. Borja, nem o coronel Antonio Fernandes Lima, que si fosse prevenido no Passo das Pedras, podia ainda chegar a tempo.

Entre o 1º de voluntarios, o 22º, o 28º, o 9º e o 2º, podiam haver promptos na manhã de 10 cerca de 1.400 homens, para disputar a passagem aos paraguayos, enquanto chegava o coronel Fernandes Lima com os outros corpos da brigada.

E' indubitavel que estas forças reunidas eram mais que sufficientes para impedir a passagem do rio Uruguay a um inimigo que não tinha sinão canoas pesadas, grosseiramente construidas e pranchas ou jangadas para atravessar um rio largo e caudaloso como o Uruguay (tem alli de 500 a 600 metros de largura).

Pelas 8 horas da manhã do dia 10 de junho de 1865 viu-se do Passo de S. Borja e da villa descêrem de S. Thomé para o rio Uruguay grande numero de carretas e uma fileira de tropas paraguayas não interrompida entre S. Thomé e o Uruguay, na extensão de mais de legua.

O major José Rodrigues Ramos se achava no Passo, estacionado com cerca de 100 praças do 2º corpo provisório de infantaria da guarda nacional. Mandou immediatamente participar ao tenente-coronel José Ferreira Guimarães, commandante da reserva em S. Borja, e este expediu um aviso do que se passava ao coronel João Manoel Menna Barreto, que estava acampado a mais de duas leguas da villa com o 1º de voluntarios da patria.

O major Ramos tambem despachou officios ao coronel Fernandes de Lima no Passo das Pedras; e participou ao tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega, que estava dalli uma legua com o corpo n. 22.

Logo que as carretas dos paraguayos chegaram á barranca do rio, lançaram canoas na agua e em cada uma embarcava um pelotão de soldados (soube-se posteriormente que de cada viagem podiam passar pouco mais de 400 homens), e dirigiram-se para a margem brazileira á força de remos.

Os poucos homens do major Ramos fazendo-lhes varias descargas, os paraguayos tiveram logo alguns homens fóra de combate e então retrocederam para a margem de Corrientes, e remontando o rio ao longo da costa, de uma certa altura dirigiram suas canóas a diversos pontos.

Esta manobra obrigou o commandante Ramos a dividir a sua gente em pequenos pelotões, para acudir aos diversos pontos de desembarque, mas apesar da coragem dos poucos defensores e principalmente do capitão João Clemente Godinho e dos outros officiaes, não puderam impedir o desembarque.

Pouco depois passou acima outro troço de paraguayos, e em menos de hora estavam deste lado mais de 4.600 inimigos.

Chegou com o primeiro reforço o tenente-coronel José Ferreira Guimarães, com pouco mais de 30 companheiros da reserva e pouco depois o tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega, com 230 homens do 22º corpo provisório. Este mandou os lanceiros com o alferes Joaquim Vieira de Oliveira de protecção á infantaria, que isolada batalhava com desespero contra um inimigo excessivamente superior em numero e que ameaçava envolvê-la.

Foram então os poucos defensores obrigados a fazer fogo em retirada em direcção á villa, sem conseguir fazer parar o inimigo, que vinha lentamente com suas linhas de atiradores á frente, marchando para S. Borja, que distava meia legua. Nem as cargas do major José Fernandes de Souza Doca, com os lanceiros, nem a fuzilaria incessante da infantaria e dos carabineiros do 22º, conseguiram fazer parar a marcha.

Houve rasgos de heroismo, entre outros o do guarda nacional¹ Leocadio Francisco das Chagas, pertencente ao 28º, que estava com licença em S. Borja.

Tomou as armas e veio pelejar ao lado da infantaria; tres vezes sem ser mandado foi só, á disparada, unicamente com a lança, investir a força paraguaya, e de cada vez matou um inimigo. Investindo

¹ Este facto é narrado pelo vigario Gay, e soubemos ser verídico, na villa de S. Borja.

de novo contra o conselho dos seus camaradas, foi recebido por uma descarga que o estendeu morto.

A cerca de 600 metros da estrada da villa a columna inimiga parou ao ouvir a musica do 1º de voluntarios, que vinha avançando. Surprehendidos por este apparecimento, os paraguayos pararam e recuaram perante a descarga cerrada com que os recebeu o 1º de voluntarios.

Foram então recolhendo seus atiradores e formaram quadrado.

Tornou-se o fogo animadissimo e os nossos soldados da guarda nacional crearam nova coragem com o auxilio que chegava.

A infantaria da guarda nacional continuou a combater na esquerda, o 1º de voluntarios no centro e o 22º de cavallaria á direita.

Extracto da parte do coronel José Manoel Menna Barreto:

« Em breve achou-se em frente do inimigo, onde encontrou um grande desapontamento, pois apenas topou com cerca de 180 homens mal armados, sem munições, acompanhados por cerca de 70 praças de cavallaria..... »

A' 4 hora da tarde o batalhão do meu commando (que acabava de percorrer mais de duas leguas á marche-marche) entrava em fogo enthusiasmado, em soccorro de seus irmãos de S. Borja.

O 1º corpo de voluntarios da patria, em columna de grandes divisões, avançou sobre o inimigo ao toque da musica, com a bandeira fluctuante na frente e dando vivas enthusasticos.

Das praças de cavallaria destaquei 32 das mais bem montadas, sob o commando do major Fernandes de Souza Doca, a dar carga para a esquerda, enquanto o capitão Francisco José Cardoso Tico, do 23º provisorio, fazia a mesma manobra no plano direito; ao mesmo tempo avançando, o 1º de voluntarios em linha de batalha repelliu o inimigo cerca de 300 metros.» O coronel João Manoel Menna Barreto, á frente deste pequeno numero de soldados bisonhos, affrontou com a coragem que todo o exercito sempre lhe conheceu nesta longa guerra, o fogo de uma força que lhe era 4 a 5 vezes superior, desde 1 hora e 25 minutos até 2 horas e 17 minutos da tarde.

Tendo já bom numero de mortos e feridos, e julgando preenchido o seu fim, veio retirando os seus soldados para a villa, para melhor defendel-a e dar tempo assim a que todas as familias se retirassem.

Effectuou esta manobra na melhor ordem; ordenou ao capitão Luiz Ribeiro de Souza Rezende que occupasse com a sua companhia a rua de S. João e ao capitão Carlos Augusto da Cunha que occupasse com a 8^a companhia a rua Direita.

A população de S. Borja retirou-se para a campanha, bem como todas as bagagens e toda a cavallhada mansa.

O 1^o corpo de voluntarios teve naquelle combate 7 mortos ¹ e 26 feridos.²

Dos corpos de guardas nacionaes houve 20 mortos e 35 feridos.

Total, 88 homens fóra de combate.

Diz o conego Gay : « Os paraguayos tiveram mais de 100 mortos, e entre elles um official. Tiveram mais de 100 feridos. No rio e no desembarque perderam bastante gente, e o campo onde os atacou o 1^o de voluntarios ficou juncado de cadaveres. Ao valor, á intrepidez do coronel João Manoel Menna Barreto e ao 1^o corpo de voluntarios devo eu, devem as tres quartas partes dos moradores de S. Borja, o não termos cahido prisioneiros dos paraguayos. »

O major paraguayoso José Lopez, que neste dia commandou o ataque á villa, surprehendido com a appareção do 1^o de voluntarios, tocou a retirada, quando soube que este corpo estava defendendo a villa, e foi acampar junto ao Passo de S. Borja.

¹ Na parte official constam 8 mortos; porque foi incluido um 2^o cadete ferido, que ficou em S. Borja escondido pelo negociante francez Caylar.

² Commando interino das armas da provincia do Rio Grande do Sul, quartel-general — Alegrete —, 24 de junho de 1865.

Ordem do dia n. 23

Extracto. — Nomes dos defensores que combateram em S. Borja e se distinguiram : Coronel João Manoel Menna Barreto, commandante do 1^o de voluntarios, tenente-coronel José Ferreira Guimarães, commandante do 9^o batalhão da reserva de S. Borja, major José Rodrigues Ramos, commandante do 2^o provisório de infantaria da guarda nacional, major José Fernandes de Souza Doca, 22^o Prov. de cavallaria da guarda nacional, capitão Francisco José Cardoso Tico, do 23^o Prov. de cavallaria da guarda nacional, capitão Raymundo José de Souza, do 1^o de voluntarios da patria, capitão Luiz Ribeiro de Souza Rezende, do 1^o de voluntarios, tenente José Joaquim Menna Barreto, do 1^o de voluntarios, alferes João Clemente Vieira Souto, do 1^o idem, alferes Antonio da Costa Guimarães, do 1^o de voluntarios, alferes Antonio Paulo Pinto da Fontoura, do 1^o idem, alferes Nuno de Mello Vianna, do 1^o idem, alferes Augusto Ribeiro da Fontoura, do 1^o de voluntarios, sargento da brigada Manoel José de Castro, 2^o sargento Joaquim Pinto de Assumpção, alferes porta-estandarte Paulino Gomes Jardim, musico Paulo Vieira Passos, ferriell Luiz Antonio de Vargas e 2^o cirurgião Dr. João Ignacio Botelho de Magalhães.

Informado o coronel Menna Barreto de que haviam desembarcado naquelle dia 4.000 infantes paraguayos, alguma cavallaria e 6 bocças de fogo, julgou não poder com sua pequena força sustentar-se em São Borja; e durante a noite evacuou a villa sem ser percebido pelo inimigo, indo ficar pela manhã á 3 leguas de S. Borja.

No dia 11 continuou o coronel João Manoel Menna Barreto a proteger a retirada das familias emigradas de S. Borja, e á noite veio ficar no *capão* de Santa Maria, na estrada de Porto Alegre, á 7 leguas de S. Borja; havendo deixado de observação a algumas leguas atrás o tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega com o corpo 22º então todo reunido.

Na estrada havia mais de 300 carretas com familias, além de grande numero de pessoas a cavallo e da multidão que ia a pé.

No dia 11, com a noticia da invasão, os habitantes da villa de Itaquí começaram a abandonar as suas casas e todas as fazendas das immediações se despovoaram. A 11 á tarde chegou o coronel Antonio Fernandes de Lima com um piquete ao capão de Santa Maria, onde encontrou o tenente-coronel Tristão de Araujo Nobrega, que com o 22º estava de promptidão. O commandante Lima disse haver deixado a sua brigada no Passo das Pedras e declarou não se julgar com forças sufficientes para combater os paraguayos.

Ao anoitecer do dia 12 elle partiu para o Passo do Botuhy, levando comsigo o 22º e desguarnecendo assim a estrada de Porto Alegre.

O bravo major Severino da Costa Leite, que havia passado a nado o rio Camaquam com 60 homens do 28º provisório, ficou então fazendo a protecção da retaguarda a algumas leguas de S. Borja.

O commandante do 1º de voluntarios, receiando ser cortado por uma numerosa partida de cavallaria do inimigo, marchou então para Alegrete, onde entregou o commando ao tenente-coronel Carlos Betzebé de Oliveira Nery, e teve ordem de ficar junto ao quartel-general do tenente-general João Frederico Caldwell.

Emquanto se davam estes factos, passavam o rio no dias 11 e 12 os outros corpos e transportes do exercito paraguayoy.

O commandante Estigarribia, de accordo com o padre ou frade Duarte, sem o consentimento do qual nada resolvia, determinou a

entrada na villa para o dia 12. Ao meio-dia entraram em S. Borja os commandantes coronel Antonio de la Cruz Estigarribia, o frade ou padre Duarte e o official *blanco* Pedro Zipitria, seu secretario, com 50 praças de cavallaria. Haviam determinado que o saque daquelle dia seria feito unicamente em proveito do padre e do coronel, devendo a villa ser franqueada no dia seguinte aos officiaes e depois aos soldados. Já estavam preparadas na entrada da villa 50 carretas para receber os objectos mais valiosos do saque.

Depois foi este producto levado ao Paraguay, gastando cinco dias para transpor com elle o Uruguay. O saque constituia, para estes barbaros, uma operação methodica. ¹ Ao amanhecer, metade do exercito deixava o acampamento e, como ave de rapina, corria á cidade.

Ao meio-dia os primeiros se recolhiam e vinha a outra metade, que saqueava então até ao pôr do sol. O saque e a destruição duraram até ao dia 18.

Tudo quanto podia ter algum valor foi tomado; a igreja matriz foi arrombada e despojada de todas as suas riquezas.

Na villa de S. Borja haviam ficado poucos habitantes, e estes mesmos eram estrangeiros, que confiavam na protecção de suas bandeiras, e para isto as arvoraram em suas residencias.

Foram as unicas casas isentas do saque; assim foi a de um negociante francez, o Sr. Caylar, que teve que hospedar o proprio Estigarribia, e conseguiu salvar a vida de um 2º cadete ² do 1º de voluntarios ferido gravemente e que, não podendo acompanhar o seu corpo, foi carinhosamente tratado n'um quarto escondido da habitação daquelle negociante.

Este negociante foi depois agraciado por Sua Magestade o Imperador, com o habito de cavalleiro da Rosa, em attenção a este feito humanitario.

Nos dias 16, 17 e 18 começou a mover-se de S. Borja, em direcção a Itaqui, o exercito paraguayo. Felizmente as familias que fugiam da

¹ Em officio dirigido a Lopez dizia Estigarribia: « Depois de ter dado a povoação ao livre saque dos soldados em horas marcadas para cada corpo, de conformidade com as instrucções de V. Ex. »

² Este 2º cadete foi dado na parte do combate como morto, e era o 2º cadete da 1ª companhia Palmor Nunes da Silva.

fronteira não foram por elles alcançadas. De um e outro lado da estrada por onde marchavam as columnas inimigas, tudo era devastado, destruido e roubado: Estrangulavam os rebanhos, destruíam as habitações, quebravam os moveis, incendiavam as casas, apoderavam-se de todo o gado e cavallada, inutilisavam os mantimentos que não queriam carregar; as mais ricas estancias de que tinham noticias eram com empenho procuradas e destruidas, e ai! das pobres familias que não haviam fugido; nada respeitavam esses barbaros, e os seus commandantes, Estigarribia e o padre Santiago Estevão Duarte Lopez, eram os mais devassos e os mais crueis.

A marcha do inimigo é acompanhada de todos os horrores de que foi theatro Matto Grosso.

De S. Thomé marchava a divisão paraguaya commandada pelo major Pedro Duarte, descendo parallelamente á do coronel Estigarribia e em continua correspondencia por meio de canôas e chalanas que o corpo de *bogarantes* (remadores) e os auxiliares entre-rianos conduziam pelo rio, e que eram principalmente occupadas em transportar do territorio brasileiro para o de Entre-Rios o producto do saque que iam fazendo as tropas paraguayas, e que dalli era conduzido em carretas para o Paraguay. O commandante das armas, tenente-general João Frederico Caldwell, achava-se ainda no Saycan quando teve noticia da invasão de S. Borja. No dia 16 de junho mandou que o 5º corpo de voluntarios guarnecesse Alegrete, que o 23º provisório da guarda nacional se reunisse á sua brigada, que os contingentes de linha que ainda estivessem em Bagé marchassem para S. Gabriel, que a 2ª divisão, do Barão de Jacuhy, seguisse com toda a brevidade para o Botuhy (ainda estava na fronteira de Jaguarão e Bagé) e elle proprio general Caldwell dirigiu-se para Alegrete, onde estabeleceu o seu quartel-general.

Para mais uma vez accentuar o estado de desordem em que estava a administração militar naquella época, poderia citar trechos de officios dos diversos chefes, que provam que nada estava prompto, e que se chamava ás armas o povo sem ter armamento, nem equipamento, nem munições que lhe entregar. O inverno de 1865 foi muito rigoroso, e as nossas tropas bisonhas iam a mór parte sem fardamento ou com elle insufficiente naquella invernososa estação.

A dedicada e patriótica guarda nacional apparecia nos combates quasi nua, com armamento desencontrado; e era preciso vencer enormes distancias e combater o inimigo. O abastecimento de viveres era nullo, e no dia em que faltava o boi, o soldado passava fome; não havia abarracamento, ou era insufficiente o que havia. O anno de 1865, embora não fosse, como os de 1866 e seguintes, de temerosos e mortiferos combates, foi o anno terrivel da guerra. Os nossos soldados soffreram mais no territorio brasileiro do que em paiz inimigo.

Devemos admirar o patriotismo destes humildes brasileiros, a quem faltava muitas vezes o necessario, mas que esqueciam n'um dia de sol as amarguras de uma semana de temporal e, vendo que os seus officiaes partilhavam os seus soffrimentos, só lembravam-se de debellar o inimigo e limpar o solo da patria.

Não era a época do industrialismo e das especulações para o exercito brasileiro, era sim do patriotismo, da abnegação e do sacrificio no santo altar do amor patrio; e os nossos militares olhavam e consideravam os politicos com sobranceiro desprezo, embora soffressem as consequencias funestas da incapacidade e das ambições destes directores dos negocios publicos.

Haviam censurado e condemnado o convenio de 20 de fevereiro, por insufficiente ao desaggravo da honra nacional! Como consideraram na capitulação de Uruguayana o desaggravo dos saques, dos assassinatos de pessoas inermes, das violencias infames em crianças e moças fracas arrancadas aos braços dos paes por uns Estigarribia, padre Duarte e outros bandidos! Tratando-os com toda a consideração e muito melhor do que aos verdadeiros defensores da honra nacional!

Houve conselhos de guerra para militares sobre quem se queria lançar a culpa dos desastres nacionaes, quando os verdadeiros culpados eram os governantes e os politicos ambiciosos e incapazes, encarregados dos detalhes administrativos, e que nestes encargos só visavam enriquecer, embora arruinassem o paiz.

A administração militar não existia, eis a verdade! e sem administração regular não se pôde exigir exercito prompto e capaz de

preencher a sua missão. A defesa da fronteira do Rio Grande do Sul foi sacrificada ao desejo de brilharem no Rio da Prata, de serem bem recebidos pelos nossos amigos, *os argentinos!* Foi sacrificada ao tratado da Triplice Alliança; eis a verdade que os factos comprovam!...

Combate de Mbutuhy

26 DE JUNHO DE 1865

A 19 de junho marchou o exercito paraguayo de S. Borja em direcção á villa de Itaqui; iam divididos em varias columnas. Havia marchado para o centro e depois para o norte uma columna de 500 homens, explorando e procurando reunir todo o gado e cavalhadas que existiam pelas fazendas dos arredores de S. Borja.

A 21 esta força voltou a S. Borja conduzindo grande numero de gado, com intenção de fazel-o atravessar o Uruguay e mandal-o para o Paraguay.

Não encontrando mais o seu exercito, que havia marchado no dia 19, deixaram o gado alli e seguiram a reunir-se ao grosso da columna de Estigarribia, então em marcha para Itaqui, mas foram por outro caminho mais afastado do rio Uruguay. Compunha-se esta columna de 410 paraguayos e de cerca de 100 orientaes e correntinos. Commandava o major paraguayo José Lopez e tinha ás suas ordens como voluntarios os irmãos tenente-coronel João Pedro Salvanach e major Salvanach. Marchou pela estrada que de S. Borja vae á estancia de Assumpção.

No dia 25, o tenente-coronel Manoel Coelho de Souza, commendantante do 28º provisório, havia vindo de S. Matheus, com cerca de 100 praças, todos muito mal armados e mal vestidos, tendo despontado o rio Camaquam por causa da enchente e rebanhando cerca de 20.000 cavallos, que iam conduzindo. Procurava fazer junção com a brigada do coronel Antonio Fernandes Lima e entrava no Rincão da Cruz, quando repentinamente teve noticia da approximação daquella força paraguaya.

Um official, que elle enviou á descoberta com algumas praças, regressou logo perseguido pelos paraguayos, em numero de 400 a 500 homens.

A 1ª brigada estava acampada desde 23 na estancia denominada do Padre e julgava que toda a força paraguaya se achava sobre o passo do Mbotuhy, ignorando a existencia da columna paraguaya do major José Lopez e se achando, portanto, em meio das duas columnas do inimigo. O tenente-coronel, obrigado a bater em retirada, mandou prevenir ao coronel Fernandes Lima que a vanguarda paraguaya se achava perto das Tres Figueiras.

Mandando immediatamente montar a cavallo, Fernandes Lima marchou cerca de um quarto de legua, e ahi parou, estendendo em linha de batalha a sua brigada, esperando a chegada da 4ª brigada do tenente-coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita, que vinha em marcha, e já havia passado ao norte do rio Ibicuhy.

Não apparecendo o inimigo no dia 26, voltou a 1ª brigada ao seu acampamento do dia anterior.

Pouco depois da meia-noite e estando a 4ª brigada proxima, ordenou o coronel Fernandes Lima a marcha, e á testa da 1ª brigada seguiu até á frente da casa de Manoel de Souza e ahi fez alto. Tendo mandado os clavineiros do 22º sob o commando do major José Fernandes de Souza Doca, reconhecer o inimigo, não tardou a ouvir os tiros de uma guerrilha dos paraguayos com os clavineiros.

Ao amanhecer, a brigada avançou e foi encontrar o inimigo n'um campo, nas vertentes de uma cochilha e tendo adiante um fundo banhado, sobre a esquerda uma baixada e além uma espessa matta.

A força da 1ª brigada compunha-se dos corpos 10º, 11º, 22º, 23º e 5º; a 4ª brigada, dos corpos 19º, 26º e do batalhão de infantaria da guarda nacional de S. Borja; ao todo as duas brigadas tinham 2.120 combatentes.

O inimigo, ao reconhecer a força da 1ª brigada, que chegou primeiro, estendeu em linha na costa do banhado, com a sua cavallaria na direita.

O coronel Fernandes Lima mandou que o 23º e os clavineiros do major Doca atacassem a direita, o corpo 11º o centro e o corpo 10º a ala esquerda do inimigo; o 22º e o 5º ficaram de protecção e reserva.

Dado o signal de ataque pelo coronel Fernandes Lima, estes corpos fizeram uma vigorosa carga ; e logo a direita paraguaya foi rompida e quasi totalmente destruida a sua cavallaria pelo 23º, commandado pelo tenente-coronel Feliciano Prestes e pelos clavineiros do major Doca.

O corpo n. 10, commandado pelo tenente-coronel José da Luz Cunha, conseguiu collocar-se na retaguarda da ala esquerda do inimigo, ao depois de romper a sua linha e de perseguir e matar os fugitivos.

Depois, porém, de uma hora de lucta, os nossos corpos retiraram, sustentando guerrilhas e tendo sido mortos : o tenente Israel da Silva Moraes, do corpo n. 11º e o tenente Leandro Rodrigues Fortes, dos clavineiros do 22º, e ferido o capitão João de Oliveira Freitas, do 23º.

Neste momento chegou a 4ª brigada com o tenente-coronel Seze-fredo no campo da acção, e o inimigo formou quadrado na costa do banhado.

Mandado avançar, foi então o inimigo atacado por todos os corpos das duas brigadas e viu-se obrigado a procurar a sua salvação pelo centro do banhado.

Varios dos nossos deram provas do mais atrevido valor, entre outros o tenente-coronel Nobrega, commandante do 22º, que recebeu dous ferimentos de bala. Alguns dos nossos, indo em perseguição do inimigo pelo banhado a dentro, foram mortos, e o resto dos inimigos que pôde escapar, ganhou o matto e nelle internando-se foram, depois de derrotados e dispersos, juntar-se á columna de Estigarribia pelos lados do Mbotuhy.

Ficaram mortos no campo 130 paraguayos, calcula-se que numero superior a 100 morreram no banhado e no matto.

Tomámos duas bandeiras e muito armamento, tivemos 29 mortos, sendo os dous tenentes acima citados e 86 feridos, entre os quaes o tenente-coronel Tristão de Azevedo Nobrega, commandante do 22º ; e os capitães Gaspar Xavier Pereira, do 5º, João Antonio Freitas de Oliveira, do 23º, Manoel José Soares, do 26º ; os alferes Manoel dos Santos Pedrozo, do 3º de infantaria da guarda nacional, e José Felix de Oliveira Barreto, do 26º ; ao todo 115 homens fóra de combate.

No dia da invasão, 10 de junho, o major Pedro Duarte, que descia pela margem direita, havia mandado reconhecer por uma força de 50

homens (sete homens em cada canôa) commandada por um sargento, a villa de Itaqui. Alli chegaram em sete canôas pelas 3 horas da tarde e estiveram na villa cerca de duas horas, exigiram dos negociantes varios generos e voltaram depois para a outra margem, sem ter sido inquietados.

A 29 de junho esta columna havia passado o Aguapehy com 18 carretas e conservava no rio 22 canôas, a maior parte tiradas dos moradores do rio Uruguay.

Depois do feito de 26 de junho, o qual foi denominado combate de Mbotuhy, a força do coronel Fernandes Lima procurou flanquear o inimigo, guerrilhando com elle diariamente e impedindo-lhe de destacar partidas para o centro a saquear as fazendas mais distantes.

Acampou a 29 na estancia nova do alferes Amancio Machado.

O inverno era rigoroso e muito chuvoso foi aquelle mez ; a força não tinha barracas e havia grande necessidade de ponches e de fardamento ; emfim, não tinha armamento regular. ¹

A marcha do inimigo ia continuando lentamente para Itaqui: no dia 7 chegou o grosso do exercito paraguayo na villa e alli demorouse até o dia 14. Assim como haviam saqueado S. Borja, saquearam Itaqui e alli o proprio Estigarribia, ao depois de mandar matar um pobre velho, negociante portuguez, violentou-lhe a misera filha.

No dia 14 deixou Estigarribia o seu acampamento de Itaqui e fez marchar a sua vanguarda sob o Passo de Santa Maria no rio Ibicuhy. A 16 fez passar do outro lado um batalhão de infantaria com duas boccas de fogo, e foi realizar a passagem do grosso da força no logar

¹ Em officio dirigido ao tenente-general Caldwell, em 2 de julho, disse o coronel Fernandes Lima, commandante da 1ª brigada :

«Illm. e Exm. Sr.—Levo ao conhecimento de V. Ex. que desde o dia 29 do passado me acho neste ponto, Estancia Nova..... a maior parte da força do meu commando está completamente desfardada e nua, tanto que me vi obrigado a dividir as praças pelas diferentes casas destas circumvizinhanças, afim de poder resistir à intemperie..... Assim é que peço a V. Ex. alguma providencia, afim de socorrer esta força, ao menos com 1.000 ponches, que é o artigo de maior necessidade ; esta brigada não recebeu ainda abarracamento.....»

Esta força era a unica em frente do inimigo..... Accusou-se os chefes da guarda nacional, por não ter atacado o inimigo ; mas o facto é que esta tropa não foi promptificada para tanto, e os seus chefes viam-se obrigados a licencial-os, para que fossem socorrer-se em suas casas. E o *ultimatum* fôra apresentado em 4 de agosto de 1864 ! !

denominado Pontão de Ibirocay, que fica a pouco mais de meia legua do Passo de Santa Maria.

No dia 2 de julho o major Doca, que sempre andava em reconhecimentos e guerrilhas com elles, havia conseguido arrebatá-lhes 120 bois mansos, que puxavam suas carretas.

Antes de sahir de Itaquí, o commandante paraguay o remetteu para o Paraguay o producto do saque feito naquella villa : foram 14 carretas escoltadas por 50 dos seus soldados.

Emquanto estes factos se passavam na fronteira do rio Uruguay, o general D. Venancio Flóres marchava no dia 18 de julho, deixando o exercito brasileiro acampado em Ayuy e vinha á frente do exercito da vanguarda ao encontro da divisão paraguaya do major Pedro Duarte.

O exercito commandado por Flóres compunha-se de 1.200 homens de infantaria, 140 homens de artilharia com oito peças e 1.400 homens de cavallaria ; ao todo 2.440 orientaes.

Além disso, marchou sob suas ordens a 12^a brigada brasileira commandada pelo coronel Kelly com 1.450 homens e o regimento de cavallaria argentina S. Martin com 300 homens, formando um total de 4.190 praças das tres armas.

No dia 30 de junho entrava no Rio de Janeiro o transporte de guerra *Oyapock*, portador ao mesmo tempo da fausta noticia da memoravel victoria de Riachuelo e da desagradavel nova da invasão paraguaya na fronteira de S. Borja.

Immediatamente S. M. o Imperador convocou o conselho de estado e declarou a formal intenção de partir para a provincia do Rio Grande do Sul, então invadida pelo inimigo.

Consta que ás objecções apresentadas pelo conselho de estado, Sua Magestade respondeu: « Si me podem impedir que siga como imperador, não me impedirão que abdique, e siga como voluntario da patria. »

O Imperador sahiu da côrte no dia 10 de julho, no vapor *Santa Maria*, e chegou á cidade do Rio Grande a 16 desse mez. ¹

¹ No mesmo dia da chegada do Imperador, foi publicada a seguinte proclamação:

« Viva a Nação Brasileira !

« Rio-Grandenses ! — Sem a menor provocação, é por ordem do governo do Paraguay invadido segunda vez o territorio da nossa patria.

Acompanharam Sua Magestade: os principes seus genros, marechal de exercito Gaston d'Orléans, Conde d'Eu, e almirante Augusto de Saxe Cobourg, Duque de Saxe. Tambem foram o ministro da guerra, conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, o marechal Marquez de Caxias e outras pessoas gradas da côrte. No dia 19 Sua Magestade chegou a Porto Alegre.

No dia 20, o general Conde da Boa Vista tomou posse da presidencia da provincia, deixando a administração o Dr. J. M. de Souza Gonzaga, que anteriormente havia pedido sua demissão.

No dia 28 partiu o Imperador para o Rio Pardo e dahi seguiu a cavallo até á fronteira, ao acampamento do exercito brasileiro.

Nos fins do mez de maio o brigadeiro David Canabarro havia feito reunir e marchar a sua divisão de San'Anna do Livramento para as pontas de Ibirocay, e em 3 de junho achava-se acampado com o grosso da 1ª divisão naquelle lugar, o qual havia escolhido como o ponto mais conveniente para poder acudir a Uruguayana e a Itaqui.

A 26 de junho, ainda estava no mesmo ponto esperando o reforço que havia pedido, de 3 a 4.000 homens de infantaria do exercito, e outras forças que tinham de se lhe reunir.

No dia 12 soube da invasão e como primeira providencia ordenou á 4ª brigada, commandada pelo tenente-coronel Sezefredo, que se reunisse á brigada do coronel Fernandes Lima.

O exercito paraguayo, tendo terminado, *sem encontrar a menor resistencia*, a passagem do rio Ibicuhy, continuou a sua marcha sobre a villa de Uruguayana.

A partir de Ibicuhy, ia a divisão Canabarro na vanguarda e flanco esquerdo e a força do coronel Antonio Fernandes Lima na retaguarda e flanco esquerdo do inimigo.

«Seja vosso unico pensamento o vingardes tamanha affronta, e todos nos ufanaremos cada vez mais do brio e denodo dos brasileiros.

« A rapidez das communicações entre a capital do Imperio e a vossa provincia permite a mim e a meus genros, meus novos filhos, presenciar vossos nobres feitos.

« Rio-Grandenses ! Fallo-vos como pae, que zela a honra da familia brasileira; estou certo de que procedereis como irmãos que se amam ainda mais quando qualquer delles soffre.

«Palacio do Rio Grande, 16 de julho de 1865.—D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil.»

A 3 de julho o commandante militar da villa de Uruguayana, capitão de artilharia Joaquim Antonio Xavier do Valle, que havia organizado, para defesa da villa, o 4º batalhão de infantaria da guarda nacional, com 380 cidadãos, e a cujas constantes solicitações e esforços se deve a organização da flotilha, contractou por conta do Estado com particulares um vapor pequeno de reboque e serviços do commercio, por nome *Uruguay*, e dous lanchões *S. João* e *Garibaldi*, e tratou de armal-os com artilharia, para poder destruir as canôas e chalanas por meio das quaes se communicavam a columna do tenente-coronel Estigarribia e a do major Pedro Duarte.

Desde janeiro o commandante de Uruguayana e o brigadeiro David Canabarro reclamavam com instancias, do Governo Imperial, a vinda de alguns vasos de guerra, que policiassem o curso do Alto Uruguay e impedissem a passagem do rio ao inimigo, ou a autorisação para organizar uma pequena flotilha.

A esquadra brasileira estava alli perto e ninguem lembrou-se de mandar uma flotilha para defender o Uruguay. Nem siquer mandaram um official de marinha para organizar qualquer cousa. Achava-se então em Uruguayana, ás ordens do commandante da fronteira, o 1º tenente do 3º batalhão de artilharia a pé *Floriano Peixoto*¹, incumbido de exercitar no manejo das armas á Minié o 4º batalhão de infantaria da guarda nacional. A 19 de julho, este official communicou estar terminada esta commissão e tambem a de construcção de fortificações passageiras para a defesa da villa, de conformidade com as ordens e com os meios que haviam sido postos á sua disposição.

A 21 de julho foi nomeado pelo commandante militar de Uruguayana para interinamente commandar a esquadilha que se organizara.

O vaporzinho *Uruguay* era armado com um canhão giratorio de calibre 9 e em cada um dos lanchões estava assestado um pequeno

¹ O 1º tenente *Floriano Peixoto*, hoje Vice-Presidente da Republica, assistiu a toda a campanha. No Cerro-Corá, em 1º de março de 1870, assistiu a morte do dictador D. Francisco Solano Lopez. Era então o major Floriano Peixoto, commandante do 9º batalhão de infantaria de linha.

O Governo Imperial, por decreto de 3 de janeiro de 1866, o condecorou com a ordem de Christo, em attenção aos relevantes serviços por elle prestados como commandante do vapor *Uruguay*, durante a invasão das forças paraguayas desde Itaquí até Uruguayana.

rodizio de calibre 6. A guarnição das tres embarcações era de 30 praças do 4º batalhão de infantaria *da Guarda nacional*, e de 30 clavi-neiros do corpo n. 17 de cavallaria da mesma guarda.

O municiamiento era de 3.000 cartuchos embalados para infantaria, 330 cartuchos para clavi-neiros, 100 tiros para a peça de calibre 9, 200 tiros com 100 pyramides para os dous canhões de calibre 6 e munições de bocca para 20 dias.

No dia 25 de julho seguiu a esquadilha a cruzar no rio e a hostili-sar o inimigo.

Até ao dia 20 de agosto, em que chegou finalmente a esquadra com o proprio *Almirante Visconde de Tamandaré*, ficou a defesa e o serviço do rio a cargo do denodado 1º tenente do 3º batalhão de artilharia á pé, *Floriano Peixoto*, e aos seus *guardas nacionaes*, arvorado em *com-mandante da esquadilha de guerra* e em *marinheiros e artilheiros*.

O inimigo estava na margem direita do rio *Toro-Passo* e em ambos os lados do rio Uruguay, que alli tem cerca de 500 metros de largura e varias ilhotas no meio. No dia 26, o coronel Estigarribia mandou uma força ao fundo do *rinção* sobre as margens do Uruguay, porque constava-lhe que a valente esquadilha do 1º tenente Floriano Peixoto cortara as communições entre a sua columna e a do major Duarte; mettendo umas sete canôas e chalanas a pique, as quaes eram tripola-das por mais de 100 dos seus soldados, e metralhando e fuzilando outras, havia impedido assim todo o transito de canôas.

O coronel mandou então assestar uma bateria de algumas peças sobre a barranca do rio Uruguay, e cerca de 500 homens de infantaria, para fazer fogo contra a esquadilha.

O vaporzinho, zombando dos tiros do inimigo, não cessou de lhe atirar enquanto se conservou naquella posição, e chegou a desmon-tar uma peça e a fazer calar a sua bateria.

O coronel oriental Leão de Palleja, commandante da divisão de infantaria do exercito oriental, diz em seu *Diario de la Campaña*:

« El cañoneo y tiroteo que se sintió (nos dias 26 a 31 de julho, 1, 2 e 9 de agosto), dicen que ha sido entre un vaporcito brasileiro de remolque, que ultimamente se ha armado, y las fuersas para-guayas.

Este buquecito, apesar de su insignificancia, pues es un juguete de niños, está llamado a prestar-nos grandes serviços.

Que no hariam una ó dos cañoneiras? Pronto la provincia de Río-Grande se veria libre de sus invasores »

Adeante diz : « . . . Terrible responsabilidade recae, á mi pobre entender, sobre los directores de la guerra ! Porque no hay una escuadrilla en el alto Uruguay ? »

Não podendo restabelecer a communição entre as suas columnas, o inimigo afastou-se da margem e foi passar o Toro-Passo, o que effectuou sem novidade, por não encontrar resistencia alguma, embora estivessem á vista as tropas do brigadeiro Canabarro.

O brigadeiro David Canabarro era de opinião que não se arriscasse uma batalha ; não achava a sua divisão e mais forças que se lhe haviam reunido no caso de bater o inimigo, e preferia trazel-o até Uruguayana e alli sitiá-lo até á rendição.

Depois da passagem do Toro-Passo pelo inimigo o coronel Fernandes de Lima, com a 1ª e 4ª brigadas, foi despontar o Toro-Passo e reuniu-se á 1ª divisão, na margem esquerda do arroio Imbahá, um pouco acima do Passo Real.

O inimigo occupava todo o territorio entre o Toro-Passo e o arroio Imbahá e alli destruiu e queimou todas as casas que existiam, tornando esta zona um perfeito deserto.

No dia 5 de agosto, ¹ pela segunda vez, o tenente-general João Frederico Caldwell reuniu em conselho todos os commandantes de divisões

¹ No dia 9 de julho o tenente-general Caldwell reuniu-se ao brigadeiro Canabarro no acampamento da 1ª divisão, no Ibirocay, e marchou a 16 para o Passo de Santa Maria, no rio Ibicuhy, para onde se dirigiam os paraguayos, depois do saque da villa de Itaqui.

A 19 se achava á vista do inimigo, e o brigadeiro Canabarro a 4 leguas na retaguarda. A 21 o tenente-general Caldwell reuniu em conselho de guerra o brigadeiro Canabarro e os coroneis José Alves Valença e João Manoel Menna Barreto e emittiu o plano de atacar o inimigo de prompto.

O brigadeiro Canabarro declarou que sua opinião era hostilizar o inimigo em marcha, esperando para atacar que se houvessem reunido as tropas que vinham, as quaes calculava em mais de 1.500 praças ; e assim concordaram.

Em 5 de agosto o tenente-general João Frederico Caldwell dirigia ao ministro da guerra o officio seguinte :

« Illm. e Exm. Sr. — E' sob a pressão da mais acerba dôr, que apresso-me a communicar a V. Ex. o que acaba de passar-se ha pouco na divisão do brigadeiro

ede brigadas e propoz-lhes atacar o inimigo antes que elle entrasse na villa de Uruguayana.

Nada, porém, se resolveu, e neste mesmo dia os paraguayos apoderaram-se de Uruguayana.

A força brazileira que alli se achava neste dia (5 de agosto de 1865) era composta dos seguintes corpos:

1ª divisão, commandante o brigadeiro David Canabarro ;

1ª brigada, coronel Antonio Fernandes Lima ;

Corpos provisórios de cavallaria da guarda nacional ns. 10, 11, 22, 23 e 28 ;

2ª brigada, coronel João Antonio da Silveira ;

Corpos provisórios da guarda nacional ns. 17, 18 e 21, e o 4º de infantaria ;

David Canabarro, a cuja frente me acho, pelas circumstancia afflictivas por que está passando esta provincia.

Esta divisão, como V. Ex. sabe, é composta das tres armas, e forte de mais de sete mil homens ; e, posto que, á excepção de dous batalhões de infantaria do exercito, seja composta da guarda civica do paiz, tolavia tentei atacar o inimigo, que, segundo observações e probabilidades, não pôde exceder de seis mil combatentes das tres armas, preponderando consideravelmente a de infantaria.

Isto mesmo já V. Ex., como é natural, saberá pelas minhas participações á presidencia da provincia, assim como que tenho visto frustradas as minhas tentativas a respeito por mais de uma vez ; porém, podendo succeder que V. Ex. ignore que tivemos occasião propria em que me propuz a libertar esta provincia dos seus barbaros invasores, remetto a V. Ex. a inclusa cópia da carta que dirigi ao Sr. Canabarro, cuja resposta contrariou-me extraordinariamente, pela formal recusa que ella mereceu ; e ainda mais por dizer o mesmo brigadeiro que estava deseioso de atacar o inimigo.

Ao darem-se todos estes episodios, acompanhados de algumas circumstancias, que por tediosas agora escuso-me de relatar a V. Ex., tinha todavia a grata esperanza de poder em breve annunciar a V. Ex. a completa derrota dos vandalos que profanam o sólo sagrado da nossa patria ; hoje, porém, vejo obliterada do meu coração semelhante confiança, calculando V. Ex. o como me acho em completo desapontamento.

O exercito paraguayo, com passo ufano, marchava das pontas do Imbahá para a nossa florescente villa de Uruguayana ; não pule encaral-o ; tentando um ultimo esforço, chamei á minha presença os commandantes das divisões e brigadas para concertarmos o plano de atacar tão arrojado commettimento ; todos, á excepção do Barão de Jacuhy, responderam-me, sem preambulos, que achavam impossivel o podermos derrotar o inimigo, a menos que tivessemos mais quatró mil homens de infantaria ! E o mais acerrimo nesta opinião era o proprio brigadeiro David Canabarro !!!

Foi assim, que, de braços cruzados, vi impassivel a Uruguayana em poder do inimigo. *Ha dous dias passados li a carta de V. Ex., dirigida ao já citado brigadeiro, na qual the recommendara que não arriscasse uma batalha sem todas as probabilidades de triumpho. A linguagem desta carta actuou tanto no meu espirito, que ainda me acho á frente desta força em completa expectativa,* e que hoje mesmo mandei reforçar a 2ª divisão ao mando do bravo e heroico Barão de Jacuhy

Deus guarde a V. Ex. — Quartel-general do commando interino das armas da provincia de S. Pedro do Sul, em frente á Uruguayana, 5 de agosto de 1865. — Illm. e Exm. Sr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, ministro e secretario de Estado dos Negocios da Guerra. — *João Frederico Caldevel, teuento-general graduado.*

4ª brigada, tenente-coronel Sezefredo Alves de Mesquita;
Corpos ns. 19 e 26, e o 3º de infantaria da guarda nacional;
2º e 10º batalhões de infantaria de linha;
1º e 5º corpos de voluntarios da patria;
Duas baterias de artilharia com oito canhões;
2ª divisão, coronel Barão de Jacuhy;
1ª brigada, coronel José Ignacio da Silva Ourives;
Corpos provisorios ns. 13, 14 e 15;
2ª brigada, coronel Manoel Lucas de Lima;
Corpos provisorios ns. 15, 25, 30 e 6;
3ª brigada, coronel Tristão José Pinto;
Corpos provisorios ns. 12, 46 e 47.

A infantaria de linha, voluntarios da patria e artilharia apresentaram ao todo 2.461 combatentes.

A cavallaria e infantaria da guarda nacional deveria, pelos mappas, ter ao todo 8.108 combatentes; mas sómente estavam presentes cerca de 4.500 homens.

Esta força, de cerca de 7.000 homens, deveria estar organizada, fardada, armada, municuada e com abarracamento, para impedir a invasão.

Pelos officios, abaixo transcriptos, do ministro da guerra, que se achava então no theatro das operações, vê-se o estado de penuria em que se achava este exercito:

« Gabinete do ministro da guerra — Rio Pardo, 30 de julho de 1865.
..... Ha nesta provincia muita falta de fardamento e de barracas,
para as forças.....; haja, portanto, V. Ex., de ordenar que no
Arsenal de Guerra da Côrte se promptifiquem com muita urgencia 15.000
barracas, 15.000 fardamentos e alguns equipamentos para a infantaria.
.....

Deus guarde a V. Ex.— *Angelo Moniz da Silva Ferraz* — Sr. José Antonio Saraiva.»

« Gabinete do ministro da guerra — Acampamento em frente a Uruguayana, 12 de setembro de 1865 — Illm. e Exm. Sr.— O estado de penuria em que se acha o exercito aqui acampado e a pro-

vavel demora dos recursos de que posso dispôr nesta provincia, attento o máo estado das estradas, a enchente dos rios, a falta ou incapacidade dos meios de transporte, obrigam-me a lançar mão do unico meio que me resta nestas circumstancias, em que vejo *os hospitaes em estado deploravel, a tropa nua e ha cinco meses sem receber soldo*, etc.; e vem a ser o de autorisar V. Ex. a fazer quaesquer operações de credito, e remetter para este acampamento até á quantia de 500:000\$, e tudo que for necessario para remediar estes males.....

E porque não me reste tempo para officiar já ao ministro da fazenda esta resolução, V. Ex. lh'a enviará por cópia.

Deus guarde a V. Ex.— *Angelo Moniz da Silva Ferraz*.— Sr. Francisco Octaviano de Almeida Rosa.»

Este officio é do dia 12 de setembro. E' preciso notar que foi no dia 11, ás 9 horas da manhã, que o Imperador chegou ao acampamento, e *pôde então ver o estado do nosso exercito*, em frente ao inimigo, no maior rigor do inverno, acampado sem barracas e sem agasalho nas nuas campinas das cercanias de Uruguayana. E' bom recordar que o *ultimatum Saraiva* era datado de 4 de agosto de 1864; que um anno já havia decorrido, e que o exercito brasileiro, que devia defender a fronteira do Rio Grande do Sul, ainda não estava organizado e preparado para isto.

E' bom recordar que, não obstante saber-se no Rio de Janeiro, desde dezembro de 1864, do firme proposito de Lopez, de invadir a provincia do Rio Grande com cerca de 5.000 homens, pela fronteira do Uruguay, não obstante as reclamações dos chefes militares da fronteira, nem o commandante em chefe das forças no Rio da Prata se lembrou de mandar forças navaes para guarnecer o rio Uruguay, nem sequer mandou um official de marinha para organizar a policia e a defesa fluvial deste rio, nossa fronteira naquella região.

Diz o conselheiro José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, pagina 58—Convenção de 20 de fevereiro:

« O gabinete.....
accumulava todas as nossas forças em Montevideo, como si este fosse territorio brasileiro, não escolhia general em chefe, não tinha plano algum de campanha !.....

A provincia do Rio Grande do Sul ficou exposta ás correrias que soffreu, entretanto que um numeroso exercito brasileiro achava-se em terra estrangeira, sem saber que rumo seguiria.....»

Adeante, pag. 78: « D'aqui resultara o que se devia ter prevenido, que a provincia brasileira vizinha ao theatro da guerra achou-se sem força, para repellir a invasão do seu territorio; pelo menos o distincto commandante da nossa fronteira do Uruguay, o general David Canabarro, assim o julgava, e assim o havia declarado desde fevereiro. »¹

A villa de Uruguayana havia sido evacuada definitivamente no dia 4, sómente poucas familias estrangeiras ficaram e foram alli encontradas pelos paraguayos.

Praticaram na Uruguayana as mesmas scenas de pilhagem, de violencias e de destruição que haviam praticado em S. Borja e Itaqui.

Primeiro saquearam as casas dos ausentes, tanto brasileiras como estrangeiras, as particulares, edificios publicos e casas de commercio.

Como o inimigo demorou-se em Uruguayana 44 dias, a sua obra de destruição foi completa; alli encontrou mais abundancia e mais riqueza, teve tempo de inutilizar todos os bens moveis; e para fortificar-se e construir cento e poucas chalanas² para fugir, destruiu grande numero de predios.

Depois de interrompidas as communicações francas entre as duas columnas paraguayas, separadas pelo rio Uruguay, onde dominava a esquadilha do 1º tenente Floriano Peixoto, a columna Duarte con-

¹ Como o Governo precisava culpar alguém, mandou que o general David Canabarro, o coronel Antonio Fernandes Lima, e o capitão Joaquim Antonio Xavier do Valle, respondessem a conselho de guerra.

² (Schneider, guerra da triplíce alliança pag. 209):

« No primeiro dia só foram saqueadas as casas dos ausentes, mas cuidaram logo os invasores em reforçar e augmentar as obras de defesa já principiadas. As casas fóra do recinto foram demolidas e a grande quantidade de madeira e tijolos servia para melhorar e fortificar o recinto. Ao mesmo tempo principiaram os paraguayos a construir pranchas e jangadas, porque se achavam detidos pelo vapor brasileiro *Uruguay* os transportes; trazidos de S. Thomé, e em todas essas circumstancias procederam os invasores com verdadeiro tino militar. As communicações com a columna do major Duarte eram difficeis, e com o Paraguay não era mais possível corresponder com segurança nem pelo rio, por causa do mesmo vapor *Uruguay*, nem por terra, pela margem esquerda, porque engrossavam todos os dias as tropas de Caldwell e Canabarro. »

tinuou sua marcha, sem duvida na esperanza de um levantamento a seu favor em Entre-Rios. ⁴

No dia 10 chegou ao rio Yatay.

Era composta de 3.020 paraguayos, com mais de 200 blancos orientaes e muitos entre-rianos, ao todo 3.500 homens.

Combate de Yatay

17 DE AGOSTO DE 1865

A 18 de julho marchara o general D. Venancio Flôres, como acima referi, á testa do exercito de vanguarda, composto do modo seguinte:

O exercito oriental, com 8 canhões e 2.440 homens;

A 12ª brigada brasileira, commandada pelo coronel Coelho Kelly, com 1.450 homens; e o regimento de cavallaria argentina *San Martin*, com 300 homens; ao todo 4.190 combatentes.

O inverno era rigoroso e todos os arroios a atravessar estavam cheios; a marcha do exercito foi consequentemente muito lenta; sendo a sua média de 6 kilometros por dia e sómente a 13 de agosto ² pôde fazer junção com o primeiro corpo de exercito da Republica Argentina, que vinha juntar-se-lhe e era commandado pelo brigadeiro D. Veneslau Paunero.

Esta junção teve lugar no arroio Sant'Anna, a 43 kilometros ao sul da villa da Restauração, « Passo de los Libres » onde estava desde o dia 12 acampada a columna paraguaya.

O 1º corpo de exercito da Republica Argentina tinha cerca de 4.500 homens, sendo:

Infantaria, 1º, 2º, 3º, 4º e 6º de linha;

A legião militar, a legião de voluntarios paraguayos, o batalhão da guarda nacional de San Nicolas e o 1º batalhão da guarda nacional de Corrientes;

¹ Havia um mez que milicias de Urquiza haviam debandado em Bazualdo.

² Em 10 de agosto, uma guerrilha paraguaya de dous esquadrões de cavallaria, commandados pelos tenentes Miguel Brito e Paulo Arze, encontrou, além do Capiquisé tres esquadrões de cavallaria do general Madariaga; e no combate morreram o alferes, Vicente Nunez, do regimento n. 26, e 8 soldados, tendo além disso 4 feridos. Diz o coronel Estigarribia ignorar o prejuizo da força correntina.

Artilharia, 3 esquadrões, com 24 peças ;

Cavallaria, o 1º regimento e as cavallarias correntinas do general Madariaga.

Ficou então o exercito alliado de vanguarda ás ordens do general Flôres, composto de infantaria e pessoal de artilharia, 6.300 homens com 32 boccas de fogo.

Cavallaria.....	2.390	homens
Total dos combatentes.....	8.690	»

O exercito paraguayoy na margem direita, approximadamente tinha.....

3.500	homens	
Na margem esquerda.....	6.000	»
Total dos combatentes.....	9.500	»

No rio Uruguay, entre as duas columnas paraguayas e impedindo a sua junção, o vaporzinho *Uruguay* e dous lanchões *S. João e Garibaldi* metralhavam as canôas e chalanas paraguayas. ¹

A 15 de agosto soube o commandante Pedro Duarte da approximação da vanguarda do exercito alliado pelo sul ; e sem demora mandou por uma canôa pedir auxilios a Estigarribia. Respondeu-lhe este, porém, que lhe mandaria, si quizesse um valente commandante para pôr-se á frente de sua divisão, porque ella só precisava de um chefe corajoso, para resistir á vanguarda dos alliados.

E' provavel que tanto Estigarribia como Duarte ignorassem a força do exercito que vinha atacal-os, e que, si della tivessem conhecimento, este se teria retirado para S. Thomé, em logar de ficar na posição que occupava, com o arroio Yatay em sua retaguarda.

No dia 16 marchou o exercito alliado em direcção do « Passo de los Libres », formando o exercito oriental e a brigada brazileira a cabeça da columna e cobrindo a frente e os flancos as cavallarias dos generaes Goyo Soares e Madariaga. O exercito commandado pelo general Páunero vinha um pouco distante ; assim adeantaram-se até ao arroio Capiquisé.

¹ No diario do coronel Estigarribia, publicado no jornal official, vê-se que no dia 9 de agosto o *vaporcito* (como elle o chamava) ainda aprisionou-lhe uma canôa, havendo-se atirado ao rio a guarnição paraguaya, para escapar-se.

Alli o general Flôres recebeu aviso do general Madariaga de que o inimigo vinha ao nosso encontro.

Immediatamente participou ao general Paunero que o inimigo avançava e que accelerasse a sua marcha, pois estava resolvido a dar a batalha alli mesmo, isto é: além do Capiquisé.

Pouco depois, porém, soube que o inimigo se retirava para o *Passo de los Libres*.

Toda a noite estiveram de promptidão, para qualquer golpe que o inimigo desesperadamente quizesse tentar.

No dia 17, ás 7 horas e meia da manhã, marchou o exercito alliado com direcção ao Passo, que fica a duas leguas de Capiquisé, em columnas parallelas, e com distancias para desenvolver em linha. As cavallarias dos generaes Goyo Soares e Madariaga iam na frente. Já se havia marchado uma legua, quando a vanguarda communicou que o inimigo estava no *Ombuzito*, a meia legua ao norte do povoado.

O general Flôres fez então obliquar a marcha um pouco á esquerda, e na mesma ordem avançou cerca de 20 quadras (2 kilometros e meio, approximadamente).

Sabendo então que o inimigo firme em uma posição que escolhera e com valles em suas frentes nos esperava, continuou a avançar, tendo porém ordenado que as cavallarias que cobriam a frente formassem no flanco esquerdo.

O inimigo havia estendido suas linhas no fundo da baixada do Ombuzito, tendo sua frente coberta por arvoredos e vallos com duas varas (2m,4) de largura e duas de fundo e disposto seus atiradores nos vallos e cercados.

O general D. Venancio Flôres deu então ordem ao general Paunero para tomar o commando da divisão argentina e conjuntamente com a brigada brazileira preparar-se a apoiar o ataque que elle ia levar ao inimigo com os batalhões orientaes Florida, 21 de Abril, Libertad e o 16º de voluntarios, brazileiro, commandado pelo coronel Fidelis Paes da Silva.

Para isso dispersou em guerrilhas as companhias de caçadores destes batalhões, e a passo de carga avançou sobre a linha inimiga.

O inimigo, fazendo vigoroso fogo, foi inclinando a sua linha para nossa direita, obrigando assim os nossos a adeantarem-se para a esquerda. O esquadrão de artilharia oriental do general Borges avançou então, mas, retido pelos fossos demorava-se a entrar na linha de fogo. Paunero immediatamente mandou seguir pela direita o esquadrão de artilharia do major Macdom que, avançando a todo galope, veio a 500 passos fazer fogo sobre o inimigo já abalado e desnor-teado pelo vivissimo fogo dos quatro batalhões de Flôres. O fogo da artilharia veio augmentar a desordem nas linhas paraguayas, e adeantando-se a bateria Nelson, tornou-a então completa. Avançando então as infantarias argentinas e a 12ª brigada brasileira em columna de ataque, com fortes linhas de atiradores, foram os paraguayos rechassados de seus fossos, não obstante a sua tenaz resistencia, e cercados e postos em completa confusão.

A 2ª divisão argentina tomou o flanco direito do inimigo, cortando-lhe cerca de 500 combatentes e fazendo-os prisioneiros, sendo um delles o major Pedro Duarte, que entregou sua espada ao capitão Uriburu.

O inimigo, completamente cercado pela nossa infantaria, no angulo que forma a confluencia do Yatay com o rio Uruguay, defendia-se em grupos esparsos, com grande vigor e desespero, mas sempre ia recuando. Neste momento a escolta do general Flôres e o 1º regimento de cavallaria argentina deram umas brilhantes cargas, que completaram a derrota do inimigo. Obliquou então para a esquerda, procurando passar o rio Yatay pelo unico passo praticavel; mas ahi foi com grandes perdas envolvido e rechaçado pelas cavallarias dos generaes Madariaga e Goyo Soares; e atravessando os banhados teve de ficar apertado e na maior desordem no rincão que é formado pela confluencia do Yatay com o Uruguay.

O esquadrão de artilharia do major Vieira Bueno com alguns tiros de metralha obrigou o resto dos paraguayos a fugir a nado pelo arroio Yatay e rio Uruguay.

A cavallaria então acabou ou aprisionou os dispersos, e é fóra de duvida que do exercito paraguayos o que não foi morto foi feito prisioneiro.

179

O combate começado ás 11 horas estava terminado á meia hora depois de meio-dia. O fanatismo dos paraguayos e a sua teimosia em não querer render-se como prisioneiros, embora vencidos, fez degenerar o combate em verdadeiro massacre; e houve mais de 1.700 mortos. Os alliados fizeram 1.500 prisioneiros sãos, e o commandante major Pedro Duarte. Como trophéos foram tomadas quatro bandeiras, toda a bagagem, armamento, petrechos bellicos e grande numero de chalanas.

O prejuizo dos alliados foi :

Argentinos : Officiaes, 3 mortos e 12 feridos ; soldados, 10 mortos e 74 feridos.

Orientaes : Officiaes, 3 mortos e 23 feridos ; soldados, 48 mortos e 114 feridos.

Brazileiros : Officiaes, 2 feridos ; soldados, 19 mortos e 32 feridos.

Total, 83 mortos e 257 feridos.

Fóra de combate 340 homens.

A 12ª brigada, commandada pelo coronel Joaquim Rodrigues Coelho Kelly, constava de :

5º batalhão de infantaria, commandante major Francisco Camisão ; 7º dito, commandante major Herculano Pedra ; 3º batalhão de voluntarios da patria, tenente-coronel Rocha Galvão e o 16º batalhão de voluntarios, commandante coronel Fidelis.

O coronel Fidelis Paes da Silva foi ferido.

Do campo de batalha, Flores escreveu ao general Mitre :

« *Um triumpho completo acaba de obter o exercito alliado.*

Todos cumpriram com o seu dever no campo de batalha.

Yatay, agosto 17.— *Venancio Flores.* »

Proclamação

« O governador provisório da Republica Oriental do Uruguay, general em chefe do exercito alliado da vanguarda.

« Soldados argentinos, brazileiros e orientaes !— Atravez de marchas forçadas e de incommodos de todo o genero, vencendo o rigor dos

elementos, tendes chegado até ás forças do aleivoso invasor, que ostentava suas legiões e devastava o territorio de Corrientes.

«Hoje o anniquilastes, dando uma tremenda lição aos tyrannos. Vossos esforços acham-se recompensados, vossa coragem e denodo tudo venceram ; assim é que a mais completa victoria bafeja vossas frentes com gloria immortal.

« A divisão paraguaya, em força de mais de 3.000 homens, desapareceu deante de vossa presença, ficando prisioneiros mais de 1.000 soldados, com o seu chefe, o major Duarte, e o resto morto ou ferido sobre o campo de batalha, pela ferocidade barbara e ignorante que os domina.

« Em nosso poder deixaram como trophéos de guerra quatro bandeiras, toda a sua bagagem, armamento e petrechos, e vós deveis ostental-os com orgulho, pois os tendes conquistado com vossa bravura e heroismo.

« Soldados ! — Os tyrannos vão desaparecer deante de exercito combate pela liberdade e igualdade dos povos.

« O triumpho de Jatay é apenas o precursor de outros maiores, que vos abrirão as portas de Assumpção para remir esse povo irmão, dando-lhe patria, instituições e liberdade.

« Saúda-vos, vosso general e amigo — *Venancio Flores*. — Campo de batalha a 17 de agosto de 1865.»

Tal foi a batalha de Jatay, a primeira que as armas alliadas deram e ganharam contra o inimigo commum.

Uruguayana

No dia 5 de agosto, quando o exercito paraguayo ia marchando para a villa, sómente o tenente-coronel Bento Martins de Menezes, com uma pequena força, ia tiroteando com a vanguarda do inimigo.

Pelo diario do coronel Estigarribia vê-se que a vanguarda paraguaya era commandada pelo capitão Diogo Alvarenga, chefe do batalhão n. 17, e que este official, na guerrilha que teve nas ruas de Uruguayana, foi derribado com dous lançãos por soldados do corpo do commandante Bento Martins.

Nesta guerrilha foram aprisionados varios soldados nossos pelos

175

paraguayos, e conduzidos fóra da villa, foram degolados nas visinhanças do cemiterio por estes barbaros, á vista do nosso exercito.

Depois da derrota da columna do major Pedro Duarte em Jatay, que o coronel Estigarribia presenciou de Uruguayana, teve este um instante a idéa de romper as linhas do sitio.

No dia 19 as tropas de Flôres, acampadas na villa da Restauração, «Passo de los Libres», viram as tropas paraguayas sahir de Uruguayana e empenhar um tiroteio de infantaria e artilharia com as tropas do tenente-general Caldwell e do brigadeiro Canabarro. Não obstante terem sahido de manhã para romper as linhas brazileiras, voltaram para dentro da villa rechaçadas pelos nossos.

Extrahido do diario do coronel Palleja: O rio Uruguay estava como um mar e o general Flôres via-se embaraçado para transportar o seu exercito para a margem esquerda, pois, como disse o coronel Palleja, sómente podia contar com o vaporzinho *Uruguay*, os dous lanchões *S. João e Garibaldi*, e o escaler da capitania do porto. O vaporzinho podia levar 100 homens, e com mais algumas canôas tomadas ao inimigo em Jatay se poderiam transportar de cada vez uns 300 homens.

Não obstante isto, no dia 19 mandou Flôres passar, no vapor *Uruguay*, alguns dos seus officiaes com officios para o tenente-general Caldwell e o brigadeiro David Canabarro, participando-lhes a victoria de Jatay e a sua resolução de passar com o seu exercito para a margem esquerda do rio. Ao mesmo tempo mandou o tenente João Zorilla, prisioneiro de Jatay, seguir com o coronel D. Nicacio Borges para entregar a Estigarribia a seguinte nota propondo-lhe capitulação:

«O Presidente da Republica Oriental e general em chefe do seu exercito.

Quartel General em marcha, em 19 de agosto de 1865.

Sr. commandante em chefe D. Antonio Estigarribia— No interesse de evitar a effusão de sangue que V. S. vae fazer derramar inutilmente, porque está inteiramente perdido, dirijo-me a V. S. para lhe dizer que neste momento estou tomando as medidas convenientes para passar o meu exercito, que consta de 8.000 infantes, 40 peças de artilharia 4.000 homens de cavallaria, e vou determinado a batel-o.

Por este motivo faço-lhe a proposta de entregar-se prisioneiro com o seu exercito, offerecendo-lhe, sob a minha palavra de honra, todas as garantias que V. S. possa desejar para si mesmo, os chefes, officiaes e soldados, tratando-os como amigos.

Os alliados não fazem a guerra aos paraguayos, mas sim ao ty-ranno Lopez que os governa e os trata como escravos ; e nós vamos-lhes dar liberdade, instituições, nomeando vós um governo pela vossa livre vontade.

Não esqueça, commandante Estigarribia, que V. S. deve ser um dos primeiros homens da republica paraguaya, e salvar os seus conterraneos da morte e da ruina que os aguarda, si seguirem nessa tenacidade.

V. S. entenda-se commigo e tenha fé de que não o engano, porque não sou homem politico ; fallo-lhe com a franqueza do soldado. Não se illuda, porque o general Mitre acha-se em frente do exercito paraguayo, no Paraná, com mais de 36.000 homens, e V. S. não tem quem o possa salvar.

Não perca tempo em aceitar o unico meio de salvação que tem.

Deus guarde a V. S. por muitos annos.—*Venancio Flôres*— Nota.
—Espero a sua resposta hoje mesmo.— *V. Flôres.*»

Resposta do coronel Estigarribia a Flôres

« Viva a Republica do Paraguay.

O coincommandante em chefe da divisão paraguaya em operações no Uruguay.— Quartel-general em marcha, Uruguayana, 20 de agosto de 1865.— Sr. general em chefe brigadeiro D. Venancio Flôres — Hontem de noite, bem tarde, recebi a sua nota de hoje, que me foi entregue pelo tenente prisioneiro José Zorrilha, o qual entregará a V. Ex. esta minha resposta.

Considerarei com attenção o conteúdo da supramencionada nota para responder a ella como cumpre ao militar de honra, a quem o supremo governo de sua patria confiara um logar melindroso. Consequentemente devo declarar a V. Ex. que, como paraguayo, como militar e como soldado que defende a causa das instituições e da independencia de sua patria, e cujo governo está resolvido a manter a todo custo a inte-

178

gridade das republicas do Prata e seu equilibrio, não posso nem devo aceitar as proposições de V. Ex.

Mesmo suppondo que, como V. Ex. diz na sua nota, a que respondo, esteja eu perdido e não deva esperar protecção dos exercitos do Paraguay, a honra e a obediencia ás ordens do supremo governo da minha patria me ordenam morrer antes de entregar as armas que nos foram confiadas por S. Ex. o Sr. marechal presidente da republica, para defender os sagrados direitos de tão nobre causa, contra um inimigo estrangeiro.

Os chefes, officiaes e praças da divisão que commando são do meu mesmo modo de pensar, e estão decididos a morrer todos no campo de batalha antes de aceitar uma proposição que deshonoraria e encheria de eterna infamia o nome do soldado paraguayo.

Contente com a modesta posição que occupo em minha patria, não quero honras nem glorias que devem ser adquiridas com mingua da minha patria, e com proveito de alguns poucos descontentes paraguayos consagrados ao serviço da conquista estrangeira.

Como eu, toda a divisão do meu commando desejamos com anciedade o momento de provar a V. Ex. que o soldado paraguayo não conta o numero dos seus inimigos, nem tambem transige com elles, quando defende tão nobres e caros interesses.

Deus guarde a V. Ex. por muitos annos. — *Antonio Estigarribia.*»

Resposta do coronel Estigarribia a Canabarro (1)

« Viva a Republica do Paraguay !

O commandante em chefe da divisão de operações no rio Uruguay. — Quartel-general em marcha, Uruguayana, em 20 de agosto de 1865.

A' S. Ex. o Sr. brigadeiro David Canabarro — O mesmo official paraguayo prisioneiro no combate do dia 17, que entregou-me a sua nota e a do brigadeiro Flôres, é portador da minha resposta.

¹ Não conhecemos a proposta do general Canabarro ao Commandante Estigarribia.

Tanto a V. Ex. como ao general Flôres digo, que defendo e sustento a causa da republica e da independencia da minha patria, e que como soldado de honra não posso nem devo acceitar proposições de classe alguma.

Confio muito na nobreza e reconhecido valor do soldado paraguayo, e bater-me-hei ao lado dos soldados paraguayos, como souberam fazel-o os que já se bateram com os de V. Ex. nas pontas do Mbutuy.

Com a devida consideração. — Deus guarde a V. Ex. por muitos annos. — *Antonio Estigarribia.* »

Proposta do tenente-general Caldwell a Estigarribia

« Quartel-general do commando interino das armas da provincia, nas pontas do Embá, a 20 de agosto de 1865.

Sr. commandante — Convicto de que já não vos é desconhecida a vossa precaria situação, ultimamente ainda aggravada pela total derrota da força do vosso Estado que se achava em frente a Uruguayana no dia 17 do corrente; e desejando a todo custo poupar o sangue americano, quer pelo dever que nos impõe a quadra de civilisação que atravessamos, como correspondendo ás recommendações e vontade do meu augusto soberano, e finalmente, dispondo de um exercito composto das tres armas e em numero duplicado do vosso, além do exercito ao mando do general Flôres, que, sem duvida alguma, se achará em combate ao meu lado, vos convido a depôr as armas, dando-vos a garantia de vida a todos sem excepção.

Sr. commandante — Collocado, como vos achaes, á frente de tantos soldados de quem não podeis despir a essencia humana, para stoicamente barateardes suas vidas em um combate tão desigual e inevitavel, é vosso dever como christão e chefe o de acceitardes a presente offerta que faço, e que fica garantida pela minha honra de general brasileiro. — Deus guarde a V. S. — *João Frederico Caldwell*, tenente-general graduado.»

177

Resposta de Estigarribia a Caldwell

« Viva a Republica do Paraguay !

O commandante em chefe da divisão paraguaya em operações no rio Uruguay, acampamento em marcha, Uruguayana, em 20 de agosto.

Sr. general — Os meus chefes, officiaes e soldados obedecem ás ordens do supremo governo do Paraguay, e delle receberam o mandato de se porem sob as minhas. Em nenhuma das instrucções dadas por S. Ex. o Sr. marechal presidente da republica é ordenado que me renda ao inimigo, pelo contrario, me foi ordenado pelear até morrer na defesa dos sagrados direitos da patria e da integridade das republicas do Prata.

Por conseguinte, não aceito proposição de classe alguma, e tanto hoje como amanhã V. Ex. achar-me-ha disposto a dar a mesma resposta.

Si as forças de que V. Ex. dispõe são tão numerosas, como assevera, venha, e saberá então o que devem esperar o Imperio do Brazil e os seus alliados do soldado paraguayo, que sabe morrer gloriosamente perto de sua bandeira, porém jámais se render. — Deus guarde a V. Ex. muitos annos. — Sr. tenente-general Caldwell. — *A. Estigarribia.* »

O que pensaria o coronel Estigarribia, ao receber as successivas intimações dos tres generaes, fallando cada um em seu proprio nome? Que nenhum delles estava autorizado para tanto, e que a falta de unidade de commando e as rivalidades resultantes actuavam muito nas resoluções que se tomavam nos exercitos alliados.

Elle esperava ainda ser soccorrido por forças vindas do Paraguay, ou por algum movimento do exercito ao mando de Robles.

No dia 20 de agosto á tarde chegou ao acampamento em frente a Uruguayana, o tenente-general Manoel Marques de Souza, Barão de Porto-Alegre, que a 20 de julho havia sido nomeado commandante em chefe do exercito em operações na provincia do Rio Grande do Sul; e a 21 publicava a ordem do dia n. 1, assumindo o commando em

chefe do exercito brasileiro ¹, o qual depois foi classificado como 2º corpo.

No dia 20 era nomeado o coronel de artilharia, Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, deputado do ajudante general do exercito; e o coronel João Manoel Menna Barreto, deputado do quartel-mestre general.

No dia 21 começou o general Flôres a atravessar o Uruguay com o seu exercito, e neste mesmo dia á tarde, chegando os vapores de guerra *Taquary* e *Tramandatahy*, com duas chatas, ao mando do capitão de fragata Lomba, começaram a empregar-se, promptamente com a esquadilha do 1º tenente Floriano Peixoto, no transporte da infantaria e artilharia do exercito de vanguarda. A bordo da esquadilha do commandante Lomba vinha alguma força de infantaria, que juntou-se ao exercito do Barão de Porto-Alegre, e que constava de mais de 1.000 praças.

Depois de ter passado o Uruguay com o exercito a seu mando, tendo ficado na margem direita as cavallarias, o general Flôres ordenou que o general D. Henrique de Castro fizesse com ellas um reconhecimento no territorio das Missões, até Itapúa. Logo no começo desta expedição foi aprisionada uma partida paraguaya de um official e seis soldados, que iam de ordem de Estigarribia pedir reforço ao presidente Lopez.

Em 23 de agosto o general Barão de Porto-Alegre organizava o exercito em quatro divisões :

A 1ª, que já existia, ao mando do brigadeiro Canabarro ; a 2ª, ao mando do coronel Barão de Jacuhy ; a 3ª, ao mando do brigadeiro

¹ Commando em chefe do exercito em operações na provincia de S. Pedro do Sul.

Quartel-general, 21 de agosto de 1865.

Ordens do dia n. 1

Tendo Sua Magestade o Imperador, por decreto de 20 de julho.....
.....
Espera que a briosa força que passa a commandar lhe facilitará o desempenho de suas obrigações, tendo cada um dos que a compoem o unico pensamento de debellar o inimigo commum e salvar a honra e dignidade nacional. Deste modo
.....

Barão de Porto-Alegre.

178

José Gomes Portinho, e que se organizava com as forças da guarda nacional da Cachoeira, Cruz-Alta, Passo Fundo e Santa Maria da Bocca do Monte, e enfim uma 4ª divisão composta de duas brigadas e commandada pelo coronel Joaquim José Gonçalves Fontes.

A 1ª brigada desta divisão era composta dos corpos de voluntarios da patria ns. 19º, 24º, 29º, 31º, 32º, 33º e do 4º batalhão de artilharia a pé, e commandada pelo coronel do 1º regimento de cavallaria, João Manoel Menna Barreto.

A 2ª brigada, ao mando do coronel Hygino José Coelho, ficou organizada com os corpos de voluntarios da patria sob ns. 8º, 23º, 25º, 28º, 30º, o 2º da guarda nacional da Parahyba, o 22º provisório de infantaria de linha e os contingentes de artilharia de voluntarios de Porto-Alegre.

No dia 29 de agosto foi interinamente encarregado do serviço sanitario do exercito o cirurgião-mór de brigada Polycarpo Cezario de Barros.

Tambem foi organizada a commissão de engenheiros, sendo seu chefe o major do corpo de engenheiros Rufino Enéas Gustavo Galvão, e membros os seguintes officiaes do corpo de engenheiros :

Primeiros tenentes Vicente Pereira Dias, Antonio Eleuterio de Camargo, Augusto Fausto de Souza, Luiz Vieira Ferreira e o alferes José Arthur de Murinelly.

No dia 31 chegou do sul, a bordo da esquadilha, o contingente do batalhão de engenheiros, commandado pelo tenente Eudoro Emiliano de Carvalho e os alferes Francisco Antonio Carneiro da Cunha e Marcos de Azeredo e Souza, para os trabalhos do sitio, e ficou á disposição do chefe da commissão de engenheiros.

No começo de setembro, tendo-se apresentado no acampamento o capitão do 1º de artilharia a cavallo Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, este official reuniu sob o seu commando as duas baterias do seu regimento, que se achavam distribuidas em diversas brigadas.

Tambem ficou organizada uma companhia de transporte, com um capitão, um tenente, um alferes e 62 praças.

O general Barão de Porto-Alegre, vencedor da batalha de Caceres, ao tomar conta desta amalgama semi-civil, semi-militar, com a qual

formou o disciplinado e brilhante 2º corpo de exercito, tratou de inculcar no espirito de todos que a disciplina é a base e força de um exercito.

Pela ordem do dia n. 8 de 5 de setembro dispensou do serviço de deputado do quartel-mestre general o coronel João Manoel Menna Barreto, *por assim o haver pedido*, em consequencia de ter S. Ex. chamado a sua attenção para a execucao de ordens que lhe havia dado, e o mandou recolher preso á sua barraca, pelo modo pouco respeitoso com que se houvera nessa occasião.

Foi então nomeado deputado do quartel-mestre o tenente-coronel do 1º regimento de cavallaria ligeira, José Antonio Corrêa da Camara.

Depois da chegada do Barão de Porto-Alegre e de haver este general assumido o commando em chefe do exercito brasileiro, ao mesmo tempo que o exercito da vanguarda do general Flôres havia terminado a sua passagem, e que o almirante Tamandaré havia chegado, reuniram-se em conselho ¹ os generaes Barão de Porto-Alegre, Tamandaré, Flôres e Paunero, e resolveram fazer uma ultima intimação ao inimigo. Em consequencia, no dia 2 de setembro, os chefes do exercito alliado, sitiando Uruguayana, dirigiram a seguinte intimação ao commandante paraguayano :

« Quartel-general em frente a Uruguayana, 2 de setembro de 1865.

Ao Sr. commandante em chefe do exercito paraguayano em operações sobre a costa do Uruguay, coronel D. Antonio Estigarribia.

¹ Nesta conferencia houve uma discussão um tanto desagradavel entre Flôres de um lado e Porto-Alegre e Tamandaré de outro. Flôres havia mandado um recado a Porto-Alegre para que avançasse o seu acampamento. Era uma ordem ou um recado de superior para inferior? Porto-Alegre não o cumpriu, e na conferencia que se seguiu deu-se a scena violenta a que nos referimos. Flôres declarou que Tamandaré e Porto-Alegre o tomavam por um *sonso* (tolo), mas que elle não soffreria isso e passaria de novo para a margem direita com as suas tropas, que só com ellas era capaz de atacar e destruir a divisão de Estigarribia. Os dous generaes brasileiros responderam energicamente, dizendo-lhe que a destruição da columna de Estigarribia pelos 4.000 argentinos e orientaes de que dispunha Flôres não passava de uma fanfarronada, e que, si elle julgasse melhor voltar á margem direita, podia fazel-o, porque a provincia do Rio Grande do Sul não precisava de auxilio estranho para aniquillar as forças invasoras. Flôres comprehendeu que se tinha excedido, voltou ás boas, deu explicações aos generaes brasileiros e a conferencia terminou em tom amigavel. Ao assignar-se a intimação, o almirante convidou Flôres a assignar em primeiro logar.

129

Os abaixo assignados, representantes do exercito alliado da vanguarda, cumprem um alto dever dirigindo-se a V. Ex. com o fim que esta nota exprime, esperando confiadamente que, para que elle se consiga, prestará V. Ex. a cooperação que sua posição e deveres lhe impoem.

Antes de romper as hostilidades, para que estamos preparados, sobre a povoação de Uruguayana, occupada por forças sob o seu commando, não teriamos satisfeito as prescripções mais sagradas da civilização e humanidade, si não lhe patenteassemos o nosso sincero desejo de cortar as grandes e inuteis desgraças que occasionaria a resolução em que V. Ex. até agora tem permanecido, de sustentar-se nessa praça.

Ao acceitar a guerra que o presidente do Paraguay gratuitamente declarou ás nações alliadas, nossos respectivos governos acceitaram-a em nome de sua honra offendida e dos principios de liberdade e justiça que professam, resolvidos a fazel-a com o vigor de que são capazes, sujeitando-se sempre, porém, aos principios beneficos de moderação que a tornam menos dura, e são observados por todos os povos cultos da terra. Não é, pois, Sr. coronel, uma guerra de exterminio a que fazemos ao presidente do Paraguay, do que é prova a existencia de numerosos prisioneiros, chefes, officiaes e soldados, feitos no combate do dia 17 do passado, e que não cessam de louvar a reconhecida generosidade dos vencedores, dos quaes não receberam a menor demonstração de aggravar-lhes a condição de vencidos.

Animados por estes sentimentos, não queremos ser de fórma alguma responsaveis pelo sacrificio dos soldados que obedecem a V. Ex., sacrificio tão esteril na posição em que os poz a sorte da guerra, como deshumano, porque é só permittido combater quando existe alguma probabilidade de triumpho, ou quando se póde alcançar qualquer vantagem para a causa que se defende.

V. Ex: está, segundo a opinião dos abaixo assignados, em um caso extremo, e do qual só póde esperar um fim desastroso, si persistir em repellir as propostas honrosas que lhe dirigimos; por conseguinte, as vidas de tantos compatriotas seus, confiados á sua

direcção, devem ser-lhe devidamente caras, para não immolal-as esterilmente — por uma mal entendida honra militar, que, nas actuaes circumstancias, não póde ter justa e bem cabida applicação.

Sem a menor intenção de offender as opiniões politicas que V. Ex. professa, consideremos assim mesmo conveniente recordar-lhe que a guerra que fazemos actualmente se dirige tão sómente ao presidente do Paraguay, e de nenhuma maneira ao povo paraguayo, cuja independencia e soberania estão garantidas solememente pelas nações alliadas, e cuja liberdade interna se propoem ellas assegurar tambem, como base da futura paz a que aspiram e da boa intelligencia dos seus governos.

Em virtude disto, não podemos deixar de ponderar a V. Ex. que nenhuma razão justa póde impellil-o a derramar o sangue de seus compatriotas por uma causa reprovada e puramente pessoal, e que V. Ex. mesmo não tardará em deplorar intimamente quando, graças á mudança politica que se prepara na sua patria, a vir entrar em uma existencia nova e reparadora, respirando a liberdade que seu governante lhe roubou cruelmente, sujeitando um povo a arrastar eternamente a cadêa do escravo, tendo V. Ex. consciencia de haver sacrificado seus proprios compatriotas para resistir a esse immenso bem, em vez de trabalhar para alcançal-o.

E' tempo ainda, Sr. coronel, que V. Ex., reflectindo maduramente, se convença da verdade dos factos referidos e que, longe de defender a causa de sua patria, como parece crel-o, serve tão sómente a um homem que a tem opprimido, e não póde nunca proporcionar-lhe outros bens que o predominio absoluto de uma vontade despotica e o atrazo sem termo do povo.

Esta é uma das razões por que nossos respectivos governos não olham o povo paraguayo como seu verdadeiro inimigo nesta terra, mas sim o governante absoluto que o tyrannisa e que o extraviou e arrastou á guerra inqualificavel que provocou, e esta é tambem uma razão poderosa que augmenta a responsabilidade de V. Ex., si insistir em defender-se nessa praça contra o ataque que daremos, apoiados em 20.000 homens e 50 peças de artilharia, sem contar os numerosos reforços que successivamente veem chégando.

Em virtude das considerações expostas, e de haver chegado ao conhecimento dos que assignam que individuos da guarnição dessa praça teem mostrado a outros deste exercito o seu desejo de conhecer por escripto as bases da convenção que proporiamos aos sitiados, redigimos as que constam da carta junta, tambem por nós assignada, e que juntamos para seu conhecimento.

V. Ex. advertirá que lhe offerecemos as condições mais honrosas que se costumam conceder entre nações civilizadas ; porém deve persuadir-se de que este procedimento da nossa parte é uma prova mais dos sentimentos que nos animam a respeito dos cidadãos paraguayos a quem não podemos confundir jámais com o seu governo.

Deos guarde a V. Ex. muitos annos.—*Venancio Flôres.*—*Visconde de Tamandaré.*—*Barão de Porto-Alegre.*—*Vencesláo Paunero.* »

Bases do convenio

« Os representantes do exercito alliado da vanguarda, brigadeiro-general D. Venancio Flôres, governador provisorio da Republica Oriental do Uruguay e commandante em chefe do exercito alliado da vanguarda, vice-almirante Visconde de Tamandaré, commandante em chefe das forças navaes do Brazil no Rio da Prata, tenente-general Barão de Porto-Alegre, commandante em chefe do exercito em operações nesta provincia, e o general D. Vencesláo Paunero, commandante em chefe do 1º corpo do exercito argentino, interessados em evitar o inutil derramamento de sangue, attenta a situação precaria em que estão as forças paraguayas que occupam a villa brazileira de Uruguayana, contando que o commandante em chefe das ditas forças estará na altura dos serios deveres que sobre elle pesam, pelo que toca á salvação das numerosas vidas de seus soldados, as quaes como militar só teem o direito de expôr no caso de ter alguma probabilidade de exito (que não póde esperar), concordaram, em nome dos direitos da humanidade, offerecer ao Sr. coronel D. Antonio Estigarribia, commandante em chefe do supradito exercito paraguayo, as seguintes condições para a entrega da praça :

1.ª O chefe principal, officiaes e mais empregados de distincção do

referido exercito paraguay sahirão com todas as honras da guerra, levando suas espadas ; poderão seguir para onde for de seu agrado, sendo obrigação dos abaixo assignados ministrar-lhes para isso os necessarios auxilios.

2.^a Si escolherem para a sua residencia alguns pontos do territorio de qualquer das nações alliadas, serão obrigados os respectivos governos a prover á subsistencia dos mencionados chefes e officiaes paraguayos durante a guerra, até sua conclusão.

3.^a Todos os individuos de tropa, desde sargento para baixo, inclusive, ficarão prisioneiros de guerra, debaixo da condição de que serão respeitadas suas vidas, alimentados e vestidos devidamente durante o periodo da guerra, por conta dos mesmos governos.

4.^a As armas e mais pêtrechos bellicos pertencentes ao exercito paraguay serão postos igualmente á disposição do exercito alliado.—*Venancio Flóres.*—*Visconde de Tamandaré.*—*Barão de Porto-Alegre.*—*Vencesláo Paunero.* »

Resposta dos sitiados

« Viva a Republica do Paraguay !

O commandante em chefe da divisão em operações sobre o rio Uruguay.—Acampamento na Uruguayana, 5 de setembro de 1865.

Aos senhores representantes do exercito alliado da vanguarda.

O abaixo assignado, commandante em chefe da divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay, cumpre o dever de responder á nota que VV. EEx. lhe dirigiram com data de 2 do corrente, acompanhando as bases de um accordo.

Antes de tocar no principal da nota de VV. EEx., seja-me permitido repellir, com a decencia e elevação proprias de um militar de honra, todas aquellas proposições contidas na referida nota, por demais injuriosas ao supremo governo do abaixo assignado.

Essas proposições, com perdão de VV. EEx., collocam semelhante nota ao nivel dos jornaes diarios de Buenos-Aires, os quaes de

alguns annos a esta parte não fazem outra cousa, não teem outra occupação, sinão denegrir grosseira e severamente o governo da republica do Paraguay ; lançando ao mesmo tempo grosseiras calumnias contra o mesmo povo, que respondeu, promovendo a sua felicidade domestica por meio do trabalho honroso, e fazendo consistir a sua maior felicidade na sustenção da paz interna, base fundamental da preponderancia de uma nação.

Si VV. EEx. mostram-se tão zelosos por dar a liberdade ao povo paraguay, segundo suas proprias expressões, por que razão não principiaram por dar a liberdade aos infelizes negros do Brazil, que compoem a maior parte de sua população, e que gemem na mais dura e espantosa escravidão, afim de enriquecer e deixar passear na ociosidade a algumas centenas de grandes do Imperio ? Desde quando aqui se chama escravo a um povo que elege por sua livre e espontanea vontade o governo que preside aos seus destinos ? Sem duvida alguma, desde que o Brazil se intrometteu nos negocios do Prata, com o proposito deliberado de submeter e escravisar as republicas irmãs do Paraguay, e talvez ao proprio Paraguay, si este não contasse com um governo patriotico e previdente.

VV. EEx. hão de permittir-me estas digressões, visto que as provocaram, insultando em sua nota o governo da minha patria.

Não concordo com VV. EEx. em que o militar de honra, o verdadeiro patriota deve limitar-se a combater quando tiver probabilidade de vencer.

Abram VV. EEx. a historia, e nesse grande livro da humanidade aprenderão que os maiores capitães, de quem o mundo ainda se recorda com orgulho, não contaram nem o numero de seus inimigos, nem os elementos de que dispunham, mas venciam ou morriam em nome da patria.

Lembrem-se VV. EEx. que Leonidas, com trezentos espartanos, defendendo o passo das Thermopilas, não quiz dar ouvidos ás proposições do rei da Persia, e, quando um de seus soldados disse-lhe que os inimigos eram tão numerosos que escureciam o sol quando disparavam as flechas, respondeu-lhe: « Melhor, combateremos á sombra. » Como o capitão espartano, não posso dar ouvidos ás propostas do inimigo,

porquanto fui mandado com os meus companheiros para pelear em defesa dos direitos do Paraguay, e como sou soldado devo responder a VV. EEx., quando enumeram as forças que commandam e as peças de artilharia de que dispoem : « Tanto melhor, o fumo da artilharia nos fará sombra. »

Si a sorte me prepara um tumulto nesta villa de Uruguayana, nossos concidadãos conservarão a lembrança dos paraguayos que morreram pelejando pela causa da patria, e que enquanto viveram não entregaram ao inimigo a sagrada insignia da liberdade da sua nação.

Deus guarde a VV. EEx. muitos annos. *Antonio Estigarribia.*»

Logo que o general D. Bartholomeu Mitre teve conhecimento da victoria de Yatay e dos successos de Uruguayana, onde era esperado o Imperador do Brazil, deixou o commando em chefe do exercito alliado ao general Ozorio, embarcou com o almirante Tamandaré que ia para Uruguayana, com os vapores *Onze de Junho* e *Iniciador*, e chegou no dia 10 ao acampamento em frente a esta villa. Nestes vapores vieram o 11º de infantaria brasileiro e o batalhão argentino *Santa Fé*.

No dia 12 chegou ainda o 4º corpo de voluntarios da patria.

Ao chegar ao acampamento o general D. Bartholomeu Mitre quiz assumir o commando em chefe das forças alliadas que sitiavam Uruguayana. O tenente-general Barão de Porto-Alegre, commandante em chefe das forças brasileiras, recusou-se a esta exigencia do brigadeiro general Mitre, sustentando, e com razão, que em virtude do art. 3º do tratado da Triplice Alliança, devia pertencer o commando, em territorio brasileiro, ao commandante em chefe das forças brasileiras.

O general Barão de Porto-Alegre conservou o commando, e a chegada, no dia seguinte do Imperador, resolveu a questão. As operações militares ficaram a cargo do Barão de Porto-Alegre, commandante em chefe do exercito brasileiro, e dos generaes alliados Flôres e Paunero, sem que o presidente Mitre assumisse no territorio brasileiro o commando em chefe das forças alliadas.

Mais tarde, no dia 18 de setembro, nas negociações com Estigarribia sómente figuraram o ministro da guerra Angelo Moniz da Silva Ferraz e o tenente-general Barão de Porto-Alegre, como órgãos dos chefes alliados.

A' chegada do general e presidente argentino, o coronel Estigarribia, que havia repellido com suprema arrogancia as intimações dos diversos generaes das tropas alliadas a 19 e 20 de agosto, e a intimação collectiva de 2 de setembro, escreveu-lhe uma carta ¹, convidando-o a que lhe abra proposições honrosas, para evitar o derramamento de sangue. O illustre e prudente general argentino não respondeu a esta audaciosa proposta.

O ministro da guerra chegou ao acampamento no dia 10, quasi á mesma hora que o presidente Mitre, e o general Barão de Porto-Alegre, pela sua ordem do dia n. 11, immediatamente communicou ao exercito a proxima chegada do Imperador e deu suas ordens para uma revista geral de todos os corpos do exercito.

No dia 11 de setembro, a artilharia brasileira dava solemne testemunho ás 9 horas da manhã da entrada de S. M. o Imperador no acampamento de suas tropas.

Ao seu encontro foram o ministro da guerra e o Barão de Porto-Alegre, e antes de entrar no acampamento foi cumprimentado pelos generaes Mitre, Flôres e pelo almirante Visconde de Tamandaré.

Nesta occasião, os tres chefes das nações alliadas apertaram as mãos com as maiores demonstrações de reciproca e leal amizade.

¹ Proposta dos sitiados ao general Mitre

« Viva a Republica do Paraguay! O commandante em chefe da divisão paraguaya em operações sob o rio Uruguay. — Sitio de Uruguayana, 13 de setembro de 1865. — A' S. Ex. o Sr. general em chefe do exercito aliado, brigadeiro D. Bartholomeu Mitre. — Exm. Sr. O abaixo assignado, commandante em chefe da divisão paraguaya sitiada em Uruguayana, tem a honra de dirigir-se a V. Ex., desejoso, tanto ou mais que SS. EEx. os chefes da vanguarda de V. Ex., de evitar o derramamento do sangue dos seus concidadãos; mas, como os mencionados chefes fizeram ao abaixo assignado proposições indecorosas para um militar de honra, minhas respostas tem sido proprias dos offerecimentos, e dignas do homem a quem o governo de sua patria confiou uma espada, espada de honra e de lealdade.

Si V. Ex. desejar evitar o derramamento de sangue, tem a occasião opportuna de fazel-o na altura que V. Ex. desejaria em caso analogo ao meu.

Pôde V. Ex. abrir proposições dignas, e não duvide que, si assim for, os desejos de V. Ex. e os meus serão satisfeitos.

Deus guarde a V. Ex. muitos annos. — Antonio Estigarribia. »

Sua Magestade e Suas Altezas, os Srs. Conde d'Eu, marechal de exercito (1) e Duque de Saxe, almirante brasileiro, foram acampar no centro do exercito, com o ministro da guerra e suas comitivas, junto ao quartel-general, á cerca de uma legua de Uruguayana.

A chegada de S. M. o Imperador ao acampamento produziu no exercito uma alegria e um entusiasmo indescriptivel. Antes de tudo, o Imperador quiz informar-se, por seus proprios olhos, do estado do exercito, examinou o seu fardamento, o seu armamento, inteirou-se das comidas dos soldados, visitou os hospitaes de campanha, e deu immediatamente providencias 2 para melhorar o estado do nosso exercito. Mostrou-se, como sempre, incansavel para attender aos soccorros, de que precisavam os enfermos e os soldados, de quem parecia não o soberano, mas o pae, e que á vista destes cuidados, como tal o queriam.

Parecia que o monarcha brasileiro estava convencido de que o seu Governo não havia providenciado como era do seu dever, para organizar e preparar o exercito que devia vingar a honra da patria ultrajada e repellir os invasores do territorio nacional, e que elle queria atenuar o mais possivel esta falta para com o exercito e com a nação.

Nos dias 11 e 12 os chefes das nações alliadas e generaes fizeram varios reconhecimentos, tanto por terra como no rio, para delinear o melhor plano de ataque á praça.

No dia 13 ás 10 horas da manhã, a bordo do vapor *Onze de Junho*, teve logar uma conferencia entre os chefes das nações alliadas, estando presentes os principes Conde d'Eu e Duque de Saxe o ministro da guerra, o general Barão de Porto-Alegre e o almirante Visconde de Tamandaré.

Ficou decidido, para logo que melhorasse o tempo, realizar-se o ataque.

A villa de Uruguayana estava completamente cercada. No rio Uruguay estavam as canhoneiras *Taquary* e *Tramandatahy*, os va-

¹ Por decreto de 27 de julho de 1865, S. M. o Imperador conferiu a S. A. o Sr. Conde d'Eu, o posto effectivo de marechal de exercito, e ao Sr. Duque de Saxe o posto effectivo de almirante.

² Ver o officio do ministro da guerra datado de 12 de setembro, ao ministro plenipotenciario F. Octaviano de Almeida Rosa, e que se acha transcripto paginal 25.

183

pores *União, Onze de Junho e Uruguay* e os dous lanchões artilhados *S. João e Garibaldi*.

Ao todo havia a bordo 12 peças de grosso calibre e as peças do *Uruguay* e dos lanchões.

Em terra, pelo lado de E, estava a 1ª divisão com 4 brigadas; ao sul a 2ª divisão brasileira; ao norte as tropas alliadas e com ellas a 12ª brigada brasileira.

Os alliados tinham 32 boccas de fogo e os brasileiros 14; eram portanto 61 boccas de fogo, comprehendendo 4 estativas de foguetes a Congrève e a artilharia da esquadilha.

Por alguns transfugas paraguayos, que famintos se haviam apresentado, constara que nos primeiros dias do sitio haviam estragado e desperdiçado os abundantes depositos de generos alimenticios, que elles encontraram nas casas de commercio e nos depositos da cidade, e que na actualidade já estavam reduzidos a comer a carne dos seus emmagrecidos e cansados cavallos.

No dia 15, tendo melhorado o tempo, Sua Magestade passou revista ás divisões orientaes e argentinas. Os generaes alliados, principalmente Flôres e Mitre, tributaram as mais delicadas attenções de respeito e veneração ao monarcha brasileiro, pelas eximias qualidades que todos n'elle reconheciam.

A 16, D. Pedro II passou revista á 1ª divisão brasileira, commandada pelo brigadeiro David Canabarro.

A meia-noite deste dia um paraguayo, foragido de Uruguayana, declarou que pela madrugada o inimigo tentaria fugir pelo rio, tendo para isso construido mais de cem grandes chalanas, de lotação superior a 50 homens cada uma; immediatamente deu-se o toque de promptidão em todo o exercito e á postos na esquadilha. Pela manhã de 17 foi resolvido em conselho investir-se a praça no dia seguinte.

Organisação das forças alliadas no dia 18 de setembro de 1865

No rio : canhoneira *Tramandatahy*.

Vapor *Uruguay*.

Dito *Onze de Junho*.

Vapor *União*.

Lanchões *S. João e Garibaldi*.

Artilharia, comprehendida a dos lanchões, 15 peças ; infantaria brasileira: batalhões de linha 2º, 5º, 7º, 10º e 11º; corpos de voluntarios da patria 1º, 3º, 4º, 5º, 16º e zuavos, batalhões provisórios da guarda nacional ns. 3º e 4º. Ao todo—13 corpos—4.150 combatentes. Infantaria argentina : batalhões de linha 1º, 2º, 3º, 4º e 6º, legião militar, legião de voluntarios ; batalhões da guarda nacional: 1º de Corrientes, S. Nicolás e Santa Fé. Ao todo—10 corpos—3.068 combatentes. Infantaria oriental: batalhões Florida, 24 de Abril e voluntarios da liberdade. Ao todo—3 corpos—1.038 combatentes. Total da infantaria dos alliados : 26 corpos, com 8.256 combatentes. Cavallaria brasileira: divisão Canabarro e divisão Jacuhy: 20 corpos da guarda nacional, a pé, armados como infantaria, 2.123 combatentes. Cavallaria 6.000 ; total combatentes 8.123. Cavallaria argentina, 1º regimento, 300 combatentes. Cavallaria oriental, piquete. 50 combatentes. Total da cavallaria dos alliados 8.473. Artilharia brasileira 10 peças e 4 estativas ; combatentes 120 ; contingentes do batalhão de engenheiros 50 combatentes. Artilharia argentina 24 peças ; combatentes 365 ; Artilharia oriental 8 peças ; combatentes 132. Total da artilharia do exercito aliado 46 peças e 667 combatentes. Total de combatentes 17.396 homens.

Na manhã de 18 de setembro formaram todas as forças do exercito aliado. Antes de marchar a tomar as posições que de ante-mão haviam sido designadas, o general em chefe Barão de Porto-Alegre dirigiu ás tropas a seguinte proclamação :

Camaradas ! Approxima-se o momento em que os vandalos, que teem levado o incendio e a desolação aos habitantes inermes de uma e outra margem do Uruguay, deverão expiar seus nefandos crimes. Ahi os tendes á vossa frente entrincheirados no ambito que offerece o recinto da villa de Uruguayana, que com barbaro prazer teem quasi de todo arruinado.

O nosso adorado monarcha nos honra com sua augusta presença, em companhia dos augustos principes seus genros, e do ministro da guerra.

189

Tendes por companheiros nesta lucta de honra os valorosos soldados das nações alliadas, e *para testemunhas de vossos feitos os chefes das mesmas nações*, que commigo vos guiarão na marcha gloriosa que vamos emprehender.

Camaradas! Demos ao nosso inimigo uma lição assim de valor como de civilisação e humanidade. Offereçamos-lhe ainda uma vez, antes de principiarmos o combate, algumas horas para reflectirem, e ao mundo inteiro uma prova de que no nosso justo resentimento nos quitamos de suas atrocidades por actos dignos de um povo livre.

Viva a S. M. o Imperador! Viva a Nação Brasileira! Vivam as nações alliadas!— BARÃO DE PORTO-ALEGRE.»

Foi realmente magestoso, conforme testemunhas oculares, o espectáculo do exercito aliado formado em um grande arco de quasi uma legua de comprimento, avançando em formatura de columnas, com distancias para formar em linha, e apertando cada vez mais o circulo de ferro em que se via envolvida a villa occupada pelo inimigo.

Ao meio-dia menos 11 minutos estava completamente investida a praça.

A' direita, entre o cemiterio e a villa, estava assestada em uma bateria, que rapidamente foi construida pelo contingente do batalhão de engenheiros, ¹ a artilharia brasileira; á sua esquerda e direita, em cinco columnas de brigadas, a infantaria; o quartel-general, com Sua Magestade, os príncipes, o ministro da guerra, o marechal Marquez de Caxias, etc., proximo á bateria e no centro da infantaria. Mais á direita até ao rio as cavallarias do Barão de Jacuhy. No centro da linha de batalha vinha o exercito argentino, com parte de sua artilharia estendida em linha, e á esquerda o exercito oriental; a divisão Canabarro formada em segunda linha, de protecção á primeira.

¹ Na vespera o contingente do batalhão de engenheiros recebera ordem de preparar cestões para uma bateria de 14 bocas de fogo. Prepararam-se no acampamento os cestões necessarios e foram levados até á frente do cemiterio por praças de cavallaria. Designado o local pelo chefe da commissão de engenheiros, foi em cerca de meia hora construida a bateria pelos soldados do contingente, sob a direcção de seus officiaes, e alli assestou-se a artilharia do esquadrão commandado pelo capitão Gama Lobo d'Eça.

O contingente ficou de promptidão á retaguarda da bateria, prompto a marchar ao assalto.

As avançadas estavam á cerca de 300 metros das fortificações de Uruguayana.

Ao meio-dia o general em chefe mandou o seu ajudante de ordens, capitão Manoel Antonio da Cruz Brilhante, levar a seguinte nota ao commandante da praça :

« Em nome do Imperador e dos chefes alliados.

A prolongação do rigoroso sitio em que se acham as forças sob o commando de V. S. deverá por certo tel-o convencido de que sentimentos meramente humanitarios reteem os exercitos alliados em operações nesta provincia ante o ponto do territorio que V. S. occupa. Estes sentimentos que nos animam e que sempre nos dominaram, qualquer que seja o resultado da guerra a que fomos levados pelo vosso governo, me obrigam a ponderar á V. S. que semelhante posição e estado de cousas deve ter um paradeiro, e, em nome do Imperador e dos chefes alliados, annuncio a V. S. que dentro do prazo de duas horas nossas operações vão começar. Toda a proposição que V. S. fizer, que não seja a de renderem-se as forças do seu commando sem condições, não será acceita, visto que V. S. repelliu as mais honrosas que lhe foram pelas forças alliadas offerecidas. Qualquer que seja, pois, a sua resolução, deve V. S. esperar da nossa generosidade o tratamento consentaneo com as regras admittidas pelas nações civilisadas.— Deus guarde a V. S.— Acampamento junto aos muros de Uruguayana, 18 de setembro de 1865.— *Barão de Porto Alegre*, tenente-general.— Ao Sr. coronel Antonio Estigarribia, commandante em chefe da divisão paraguaya em operações sobre o rio Uruguay, sitiada em Uruguayana.»

Pelas 2 horas da tarde o coronel Estigarribia mandou pedir mais meia hora, porque estava em conselho de officiaes resolvendo sobre a resposta a dar. Foi-lhe concedida. A's 2 horas $\frac{1}{2}$ chegou a resposta do chefe paraguayo como segue:

« O commandante em chefe da divisão paraguaya offerece render a guarnição da praça de Uruguayana debaixo das seguintes condições:

1.^a O commandante da força paraguaya entregará a divisão sob o seu commando, desde sargento inclusive, guardando os exercitos

alliados para com elles todas as regalias que as leis da guerra prescrevem para com os prisioneiros.

2.^a Os chefes, officiaes e empregados de distincção sahirão da praça com suas armas e bagagens, podendo escolher o ponto a que quizerem dirigir-se, devendo o exercito alliado sustental-os e vestil-os durante a presente guerra; si escolherem outro ponto que não seja o Paraguay, serão para alli enviados por conta do mesmo exercito, e por conta propria, si preferirem o Paraguay.

3.^a Os chefes, e os officiaes orientaes que estão nesta guarnição à serviço do Paraguay, ficarão prisioneiros de guerra do Imperio, guardando-se todas as considerações de que forem credores.—Sitio de Uruguayana, setembro 18 de 1865.—*Antonio Estigarribia* »

Esta resposta foi entregue pelo capitão paraguayo *Baptista Ibanez*. Alli mesmo, á cavallo, os chefes alliados conferenciaram e resolveram acceitar a 1.^a e 3.^a condições sem restricção alguma, e quanto á 2.^a resolveram que os officiaes paraguayos de qualquer categoria se rendessem, não podendo sahir da praça com armas; sendo-lhes livre escolher para a sua residencia qualquer logar que não pertencesse ao territorio do Paraguay.

O ministro da guerra dirigiu-se então para a villa, para se entender pessoalmente com o commandante paraguayo. Foi acompanhado pelo tenente-general João Frederico Caldwell, chefe do Estado-Maior do Exercito, pelo major Miguel Pereira de Oliveira Meirelles, secretario do commando em chefe, e pelo capitão Antonio José do Amaral, official de gabinete do ministro da guerra.

Passando as trincheiras e penetrando na praça, o ministro da guerra fez a declaração convencionada ao commandante Estigarribia, que a pediu por escripto, e S. Ex. escreveu e assignou a já citada resolução.

Meia hora depois, tendo Estigarribia consultado os seus officiaes, deu por escripto a seguinte declaração:

«Commando em chefe da divisão paraguaya, sitio de Uruguayana, 18 de setembro de 1865.

O abaixo assignado acceita as proposições de V. Ex. e deseja unicamente que seja Sua Magestade o Imperador do Brazil o melhor garante de tal convenio.

A elle e a V. Ex. me confio e me entrego prisioneiro de guerra com a guarnição, attendendo ás prescripções estatuidas por V. Ex.

O abaixo assignado espera que V. Ex. procederá immediatamente a ajustar com elle o modo como se deve effectuar o desarmamento e entrega da guarnição.

Deus guarde a V. Ex. — *Antonio Estigarribia.*

Depois de haver o ministro da guerra recebido a espada do chefe paraguayo, dirigiu-se a Sua Magestade, a quem a entregou, apresentando-lhe o proprio coronel Estigarribia, que dalli foi conduzido para a barraca do Barão de Jacuhy.

Das sete bandeiras dos vencidos, uma foi offertada pelo Imperador ao general Mitre e outra ao general Flôres.

Ficaram como prisioneiros ¹ 5.486 praças e 59 officiaes paraguayos a saber:

Batalhão 14º de infantaria — combatentes.	. . .	700
» 15º » »	. . .	610
» 17º » »	. . .	754
» 31º » »	. . .	440
» 32º » »	. . .	680
» 33º » »	. . .	676
		Total da infantaria. . . 3.860
Regimento 27º de cavallaria — combatentes.	. . .	440
» 28º » »	. . .	475
» 33º » »	. . .	485
		Total da cavallaria. . . 1.400

¹ Os soldados paraguayos foram divididos entre os alliados; grande parte dos que foram entregues ao general Flôres assentaram praça nos batalhões orientaes; dos que foram entregues ao general Paunero, alguns assentaram praça na legião paraguaya e outros foram para Buenos-Aires, procurando empregos e trabalho nas estancias. No exercito brasileiro não se acceitou nenhum paraguayo. Nos primeiros dias 500 paraguayos foram empregados, sob a guarda e direcção das praças do contingente do batalhão de engenheiros, em desfazer as barricadas e fortificações que haviam feito na villa de Uruguayana. Quando com este contingente e praças de corpos de linha se organizou o corpo de pontoneiros do 2º corpo de exercito, estes paraguayos seguiram com esse corpo para S. Borja para coadjuval-o nos trabalhos de guerra; porém pouco depois foram desligados e mandados para Porto-Alegre. Quando o 2º corpo de exercito marchou de S. Borja para a frenteira do Paraguay, não havia mais nenhum paraguayo no exercito. O autor deste trabalho era 2º tenente do corpo de pontoneiros.

Esquadrão de artilharia — combatentes.	115
Corpo de bogavantes (remadores).	70
Estado-maior	20
Conductores	80
Total de corpos espezias.	<u>285</u>
Somma.	5.545

Foram arrecadados: 540 espadas, 850 lanças, 34 clavinas, 110 pistolas, 3.630 espingardas, 3.700 cinturões com patronas, 231.000 cartuchos, 19 carretas e uma carretilha, sendo de notar que muitos officiaes e soldados alliados desviaram armamento.

Os trophéos de guerra foram sete bandeiras e seis canhões.

No dia 19, Sua Magestade mandou publicar a seguinte proclamação:

« Soldados! O territorio desta provincia acha-se livre, graças á simples attitude das forças brazileiras e alliadas. Os inimigos renderam-se; mas não está terminada a nossa tarefa. A honra e a dignidade nacional não foram de todo vingadas: parte da provincia de Matto Grosso e do territorio da Republica Argentina jazem ainda em poder do nosso inimigo.

Avante, pois, que a Divina Providencia e a justiça da causa que defendemos coroarão nossos esforços.

Uruguayana, 19 de setembro de 1865 — D. PEDRO II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil. — *Angelo Muniz da Silva Ferraz.* »

Tambem no mesmo dia o tenente-general Barão de Porto-Alegre mandava pela sua ordem do dia n. 13 communicar ao exercito brazileiro as occurrencias do dia 18 de setembro; saudal-o em nome do Imperador, conjural-o para respeitar a desgraça do inimigo vencido, e agradecia-lhe a dedicação e o enthusiasmo de todos naquella esplendida victoria da civilização contra o vandalismo.

Pela ordem do dia n. 16 de 24 de setembro de 1865 foi publicada esta proclamação e o decreto sob n. 3515 de 20 do mesmo mez, que creou uma medalha commemorativa da rendição da divisão do exer-

cito da republica do Paraguay, que occupava a villa de Uruguayana, e autorisou o seu uso para todos os officiaes e soldados que assistiram e tomaram parte naquelle feito.

A 21 o Imperador, depois de ouvir um *Te-Deum* e uma missa em acção de graças n'uma capella improvisada junto á sua tenda de campanha, convidou para almoçarem em sua tenda os generaes Mitre e Flôres com os seus estados-maiores, todos os generaes, etc., reinando a maior cordialidade entre todos! Antes de sentar-se á mesa Sua Magestade havia offerecido aos generaes Mitre e Flôres a gran-cruz do cruzeiro.

Depois da capitulação começaram logo no dia 19 á passar para o outro lado do rio Uruguay as forças vencedoras em Yatay, que allí junctaram-se ás que haviam ficado na villa da Restauração e á *Legião Paraguaya Liberal*, commandada pelo coronel Iturburú.

Logo que foi concluida a passagem, o general Mitre, á 1 de outubro, pondo-se com o general Flôres á testa destas forças marcharam para Mercedes. Os generaes Ozorio e Gelly Obes estavam então com as tropas alliadas, na altura de Curuzú-Cuatiá.

No dia 23, em sua tenda de campanha, proxima a Uruguayana, o Imperador recebeu em audiencia solemne o Sr. Thornton, ministro da Gran-Bretanha, encarregado de manifestar as intenções cordiaes do seu governo, reatando as relações diplomaticas e renovando-as amigavelmente, ficando assim terminado honrosamente para o Brazil o incidente Christie, e livre o Imperio de qualquer complicação ou intervenção na presente guerra por parte da Inglaterra.

Ao discurso que proferiu nesta occasião o ministro inglez, ao apresentar as suas credenciaes, e no qual declarava que o governo de Sua Magestade a Rainha aceitava completamente e sem reservas a decisão de Sua Magestade o Rei da Belgica, respondeu o Imperador do Brazil :

« Vejo com sincera satisfação renovadas as relações diplomaticas entre o Governo do Brazil e o da Gran-Bretanha.

A circumstancia de tão feliz acontecimento se realizar onde o Brazil e seus leaes e valentes alliados acabam de mostrar que sabem unir a moderação á defesa do direito, augmenta meu prazer, e prova

que a politica do Brazil continuará a ser inspirada pelo espirito de harmonia justa e digna com todas as outras nações.»

Assim, com esta satisfação, renovam-se as relações amigaveis do Brazil com a Inglaterra, que se mostrou verdadeiramente grande, reconhecendo o nosso direito. Em 22 de novembro de 1865 foi assignada e expedida a credencial restabelecendo a legação em Londres e nomeado ministro o Sr. Barão de Penedo.

Em 19 de setembro o general Mitre escrevia ao Dr. Marcos Paz, vice-presidente da Republica Argentina, o seguinte :

« Tendo-se estipulado que a guarnição sahiria das trincheiras desarmada e sem as honras da guerra, com os seus chefes e officiaes desarmados na frente, um official *que sahia com a bandeira desfraldada, foi della despojado* ao passar pelo general Cabral, ajudante de campo de Sua Magestade o Imperador do Brazil. O Imperador tomou-a e m'a entregou. Eu a acceitei em nome do povo argentino

Offereço esse trophéo á minha patria, como duplamente precioso e memoravel.
. terei o prazer de declarar o cavalheirismo com que se hão portado os nossos nobres alliados do Brazil, querendo ceder-nos maior numero de trophéos, especialmente artilharia ; honra que declinamos, acceitando, tanto o general Flôres como eu, uma só peça de artilharia. »

O Imperador havia seguido do Rio de Janeiro no dia 10 do mez de julho, chegara á provincia do Rio Grande do Sul á 16 do mesmo mez, e seguira no dia 4 de agosto a cavallo para Uruguayana, onde chegou no dia 11 de setembro.

No dia 18 rendia-se o inimigo e achava-se livre assim a provincia do Rio Grande do Sul.

No dia 23 havia reatado as relações amigaveis entre o seu governo e o da Gran-Bretanha.

A 25 sahio de Uruguayana, a bordo do vapor *11 de Junho*, e foi visitar Itaqui e S. Borja. Esta villa estava ainda quasi deserta ; poucos homens para alli tinham regressado, e familias quasi nenhuma. Dahi

voltou o Imperador a Uruguayana e seguiu para a cidade do Rio Grande do Sul. Chegou ao Rio de Janeiro, de volta de sua excursão ao sul em 9 de novembro, tendo estado quatro mezes ausente do Rio de Janeiro.

Disse o padre Gay, vigario de S. Borja, em seu opusculo :

« Tenho concluido a narração da invasão do inimigo paraguay na fronteira do Uruguay, que durou 100 dias, desde 10 de junho, em que a divisão paraguayana passou o rio Uruguay e pisou em nosso territorio, e que só se findou a 18 de setembro, com sua capitulação.

Invasão summamente prejudicial ás villas de S. Borja, Itaquí e Uruguayana, e em geral a todos os habitantes da fronteira do Uruguay, que em grande parte ficaram reduzidos á miseria.

Invasão, devo dizer, vergonhosa para o paiz, que, dispondo de recursos consideraveis de toda a qualidade, não sómente para impedir a invasão, mas para esmagar o Paraguay inteiro e dez republicas como a intitulado republica do Paraguay, pela indolencia e pelo descuido deixou chegar as cousas ao ponto que temos visto neste memorial.

Não é sufficiente *que o governo repare os prejuizos causados e faça indemnisar os damnos que soffreram os habitantes*, deve tambem tratar de prevenir as desgraças de igual genero que poderão sobrevir para o futuro.....»

A 2 de junho, em Assumpção, o presidente do Paraguay, em uma proclamação, declarava que sentia a necessidade de ir dirigir as operações da guerra pessoalmente, e annunciava a sua partida para o theatro da guerra. Em julho o general Resquin lhe havia pedido com instancia que viesse pôr-se á testa do exercito, e Francisco Solano Lopez prometteu vir com um exercito de 25.000 homens, para de uma vez atravessar o territorio de Corrientes e de Entre-Rios, e ligando-se com as columnas de Duarte e Estigarribia derrotar o exercito alliado na Concordia e fortalecer a invasão da provincia do Rio Grande do Sul por Estigarribia.

Lopez chegou apenas até á cidade de Corrientes, onde andou passeando e mostrando aos correntinos seus esplendidos uniformes. Não obstante suas promessas, não foi ao exercito de Resquin, nem mandou-lhe reforço. Quem chegou ao theatro da guerra foi o imperador do

Brazil, cuja presença restabeleceu a união entre os chefes e generaes alliados, e fez melhorar o estado material e moral do exercito.

O boato, porém, que se propalou, da vinda de um exercito paraguayo de 25.000 homens, ao mando de Lopez, foi em grande parte causa das recusas altaneiras de Estigarribia e da consequente demora da rendição desta divisão, que logo depois do combate de Yatay, e de ver as suas communições ¹ cortadas no rio Uruguay pela flotilha do 1º tenente Floriano Peixoto, tinha forçosamente de render-se.

Pela ordem do dia sob n. 21, de 3 de outubro de 1865, vê-se que antes de se retirar de Uruguayana o ministro da guerra, Angelo Moniz da Silva Ferraz, mandou publicar em aviso de 27 de setembro, para conhecimento do exercito, a narrativa de todos os acontecimentos que se haviam dado na fronteira do Rio Grande do Sul com a invasão das tropas paraguayas, e dizia no fim della:

«... Nestes termos, o Governo Imperial julga indispensavel e ordena que se sujeitem a um conselho de investigação, composto dos officiaes constantes da relação inclusa, e depois, qualquer que seja o seu parecer ou decisão, a conselho de guerra: o brigadeiro honorario David Canabarro, coronel commandante superior Antonio Fernandes Lima e capitão de artilharia Joaquim Antonio Xavier do Valle.

.
Manda declarar que acham-se nomeados para o conselho de investigação respectivo os Exms. Srs. marechal de campo Francisco Antonio da Silva Bittancourt, brigadeiros José Luiz Menna Barreto e José Gomes Portinho.»

Na *Historia da guerra do Brazil contra as republicas do Uruguay e Paraguay*, cujo autor, assevera o annotador de *Schneider*

¹ No diario militar, do coronel Antonio Estigarribia, vê-se que ainda a 9 de agosto procurou communicar-se com a columna do major Duarte, o que não pôde realizar, porque nesta occasião em que experimentou mandar sahir varias chalanas, uma dellas foi posta a pique pelo *vaporcito Uruguay* e outras metralhadas, accusando o diario terem sido mortos nesta occasião cinco soldados paraguayos. Por isto reconheceu nesta occasião serem cortadas as suas communições pelo rio e somente a noite podia, com a escuridão, atravessar uma ou outra canôa com poucos tripulantes.

(*J. M. da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco*) ser o *Dr. Pereira da Costa*, lê-se no 2º volume, á pag. 321:

«... Sua Magestade o Imperador e... regressaram a esta côrte e entraram a nossa barra á 1 hora da tarde do dia 9 de novembro de 1865, após uma ausencia de quatro mezes, *que foram todos consagrados a uma obra digna do Defensor Perpetuo do Brazil e da dedicação que tem mostrado o patriótico monarcha brasileiro*, pois elle teve a gloria de vencer com generosidade as hordas paraguayas, que dous mezes mancharam com sua presença o solo rio-grandense. O triumpho do Imperador não custou nem uma gotta de sangue. *A viagem de Sua Magestade foi tão forçada,*

Os grandes sacrificios que fizeram, as verdadeiras privações que o Imperador e os Principes soffreram, a ponto de passarem 24 horas sem tomar alimento! são factos que o paiz sabe e que jámais os olvidará »

Si é verdade que o Imperador e sua comitiva soffreram alguns encommodos e privações, é tambem verdade que o *Defensor Perpetuo do Brazil* podia ter evitado esta viagem e estas privações.

Bastava, para isso, que os *directores políticos da guerra* houvessem feito em tempo guarnecer a fronteira do Uruguay por uma boa flotilha e por um exercito organizado e armado para esta defesa.

Si culpados foram o brigadeiro David Canabarro, o coronel Fernandes Lima, o capitão Joaquim Antonio Xavier do Valle, e outros que se viram envolvidos nos desastres da invasão paraguaya, e foram apontados como os unicos responsaveis por elles.
muito maior culpa tiveram o Governo Imperial e os *directores da guerra*, que preferiram angariar as boas graças e os louvores de Buenos-Aires, e cuidaram mais, com o tratado da Triplice Alliança, dos interesses da Republica Argentina, do que dos interesses do seu proprio paiz. Os defensores da fronteira, mais expostos do que os que estavam no Rio de Janeiro e em Buenos-Aires, e mais interessados em que não se dêsse a invasão, que veio assolar seus campos, representaram e pediram os meios para que não tivesse logar esta

189

invasão e para, atravessando o Uruguay, ir combater o inimigo no territorio das Missões, e rechacal-o além do Paraná. Pediam uma esquadilha no Uruguay e 3 á 4.000 homens de infantaria do exercito, que estava ainda naquelle momento no serro de Montevidéo esperando as ordens do general em chefe da Triplice Alliança.

Nem sequer um official de marinha foi mandado para organizar a defesa do rio !

E quando já se havia dado a invasão foi preciso que um 1º tenente de artilharia do exercito, o *Sr. Floriano Peixoto*, com um calhambeque e dous lanchões comprados a particulares, e com guardas nacionaes de infantaria e cavallaria, improvisasse a defesa do rio, organisando a pequena esquadilha que admira-se não ter sido abordada e tomada pelo inimigo, o qual tinha 45 canôas e chalanas, e podia atacar aquelles poucos defensores do rio Uruguay, com mais de 1.000 paraguayos tripolando estas canôas.

Estigarribia não pôde soccorrer a columna de Duarte, porque alli estava no rio a esquadilha.

Não era preciso para vencer os 5.000 soldados paraguayos encurralados na villa de Uruguayana, e onde ficaram sem meios de subsistencia, não tendo munições, artilharia nem cavallaria ; com pessimo armamento, não contando com outros meios de defesa, nem soccorros de qualidade alguma, não era preciso, diziamos, todo este apparatus e o comparecimento dos tres chefes das tres nações alliadas para aniquillar este miseravel exercito, composto, além disso, de soldados não aguerridos ; pois, assim como o exercito brasileiro, o exercito paraguayou formou-se e adestrou-se na guerra.

O general D. Venancio Flôres queria o ataque immediato, depois da recusa de Estigarribia á sua primeira intimação de 19 de agosto ; e era este o procedimento que se devia ter tido com esses inimigos.

Os mesmos directores politicos que criticaram o convenio de 20 de fevereiro, como insufficiente para desagrado da honra nacional vilipendiada, porque queriam ferir pessoalmente o eminente diplomata José Maria da Silva Paranhos, um dos chefes do partido adverso na politica interna do Imperio, applaudiram entusiasticamente o desenlace de Uruguayana, por ser a maior gloria das

armas brasileiras a rendição dos paraguayos sem derramamento de sangue.

Ao saber dos successos de Yatay e de Uruguayana o presidente D. Francisco Solano Lopez reconheceu a importancia das forças com que logo no começo da guerra o ameaçavam as potencias alliadas.

Receiou então que viesse um exercito alliado, embarcado nos poderosos e numerosos vasos da esquadra brasileira, occupar o Passo da Patria, surprehendendo entre dous fogos o exercito de Resquin, que estava fortificando os passos de Santa Luzia, como si quizesse alli fazer-se forte, e impedindo assim a sua volta ao Paraguay. A esquadra paraguaya já estava nullificada para a guerra, e a presença da esquadra brasileira no Alto Paraná, *ipso facto*, aniquilava o exercito de Resquin tão completamente como as columnas de Duarte e Estigarribia.

Mandou á toda pressa se recolhesse o exercito de Resquin ao Paraguay.

« Tão precipitada foi esta retirada, que nos ultimos dias de outubro de 1865 só havia no territorio de Corrientes, junto ao Passo da Patria, uma pequena columna, *esta mesma em correspondencia diaria com a margem paraguaya e com um sufficiente material de embarcações fluviaes, para de uma vez atravessar o rio, caso alli apparecesse a esquadra brasileira.*

« Por todo o caminho foram deixando corpos insepultos, degolando os animaes que não podiam levar por deante, queimando grande numero de carretas e devastando toda a zona que percorreram, e interpondo entre elles e as forças alliadas um grande deserto.

Está verificado que, exceptuando umas seis peças de grosso calibre e sem os apparatus para serem puxadas por terra, as quaes os paraguayos embarcaram em dous vapores, o resto da artilharia de Cuevas seguiu com o exercito; e á falta de animaes, eram puxadas pelos soldados, na lotação de 20 homens por peça, tanta era a pressa que tinham.

Todo o territorio que foram abandonando era systematicamente convertido em um ermo; gado, cavallos, carros, qualquer especie de roupa ou de viveres, tudo levaram ou destruíram; lançavam fogo ás casas, aos curraes e punham os gados a pastar nas roças.

O que a historia conta das invasões dos Hunos é pouco a par do que os paraguayos praticaram em sua retirada para com as miserias familias que alli haviam ficado.

Abandonaram ao mesmo tempo as povoações da Bella Vista e de S. Roque, em que se apoiavam os flancos direito e esquerdo de sua linha de defesa de Santa Luzia, e a cavallaria corrientina, ao mando dos generaes Caceres, Hornos e Madariaga, sempre os acoessando, entrou no dia 23 de outubro de 1865 na villa de Corrientes, evacuada pela guarnição paraguaya (um mez e cinco dias depois da rendição de Uruguayana) ! O gado que os paraguayos haviam arrebatado na provincia de Corrientes foi por elles abandonado na estrada, em numero superior a 30.000 cabeças.

Posteriormente foi aproveitado pelos exercitos alliados.

O general Caceres mandou immediatamente pedir ao chefe Barroso a vinda da esquadra para o porto de Corrientes e no dia 24 nossos navios ancoravam em frente da villa, sendo recebidos pela população com as maiores demonstrações de jubilo e de alegria, por se ver livre, após seis mezes de dominação dos paraguayos.

Nesta época o exercito alliado se achava acampado em Mercedes, distante 65 leguas de Corrientes.

Na noite de 2 para 3 de novembro, uma força paraguaya de quatro batalhões de infantaria e um regimento de cavallaria, ao todo cerca de 3.000 homens, que ainda estava acampada na margem esquerda do rio Paraná, recolheu-se ao Paraguay, ficando assim livre de inimigos o solo da provincia de Corrientes. Haviam combinado o general Caceres e o chefe Barroso uma expedição contra esta força, para o dia 3, mas é provavel que os paraguayos tivessem sido disso prevenidos, pois retiraram se antes de serem atacados. Caceres acampou no mesmo lugar onde haviam estado os paraguayos; e a esquadra tambem chegou tarde.

Foram a *Belmonte*, com a insignia do chefe Alvim, a *Araguary* a *Itajahy*, a *Mearim* e a *Ivahy*, o vapor argentino *Libertad* e o pequeno, aviso *Victoria*.

Reconheceram até ás Tres Boccas e depois voltaram a fundear em Corrientes.

As noticias dos revezes de Yatay e de Uruguayana foram, disse Schneider, desoladoras para Lopez, pois tinha consciencia de haver

sacrificado seu fiel servidor, não lhe assegurando comunicação com o resto do exercito.

Com o fim de attenuar a impressão deste innegavel revez, não encontrou outro meio sinão reunir os chefes e officiaes acampados em Humaytá e annunciar-lhes que o traidor tenente-coronel Estigarribia vendera aos inimigos as tropas expedicionarias.

Thompson diz : . . . « Quando Lopez recebeu a noticia, rugia de colera contra Estigarribia. Mandou chamar todos os officiaes da guarnição de Humaytá e participou-lhes a noticia, dizendo-lhes que Estigarribia havia vendido a guarnição por dez mil libras esterlinas, apresentando-o á execração de todos como traidor á patria. Lopez passou tres dias entregue a tão furiosa raiva, que nem mesmo seu filho, a quem amava loucamente, se atrevia a approximar-se d'elle. »

Ao mesmo tempo que o general Resquin recebeu a ordem para começar a sua retirada, o ministro Berges escrevia ao triumvirato que governava Corrientes que, não havendo o governo paraguayense encontrado no povo corrientino o apoio que d'elle esperava, resolvera retirar todas as suas forças ao Paraguay, e que si os triumviros desejassem acompanhar o exercito, encontrariam no Paraguay hospitaleiro acolhimento. Nesta occasião o mesmo ministro dirigia aos agentes diplomaticos uma nota, declarando que o Paraguay fazia a guerra em Corrientes com toda a possivel moderação e humanidade, e que si subditos dos Estados neutros houvessem tido prejuizos, o presidente Lopez estava prompto a indemnisal-os depois de concluida a guerra.

Os membros do governo provisório de Corrientes e alguns individuos mais compromettidos acompanharam o exercito paraguayense e morreram durante a guerra, á excepção de um tal *Silverio*, que acompanhou Lopez até o Cerro-Corá. Das tropas que haviam invadido Corrientes voltavam 14.000 homens sãos e cerca de 5.000 doentes.

Havia perdido em Corrientes mais de 8.000 homens, e com a perda total de Yatay e de Uruguayana via o seu exercito desfalcado de mais de 20.000 homens válidos. Thompson diz: « No Paraguay haviam fallecido desde o principio do recrutamento uns 30.000 homens, que com o prejuizo em Corrientes, Yatay e Uruguayana fazia um total de cincoenta mil, e isto quando a guerra apenas começava.

Marchas dos exercitos alliados para o Paraguay

A columna do general D. Henrique de Castro havia, por ordem do general Flôres, ao depois do combate de Yatay explorado o territorio de Missões. O unico encontro de alguma importancia, desta columna com os paraguayos, teve lugar com a do coronel Regueira que marchava parallelamente á do general Castro, e cercou em uma matta cerca de 100 paraguayos fugitivos de Yatay, ou de Uruguayana. Isto teve lugar a 27 de setembro; foram mortos 30 dos paraguayos, que se não quizeram render, embrenhando-se os outros nas mattas.

Nesta guerrilha, bem como nas outras, entre os paraguayos e as cavallarias de Caceres, Madariaga e Hornos em 1835, ignora-se o prejuizo dos alliados.

Devemos suppôr que foi pequeno, attenta a superioridade da cavallaria corrientina e entre-riana, sobre a paraguaya, e o conhecimento perfeito das localidades.

Um mappa do appendice do 1º volume da obra de Schneider dá 30 soldados mortos e 60 feridos, ou 90 fóra de combate.

De Uruguayana o general Mitre marchou para Mercedes, onde devia fazer junção com o exercito do general Osorio. O general Gelly Obes commandava os argentinos que, com o 1º corpo de exercito brasileiro, marchavam em direcção a Mercedes.

O general Paunero commandava os argentinos e paraguayos que vinham de Uruguayana.

O general Flôres commandava o exercito de vanguarda, no qual ainda figurava a 12ª brigada brasileira. Marcharam além disso com essas forças, afim de encorporar-se ao 1º corpo de exercito, os batalhões de linha ns. 2, 10 e 22 e os corpos de voluntarios ns. 1, 4, 19, 23, 25, 31 e 33, além de uma brigada de cavallaria.

Em 25 de outubro estavam todas estas columnas reunidas em Mercedes, e a 4 de novembro proseguiam em sua marcha.

Neste interim, o Governo Imperial fazia seguir embarcados cerca de 5000 homens de tropas frescas para Corrientes, á esperar allí o exercito que vinha pelo centro das provincias argentinas.

As forças que em Uruguayana haviam ficado ás ordens do tenente-general Barão de Porto Alegre foram para S. Borja em numero de mais de 4.000 homens e foram successivamente augmentadas até formar um corpo de exercito de 16.888 praças.

A primitiva missão deste corpo de exercito era de simples observação, devendo pela sua posição cobrir as nossas fronteiras de qualquer nova invasão, conforme foi combinado entre os generaes alliados depois da rendição de Uruguayana.

Além disso organisaram-se, para guarnição das fronteiras de Jaguarão, Bagé, Quarahim, Uruguayana e Itaqui, novas forças de guarda nacional.

Quanto á esquadra, haviam sido reforçadas as guarnições dos navios, e 4 encouraçados já se achavam no rio Paraná.

A 13 de novembro subiu o chefe Barroso com a sua insignia na *Belmonte* e as canhoneiras *Araguary*, *Mearim*, *Itajahy* e *Ivahy*, indo tambem o vapor argentino *Libertad*; foram até proximo ao Cerrito sem encontrar navios inimigos, nem ver movimento de tropas, a não ser uns tres soldados de cavallaria junto á guarda do Cerrito.

Em 20 de novembro o exercito estava passando o rio Batel.

Em 7 de dezembro chegava ao Empedrado, a 9 leguas ao sul de Corrientes; o exercito argentino acampava no *Rincon* do Soto e o general Flôres, com o exercito oriental e a 12ª brigada brasileira, marchava na direcção de Tranqueira de Loreto, onde devia fazer junção com a columna de cavallaria do general D. Henrique de Castro. (Ver o mappa das marchas dos exercitos em 1865.)

No dia 11 de dezembro acampava o exercito brasileiro á margem esquerda do arroio Riachuelo, proximo ao lugar onde Bruguez havia estabelecido suas baterias para a memoravel batalha de 11 de junho de 1865. Seis mezes haviam decorrido e o inimigo escarmentado havia se refugiado em seu proprio territorio, e de invasor que era das provincias argentinas e brasileiras, passava a defender a todo transe o seu proprio paiz.

As marchas do exercito eram lentas e penosissimas e assim mesmo percorreram 96 leguas de pessimos caminhos em estação chuvosa,

de constantes e medonhas tempestades. O officio seguinte do general Ozorio dá idéa destas difficuldades :

« Commando em chefe do exercito imperial em operações contra o Paraguay.

Quartel-general no Riachuelo, 15 de dezembro de 1865.

Illm. e Exm. Sr.—Já em officio de 13 do corrente informei a V. Ex. da marcha.

.
do meiado do mez de outubro em deante soffremos consideraveis temporaes, que muitos prejuizos causaram no material do exercito.

.
O general Flôres com o exercito de vanguarda.... seguiu em direcção a Yaguaretecorá.

Estou hoje informado de que tem soffrido grandes transtornos pelos máos caminhos e grandes banhados que tem encontrado.

.
Não foi feita a marcha do exercito sem difficuldades. Além da natureza physica do terreno, encharcado em sua maior parte, e que tambem contribuiu para retardar-nos a marcha, tivemos grande perda de boiada e cavallhada, mortos de peste, em consequencia dos excessivos calores que tem feito e que muito sentem os animaes vindos do sul de Corrientes, e da grande quantidade de sevandijas dos campos; os cavallo soffrem ainda em razão da má qualidade do arreamento que se distribue ás praças de cavallaria e artilharia.

Assim é que tenho sempre comprado, e continuo a comprar tanto bois como cavallo para supprir as faltas que se vão dando.

.
Uma séria difficuldade vim encontrar em Corrientes; refiro-me á falta de casas para hospitaes e depositos : de combinação com o Sr. Barroso trato de removel-a, do modo por que o podemos fazer, isto é, mandando construir barracões de madeira.

Quanto á operações futuras, nada posso por agora dizer a V. Ex. *Só depois de conferencias entre os generaes alliados e o Sr. Visconde de Tamandaré, que ainda não chegou a Corrientes, se saberá de positivo o que se fará.*

Logo que acabe de passar o *Riachuelo*, seguirei para as proximidades do Passo da Patria; e cabe aqui dizer a V. Ex. que si a passagem houver de effectuar-se no referido Passo, sel-o-ha á viva força; que só poderemos effectual-a com auxilio e sob a protecção da esquadra, pois que o exercito não tem as embarcações de que precisa para tão importante como difficil e arriscada empreza.

Illm. e Exm. Sr. Conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz.—*Manoel Luiz Ozorio*, marechal de campo. »

No dia 23 de novembro estava a esquadra brasileira, composta de nove navios, fundeada no porto de Corrientes, quando pouco depois do meio-dia appareceu o vaporzinho de guerra paraguay *Piraguayra*, o qual içou bandeira branca. O chefe Barroso mandou a canhoneira *Ivahy* e depois a *Araguary* e o vapor *Libertad* ao encontro daquelle vapor inimigo. Este encalhou, e o commandante da *Ivahy* exigiu que o commandante viesse a seu bordo com a sua guarnição como prisioneiros, pois embora dissesse vir como parlamentar, não lhe queria dar as provas desta qualidade. Desencalhado o vapor paraguay, seguiu com a canhoneira *Ivahy* até ao navio chefe da esquadra. Alli o commandante paraguay entregou um officio que trazia para o general em chefe dos exercitos alliados, D. Bartholomeu Mitre, que o dictador Lopez mandava.

Na manhã seguinte teve o vapor paraguay licença para retirar-se para Humaytá, o que elle fez immediatamente, levando bandeira branca no mastro da prôa. Este vapor não era artilhado; trazia apenas 27 homens de guarnição e um official.

O commandante da esquadra remetteu o officio ao general Mitre, que se achava em Bella-Vista, e no dia 28, subindo para Humaytá uma canhoneira italiana, levou a reboque um escaler argentino com um official encarregado de entregar a resposta do general Mitre, na primeira guarda avançada que encontrasse na margem do rio.

Seguem em hespanhol as cópias legalisadas do officio de Lopez e da resposta do general Mitre que os remetteu ao general Ozorio para delles tomar conhecimento e os mandar ao Governo Imperial.

Estas cópias legalisadas pelo proprio general Ozorio e o capitão

secretario Francisco Bibiano de Castro se acham no archivo do Rio do Janeiro.

« Cuartel General em Humaitá, Noviembre 20, 1865. A S. Ex. el Presidente de la Republica Argentina Brigadier General D. Bartholomé Mitre, General en Gefe del Ejercito aliado de la misma Republica, de la del Uruguay y del Imperio del Brasil.— Como General em Gefe de los Ejercitos aliados en guerra con esta Republica, tengo el honor de dirigir a V. Ex. la presente. En la impetuosa necesidad en que algunas veces se hallan los pueblos y sus gobiernos de dirimir entre sí por las armas las cuestiones que afectan sus intereses vitales, la guerra ha estrallado entre esta Republica y los Estados cuyos Ejercitos V. Ex. manda en Gefe. Em tales casos es de uso general y pratico entre las naciones civilizadas atenuar los males de la guerra por leys propias despojandola de los actos de crueldad y barbaria que deshonorando la humanidad, estigmatizan con una mancha indeleble a los Gefes que las autorisan, ordenan, protejen ó toleran, y yo habia esperado de V. Ex. y sus aliados. Asi penetrado y en la conciencia de estes deberes, uno de mis primeros cuidados fué ordenar la observancia de toda la consideracion con que los prisioneros de cualquiera clase que sean, fuesen tratados y mantenidos con respeto a sus graduaciones, y en efecto han disfrutado de las comodidades posibles y hasta la libertad compatible con su posicion y conducta. El gobierno de la Republica ha dispensado la mas lata y ampla proteccion, no solamente á los ciudadanos argentinos, brasileros y orientales que se hallaban en su territorio ó que los sucesos habian colocado bajo el poder de sus armas, sinó que ha estendido esta proteccion a los mismos prisioneros de guerra.

La estrecha disciplina de los ejercitos paraguayos en el territorio argentino y en las poblaciones brasileras, asi lo comprueban y aun las familias y los intereses de los individuos que se hallaban en armas contra la Republica, han sido respetados y protegidos en sus personas y propiedades. V. Ex. entretanto iniciaba la guerra con escesos y atrocidades como la prision del agente de la Republica en Buenos-Aires, ciudadano Felix Egusaquiza ; la orden de prision y consiguiente

persecucion del ciudadano José Rufo Camino, consul-general de la Republica cerca del gobierno de V. Ex., y su hijo D. José Felix que tuvieron que asilarse á la bandera amiga de S. M. Britanica: la secuestracion y confiscacion de los fundos publicos y particulares de aquellos ciudadanos, ya sea en poder de ellos mismos, ó en deposito en los Bancos; la prision del ciudadano Cipriano Ayala, simple portador de pliegos; el violento arranque de las armas nacionales del consulado de la Republica para ser arrastrada por las calles; el fuzilamiento publico de la efigie del Presidente de la Republica y el consiguiente arrojó que de esa efigie y del escudo nacional se hizo al rio Paraná en publica espectacion en el puerto de la ciudad del Rosario; el asesinato atroz cometido por el general Caceres en el pueblo de Saladas, con el subteniente ciudadano Marcelino Ayala, que habiendo caido herido en su poder no se prestó a elevar su espada contra sus companeros, y el barbaro tratamiento con que eso mismo general acabó los dias del tambien herido alferes ciudadano Faustino Ferreira en Bella-Vista; la barbara crueldad con que han sido pasados á cuchillo los heridos del combate de Iatahi, y el envio del desertor paraguayo Juan Gonzalez com especial y positiva comision de asesinarlos, no han sido bastantes a hacerme cambiar la firme resolucion de no acompañar á V. Ex. en actos tan barbaros y atroces, ni pensé jamas que pudiera todavia encontrar-se nuevos medios de crímenes para enriquecer las atrocidades é infamias que por tanto tiempo han flajelado y deshonorado ante el mundo las perpetuas guerras intestinas del Rio de la Plata. Quise tambien esperar que en la primera guerra internacional como esta V. Ex. sabia hacer comprender á sus subordinados que un prisionero de guerra no deja de ser un ciudadano de su patria, cristiano, y que como rendido deja de ser enemigo; ya que no supo hacer respetar de outro modo los derechos de la guerra y que los prisioneros serian por lo menos respetados en su triste condicion y sus derechos de tal, como lo son ampliamente en esta Republica los prisioneros del ejercito aliado. Pero es con la mas profunda pena que tengo que renunciar á estas esperanças ante la denuncia de acciones todavia mas ilegales como atroces é infames que se cometen con los paraguayos que han tenido

194

la fatal suerte de caer prisioneros en poder del ejercito aliado. Tanto los prisioneros hechos en varios encuentros de ambas fuerzas como notablemente los de Iatahi, y los rendidos de la Uruguayana, V. Ex. ha obligado á empuñar las armas contra su patria, aumentando por millares con sus personas el efectivo de su ejercito, haciendo los traidores, para privarles de sus derechos de ciudadano y quitarles la mas remota esperanza de volver al seno de su patria y desu familia, sea por canje de prisioneros ó por cualquiera transacion y aquellos que han querido resistirse a destruir su patria con sus brazos, han sido inmediata y cruelmente immolados. Los que no han participado de tan inicua suerte han servido para fines no menos inhumanos y repugnantes, pues en su mayor parte han sido llevados y reducidos á la esclavitud en el Brasil, y los que se prestaban menos por el color de sua cutis para ser vendidos han sido enviados al Estado Oriental y las provincias argentinas de regalo cómo entes curiosos y sujetos a la servidumbre.

El desprecio no ya de las leyes de la guerra sinó de la humanidad, esta coaccion tan barbara como infame que coloca á los prisioneros paraguayos entre la muerte y la traicion, entre la muerte y la esclavitud, es el primer ejemplo que conosco en la historia de las guerras, y es a V. Ex., al Emperador del Brasil y al actual mandatario de la Republica Oriental, sus aliados, a quienes cabe el baldon de producir y ejecutar tanto horror. El gobierno paraguayo por ninguno de sus actos ya sea antes ó despues de la guerra, ha provocado tanta atrocidad.

Los ciudadanos argentinos, brasileros y orientales han tenido toda la libertad de retirarse con sus haveres y fortunas de la Republica y del territorio argentino, ocupado por sus exercitos ó de permanecer en ellos conforme les conviniera. Mi gobierno asi respetaba las estipulaciones convenidas en los pactos internacionales para el caso de una guerra, sin tener en cuenta de que esos pactos hubiesen espirado, considerando solo esos principios como de interes permanente, de humanidad y de honor nacional.

Jamás olvido tampoco el decoro de su propia dignidad, la consideracion que debe á todo gobierno y al gefe del Estado, aun que en

actual guerra, para tolerar insultos al emblema de la patria de los aliados, o al fusilamiento de V. Ex. ó el de sus aliados en effie, y mucho menos podria acompañarles, como medio de guerra, el empleo de algun transfuga argentino, oriental ó brasilero para asesinarlos en sus campamientos. La opinion pública y la historia juzgaran severamente esos actos. Las potencias aliadas, pues, no traen una guerra como lo determinan los usos y las leyes de las naciones civilizadas sinó una guerra de esterminio y horrores, autorizando y valiendose de los medios atroces que van denunciados y que la conciencia pública marcará en todos los tiempos como infames.

Traida la guerra por V. Ex. y sus aliados en el terreno en que aparece, consio de mis deberes y de la obligacion que tengo en el mando supremo de los ejercitos de la Republica, haré de mi parte que V. Ex. cese en esos actos que mi propia dignidad no me permite dejar continuar, y al efecto invito á V. Ex. en nombre de la humanidad y del decoro de los mismos aliados á abandonar ese caracter de barbaria en la guerra, á poner á los prisioneros de guerra paraguayos en el goce de sus derechos de prisioneros, ya esten en armas, esclavisados en el Brasil, ó reducidos á servidumbre en las Repúblicas Argentina y Oriental, á no proseguir en ningun acto de atrocidad, previnindo a V. Ex. que su falta de contestacion, la continuacion de los prisioneros en el servicio de las armas contra su patria diseminados en el exercito aliado ó en cuerpos especiales, la aparicion de la bandera paraguaya en las filas de su mando, ó una nuéva atrocidad con los prisioneros, me han de dispensar de toda la consideracion y miramientos que hasta ahora he sabido tener, y aun que con repugnancia, los ciudadanos argentinos, brasileros y orientales, ya sean prisioneros de guerra ó nó en el territorio de la República, o en los que sus armas llegaren á ocupar, responderan con sus personas, vidas y propiedades á la mas rigurosa represalia. Esperando la contestacion de V. Ex. en el perentorio término de treinta dias, en que será entregada en el paso de la patria. Dios guarde á V. Ex. m.^s a.^s—(Firmado) *Francisco Solano Lopez*.— Es cópia. *José M. la Fuente*, secretario de S. Ex. el General en Gefe. »

Resposta do presidente Mitre ao presidente Lopez

« O Presidente da Republica Argentina e General em chefe dos exercitos alliados.

Quartel-general em frente a Bella-Vista, novembro 25 de 1865.

Ao Exm. Sr. Presidente da Republica do Paraguay, marechal Francisco Solano Lopez.

Recebi, como general em chefe dos exercitos alliados, a nota que V. Ex. dirigiu-me do seu quartel-general de Humaytá, em 20 do corrente, na qual, depois de referir-se a factos que suppõe em desacordo com as leis da guerra, perpetrados pelos exercitos alliados sobre prisioneiros paraguayos do combate do Yatay e rendição da Uru-guayana, assim como outros que assignala, convida-me a observar aquellas leis, significando-me a resolução, em que está, de usar de represalias, em caso contrario.

Inteirado da citada nota de V. Ex., é do meu dever manifestar-lhe, em resposta, que todos os factos que V. Ex. aponta como graves capitulos de accusação contra os sentimentos de humanidade e de dignidade da parte dos exercitos alliados contra os paraguayos armados que cahiram rendidos ao esforço das armas alliadas, são totalmente falsos uns, desfigurados outros, em consequencia, talvez, de apaixonadas e suppostas informações transmittidas a V. Ex. ; e é para lamentar que um momento de reflexão não haja patenteado a V. Ex. a falsidade dessas informações.

Collocado o governo de minha patria, assim como os do Imperio do Brazil e Republica Oriental, no imperioso dever de acudir em defesa de sua honra, de sua dignidade e da integridade de seu territorio, aleivosamente atacados por V. Ex. por modo desusado entre paizes civilizados ; assaltadas em plena paz suas fortificações de terra e os navios de suas armadas, sem prévia declaração de guerra, o que dá o character de piraticas a taes aggressões e tendo de tomar as armas para salvar da morte e da depredação mais barbara as vidas e as propriedades de seus nacionaes respectivos, tanto nas provincias impe-

riaes de Matto Grosso e do Rio Grande do Sul, como nesta argentina de Corrientes, procuraram os alliados fazer essa defesa com estriccta sujeição ás prescripções do direito nos casos de guerra internacional.

E assim o fizeram os alliados, não só por dever e por honra, como tambem porque, tendo visto com indignação e repugnancia as violencias e crimes de todo genero commettidos pelas forças de V. Ex. nas povoações e mais pontos dos territorios brasileiro e argentino, que tiveram a desgraça de ser occupados, embora momentaneamente, por essas forças, não podiam incorrer no mesmo delicto que condemnavam, nem podiam, nem deviam apresentar ao mundo civilisado e christão outro exemplo que o que estão acostumados a dar com seus exercitos, que tinham, e tem, a nobre missão de vingar a honra nacional e não a de saquear as povoações de Uruguayana e do Passo de los Livres, onde chegaram, deixando todas essas povoações e seus arredores completamente arrasados, fazendo transportar grande parte do roubo á disposição de V. Ex. no Paraguay, e por ordem expressa de V. Ex., como consta do livro copiador das communicações que dirigia a V. Ex. o coronel Estigarribia, livro que em original se acha em poder do Exm. governo do Brazil; ao passo que as tropas que V. Ex. lançou sobre esta provincia de Corrientes e que chegaram até ao Passo de Santa Lucia, praticaram actos mais atrozes ainda, arrebatando violentamente o gado de milhares de estabelecimentos de campo, incendiando as habitações e deixando sem abrigo milhares de familias, da extensa campanha que assolaram, indo a deshumanidade dessas tropas, ou, para melhor dizer, a de V. Ex., cujas ordens foram invocadas para esse fim, até á selvageria de arrancar de suas casas e conduzir prisioneiros ao Paraguay as innocentes esposas e ternos filhos de chefes patriotas e valentes pertencentes ao exercito argentino e ás familias que não tinham fugido, julgando que V. Ex. seria capaz de observar as mesmas prescripções, que hoje invoca em favor dos paraguayos prisioneiros, e que V. Ex. não soube observar, nem mesmo em relação ás mulheres e ás crianças. Todos estes actos, que são de publica e evidente notoriedade, serão um padrão de eterna ignominia para os que os ordenaram, autorisaram ou consentiram, e,

consequentemente, V. Ex. terá de responder sempre, não só perante os povos alliados, que fazem hoje a guerra, sinão perante o mundo inteiro, que foi unanime em alçar um grito de execração contra elles.

Terminados os combates pelo triumpho das armas alliadas, os feridos e prisioneiros salvos do conflicto foram os primeiros recebidos e tratados nos hospitaes, ao lado dos feridos do exercito alliado; e poderia dizer que foram attendidos com mais cuidado ainda pela compaixão e sympathia que naturalmente inspiravam tanto pelo estado de nudez e desamparo em que se achavam, como porque os alliados não podiam ver nelles sinão victimas desgraçadas de um mal aconselhado governante que os lançava á morte em uma guerra tão sem motivo como injusta, provocada pelo capricho e pelo arbitrio. Assim é que, longe de obrigar os prisioneiros a tomarem serviço nas fileiras dos exercitos alliados ou de tratal-os com rigor, foram todos elles tratados não só com humanidade, mas com benevolencia, havendo sido postos em completa liberdade muitos delles, trasladados outros nas povoações em numero consideravel, e destinados outros a serviços passivos nos exercitos alliados, especialmente nos hospitaes de sangue em que foram curados seus proprios companheiros.

E' certo que muitos delles alistaram-se nas fileiras dos exercitos alliados, mas fizeram-n'o por sua livre vontade e porque solicitaram essa graça, que não se lhes podia negar, quando seus compatriotas, os paraguayos emigrados no territorió das nações alliadas, tinham pedido espontaneamente para armar-se, e se lhes tinha reconhecido esse direito.

Estas são as principaes increpações contidas na nota de V. Ex. Basta o que fica exposto para destruil-as, ou para fazer recahir sobre quem compete a immensa responsabilidade dos feitos barbaros que por desgraça teem sido praticados nesta guerra. Poderia occupar-me com os factos isolados de que V. Ex. trata, porém é tão notoria a falsidade de uns e inexactidão de outros, que seria escusado refutal-os; e, sobretudo, achando-nos em guerra aberta e devendo a questão ser resolvida pelas armas, V. Ex. comprehende bem que não é este o momento opportuno para recriminações, e que eu não poderia deixar

de entrar nesse terreno, si tivesse de occupar-me com a analyse de todos os pontos da nota de V. Ex. Accrescentarei, para terminar, que não posso comprehender como V. Ex. mencionou esse caso do desertor Juan Gonzalez, si é que tal desertor existiu; sendo para lamentar, mesmo em honra do posto em que V. Ex. se collocou nessa Republica, que tenha deixado consignado em uma nota séria, e debaixo de sua assignatura, o temor do punhal dirigido aleivosamente por um general argentino. Declaro a V. Ex. que não o julgo capaz de attentar de semelhante maneira contra a minha vida, nem contra a de nenhum dos outros generaes dos exercitos alliados; porque, acostumado sempre a fazer essa honra aos chefes inimigos que tenho combatido, me é forçoso fazel-a tambem a V. Ex.

A' vista do exposto, e para prevenir os excessos a que V. Ex. se póde lançar, como deprehendo da nota a que respondo, declaro formalmente a V. Ex., como general em chefe dos exercitos alliados, que, como salvaguarda da vida dos argentinos, brazileiros e orientaes, de que V. Ex. se tenha podido apoderar casualmente ou por traição — e não em lucta aberta e leal, em que V. Ex. não teve ainda a fortuna de apoderar-se de um só soldado, — que por qualquer acto que V. Ex. ou as autoridades paraguayas por sua ordem possam commetter, com violação dos principios reconhecidos, que são leis para os povos cultos, além das satisfações e reparações que deverão ser dadas em occasião opportuna, V. Ex. será responsavel pessoalmente e submettido ás mesmas regras que invoca e estabelece. Si, apesar disso, V. Ex. empregar meios que não sejam dos regulares conhecidos na guerra, V. Ex. se terá collocado deliberadamente fóra da pratica e do amparo da lei das nações, e autorisará as potencias alliadas a obrarem segundo V. Ex. insinua, pois ficará manifesto o proposito de fazer mais crueis os males da guerra que as nações alliadas teem procurado minorar quanto lhes é possivel; e nesta resolução perseveram os alliados, sendo seu animo firme e tranquillo não depôr as armas, emquanto não obtiverem plena e completa reparação de seus aggravos; esperando sua vindicta, depois da bondade de Deus, do poder de suas armas, e não a fazendo consistir em vinganças ignobeis e covardes, exercidas contra homens inermes e indefesos ou contra crianças innocentes.

Tal é a unica resposta que me é dado offerecer a V. Ex., sem prejuizo das resoluções que á vista da nota de V. Ex. julguem dever tomar os governos da triplice alliança, aos quaes dou conhecimento, nesta data, da referida nota e desta contestação.

Deus guarde a V. Ex.

Bartholomeo Mitre. »

« Viva a Republica do Paraguay.

A S. Ex. o Sr. marechal Francisco Solano Lopez Presidente e Supremo Governo da Republica.

Exm. Sr.— Depois de ter entregue a povoação ao livre saque dos soldados por horas determinadas para cada corpo, *em conformidade com a instrucção que V. Ex. foi servido dar-me*, recolhi alguns restos de generos ; e nesta data remetti ao major Duarte, com a ordem de que os transmitta na primeira occasião que haja de mandar carretas á villa da Encarnação (Itapúa), para os entregar ao commandante daquella guarnição relacionados.

Deus Guarde A. S. Borja, 14 de junho de 1865.

Antonio Estigarribia. »

Lopez ordenava a seus soldados o saque, e a seus commandantes dava ordem para que este fosse militarmente organizado. Na bagagem do coronel Estigarribia, e na do padre Duarte, que se revistou em Uruguayana, encontraram-se muitos objectos roubados, e as joias das sagradas imagens, que o padre amassava e quebrava para guardal-as.

« Commando em chefe da força naval do Brazil no Rio da Prata. —Bordo da corveta *Recife* em Montevidéo, 24 de novembro de 1865.

Illm. e Exm. Sr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra — Deve V. Ex. recordar-se da posição que quiz assumir em Uruguayana o general Mitre, para calcular o que sua vaidade exigirá agora em frente dos exercitos alliados.

Tudo revela que sua idéa é nullificar completamente os generaes brasileiros, e converter o nosso grande exercito em parte integrante

do argentino, no qual mande absolutamente, como manda neste. Uma prova mais, além de outras, se acha na ordem do dia de seu chefe do estado-maior, apresentando-o como general em chefe em frente a Uruguayana.

Seria um absurdo e uma indignidade monstruosa sujeitarmos nossas forças de uma maneira tão completa a um general estrangeiro, que não pôde nem deve dispôr do sangue brasileiro e de nossos recursos, a seu arbitrio.

Entretanto isto pôde succeder, si o Governo Imperial não der quanto antes instrucções positivas e claras ao general Ozorio, explicando-lhe que o commando em chefe conferido pelo tratado da Triplice Alliança ao general Mitre não importa no abandono dos direitos e privilegios que competem aos generaes em chefe do Imperio, com o accordo dos quaes, tomado em conselho de guerra, se devem emprehender todas as operações em qualquer eventualidade, para não ficarem reduzidos a meros instrumentos de vontade estranha. Na *resolução* devem ser *primus inter paribus* e na *execução* realisadores de um plano combinado.

Já o general Mitre se dirigiu ao chefe Barroso pedindo-lhe certos esclarecimentos e indicando-se como o *director da guerra*. Agora acaba de dividir o seu exercito em quatro corpos, com quatro generaes em chefe, talvez se preparando já para ter maioria nos conselhos de guerra, em os quaes sabe que não ha de combinar commigo em operação alguma. Não é possivel admittir esta pretensão, si ella apparecer, porque em taes conselhos só devem ser ouvidos os generaes em chefe de mar e terra mencionados no tratado, e são estes Mitre, Ozorio, Flôres e eu. Todavia, para estarmos preparados a servirmo-nos do mesmo expediente no caso de que seja posto em pratica, convem que o general Ozorio divida tambem o seu exercito, que é mais numeroso e completo, em cinco ou seis corpos, para termos sempre preponderancia de votos. Junto achará V. Ex. a ordem do dia do general Mitre a que alludo. Estou certo de que o general Flôres, em caso de divergencia, se encostará mais á nossa opinião do que á do general Mitre, a quem de fórma alguma se subordina, mantendo-se com sua pequena força em uma posição digna e conveniente, sem confundir-se ou amalgamar-se no exercito argentino.

198

E' pensando seriamente nas consequencias que pôde trazer um conflicto originado pela pretensão do general Mitre, de querer ser o arbitro supremo e director soberano da guerra, *que pedi a V. Ex.* em meu officio anterior *amplos poderes para pôr-me de accordo com o general em chefe do exercito imperial*, que insensivelmente tem sido dominado pela influencia daquelle, do qual só poderá eximir-se *com uma recommendação terminante do governo para se entender comigo, sempre que for possível.*

A nossa posição hoje é a mais brilhante que se poderia desejar. Temos quasi nas portas do inimigo um numeroso exercito, que deve ser em breve augmentado com 10.000 homens, conforme V. Ex. me assegura, e uma forte esquadra, moralisados por triumphos successivos e enthusiasmados, que sós poderão abater o orgulho do inimigo e mostrar aos nossos alliados o poder do Imperio.

Devem ser estes grandes elementos de força supplantados pelos relativamente inferiores dos alliados e representar um papel secundario? Não ha um só brasileiro que pense em tolerar semelhante cousa, que infelizmente pôde realizar-se, si não tomar o Governo Imperial desde já a resolução de expedir as instrucções que solicito.

Conhecendo quanto o Governo Imperial se empenha em sustentar a honra e brio da nação, não hesitarei, em um caso extremo, em tomar a responsabilidade de chamar o general Ozorio para meu lado, afim de proseguirmos na guerra nacional que sustentamos, porque nos acompanhará todo o povo brasileiro.

Manifestadas assim minhas apprehensões, prevaleço-me agora da oportunidade de reiterar a V. Ex. meus protestos de consideração e respeito.— *Visconde de Tamandaré.* »

ORDEN DEL DIA

ORGANISACION DEL EJERCITO

« Cuartel General — Costa del Vatel, noviembre 16 de 1865.

.....
El general Flôres con el exercito oriental se ha dirigido hacia el centro de esta provincia de acuerdo con el general en gefe del exercito brasilero continua su marcha junto con el argentino.....

ORDEN DEL DIA

El ejercito argentino en campaña en operaciones contra el Paraguay queda organizado en cuatro corpos de ejercito del modo siguiente :

- Art. 1.º.....
- Art. 2.º.....

1º cuerpo de ejercito

- Comandante en gefe, general D. Wenceslau Paunero.....
- Art. 3.º.....

2º cuerpo de ejercito

- Comandante en gefe, general D. Emilio Mitre.
- Art. 7.º Cuerpo de ejercito de vanguardia. Comandante en gefe, general D. Manoel Horno.

.....

- Art. 8.º Cuerpo de ejercito de Entre Rios, comandante en gefe, el capitan general D. Justo José de Urquiza.

.....

- Art. 10. Comuniquese a quienes corresponda, y dese en la ordem general del ejercito.

Mitre. »

Este officio, assaz singular nesta época, demonstra quanto os autores brazileiros do tratado da Triplice Alliança reconheciam, um pouco tarde, as consequencias nocivas deste tratado pelo modo por que foi formulado, com condições todas favoraveis á Republica Argentina, sem attender aos interesses presentes e futuros do Brazil. Nós attribuímos-lhe o prolongamento da guerra, além de toda expectativa, os enormes gastos do Thesouro do Brazil e as grandes vantagens que colheu a Republica Argentina e os especuladores do Prata.

O prolongamento da guerra, toda feita á custa do erario do Brazil, o enfraquecia, ao mesmo tempo que elle enriquecia a Republica Argentina, que foi o grande fornecedor dos exercitos e da esquadra imperial,

199

Esta guerra arruinava ao mesmo tempo o Paraguay, até então independente e temeroso, e pelo tratado da Triplice Alliança o tornava para o futuro uma preza segura, que se lhe havia de lançar nos braços e receber directamente a influencia commercial e politica da Republica Argentina.

Analyse das operações de guerra offensivas do dictador Lopez

Como já julgámos haver demonstrado, o orgulhoso plano de Lopez era fundar um imperio no Prata e imitar Napoleão I na America.

A sua vaidade, ferida pelo pouco caso que os seus vizinhos faziam da pequena e desconhecida republiqueta do Paraguay e do seu novato e inexperiente presidente, levou-o, sem acurado exame das condições, a invadir Matto Grosso, Corrientes, Entre-Rios e Rio Grande do Sul.

Julgou a principio que o Imperio do Brazil e a Republica Argentina, apanhados de surpresa, não poderiam resistir ao impeto das tropas paraguayás, a quem Lopez havia acenado com o saque e a conquista.

Julgava que tanto o Brazil como a Republica não poderiam resistir ao embate de 50.000 homens que de chofre elle podia lançar em seus territorios.

Foram na mesma época :

10.200	homens	a	Matto Grosso
12.500	»	columna	Estigarribia e Duarte
28,000	»	»	Robles e Resquin
2.500	»	esquadra	— no Paraná

53.200 homens.

Esperava a coadjuvação de Urquiza, e quando declarou a guerra julgou que os blancos de Montevideo resistiriam por mais tempo ; não contava com a rapida tomada de Paysandú, tanto mais que a primeira investida pelo almirante Tamandaré havia sido considerada em Montevideo como uma derrota e festejada como uma victoria de Leandro Gomez. Esperava no Brazil um movimento ou levante dos escravos e principalmente contava attrahir grande parte das forças brasileiras a defender Matto Grosso.

Tomou a offensiva, invadiu por tres pontos e logo teve de reconhecer que seus exercitos não tinham os meios de locomoção precisos.

Não tinha confiança em seus generaes, nem admittia que elles tivessem iniciativa propria, e logo viu sua esquadra destruida; seu exercito de Matto Grosso, primando apenas pela pilhagem, mas estacando perante o heroismo e o valor dos poucos defensores da extensa fronteira desta provincia, viu o pequeno exercito de Paunero derrotar em Corrientes forças paraguayas superiores, viu a columna de Robles obrigada a bater em retirada, e de 28.000 homens apenas se recolheram ao Paraguay 19.000, sendo destes 5.000 doentes.

Lopez viu perdida inteiramente a columna de Estigarribia, morta ou aprisionada; conheceu a pouca probabilidade de preencher os claros que estas malfadadas expedições haviam produzido em seu exercito.

Tudo quanto parecia plano bem calculado falhou; até mallogrou-se a tentativa de um emprestimo que elle quiz contractar na praça de Londres.

As relações amigaveis entre o Brazil e a Gran-Bretanha, que elle julgava estremecidas por causa do negocio Christie, foram oficialmente reatadas com a apresentação das credenciaes do ministro inglez Thornton.

Por todos estes acontecimentos comprehendeu Lopez que sómente devia contar com os proprios recursos, e a contra-gosto viu-se forçado a abandonar o plano de levar a guerra para o paiz inimigo, levando-lhe a offensiva.

E' de notar que todas as vezes que elle ousou novamente tomal-a foi vigorosamente escarmentado, assim: no Itapirú, no ataque da Ilha; assim, a 2 de maio; assim, a 24 de maio; assim, a 3 de novembro em Tuyuty e nas abordagens aos encouraçados.

Quando o exercito acampou na Lagôa Brava em 22 de dezembro de 1865, a tres leguas do Passo da Patria, os nossos generaes começaram a cogitar seriamente dos meios de transporte necessarios para de uma vez desembarcar um corpo de exercito sobre a margem paraguaya.

A 10 de dezembro o primeiro encouraçado que sulcara as aguas do Paraná achava-se no porto de Corrientes, o exercito argentino em

S. Cosme e pouco depois, o general Flôres chegara a Itati, vindo da Tranqueira de Loreto pela margem esquerda do Paraná.

A esquadra vencedora de Riachuelo estava toda alli reunida, ainda sob as ordens do chefe de divisão Francisco Manoel Barroso. O general em chefe do exercito brasileiro incumbiu então ao tenente-coronel Dr. José Carlos de Carvalho, chefe da commissão de engenheiros, de organizar os meios de transporte necessarios para a passagem do Paraná.

Alli mesmo em Corrientes o tenente-coronel José Carlos de Carvalho mandou construir, comprou e mandou concertar grandes chatas para este fim, e depois seguiu para Buenos-Aires, afim de alli contractar, fretar ou comprar os transportes necessarios.

Não ha duvida que estes meios de transporte deveriam estar promptos para quando o exercito chegasse a Corrientes, afim de não ter alli de esperar, como esperou quatro longos mezes, e que o almirante Tamandaré e o ministro F. Octaviano de Almeida Rosa deveriam ter providenciado em tempo.

Esta demora deu tempo a Lopez não sómente para fortificar-se, mas para reanimar o moral de seus paraguayos, por meio de escaramuças e ataques que mandava as suas tropas levar aos alliados, atravessando á noite em canôas e chalanas o rio Paraná e atacando de surpresa os piquetes argentinos pela madrugada.

Achava-se o general Caceres fazendo a vanguarda do exercito alliado com as cavallarias da milicia corrientina.

A 6 de janeiro elle communicavá ao general Mitre que na vespera haviam passado para o territorio corrientino cerca de 800 paraguayos, com tres boccas de fogo, algumas leguas acima do Passo da Patria, e que sómente se haviam retirado, quando chegara a vanguarda da força que elle mandara para hatel-os.

No dia 13 de janeiro Lopez mandou 107 soldados guarnecendo nove canôas, sob o mando dos tenentes J. B. Ocampo e Julian Godoy, sustentarem um tiroteio com as avançadas argentinas na margem esquerda do Paraná.

Foram obrigados a reembarcar precipitadamente, depois de terem perdido dous soldados que foram mortos; tiveram ainda um soldado ferido.

A 16 vieram 15 canôas com cerca de 200 homens, a mór parte do batalhão n. 12, commandado por Viveros.

Foram de novo reembarcar, sem obter resultado desta operação.

A 17, conforme a versão dos corrientinos, elles vieram em 20 canôas e trouxeram um grande lanchão com uma estativa de foguetes à Congreve e cerca de 600 homens.

Tirrotearam durante seis horas, desembarcando e superando a cavallaria corrientina, que era de 250 praças, e teve um prejuizo de oito mortos, entre elles um tenente, e 15 feridos. Conforme o *Semanario*, os paraguayos eram 120, sob o commando de um official « Bruno Genes », que foram atacar uma força superior a 1.000 corrientinos e tiveram na escaramuça quatro mortos e tres feridos.

A afouteza dos paraguayos em vir atravez de um rio como o Paraná, que alli tem cerca de uma legua de largura, desafiar e atacar as avançadas de um exercito superior a 40.000 homens, apoiado em uma esquadra, a mais poderosa que até então tinha vindo áquellas paragens, é bastante singular e prova de um lado demasiada audacia e de outro indecisão, descuido e falta de uma direcção capaz para um exercito tamanho.

Que fazia a esquadra ? que fazia o general em chefe D. Bartholomeu Mitre, alli perto acampado? Soffria diariamente estes insultos desmoralisadores para o exercito alliado e moralisadores e gloriosos para o inimigo. Nem se diga que o cuidado dos grandes planos possa admittir que um verdadeiro general se descuide das minucias.

O plano de grandes batalhas no gabinete não deve tirar o cuidado dos tiroteios nas avançadas do acampamento, *longe do quartel general*. Diz o annotador de Schneider: « Barroso tinha ordens do almirante Tamandaré para não mover-se antes de reunida em Corrientes toda a esquadra imperial.

Não ha duvida que os navios fundeados neste ponto poderiam, avançando, cobrir o acampamento dos alliados e tornar impossivel a passagem de canôas, porém não é menos certo que para repellir botes tinha o exercito argentino espingardas e canhões, e para aniquilar as pequenas partidas paraguayas que se arrojavam a pôr pé em territorio

argentino bastava que houvesse vigilancia nos postos avançados da margem e uma conveniente distribuição de forças... »

Não podemos concordar com esta theoria do illustre annotador.

Ou a esquadra e o exercito operavam conjunctamente ou não; Si operavam de accordo, a policia do rio pertencia á esquadra e a ella cabia a missão de impedir que forças paraguayas viessem diariamente, á bem dizer, como aconteceu no mez de janeiro, emboscar-se nas mattas que orlam o rio e dalli tirotear com muita vantagem a cavallaria da vanguarda.

Parece-nos, de accordo com o officio citado á pagina 178, que não existia perfeito accordo entre o chefe da esquadra brasileira e o general em chefe do exercito alliado.

Quanto ao general em chefe D. Bartholomeu Mitre ¹:

A sua responsabilidade é tanto maior, que o seu acampamento de S. Cosme era o mais proximo do Passo da Patria e que a vanguarda do exercito argentino era formada pelas cavallarias corrientinas.

A 24 de janeiro o general D. Venancio Flôres teve necessidade de regressar a Montevidéo, donde voltou em fins de fevereiro, na mesma occasião em que o almirante Visconde de Tamandaré partiu de Montevidéo para assumir o commando em chefe *no theatro das operações da guerra*.

Antes de retirar-se, Flôres entregou ao general G. Suarez o commando do seu exercito oriental que se achava acampado nas proximidades de Itati e ainda conservaâ comsigo a 12^a brigada brasileira, commandada pelo coronel Kelly, e um contingente argentino.

O exercito brasileiro ao mando de Ozorio acampava ainda em Lagôa Brava e estava se organisando para na occasião opportuna invadir o territorio paraguayoy.

Currales

A 30 de janeiro Lopez mandou preparar uma surpresa contra as avançadas argentinas e corrientinas. Para isso fez passar em canôas para a margem esquerda uma força de 250 homens do batalhão n. 12,

¹ Mitre foi fortemente censurado pela imprensa de Buenos-Aires, e o *Nacional* accusou-o de impericia.

ao mando do tenente Prieto, e collocar durante a noite uma bateria de peças de calibres 8 e 12 no banco ou ilha do Itapirú, que mais tarde foi conhecida por *Ilha do Carvalho, do Cabrita* e appellidada tambem da *Redempção*. Deu o commando geral da expedição ao tenente-coronel Diaz, o qual ficou com o grosso das forças no acampamento do Itapirú.

Logo que o tenente Prieto desembarcou, travou um forte tiroteio com as vedetas argentinas e levou a perseguil-as até ao arroio Pehuajó, cerca de 600 metros do rio. Depois de tel-as afugentado voltou o commandante paraguay para a matta que orla o rio e alli passou a noite. Os corrientinos tiveram um homem morto e quatro feridos. O general em chefe Mitre, informado da permanencia alli daquella força paraguaya durante a noite, ordenou que o coronel argentino Emilio Coneza se fosse incorporar á divisão de cavallaria do general Hornos, commandando uma divisão de infantaria, composta dos batalhões 2º, 3º, 4º e 5º da guarda nacional de Buenos-Aires e duas peças de artilharia ; ao todo, esta força tinha 1.800 combatentes.

Durante a noite veio reforçar o tenente Prieto o proprio commandante do batalhão n. 12, tenente Viveros, com mais 250 homens, e o tenente-coronel Diaz ficou de promptidão com 800 praças no Itapirú. Logo ao amanhecer as vedetas paraguayas participaram a marcha da columna do coronel Emilio Coneza, que já vinha no arroio S. Juan.

O commandante Viveros emboscou na matta 250 homens, com os quaes ficou, e mandou o seu immediato, tenente Prieto, seguir a combater o inimigo, sendo-lhe recommendado attrahil-o á emboscada de Viveros.

Depois de passar o rio S. Juan, os argentinos encostaram a sua infantaria, commandada pelo coronel Coneza, n'umas mattas, e o general Hornos mandou que guerrilhas corrientinas fossem tirotear com os paraguayos.

Os paraguayos já haviam passado o Pehuajó e já vinham se approximando do San Juan attrahidos pelo arдил dos argentinos ; e já se achavam a menos de 400 metros da emboscada onde se achava a divisão Coneza, quando este commandante lembrou-se de dirigir uma proclamação aos seus soldados. Estes entusiasmados prorompem em aclamações e vivas, o que descobriu aos paraguayos a existencia

da emboscada. Immediatamente o tenente Prieto ordena a retirada e velozmente os paraguayos, sempre tiroteando com o inimigo, que os persegue, os vão levando para a emboscada de Viveros.

Durante a retirada os paraguayos perderam 30 homens.

Ao chegar proximo á matta, Prieto começou a resistir valorosamente, e logo a gente de Viveros acabrunhou os argentinos, que vinham de corrida, em desordem completa, soffrendo o fogo a descoberto dos paraguayos, que os fusilavam da matta, e com dous brejos á sua frente. Além do fogo da infantaria paraguaya, soffriam tambem as tropas argentinas o fogo da bateria do banco de Itapirú, que atirava por elevação seus obuzes de 8 e 12 por cima da matta. Ahi travou-se um sangrento combate em que os argentinos tiveram grandes perdas e que durou cinco horas.

A' tarde veio o tenente-coronel Diaz com um reforço de 700 homens. A fusilaria continuou até ás 6 ½ da tarde. O general Mitre alli mandou a divisão de infantaria ao mando do coronel Rivas, mas ella chegou sómente á noite, não entrando em fogo, e conservando-se, juntamente com as tropas de Coneza e do general Hornos, á vista da posição occupada pelo inimigo.

Na manhã do dia 1 de fevereiro voltaram os paraguayos em suas canôas ao Itapirú.

Lopez concedeu uma medalha aos officiaes e soldados que tomaram parte nesta acção. Na cruz lê-se a inscripção :— *Vencio en Curreales.— 31 de Enero de 1866.*

A divisão Coneza teve 88 mortos, dos quaes 7 officiaes ; 260 feridos, sendo 23 officiaes e 54 contusos, dos quaes 6 officiaes. Foram mortos os commandantes major Serrano e major Marques, e feridos o tenente-coronel Martinez de Hos e o tenente-coronel Keen ; foi contuso o coronel Coneza.

Com as perdas da cavallaria do general Hornos deve-se calcular em mais de 500 o prejuizo do exercito argentino.

O *Semanario* declara que entre mortos e feridos os paraguayos tiveram 200 homens fóra de combate. Thompson diz que foram 170.

O *Semanario* deve estar melhor informado.

No dia 1 de fevereiro o general Ozorio escreveu á tarde ao chefe

Barroso:— « Hontem houve um forte tiroteio entre forças argentinas e paraguayas no Passo da Patria. Os paraguayos estavam protegidos pelos bosques e escabrosidades do terreno, e a força argentina em terrenos alagadiços e descobertos. Houve bastantes mortos de uma e de outra parte. Os paraguayos deixaram seis prisioneiros.

Escrevi a Mitre a este respeito, e elle respondeu-me que não me inquietasse com tiros, que si alguma cousa séria occorresse me avisaria. Não obstante, hoje mesmo tenho ouvido que o fogo continúa, e ainda não tive aviso algum, apezar de ter allí um official com uma *partida*. »

Em consequencia do combate de Currales foi reforçada a vanguarda argentina.

O facto de que os batalhões argentinos que mais soffreram no combate de 31 de janeiro em Currales, pertenciam na sua quasi totalidade á guarda nacional da capital, excitou ainda a natural critica da imprensa.

Accusou-se o general Mitre de impericia, por não prevenir o ataque do inimigo, não ter mandado batel-o com forças maiores, e principalmente pela falta de munições que se deu no mais forte do combate.

Houve, porém, uma censura geral á esquadra brasileira ; que fundada em Corrientes, permittia, dizia-se, que os paraguayos com algumas duzias de canôas dominassem o rio Paraná.

Estas censuras dirigiam-se especialmente ao vice-almirante Visconde de Tamandaré, a quem todos accusaram de demorar-se em Buenos-Aires, ao passo que em Corrientes a sua presença era necessaria. A esquadra, diziam, não tem ordem para operar sem S. Ex. e S. Ex. não vai lá.

A correspondencia de Corrientes, citada no trabalho do Sr. Pereira da Costa, dizia :

« Corrientes, 2 de fevereiro de 1866.

Na guerra parar é recuar ; na guerra é preciso marchar sempre.

.

Já lá decorrem quatro mezes e meio, e ainda nos achamos, em respeito ao Paraguay, como nos achavamos então.

.

Mas como se ha de atravessar o Passo da Patria, si ninguem tinha pensado na construcção de chalanas ou canoas proprias.

Na época da enchente do rio, que era o que se esperava para subir a esquadra, ficam os exercitos, que se obrigou á marchar a toda pressa, estacionados á espera de meios de atravessar o rio. Lá se vão os mezes de verão, começará o inverno, e os acampamentos se converterão em matadouros como Dayman e como S. Francisco, onde se viu morrerem na lama muitos soldados»¹ .

O *Journal do Commercio* de 25 de fevereiro disse: — «Ausente dessa esquadra durante todo o tempo que estamos em guerra com o Paraguay, o Sr. Visconde permaneceu sempre a 200 leguas distante dos acontecimentos, e esta desgraçada ausencia deixou escapar as opportunidades mais propicias de alcançar triumphos que teriam poupado já, e poupariam no futuro, muito sangue precioso ao Imperio e á Republica. »

Precisava o Sr. ministro F. Octaviano de Almeida Rosa da presença do commandante em chefe da esquadra e por isso o retinha no Rio da Prata fazendo-lhe esquecer as glorias de valoroso marinheiro pelo falso brilho da politica.

No dia 13 de fevereiro o 1º corpo de exercito foi acampar em Tala-Corá na margem do rio em frente ao Passo da Patria.

Em Itati estava o exercito oriental a 17 leguas do quartel-general argentino. Commandava-o interinamente o general Gregorio Suarez. Compunha-se elle de :

Estado-maior	68
Infantaria	1.488
Cavallaria.	1.041
Artilharia de 6 peças.	210

¹ Isto tudo mostra o quanto prejudicou o Brazil o tratado da Triplice Alliança, que obrigou a passagem do nosso exercito atravez da Republica Argentina.

Parque	39
12ª brigada brasileira.	1.500
Cavallaria argentina	971
Combatentes.	<u>5.317</u>

No dia 28 de janeiro passaram por Itati um pequeno vapor paraguay e algumas canôas. A 6 de fevereiro reapareceu o mesmo vapor. A 16 vieram tres vapores, o *25 de Maio*, o *Igurey* e o *Gualeguay*, com muita tropa, e atiraram sobre o povoado algumas balas.

No dia 18 viram-se cinco vapores. Neste dia o general Gregorio Suarez recebeu ordem de retirar-se com o exercito para S. Cosme. Marchou na madrugada de 19 e veio acampar no Enramado-Paso a 2 1/4 leguas de Itati.

Ao meio-dia os vapores paraguayos desembarcaram dous batalhões e duas peças e occuparam Itati, que estava deserta. A' tarde, depois de incendiarem os ranchos e casas, retiraram-se, levando alguns cavallos e bois que apanharam pelos arredores.

Os vapores paraguayos voltaram a Itapirú e ahi deixaram as tropas que levavam, continuando a cruzar no rio até o dia 22. O *Gualeguay* ficou no Itapirú e os outros quatro vapores subiram então para Humaylá. Si algumas canhoneiras nossas houvessem subido as Tres Boccas, teriam prendido logo estes quatro vapores no Alto Paraná.

Depois do combate de Currales e de se achar reforçada a vanguarda, não se apresentaram mais os paraguayos com força para hostilisar as tropas alliadas acampadas em frente ao Passo da Patria.

No dia 21 de fevereiro chegou a Corrientes o commandante em chefe da esquadra, no vapor *Onze de Junho*; e no dia 1 de março publicava a sua

ORDEM DO DIA N. 1

« Commando em chefe da força naval do Brazil no Rio da Prata. — Bordo do vapor *Onze de Junho*, em Corrientes, 1 de março de 1866.

Havendo-me eu reunido á força naval sob meu commando em chefe, aqui estacionada, passo a fazer algumas disposições a bem do serviço.

Antes, porém, de entrar no detalhe das mesmas disposições, tenho o mais vivo prazer saudando por esta fórma, e neste logar ao Sr. chefe de divisão Barão do Amazonas e a todos os bravos da marinha e do exercito que sob as suas ordens souberam manter com heroismo o brilho de nossa bandeira, fazendo-a tremular victoriosa no glorioso combate do Riachuelo, no dia 11 de junho do anno proximo passado, e nas passagens forçadas das baterias de Mercedes e Cuevas.

As privações, as vigalias, os rigores do clima e toda a sorte de sacrificios não poderam abater o animo verdadeiramente militar desses bravos, que saúdo ainda uma vez pelas remunerações honrosas com que Sua Magestade o Imperador teve a bem premiar seus relevantes serviços.

Passando a estabelecer a marcha que se deve observar no serviço da esquadra, em quanto estiver reunida, faço sciente ao Sr. commandante da brigada do exercito, commandantes das divisões e navios de guerra, e transportes pertencentes a esta força, bem como ao Sr. chefe de saude da esquadra, que todas as communicações que me tiverem de fazer sejam dirigidas por intermedio do Sr. chefe de divisão Barão do Amazonas, do qual, como chefe do estado-maior, receberão todas as ordens concernentes ao serviço.

O Sr. brigadeiro commandante da brigada destacada na esquadra passará a ter quartel a bordo do transporte *Princesa de Joinville*; e bem assim todo o estado-maior dos differentes corpos que compoem a mesma brigada.— *Visconde de Tamandaré.*»

ORDEM DO DIA N. 3

« Com verdadeira satisfação communico á esquadra do meu commando em chefe, que me foi transmittida pelo secretario de estado dos negocios do imperio a carta imperial de 13 de janeiro ultimo, na qual Sua Magestade o Imperador declara que, tendo em consideração os relevantes serviços prestados na ultima campanha do Estado Oriental do Uruguay e na actual contra a Republica do Paraguay pelo chefe de divisão Francisco Manoel Barrozo; e querendo distinguil-o e honral-o: houve por bem fazer-lhe mercê do titulo de *Barão do Amazonas*, em sua vida, com as honras de grandeza. E quer e manda

que o dito chefe de divisão Francisco Manoel Barrozo, daquella data em deante se chame *Barão do Amazonas*, e que com o referido titulo gose de todas as honras, privilegios, liberdades, isenções e franquezas que não e tem, e de que usam e sempre usaram os barões com grandeza, e que de direito lhes pertencem.

Em consequencia, S. Ex. o Sr. chefe de divisão Francisco Manoel Barrozo declara que se assignará daqui em deante —*Barão do Amazonas*.

Bordo do vapor *Apa*, em Corrientes, 7 de março de 1866.—*Visconde de Tamandaré* »

A 17 de março ás 8 horas da manhã partiu para as *Tres Bocas* a 2ª divisão da esquadra, ao mando do capitão de mar e guerra José Maria Rodrigues. Esta divisão compunha-se dos navios seguintes :

Encouraçado *Barroso*, com a insignia do chefe ; encouraçado *Brazil* e as canhoneiras *Araguary*, *Ivahy* e *Iguatemy*.

A's 9 horas seguiu a 3ª divisão, commandada pelo capitão de mar e guerra Francisco Cordeiro Torres e Alvim, constando da *Beberibe*, com a insignia do chefe ; do encouraçado *Tamandaré* e das canhoneiras *Mearim*, *Ypiranga* e *Parnahyba*.

A's 2 horas da tarde subiu a 1ª divisão sob o mando directo do vice-almirante Visconde de Tamandaré, e em sua companhia o segundo commandante da esquadra, o Barão do Amazonas. Esta divisão constava do *Apa*, com a insignia do vice-almirante ; do encouraçado *Bahia*, do vapor *Onze de Junho*, com o chefe do corpo de saude e medicos, e do *Princesa*, com tropas de desembarque.

Ao lado destes navios ia o vapor *Cysne*, levando o ministro plenipotenciario F. Octaviano de Almeida Rosa, e o aviso a vapor *Lindoya*.

Uma immensidade de povo, apinhado nas barrancas de Corrientes, assistia a este imponente espectaculo e acompanhava com seus votos o triumpho das armas alliadas.

A's 2 horas da tarde fundearam as duas primeiras divisões em Sant'Anna, e ás 4 horas estava-lhes reunida a terceira.

No dia 19 incorporaram-se á esquadra as canhoneiras *Araguay*, *Iguaçu*, *Henrique Martins* e *Chuy*.

Ficaram em Corrientes a *Amazonas*, com as canhoneiras *Magé*, *Belmonte*, *Maracanã*, *Itajahy*, *Greenhalg* e os transportes *Marcilio*

Dias, Isabel, With-Inch, Viper, Suzan Bearn, Riachuelo, Presidente, Duque de Saxe e Galgo.

Os encouraçados *Barroso* e *Tamandaré*, foram construidos no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, o *Brazil* em França e o *Bahia* na Inglaterra.

A esquadra contava 106 peças de 140, 120, 70, 68 e 32, e tinha 3.510 praças de guarnição, tendo tambem á bordo a 9ª brigada, commandada pelo então brigadeiro João Guilherme de Bruce.

Tambem se achavam em Corrientes os vapores de guerra argentinos *Guardia Nacional, Chacabuco, Buenos-Aires, Pavon e Libertad*, ás ordens do coronel-major (chefe de divisão) Muratore.

O almirante Tamandaré sómente utilisou os serviços destes vapores tres vezes.

No dia 17 de março o *Chacabuco* e o *Buenos-Aires* foram com a canhoneira *Henrique Martins* conduzir até Itati o general Flôres.

No dia 5 de abril os mesmos vapores acompanharam a expedição, composta das canhoneiras *Itajahy, Greenhalg* e *Henrique Martins*, que ás ordens do chefe Alvim foram fazer um reconhecimento pelo rio Paraná, acima de Itati. Emfim, na occasião da *passagem* do Paraná, á 16 de abril, os cinco vapores argentinos auxiliaram o transporte das forças de Flôres e de Paunero. Depois da passagem estes vapores retiraram-se.

Sómente estiveram expostos ao fogo da artilharia inimiga nos dias 27 de março e 6 de abril, não tendo, porém, recebido nenhuma bala do inimigo.

Este foi o concurso da força naval da Republica Argentina na de guerra do Paraguay.

A 25 de fevereiro, em Corrientes, teve logar o primeiro conselho guerra entre os generaes aliados.

O seu fim principal era assentar qual o ponto do territorio inimigo em que os exercitos deveriam começar as operações offensivas contra as posições fortificadas do Paraguay.

Os generaes Mitre e Ozorio desejavam passar o Paraná em Itati, ponto intermediario entre o Passo da Patria e Itapúa. Lembraram para apoiar esta operação a vinda do corpo de exercito, commandado pelo

tenente-general Barão de Porto Alegre, que se achava já organizado em S. Borja, para as margens do Paraná, afim de ameaçar Itapúa, e, si necessario fosse, passar o Paraná e ameaçar a capital do Paraguay pela estrada de Itapúa a Villa Rica, cortando a Lopez os recursos do Norte do Paraguay, e obrigandos-o assim a abandonar a defesa de Humaitá, para acudir á defender Assumpção.

Passando o exercito em Itati, contornava o seu objectivo que era Humaytá, ameaçava, operando a junção com o 2º corpo, invadir o coração da Republica com um exercito superior a 40.000 homens e chamava Lopez a uma batalha campal fóra de seus recintos fortificados, onde se decidiria da sorte da guerra.

A base das operações seria então a provincia de Corrientes, e a esquadra bloquearia os rios Paraná e Paraguay até o momento em que as forças alliadas, chegando ás margens do rio Paraguay, a um ponto acima de Humaytá, dariam ensejo a que a esquadra encouraçada, forçando a passagem das fortalezas, encontrasse seu ponto de apoio no exercito acima dellas.

O almirante Tamandaré sustentava a opinião de que se devia invadir o Paraguay pelo Passo da Patria, porque o exercito teria nessa posição todo o apoio da esquadra, que lhe assegurava feliz exito em tão arriscada empreza.

Flôres acompanhava a opinião do almirante.

Ponderava além disso que a cheia do rio sómente permittiria as manobras da esquadra a começar dos ultimos dias de março.

Não chegaram a um accordo immediato sobre o ponto preferivel para a invasão, sendo adiada, para depois dos reconhecimentos que ia a esquadra proceder, a escolha deste ponto.

Foi em consequencia desta resolução que o então ¹ 2º corpo de exercito começou a passar o Uruguay, no Passo de S. Borja, em 17 de março, e atravessando o territorio de Missões, veio acampar em S. Thomaz, onde chegou á 16 de abril. Quinze dias depois, 1 de maio, o general Barão de Porto Alegre reconhecia o forte de S. José, nas

¹ Pela ordem n. 506 de 6 de março ficou designada com a denominação de 2º corpo do exercito brasileiro, em operações contra o Paraguay.

margens do Paraná, em frente a Itapúa, e trocava alguns tiros de artilharia com a força que Lopez havia mandado para Itapúa. Era uma columna de 3.000 homens, com 12 canhões, commandada por um coronel Nunez.

Neste primeiro fogo de artilharia do 2º corpo de exercito com as forças do Paraguay, foi morto o capitão do 1º de artilharia José Carlos Cabral. Em consequencia do occorrido, no conselho de guerra de 25 de fevereiro dizia o Visconde de Tamandaré, em officio confidencial de 10 de março, ao ministro da marinha.....

« Ao abrir-se a conferencia, declarou o general Mitre, que sendo a esquadra o principal apoio das operações que temos de emprehender contra o inimigo, a mim competia a iniciativa do plano a adoptar ; em vista do que, expuz o estado da força naval sob meu commando e declarei que o Governo Imperial tem posto á minha disposição os meios necessarios para *destruir-se por agora* todas as fortificações inimigas, comprehendidas desde o *Passo da Patria* até *Assumpção* ; mas que semelhante empreza não trazendo sinão um brilho improficuo para as armas, imperiaes, conviria mais, em minha opinião, estabelecer um plano pelo qual a esquadra e o exercito se coadjuvassem, ou se apoiassem reciprocamente. Então o general Mitre mostrou a conveniencia de fazermos com a esquadra *um reconhecimento no Paraná, acima das Tres Boccas a fim de escolhermos uma posição na margem direita do rio e no flanco do exercito inimigo, onde se possa effectuar com segurança o desembarque de nossas forças. Ficando todos os generaes de accordo.*

Concluimos a conferencia resolvendo que, depois de operada a invasão, o exercito procurará bater o inimigo onde elle se achar, emquanto a esquadra se occupará em destruir as fortificações da margem direita do Paraná e da esquerda do Paraguay até á Assumpção. »

Pela ordem do dia n. 128 do Quartel General do commando em chefe do exercito em operações, publicada no acampamento em Tala-Corá, em 14 de fevereiro, foi dado conhecimento ao exercito, da promoção feita pelo decreto de 22 de janeiro, e por ella foram promovidos a brigadeiros: os coroneis *Joaquim José Gonçalves Fontes, Victorino José Carneiro Monteiro, Alexandre Gomez de Argollo Ferrão, João*

Guilherme de Bruce, Guilherme Xavier de Souza, Candido José Sanches da Silva Brandão e José Antonio da Fonseca Galvão, commandante das forças expedicionarias de Matto Grosso.

Entre os promovidos a coroneis :

Hermenegildo de Albuquerque Porto-Carrero, o defensor do forte de Coimbra ; *Carlos de Moraes Camisão*, que no anno seguinte commandou a retirada da Laguna ; *João Manoel Menna Barreto*, que defendeu S. Borja, *José Antonio Dias da Silva*, que resistiu no rio Feio á invasão dos paraguayos ; *André Alves Leite de Oliveira Bello*, um dos bravos de Paysandú ; *Joaquim Rodrigues Coelho Kelly*, que commandava a 12ª brigada brasileira no combate de Yatay ; *José da Silva Guimarães*, que commandou o 9º de infantaria em Riachuelo.

Entre os tenentes-coroneis promovidos figuravam: *João Carlos de Villagran Cabrita*, fallecido pouco depois ; *Emilio Luiz Mallet*, que commandava a artilharia em Paysandú ; *Francisco da Costa Rego Monteiro*, defensor do forte de Coimbra .

Entre os majores contavam-se :

Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, que organisou o 2º regimento de artilharia a cavallo no 2º corpo ; *Antonio José Augusto Conrado*, um dos bravos do forte de Coimbra, fallecido de máos tratos sendo prisioneiro dos paraguayos na retirada de Albuquerque pelos pantanaes ; *Hermes Ernesto da Fonseca*, um dos bravos de Paysandú ; *Francisco Maria dos Guimarães Peixoto*, já celebrisado em Paysandú, Corrientes, Riachuelo, Mercedes e Cuevas.

Entre os capitães promovidos notavam-se: *Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, Luiz Vieira Ferreira, Augusto Fausto de Souza, Franklin Mendes Vianna, João Nepomuceno de Medeiros Mallet, José Carlos Cabral*, morto no reconhecimento de Itapuá, e *Floriano Vieira Peixoto*, o commandante do vapor *Uruguay*.

Mapa Synoptico da Esquadra Brasileira no Passo da Patria, em março de 1866

COMMANDANTE EM CHEFE, VICE-ALMIRANTE VISCONDE DE TAMANDARÉ; SEGUNDO
COMMANDANTE, CHEFE DE DIVISÃO BARÃO DO AMAZONAS

CLASSES	NOMES	COMMANDANTES	NÚMERO DE OFFICIAES	NÚMERO DE P. RAÇAS	NÚMERO DE PEÇAS
Encouraçado...	Barroso.....	1º Tenente João Mendes Salgado.....	19	116	6
»	Tamandaré.....	1º Tenente Mariz e Barros.....	17	88	6
»	Bahia.....	Capitão de fragata Rodrigues da Costa....	17	105	2
»	Brazil.....	Capitão de mar e guerra Victor Subrá.....	21	168	11
Canhoneira...	Parnahyba.....	Capitão-tenente Joaquim Francisco de Abreu.	18	171	7
»	Beberibe.....	Capitão de fragata Delphim de Carvalho....	19	160	8
»	Belmonte.....	Capitão-tenente L. M. Piquet.....	10	194	8
»	Araguary.....	1º Tenente A. L. Von Hoonholtz.....	13	91	4
»	Itajahy.....	1º Tenente Carneiro da Rocha.....	12	100	6
»	Magé.....	Capitão-tenente Mamede Simões.....	15	180	8
»	Ivahy.....	1º Tenente Pereira dos Santos.....	13	93	6
»	Mearim.....	Capitão-tenente Eliziario Barbosa.....	15	97	8
»	Araguay.....	1º Tenente Fernandes Pinheiro.....	13	91	8
»	Iguatemy.....	1º Tenente Alves Nogueira.....	17	101	5
»	Ypiranga.....	1º Tenente Francisco J. de Freitas.....	16	91	8
»	Greenhalg.....	1º Tenente Netto de Mendonça.....	16	86	2
»	Henrique Martins..	1º Tenente Jeronymo Gonçalves.....	15	79	6
»	Chuy.....	1º Tenente Marques Guimarães.....	9	47	2
Patacho.....	Iguassú.....	1º Tenente Cunha Couto.....	12	35	4
Fragata.....	Amazonas.....	Capitão de fragata Theotonio de Brito.....	15	134	6
Canhoneira.....	Maracanã.....	1º Tenente Gonçalves Duarte.....	12	64	2
Vapor.....	Igurey.....	Piloto Serpa.....	2	48	
Aviso.....	Lyndoya.....	2º Tenente Antonio Joaquim.....	5	28	
»	Voluntario.....	Commandado por piloto.			
»	General Ozorio.....	Idem idem.			
Transporte.....	Apa.....	Capitão-tenente Garção.....	15	45	2
»	Onze de Junho.....	1º Tenente Garcez (hospital).....	14	21	2
»	Princeza.....	1º Tenente Collatino.....			
»	Marcilio Dias.....	1º Tenente José Alvim.....	15	36	3
»	Isabel.....	Capitão-tenente Faria.....	17	90	
»	With Inch.....				
»	Viper.....				
»	Suzan Bearn.....	A 9ª brigada, que se achava a bordo da esquadra, e era commandada pelo briga- deiro Bruce, constava do 9º de infantaria, 12º, 15º e 43º de voluntarios.....			
»	Riachuelo.....				
»	Presidente.....				
»	Duque de Saxe.....				
»	Galgo.....				
		37 navios com uma força total de.....	481	4.036	
		Total pessoal guarnição.....	4.517		

Artilharia, bocças de fogo..... 130

Os capitães de mar e guerra José Maria Rodrigues e Francisco Cordeiro Torres e Alvim
commandavam divisões.

Havia além disso a esquadra argentina do chefe Muratore.

Exercito Alliado: — Brasileiro, em Talá-Corá, março 1866

Quartel General e corpos especiaes 130.

1ª DIVISÃO — GENERAL A. G. DE ARGOLLO FERRÃO

7ª brigada — Coronel Jacintho Bittencourt:

1º e 13º de infantaria.	{ off. 198	} 3.072
6º, 9º, 10º e zuavos V. P. ¹	{ pr. 2.874	

10ª brigada — Coronel Carlos Resin:

2º de infantaria.	{ off. 108	} 1.605
2º e 26º V. P.	{ pr. 1.497	
Total — 1ª divisão, infantaria.		<u>4.677</u>

2ª DIVISÃO — GENERAL JOSÉ DA VICTORIA SOARES DE ANDRÉA

1ª brigada — General Sanches Brandão:

2º e 3º regimentos de cavallaria ligeira	{ off. 126	} 1.093
1º e 2º corpos prov. C. G. N. ²	{ pr. 967	

4ª brigada — Coronel Oliveira Bueno:

5º, 7º e 8º corpos prov. C. G. N.	{ off. 61	} 803
	{ pr. 742	
Total — 2ª divisão, cavallaria.		<u>1.896</u>

3ª DIVISÃO — GENERAL ANTONIO DE SAMPAIO

5ª brigada — Coronel Oliveira Bello:

4º, 6º e 12º de infantaria.	{ off. 169	} 2.774
4º e 46º V. P.	{ pr. 2.605	

¹ V. P. Voluntários da Patria.

² Corpo Provisorio de Cavallaria da Guarda Nacional,

8ª brigada — Coronel D. José da Silveira :

8º e 16º de infantaria.	{ off. 76	} 1.632
10º V. P.	{ pr. 1.556	
Total — 3ª divisão, infantaria.		<u>4.406</u>



4ª DIVISÃO — GENERAL GUILHERME XAVIER DE SOUZA

2ª brigada — Coronel Coelho Kelly :

14º de infantaria.	{ off. 94	} 1.568
1º e 13º V. P.	{ pr. 1.474	

11ª brigada — Coronel José Auto Guimarães :

10º de infantaria.	{ off. 101	} 1.603
20º e 31º V. P.	{ pr. 1.502	

13ª brigada — Coronel Costa Pereira :

3º de infantaria	{ off. 113	} 1.897
19º e 24º V. P.	{ pr. 1.784	
Total — 4ª divisão, infantaria		<u>5.068</u>



5ª DIVISÃO — GENERAL ANDRADE NEVES :

3ª brigada — Tenente-coronel Sezefredo A. de Mesquita :

4º e 6º corpos prov. C. G. N.	{ off. 40	} 490
	{ pr. 450	

15ª brigada — Coronel Tristão José Pinto :

3º e 9º corpos prov. C. G. N.	{ off. 45	} 578
	{ pr. 533	

16ª brigada — Coronel Demetrio Ribeiro :

10º e 11º corpos prov. C. G. N.	{ off. 37	} 455
	{ pr. 418	
Total — 5ª divisão, cavallaria.		<u>1.523</u>



6ª DIVISÃO — GENERAL VICTORINO MONTEIRO

12ª brigada — Coronel Lopes Pecegueiro :

5º e 7º de infantaria	{ off. 115 }	} 2.082
3º e 16º V. P.	{ pr. 1.967 }	

14ª brigada — Coronel Pereira Lobo :

21º, 30º e 51º V. P.	{ off. 129 }	} 4.446
	{ pr. 4.317 }	

18ª brigada — Coronel Evaristo da Silva :

38º, 40º e 41º V. P.	{ off. 104 }	} 1.283
	{ pr. 1.179 }	
Total — 6ª divisão, infantaria.		4.811

—

COMMANDO GERAL DE ARTILHARIA — GENERAL ANTONIO MANOEL DE MELLO

17ª brigada — Coronel Gurjão:

1º regimento de artilharia	{ off. 91 }	} 1.404
1º e 3º batalhões de artilharia a pé	{ pr. 1.313 }	

19ª brigada — Coronel Gomes de Freitas :

Batalhão de engenheiros	{ off. 75 }	} 1.282
7º e 42º V. P.	{ pr. 1.207 }	
Total — Commando Geral de Artilharia.		2.686

Brigada ligeira — General A. de Souza Netto :

1º, 2º, 3º e 4º corpos de voluntarios de cavallaria.	{ offi. 103 }	} 928
	{ pr. 825 }	

—

Esquadrão de transporte	{ offi. 12 }	} 269
	{ pr. 257 }	

209

NA ESQUADRA:

9ª brigada — General João Guilherme de Bruce:

9º de infantaria	} offi. 98 pr. 1.477	} 1.575
12º, 15º, 43º e voluntarios allemães		

Total, força prompta 27.969

Empregados e doentes	} offi. 139 pr. 4.970	} 5.109

Somma—1º corpo do exercito brasileiro 33.078

Dos quaes 2.164 officiaes.

Exercito argentino — Brigadeiro Mitre:

1º corpo, general D. Wenceslau Paunero.

1ª divisão, coronel Rivas.

1ª brigada, tenente-coronel Rozetti.

1º e 6º batalhões de infantaria de linha.

2ª brigada, tenente-coronel Charlone.

3º batalhão de infantaria de linha e legião militar.

2ª divisão, coronel Arredondo:

3ª brigada, tenente-coronel Fraga.

4º e 6º de linha.

5ª brigada, tenente-coronel Horno:

2º de linha e 1º de voluntarios.

5ª brigada, coronel Rivero:

1º batalhão da guarda nacional de Corrientes, 1º batalhão da guarda nacional de Santa Fé.

Legião paraguaya, coronel Iturburú:

22 off. 145 praças = 167.

Brigada de artilharia, tenente-coronel Nelson:

2º, 3º e 4º esquadrões de artilharia ligeira.

Brigada de cavallaria, coronel Fernandes:

Escolta, 1º regimento de linha, voluntarios de Santa Fé.

Companhia de sapadores, commissariado, corpo medico, hospital e parque: total, off. 33, praças 262 = 295.

Total do 1º corpo de exercito argentino:

Corpos especiaes e quartel-general	360
Infantaria	3.575
Cavallaria.	336
Artilharia.	460
Total	<u>4.731</u>

Dos quaes 377 officiaes.

—

2º corpo de exercito, general Gelly y Obes:

1ª divisãõ, coronel Coneza:

2º, 3º e 4º batalhões da guarda nacional de Buenos-Aires.

2ª divisãõ, coronel Bustillos:

1º e 2º batalhões da guarda nacional de Buenos-Aires, 2º e 4º do 3º regimento da guarda nacional de Buenos-Aires.

3ª divisãõ, coronel Vedia:

9º de infantaria de linha, 1º batalhão do 3º regimento da guarda nacional.

2ª legião de voluntarios, batalhão Libertad.

Artilharia, coronel Frederico Mitre:

2º regimento de artilharia ligeira = 272.

Cavallaria, divisãõ, coronel Oryazabal:

1º, 2º e 3º regimentos da guarda nacional = 501.

Total do 2º corpo de exercito :

General	1
Infantaria.	3.707
Artilharia	272
Cavallaria	501
388 officiaes para um total de.	<u>4.481</u>

—

250

3º corpo de exercito, general D. Emilio Mitre:

1ª brigada, tenente-coronel Ayala:

5º e 2º batalhões da guarda nacional.

2ª brigada, coronel Dominguez:

Batalhões Cordoba e S. Juan.

3ª brigada, tenente-coronel Cabot:

Batalhões Pringles e Mendoza.

Cavallaria, tenente-coronel Vidar = 279.

—

3º corpo de exercito, 193 officiaes, total 1.697.

Exercito de Corrientes:

Divisão General Caceres;

Divisão General Hornos;

Divisão Coronel Paiva;

Divisão Coronel Regueira: milicias e regimento San Martin.

Officiaes 294, total 1.800.

Total do exercito argentino: maior força existente, comprehendendo os empregados, os doentes e 1.355 officiaes de todas as categorias: 12.709.

—

Exercito oriental—Commandante em chefe general D. Venancio Flôres

Estado-maior, 69.

Escolta, tenente-coronel Fortunato Flôres, 265.

Divisão, general Henrique de Castro:

1º, 2º e 4º regimentos de cavallaria da guarda nacional, 776.

Infantaria:

1ª brigada, coronel Palleja:

Batalhão Florida e Vinte e Quatro de Abril = 924.

2ª brigada, tenente-coronel Marcellino Castro:

Batalhões Libertad e Independencia = 564.

Artilharia e parque = 249.

Total do exercito oriental = 2.847, comprehendendo os empregados, os doentes e 235 officiaes;

Total das forças alliadas em frente ao Passo da Patria :

MARINHA BRAZILEIRA

Quatro encouraçados, 18 vapores de guerra, tres avisos a vapor e 12 transportes de guerra a vapor, com 130 canhões e 4.517 combatentes, commandada pelo vice-almirante Visconde de Tamandaré.

O 1º corpo de exercito, commandado pelo marechal de campo Manoel Luiz Ozorio :

Quatro divisões de infantaria, duas divisões de cavallaria e um commando geral de artilharia.

1ª brigada na esquadra — (9ª) uma brigada com o exercito oriental (12ª), uma brigada ligeira ;

Ao todo :

19 brigadas-combatentes, 31.503.

O exercito argentino, ao mando do general em chefe D. Bartholomeu Mitre :

Cinco corpos de exercito, com 10 divisões, duas brigadas de artilharia, tres brigadas de infantaria do 3º corpo, duas brigadas de cavallaria e corpos especiaes.

Ao todo :

Combatentes 12.709.

O exercito oriental, commandado pelo general Flôres:

Ao todo:

Combatentes 2.847.

Total das forças alliadas no Passo da Patria, 51.576.

O 2º corpo de exercito organizado em S. Borja achava-se acampado em S. Thomaz, sob o commando do tenente-general Barão de Porto Alegre.

Compunha-se :

Corpos especiaes (officiaes) 105 ;

Companhia de transporte 223 ;

Artilharia e pontoneiros 1.157.

Infantaria :

11º provisório de infantaria, 5º, 8º, 18º, 29º, 32º, 34º, 35º, 36º, 47º e zuavos : 6.100.

Cavallaria :

5º de caçadores, 1º, 2º, 3º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, 10º, 11º, 12º, 13º, 14º, 15º, 16º, 17º, 18º, 19º, 20º, 21º, 22º e 23º provisórios de cavallaria da guarda nacional e 11º, 12º e 13º corpos effectivos de cavallaria da guarda nacional: 7.294.

Total do 2º corpo 14.879.

Forças alliadas na fronteira do Paraguay, em março de 1866 — combatentes, 66.455.

Total 66.455.

Nos exercitos e armada brazileira havia 65 officiaes para 1.000 soldados ; no exercito argentino, 107 officiaes ; e no exercito oriental, 82 officiaes para igual numero de soldados.

O 1º e 2º corpos do exercito brazileiro tinham 47.847 combatentes.

O 1º, 2º, 3º e 5º corpos do exercito argentino tiveram entre todos no maximo 12.709 homens e o exercito oriental teve no maximo 2.847.

Relatorio da Commissão de Engenheiros sobre a passagem do rio
Ibicuy pelo exercito paraguay o nos passos de Santa Maria e
Pontão do Ibirocay.

I

Illm. e Exm. Sr.—Nomeados por V. Ex. para fazermos um reconhecimento das localidades mais importantes por onde o exercito paraguay, sob o commando do coronel Antonio Estigarribia, invadiu e atravessou o territorio desta provincia, temos a honra de apresentar a V. Ex. a seguinte exposição, que nos foi ministrada pela viagem que para esse fim fizemos pelo rio Uruguay, da villa de Uruguayana até á de S. Borja, por ordem de V. Ex.

Desde meiodos do mez de maio do corrente anno, na povoação do Alvear, situada á margem direita do rio Uruguay, fronteira ao porto da villa de S. Borja, viam-se tropas paraguayas estacionadas.

Pela declaração de guerra ao Brazil por parte do governo paraguay o, a presença de tropas desse paiz nessa paragem deixava claramente descobrir que intenção havia na invasão do sólo da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul; e, como aos futuros invasores, sem auxilio de vasos para navegação do Uruguay, conviesse ter uma base de operações em communicacão franca com os centros de recursos em seu territorio, era de prever que seria o centro de população brasileira mais proximo do Paraguay, pelo lado de oeste, aquelle que elles deveriam procurar occupar em primeiro logar; a villa de S. Borja era portanto seu primeiro ponto objectivo.

Para effectuar a passagem do rio Uruguay, entre esses dous pontos acima mencionados, procurou o inimigo apoiar sua operação sobre algum matto e casas existentes na margem direita, que pudessem emboscar suas tropas; e sobre a margem esquerda escolheu um

236

ponto, onde á época de seu movimento, de 35 palmos, pouco mais ou menos, deveria ella dominar o nivel das aguas.

Dispondo de meios primitivos e muito insignificantes para vencer um rio caudaloso, que entre os dous pontos escolhidos apresentava uma largura de 300 braças, si muito vantajosa era ao invasor a fixação do logar de partida, mais favoravel á resistencia, tambem, não poderia ser aos defensores a topographia do ponto que na margem esquerda elle demandava.

Pelo commandamento consideravel da margem esquerda nesse ponto, e pelo declive rapido que ella ahi apresenta, tres boccas de fogo, quando muito, e 800 praças de infantaria teriam, si não derrotado, pelo menos feito perder ao inimigo uma parte consideravel de suas forças; e quando pelo revez soffrido elle não recuasse ante a resolução de invadir nosso sólo, por ahi tão protegido naturalmente, para a ultimar ver-se-hia forçado a esperar novos reforços, ou a buscar algum outro ponto do rio onde a resistencia não pudesse, nem devesse ser tão efficaz. Esta opinião, que o estudo da localidade suggere, assume militarmente o character de asserção, quando comparamos o resultado que o inimigo obteve com os escassos recursos que possuia para effectuar essa passagem.

Contando apenas com 19 canôas lotadas para 25 homens cada uma, sob o commando do coronel paraguayo Antonio Estigarribia, a 10 de junho do corrente anno passaram o Uruguay oito batalhões de infantaria, quatro regimentos de cavallaria, oito boccas de fogo de campanha e 30 carretas, das quaes quatro com munições de guerra. E ainda, para difficultar a operação, accresce que consideravel era o numero de animaes affectos ao serviço do exercito invasor: 800 bois e 4.000 cavallos atravessaram o rio nesse mesmo dia. Caso os meios indicados para opposição á passagem do rio não pudessem ser realizados, de muito poderiam ser reduzidos, e a resistencia ter igual resultado, si se compensasse essa falta pela creação, na margem esquerda, de alguma obra de fortificação passageira. Com tal disposição á resistencia, e pela presença de tropas em numero não muito consideravel, é permittido affirmar que o inimigo, ante o regimen das aguas que tinha junto a si, e as condições locaes da margem em que pretendia desem-

barcar, buscaria outro ponto do Uruguay, onde admittida a sua passagem, haveria a nosso favor a grande consideração de ficar elle com a linha de retirada cortada por forças que deveriam ser convenientemente dispostas ao longo da margem esquerda do rio, desde esse ponto até ao *porto de S. Borja*.

Por um concurso de circumstancias, que não nos é dado expender, o inimigo venceu, no curto espaço de 12 horas, com uma força e material consideraveis, um dos mais caudalosos rios da America do Sul. Ganhou o territorio brasileiro no porto de S. Borja, e a 12 de junho passou a occupar a villa do mesmo nome, e ahi começou sua obra de pilhagem e destruição. A 2 de julho, em direcção á sanga de Cambahy, desaguando no Uruguay a 300 braças, á montante da villa de Itaqui, realizou o inimigo uma dessas operações que, á vista das circumstancias que a rodeavam, só ao successo que coroou sua arrojada decisão ante o porto de S. Borja é possível attribuir sua concepção.

Com effeito, em sua marcha para o sul pelo territorio desta provincia, o exercito paraguayo achava-se nesse dia a 10 leguas, pelo menos, ao norte de Itaqui, ameaçando essa villa. As forças paraguayas, que acompanhavam a margem direita do Uruguay, não podiam contar com a cooperação das que se achavam em nosso territorio: o rio Uruguay, nesse ponto, apresentando uma largura proximamente igual á que tinha onde por ellas foi passado a 10 de junho, e as condições topographicas das margens sendo as mesmas que as do porto de S. Borja, dirigir um ataque contra a villa de Itaqui, nessa situação de isolamento na margem esquerda, era um dos actos mais temerarios que o inimigo poderia executar.

Pelas 3 horas da tarde desse dia, 42 homens sob o commando de um sargento, atravessando o rio Uruguay, embarcados em sete canôas, tocaram o territorio de Itaqui. Dirigindo-se elles immediatamente á villa em duas horas, tempo que em nosso solo se demoraram, saquearam varias casas de subditos estrangeiros ahi residentes, e, sem perda de um só homem, volveram ao seu acampamento na margem direita. Com um serviço de policia de fronteira bem organizado, si alguma força brasileira em numero muito limitado se achasse na villa de Itaqui, em taes condições, seria impossível o desembarque.

Para operar semelhante movimento, teria o inimigo dado muito maiores elementos de acção á sua força, e a data 6 de julho, dia da entrada do coronel Estigarribia com o exercito sob seu commando na villa de Itaquí, não traduziria com tanta eloquencia esse acto de verdadeira temeridade que o inimigo, com uma não pequena indifferença, executou nesse logar.

Dividida naturalmente para defensiva é a zona occidental da provincia do Rio Grande do Sul. As bacias hydrographicas dessa região, dando para escoamento das aguas tres grandes rios, o Uruguay e seus dous afluentes, o Ibicuy e o Quarahy, indicam, protegendo as situações em que a garantia do territorio deve ser efficazmente disputada. Esses tres consideraveis cursos d'agua, correndo de norte a sul, o Uruguay estabelecendo o limite do Brazil com a Republica Argentina nessa parte de seu desenvolvimento, outro, o Ibicuy, desaguardo no Uruguay, seguindo a direcção deste a oeste na metade proximamente do desenvolvimento da fronteira occidental da provincia, e finalmente o Quarahy, rio divisorio entre nosso territorio e o Estado Oriental, desenham dous grandes districtos militares da provincia, tendo por linha de divisão o rio Ibicuy, e delle estendendo-se para o norte e para o sul até ás suas fronteiras respectivas. Si por uma invasão do territorio da provincia pelo lado do Uruguay foi um desses districtos militares occupado pelo inimigo, a posse do outro depende toda da passagem do rio Ibicuy, que determina o limite entre elles. E' no mallogro dessa operação que se baseia, seja a destruição do exercito invasor, quer a occupação de parte tão sómente da zona fronteira por esse lado.

O rio Ibicuy, sendo, portanto, a chave da provincia, nessas condições invadida, é para elle que toda a attenção deveria ser volvida.

Tendo um corpo de exercito paraguayo invadido a provincia pelo porto de S. Borja, e em sua marcha traduzido o plano de ganhar o Estado Oriental, para ahi engrossar suas fileiras, seria á passagem do rio Ibicuy que deveriamos oppôr a maior resistencia, e por ella caro fazer pagar ao inimigo seu arrojo e ignorancia de nossos meios de defesa. Espalhando a ruina por onde passava, e levando deante

de si espavorida a população da provincia por esse lado; senhor, emfim, do terreno que pisava, o inimigo, para effectuar a passagem do Ibicuhy, deveria procurar realizal-a lá onde, pelas communições ordinarias, elle era vencido. Em direcção ao Passo de Santa Maria caminhou elle, portanto, e ahí começou a passagem. No logar acima mencionado effectuou elle a passagem de um batalhão de infantaria e duas boccas de fogo; como, porém, os pontos de partida e chegada eram-lhe extremamente desvantajosos, o primeiro por não ter mattas que protegessem suas forças á chegada do rio, deixando assim a descoberto seus movimentos á forças nossas que se achavam a uma pequena distancia da margem esquerda, e o segundo por ser protegido por uma matta, circumstancias todas favoraveis á defensiva, teve elle de renunciar á passagem neste ponto, e demandar outro que mais lhe garantisse o successo de sua operação. Taes foram os embarços que á marcha dessa força ahí passada causou a matta existente na margem esquerda, e atravez a qual corre uma sanga bastante profunda, que, segundo informações ministradas por uma praça paraguaya que ahí passou o rio, ella ficou dous dias isolada nessa margem, e só depois desse prazo é que foi reunir-se ao grosso da força que atravessou o rio, em outro ponto. Talvez que, animado por duas passagens de rio tão extraordinariamente felizes, e rendendo alguma justiça á força brazileira que se achava postada á margem esquerda, mandasse o inimigo esse batalhão de infantaria com duas boccas de fogo para, sobre a margem objectiva, proteger seu movimento, essa póde ser a razão estrategica de semelhante operação e então, força é confessar, completamente satisfeitos foram seus designios; pois essa força em um isolamento absoluto teve a in-crível fortuna de ainda tornar a fazer parte util do exercito sob o commando do coronel Antonio Estigarribia.

Reconhecendo o inimigo as difficuldades com que tinha de lutar para desenvolver as suas forças na margem esquerda, atravessando o rio no Passo de Santa Maria, a 1.800 braças pouco mais ou menos á montante, no logar denominado — Pontão do Ibirocay —, effectuou elle a passagem do resto do seu exercito.

Nesse logar deveria o rio, no dia da passagem, apresentar uma

214

largura de 240 braças ; a margem direita é protegida por uma matta bastante espessa, e o ponto da margem esquerda que elle demandava, desguarnecido de arvores ; circumstancias inteiramente contrarias ás com que contava no Passo de Santa Maria: a matta existente na margem direita estende-se á uma distancia proxivamente de 700 braças até encontrar o campo, e a margem esquerda, consideravelmente dominada por uma collina que acompanha seu desenvolvimento.

Si, pois, para attingir a margem, ajudado de uma picada que no interior da matta abriu, tinha o inimigo as maiores garantias de successo, por isso que não expunha nesse ponto suas tropas ao fogo de nossa força, a elevação do terreno sobre a margem esquerda, e a falta absoluta do arvoredado ahi, collocavam-o nas mais tristes condições para realizar a passagem, e, com o material de que dispunha, 20 canoas, a resistencia um pouco viva que nossa força lhe fizesse, elle não effectuaria ainda a passagem do Ibicuhy nessa paragem. Tomando o inimigo a sábia resolução de fazer passar as carretas, lá onde sem obstaculos chegassem ellas ao rio, escolheu para isso o ponto onde terminava a matta sobre a margem a 500 braças pouco mais ou menos daquelle em que a picada melhorada chegava ao rio ; por essa disposição conseguiu elle a passagem das carretas, de uma força superior a 6.000 homens, de seis boccas de fogo, e de quantidade consideravel de animaes ; ganhou a margem esquerda, e ahi tendo-se effectuado a reunião da força e artilharia passada no Passo de Santa Maria, vendo assim vencido esse terrivel obstaculo, senhor, portanto, da zona da provincia limitada pelo rio que acabava de passar e o Quarahy, marchou em direcção á Uruguayana, ahi entrincheirou-se, e a 18 do passado com a maior ignominia pagou tão arrojados feitos. Demonstrada a importancia extrema que, do lado da defensiva, deveria ser ligada ao rio Ibicuhy, e admittindo no inimigo uma idéa fixa de continuar sua marcha em direcção ao sul, era junto a esse rio que os recursos de que dispunhamos deviam ser concentrados. Parecendo da parte do inimigo uma disposição á resistencia sem relação ao importante fim a que visava, embora seu embarque fosse garantido pela topographia do terreno, a configuração da margem que buscava era a mais vantajosa possivel á opposição por nosso lado, e si ahi, oc-

cupando as alturas, houvesse postada uma força de 1.800 homens e quatro boccas de fogo com munições sufficientes, pôde-se afoutamente affirmar que da força paraguaya mui limitado seria o numero de praças que attingiria á margem esquerda. Si o material de que dispuzesse o inimigo para a passagem de rios fosse aquelle que empregam paizes avançados na arte da guerra, não seria por certo a força indicada a que bastaria á resistencia que deveria empregar em vencer um obstaculo dessa natureza um exercito, cujo fim era ganhar terreno deante de si, e que tinha além disso sua retaguarda atacada ; porém, com os meios precarios de que dispunha o inimigo para essa operação, uma das mais importantes e arriscadas da guerra, a passagem do Ibicuhy, nessas condições de terrenos e recursos, pôde ser considerada como o acto o mais brilhante que o inimigo poderia praticar nesta provincia.

Esta é a exposição que temos a honra de submetter á consideração de V. Ex.

Reunindo ao nosso trabalho uma planta das localidades principaes onde estes factos tiveram logar, terminamos, esperando que V. Ex. dignar-se-ha desculpar as faltas que, sem duvida, nelle se encontram.

Deus guarde a V. Ex.— Acampamento do exercito em operações junto á villa de Uruguayana, 2 de outubro de 1865.— Illm. e Exm. Sr. conselheiro Angelo Moniz da Silva Ferraz, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.— *Sebastião de Souza e Mello*, capitão de engenheiros.— *Francisco Xavier Lopes de Araujo*, capitão de engenheiros.— *Sebastião Antonio Rodrigues Braga*, 1º tenente de engenheiros.

Relatorio da commissão de engenheiros sobre a passagem do inimigo nos Passos do Imbahá e Toropasso

II

Illm. Sr.—Nomeados por V. S., por ordem do Exm. Sr. tenente-general Barão de Porto Alegre, commandante em chefe do exercito, em virtude do aviso do Ministerio da Guerra de 8 do corrente, para fazer o estudo minucioso e exames profissionaes concernentes aos pontos em que os paraguayos, na invasão desta provincia, atravessaram os Passos do Imbahá e Toropasso, cabe-nos apresentar a V. S. a exposição do que temos observado, juntando a esta a planta inclusa, para sua maior clareza e melhor coadjuvar o nosso raciocinio.

Neste trabalho, cumprindo cingir-nos á lettra das ordens, só deveriamos ter presente o exame de qualquer melhoramento de terreno que tivesse sido realisado para favorecer o trajecto das forças inimigas por esses pontos: no entretanto somos obrigados a trazer de mais alto nossas considerações na apreciação necessaria dos factos que se prendem á serie de operações realisadas até o Passo do Imbahá, traçando assim a nossa linha de conducta pelo dever de julgar da incuria de nossas forças, mal dirigidas por certo em toda a successão das marchas do inimigo, e não applicadas, como podiam ser, para inutilisar os pequenos recursos de que esse dispunha. Assim, pois, passaremos a offerecer á consideração de V. S. a nossa opinião sobre a passagem das forças paraguayas no passo do Toropasso, descrevendo ao mesmo tempo os trabalhos de arte para semelhante fim realisados; e, como complemento, entraremos no exame e discussão das posições occupadas depois dessa passagem sobre a margem esquerda do rio, sob o ponto de vista necessario para comprovar o que já acima avançamos. A planta inclusa define claramente a natureza do

passo e a possibilidade de sua resistencia. Espreado, como é, na extensão apenas da largura da estrada, e desde essa guarnecida a margem esquerda do rio de matto espesso, sendo que se dá o contrario na margem direita, que fica além disso dominada pela cochilha daquella margem, de onde descem as cahidas do rio, e de um affluente que nelle vem desaguar na distancia do passo, pouco mais ou menos, de 400 braças; não havendo váo em nenhum outro ponto acima ou abaixo, salvo despontando pelas suas cabeceiras a nove leguas de distancia, ou a quatro leguas em um outro passo menos favoravel; conservando aguas na altura de tres a quatro palmos, na estação de maior baixa, que crescem á de 12 na estação das cheias e sendo além disso a barranca de difficil accesso em razão do forte; atoleiro que tem principio na linha das aguas e que, subindo, estende-se até distancia pela varzea, acompanhando a margem do affluente, aonde se forma um forte banhado: são tantas circumstancias para confirmar a sua vantagem em uma defesa bem efficaç. Foi sem duvida em razão de semelhantes difficuldades, como acredita a commissão, que alguns ligeiros e grosseiros trabalhos de arte foram executados, como sejam dous paredões de pedras soltas de extensão ambos de 190 palmos e largura de 15, transportadas as pedras de um cercado que existia do outro lado e de propriedade de Gondré Lopes, trabalhos estes em que se empregaram durante seis dias que estiveram acampados naquella paragem. Por este meio foi, pois, preparada uma tosca ponte que lhes permittiu a passagem de suas carretas de munições sem que fossem, nem neste, nem naquelles serviços, obstados por nossas forças. E' de sorprehnder semelhante facto, sendo conhecido que o nosso exercito em guarnição sobre a fronteira dispunha de melhor artilharia, infantaria bastante em numero de quatro corpos e o grande auxilio de muita cavallaria, forças mais que sufficientes, na quantidade, em relação ás do inimigo, e com o recurso das vantagens do terreno, para inteiramente contrariar o seu ousado e tão infelizmente realizado projecto. Sempre que fossem essas forças collocadas em posições tão escolhidas, e como lhes era bem possivel, — a artilharia na avenida estreita do passo, obrigando-a a infantaria, que podia ser estendida pela margem, encoberta pelo matto, não só

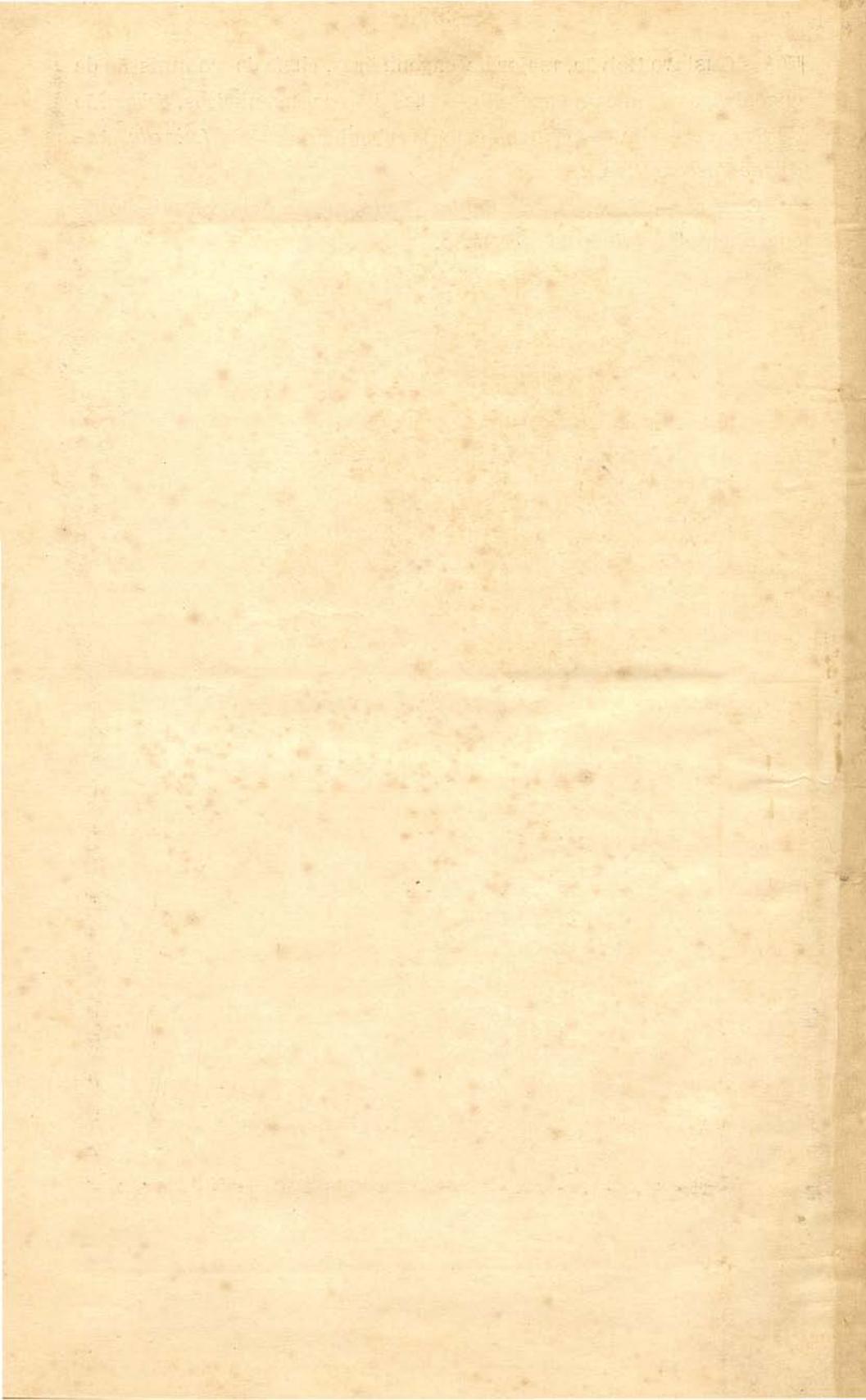
protegendo aquella como aproveitando simultaneamente as suas armas,—acredita a commissão que o inimigo teria de retroceder sem alcançar os resultados desejados. Por semelhante fórma delineada a defesa, e conforme os preceitos da arte mais conhecidos, não vacilla a commissão repetir que seriam as consequencias da lucta muito em abono da honra e da gloria de nossas tropas. Pensando assim a commissão, quer porém admittir que fossem infructiferos os esforços da resistencia e que, a despeito delles, pudesse o inimigo levar a effeito a realização dos trabalhos referidos e a passagem do mesmo passo, figurando portanto uma hypothese para estabelecer uma nova questão que entende dever discutir. Ainda assim, causa assombro que não tivesse sido repellido muito energicamente e com toda efficacia pelas nossas forças, protegidas pela posição de terreno, como temos em outro ponto descripto facultando-lhes recursos tão superiores que foram no entretanto inteiramente esterilizados. Seria questão apenas de sacrificios maiores, mas nunca de impossibilidade absoluta : e jámais póde justificar-se o abandono em que foi deixado o passo, e muito menos a collocação de nossas forças situadas ahi em uma cochilha, e successivamente occupando posições a observar impassivel todo o movimento do inimigo. Figurada na planta essa cochilha, sua inspecção só basta para fazer conhecer sua importancia strategica ; e consequentemente, de que recursos incalculaveis para a lucta em que se empenhassem as nossas forças aquem do rio, lucta que obrigaria o inimigo a retroceder em desordem, e, sem receio de errar o diremos, em completa derrota. Basta, para provar esta proposição, ponderar que as forças paraguayas depois de haverem passado o Passo do Toropasso, ficaram collocadas em um rincão, formado pelo mesmo rio e pelo affluente que nelle vem fazer junção, circumdando um forte banhado que se estende em appproximação ás cochilhas situadas á distancia de fuzil e que o dominam. Accrescendo a taes recursos ainda o da natureza do solo daquellas, em muitos pontos cortados, como são, de pedreiras totalmente dispostas á substituirem os melhores espaldões que se pudessem construir para abrigo defensivo e offensivo, não poderia a arte crear tão apropriados para multiplicar as forças materiaes disponiveis e permittir uma defesa bem activa e efficaz. Em conclusão, recapitulando a commissão as

considerações que vem de expender, julga e pensa estar em perfeito acerto em tudo quanto fica referido: Que a passagem do Passo do Toropasso era disputavel com muito pequeno esforço pelas forças brasileiras, sendo mais que sufficientes as que se achavam á frente do inimigo, desde que tivessem sido dispostas, como acima fica explicado; disposição que não só prohibiria a construcção desses grosseiros paredões, como levaria o inimigo á tentar a realização do plano que concebera, em qualquer outro ponto, aonde maiores difficuldades teria a vencer, sem que jámais conseguisse leval-o avante aquem do mesmo rio. Que realizada que fosse, por qualquer circumstancia do acaso, ainda nossas forças dispunham de recursos bem superiores para repellil-o, favorecidas como eram pelo terreno, que deveria abranger a zona das operações, sendo então possivel cortar-lhe a retirada, como teria logar, si no plano de ataque fosse levada em consideração a conveniencia de não engajar todas as forças disponiveis e destacar uma ligeira brigada que, atravessando o rio em qualquer ponto acima, fosse aproveitada em semelhante oportunidade. Que finalmente o lamentavel successo de semelhante passagem, e suas consequencias até o Passo de Imbahá, tem por causa unica a inacção de nossas forças, que não póde a commissão attribuir á outra origem sinão ao erro por excesso de prudencia, ou a razões que lhe são desconhecidas e que não é do seu dever perscrutar. Tendo sido da attenção mais especial da commissão o exame sobre a passagem no Passo do Toropasso, relativamente ao que tem expellido as considerações que julgou necessarias, deixa de o fazer igualmente em referencia á passagem no Passo do Imbahá, por que lhe mereceu bem diminuta importancia, sendo mesmo de nenhum valor o trabalho que realizaram para levar a effeito, e que se reduz á collocação de algumas pedras sem ordem sobre a barranca da margem esquerda, aonde é atoladiço o terreno, unico e bem insignificante obstaculo que apresenta. E' esta a exposição que a commissão, depois da observação propria, exame minucioso e informações que lhe foram facultadas, tem a honra de submetter á consideração de V. S., em desempenho do encargo que lhe fôra conferido.

Deus guarde a V. S.— Acampamento do exercito em operações na villa de Uruguayana, 26 de outubro de 1865.— Illm. Sr. Dr. Rufino

Enéas Gustavo Galvão, major de engenheiros, chefe da comissão de engenheiros do mesmo exercito.— O capitão de engenheiros, *Sebastião de Sousa e Mello*.— O 1º tenente de engenheiros, *João Luiz de Andrade Vasconcellos*.

Confere.— *E. A. P. da Cunha Mello*, membro da comissão de engenheiros, servindo de secretario.



INDICE DO 3º ANNO

	PAGS.
Commando em chefe do general Ozorio.	3 a 7
Mappas estatísticos.	7 a 14
Missão F. Octaviano de Almeida Rosa.	14 a 16
Ameaças de invasão por S. Borja.	17 a 18
Esquadra no Taramé.	18 a 19
Invasão de Corrientes.	20 a 23
Tratado da triplice alliança.	24 a 34
Operações da esquadra.	34 a 37
Ataque e tomada da cidade de Corrientes.	38 a 41
Batalha naval de Riachuelo.	42 a 78
Defesa da fronteira do Uruguay.	78 a 94
Marcha do exercito.	95 a 102
Urquiza.	102 a 103
Invasão de S. Borja.	103
Exercito paraguayo invasor.	104
S. Borja.	106 a 116
Combate de Mbutuhy.	116 a 119
Marchas e vinda do Imperador para a guerra.	120 a 122
Flotilha do Alto-Uruguay.	122 a 124
Occupação de Uruguayana pelo inimigo.	125 a 128
Combate de Yatay.	129 a 133
Sitio e rendição das forças paraguayas em Uruguayana.	134 a 159
Considerações e consequencias.	159 a 166
Marcha dos alliados para o Paraguay.	167 a 170
Nota de Lopez ao general Mitre e resposta.	171 a 178
Considerações e officio do almirante Tamandaré.	178 a 181
Analyse das operações de Lopez e dos alliados.	182 a 186
Currales.	186 a 191
Commando em chefe da esquadra.	191 a 192
A esquadra parte para as Tres Boccas.	193
Primeiro conselho de guerra dos alliados.	194 a 195
Promoções.	196 a 197
Mappas synopticos dos exercitos.	198 a 206
Relatorios da commissão de engenheiros sobre a marcha do exercito paraguayo até Uruguayana.	207 a 218

